O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

Autor
R. N. Champlin, Ph. D.

HAGNOS


M

M

MAACA

No hebraico, «depressão» ou «opressão». Parece que a raiz dessa palavra, no hebraico, significa «espremer». Esse é o nome dado a uma localidade da Palestina, e também a várias personagens, referidas nas páginas do Antigo Testamento:

Localidade:

Maaca era o nome de uma região e de uma cidade, ao pé do monte Hermom, não distante de Gesur. Era um distrito da Síria, e ficava quase na fronteira do território da meia tribo de Manassés. Ver Deu. 3:14; Jos. 13:8-13; II Sam. 10:6,8; I Crô. 19:7. Esse território estendia-se até o outro lado do Jordão, até Abel-Bete-Maaca. Ao que parece, compreendia-se que a área fazia parte da herança do povo de Israel, sujeita à conquista militar, mas que os israelitas não foram capazes de ocupar a região (ver Jos. 13:13). Tanto os maacatitas quanto seus vizinhos, os gesuritas, continuaram na posse de seus respectivos territórios.

Quando Davi era rei e lutava contra os amonitas, o rei arameu de Maaca proveu mil de seus homens para ajudarem os amonitas, na tentativa de derrotar Davi. Ver II Sam. 10. Maaca, porém, foi finalmente absorvida pelo reino de Damasco, que foi estabelecido nos dias de Salomão (I Reis 11:23-25). O nome maacatita é usado para referir-se a uma população (ver Deu. 3:14; Jos. 12:5). Próximo, ou mesmo dentro dos antigos limites de Maaca, havia uma cidade de nome Abel-Bete-Maaca, cujo nome, como é evidente, provinha desse território. Ver o artigo separado sobre *Abel-Bete-Maaca*.

Pessoas (houve homens e mulheres com esse nome):

1. O quarto filho designado pelo nome, de Naor e Reumá, sua concubina (ver Gên. 22:24). Não há certeza se se tratava de um filho ou de uma filha. Tal pessoa viveu em torno de 2046 A.C.

2. Uma das esposas de Davi tinha esse nome. Ela era mãe de Absalão. Era filha de Talmai, rei de Gesur. Esse território ficava ao norte de Judá (ver II Sam. 3:3), entre o monte Hermom e Basã. Acredita-se que Davi tenha invadido essa área. Os comentadores supõem que Davi tenha apossado dessa área. — No entanto, é mais provável que a região por ele invadida ficasse ao sul de Judá, ao passo que a Gesur sobre a qual Talmai governava ficava ao norte, uma parte integrante da Síria (ver II Sam. 15:8). Nesse caso, é possível que Davi simplesmente tenha feito um acordo com o pai dela, com o propósito de fortalecer a defesa de Israel. Isso ocorreu em cerca de 1053 A.C.

3. O pai de Aquis, rei de Gate, na época de Salomão (I Reis 2:39).

4. A mãe do rei Abias, filha de Abisalão, esposa de Reoboão (I Reis 15:2). Isso aconteceu por volta de 926 A.C. No versículo décimo do mesmo capítulo, ela é chamada de mãe de Asa. Os intérpretes supõem que devemos entender ali o termo «mãe» em sentido frouxo, pois ela seria, na verdade, sua *avó*. Unger *(in loc.)* explica como segue: «Abaixo parecem ter sido os fatos: Maaca era neta de Abisalão e filha de Tamar (a única filha de Abisalão; e seu marido era Uriel, de Gibeá (II Crô. 11:20-22; 13:2). Em vista de ter abusado de sua posição de «rainha-mãe», encorajando a idolatria Asa depôs Maaca da *dignidade de rainha-mãe*». (I Reis 15:10-13; II Crô. 15:16).

5. A segunda das concubinas de Calebe, filho de Hezrom. Ela foi mãe de Seber e de Tiraná (I Crô. 2:48). As datas da invasão de Israel são disputadas. A data mais antiga faria com que o período fosse em torno de 1600 A.C.

6. A irmã de Hupim e Sufim e esposa de Maquir. O casal teve dois filhos (I Crô. 7:15,16).

7. A esposa de Jeiel e mãe de Gibeom (I Crô. 8:29; 9:35). Jeiel foi um dos antepassados do rei Saul. Ela viveu em cerca de 1650 A.C.

8. O pai de Hanã, que foi um dos trinta poderosos guerreiros de Davi, parte de sua guarda pessoal (I Crô. 11:43).

9. O pai de Sefatias, capitão militar dos simeonitas, na época de Davi (cerca de 1000 A.C.). Ver I Crô. 27:16.

MAACATITAS

Ver o artigo sobre **Maaca**. Esse era o nome dos habitantes de Maaca (Jos. 12:5; II Sam. 23:34). Indivíduos que faziam parte desse povo são mencionados em II Sam. 23:34; Jer. 40:8; II Reis 25:23; I Crô. 4:19.

MAADAI

No hebraico, «ornamento de Yahweh». A pessoa assim chamada era filho de Bani. Quando Judá retornou do cativeiro babilônico, esse homem, juntamente com muitos outros, foi obrigado a divorciar-se de sua esposa estrangeira, a fim de que o povo de Israel pudesse entrar em uma nova relação de pacto com Yahweh. Isso ocorreu sob a liderança de Esdras. Ver Esd. 10:34. Em I Esdras 9.34, o nome alternativo para esse homem é Môndio. Ele viveu em torno de 456 A.C.

MAADIAS

Esse nome significa «ornamento de Yahweh». Esse era o nome do um dos sacerdotes que voltaram do cativeiro babilônico em companhia de Zorobabel, de acordo com Nee. 12:5. Corria a época de cerca de 536 A.C. Ele tem sido identificado com o Moadias de Nee. 12:17.

MAAI

No hebraico, «compassivo». Esse era o nome de um sacerdote, filho de Asafe. Ele foi um dos músicos presentes a dedicação das muralhas restauradas de Jerusalém, nos dias de Neemias, Ver Nee. 12:36. O tempo dele girou em torno de 446 A.C.

MAALÁ

No hebraico, «enfermidade». Esse foi o nome de várias personagens que aparecem nas páginas do Antigo Testamento, a saber:

1. A mais velha das cinco filhas de Zelofeade, neta de Manassés. Ele morreu sem deixar herdeiros do sexo masculino, pelo que suas filhas reivindicaram a sua herança. Isso lhes foi concedido, com a condição de que se casassem com homens da tribo de seu pai, a fim de que a tribo não perdesse seus direitos sobre os territórios envolvidos. Elas cumpriram essa condição, casando-se com primos. Esse ato tornou-se um precedente nas leis da herança, em casos similares. Ver Núm. 26:33; 27:1; 36:11 e Jos. 17:3.

2. Um filho de Hamolequete, irmã de Gileade (I Crô. 7:18). Não há certeza, porém, se Maalá foi homem ou mulher. Sabe-se apenas que era descendente de Manassés (I Crô. 7:18). Deve ter vivido em torno de 1400 A.C.

MAALABE

No hebraico, «curva costeira», nome de uma cidade do território de Aser (Juí. 1:31). Um nome alternativo é *Alabe* (conforme se vê em nossa tradução portuguesa). Seu local tem sido identificado com a Khirbet el-Mahalib.

MAALALEL

No hebraico, «louvor de El (Deus)». Esse é o nome de duas pessoas, nas páginas do Antigo Testamento:

1. Um filho de Cainã, quarto descendente de Adão, dentro da genealogia de Sete. Ver Gên. 5:12,13; 15:17; I Crô. 1:2. Esse nome aparece com a forma de Meujael, em Gên. 4:18.

2. Um filho (ou descendente) de Perez, da tribo de Judá. Ele veio habitar em Jerusalém, após o cativeiro babilônico, em cerca de 536 A.C. Ver Nee. 11:4.

MAALATE

Ver sobre **Música** e **Instrumentos Musicais**.

MAANAIM

No hebraico, «acampamento duplo». Esse nome foi dado quando Jacó, ao retornar de Padã-Arã (ver Gên. 32:2), teve um encontro com anjos. Ao vê-los, Jacó exclamou: «Este é o acampamento de Deus». Literalmente, «dois exércitos», porquanto ficou surpreendido diante do súbito aparecimento daqueles seres celestiais naquela área. Esses *dois exércitos* talvez fossem compostos pele grupo humano que ele estava encabeçando e pela hoste angelical. Alguns estudiosos têm conjecturado que os anjos eram tão numerosos que pareciam dois exércitos distintos. O propósito desse relato do A. Testamento foi o de ilustrar como Jacó, ao deixar a terra de Labão e voltar para sua terra natal, contava com a proteção divina, porquanto o que ele fazia era importante para a história subseqüente de Israel e para o cumprimento das promessas messiânicas.

Posteriormente, o nome Maanaim foi dado a uma cidade das cercanias. Essa cidade ficava nas fronteiras de Gade, Manassés e Basã (ver Jos. 13:26,30). Finalmente, veio a tornar-se uma das cidades dos levitas (Jos. 21:38; I Crô. 6:8). Foi em Maanaim que Is-Bosete governou durante algum tempo. Is-Bosete era filho de Saul, a quem Abner queria ver sentado no trono de Israel, em lugar de Davi (ver II Sam. 2:8). Porém, Is-Bosete foi assassinado nesse lugar, e isso pôs fim à rivalidade. Joabe, poderoso líder militar de Davi perseguiu-o de volta a Maanaim, e, então, ele foi assassinado ali por Recabe e Baaná (II Sam. 4:5 *ss*). Quando Davi e seu filho, Absalão, competiam pelo poder real, Davi fez de Maanaim seu quartel general temporário, visto que tivera de fugir de Jerusalém (II Samuel 17:24-27; 19:32). Joabe e seus homens, porém, abafaram essa rebelião, tendo sido Absalão morto por Joabe. Ao que se presume, Davi estava em Maanaim quando recebeu a trágica noticia da morte de Absalão, e então clamou angustiado: «Meu filho Absalão, meu filho, meu filho Absalão! Quem me dera que eu morrera por ti, Absalão, meu filho, meu filho!». (II Sam. 18:33).

Nos dias de Salomão, esse lugar tornou-se o centro das atividades de Ainadabe, um dos doze oficiais do Salomão, que cuidavam das provisões para a casa real (ver I Reis 4:14).

O único informe bíblico que nos indica a localização de Maanaim fica em Gên. 32:22; isto é, ao norte do ribeiro do Jaboque. Por isso mesmo, a localidade não tem sido modernamente identificada, embora haja várias conjecturas, como Mané, a quatro quilômetros ao norte de Ajlun, ou Tell edh-Dhabab esh-Sherquiyeh.

MAANÉ-DÃ

No hebraico, «acampamento de Dã». Nesse lugar, seiscentos homens armados, da tribo de Dã, acamparam antes de conquistar a cidade de Laís (ver Juí. 18:11,13), o que lhe explica o nome. Ficava a oeste de Quiriate-Jearim, entre Zorá e Estaol (ver Juí. 13:25). O local moderno, porém, não tem sido identificado.

MAANI

Esse apelativo não se acha no cânon palestino; mas encontra-se em I Esdras 9:34, a fim de indicar: 1. o cabeça de uma família, da qual alguns membros se tinham casado com mulheres estrangeiras, durante o cativeiro babilônico, e foram forçados a divorciar-se delas, ao retornarem à Palestina. 2. Esse também era o nome de um dos servos do templo, cujos descendentes retornaram do cativeiro babilônico.

MAARAI

No hebraico, «rápido» ou «apressado». Esse foi o nome de um dos trinta poderosos guerreiros de Davi, parte de sua guarda pessoal ou tropa selecionada (II Sam. 23:28; I Crô. 11:30). Ele era da cidade de Netofá, em Judá, e pertencia ao clã dos zeraítas. Depois que Davi se sentou no trono real, e depois da construção do templo de Jerusalém, Maarai tornou-se o capitão da guarda do templo, durante o décimo mês do ano. Ver I Crô. 27:13. Essa posição foi ocupada por ele, sob forma preliminar, antes mesmo da edificação do templo. Ele tinha vinte e quatro mil homens sob as suas ordens. Ele viveu em torno de 975 A.C.

MAARATE

No hebraico, «desolação» ou «lugar despido». Esse era o nome de uma cidade da região montanhosa de Judá, ao norte de Hebrom, perto de Halul (Jos. 15:59). Talvez seja a mesma Marote referida em Miq. 1:12. Alguns eruditos têm sugerido Beit Ummar como sua moderna identificação, a qual fica a pouca distância ao norte de Hebrom, mas, se a sugestão não está correta, então o local antigo permanece não identificado.

MAASÉIAS

No hebraico, «realização de Yahweh». Esse era um nome popular entre os israelitas, pelo que um elevado número de pessoas tem esse nome, nas páginas do Antigo Testamento, a saber:

1. Um levita, músico, que participou do transporte da arca da aliança da casa de Obede-Edom, em cerca de 982 A.C. Ver I Crô. 15:18 quanto ao relato.

2. Um capitão de cem, que ajudou o sumo sacerdote Joiada a tornar Joás rei de Judá (II Crô. 23:1), o que aconteceu por volta de 836 A.C.

3. Um oficial que assistia a Jeiel, o escriba, tendo-o ajudado a convocar um exército para servir ao rei Uzias (II Crô. 26:11). Ele viveu em torno de 783 A.C.

4. Zicri, um efraimita, matou um homem com esse nome, quando Peca, rei de Israel, invadiu Judá. Ver II Crô. 28:7. Isso teve lugar em cerca de 736 A.C. O homem que foi morto era chamado «filho do rei», mas a cronologia indica que o rei ainda não tinha idade suficiente na época para ter um filho adulto, militar ativo. Por isso, os intérpretes supõem que Maaséias teria sido um filho adotivo, um príncipe real, ou, talvez, um primo, tio ou outro parente do rei.

5. O rei Josias nomeou um homem assim chamado para cooperar com Safã e Joás, a fim de repararem o templo (II Crô. 34:8). Ele foi governador da cidade, e pode ter sido o mesmo Maaséias que era pai de Nerias, avô de Baruque e de Seraías (ver Jer. 32:12; 51:59). Sua época foi cerca de 621 A.C.

6. Um sacerdote, descendente de Josué, que se casara com uma mulher estrangeira, no tempo do cativeiro babilônico, e foi forçado a divorciar-se dela, ao regressar à Palestina, como parte do novo pacto que os israelitas firmaram com Yahweh. Ver Esd. 10:18. Isso ocorreu em cerca de 456 A.C.

7. Um sacerdote, filho de Harim, que se casara com uma mulher estrangeira, durante o cativeiro babilônico, e que teve de divorciar-se dela, ao retornar à Palestina (Esd. 10:18). Ele viveu por volta de 456 A.C.

8. Um sacerdote, filho de Pasur, homem que se casara com uma mulher estrangeira, durante o cativeiro babilônico, e que foi forçado a divorciar-se dela após o retorno à Palestina (Esd. 10:22). Tem sido identificado como um dos trombeteiros que participaram da celebração da reconstrução das muralhas de Jerusalém (ver Nee. 12:41). Viveu em torno de 445 A.C.

9. Um descendente de Paate-Moabe, que se casara com uma mulher estrangeira, durante o tempo do cativeiro babilônico, e que foi obrigado a divorciar-se dela, depois do retorno à Palestina (Esd. 10:30). Ele viveu em torno de 456 A.C.

10. Um homem que ajudou a restaurar as muralhas de Jerusalém, terminado o cativeiro babilônico (Nee. 3:23). Ele viveu por volta de 445 A.C.

11. Um ajudante de Esdras, que ficou a sua direita, enquanto ele lia o livro da lei ao povo, terminado o cativeiro babilônico, quando foram restaurados os votos religiosos do povo judeu. Ver Nee. 8:7. Isso ocorreu em cerca de 445 A.C.

12. Um sacerdote que ajudou os levitas a explicarem a lei ao povo, enquanto ela era lida por Esdras, depois do cativeiro babilônico, quando queriam restaurar o culto hebreu antigo. Ver Nee. 8:7. Isso ocorreu em cerca de 445 A.C.

13. Um líder do povo que participou do pacto firmado com Yahweh, sob a direção de Neemias, depois que os judeus voltaram do cativeiro babilônico. Ver Nee. 10:25. Isso sucedeu em torno de 445 A.C.

14. O filho de Baruque, descendente de José. Terminado o cativeiro babilônico, ele fixou residência em Jerusalém. Ali, participou do novo pacto com Yahweh. Ver Nee. 11:5. Isso ocorreu em cerca de 536 A.C. Em I Crô. 9:5, ele é chamado pelo nome de *Asaías*, de acordo com o que crêem certos eruditos.

15. Um filho de Itiel, um benjamita. Seus descendentes fixaram residência em Jerusalém, após o retorno do povo do cativeiro babilônico. Ver Nee. 11:7. Isso aconteceu em torno de 536 A.C.

16. Um sacerdote cujo filho, Sofonias, foi enviado por Zedequias, rei de Judá, a fim de indagar do profeta Jeremias sobre questões relativas ao bem-estar dos judeus, quando Nabucodonosor estava invadindo a terra. Ver Jer. 21:1; 29:21,25; 37:3. Ele viveu em torno de 589 A.C.

17. Um filho de Salum, que foi porteiro do templo e tinha uma câmara para o seu uso particular, ali. Ver Jer. 35:4. Viveu em torno de 607 A.C.

MAASMÁS

Esse é o nome que aparece em I Esdras 8:43, em lugar de Semaías, referido em Esd. 8:16. Esse homem foi líder do remanescente que retornou do cativeiro babilônico.

MAATE

No hebraico, «incensário», «fogareiro». Esse é o nome de duas pessoas que figuram no Antigo Testamento:

1. O filho de Amasai, um sacerdote coatita (I Crô. 6:35). Ele tem sido identificado com o homem chamado Aimote, em I Crô. 6:25. Viveu em cerca de 1375 A.C.

2. Um outro levita coatita que viveu na época do rei Ezequias (II Crô. 29:12; 31:13). Foi encarregado de guardar os dízimos e as ofertas (II Crô. 31:13). Viveu em torno de 726 A.C.

MAAVITA

Esse patronímico de significado incerto foi aplicado a um dos guardas pessoais de Davi, Eliel. A palavra aparece no plural, no original hebraico, provavelmente devido a um erro escribal. Talvez tal título tivesse sido dado a ele, conforme se lê em I Crô. 11:46, a fim de distingui-lo do outro «Eliel», que figura no versículo seguinte. Há estudiosos que pensam que há aí uma corrupção escribal da palavra, e que, originalmente, deveria dizer algo como «Eliel de Maanaim». Ver sobre *Maanaim*.

MAAZ

No hebraico, «ira». O homem desse nome era filho de Rão, primogênito de Jerameel, descendente de Judá (I Crô. 2:27). Viveu em cerca de 1650 A.C.

MAAZIAS

No hebraico, «consolação de Yahweh». Há dois homens com esse nome, nas páginas do Antigo Testamento:

1. O cabeça de uma família de sacerdotes que compunha o vigésimo quarto turno de sacerdotes, que serviam no culto sagrado. Ele descendia de Aarão e viveu na época de Davi, em cerca de 1014 A.C. Ver I Crô. 24:18.

2. Um sacerdote que participou do novo pacto de Israel com *Yahweh,* terminado o cativeiro babilônico. Ver Nee. 10:8. Ele viveu em cerca de 410 A.C.

MAAZIOTE

No hebraico, «visões». Esse era o nome de um dos catorze filhos de Hemã, levita coatita. Ele era o cabeça do vigésimo terceiro turno de sacerdotes, e, atuava como músico (I Crô. 25:4,30). Viveu em torno de 960 A.C.

MAÇA

Ver o artigo geral sobre **Armadura, Armas.**

No hebraico, *mephits*, que aparece exclusivamente em Pro. 25:18. A maça era também chamada machado de guerra. Nossos Índios tinham o seu «tacape», que correspondia à maça dos antigos. Parece que essa arma de guerra vem sendo usada desde 3.500 A.C. A cabeça da maça podia ser feita de uma pedra, ou de uma bola de metal. Havia uma perfuração na qual se enfiava um cabo. A invenção do capacete de metal podia salvar quem o usasse de ser morto com uma pancada de maça, mas nem mesmo essa invenção fez a maça tornar-se obsoleta. Antes da invenção do capacete, um golpe de maça podia significar morte instantânea, pelo que chegou a simbolizar autoridade e poder. Daí nos vem o conceito de vara de ferro, que aparece desde o Antigo Testamento (ver Sal. 2:9 e Isa. 10:5,15). O cajado do pastor também funcionava como uma maça (I Sam. 17:40,43; Sal. 23:4). Ver também no Novo Testamento os trechos de Mat. 26:47,55; Mar. 14:43 e Luc. 22:52 quanto às maças e o uso que delas se fazia. (YAD)

MAÇÃ (MACIEIRA)

Ver os trechos de Provérbios 25:11; Cantares 2:5; 7:8 e Joel 1:12. As Escrituras chamam a macieira de destacada entre «as árvores do bosque» (Can. 2:3). Ela produz uma sombra agradável, e frutos doces, belos e fragrantes. O vocábulo hebraico parece enfatizar mais esta última qualidade. Visto que a própria macieira é rara na Síria, e seu fruto ali inferior, não sendo espécie vegetal nativa da Palestina, alguns têm pensado que a palavra hebraica aponta antes para a cidra, a laranja ou o abricó. O abricó era fruta abundante na Terra Santa e a sombra produzida por sua árvore era muito apreciada. Os eruditos têm aventado várias frutas possíveis; a maioria das opiniões parece favorecer o abricó como a fruta indicada nas referências bíblicas (e cujo nome científico é *Prunus Armeniaca).* Era fruta nativa da Palestina nos dias do Antigo Testamento, sendo uma fruta doce e dourada, com folhas pálidas. A árvore pode atingir uma altura de 9 m, pelo que produz excelente sombra. As flores são brancas com um tom róseo, e a parte inferior das folhas é prateada.

MAÇÃS DE SODOMA

No hebraico, tal como em nossa versão portuguesa, temos «Porque a sua vinha é da vinha de Sodoma e dos campos de Gomorra». As referências extrabíblicas, porém, falam em «maçãs de Sodoma», o que é curioso, visto que o autor sagrado referia-se à parreira. Portanto, poderíamos pensar em traduções como «uvas de Sodoma» ou mesmo «uvas de fel». Entretanto, certos estudiosos sugerem que o termo pode significar algo *parecido com a videira*, pensando estar em foco a *Citrullus colocythis*. A planta é uma trepadeira de árvores e cercas, produzindo um fruto redondo como uma laranja, respingado de amarelo e verde. A polpa dessa fruta é venenosa e amarga, mas pode ser usada como purgativo. A fruta pode tentar uma pessoa a comê-la, devido à sua bela aparência, mas a sua ingestão é perigosa. A Citrullus é comumente encontrada na região que circunda o mar Morto. Tal fruta tem sido usada por moralistas (vários autores antigos) a fim de referir-se àquilo que é convidativo, mas perigoso e prejudicial. (S Z)

MACAZ

No hebraico, «fim». Esse era o nome de um distrito ou cidade nas vertentes ocidentais de Judá. Era dirigido por Ben-Dequer. Era considerado o segundo dos doze distritos que supriam alimentos para o palácio real, nos tempos de Salomão (I Reis 4:9). Tem sido identificado com o local da moderna Khirbet el-Mukheizin, ao sul de Ecrom.

MACBANAI

No hebraico, «grosso», «gordo». Esse era o nome de um guerreiro da tribo de Gade, que se bandeou para Davi, em Ziclague, quando ele fugia de Saul. Ver I Crô. 12:13. Isso sucedeu por volta de 1061 A.C.

MACBENA

No hebraico, «outeirinho», «montão». Nome de uma cidade do território de Judá, fundada por uma pessoa desse mesmo nome. Ele era filho de Seva (I Crô. 2:49). — A cidade tem sido identificada com a Cabom de Jos. 15:40. Esse nome aparece em uma lista genealógica.

MACHADO

No Antigo Testamento eram usados vários tipos de machados, alistados abaixo de acordo com seus nomes em hebraico:

1. *Garzen* (ver Deu. 19:5; 20:19 e I Reis 6:7). Um instrumento usado para derrubar árvores, cortar lenha e cortar pedras (I Reis 6:7). Também era usado como arma de guerra.

2. *Mauhatsawd.* Um instrumento de derrubar árvores, talvez mais leve que o de número 1, pelo que possivelmente fosse usado para entalhar madeira, fabricar ídolos etc.

3. *Kardome.* Era um machado volumoso e pesado. As esculturas egípcias mostram o trabalho de derrubar árvores com um machado desses. (Ver Juí. 9:48; Sal. 74:5 e I Sam. 13:20,21).

4. *Barzel.* Um machado com lâmina de ferro, ao passo que outros eram feitos de bronze. Isso mostra que os hebreus, ao tempo de Eliseu (ver II Reis 6:5, o único lugar onde essa palavra aparece no Antigo Testamento), já tinham machados de ferro. Os arqueólogos têm encontrado machados de bronze e de ferro. Há exemplares dos mesmos nos museus.

5. *Magzayraw.* Embora algumas versões digam «machados», em II Sam. 12:31 e I Crô. 20:3, devemos entender que a alusão é a «serras», como se vê em nossa versão portuguesa.

6. *Khehreb.* Talvez uma picareta, em Eze. 26:9. Nossa versão portuguesa prefere «ferros».

7. *Kashsheel.* Aparece em Salmos 74:6. Era um machado grande.

8. No Novo Testamento grego encontramos *axine,*—um termo genérico para machado (ver Mat. 3:10 e Luc. 3:9). (ID S)

Uso metafórico: a. O machado simboliza o juízo divino, descarregado por Deus através dos assírios e caldeus sobre aqueles que o mereciam, dando a entender que seriam cortados (ver Isa. 10:15 e Jer. 50:21). b. No Novo Testamento, o castigo que sobreviria àqueles que, dentre os ouvintes de João Batista, não quisessem arrepender-se—seriam cortados da comunidade espiritual que o Messias viria estabelecer (ver Mat. 3:10).

MACHADO DE GUERRA

Ver sobre **Armas, Armadura**.

MACHADOS

Ver o artigo separado sobre **Artes e Ofícios**. Ver também sobre *Ferramentas.* Machados e martelos são mencionados entre os instrumentos que os inimigos de Israel usaram, para destruir as instalações de madeira que havia no templo de Jerusalém (Sal. 74:6).

MACNADBAI

No hebraico, «presente do nobre» ou «semelhante ao homem liberal». Esse foi o nome de um dos filhos de Bani, que, entre outros, terminado o cativeiro babilônico, foi obrigado a divorciar-se de uma mulher estrangeira, com a qual se casara (Esd. 10:40). Viveu por volta de 459 A.C. Em I Esdras 9:34, seu nome aparece com a forma de *Mamnitanemo.*

MACPELA

1. *A Palavra*

Esse vocábulo sempre aparece com o artigo definido, e significa «a dupla». Seu uso significa «a caverna dupla». Refere-se ao campo que continha uma caverna que foi adquirida por Abraão, a fim de servir de cemitério para a família patriarcal. Seu proprietário anterior era Zoar, o hitita, que residia em Hebrom. O local é modernamente identificado como Haram el-Khalil, em Hebrom, sob o domínio árabe, considerado um lugar supremamente sagrado.

2. *A Compra Feita por Abraão*

O terreno passou para a possessão de Abraão, quando ele precisou de um local a fim de sepultar Sara (Gên. 23:19). Sem dúvida, era sua intenção, desde o começo, que o lugar se tornasse o cemitério da família. Finalmente, o próprio Abraão foi sepultado ali (Gên. 25:9), o que também sucedeu a Isaque, Rebeca e Lia (ver Gên. 35:29; 47:29-33; 50:12,13).

3. *A Etiqueta da Época*

O processo da compra serve de exemplo da etiqueta que prevalecia na época. Em primeiro lugar, o terreno foi oferecido como um presente, embora isso fosse apenas um gesto que Abraão deveria recusar (o que ele fez). Isso feito, finalmente, o preço foi cobrado de maneira exorbitante, porquanto os hititas na verdade não queriam que Abraão obtivesse o terreno, o que lhe daria o direito de cidadania, entre eles. Por outra parte, visto que Abraão tinha a reputação de ser príncipe de Deus, dificilmente eles poderiam recusar-lhe esse direito (ver Gên. 23:5,6). O preço muito elevado tinha por intuito persuadir «polidamente» a Abraão que desistisse da idéia inteira, mas isso não funcionou. Ele deveria ser o herdeiro da região inteira por promessa divina (ver Gên. 12:7; 13:15), sendo provável que ele tenha pensado que ali estava o início do cumprimento da promessa. Por essa razão, talvez, ele pagou o elevado preço.

4. *Discrepância no Livro de Atos*

O trecho de Atos 7:15 *ss* (parte do sermão final de Estêvão) confunde a compra feita por Jacó, de Hamor de Siquém, do campo que Abraão adquiriu. Alguns estudiosos pensam que o erro originou-se da citação de um versículo grego que já continha esse equívoco. Outros eruditos muito têm-se esforçado para explicar essa discrepância (que não é a única no capítulo), mas inutilmente. A verdade é que tais detalhes em nada afetam a fé religiosa. Oferecemos ckmpleto tratamento sobre essa questão, nas notas expositivas do NTI.

5. *Harã, um Santuário Islâmico*

Esse santuário mede 60 m x 33,55 m. Suas paredes de pedras têm entre 2,44 m e 2,75 m de espessura. Até à altura do alto das colunas, a construção é homogênea e pertence a época de Herodes. Acima disso, pertence à época islâmica. Antes, o local era um templo cristão, mas agora é uma mesquita. Ali estão localizados os cenotáfios de Isaque e Rebeca. Os corpos dos homens foram postos no lado oriental desse santuário. Supõe-se que os cenotáfios assinalam o local onde houve cada um dos sepultamentos, na caverna abaixo. Não se sabe, porém, até que ponto isso é exato. Os visitantes podem ver os cenotáfios, mas ninguém recebe a permissão de examinar as cavernas, abaixo.

6. *Informes Históricos*

a. O relato do vigésimo terceiro capítulo de Gênesis, além das referências bíblicas que já demos.

b. Talvez o trecho de Isa. 51:1,2, que diz: «...olhai para a rocha de que fostes cortados e para a caverna do poço de que fostes cavados. Olhai para Abraão, vosso pai, e para Sara, que vos deu à luz...», seja uma alusão à caverna de Macpela.

c. O livro de Jubileus (vide) contém varias referências à *casa* de Abraão (ver 29:17-19; 31:5, etc.).

d. A arquitetura das porções mais antigas dessas estruturas garantem que o Harã foi construído por Herodes, o Grande, a fim de tornar memorável o local.

e. No tempo de Justiniano (cerca do começo do século VI D.C.), foi erigido um templo cristão, nesse local.

f. Registros históricos mencionam visitas aos túmulos dos patriarcas, por diversas vezes, após o século VI D.C.

g. Em 670 D.C., Arculfo registrou a presença dos cenotáfios, acima referidos.

h. Em 980 D.C., Muqadasi falou sobre os cenotáfios, e sua informação mostra-nos que, até à sua época, os cenotáfios estavam onde continuaram até 1967.

i. O califa Hahdi (de acordo com Nasi-i-Kosru), em 1047, construiu a presente entrada do local, talvez devido à obstrução do túmulo de José, que ficava no lado oriental.

j. Em 1119, afirmou-se que os ossos dos patriarcas foram encontrados quando se obteve acesso, através do piso do templo cristão, até o vestíbulo abaixo das duas câmaras.

l. Benjamim de Tudela visitou o sepulcro em 1170.

m. Em 1917, um oficial inglês teria visitado os sepulcros, através da abertura oculta desde o tempo das cruzadas.

Os estudiosos concordam que esse é o lugar autêntico do sepultamente dos patriarcas de Israel. Em 1967, os cenotáfios que assinalavam o local dos sepultamentos foram removidos das câmaras interiores para um átrio externo. O local é igualmente reverenciado por judeus, cristãos e islamitas.

MADAI

Ver **Medos**.

MADMANA

No hebraico, «monturo». Era esse o nome de uma cidade do território de Judá, em seu extremo sul. Posteriormente, passou a fazer parte do território de Simeão. O trecho de I Crô. 2:49 talvez indique que ela foi fundada ou foi ocupada por Saafe, filho de Maaca, que fora concubina de Calebe. Alguns estudiosos identificam-na com a moderna Miniay (Minieh), ao sul de Gaza. Mas outros dizem que devemos pensar em Khirbet umm Deimneh, que fica a dezenove quilômetros a nordeste de Berseba. Essa cidade é mencionada pela primeira vez em Jos. 15:31.

MADMÉM

No hebraico, «colina do monturo». Uma cidade moabita que os babilônios ameaçaram, quando invadiram Israel (ver Jer. 48:2). O texto hebraico que contém esse nome é incerto, podendo significar «...também tu, ó Madmém, serás reduzida a silêncio...», conforme diz a nossa versão portuguesa seguindo as versões da Septuaginta, Siríaca e Vulgata. Alguns pensam que ela é equivalente a *Dimom*, uma possível tradução do nome da capital *Dibom*. Seja como for, não se trata da mesma cidade chamada *Madmana* (vide), que ficava em um local diferente. Tem sido identificada com Khirbet Dimneh, que fica a quatro quilômetros a noroeste de Raba.

MADMENA

Não deve ser confundida com **Madmana** (vide). Madmena era uma cidade do território de Moabe. O texto hebraico é incerto. Ver Jer. 47:2. O original hebraico, *gm-dmn tdmm*, poderia referir-se a *Dimom*, ou, então, poderia ser traduzido como «também tu serás totalmente silenciado».

MADOM

No hebraico, «contenda». Essa era uma cidade real dos cananeus, no norte da Palestina (Galiléia), governada por um rei de nome Jobabe (ver Jos. 11:1). Os israelitas invasores capturaram-na (ver Jos. 12:19). Tem sido identificada com a moderna Qarn Hattin, a noroeste de Tiberíades. Evidências de ocupação desde a Idade do Bronze têm sido descobertas pelos arqueólogos. Nas proximidades fica Khirbet Madjan, que lhe preserva o nome, e que alguns estudiosos pensam ser o lugar originai. O local, porém, realmente é desconhecido.

MÃE

Ver o artigo geral sobre a **Família**. A palavra hebraica correspondente é *em;* e no grego é *meter*. Naturalmente, tanto no Antigo quanto no Novo Testamentos, «mãe» é uma palavra muito comum. Aparece cerca de duzentas e dez vezes no Antigo Testamento e oitenta e duas vezes no Novo Testamento (começando em Mat. 1:18 e terminando em Apo. 17:5).

Apesar de ser bem sabido que as mulheres, em geral, não ocupavam posição muito proeminente na antiga cultura dos hebreus, pode-se dizer que a *mãe*, entre eles, era mais honrada do que sucedia entre outras culturas da mesma época. Nos casos de casamentos polígamos, a mãe de um filho era sempre a sua verdadeira mãe; e as demais mulheres do complexo não eram chamadas assim por aquele filho. Ver Gên. 43:29. É verdade que uma madrasta podia ser chamada de «mãe» (ver Gên. 37:10). Porém, uma madrasta geralmente era distinguida da verdadeira mãe, ao ser chamada de «mulher» do pai. Entretanto, a palavra «mãe», como também as palavras «pai», «filho», etc., eram usadas em um sentido muito amplo entre os hebreus, podendo indicar qualquer antepassado do sexo feminino (ver Gên. 3:20 e I Reis 15:10).

Usos Metafóricos:

Uma benfeitora era chamada mãe (Juí. 5:7); outro tanto se dava no caso de uma mulher que fosse ajudadora especial de alguém (Jó. 17:14). A nação de um indivíduo podia ser chamada de sua mãe (Isa. 50:1; Jer. 50:12; Eze. 19:2; Osé. 2:14; 4:5). As cidades onde pessoas tivessem nascido ou sido criadas eram chamadas «mães» (II Sam. 20:19; Jos. 14:35). Uma estrada de onde se bifurcavam outras era chamada de «mãe» daquelas estradas secundárias (Eze. 21:21). A terra é nossa mãe (Jó. 1:21). A cidade de Babilônia era uma mãe má e imoral, a mãe das prostitutas. E isso é usado metaforicamente acerca de Roma, em Apo. 17:5. A afeição de uma mãe por seus filhos ilustra os cuidados especiais de Deus pelos seus filhos espirituais (Isa. 44:1-8; I Cor. 3:1,2; I Tes. 2:7; II Cor. 11:2).

Nos Sonhos e nas Visões

Nos sonhos temos a figura da Grande Mãe, a mulher ideal, que corresponde ao Velho Sábio, o homem ideal. O contrário dela é a Mãe Terrível, que representa qualidades negativas, possessivas, que prejudica e fere em nome do amor. Essa «mãe» tenta esmagar o indivíduo, a fim de preservar seu controle e ascendência sobre ele. Ela é possessiva, devoradora, destrutiva e egoísta. A Mãe Terrível também é uma deusa iracunda, que dá à luz a filhos, mas que ameaça o bem-estar dos mesmos e procura destruí-los.

MÃE (ANIMAL)

A lei mosaica incluía vários regulamentos referentes ao tratamento que deve ser dado aos pais, inclusive de animais. No caso dos filhotes de animais, estes precisavam ficar com suas mães por sete dias após o nascimento, antes de poderem ser usados nos sacrifícios (Êxo. 22:30; Lev. 22:27). Um cordeiro não podia ser cozido no leite de sua mãe (Êxo. 23:19). Uma mãe passarinho não podia ser capturada juntamente com seus filhotes (Deu. 22:6,7). Essas leis mostram bondade para com os animais, embora isso não se revista de importância capital. Ver o artigo sobre os *Animais, Direitos e Moralidade*.

MÃES-DEUSAS

Em suas idéias sobre a divindade, as religiões têm sentido a necessidade de asseverar o princípio da maternidade, tanto quanto o princípio da paternidade. Usualmente, isso tem sido associado à questão da fertilidade, de tal modo que a maioria das mães-deusas ou deusas-mães são figuras destacadas em muitas religiões. As antigas civilizações da área do mar Mediterrâneo tiveram seus exemplos disso: *Ísis* (vide), no Egito; *Astarte* ou Astorete (vide), na Fenícia; *Cibele* (vide), na Frígia, e *Demeter* (vide), na Grécia. Ver também o artigo intitulado *Triadas*, quanto ao fato de que as mães-deusas com freqüência eram concebidas como partes integrantes de alguma trindade. Nesses conceitos triteístas, geralmente havia um pai e um filho (deuses), associados a uma mãe (deusa).

Estranho é que alguns eruditos cristãos tenham visto certa *função* maternal no Espírito Santo, embora isso não aponte para qualquer conceito feminino dentro da própria natureza divina. Seja como for, tal conceito é estranho a tudo quanto se lê na Bíblia a respeito. Também é óbvio que a exaltação à Virgem Maria tem tido, como um de seus motivos, a necessidade que algumas pessoas sentem de injetar o conceito de maternidade à sua fé. Esse sentimento, quando

desce a um nível popular, é confundido como parte do respeito que se deve à própria divindade. Ver maiores explicações a respeito dessa tendência humano-religiosa nos artigos intitulados *Mariolatria* e *Mariologia.*

As deusas-mães usualmente aparecem como protetoras da produtividade. Essa função acaba sendo espiritualizada, de tal maneira que as almas humanas terminam por ser as entidades que são beneficiadas e recebem vida. Uma deusa-mãe, assim sendo, é concebida como quem assegura uma bem-aventurada imortalidade para os mortos, mostrando-se ativa na promoção desse propósito. Todas as religiões misteriosas contavam com suas mães-deusas, excetuando o *mitraísmo* (vide), que era essencialmente masculino em sua perspectiva. Embora Demeter dos gregos tivesse sua contraparte romana, Ceres, na verdade, a única deusa-mãe que recebeu maior reconhecimento em Roma foi Cibele, deusa frígia. Os romanos sentiram-se muito dependentes de Cibele, quando Aníbal ameaçou a capital do império romano, em cerca de 200 A.C. Uma pedra meteórica sagrada foi importada de Pessino, na Frígia, e foi instalada, com grande solenidade, em um santuário romano, no monte Palatino. Posteriormente foi erigido ali um templo, e esse meteorito passou a ser conhecido como «a mãe dos deuses». Por isso mesmo, há estudiosos que pensam que esse culto pagão foi o protótipo e a inspiração da idéia da Virgem Maria como mãe de Deus (pelo menos a influência romana sobre essa noção é óbvia). Seja como for, a principal função das mães-deusas, segundo o conceito pagão, era a necessidade sentida de representar o princípio feminino da vida no conceito da divindade, porquanto, segundo a vida biológica, não há vida sem alguma mãe. O erro de muitos religiosos é que eles extrapolam essa necessidade biológica para a dimensão espiritual, onde não há tal necessidade. Os antigos indagavam: «Pode haver vida espiritual sem alguma mãe celeste?» Esse atraso mental manifesta-se em milhões de pessoas, até hoje.

MAGBIS

No hebraico, «forte», «vigoroso». Não se tem certeza se esse nome se refere a uma cidade ou a uma família de exilados que retornaram do cativeiro babilônico para Jerusalém. Ver Esd. 2:30; I Esdras 5:21. O paralelo do livro de Neemias (7:33) não contém o nome. Tem sido identificada com a moderna Khirbet el-Mahibiyet, cerca de cinco quilômetros a sudoeste de Adulão.

MAGDALA

Essa palavra vem do termo hebraico **migdal**, «torre». Esse nome é mencionado exclusivamente em Mat. 15:39, e isso como nome alternativo para *Magadã.* O artigo sobre *Magadã* fornece detalhes completos sobre a confusão entre esses dois lugares. Em alguns manuscritos, no trecho de Mar. 8:10, *Dalmanuta* substitui Magdala ou Magadã, como empréstimo de Mat. 15:39. *Dalmanuta* (vide) era um lugar de localização para nós desconhecida, pelo que alguns escribas substituíram um nome desconhecido por um nome conhecido. Talvez Dalmanuta fosse uma pequena aldeia, próxima de *Magadã.* É possível que a moderna Khirbet Majdel fique no mesmo local. Seja como for, ficava nas margens ocidentais do mar da Galiléia. Podemos, igualmente, supor que *Magadã* (uma forma variante do nome era *Magedã*) e Magdala ficavam próximas uma da outra. Outros estudiosos supõem que Magadã, talvez como um distrito, engolfasse Magdala. Os nomes Dalmanuta, Magadã e Magdala apresentam um problema para o qual não dispomos de informações adequadas para poder solucioná-lo de forma absoluta.

MAGDIEL

No hebraico, «Deus é famoso». Esse era o nome de um chefe edomita, mencionado em Gên. 36:43 e I Cor. 1:54. Ele descendia de Esaú e viveu em torno de 1619 A.C.

MAGIA E FEITIÇARIA

Ver também o artigo sobre **Adivinhação**.

Esboço:

I. Definições
II. Pressupostos Básicos
III. Como Religião
IV. Informes Históricos
V. Suas Técnicas
VI. Menções na Bíblia

I. Definições

Essa palavra é relacionada ao termo persa **magu**, «sacerdote», «mágico». É dai que vem o termo grego *mágos.* Ver sobre *Mago.* No latim encontramos a expressão *magic ars*, «artes mágicas», cujo paralelo grego é *magikê tékne.* A palavra latina *sors* significa «sorte», sendo essa a palavra que está por detrás de «feitiçaria». A idéia é que certas pessoas têm a capacidade de manipular poderes sobrenaturais, a fim de alterar para melhor ou para pior a sorte de alguém, tanto do próprio indivíduo como de outras pessoas. Com freqüência, «feitiçaria» é usada como sinônimo de «mágica». Aqueles que praticam essas coisas têm o cuidado de distinguir entre a *magia branca* e a *magia negra.* A magia branca envolve o uso de textos sagrados (incluindo os textos bíblicos), encantamentos santos e outros meios que eles consideram moralmente aceitáveis, a fim de obter bons resultados. Mas a magia negra envolve-se em meios demoníacos, a fim de obter resultados ruinosos. Assim, se uma mulher profere um encantamento para ajudar outra mulher a encontrar marido (uma coisa boa), isso seria a magia branca em operação. Mas se uma mulher proferir uma maldição contra outrem, a fim de que morra, ou a fim de prejudicar ou, em algum outro sentido, fazer dano a outra pessoa, isso seria a magia negra em operação.

A mágica pode ser pré-lógica ou mesmo antilógica. «A mágica é uma espécie de lógica selvagem, uma forma elementar de raciocínio, com base em similaridades, contigüidade e contraste» (*Golden Bough*, 1.61, Frazer). Alguns intérpretes equiparam a mágica com o demonismo, mas isso é um ponto de vista simplista e parcial. Sem dúvida, há aspectos da magia negra vinculados ao demonismo, entretanto. Ver os artigos sobre Demônio; *Demonologia e Possessão Demoníaca.*

II. Pressupostos Básicos

a. Existem realidades, forças e seres invisíveis, que podem influenciar as vidas humanas.

b. Essas forças e seres ouvem e saem em socorro de certas pessoas, que dominaram certas técnicas (ver a quinta seção), cujas vidas foram dedicadas a essas coisas.

c. A lógica humana é falaz. Há muitas coisas que são pré-lógicas, alógicas ou mesmo antilógicas, conforme os homens as julgam, embora elas sejam verdadeiras.

d. A realidade, conforme as descrições da ciência, é extremamente limitada. De fato, a maior parte da realidade está oculta no misterioso e no alógico.

e. Existem certas causas que os homens têm descoberto que produzem os *efeitos* almejados, embora elas pareçam ilógicas para muitos.

f. Coisas pertencentes a uma pessoa, objetos que ela tenha usado, roupas ou partes de seu corpo, como sangue, saliva, cabelos, unhas, ou mesmo seu nome, continuam a ter relações simpáticas com ela, podendo ser usados em encantamentos para beneficiar ou ajudar àquela pessoa. Quanto a uma ilustração sobre isso, nas práticas da magia, ver a quinta seção, *Suas Técnicas*, abaixo.

III. Como Religião

Com base na segunda seção, **Pressupostos Básicos**, pode-se ver que, para aqueles que a praticam, a mágica chega a ser uma religião. Aqueles que praticam a magia branca crêem que estão fazendo a vontade de Deus ou dos deuses, prestando um digno serviço à humanidade. Aqueles que praticam as artes mágicas supõem que seja bom fazer aquilo que *outros* chamam de poderes malignos.

Para tais indivíduos, esses poderes estariam «do lado certo», ao passo que outros poderes, como aqueles da religião estabelecida, seriam malignos. Para eles é fácil ilustrar isso através da história, porquanto ali podemos achar inúmeros exemplos de assassinatos, exílios e injustiças, praticados em nome de Deus. A magia negra acredita que são feridas aquelas pessoas que são más, e que merecem ser feridas aquelas que se nem de obstáculos. Naturalmente, existem pessoas más, que não têm qualquer intenção de mudar, e que se ufanam em ser servos de Satanás, que para elas, é o seu deus.

Algumas religiões antigas eram virtuais formas de mágica. Os sistemas religiosos dos *mágicos* parecem ter tido origem cita. Esses sistemas trabalhavam com as supostas forças misteriosas dos quatro elementos fundamentais: o fogo, a água, a terra e o ar. O fogo parece ter-se revestido de um significado especial para eles. Sacrifícios de sangue eram consumidos nas chamas, ou grande parte dos animais sacrificados ficava com os sacerdotes pagãos, enquanto o resto era queimado no fogo. Em torno dos encantamentos desenvolveu-se toda uma classe sacerdotal. Não era, contudo, uma adoração teísta, no sentido de que tivesse deuses pessoais como objetos de adoração. Sem dúvida, o *animismo* (vide) fazia parte desses sistemas. As religiões misteriosas dos gregos incorporavam elementos mágicos, o que também acontecia à doutrina cabalística dos judeus. O *zoroastrismo* (vide) também tinha seu lado mágico. Ver a seção IV, *Informes Históricos*, no tocante a outras informações. Alguns estudiosos insistem que todas as religiões envolvem algum elemento de magia. Pelo menos é fácil demonstrar que quase todas as religiões encerram esse elemento.

IV. Informes Históricos

1. *Muitas Religiões.* «Todas as religiões valem-se de mágica. A magia desempenhava um papel dominante nas religiões da Babilônia, do Egito, de Roma, de hinduísmo brâmane e nas formas tântricas tanto do hinduísmo quanto do budismo» (E). Os intérpretes que não podem ver qualquer coisa de ímpar no antigo judaísmo supõem que muitos de seus ritos eram apenas adaptações de formas mágicas comuns dos povos semitas. Apesar dos hebreus terem criado uma teologia mais refinada, resultante do monoteísmo, deve-se salientar que o sistema sacrificial deles diferia bem pouco do sistema comum dos babilônios e outros povos semitas. Impõe-se, pois, a indagação: Se chamamos de ritos as mágicas babilônicas, por que não chamamos de mágicos os antigos ritos de judaísmo?

2. *Os Medos e os Persas.* Os medos, nos fins do século VI A.C., em sua religião oficial, incorporavam antigos elementos de magia. Os magos tornaram-se figuras poderosas no império, e a política da nação foi influenciada por eles, para nada dizermos sobre a religião propriamente dita. Nergal-Sharezer, o principal dos magos na corte de Nabucodonosor, da Babilônia, é mencionado por nome como um dos principais oficiais da corte (ver Jer. 39:3,13). Naturalmente, havia ali uma casta sacerdotal dos magos, e a autoridade deles era largamente reconhecida. Alguns deles envolveram-se em conspirações políticas, revoltas e homicídios, tudo o que fazia parte da política, tal como nos dias de hoje, com poucas diferenças. Xerxes, filho de Dario, consultou os magos quando formulou seus planos para invadir a Grécia.

3. O *zoroastrismo* (século VI A.C.) (vide), uma religião persa, esteve pesadamente envolvido com as artes mágicas. O zoroastrismo mágico foi reinstalado como a religião oficial, no tempo dos partas (ver o quarto ponto).

4. *Os Partas.* Os partas revoltaram-se contra os dominadores selêucidas no século III A.C. As leis e a religião deles eram muito influenciadas pelo culto dos magos. Muitos deles converteram-se ao zoroastrismo, e suas formas religiosas eram altamente sincretistas.

5. Quando o islamismo predominou, o zoroastrismo (juntamente com os magos) teve de refugiar-se na Índia. Seus descendentes até hoje podem ser encontrados entre os parses.

6. *Povos Não Civilizados.* Os eruditos aceitam que as formas religiosas de todos os povos chamados não civilizados, antigos e modernos, incorporavam e incorporam mágica. É impossível separar a mágica da religião, ou vice-versa, histórica ou praticamente falando.

V. Suas Técnicas

1. Ritos, encantamentos, presságios, orações, leitura de textos sagrados usados por muitas religiões.

2. *Três Classes Básicas de Técnicas*: 1. técnicas puramente práticas; 2. técnicas cerimoniais; 3. técnicas que combinam o prático com o cerimonial. Na magia prática, o indivíduo simplesmente faz algo que foi declarado como bom pelo feiticeiro ou sábio. Realiza certos atos. Na magia ritualística, há encantamentos e agouros, algumas vezes acompanhados por ritos sacrificiais elaborados. Divindades, demônios, forças cósmicas, forças da natureza, etc., são invocados como auxílios. Acredita-se que certas *palavras* revestem-se de poder, e que certas orações, declarações etc., necessariamente atraem os poderes superiores. Certos atos podem ser reforçados por rituais e orações, e nisso temos algo que pertence à terceira classificação de técnicas. Poderíamos ainda criar uma quarta classe, subdividindo os ritos (o que alguém faz) das rezas e encantamentos (o que alguém diz).

3. *Alguns Atos Específicos.* Há os atos de *simpatia*. Se alguém tem uma verruga e quer que a mesma desapareça, então deve tomar um pouco de sangue extraído da mesma e pô-lo em um pedaço de pão ou batata e enterrar esse objeto. Presumivelmente, isso acaba com a verruga. Se alguém quiser prejudicar a outrem, faça uma imagem de cera daquela pessoa para então atravessá-la com alfinetes e agulhas, ou, então, jogá-la no fogo. E acredita-se que a pessoa representada sofrerá dano, em face desse ato.

4. *Formas de Adivinhação.* A mágica depende muito das adivinhações. Ver o artigo separado intitulado *Adivinhação*, A mágica emprega muitos desses métodos.

5. *O Olho Bom ou o Olho Mau.* O olhar fixado em alguém, visando o bem ou o mal, por aquele que é praticante das artes mágicas, segundo muitos acreditam, é dotado de poder. O vulgo chama isso de «mau olhado». Na Austrália, muitos crêem que é possível lançar uma maldição contra uma pessoa meramente apontando para ela um graveto, pronunciando-se ou não a maldição.

VI. Menções na Bíblia

O Antigo Testamento retrata os israelitas em um mundo que nadava nas artes mágicas, praticadas por todos os povos gentílicos. No entanto, muitos eruditos não acreditam que possamos classificar o antigo judaísmo como uma fé totalmente isenta de mágicas, pois grande parte de seu ritual consistiria em artes mágicas, tal como sucedia aos demais povos semitas. Naturalmente, os eruditos bíblicos conservadores rejeitam essa posição. Mas isso não pode ser feito com total sucesso, quando o estudioso é honesto e faz comparações.

1. *Na Assíria e na Babilônia.* Os deuses desses povos não somente podiam ser invocados através de fórmulas mágicas, mas eles mesmos usavam encantamentos. Assim, o deus Ea-Enki, do *Épico da Criação*, é ali chamado de «Senhor dos Encantamentos». Seu filho, Marduque, exercia seu poder através de encantamentos mais poderosos que os de qualquer outro deus ou deusa. A arqueologia tem descoberto muito material que demonstra o caráter mágico das antigas religiões dos povos semitas. Um exemplo disso é o manual intitulado *Maglu*. O trecho de Naum 3:4 alude à religião dos assírios como «grande prostituição da bela e encantadora meretriz, da mestra de feitiçarias».

2. *No Egito.* As principais divindades egípcias eram protetoras das artes mágicas. Os sacerdócios davam seu apoio ao sistema de mágicas, e a política não deixava de imiscuir-se com essas feitiçarias. O manual de instruções mágicas, intitulado *Instruções para o Rei Merikare* (cerca de 2200 A.C.), é um bom exemplo das antigas fórmulas mágicas egípcias. A medicina egípcia também fazia parte do sistema. Os mágicos eram conhecidos como homens santos e operadores de prodígios. O relato sobre Moisés e o seu conflito com os mágicos do Faraó é uma referência bíblica a essa questão. Ver Êxo. 7:10 ss.

3. *A Realidade dos Poderes Ocultos.* Mui provavelmente, quase tudo nas artes mágicas não passa de expressão de desejos, com algum poder para alterar os eventos, curar ou causar enfermidades.

Porém, incorreríamos em erro se as reputássemos somente isso. O Antigo Testamento não nega o fato de que os poderes ocultos são reais. No entanto, o Antigo Testamento proíbe terminantemente o apelo para tais poderes, por parte do povo de Deus. Ver Deu. 18:10-14. O trecho de Lev. 20:27 mostra que os praticantes desses poderes ocultos eram condenados à pena capital. Ver também Isa. 3:18-23; 8:19; Jer. 27:9,10; Eze. 13:18. A despeito disso, sabemos que os israelitas se deixaram envolver em muitas formas de adivinhação. Algumas delas eram oficializadas pelo culto hebreu, embora fossem rejeitadas se praticadas particularmente. Ver o artigo sobre a *Adivinhação,* quanto a ilustrações a respeito disso.

4. O poder da palavra proferida é ilustrado em Gên. 27:18 ss; 30:14-18; 37:41. Sabemos que até mesmo membros da família patriarcal usavam os *terafins*, ou ídolos do lar, para efeitos de adivinhação. Ver Gên. 31:20ss. Ver também Juí. 17:1—6; I Sam. 19:13—16. No entanto, na legislação mosaica, os *terafins* foram condenados como espécimens da idolatria dos cananeus.

5. José casou-se com a filha de um sacerdote egípcio. Ao que muito coisa indica, ele praticava a adivinhação por meio do sonhos, e talvez até por uma antiga forma de bola de cristal (talvez usando sua taça de prata com água, como ponto de concentração). Ver Gên. 41:8 ss; 44:5.

6. De acordo com alguns eruditos, os objetos de nome *Urim* e *Tumim* (vide) envolveriam adivinhação do tipo bola de cristal, quando o sumo sacerdote caía em uma espécie de transe leve, no qual era capaz de produzir oráculos.

7. O lançamento de sortes, com o propósito de descobrir a vontade divina, é mencionado em Lev. 16:8; Núm. 26:55; Jos. 7:14; Juí. 20:9; I Sam. 10:20 e vários outros trechos bíblicos. Talvez o *Urim* e o *Tumim* (ver acima) fossem uma espécie de sortes lançadas com o mesmo propósito.

8. *Condenações.* Jezabel foi condenada por ser praticante de «feitiçarias» (II Reis 9:22). Manassés, rei de Judá, foi condenado como *agoureiro* (II Reis 21:3-6).

9. *No Livro de Daniel.* Os jovens hebreus cativos negaram-se a tomar parte nas praticas babilônicas, que incluíam a mágica. Não obstante, sabiam interpretar sonhos e visões (ver Dan. 1:17-20; 2:2). Daniel deve ter sido considerado pelos babilônios como um sábio nas artes ocultas, conforme seu apodo, Beltessazar (ver Dan. 4:8) parece indicar.

10. *No Novo Testamento* encontramos o lançamento de sortes pare resolver tão importante questão como a escolha de um novo apóstolo de Jesus, que substituísse a Judas Iscariotes (ver Atos 1:26). No entanto, de modo geral, todas essas práticas são ali condenadas. Ver II Tim. 3:1-9; Apo. 9:21; 18:23; 21:8; 22:15; Atos 8:9 ss; 16:16 ss.

Conclusão

É inútil supormos que o antigo judaísmo fosse inteiramente isento de mágica. Poderíamos afirmar que, historicamente, o Espírito de Deus não completou subitamente a sua obra de instrução aos israelitas. Os hebreus foram separados de outros povos semitas; e uma operação especial estava *em andamento*, mas não foi terminada. Quando chegarmos ao Novo Testamento, encontramos formas religiosas muito mais puras. Os poderes ocultos não são necessariamente maus em si mesmos, embora possam assumir aspectos positivos ou negativos. Uma verdadeira espiritualidade eleva-se acima dos meros poderes ocultos ou psíquicos. A comunhão mística com o Espírito Santo substitui vantajosamente muitas coisas, mas é mister um longo período de tempo para que o crente atinja essa posição superior. Não há que duvidar que existem poderes ocultos negativos e prejudiciais, envolvidos nas artes mágicas. Em face dessa circunstância, pelo menos, as artes mágicas devem ser repelidas pelos crentes, mesmo quando não há nelas aqueles elementos mais deletérios.

Bibliografia: E GAS (em HA) TL

MAGISTRADO

A palavra hebraica mais comum, assim traduzida é *shaphet* (ver Esd. 7:25), ao passo que o termo grego usual é *strategós*, «líder de grupo» (ver Atos. 16:20,22,35,36,38). Naturalmente, há outras palavras e expressões que devem ser levadas em conta.

1. *No Antigo Testamento:*

a. Em Juí. 18:7, a palavra hebraica significa «governador». Em nossa versão portuguesa, «autoridade».

b. Em Esd. 8:25 estão em foco os «conselheiros» e os «príncipes», onde devemos destacar a segunda dessas palavras.

c. Nos tempos helenistas, o termo grego *strategós* era usado para indicar o «chefe» do templo, um oficial cuja autoridade só era menor que a do próprio sumo sacerdote. Esse uso também se acha em Josefo, *Anti.* xx.131. Aparentemente, o título foi tomado por empréstimo do uso assírio, passando a ser empregado após o cativeiro babilônico. Corresponderia ao termo moderno «supervisor». O supervisor, a fim de garantir a boa ordem no templo, e impedir a entrada de intrusos gentios, dispunha de guardas bem armados.

2. *No Novo Testamento*:

a. Os termos gregos *archê* e *eksousía* são usados para referir-se aos «dirigentes» e «autoridades» da sinagoga, perante quem os cristãos seriam conduzidos a fim de serem julgados e castigados. Ver também Tito 3:1, quanto a um uso generalizado dessas palavras, para indicar qualquer tipo de autoridade a que nos deveríamos submeter.

b. O trecho de Atos 16:20 ss tem o vocábulo grego *strategós* a fim de referir-se a um oficial ou comandante civil, um prefeito ou cônsul. Essa palavra é usada por dez vezes no Novo Testamento, onde também é traduzida por *capitão* (ver Luc. 22:4,52; Atos 4:1; 5:24,26; 16:20,22,35,36,38). Os oficiais militares estão em foco, tanto quanto os governantes civis.

c. O termo grego *archón* (literalmente, «primeiro») é traduzido por «magistrado» em Luc. 12:58, dando a entender «primeiro em autoridade», sendo um título geral para indicar qualquer governante, rei ou juiz. Na Septuaginta foi uma palavra empregada para indicar Moisés. Em Apo. 1:5 refere-se ao Messias como o Rei. Em Atos 16:19 é usada para indicar os governantes civis. E, para indicar os chefes das sinagogas, é empregada em Mat. 11:18,23; Mar. 5:22; Luc. 18:41. Os membros do Sinédrio (vide) também eram designados por esse título. No trecho de Atos 16:19 aparecem os termos gregos *strategós* e *archón*, juntos. Provavelmente, o segundo deve ser entendido como uma subcategoria do primeiro. Um magistrado também podia ser um juiz romano.

d. O termo grego *archón* é usado para indicar Satanás, o «príncipe» dos demônios. Ver Mat. 9:34; Luc. 11:15; João 12:31; Efé. 2:2.

MAGNIFICAR

Essa é uma importante palavra relacionada à adoração. Ver o artigo *Adoração,* onde o assunto é tratado de maneira geral. Esse é um dos três grandes aspectos da vida cristã. Esses aspectos são: adoração, serviço, desenvolvimento espiritual. Esse é o curso tencionado para a vida humana. Isso posto, a adoração é um dos fatos e propósitos centrais da existência humana.

1. Deus magnifica os seus próprios atos misericordiosos, que são ilimitados e livres (Gên. 19:19; Atos 19:17).

2. Deus magnifica a sua Palavra, que contém a mensagem de suas intenções e de seus atos graciosos (Sal. 138:2).

3. Deus magnifica os homens que agem corretamente (Jos. 3:7; 4:14; I Crô. 29:25; II Crô. 32:23).

4. Os homens magnificam a Deus devido às suas obras e ao seu amor, e declaram a sua grandeza e glória (Jó 36:24; Sal. 34:3). A vida humana, quando é devidamente utilizada, é uma magnificação do Pai, por parte de seus filhos. Qual pai não é magnificado quando seus filhos agem corretamente?

5. Os homens carnais magnificam a si mesmos às expensas do próximo (Sal. 35:26; Dan. 8:11; Atos 5:3).

6. Paulo desejava que Cristo fosse magnificado em toda a sua conduta e em todas as suas palavras (Fil. 1:20). O nome do Senhor Jesus Cristo estava sendo magnificado na Igreja primitiva (Atos 19:17).

7. Paulo magnificava seu oficio de apóstolo dos gentios, que lhe fora dado por Deus (Rom. 11:13).

MAGOGUE

Ver os dois artigos separados, **Gogue** e **Gogue** e **Magogue**.

MAGOR MISSABIBE

No hebraico, **magor missabib**, «terror por todos os lados». Um nome simbólico que Jeremias deu a Pasur, filho de Imer, em Jer. 20:3. Ver o artigo separado sobre *Pasur*.

MAGPIAS

No hebraico, «matador de traças». Nome de um dos chefes do povo, que engrossou a lista daqueles que firmaram o pacto com Neemias, dentre o remanescente do povo que retornara do cativeiro babilônico. Ver Nee. 10:20. Ele viveu em cerca de 410 A.C.

MAJESTADE

Essa palavra portuguesa vem do francês antigo, *majeste*, que se deriva do latim, *majestas (tatis)*, termo esse que, por sua vez, está ligado a *majus*, o comparativo neutro de *magnus*, «grande». Portanto, essa palavra aponta para grandeza, grandiosidade, imponência.

1. *Aplicada a Deus*. O termo hebraico correspondente é *gaa*. Deus é grande em seus atos significativos (Isa. 2:10,19,21). Ele também é grande em sua supremacia real (Isa. 24:14; 12:5); e, finalmente, em sua *condição* de magnificência, o que já é expresso pelos termos hebraicos *hod* ou *hadar* (I Crô. 29:11; Sal. 96:6; 104:1; 145:5,12).

2. *Aplicada aos Homens*. O rei, como figura importante e exaltada, reveste-se de majestade, uma majestade derivada de Deus (I Crô. 29:25; Osé. 2:5; Sal. 45:3,4). Mas o homem, por haver sido criado um pouco menor do que os anjos, também se reveste dessa qualidade (Sal. 8:5).

3. *Aplicada às Coisas*. O nome divino é majestático (Sabedoria de Salomão 18:24). Simbolicamente, a mitra do sumo sacerdote de Israel tinha essa qualidade, por ter o nome divino inscrito na mesma, conforme se vê nessa mesma referência.

4. *No Novo Testamento*. O termo grego correspondente é *magalosúne*, que alude à majestade de Deus e até é um de seus nomes. Os milagres de Cristo revestiam-se dessa qualidade (Luc. 9:43), tal como sucedeu à sua transfiguração (II Ped. 1:16,17). Em sua *parousia*, ou segunda vinda, Cristo manifestará a majestade do Pai (ver I Tim. 6:15,16). Cristo exibe a dignidade dos homens que participam de sua glória (Heb. 2:6-9). Ele tornará uma realidade o magnificente reino messiânico (Mat. 22:42-45). Ele é exaltado por participar da natureza e do trono divinos (Fil. 2:9; Heb. 1:3,4).

MAL

Esboço:

1. Definições
2. Fatores a Serem Observados
3. Atitudes Acerca do Mal
4. Várias Descrições
5. O Problema do Mal

1. **Definições.** O mal moral é um equivalente quase idêntico ao **pecado**. Ver o artigo separado sobre o *Pecado*. Contudo, também devemos pensar no *mal natural*, isto é, as coisas más que acontecem à parte da intervenção da vontade pervertida dos homens, como os desastres naturais, as inundações, os incêndios, os terremotos, as enfermidades e, finalmente, o pior de todos os males, na opinião de muitos, a morte física. Os teólogos biblicamente orientados acreditam que o mal natural é resultante do mal moral. Sem dúvida essa é a mensagem do terceiro capitulo de Gênesis. Porém, é difícil ver como o pecado humano faz a crosta terrestre deslizar, provocando os abalos sísmicos, quando sabemos que há explicações naturais para esses acontecimentos. Os eruditos liberais pensam que a história da queda é apenas sugestiva de algumas verdades relacionadas ao mal, embora não uma explicação adequada do próprio mal, mesmo que consideremos apenas o mal natural. Muitos cientistas crêem na condição caótica natural da existência, pensando que é admirável que o homem consiga passar com tão poucas dificuldades em melo a esse caos. Em contraste com isso, na Bíblia, até mesmo Jó, que estava convencido de sua inocência, e com razão, no fim precisou humilhar-se diante da repreensão divina, que se aplica a todos os homens pecadores (Jó 42:1-6). Por outro lado, as suas tribulações são atribuídas, no começo do livro de Jó, a um teste a que o Senhor resolveu submetê-lo, e não por causa de alguma maldade pessoal em que ele tivesse incorrido. Todavia, se o pecado humano não é a causa direta do mal natural, Deus pode ter sujeitado a natureza a uma certa desordem, como uma medida punitiva. E um dos resultados da redenção, quando estiver completa, será precisamente a reversão dessa maldição contra a natureza. «... a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção...» (Rom. 8:21). Não se pode duvidar que o pecado e o castigo, que podem assumir muitas formas, às quais ansiamos por chamar de acontecimentos funestos, estão interligados entre si. Ver Mat. 10:28; 23:33; Luc. 16:23; Rom. 2:6 e Apo. 20.

2. Fatores a Serem Observados. a. O pecado e o castigo estão interligados entre si, conforme vimos no fim do parágrafo anterior. b. Uma vez cancelado o pecado, pode ser removida a ameaça de castigo (Mar. 2:3 *ss*). Esse é um princípio reconhecido também pela religião hindu, no tocante a essa questão. c. O bem praticado também pode cancelar um castigo iminente merecido. O bem praticado pode encobrir uma multidão de pecados (Tia. 5:20). Isso é verdade porque a punição imposta ao pecado é remedial, e não apenas retributiva. Quando o amor já remediou a alma, não há mais necessidade de castigo adicional. d. A expiação e perdão de pecados são oferecidos na missão de Cristo, desse modo, a graça divina (que vede) cancela a punição eterna e, em muitos casos (mas não sempre) obvia a necessidade de punições temporais contra os erros praticados desde então. Ver Mat. 9:22; Mar. 6:56; Luc. 8:48; 17:19. Em muitos casos, para efeito de retribuição e purificação, o pecado é acompanhado por suas conseqüências temporais, mesmo quando o pecado é perdoado. Isso concorda com a lei da colheita segundo a semeadura (Gál. 6:7,8). e. O propósito dos sofrimentos é remedial, mesmo quando esse também é retributivo, como no hades (I Ped. 4:6; ver também Heb. 12:8, nessa conexão). f. A doutrina do juízo divino depende da maldade ou da retidão praticada por cada indivíduo (Apo. 20; Rom. 2:6). g. Deus não pode deixar a maldade passar despercebida. Algo precisa ser feito a respeito (Rom. 1 :18). O salário do pecado é a morte (Rom. 6:23). h. A Bíblia declara a realidade do mal, fazendo contraposição à teoria que diz que o mal é apenas o bem mal aplicado, ou a privação dc bem. Na verdade, e de acordo com a Bíblia, há uma maldade voluntária, aberta e maligna, que sempre foi uma maldição para a raça humana. O primeiro capítulo da epístola aos Romanos, com suas detalhadas descrições de uma longa lista de vícios humanos, está falando sobre um mal real, e não sobre a mera ausência do bem. Ver o artigo separado sobre *os Vícios*.

3. Atitudes Acerca do Mal. a. Já pudemos ver que a **Bíblia** apresenta o mal como algo real, franco e maligno. Porém, para o mal há um remédio, provido por Deus. b. *Schopenhauer* (que vede), em seu *pessimismo* (que vede) concordava com a versão biblica, mas deixava de lado o remédio bíblico. Para ele, a primeira coisa ruim que uma pessoa fazia era nascer e a melhor coisa que ela poderia fazer era deixar de existir. Todavia, a existência tem uma vontade maligna para continuar vivendo, sendo a própria concretização da maldade e do caos. Para Schopenhauer o mal é algo final: sempre existirá e sempre será a força controladora de todas as coisas. c. Em contraste com ele, nos escritos de Orígenes e dos pais alexandrinos da Igreja, o mal, apesar de real, o que significa que precisa ser

punido, será castigado de um modo remedial. Orígenes afirmava que fazer do castigo algo apenas retributivo é condescender diante de uma teologia inferior. Outrossim, a ira de Deus é um dos elementos constituintes de seu amor, realizando coisas como nenhum outro ato divino é capaz de fazer. O universalismo, de modo geral, e também Karl Barth, em particular, percebiam esse aspecto da questão sobre o mal e sua punição. O trecho de I Pedro 4:6 é um texto de prova razoável, em apoio a essa suposição. d. Alguns filósofos e teólogos, como *Tomás de Aquino,* têm defendido a idéia de que o mal é a ausência do bem, tal como as trevas são a ausência da luz. Talvez isso possa servir de explicação acerca de certos males, mas, há outros tipos de males que não podem ser descritos nesses termos. Por exemplo, é difícil perceber como um assassino em massa poderia estar envolvido em algo meramente passivo. Em atos assim há algo de terrivelmente maligno. e. O *dualismo,* como no zoroastrismo (que vede) propõe que há dois princípios distintos na existência, o bem e o mal. Esses dois princípios teriam sido temporariamente misturados, o que explicaria todos os nossos problemas humanos. Finalmente, porém, o bem haverá de triunfar, embora isso signifique apenas a *separação* entre as duas forças, e não o fim do mal. De acordo com esse sistema, uma nova invasão do mal no território do bem, é teoricamente possível. Assim, o mal seria eterno, formando um reino que não pode ser derrubado. A religião ensinada na Bíblia, por outra parte, é dualista somente em parte. Pois, Deus finalmente haverá de triunfar sobre o mal, extinguindo-o definitivamente.

4. Várias Descrições

O mal tem sido variegadamente descrito, conforme se vê nos dezesseis pontos abaixo:

a. O *verdadeiro dualismo.* Esse foi descrito acima, acerca do zoroastrismo. Segundo esse ponto de vista, o mal é real e permanente.

b. O *budismo* (que vede). O mal teria suas raízes nos desejos, a eliminação dos desejos produz a eliminação do mal.

c. Sócrates (que vede) equiparava o mal à ignorância, pensando que o conhecimento nos liberta do mal.

d. *Platão* (que vede) pensava sobre o mundo eterno (ver sobre os *Universais)* como um mundo constituído por seres ou entidades de perfeita justiça. Mas, no mundo dos particulares (nosso mundo físico), os seres físicos são imperfeitos, por serem apenas imitações do mundo real. A alma humana teria resolvido experimentar a matéria, após ter desenvolvido más tendências. Assim foi que teve lugar uma remota queda espiritual. Os pais alexandrinos da Igreja combinavam essa idéia com aquela da queda dos anjos, no Antigo Testamento, para chegarem à queda no pecado. Ver sobre a *Origem do Mal* e sobre a *Queda.*

e. *Crisipo* (que vede), o filósofo estóico, ensinava que as atitudes, os pensamentos e os atos contrários à Razão Universal (o Logos) produzem o mal. O mal, pois, consistiria na irracionalidade.

f. *Plotino* (que vede), o neoplatonista, localizava o mal na matéria, como um de seus componentes necessários. Assim, teríamos um dualismo dentro dos contrastes formados por corpo-mente — e por matéria-espírita.

g. *Agostinho* (vide) promovia a idéia do *mal* como a *ausência do bem.* Essa é também uma perspectiva limitada quanto ao sentido e à natureza do bem e quanto aos propósitos da vida. Ele assumiu essa posição na tentativa de evitar acusar Deus de ser o autor do mal, visto ser ele encarado como soberano sobre todas as coisas. Ver sobre a *Teodicéia,* a defesa da justiça de Deus, apesar da existência do mal na criação divina.

h. *Avicena* (que vede) seguia Agostinho na suposição de que sempre há uma perspectiva mais lata, de onde o mal será visto como bem. Ele pensava que o mal reside no indivíduo, e não na espécie humana, negando assim o princípio do *pecado original* (que vede).

i. Chang Tsai (que vede) atribuía o mal ao desvio do homem do meio-termo, no exercício de seu livre-arbítrio.

j. No *panteísmo* (que vede; ver também o artigo sobre *Ramanuja)* é criado um problema, visto que todas as coisas são vistas como Deus. O panteísmo localiza o mal nas emanações mais distantes do fogo central, especificamente, na matéria.

l. *Leibniz* (que vede) distinguia três tipos de mal: o *mal físico (os* desastres naturais, as enfermidades e a morte); o *mal metafísico (o* desarranjo das essências superiores); e o *mal moral* (o mal que resulta das más escolhas dos homens).

m. *Schelling* (que vede) defendia a idéia de que o mal é um dos primeiros princípios do universo, e não algo derivado do bem, de alguma maneira, como uma perversão do mesmo.

n. *Rashdal* (que vede) representa aquele grupo de teólogos e filósofos que pensam que o mal começou porque o próprio Deus é limitado (finito) e não o pode impedir. Em outras palavras, Deus também tem os seus problemas. É curioso que o mormonismo assume uma posição um tanto similar a essa.

o. *Berdyaev* (que vede) pensava que a liberdade degenerada é a origem do mal. Atualmente, muitas pessoas exigem liberdade, a fim de perverterem a si mesmos e a outras pessoas.

p. *Brightman* (que vede) afirmava que Deus é finito, razão pela qual o mal entrou no quadro, a despeito de sue oposição ao mesmo. A presença do mal provoca e define um bem—a saber, a tarefa remidora.

q. Alguns teólogos limitam a presciência de Deus e assim pensam que o mal entrou de surpresa no quadro, não fazendo parte do plano pré-ordenado de Deus.

5. O Problema do Mal. Ver o artigo separado sobre esse assunto, onde vários hiatos do presente artigo são preenchidos. Esse é um dos mais difíceis problemas dos filósofos e teólogos. Temos provido uma detalhada discussão a esse respeito.

MAL, ORIGEM DO

Ver **Origem do Mal.**

MAL, PROBLEMA DO

Ver sobre **Problema do Mal.**

MALAQUIAS (LIVRO)

No hebraico, «meu mensageiro». Na Septuaginta, *Malachías.* A Septuaginta dá a idéia de que essa palavra não indica um nome próprio, e, sim, um substantivo comum, «meu mensageiro». E muitos eruditos modernos preferem seguir a Septuaginta, embora sem razão. Pois o nome desse profeta foi, realmente, Malaquias, embora seu nome signifique «meu mensageiro».

Esboço:

I. Caracterização Geral
II. Unidade do Livro
III. Autoria
IV. Data
V. Lugar de Origem
VI. Destino e Razão do Livro
VII. Propósito
VIII. Canonicidade
IX. Estado do Texto
X. Teologia do Livro
XI. Esboço do Conteúdo

I. Caracterização Geral

Juntamente com as profecias escritas de Ageu e de Zacarias, o livro de Malaquias reveste-se de grande importância por suprir-nos informações preciosas a respeito do período entre o retorno dos exilados judaítas à Terra Santa e o trabalho ali desenvolvido por Esdras e Neemias. Foi um período de reconstrução da nação de Judá, e as fontes informativas seculares a respeito são extremamente escassas, valorizando assim esses três livros proféticos como fontes informativas. Mas, além disso, temos nesses três livros informações de ordem religiosa e moral sobre o período, não nos devendo esquecer que esses três livros encerram um forte conteúdo apocalíptico, o que significa que seus autores não falavam somente para a sua própria geração, e, sim, também para a última geração, que haverá de testemunhar o retorno do Senhor Jesus, como o grande Rei.

Apesar da profecia de Malaquias não ser datada nos versículos iniciais, a exemplo de alguns outros livros dos profetas menores (aos quais ele pertence, posto em décimo segundo lugar, tanto no cânon hebreu quanto no cânon cristão do Antigo Testamento), é perfeitamente possível, com base no exame das evidências internas, localizar as atividades de Malaquias dentro do período do domínio persa sobre a Palestina. Isso transparece na menção que o trecho de Malaquias 1:8 faz ao *governador* civil persa (no hebraico, *pehah),* uma palavra que também se acha em Nee. 5:14 e Ageu 1:1. Como é óbvio, pois, o pano de fundo histórico desse livro de Malaquias é o do período pós-exílico, na Judéia. Contudo, o livro retrata condições religiosas e sociais que apontam para um período subseqüente ao de Ageu e Zacarias. O fato de que há menção a sacrifícios, que estavam sendo oferecidos no templo de Jerusalém, (ver Mal. 1:7-10 e 3:8), subentende não meramente que aquela sagrada estrutura havia sido finalmente completada, mas também que já estava de pé há algum tempo, nos dias em que Malaquias escreveu o seu livro. O cerimonial do templo já estava bem estabelecido, novamente (ver Mal. 1:10; 3:1,10), o que aponta para uma data posterior à de 515 A.C. E que Malaquias levantou a voz, em protesto contra os sacerdotes e o povo em geral, no século que se seguiu ao de Ageu e Zacarias, parece um fato altamente provável, diante da observação de que certo grau de lassidão e descuido havia penetrado na adoração cerimonial dos ex-exilados. Assim, os sacerdotes não estavam cumprindo as prescrições relacionadas à natureza e à qualidade dos animais que eram oferecidos em sacrifício (ver Mal. 1:8); e, pior ainda, estavam oferecendo pão poluído diante do Senhor, mostrando um grau ainda maior de indiferença para com as estipulações cúlticas da lei levítica. De fato, Malaquias repreendeu-os severamente por esses motivos, porquanto toda a atitude deles demonstrava que eles se tinham cansado dos procedimentos rituais vinculados à adoração judaica (ver Mal. 1:13).

Isso nos permite perceber que aquele entusiasmo inicial que deve ter assinalado a inauguração do segundo templo, nos dias de Malaquias já devia ter-se abrandado em muito, e, juntamente com o abatimento do zelo, aparecera também o abatimento moral, com o conseqüente afrouxamento da obediência às prescrições levíticas do culto. Essa negligência geral manifesta-se até mesmo no pagamento dos dízimos exigidos pelo Senhor (Mal. 3:8-10), tão importantes para a manutenção tanto do templo de Jerusalém quanto do seu sacerdócio, naquele período formativo e crucial do período pós-exílico.

Também se deve salientar que a maneira como Malaquias investiu contra a prática bastante generalizada dos casamentos mistos (casamentos entre judeus e estrangeiros, ver Mal. 2:10-16) sugere-nos o conservantismo tradicional da Tora mosaica (vide), e não a infração de uma legislação recente e em vigor, acerca da questão. A expressão usada por Malaquias, «adoradora de deus estranho» (Mal. 2:11), significa mulher que seguia alguma religião estrangeira. Isso significa, em face da generalização do costume desses casamentos mistos, que os ideais hebreus (que olhavam com desfavor e suspeita essas uniões mistas) haviam sido abandonados nos dias do profeta. E, visto que Malaquias não lançou mão de qualquer regulamentação específica sobre a questão, pode-se concluir, com razoável dose de segurança, que os seus oráculos proféticos foram entregues antes de 444 A.C. Pois foi naquele ano que Neemias legislou acerca desse problema particular, já em seu segundo termo no ofício de governador. Portanto, o pano de fundo histórico do livro de Malaquias ajusta-se entre os períodos extremos das atividades de Ageu e Zacarias, por uma parte, e as atividades de Esdras e Neemias, por outra parte. Calcula-se que cerca de setenta e cinco anos se passaram entre esses dois pontos extremos.

II. Unidade do Livro

O livro de Malaquias consiste em seis seções, cada qual correspondente a um oráculo (ver sobre o *Esboço do Conteúdo).* Esses segmentos podem ser facilmente distinguidos. Tais divisões naturais do livro refletem um pano de fundo histórico muito bem delineado, abordando, de maneira uniforme, os problemas inter-relacionados. A série de perguntas e respostas, existente dentro do livro, como é óbvio, foi arranjada de maneira tal que é suavemente transmitida a mensagem do profeta acerca do julgamento divino e das bênçãos prometidas pelo Senhor, quanto ao futuro. Por isso mesmo, o livro exibe todas as marcas de ter tido um único autor.

A única questão séria e pendente sobre o problema da unidade e da integridade do livro de Malaquias, de conformidade com alguns estudiosos, gira em torno das suas palavras finais (ver Mal. 4:4-6), que, talvez, façam parte integrante do sexto oráculo, e não uma espécie de conclusão separada do mesmo.

Alguns eruditos opinam que a referência a Elias constitui uma adição posterior, feita pelo editor da coletânea dos profetas menores, que acreditava que, com o término da profecia (segundo ele pensava), mais do que nunca se tornava necessário observar os preceitos da lei, como uma medida preliminar para o advento do arauto divino. Mas, apesar dessa opinião ter certos pontos a seu favor, entre os quais se destaca a atitude dos sectários de Qumran para com a profecia e a lei, ela não é passível de ser objetivamente demonstrada, pelo que tem sido rejeitada pela maioria dos estudiosos.

III. Autoria

Tradicionalmente, o último dos doze livros dos profetas menores é atribuído a um indivíduo de nome Malaquias, com base em Mal. 1:1. Mas, conforme já dissemos no primeiro ponto, *Caracterização Geral,* consideráveis debates tem surgido entre os estudiosos se *Malaquias* deve ser considerado ou não como um nome próprio ou apenas como um substantivo comum, com o sentido de «meu mensageiro». E o que deu azo a isso é que a Septuaginta toma aquela palavra hebraica não como um nome próprio, mas apenas como um substantivo comum. Porém, se seguirmos o costume de todos os profetas escritores, que nunca escreveram obras anônimas, mas sempre em seus próprios nomes, então também teremos de concluir que «Malaquias» deve ser o nome de um homem que, realmente, viveu em torno de 450 A.C. Ver a quarta seção, *Data,* abaixo.

Mas, que desde a antiguidade tem havido alguma dúvida sobre a autoria desse último dos livros dos profetas menores, torna-se evidente pelo Targum de Jônatas ben Uziel, que adicionou uma glosa explicativa ao nome «Malaquias», como segue: «cujo nome é Esdras, o escriba», em Mal. 1:1. Porém, a despeito do fato de que essa tradição foi aceita por Jerônimo, na verdade ela não é mais válida do que tradições similares, associadas a Neemias e Zorobabel. Assim, apesar de quiçá haver alguma base para pensarmos nesse livro de Malaquias como uma composição anônima, ninguém pode afirmar, com absoluta certeza, de que assim aconteceu, na realidade. Seja como for, até mesmo os modernos eruditos liberais têm achado conveniente referir-se ao autor do último livro do Antigo Testamento pelo nome de «Malaquias». Se eliminarmos as demais considerações, basta esse fato para debilitar muito seriamente qualquer argumento que defenda o anonimato do livro de Malaquias.

IV. Data

As evidências internas apontam claramente para o período pós-exílico como o tempo em que Malaquias proclamou os seus oráculos. Não obstante, as condições sociais e religiosas que transparecem no livro indicam que ele profetizou algum tempo depois que fora reconstruído o segundo templo de Jerusalém. E a ausência de qualquer referência ao trabalho efetuado por Esdras e Neemias entre os judeus que tinham voltado da servidão na Babilônia, parece indicar uma data anterior às reformas religiosas, efetuadas em 444 A.C. Por motivo dessas várias considerações, a maioria dos intérpretes postula um tempo de composição em torno de 450 A.C., que se mostra coerente com as evidências internas do próprio livro. Não há razão alguma para supormos que qualquer intervalo de tempo mais dilatado tenha-se passado entre a entrega oral das profecias de Malaquias e o tempo em que elas foram reduzidas à forma escrita. De fato, é impossível datar precisamente a composição do livro, por falta de declarações cronológicas nele, mas, levando-se em conta o fato de

que Malaquias condenou abusos que eram correntes na época em que Neemias procurou corrigi-los, capacita-nos a asseverar que o livro de Malaquias deve ter sido escrito durante o tempo da visita de Neemias a Susa. Ver Nee. 13:6.

V. Lugar de Origem

Se aceitarmos uma data em meados do século V A.C. para a composição do livro de Malaquias, então, parecerá patente que os oráculos de Malaquias tiveram lugar na própria cidade de Jerusalém. Com base no íntimo conhecimento que esse profeta mostrou possuir acerca dos abusos que se estavam cometendo, dentro do culto religioso em Jerusalém, parece que ele foi testemunha ocular dos mesmos. O culto, em Judá, estava sofrendo sob as sombrias condições que imperaram na província da Judéia, antes de ter início o trabalho reformador de Esdras e Neemias.

VI. Destino e Razão do Livro

Visto que o objetivo primário de Malaquias era obter a reforma das condições sociais e religiosas de sua nação, levando os judaítas a prestarem um serviço religioso a Deus, digno do nome, de acordo com as condições do pacto mosaico com eles estabelecido, por isso mesmo os seus oráculos dirigiam-se à população local, em melo à qual ele residia. Os membros leigos da teocracia haviam sucumbido, em grande escala, à indiferença, ao ceticismo, à falta de zelo, ao mesmo tempo em que indivíduos menos responsáveis haviam caído a um nível tão baixo a ponto de escarnecerem do culto com suas atitudes lassas (ver Mal. 1:14 e 3:7-12). Os casamentos mistos com mulheres pagãs também contribuíam para a criação desse clima de indiferença, paralelamente à indulgência diante de ritos religiosos pagãos. Isso tudo resultou que o adultério, o perjúrio e a opressão aos pobres tornaram-se generalizados (ver Mal. 3:5).

Malaquias castigou, igualmente, aos sacerdotes de Jerusalém, acusando-os de se terem enfadado diante de seus deveres religiosos, além de se mostrarem indiferentes para com seus deveres de mordomia das finanças do templo. Tudo contribuía, por conseguinte, para manter um clima em que os preceitos da lei do Senhor eram passados para trás com grande facilidade, como se tudo fosse a coisa mais natural. E a casa de Deus e o altar de Deus iam caindo cada vez mais em opróbrio. Diante desse triste espetáculo de desmazelo, exemplificado pela classe sacerdotal, era apenas natural que o povo começasse a mostrar uma mão sovina, e os dízimos devido ao Senhor começaram a ser pecaminosamente retidos, aumentando ainda mais o estado de penúria e abandono a que estava relegada toda adoração ao Senhor. Dessa desonestidade quanto aos dízimos, Malaquias queixa-se em termos claríssimos e candentes: «Roubará o homem a Deus? Todavia vós me roubais, e dizeis: Em que te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas. Com maldição sois amaldiçoados, porque a mim me roubais, vós, a nação toda. Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e provai-me nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós bênçãos sem medida» (Mal. 3:8-10). Destarte, Malaquias reverbera o mesmo tema que se vinha reiterando desde Deuteronômio, de que a bênção divina, sobre o seu povo escolhido do passado, estava condicionada à obediência deles, e, em caso contrário, eles só poderiam esperar castigo. Mas, se viessem a incorrer em lapso, e, então, se arrependessem de suas atitudes e ações, o Senhor renovaria, uma vez mais, as suas bênçãos.

VII. Propósito

O profeta Malaquias parece ter-se preocupado tanto quanto os profetas Ageu e Miquéias, acerca da deterioração da espiritualidade dos exilados repatriados. Apesar de Malaquias não estar em posição de despertar o entusiasmo, acerca da construção de algum símbolo visível da presença divina entre o seu povo, como estiveram aqueles outros dois profetas, ainda assim ele foi capaz de apontar, de dedo em riste, para o centro da enfermidade espiritual que havia afetado os habitantes da Judéia. O seu grande propósito consistia em restaurar a comunhão dos judaítas com o Senhor. E isso ele procurava fazer indicando, diante dos seus contemporâneos, as causas do declínio espiritual deles, e mostrando-lhes, ato contínuo, quais os degraus pelos quais eles deveriam subir, até que a vida espiritual da comunidade judaica pudesse ser revigorada.

Tendo plena consciência do fato de que aqueles elementos deletérios que haviam precipitado a catástrofe do exílio babilônico, em 597 A.C., ainda estavam bem presentes na ordem social de sua época, Malaquias esforçava-se deveras por instruir aos seus conterrâneos as lições ensinadas pela história, guiando-os a um estado de espiritualidade mais profunda. Para ele, esse era o remédio precípuo para as perigosas condições morais, religiosas e espirituais em que se encontravam os habitantes da Judéia, nos seus dias. À semelhança de Ageu, que falara antes dele cerca de um século, a preocupação dominante de Malaquias era que os judeus reconhecessem as prioridades espirituais. Se isso fosse conseguido, então as caóticas condições vigentes sofreriam uma reversão. «Por vossa causa (então) repreenderei o devorador, para que não vos consuma o fruto da terra; a vossa vide no campo não será estéril, diz o Senhor dos Exércitos. Todas as nações vos chamarão felizes, porque vós sereis uma terra deleitosa, diz o Senhor dos Exércitos» (Mal. 3:11,12). Sim, se houvesse correção dos abusos, então haveria tanto prosperidade material, quanto felicidade individual, e boa fama entre as nações estrangeiras.

VIII. Canonicidade

O livro do profeta Malaquias, arrumado em último lugar dentro da coletânea dos chamados «doze profetas menores», nunca teve a sua canonicidade seriamente ameaçada em tempo algum, nem entre os judeus e nem no seio da Igreja cristã. A despeito do livro ser considerado por alguns como uma obra anônima (ver sobre o terceiro ponto, *Autoria,* acima) isso em nada atingiu a sua canonicidade. Todavia, cabe-nos aqui ressaltar que muitos estudiosos, em várias épocas, têm pensado que a obra, originalmente, fazia parte do volume das profecias de Zacarias, mas que, de alguma maneira, essa obra acabou assumindo um caráter de independência, com o nome de «Malaquias». No entanto, certa diferença fundamental, atinente ao pano de fundo histórico dos livros de Zacarias e de Malaquias, exclui inteiramente tal possibilidade. E, embora possa ter havido alguma dúvida quanto ao nome «Malaquias», como um nome próprio, ou como um simples substantivo comum, que teria o sentido de «meu mensageiro» (conforme já tivemos ocasião de comentar), nunca houve qualquer objeção, da parte dos judeus, acerca da própria canonicidade do livro. Ver também o artigo intitulado *Cânon do Antigo Testamento.*

IX. Estado do Texto

Considerando-se o livro de Malaquias como um todo, o texto hebraico da obra tem sido transmitido através dos séculos em boas condições de preservação. Tão-somente existem algumas ligeiras corrupções textuais. No entanto, nesses poucos casos, a versão da Septuaginta (vide) serve de prestimoso auxílio na tentativa dos estudiosos da crítica textual restaurarem o texto do livro de Malaquias. Essa versão do Antigo Testamento para o grego inclui alguma palavra extra ocasional que pode ter sido deslocada do texto hebraico original. Esse fenômeno pode ser averiguado em trechos como Mal. 1:6; 2:2,3 e 3:5. Todavia, é preciso ajuntar aqui que a tradição textual da Septuaginta não é assim tão digna de confiança, quando se trata de emendar o texto hebraico do livro de Malaquias, pois alguns poucos manuscritos da Septuaginta omitiram o texto hebraico do livro em Mal. 3:21.

Um detalhe curioso quanto a isso é que o livro de Malaquias, na Septuaginta, tem apenas três capítulos. Aquilo que a nossa versão portuguesa imprime como Malaquias 4:1-6, a Septuaginta não separa do terceiro capítulo do livro, e apresenta como Malaquias 3:19-24. Entretanto, isso em nada altera o conteúdo do livro.

X. Teologia do Livro

A espiritualidade refletida no livro de Malaquias assemelha-se muito àquela que transparece nos livros dos profetas dos séculos VIII e VII A.C., isto é, Joel, Amós, Oséias, Isaías, Miquéias, Naum, Sofonias,

Jeremias e Habacuque. Malaquias reconhece a soberania absoluta do Deus de Israel, bem como o que está implicado nas relações do pacto com Deus, tendo em mira o desenvolvimento e o bem-estar da comunidade teocrática que voltou do exílio babilônico. Somente o cometimento pessoal às reivindicações justas de Deus poderia assegurar a bênção e a tranqüilidade para a nação e para cada indivíduo. Se, juntamente com Ezequiel, Malaquias dá considerável importância ao correto proceder no campo da adoração ritual, como meio seguro de preservar uma nação pura e santa, por outra parte, ele nunca tentou substituir um coração obediente por meras cerimônias. O verdadeiro serviço que o homem deve prestar a Deus inclui a retidão moral, a justiça e a misericórdia, e isso paralelamente a corretas formas rituais.

Igualmente importante, na teologia expressa no livro de Malaquias, é a sua insistência sobre o fato de que o primeiro passo na direção de uma apropriada relação espiritual com Deus é o *arrependimento,* embora ele mesmo não tenha usado nenhum dos vocábulos hebraicos que são assim traduzidos no Antigo Testamento, a não ser *shub,* por três vezes (3:7,18). Mas, a idéia de arrependimento, de voltar-se para Deus de todo o coração, transparece continuamente no livro de Malaquias. Ver o artigo sobre o *Arrependimento,* no tocante às palavras correspondentes no hebraico.

Devido às muitas objeções que tinham sido levantadas contra a abordagem tradicional ao problema do mal, Malaquias sentiu ser necessário enfatizar o fato de que a iniqüidade jamais haveria de passar sem punição, posto que o castigo divino fosse sendo postergado, devido à entranhável misericórdia de Deus. O Senhor, pois, continha-se, não descarregando imediatamente a sua ira. É o que diz, por exemplo, em Mal. 3:6: «Porque eu, o Senhor, não mudo; por isso vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos».

No tocante aos ensinos escatológicos, Malaquias segue bem de perto os pensamentos de Amós e Sofonias, ao esboçar as condições que haveriam de imperar durante «o dia do Senhor». Para Malaquias, esse dia é *insuportável:* «Mas quem pode suportar o dia da sua vinda? e quem subsistir quando ele aparecer? (Mal. 3:2). Esse dia também é *consumidor:* «...Porque ele (o dia da sua vinda) é como o fogo do ourives e como a potassa dos lavandeiros» (Mal. 3:2b). Esse dia é *purificador:* «Assentar-se-á como derretedor e purificador de prata; purificará os filhos de Levi e os refinará como ouro e como prata». (Mal. 3:3). Esse dia também é *seletivo:* «Eles serão para mim particular tesouro naquele dia que prepararei... Então vereis outra vez a diferença entre o justo e o perverso entre o que serve a Deus e o que não o serve» (Mal. 3:17,18). Esse dia é dia de *julgamento*: «Pois eis que vem o dia, e arde como fornalha; todos os soberbos, e todos os que cometem perversidade, serão como o restelho; o dia que vem os abrasará, diz o Senhor dos Exércitos, de sorte que não lhes deixará nem raiz nem ramo» (Mal. 4:1). Aquele é um dia de *vitória* para os que temem ao Senhor: «Pisareis os perversos, porque se farão cinzas debaixo das plantas de vossos pés, naquele dia que prepararei, diz o Senhor dos Exércitos» (4:3). Aquele é um dia *memorável* e *espantoso,* dentro da teologia de Malaquias: «Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor» (Mal. 4:5). É muito apropriado que o livro de Malaquias, o último livro profético do Antigo Testamento, tenha voltado a vista tão decidida e insistentemente para o *dia* do Senhor dos Exércitos. Toda a literatura apocalíptica da Bíblia—Antigo e Novo Testamentos—confirma essa propriedade!

O «dia do Senhor», ao contrário do que andavam pregando os falsos profetas, no dizer de Malaquias será um tempo de calamidade, e não de bênçãos. Pois será, então, que pecadores auto-iludidos haverão de ser castigados por haverem violado o pacto com o Senhor e abusado de sua misericórdia e longanimidade!

É grato observarmos que Malaquias introduziu um tema original, sem igual em todo o Antigo Testamento, a saber, um livro de memórias de Deus, onde os atos dos justos ficam eternamente registrados. Isso transparece em Mal. 3:16: «Então os que temiam ao Senhor falavam uns aos outros; o Senhor atentava e ouvia; havia um memorial escrito diante dele para os que temem ao Senhor, e para os que se lembram do seu nome». A impressão que se tem é que a fé tornar-se-á tão rara, a justiça andará tão escassa entre os homens, que Deus considerará os justos dos tempos do fim uma autêntica preciosidade, chegando a mostrar-se atento aos diálogos entre eles e anotando por escrito todos os seus atos de justiça. Com essa idéia devemos comparar o que disse o Senhor Jesus, em certa oportunidade: «Contudo, quando vier o Filho do homem, achará porventura fé na terra?» (Luc. 18:8). E é notável que ele tenha proferido essas palavras, tão esclarecedoras sobre as injustiças que prevalecerão no tempo do fim, após ter contado a não menos esclarecedora parábola do juiz iníquo. Em termos absolutos, durante o «dia do Senhor», haverá a maior colheita de almas de todos os tempos, segundo se pode depreender de Apocalipse 7:4-9. Nessa passagem do último livro da Bíblia fala-se sobre os cento e quarenta e quatro mil israelitas salvos durante a Grande Tribulação e de «grande multidão, que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos...» Mas, em termos relativos, o número dos que temerão a Deus será diminuto. Pois a humanidade inteira estará seguindo ao anticristo, com a única exceção daqueles cujos nomes estão escritos no livro da vida. Ver Apo. 13:8. É evidente que Malaquias não tinha em vista todo esse dantesco quadro escatológico, mas também não se deve duvidar de que o Apocalipse mostra-nos um desdobramento de tudo quanto a Bíblia dissera anteriormente sobre o «dia do Senhor»; e, com toda a certeza, nesse desdobramento temos de incluir a contribuição de Malaquias para as idéias escatológicas. De fato, Malaquias é citado por duas vezes no livro de Apocalipse, segundo se vê na lista seguinte: em Apo. 6:17 (Mal. 3:2); e em Apo. 11:3 *ss* (Mal. 4:5, no tocante a Elias, que muitos pensam que será uma das duas testemunhas do fim). No primeiro desses dois casos temos uma citação bastante direta, alusiva ao caráter consumidor e insuportável do «dia do Senhor». Já o segundo caso é mais problemático. Todavia, é inegável que o livro de Malaquias contém uma preocupação escatológica muito grande, conforme vimos acima.

O desenvolvimento da idéia do «dia do Senhor», tomando-se por base o que Malaquias tinha a dizer a respeito, tornou-se importante na doutrina da vida além-túmulo, tão bem desenvolvida no Novo Testamento, embora de forma alguma desconhecida no Antigo Testamento, mormente nos livros poéticos e proféticos.

Outra ênfase característica de Malaquias é aquela sobre a personagem de um «precursor», que anunciava a vinda do Senhor, ao tempo do julgamento final. Visto que esse indivíduo é identificado com um Elias redivivo (cf. II Reis 2:11), parece provável que esse precursor é concebido por Malaquias como uma figura profética que haveria de oferecer, a um povo desobediente, uma última oportunidade de arrepender-se, antes da eclosão do julgamento divino. Não podemos olvidar que nosso Senhor, Jesus Cristo, considerou essa profecia de Malaquias como predição que encontrou cumprimento na pessoa e na obra de João Batista (ver Mar. 9:11,13); e também que a Igreja primitiva via o cumprimento dessa predição de Malaquias na relação entre o trabalho desenvolvido por João Batista e aquele do Senhor Jesus (ver Mar. 1:2; Luc. 1:17). No entanto, muitos eruditos têm opinado que a profecia de Malaquias a respeito de Elias não se consumou no ministério de João Batista, mas que só encontrará seu cabal cumprimento na pessoa de uma das testemunhas do Apocalipse (cap. 11). Essa não é uma questão tão um importância como alguns têm dito, porquanto há muita coisa que depende da correta compreensão dessas predições para o fim. Aqueles que pensam que Elias voltará uma terceira vez (a segunda teria sido no caso de João Batista), ainda que não sob a forma de reencarnação, mas apenas como atuação espiritual, apontam para o fato de que Malaquias diz: «...enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor» (Mal. 4:5). No entanto, visto que o ministério de João Batista

ocorreu entre os dias de Malaquias e a segunda vinda do Senhor Jesus, outros pensam que a obra do precursor de Jesus Cristo esgotou aquela predição de Malaquias. Esses têm como seu argumento definitivo outra declaração do Senhor Jesus, em Mar. 9:13: «Eu, porém, vos digo que Elias já veio, e fizeram com ele tudo o que quiseram, como a seu respeito está escrito». Ao que parece, só os próprios acontecimentos apocalípticos do fim poderão esclarecer essa dúvida!

XI. Esboço do Conteúdo

A profecia de Malaquias pode ser analisada em esboço, como segue:

a. Titulo (1:1)
b. Primeiro Oráculo (1:2-5)
c. Segundo Oráculo, em forma de diálogo (1:6—2:9)
d. Terceiro Oráculo (2:10-16)
e. Quarto Oráculo (2:17—3:5)
f. Quinto Oráculo (3:6-12)
g. Sexto Oráculo (3:13—4:3)
h. Conclusão (4:4-6)

Passaremos a comentar, de modo abreviado, sobre esses seis oráculos e sobre a conclusão do livro de Malaquias:

Primeiro Oráculo — Esse oráculo segue o pensamento do profeta Oséias, reafirmando seus protestos do amor divino pelo povo escolhido do Senhor. Assim, embora as condições econômicas dos exilados judeus repatriados estivessem longe de ser ideais, quando Malaquias escreveu, os seculares adversários de Israel—os edomitas—haviam exultado diante da queda de Jerusalém (ver Sal. 137:7). Mas, a verdade é que Edom sofrera um desastre muito maior que o de Israel. E, em comparação com o juízo divino contra Edom, eram bem evidentes as bênçãos do amor divino por Israel. Essa idéia transparece claramente nas palavras de Malaquias: «...amei a Jacó, porém, aborreci a Esaú...» (Mal. 1:2,3). Visto que Jacó dentro dessa linguagem metafórica, representa os escolhidos, e que Esaú representa os rejeitados, encontramos aí um princípio básico—o princípio da eleição. Ver Rom. 9:10-13. Portanto, que Israel se regozijasse nesse seu grande privilégio de um imorredouro amor divino!

Segundo Oráculo—Encontramos nesse segmento do livro de Malaquias um interessantíssimo diálogo usado para denunciar a hierarquia sacerdotal, devido ao seu fracasso em fornecer o tipo de liderança moral, religiosa e espiritual que a nação restaurada de Judá precisava, a fim de que tivessem sido evitados os males que agora a afligiam. Longe de honrarem a Deus, no desempenho fiel e zeloso de seus deveres sacerdotais, aqueles sacerdotes tinham-se mostrado indiferentes, e até mesmo zombeteiros, no desempenho de seus deveres. Dessa maneira, eles profanavam o altar do Senhor. No diálogo deles com o Senhor, os sacerdotes indagavam: «Em que te havemos profanado» E o Senhor respondeu: «Nisto, que pensais: A mesa do Senhor é desprezível». Chegavam a oferecer animais que não julgariam dignos de ser presenteados ao governador persa. Isso posto, o culto cerimonial, prestado ao Senhor, era desvalorizado, em relação aos holocaustos oferecidos pelos pagãos, cujas regras de propriedade eram muito mais exigentes. Assim, se o sacerdócio levítico anterior ao exílio havia exibido certa integridade espiritual, seus sucessores pós-exílicos corriam o perigo de cair no desagrado do Senhor, imitando seus antepassados, de pouco tempo antes do exílio babilônico. O ideal do sacerdócio é expresso em Mal. 2:6,7: «A verdadeira instrução esteve na sua (de Levi; ver o vs. 4) boca, e a injustiça não se achou nos seus lábios; andou comigo em paz e em retidão, e da iniqüidade apartou a muitos. Porque os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca devem os homens procurar a instrução, porque ele é mensageiro do Senhor dos Exércitos». Como estamos vendo, um sacerdote deveria ser qual um evangelista. No entanto, a grande fraqueza dos sacerdotes levíticos do Antigo Testamento consistia no fato de que eles não levavam a sério essa função evangelística, mas pensavam que lhes bastava ocuparem-se das suas funções rituais!

Terceiro Oráculo—Um dos motivos mais fortes da não aceitação da adoração cerimonial dos judeus, por parte do Senhor Deus, consistia na infidelidade conjugal deles. Visto que os judeus repatriados não davam grande importância as injunções levíticas e às implicações da vida comunitária, dentro da aliança com Deus, por isso mesmo, nossa frouxidão, não pensavam ser importante manter fidelidade às mulheres legítimas com quem se tinham casado na mocidade. Pelo contrário, «repudiavam» suas esposas judias e procuravam esposas estrangeiras. Isso, naturalmente, importava na degradação da família e do lar, com graves conseqüências para os filhos e para a sociedade como um todo. Aliás, em todos os séculos e em todos os países, sempre que a família é devidamente honrada, a sociedade e a moralidade vão bem. A nossa própria época se assemelha àqueles dias de Malaquias, onde os casais se juntam frouxamente, sem qualquer senso de responsabilidade de um para com o outro, e de ambos para com os possíveis filhos. Estamos na época das «amizades coloridas», em que um homem e uma mulher passam a morar juntos como se tudo não passasse de uma experiência que pode ser repetida com outros companheiros ou companheiras. Esse tipo de leviandade no matrimônio é o ponto visado nesse terceiro oráculo de Malaquias. E isso, incidentalmente, mostra-nos que o «dia do Senhor» não anda longe. Essa concentração dos pensamentos no sexo, sem um conseqüente senso de responsabilidade, é um dos sinais que advertem aos atentos acerca da proximidade da volta do Senhor. Jesus mesmo ensinou isso: «Assim como foi nos dias de Noé, será também nos dias do Filho do homem: Comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca, e veio o dilúvio e destruiu a todos... Assim será no dia em que o Filho do homem se manifestar» (Luc. 17:26,27,30). Essa história se repete todas as vezes em que Deus esta as vésperas de fazer decisiva intervenção nas atividades humanas, a fim de estancar os abusos!

Malaquias, pois, deixou claro que tal tipo de pecado certamente não ficaria sem a devida punição. «O Senhor eliminará das tendas de Jacó o homem que fizer tal, seja quem for...» (Mal. 2:12). De nada adiantava o povo mostrar-se religioso e piegas, cobrindo de lágrimas, de choro e de gemidos «o altar do Senhor» (vs. 13), enquanto estivessem andando em infidelidade conjugal!

Quarto Oráculo — Esse quarto segmento principal do livro de Malaquias fala sobre a intervenção divina a fim de julgar. Por assim dizer, Deus se cansara da queixa popular comum que dizia que, por não fazer ele intervenção, estaria aprovando a iniqüidade dos Ímpios. Tornara-se comum os judeus comentarem uns para os outros: «Qualquer um que faz o mal passa por bom aos olhos do Senhor, e desses é que ele se agrada». E também: «Onde está o Deus do Juízo?» Isso constituía uma grande maldade, quase um desafio para que Deus se manifestasse. A resposta de Malaquias é que Deus, por ser justo, haveria de sobrevir subitamente à nação de Judá, — com julgamento. E a prova disso é que ali estava ele, Malaquias, o mensageiro do Senhor, a dar aviso. «Eis que eu envio o meu mensageiro, que preparará o caminho diante de mim; de repente virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais, o Anjo da aliança a quem vós desejais; eis que ele vem, diz o Senhor dos Exércitos».

O propósito dessa intervenção divina, pois, seria o de separar os fiéis dentre os Ímpios. E o sacerdócio que atuava no templo seria o primeiro a sentir o rigor do julgamento divino: «...purificará os filhos de Levi, e os refinará como ouro o como prata...» Feito isso, o Senhor voltar-se-ia para as massas populares, com igual rigor, brandindo o látego contra todos os abusadores. «Chegar-me-ei a vós outros para juízo; serei testemunha veloz contra os feiticeiros, contra os adúlteros, contra os que juram falsamente, contra os que defraudam o salário do jornaleiro e oprimem a viúva e o órfão, e torcem o direito do estrangeiro, e não me temem, diz o Senhor dos Exércitos». Tudo isso não parece uma descrição de nossos próprios dias? Portanto, cuidado! A história se repete!

Somente depois de toda essa intervenção purificadora, insiste Malaquias, é que seria agradável ao Senhor «...a oferta de Judá e de Jerusalém... como nos dias antigos, e como nos primeiros anos.» (vs. 4).

Quinto Oráculo — Nessa porção de sua mensagem, Malaquias faz cair completamente sobre os ombros de seu povo a responsabilidade por toda a situação caótica que estava imperando na nação. A coerência de Deus proibia que ele mudasse de atitude (adversa) para com eles, sem uma boa razão. Se os judeus haviam mudado em alguma coisa, haviam mudado para pior. «Desde os dias de vossos pais vos desviastes dos meus estatutos, e não os guardastes...» A solução para essa atitude rebelde, pois, é dada logo em seguida: «...tornai-vos para mim, e eu me tornarei para vós outros, diz o Senhor dos Exércitos». No entanto, eles se faziam de mal-entendidos: «Em que havemos de nos tornar?» Nessa teimosia, pois, eles haviam chegado ao extremo de *roubar a Deus,* negando os dízimos devidos à casa do Senhor!

Somente quando essa deficiência econômica fosse corrigida, os judeus poderiam esperar prosperidade material. Se obedecessem quanto a esse aspecto pecuniário, o Senhor faria intervenção favorável às suas plantações, repreendendo aos gafanhotos e outras pragas («repreenderei o devorador»), ao ponto de causarem os judeus inveja aos povos vizinhos (vs. 12)!

Sexto Oráculo — Esse último oráculo de Malaquias aborda, uma vez mais, o grave problema da maldade da vida humana. Esse tema já havia sido ventilado em Mal. 2:7. Os membros devotos da teocracia, perplexos diante do fato de que indivíduos arrogantes e incrédulos, na sua própria nação, pareciam prosperar mais do que seus compatriotas piedosos, aparentemente sem sofrerem qualquer repreensão da parte do Senhor, estavam começando a questionar se valia a pena viver em obediência aos mandamentos de Deus. Essa queixa aparece em Mal. 3:14,15: «Vós dizeis: Inútil é servir a Deus; que nos aproveitou termos cuidado em guardar os seus preceitos, e em andar de luto diante do Senhor dos Exércitos! Ora, pois, nós reputamos por felizes os soberbos; também os que cometem impiedade prosperam, sim, eles tentam ao Senhor, e escapam». Em resposta a tão amargo e injusto queixume, o profeta Malaquias mostra que Deus tomava nota dos piedosos, daqueles que «temiam ao Senhor». Dessa maneira, quando raiasse o dia do julgamento divino, o Senhor haveria de lembrar-se da vida virtuosa dos fiéis e tementes, deixando claro que aqueles que O servem com fidelidade jamais perderão a sua recompensa. Destarte, o julgamento ameaçado contra os ímpios, haveria de destruí-los em suas iniqüidades, ao mesmo tempo em que os crentes piedosos haveriam de desfrutar de felicidade e bênção. Esses dois destinos tão diferentes — o dos ímpios e o dos piedosos — transparecem em Mal. 4:1—3. Queremos destacar aqui o que Malaquias diz a respeito da felicidade e bem-aventurança daqueles que agora obedecem ao Senhor: «Mas para vós outros que temeis o meu nome nascerá o sol da justiça, trazendo salvação nas suas asas; saireis e saltareis como bezerros soltos da estrebaria» (Mal. 4:2). Ah! o júbilo final dos remidos, vendo reivindicada pelo próprio Senhor a causa deles! Então os salvos verificarão, em sua próxima experiência gloriosa, que vale a pena servir ao Senhor do universo, com fidelidade e amor!

Conclusão do Livro — Os versículos finais do livro de Malaquias (4:4-6) têm sido considerados, por alguns eruditos, como uma adição editorial feita ao livro. Eles argumentam assim com base no fato de que esses versículos sumariam a mensagem inteira do livro. Outros apontam que assim devemos pensar, sob a alegação de que, dali por diante, o povo deveria voltar-se para a legislação mosaica como fonte de instrução e direção, agora que, com Malaquias, cessara de vez a voz da profecia. O primeiro desses argumentos ainda tem alguma razão de ser. Mas o segundo é simplesmente insustentável, porquanto, depois de Malaquias, tivemos o ministério de João Batista, o que segundo esclareceu o Senhor Jesus, era «mais do que um profeta» (ver Mat. 11:9). Além disso, porventura já houve profeta maior do que o próprio Senhor Jesus? E é no espírito dessa convicção que devemos entrar no Novo Testamento até hoje, porquanto se lê em Apocalipse: «...o testemunho de Jesus é o espírito da profecia» (19:10)!

Uma última Observação — Que contraste entre o Antigo e o Novo Testamentos! O antigo pacto termina com uma ameaça velada: «...para que eu não venha e fira a terra com maldição» (Mal. 4:6). Mas o Novo Testamento encerra-se com uma bênção muito ampla: «A graça do Senhor Jesus seja com todos» (Apo. 22:21)! Sim, a lei era o ministério da condenação (ver II Cor. 3:9), mas em Cristo há salvação eterna para todos os que crêem (ver Rom. 1:16)!

MALAQUITA

Esse é um minério de cobre (carbonato de cobre hidratado básico), que pode ser encontrado em várias nuanças de cor e é usado para propósitos ornamentais. Em Est. 1:6, onde nossa versão portuguesa diz «pórfiro», algumas traduções dizem «malaquita». Uma das principais fontes de malaquita são os montes Urais, perto de Nizhni-Taglish. A história mostra-nos que havia importantes depósitos desse minério na Arabá (ver Deu. 8:9).

MALCÃ

No hebraico, «pensante». Consideremos os dois pontos abaixo:

1. Esse era o nome de um benjamita (ver I Crô. 8:9), o quarto dos sete filhos de Saaraim e sua esposa, Hodes. Ele viveu em torno do 1612 A.C.

2. Algumas traduções também estampam essa palavra em Sof. 1:5. Mas a nossa versão portuguesa diz *Milcom.* Esse nome tanto pode ser referência a algum ídolo, quanto também pode significar «rei deles». Também há certa variação na soletração, entre *Malcom* e *Malcã.*

MALDIÇÃO

Várias palavras hebraicas e gregas são assim traduzidas. No hebraico: *Alah,* «juramento», «imprecação», «execração» (usada por trinta e cinco vezes, como em Núm. 5:21,23,27; Deu. 29:19-21; Jó. 31:30; Zac. 5:3). *Qelalah,* «coisa pouco valorizada», «pinóia» (usada por quarenta e duas vezes, como em Gên. 27:12,13; Deu. 11:26,28,29; Juí. 9:57; Pro. 26:2; 27:14; Jer. 24:8; 25:18; 44:8,12,22; 49:13; Zac. 8:13). *Meerah,* «maldição», «execração» (usada por cinco vezes, como em Pro. 3:33; 28:27; Mal. 2:2; 3:9; Deu. 28:20). No grego: *Katára,* «maldição» (usada por cinco vezes: Gál. 3:10,13; Heb. 6:8; Tia. 3:10; II Ped. 2:14). *Katanáthema,* «coisa execrada» (usada por uma vez somente, em Apo. 22:3), *Epikatáratos,* «maldito» (usada por duas vezes: Gál. 3:10, citando Deu. 27:26; e Gál. 3:13, citando Deu. 21:23). *Anathematízo,* «anatematizar», «amaldiçoar» (usada por quatro vezes: Mar. 14:71; Atos 23:12,14,21). Esta última palavra corresponde ao termo hebraico *cherem,* «maldição» (usada por vinte vezes com esse sentido: Jos. 6:17,18; 7:1,12,13,15; 22:20; I Crô. 2:7). Ver o artigo separado sobre *Anátema.*

1. O sentido básico é maldição, palavras duras proferidas com o intuito de prejudicar, geralmente com a idéia que forças extraterrenas, demoníacas ou divinas, são invocadas para tornar a maldição efetiva. Assim, um homem profere uma maldição, na esperança de injuriar a outro (Jó. 31:30; Gên. 12:3). Algumas vezes, uma maldição era usada em conjunção com uma promessa, como uma espécie de afirmação que garantia seu cumprimento (Gên. 24:41). Noé amaldiçoou seu neto, Canaã (Gên. 9:25); Jacó amaldiçoou a fúria de dois de seus filhos (Gên. 49:7). Moisés convocou o povo para amaldiçoar os violadores da lei (Deut. 27:15,16). Certas maldições eram estritamente proibidas, como a maldição contra o pai ou a mãe (Êxo. 21:17), alguém que era surdo (Lev. 19:4), ou os líderes do povo (Êxo. 22:28). Amaldiçoar a Deus era pecado castigado com a morte, o que também ocorria no caso de maldições contra os *próprios* pais (Lev. 24:10,11).

2. *As Maldições de Deus.* A serpente que seduziu Eva foi amaldiçoada (Gên. 3:14); Caim foi amaldiçoado (Gên. 4:11); os que abençoam a Abraão são benditos por Deus, mas os que o amaldiçoam, são amaldiçoados por Deus (Gên. 12:3). A lei mosaica torna-se uma maldição para aqueles que não a obedecem (Zac. 5:1-4). A mensa-

gem espiritual pode tornar-se uma bênção ou uma maldição para as pessoas, tudo dependendo de como elas a acolhem (Deu. 30:19).

3. *As Maldições e Cristo.* A palavra de Jesus era poderosa para curar (Mat. 8:8,16), mas também envolvia uma poderosa maldição, como no caso da figueira que se ressecou (Mar. 11:14,20,21). Cristo nos redime da maldição da lei, por haver-se feito maldição em nosso lugar (Gál. 3:13; Rom. 8:1). A cruz envolvia a idéia de maldição contra o indivíduo crucificado, conforme esse trecho da epístola aos Gálatas nos mostra.

4. *Leis Regulamentadoras.* Os hebreus levavam a sério as maldições, como, de resto, sucede a muitos povos primitivos de nossos dias. Uma maldição não era considerada um mero desejo, mas era tida como uma força poderosa. Em sentido positivo, a mesma coisa se dava com as bênçãos proferidas. Essa é a razão pela qual certas maldições eram proibidas, como aquelas contra os pais, os governantes e os surdos, conforme se mencionou acima. Como medida prática, a fim de que a notícia não se propalasse, o escritor de Eclesiastes (10:20) sugere que uma pessoa não amaldiçoe nem o rei e nem os ricos.

5. *Ponto de Vista Cristão.* Nenhum crente sensível e espiritual profere uma maldição contra alguém. Uma maldição pode ser como um tiro pela culatra. Além disso, Jesus ensinou: «...bendizei aos que vos maldizem, orai pelos que vos caluniam» (Luc. 6:28). E Paulo escreveu: «...abençoai aos que vos perseguem, abençoai, e não amaldiçoeis» (Rom. 12:14).

MALHADOS

Ver sobre **Listados.**

MALI

No hebraico, «fraco», «enfermiço». Esse nome designa duas pessoas, nas páginas do Antigo Testamento:

1. O filho mais velho de Merari, neto de Levi (Êxo. 6:19; Núm. 3:20; I Crô. 6:19; 23:21; 24:26; Eze. 8:18). Ele teve três filhos chamados Libni (I Crô. 6:29), Eleazar e Quis (I Crô. 23:21; 24:28). Seus descendentes eram chamados malitas (Núm. 3:33; 26:28). Foi-lhes outorgado um serviço específico; juntamente com os musitas (mesma referência), a saber, o de carregarem as armações e outras peças do tabernáculo e de seu equipamento (ver Núm. 4:31-33).

2. Um filho de Musi, filho de Merari. Ele era sobrinho do Mali acima (número 1) (I Crô. 23:33; 24:30). Tinha um filho de nome Semer (I Crô. 6:47). Viveu antes de 1440 A.C.

MALICÍA

Um dos vícios humanos ou **obras da carne**, usando uma expressão mais bíblica. Essa palavra é tradução de diversas palavras gregas, a saber:

Kakía, um termo geral para indicar o mal em qualquer de suas manifestações. Ver, por exemplo, I Cor. 5:8. Se essa palavra puder ser distinguida de outro vocábulo grego, *ponería* (um sinônimo usual), então pode indicar o princípio da malícia ou do mal, ao passo que *ponería* seriam suas manifestações externas. Mas, distinções dessa natureza, usualmente, não resistem ao texto dos léxicos. A Septuaginta usa essas palavras como sinônimos perfeitos, ao passo que a Vulgata Latina usa tanto *malitia* quanto *nequitia* para traduzir tanto kakía quanto *ponería*. Lugares onde a palavra «malícia» tem sido usada para traduzir aquelas palavras gregas, em algumas traduções, são: I Cor, 5:8; Efé. 4:31; Col. 3:18; Tito 3:3; I Ped. 2:1 e Rom. 1:29. Nesta última referência, *malícia* aparece como um dos vícios dos pagãos rebeldes contra Deus. A forma adjetivada é encontrada em I Ped. 2:16: «...como livres que sois, não usando, todavia, a liberdade como pretexto da malícia, mas vivendo como servos de Deus».

A palavra portuguesa *malícia* vem do latim, *malus* «mau». Mas seu uso indica a disposição de prejudicar de forma astuta, usualmente com base no ódio, na malquerença. Os homens que não sentem os efeitos da regeneração dispõem de uma natureza basicamente maligna, que os leva a fazerem o que fazem. Essa natureza má e maliciosa é mais profunda do que a genética e o meio ambiente, porquanto reside na própria alma.

MALOM

No hebraico, «doentio». Esse era o nome do filho mais velho de Elimeleque, o belemita e Noemi. Ele casou-se com Rute, a moabita, mas não deixou filhos (ver Rute 1:2,5; 4:9,10). Viveu em torno de 1070 A.C. Foi assim que, subseqüentemente, Rute casou-se com Boaz e tornou-se parte da linhagem ancestral do Senhor Jesus.

MALOTI

No hebraico, «**Yah** (forma abreviada de **Yahweh**) fala» ou «*Yah* é esplêndido». Esse era o nome de um dos catorze filhos de Hemã (I Crô. 25:4). Ele foi o chefe do décimo nono turno de músicos levitas que Davi nomeou para o serviço sagrado, no templo de Jerusalém (I Crô. 25:26). Ele viveu em cerca de 1014 A.C.

MALQUIAS

No hebraico, «meu rei é Yah (o Senhor)». Esse nome apresenta variantes tanto no texto hebraico quanto nas traduções. Nas traduções, nota-se um esforço por uniformizar a forma do nome. Jeremias é livro que apresenta a forma hebraica *Malkiyyahu*. As versões modernas derivam-se da forma com que o nome figura na Septuaginta, *Melcheías*, que também sofre variações em diferentes manuscritos. Várias personagens bíblicas tinham esse nome, sob uma forma ou outra:

1. Presumivelmente, o filho do rei (de Zedequias). Seja como for, ele era o proprietário da cisterna onde os inimigos de Jeremias o lançaram. O rei Zedequias fingiu não ter autoridade para impedir o ato.

2. O pai de Pasur, um nobre que, juntamente com vários outros, foi um dos perseguidores de Jeremias (Jer. 21:1; 38:1). Ele aparece alistado entre os sacerdotes (I Crô. 9:12). O trecho de Nee. 11:12 apresenta-nos uma genealogia mais completa.

3. Um homem alistado entre os sacerdotes, em I Crô. 24:9.

4. Outro sacerdote, que aparece na lista de Nee. 12:42.

5. Outro sacerdote que expressou sua aprovação pelo novo pacto, firmado sob a direção de Neemias, e que haveria de governar a conduta do remanescente judeu que voltara do cativeiro babilônico. Ver Nee. 10:3. Alguns identificam-no com um homem mencionado em associação com Esdras, e que esteve ao seu lado, enquanto ele lia a lei de Moisés aos ouvidos do povo (ver Nee. 8:1-14).

6. Um homem que ocupava a nona posição, após Levi, na genealogia de I Crô. 6:40. Naturalmente, ele era levita.

7. Um homem que foi obrigado a desfazer-se de sua esposa estrangeira, com a qual contraíra matrimônio durante o cativeiro babilônico. Pertencia à família de Parós (Esd. 10:25). Um outro homem, com esse mesmo nome, e envolvido nas mesmas circunstâncias era filho de Harim. Ver Nee. 3:11.

8. Dois homens que ajudaram a reconstruir as muralhas de Jerusalém, sob a direção de Neemias, também tinham esse nome. Um deles era filho de Recabe, e reparou a Porta do Monturo (Nee. 3:14); o outro, filho de um ourives, reparou a área defronte da Porta da Guarda (Nee. 3.31).

MALQUIEL

No hebraico, «Deus é rei». Nome de um filho de Berias, que, por sua vez, era neto de Aser (ver Gên. 46:17; Núm. 26:45; I Crô. 7:31). Seus descendentes, *os malquielitas,* são mencionados em Núm. 26:45. Ele viveu em torno de 1856 A.C.

MALQUIRÃO

No hebraico, «meu rei é exaltado». Ele era filho de Jeconias (Jeoaquim) e descendente de Davi (I Crô. 3:18). Viveu em cerca de 598 A.C.

MALQUISUA

No hebraico, «meu rei (Deus) salva». Esse era o nome do terceiro filho de Saul (I Sam. 14:49). Sua mãe se chamava Ainoã. Malquisua foi morto pelos filisteus, na batalha do monte Gilboa (ver I Sam. 31:2; I Crô. 10:2). Viveu em torno de 1053 A.C.

MALUQUE

No hebraico, «dirigente», «conselheiro». Esse foi o nome de certo número de pessoas, nas páginas do Antigo Testamento:

1. Um levita que pertencia ao ramo de Merari. Ele foi antepassado de Etã, o cantor (I Crô. 6:44). Viveu em cerca de 1014 A.C.

2. Um descendente de Bani, ou que residia em Bani. Foi forçado a divorciar-se de sua esposa estrangeira, com a qual se casara durante o cativeiro babilônico. Tendo retornado a Jerusalém, os judeus firmaram um pacto, restaurando a antiga adoração, o que não permitia casamentos com não israelitas. Ver Esd. 10:32. Ele viveu em torno de 459 A.C.

3. Um descendente ou filho de Harim. Ele também foi obrigado a desfazer-se de sua esposa estrangeira, com a qual se casara durante o cativeiro babilônico. Ver Esd. 10:32. Viveu em torno de 459 A.C.

4. Um sacerdote que acompanhou a Zorobabel com o remanescente que voltou à Palestina depois do cativeiro babilônico (Nee. 12:2). Um homem com esse nome assinou o pacto de renovação nacional e religiosa, sob a direção de Neemias (ver Nee. 10:4). Isso aconteceu por volta de 445 A.C. A mesma pessoa poderia estar em foco nessas duas passagens, embora também possa haver alusão a dois homens diferentes, não havendo como encontrar solução para o problema.

5. Um líder dos israelitas, que assinou o pacto, sob a orientação de Neemias (ver Nee. 10:27).

6. Um membro de uma família de sacerdotes, que assinou o pacto sob a orientação de Neemias (ver Nee. 12:2), talvez idêntico ao número quatro, acima.

MALUQUI

No hebraico, «meu conselheiro». Termo usado para designar uma família de sacerdotes que, juntamente com Zorobabel, voltou do cativeiro babilônico (ver Nee. 12:14). Ele viveu em torno de 445 A.C.

MALVA

Esse arbusto perenemente verde é mencionado exclusivamente em Jó 30:4: «Apanham malvas e folhas de arbustos, e se sustentam de raízes de zimbro». Os intérpretes acham que está em vista a espécie *Atriplex halimus*. Essa espécie vegetal chega até cerca de 2.75 m de altura. Suas folhas são verdes acinzentadas. Suas folhas são bem dispersas, e a árvore produz flores, embora a intervalos longos. Visto que as folhas são comestíveis, servem de alimento para os pobres de certas regiões, que as comem como uma espécie de salada. O termo hebraico correspondente, *maluah,* indica algo «salgado», e isso devido à circunstância que a planta medra em solos com certo teor de sal. Unger informa-nos que, mesmo depois de cozidas, suas folhas são amargas, fornecendo pouca nutrição, embora as populações pobres se vejam reduzidas a consumi-las.

MANÁ

Maná deriva-se de um termo hebraico, **man** (que significa o *que*) pois haviam perguntado: *Que é isto?* Porém, outros estudiosos acreditam que a palavra vem do verbo *manah,* que significa «distribuir». O vocábulo grego *manna* quer dizer um bocado de cereal. Muitas explicações naturalistas têm sido oferecidas para explicar a natureza do «maná». Alguns pensam que se tratava da *tarfa,* uma espécie de tamargueira que exsuda em maio, durante cerca de seis semanas, do tronco e dos ramos dessa planta formando uma substância que assume a forma de pequenos grãos redondos e brancos. Tais grãos são apanhados dos raminhos e das folhas caídas. Os árabes, após preparem os grãos, usam-nos como espécie de mel, para ser passado no pão. Por outro lado, sabe-se que na península do Sinai certos insetos produzem excreções parecidas com mel, sobre os raminhos das tamargueiras. Tratam-se de gotículas pegajosas, de cor clara, muito doces. Outros insetos produtores de substâncias melíferas também são conhecidos nessa região, como certas espécies de cigarras, por exemplo. Assim sendo, alguns estudiosos têm interpretado que o *maná* era meramente um produto natural, usualmente abundante, que o povo de Israel imaginou ter origem miraculosa. Outros, ainda, acreditam que Deus multiplicou miraculosamente o suprimento de alimento, aumentando grandemente o que se poderia esperar dessas plantas ou insetos. Mas outros intérpretes preferem crer que se tratava de um milagre completo, uma substância qualquer que realmente descia do céu. Essa é a interpretação comum dos judeus, sobre a questão. Philip Schaff, *in loc.,* no Lange's Commentary diz o seguinte: «Foi um fenômeno natural, mas miraculosamente aumentado, de maneira extraordinária, pelo poder de Deus, tendo em vista um propósito especial... segundo a analogia das pragas do Egito, quando houve a multiplicação sobrenatural de insetos e outras pestes». Todavia, ainda outros estudiosos, preferindo defender a interpretação totalmente miraculosa sobre o fato, salientam que o produto natural, a sua natureza e a sua quantidade, não podem ser explicados pelas descrições existentes no décimo sexto capítulo do livro de Êxodo, e que se deve compreender ter havido alguma manifestação celeste.

Seja como for, foi uma ocorrência das mais extraordinárias, que deve ser atribuída inteiramente a Deus. E os judeus, pois, esperavam ver uma operação miraculosa ainda mais extraordinária, da parte do Messias.

MANAATE (MANAATITAS)

No hebraico, «lugar de descanso». Em nossa versão portuguesa, esse era o nome de um homem e de uma cidade, conforme se vê abaixo:

1. O segundo dos cinco filhos de Sobal, filho de Seir, o horeu (Gên. 36:23; I Crô. 1:40). Ele era idumeu. Seir, o horeu, deu seu nome àquela porção da terra de Edom, a saber, o monte Seir. Viveu por volta do 1760 A.C.

2. Uma cidade também tinha esse nome. Os filhos de Eúde (vide), que antes habitavam em Geba, foram transportados para aquele lugar, em cativeiro (ver I Crô. 8:6).

3. Os *manaatitas* descendiam de Salma, irmão de Sobal e, talvez, em parte, do próprio Sobal. Salma foi o fundador de Belém, e Sobal foi o pai de Quiriate-Jearim (I Crô. 2:52,54). Entretanto, em nossa versão portuguesa, onde outras traduções dizem «metade dos manaatitas», ela diz: «Hazi-Hamenuate».

MANASSEAS

Essa é a forma apócrifa de Manassés, em I Esdras 9:31.

MANASSÉS

Esboço:

I. O Nome
II. Um dos Dois Filhos de José
III. Uma das Tribos de Israel; Seu Território
IV. Um Rei de Judá

I. O Nome

No hebraico, «que fez esquecer». Esse nome surgiu quando José disse, ante o nascimento do menino: «Deus me fez esquecer de todos os meus trabalhos, e de toda a casa de meu pai» (Gên. 41:51). Ele declarou porque o nascimento de seus filhos, no Egito, compensou pelas perdas que ele vinha sofrendo até aquele ponto de sua vida.

II. Um dos Dois Filhos de José

Manassés era o filho mais velho de José. Sua mãe era a egípcia Asenate. Ela era filha de Potífera, um sacerdote egípcio de Om (Heliópolis). Ver Gên. 41:50,51; 46:20. Isso aconteceu por volta de

1860 A.C. Pouco se sabe a respeito de Manassés. Contudo, temos o registro sobre como Manassés e seu irmão mais novo, Efraim, foram adotados por Jacó, em seu leito de morte, dando-lhes o mesmo direito de igualdade com os demais filhos de Jacó. E foi assim que Efraim e Manassés tornaram-se progenitores de duas das tribos de Israel.

Dos dois irmãos, Manassés era o mais velho, mas Jacó deu a Efraim a bênção de primogenitura (ver Gên. 48). Apesar de sua subordinação, Manassés seria abençoado pelo *anjo* que remira a Jacó de todos os males, e haveria de transformar-se também em um grande povo, uma predição que se cumpriu no fato de que se tornou o cabeça da tribo de Manassés. Ver Gên. 48:20. Manassés teve uma concubina araméia, que foi a mãe de Maquir; e foi de seus descendentes que proveio a tribo de Manassés (ver I Crô. 7:14). É possível que Maquir tivesse sido filho único, e fundador único de sua casa. Após essa informação, o registro bíblico nada mais nos diz no tocante a Manassés. Os Targuns de Jerusalém e os comentários do Pseudo-Jônatas, sobre Gên. 42, originaram (ou perpetraram) a tradição que diz que Manassés foi mordomo da casa de José, agindo como intérprete no diálogo entre José e seus irmãos (ver Gên. 42:23). Esse material tradicional também nos informa que Manassés era dotado de tremenda força física, o que demonstrou quando reteve Simeão (ver Gên. 42:24). Algumas vezes, o material tradicional reveste-se de algum valor, adicionando interessantes dados históricos. Usualmente, porém, não passam de adições românticas, que procuram preencher vácuos em nosso conhecimento.

III. Uma das Tribos de Israel; Seu Território

Ver o artigo separado sobre **Tribo** (**Tribos de Israel**). Ver também sobre **Jacó**, onde apresentamos um gráfico que demonstra como os seus descendentes tornaram-se nas doze tribos de Israel. A tribo de Manassés descendia de Manassés, um dos dois filhos de José (ver a seção II, acima), através de sete famílias subseqüentes. Uma dessas famílias derivava-se de Maquir, filho de Manassés, e as outras seis famílias derivavam-se de Gileade, filho de Maquir. Ver Núm. 26:28-34; I Crô. 2:21-23; 7:14-19. Ver também Jos. 17:1,3.

A tribo de Manassés ocupava territórios de ambos os lados do rio Jordão. A porção que ficava a leste do Jordão foi concedida por Moisés; e a porção a oeste foi concedida por Josué (ver Jos. 22:7). Quando o povo de Israel havia atravessado o rio Jordão, foram feitos novos arranjos. Josué permitiu que a meia-tribo de Manassés, juntamente com a de Rúben e de Gade, retornasse ao território conquistado a Seom, rei de Hesbom, e a Oque, rei de Basã (ver Núm. 32:33). A porção oriental, que pertencia à meia-tribo de Manassés, cobria parte de Gileade e a totalidade de Basã (ver Deu. 3:12). A metade ocidental da tribo era possuidora de boas terras, ao norte do território de Efraim e ao sul dos territórios de Zebulom e Issacar (ver Jos. 17:1-12). Esta, por sua vez, foi subdividida em dez partes, cinco ficaram com descendentes masculinos, e cinco com a sexta família descendente de Manassés, a saber, a posteridade de Hefer, todas mulheres, filhas de Zelofeade (ver Jos. 17:3). As cidades manassitas da porção ocidental incluíam Megido, Tanaque, Ibleã e Bete-Seã, sobre as quais damos artigos separados, nesta enciclopédia. Várias dessas cidades, antes disso, tinham sido cidades fortificadas dos cananeus. A vitória obtida pelos manassitas não foi completa, embora eles cobrassem taxas dos ocupantes da terra que não haviam sido dali desalojados.

Embora os manassitas tivessem terras suficientas, eles pediram mais da parte de Josué, pelo que ele recomendou que eles abrissem áreas até então cobertas de florestas (ver Jos. 17:14,18). A cidade de Golã, que pertencia a essa tribo, era uma das cidades de refúgio. Ver sobre essa cidade e o artigo intitulado *Cidades de Refúgio.* Ver também Jos. 20:8; 21:27.

Gideão pertencia a essa tribo, tendo ele escrito uma parte especial da história de Israel, durante a época dos juízes. Ver o artigo separado sobre *Gideão.* Quando Davi fugia de Saul, e refugiou-se temporariamente em Ziclague, alguns membros da tribo de Manassés vieram apoiar a sua causa (ver I Crô. 12:19,20,31). Naturalmente, essa tribo sofreu o cativeiro assírio, juntamente com o restante das tribos do norte (ver I Crô. 5:18-26).

Embora aos descendentes de Manassés tivesse caído por sorte uma boa extensão de boas terras, em Canaã, finalmente, foram ultrapassados, em número e influência pela tribo de Efraim. Seus líderes mais proeminentes foram Gideão, Gileade de Jefté.

Estatística. 1. Por ocasião do êxodo do Egito, a tribo de Manassés contava com 32.000 membros (ver Núm. 1:35; 2:21); Efraim tinha 40.500 membros (ver Núm. 1:32,33; 2:19). 2. Por ocasião da conquista da terra de Canaã, quarenta anos mais tarde, Manassés tinha 52.700 membros e Efraim diminuirá para 32.550 membros (ver Núm. 26:34, comparando com Núm. 26:37). Isso fazia de Manassés a sexta maior tribo de Israel. Porém, essa situação foi finalmente revertida, quando Efraim cresceu em números e em importância.

Finalmente, a tribo de Manassés perdeu sua identidade, tendo sido assimilada ao povo do novo ambiente, após a destruição do reino do norte, Israel. Os pecados e a idolatria de Manassés são enfatizados em I Crô. 5:25. Todavia, Sal. 4:7 e 108:8 referem-se à tribo de Manassés como «meu é Manassés»; e o trecho de Eze. 48:4 preserva um lugar para os homens dessa tribo, na visão idealista sobre o futuro. O trecho de Apo. 7:6 também inclui a tribo de Manassés, em sua alistagem.

IV. Um Rei de Judá

1. Descrição Geral. O rei Manassés era filho de Ezequias. Sua mãe chamava-se Hefzibá (II Reis 21:1-16). Ele foi o décimo quarto rei de Judá. Começou a reinar em 696 A.C., com doze anos de idade, e reinou durante cinqüenta e cinco anos. Provavelmente, em tão tenra idade ele foi co-regente, com seu pai, entre 696 e 686 A.C, embora monarca único de 686 a 642 A.C. Seu governo foi assinalado por decadência espiritual e política. Isso foi causado, em parte, pela ameaça representada pela Assíria, pelo ângulo militar, e também pela sedução das formas religiosas assírias. O resultado foi o sincretismo com o culto a Baal (vide). **Astarte** começou a ser adorada nos lugares altos de Israel. O próprio Manassés foi um tirano sangüinário, que se esqueceu do Deus de seus antepassados. Ele introduziu altares ilegais nos átrios do templo e participou daquele horrendo culto pagão que obrigava os filhos de Israel a serem passados pelas chamas, em adoração a falsas divindades. Também encheu a cidade de Jerusalém com sangue inocente derramado, mais do que qualquer outro monarca judaico antes dele (ver II Reis 21:1-16; II Crô. 33:1-10).

2. A *Ira de Deus.* Sempre foi uma interpretação histórica judaica comum que quando a nação de Israel obedece à lei de Deus, ela prospera e torna-se invencível diante de seus inimigos; mas, em caso contrário, então descarrega-se a ira de Deus contra eles, e eles recebem toda espécie de tribulação e destruição. Foi assim que Manassés não conseguiu escapar. No conflito entre o Egito e a Assíria, Manassés tomou o lado errado, dando seu apoio ao Egito, o que Ezequias também havia feito. O exército assírio marchou até o interior do território de Israel, levando a tudo de vencida. Era a grande oportunidade dos assírios na história, e o inevitável alcançou o insensato Manassés. Este foi tomado prisioneiro pelos invasores (cerca de 677 A.C.). Mas isso acabou ajudando-o, porquanto ele percebeu os males que havia praticado, e chegou a tomar conhecimento das calamidades que havia cultivado. Humildemente, pediu perdão a Deus. Aparentemente, seu cativeiro perdurou apenas por um ano. Então foi restaurado ao seu trono, sob a condição de pagar tributo, e, de modo geral, tornou-se um títere da Assíria. O relato inteiro fica em II Crô. 23.11—13.

3. *Certas Medidas Reformadoras.* Manassés aprendera bem a sua lição. Ele procurou reverter os males que havia cometido. Iniciou-se um período de prosperidade em Israel. Ele mandou reconstruir as muralhas de Jerusalém, e adicionou novas fortificações. Ver II Crô. 38:13-17. Removeu os ídolos e as estátuas que mandara pôr no templo do Senhor. Também reparou o altar e baixou ordens a fim de restabelecer a adoração sagrada. Permaneceram de pé os lugares altos, mas dedicados somente a Yahweh.

4. *Morte de Manassés.* Os trechos de II Reis 21:18,26,e II Crô. 33:20 relatam o falecimento de Manassés e seu sepultamento no jardim de Uzias, o que aconteceu em cerca de 641 A.C.

5. *Arqueologia.* Há uma referência direta a Manassés, nas inscrições assírias de Essaradom. Essa inscrição fala sobre como ele foi levado em cativeiro para a Assíria, embora não haja informações sobre sua subseqüente restauração ao trono de Israel. Comparar isso com II Crô. 33:10-13. Isso ocorreu por volta de 678 A.C. Ao todo, nessa inscrição, há uma lista de vinte reis que recebiam ordens desse monarca assírio.

Há uma curiosa confirmação dos registros bíblicos (ver II Crô. 33:11), no tocante a Manassés. Os eruditos supunham que Manassés deveria ter sido levado para Nínive, capital do império assírio, e não para a cidade de *Babilônia,* que só atingiu proeminência mais tarde na história. Porém, os tabletes assírios, em escrita cuneiforme, têm mostrado que embora Babilônia tivesse sido destruída por Senaqueribe, no tempo de Manassés ela já havia sido reconstruída. Esses tabletes mencionam a questão especificamente, nas palavras do próprio Essaradom: «Convoquei todos os meus artesãos e o povo da Babilônia em sua totalidade. Fi-los carregar a cesta e pus a rodilha sobre a cabeça deles. A Babilônia construí novamente, expandi, ergui, tornei magnificente.»

A esteia Senjirli, de Essaradom, mostra Baalu, rei de Tiro, agrilhoado pelos pulsos e em atitude de súplica diante do monarca assírio. Ao lado dele está Tiraca, rei da Etiópia, com um gancho nos lábios, preso por uma corda à mão de Essaradom, como se fosse um animal cativo. Torna-se evidente pelos registros históricos que os reis assírios desse período passavam grande parte de seu tempo na cidade de Babilônia, como uma espécie de segunda capital. Ora, diz aquele trecho de II Crônicas: «Pelo que o Senhor trouxe sobre eles os príncipes do exército do rei da Assíria, os quais prenderam a Manassés com ganchos, amarraram-no com cadeias e o levaram para Babilônia».

Seja como for, a experiência inteira redundou no bem de Manassés. O livro apócrifo *Oração de Manassés* (vide) reflete o arrependimento de Manassés, e seu desejo de instituir reformas. Isso é descrito no seu terceiro ponto. Muitos eruditos, entretanto, salientam que apesar de Manassés ter sido sincero na tentativa, as reformas devem ter sido superficiais, porquanto o filho de Manassés, Amom, reverteu aos caminhos maus de seu pai (ver II Reis 21:20 *ss*) restaurando em Israel a idolatria e o paganismo. No entanto, Josias, neto de Manassés, instituiu reformas eficazes. Quanto a outros vultos bíblicos com o nome de *Manassés,* ver o artigo seguinte.

MANASSÉS (Outros Além do Patriarca e do Rei)

1. Esse é o nome do avô de Jônatas, em Juí. 18:30, conforme o texto é preservado por certo número de traduções, incluindo nossa versão portuguesa. Não obstante, algumas versões dizem ali «Moisés», o que alguns estudiosos pensam refletir o texto original. Presumivelmente, os escribas do *texto massorético* (vide) sentiam que não podiam deixar nesse ponto o reverenciado nome de Moisés, visto que o homem em foco aparece como sacerdote do santuário idólatra de Mica, da tribo de Dã. Assim, para evitar a profanação do nome de Moisés, ainda que esse grande profeta de Deus esteja obviamente em foco, houve substituição de seu nome pelo de Manassés. E essa alteração, ao que se pensa, foi conseguida mediante a inserção da pequena letra hebraica *nun* (n), entre as duas primeiras letras do nome de Moisés. De fato, alguns eruditos têm procurado fazer ambos os nomes derivarem-se da mesma raiz. A maioria dos eruditos rejeita esta idéia. A forma *Moisés* no nome que ali aparece tem o apoio de algumas versões antigas; e, nesse caso, as versões estão corretas, contradizendo o texto massorético. Ver sobre *Massora* e sobre *Texto Massorético. John Gill* (in loc.) menciona que alguns textos hebraicos mostram sinais de terem sido mexidos nesse ponto, com a inserção de um *nun* (n).

2. Um filho de Hasum (Esd. 10:33; ver também I Esdras 9:33). Ele esteve entre aqueles que foram forçados a desfazer-se de suas esposas estrangeiras, quando o remanescente de Judá voltara do cativeiro babilônico, e a antiga adoração fora restaurada.

3. Um filho de Paate-Moabe (Esd. 10:30), também assim chamado em I Esdras 9:31. Ele também esteve entre aqueles que se divorciaram de suas esposas estrangeiras, após os judeus terem retornado do cativeiro babilônico.

4. Um Manassés está em foco em Nee. 13:28, embora seu nome não seja dado nessa passagem bíblica. Josefo *(Anti.* 11:7,2) é quem nos provê o nome. Ele se casou com Nicaso, filha de Sambalate. Manassés era um dos filhos de Joiada, filho de Eliasibe, o sumo sacerdote. Foi deposto do sacerdócio por Neemias. Esse Manassés tinha se casado com uma mulher estrangeira. Seu irmão, o sumo sacerdote, Jadua, disse-lhe que ele precisava fazer a escolha, isto é, ou desfazer-se da esposa estrangeira ou abandonar o sacerdócio. Manassés replicou que amava tanto à sua esposa estrangeira que não podia divorciar-se dela; mas que também não queria deixar o sacerdócio. Manassés foi, então, falar com Sambalate, seu sogro, e mediante manipulações dos dois, em cooperação com o rei, foi levantado um templo no monte Gerizim, e Manassés tornou-se o sumo sacerdote naquele lugar. Josefo conta-nos que daí resultou um cisma, dando vários detalhes que vão além do registro bíblico, em *Anti.* 11.8,1-4.

MANDAI

Esse nome não se acha no cânon palestino do Antigo Testamento. Mas aparece em I Esdras 9:34, referindo-se a um daqueles que se divorciaram de suas esposas estrangeiras, com quem se tinham casado durante o cativeiro babilônico. Os judeus, ao retornarem à Palestina, renovaram a antiga fé judaica, e tais divórcios tornaram-se imperiosos.

MANDAMENTO

Ver os seguintes artigos: *Novo Mandamento, Dez Mandamentos* e *Mandamentos da Igreja.*

Idéias Gerais. O vocábulo. Em português, a derivação é do latim, *mandare,* ordenar, mandar. O sentido da palavra é ordenar, do ponto de vista de alguma autoridade assumida. O mandamento requer obediência, e, com freqüência, repousa sobre algum dever.

Em nossa Bíblia portuguesa, a palavra «mandamento» é a mais freqüentemente usada para expressar autoridade, divina ou humana, mas principalmente a primeira. Na Bíblia, várias palavras hebraicas e gregas são usadas, em um total de novecentas ocorrências, o que basta para mostrar-nos o destaque da questão nas Escrituras. A primeira ocorrência aparece em Gên. 2:16, vinculada à proibição concernente à árvore do conhecimento do bem e do mal. Porém, não demorou muito para desobedecer a esse primeiro, e então único, mandamento, e disso resultou a queda no pecado, que arrastou a humanidade inteira. No sentido mais geral, estão em pauta os mandamentos de Deus, as muitas facetas de sua lei. Os Dez Mandamentos (que vide) são os mais importantes aspectos da lei geral, contendo em si mesmos inúmeras aplicações. O Salmo 119 emprega dez vocábulos hebraicos diferentes, que têm a idéia de mandamento. Nos Salmos há cerca de duzentas ocorrências dessas diversas palavras. Poderíamos pensar em termos como lei, palavra, juízo, preceito, testemunho, mandamento, estatuto, ordenança, declarações.

No Novo Testamento encontramos vocábulos gregos como:

1. *Éntalma,* «preconceito». Palavra grega que aparece por três vezes: Mat. 15:9 (citando Isa. 29:13); Mar. 7:7 e Col. 2:22.

2. *Epitagé,* «injunção». Palavra que ocorre por sete vezes: Rom. 16:26; I Cor. 7:6,25; II Cor. 7:6,25; II Cor. 8:8; I Tim. 1:1; Tito 1:3; 2:15.

3. *Entolé,* «mandamento». Palavra que aparece por sessenta e sete vezes: Mat. 5:19; 15:3; 19:17; 22:36,38,40; Mar. 7:8,9; 10:5,19; 12:28,31; Luc. 1:6; 15:29; 18:20; 23:56; João 10:18; 11:57; 12:49,50; 13:34; 14:15,21,31; 15:10,12; Atos 17:15; Rom. 7:8-13; 13:9; I Cor. 7:19; 14:37; Efé. 2:15; 6:2; Col. 4:10; I Tim. 7:14; Tito 1:14; Heb. 7:5,16,18; 9:19; II Ped. 2:21; 3:2; I João 2:3,4,7,8; 3:22,23,24; 4:21; 5:2,3; II João 4-6; Apo. 12:17; 14:12.

O Novo Testamento contém muitas alusões ao decálogo, conforme se vê em Mat. 22:37-40; Mar. 12:29-31; Luc. 10:27; Tia. 2:8-11. Os mandamentos de Deus deveriam estar entesourados em nosso coração (Heb. 10:16), sendo obedecidos mediante o amor ao Senhor (João 13:34,35).

Idéias:

1. O próprio universo existe por mandamento de Deus (Sal. 33:9).
2. A história do mundo é providencialmente controlada por mandato divino (Lev. 25:21).
3. Os mandamentos fazem o homem lembrar-se de sua dependência e de seus deveres ante o Criador. As leis judaicas abordam todos os aspectos da vida humana, o que serve de prova dessa declaração. Jesus aplicou os mandamentos aos motivos das pessoas, e não meramente aos seus atos; e isso aprofunda o sentido espiritual dos mandamentos (Mat. 5:22,34,39).
4. O pólo oposto dos mandamentos são as promessas. Os mandamentos sempre envolvem o benefício resultante da obediência; esse benefício fica na dependência da obediência aos mandamentos. Isso posto, os mandamentos do Senhor não penosos. Os mandamentos de Deus vinculam o homem a Deus, e disso só pode resultar uma bênção (Mar. 12:29-31; Gál. 5:13 *ss).*
5. Os mandamentos ligam o homem e Deus dentro da relação do amor, pois o amor é a base da lei divina (Rom. 13:8 *ss).* (B W)

MANDAMENTOS, OS DEZ

Ver sobre **Dez Mandamentos.**

MANDRÁGORAS

Esse é o nome dado ao gênero *Mandrágora* da família das batatas, uma erva perene, representada por três espécies que medram no mundo mediterrâneo. São plantas praticamente destituídas de caule, com grande folhas dentadas e grandes raízes tipo tubérculo. As flores são coloridas desde o púrpura até o violeta pálido, ou mesmo o branco, com corolas em formato de sino. As frutinhas são globulares. A raiz é dupla, e, mediante uma vívida imaginação, tem o formato de um corpo humano, da cintura para baixo. Por esse motivo, várias lendas e superstições têm aparecido em torno dessa planta, incluindo a noção de que ela possui poderes mágicos. Certas partes da planta contêm narcóticos venenosos, similares à beladona, que os antigos usavam como narcóticos e afrodisíacos.

A Bíblia refere-se a esse vegetal em vários trechos, como Gên. 30:14—16 e Can. 7:13. Por causa de suas supostas propriedades afrodisíacas, a planta é também conhecida como *maçã do amor.* Mas os árabes, precisamente pela mesma razão, chamam-na de *maçã do diabo.* A menção às mandrágoras, no capítulo trinta de Gênesis (no diálogo havido entre Lia e Raquel) quase certamente mostra que elas tinham a mandrágora como uma poção afrodisíaca. As frutinhas da planta é que eram utilizadas com essa finalidade. Sua parenta próxima, a *Atropa belladonna,* produz a atropina, uma importante droga medicinal. O trecho de Can. 7:13 fala sobre a fragrância dessa planta, mas, visto que a mandrágora não tem qualquer perfume especial, é possível que esteja em vista alguma outra espécie vegetal, para nós desconhecida.

MANES

Essa é uma forma alternativa de *Mani,* um nome persa. Mani foi o fundador do maniqueísmo. Ver o artigo chamado *Mani e o Maniqueísmo.*

MANGAS

Lemos, em nossa versão portuguesa, em Gênesis 37:3: «Ora, Israel amava mais a José que a todos seus filhos, porque era filho da sua velhice, e fez-lhe uma túnica talar de mangas compridas». E, então, em II Samuel 13:18: «Trazia ela uma túnica talar de mangas compridas, porque assim se vestiam as donzelas, filhas do rei». Entretanto, a expressão hebraica que indica esse tipo de vestes, com as suas mangas, é de difícil interpretação. Nas inscrições cuneiformes há menção a uma certa vestimenta cerimonial, *kutinnu pisanu,* que contava com aplicações trabalhadas em ouro como ornamentação. E a frase hebraica a que aludimos parece cognata dessa expressão cuneiforme, filológica e semanticamente falando. Não há dúvidas de que as vestes usadas por pessoas de alta posição social, nos dias do Antigo Testamento, distinguiam-se por sua grande qualidade, quanto aos tecidos usados e quanto aos ornamentos.

Nossa versão portuguesa mais interpreta do que traduz o hebraico, porquanto este diz muito mais que as vestes referidas tinham sido feitas com «muitas peças» ou com «muitas extremidades». Há uma famosa tradução inglesa que também interpreta, em vez de traduzir, falando em vestes de «variegadas cores», quando o hebraico não faz qualquer alusão ao colorido.

MANJEDOURA

No hebraico, **ebus**, palavra que ocorre por três vezes: Jó 39:9; Pro. 14:4 e Isa. 1:3. Mas nossa versão portuguesa usa a palavra «celeiro», na segunda dessas referências.

No grego do Novo Testamento temos o vocábulo *phátne,* «manjedoura», usado somente em Lucas (2:7,12, 16).

No Antigo Testamento, a referência é a uma espécie de caixa ou gamela, onde era servida a forragem oferecida aos animais. Mas, o termo grego refere-se mais a uma manjedoura ou estábulo. Alguns eruditos pensam que assim se deve interpretar a história da natividade. Certas citações extraídas dos escritos dos pais da Igreja sugerem que o lugar do nascimento de Jesus foi uma «caverna», onde animais eram guardados como em um estábulo. Ver as notas expositivas sobre isso no NTI, em Luc. 2:7. Aos viajantes pobres dava-se abrigo para permanecerem junto com os animais. Ou, no caso de José, Maria e Jesus, a falta de acomodações na hospedaria forçou essa situação. Há algo de muito apropriado nisso, pois o Logos, o Filho de Deus, em sua encarnação, humilhou-se ao máximo, a fim de que sua glória também fosse elevada ao máximo.

As manjedouras, nos tempos antigos, também incluíam lugares fechados ao ar livre, ou então até mesmo abrigos permanentes feitos de tijolos de argila ou pedra. A atual Igreja da Natividade, em uma colina baixa em Belém da Judéia, cobre uma antiga manjedoura que havia em uma gruta. Esse tem sido identificado como o local exato do nascimento de Jesus. Porém, em redor de Belém havia muitos lugares possíveis similares. No Oriente Próximo, era comum escavar lugares assim nas rochas, ou então eram usadas cavernas naturais. O fato é que a natureza exata da manjedoura de Jesus é desconhecida, embora a lição de humildade seja perfeitamente clara.

MANOÁ

No hebraico, «descanso». Manoá era nativo da cidade de Zorá, da tribo de Dã. Ele foi o pai de Sansão. Quanto ao relato bíblico, ver Juí. 13:1-23. Manoá reaparece em Juí. 14:2-4, por ocasião do casamento de Sansão, mas é provável que tivesse morrido antes de Sansão. O cadáver de Sansão foi trazido de Gaza pelos seus irmãos, e não por seu pai. Ver Juí. 16:31, onde se lê sobre o «túmulo» de Manoá, onde, sem dúvida, já jazia o seu corpo. Manoá teve o privilégio de entrar em comunicação com os anjos acerca do nascimento e da carreira de Sansão. Sansão deveria ser um nazireu perpétuo (ver Núm. 6), começando pela sua própria mãe. Manoá ofereceu alimentos ao anjo, o que este rejeitou, ordenando antes que se fizesse um holocausto. Somente quando o anjo subiu nas chamas do holocausto foi que Manoá percebeu que tivera um encontro com um ser angelical.

Manoá aparece nas páginas da Bíblia como um homem de oração e fé, que não aprovou a teimosia e o desvio de seu filho, Sansão, procurando persuadi-lo a não se casar fora do povo de Deus, Israel (ver Juí. 14:3).

MANRE

Desconhece-se o significado dessa palavra, no hebraico (na Septuaginta, sua forma é *Mambre*). Nas páginas do Antigo Testamento, refere-se a uma pessoa e a uma localidade.

1. Esse era o nome de um chefe dos amorreus, que, com seus irmãos, Aner e Escol, fez aliança com Abraão (ver Gên. 14:13,24), talvez algum tempo antes de 2250 A.C., embora seja difícil determinar com exatidão datas tão recuadas. Esses homens ajudaram Abraão a derrotar aos reis mesopotâmicos invasores. Lemos que Abraão havia armado suas tendas perto dos terebintos de Manre, intitulado «o amorreu». Assim sendo, esse homem provavelmente deu seu nome ao lugar.

2. No livro de Gênesis, lemos sobre os «carvalhais de Manre» (Gên. 13:18; 18:1), ou, simplesmente, «Manre» (Gên. 23:17,18; 35:27), em alusão a um bosque que havia em algum lugar perto de Hebrom. Os trechos comparados de Gên. 23:39 e 35:27 parecem identificar Manre e Hebrom, a mesma também chamada Quiriate-Arba; mas o trecho de Gên. 13:18 afirma que Manre ficava «junto a Hebrom».

Abraão encontrava-se em Manre quando recebeu visitantes angelicais, segundo o relato do décimo oitavo capítulo de Gênesis. Quando Abraão comprou o campo e a caverna de Efrom, o heteu, tornou-se proprietário da parte leste de Manre, que então era chamada Macpela. Ver Gên. 23:17-20; 23:19; 25:9; 49:30; 50:13. Os dois lugares são mencionados juntos.

Se a caverna de Macpela realmente está sob a mesquita de Hebrom, então Ramat el-Khallil, que é o local geralmente aceito como Manre, não fica «junto» (ver Gên. 3:18), ou a leste de Hebrom, conforme a palavra hebraica usada parece indicar. Porém, se alguém se aproximar de Hebrom pelo norte, então a palavra hebraica usada não estaria fora de lugar, relacionando Hebrom com Ramat eh-khallil. Seja como for, várias localidades competem entre si como o lugar. Santuários levantados por judeus, por pagãos e por cristãos somente têm aumentado a confusão sobre o quadro. Khirbet Nimreh e 'Ain Nimreh (as ruínas da Fonte de Nimreh) têm sido sugeridas, mas Ramat el-Khallil parece ser a identificação autêntica.

MANSIDÃO

1. Palavras Usadas na Bíblia

No hebraico, temos três palavras: *'anaw*, «estar inclinado», que aparece por vinte vezes no Antigo Testamento, conforme se vê, por exemplo, em Sal. 22:26; 25:9; 37:11; 76:9; 147:6; Isa. 11:4; 29:19; 62:2; Amós 2:7; Sof. 2:3; Núm. 12:3. Nas traduções aparece com o sentido de «manso», «humilde» e até mesmo «pobre». Nessa última referência, vemos Moisés ser descrito como homem «manso». *Anavah*, «gentileza», «humildade», «mansidão». É palavra que ocorre por quatro vezes tão-somente. Sof. 2:3; Pro. 15:33; 18:12; 22:4. *Anvah*, «mansidão», «suavidade», «brandura», que ocorre por duas vezes: Sal. 45:4; 18:35.

No Novo Testamento, encontramos a palavra *praús*, «manso», e seus cognatos: Mat. 5:5; 11:29; 21:5 (citando Zac. 9:9); I Ped. 3:4. O substantivo *praútes* aparece onze vezes: I Cor. 4:21; II Cor. 10:1; Gál. 5:23; 6:1; Efé. 4:2; Col. 3:12; II Tim. 2:25; Tito 3:2; Tia. 1:21; 3:13 e I Ped. 3:15.

Os mansos são felizes porque herdarão a terra (Mat. 5:5); Jesus convidou a todos a virem a ele, por ser manso e humilde de coração (Mat. 11:29). Em sua entrada triunfal em Jerusalém, Jesus veio humildemente, montado em um jumentinho (Mat. 21:5). As mulheres cristãs em vez de se decorarem com coisas mundanas, deveriam decorar seus espíritos com mansidão (I Ped. 3:4).

2. Idéias Bíblicas

Além daquelas coisas que já foram mencionadas, deveríamos observar que Paulo faz dessa qualidade um dos frutos ou virtudes que o Espírito Santo cultiva em um homem (Gál. 5:22). Isso significa que tal virtude era considerada uma das grandes qualidades espirituais, algo a ser desejado e buscado pelos crentes. Por outra parte, a *arrogância* é uma das principais características negativas dos homens. Na passagem de Fil. 2:1-11, essa qualidade da humildade é associada à mente de Cristo. Se Cristo tivesse sido arrogante, de disposição contrária à humildade e à mansidão, nunca teria sido bem-sucedido em sua missão encarnada. No entanto, foi através dessa qualidade que o Filho de Deus distinguiu-se. Os mansos da terra são especialmente abençoados com a proteção divina e com ricas recompensas. Moisés era homem manso; Davi orou a oração dos mansos (Sal. 10:17). Conforme disse Davi, os mansos haverão de possuir a terra (Sal. 37:11), dando a entender a Terra Santa, e o Senhor Jesus ampliou isso a fim de envolver a terra inteira (Mat. 5:5). Paulo exortava a outros com mansidão e gentileza, atribuindo essas virtudes a Cristo (II Cor. 10:1). Paulo exortou aos crentes para que cumprissem sua missão e chamamento em humildade e mansidão (Efé. 4:1 ss). Metaforicamente falando, entre as peças de nossa indumentária espiritual a mansidão tem lugar garantido, juntamente com a compaixão, com a gentileza, com a humildade e com a paciência (ver Col. 3:12). Tiago instrui-nos no sentido de que a Palavra de Deus deve ser recebida por nós com «mansidão». (Tia. 1:21). Pedro ajuntou que todos os crentes deveriam estar preparados para defender sua fé e esperança com gentileza e mansidão (ver I Ped. 3:15).

3. Nos Escritos de Aristóteles

Para Aristóteles, essa virtude era um *vício de deficiência*. Em seu sistema ético ele relacionou doze virtudes principais, para cada uma das quais corresponderia um vício de deficiência e um vício de excesso. No caso em foco, a *magnanimidade* aparece como a virtude; a humildade, ou *mansidão*, é o vício de deficiência; e a *vaidade* é o vício de excesso.

Lemos sobre um general romano que ficou envergonhado de si mesmo porque, um dia, ao ver um escravo sendo maltratado, sentiu compaixão dele. A arrogância pagã continua predominando no coração humano. Naturalmente, a mansidão não envolve a autodepreciação, conforme é do hábito de certos indivíduos, que pretendem imitar essa qualidade. Usualmente, esse fingimento não passa de um ato teatral, para chamar a atenção dos homens e o seu louvor. A mansidão é resultante da verdadeira humildade, por causa do reconhecimento do valor alheio, com a recusa de nos considerarmos superiores. Deus é a grande fonte dessa graça, e Jesus Cristo é o seu supremo exemplo, o que ele demonstrou em sua encarnação e em sua maneira de tratar os homens. Quanto à lista das virtudes relacionadas por Aristóteles, ver na Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia o artigo geral sobre a *Ética*, seção VI.

MANTA (CAPA, VESTIDO)

Essas palavras traduzem certo número de palavras hebraicas e gregas, referindo-se a peças em geral do vestuário.

1. *Semikah*. Palavra hebraica usada em Juí. 4:18. Esse foi o pano com que Jael cobriu Sísera, talvez algum tipo de tapete ou coberta.

2. *Meil*. Robes, capas, mantas estão em foco. Ver I Sam. 15:27; 28:14; Esd. 9:3,5; Jó 1:20; 2:12; Sal. 109:29.

3. *Maataphoth*. Um artigo do vestuário feminino está em pauta, talvez uma espécie de túnica com mangas. A palavra hebraica está no plural, aparecendo exclusivamente em Isa. 3:22.

4. *Addereth*. Algum tipo de capa ou manta está em foco, talvez uma faixa feita de pele ou couro de animal. Ver I Reis 19:13,19; II Reis 2:8,13,14.

Mantas muito ornamentadas eram usadas pelos sacerdotes levíticos. Os reis usavam mantas de tipo especial (Jon. 3:6), como também os profetas (I Reis 19:13; II Reis 2:8,13). Essas mantas eram feitas de peles ou de pêlos de animais.

5. *No Novo Testamento*. A palavra grega *imátion* é usada para indicar «manta», ainda que, em seu sentido mais amplo, possa significar vestes em geral. Porém, em trechos como Mat. 9:20 *ss;* 24:18; Luc. 8:44; 22:36 e João 19:2, sem dúvida está em foco a manta. Temos, então, alusões à veste mais externa. Os mártires são descritos como pessoas a quem foi dada uma veste branca (ver Apo. 6:11), e outro tanto é dito acerca dos remidos. Nesses casos, a palavra é

usada em sentido simbólico, para indicar a nova vida, a vida da alma, bem como a retidão de Cristo, que possibilita essa nova vida da alma.

6. *Nos Sonhos e nas Visões.* A manta, a capa ou o capuz significam calor, proteção, amor, ou, então, o veículo da alma, o corpo físico. Ou, então, quando aparece no ato de ser vestida, pode indicar a nova vida da alma. Em II Cor. 5:4, o «revestimento» indica o tempo quando a alma receberá seu corpo espiritual especial, para manifestar-se nos lugares celestiais. Ou pode haver nisso uma representação geral: o indivíduo remido recebe a vida eterna como sua nova vestimenta. Por sua vez, o temor de perder a própria capa ou o paletó pode significar o descobrimento de algo errado que a pessoa fez, ou, então, no sentido religioso, o temor de perder a própria fé.

MANTEIGA

No hebraico, **chemah**, palavra que aparece por nove vezes: Gên. 18:8; Deu. 32:14; Juí. 5:25; II Sam. 17:29; Jó 20:17; 29:6; Pro. 30:33; Isa. 7:15,22. Em Salmos 55:21, encontramos uma outra palavra hebraica, *machamaoth, «pedaços* amanteigados», embora nossa versão portuguesa também diga ali «manteiga».

Segundo muitos estudiosos, o mais provável é que a idéia de *manteiga só* se faça presente em Deu. 32:14 e Pro. 30:33. Em todas as outras referências, parece ser melhor traduzir a palavra por creme ou coalhada (vide).

O antigo método de fabricação de manteiga, sobretudo aquele de fabricação doméstica, parecia-se muito com o método moderno, mas não industrializado. O leite era posto dentro de um receptáculo de couro, ou de outro material. O receptáculo era suspenso de alguma maneira, sendo agitado, até que dali resultasse a manteiga. O trecho de Provérbios 30:33 mostra-nos que o leite azedado se transformava em coalhada. Entre os antigos escritores gregos não há qualquer menção à manteiga. Entre os romanos, a manteiga era mais usada como medicamento do que como alimento. Certas tribos africanas, até hoje, usam a manteiga a fim de melhor fixar os penteados de suas mulheres.

Usos Figurados: 1. Lavar os pés na manteiga é desfrutar de grande e deleitosa prosperidade (Jó 29:6). No verão, a manteiga se liquefazia como o azeite, e, no inverno, tornava-se sólida ou pastosa; a referência em Jó 29:6 indica o estado liquefeito. 2. A linguagem lisonjeadora assemelha-se à manteiga, ou melhor ainda, a pedacinhos de pão amanteigado (Sal. 55:21).

MANTO

No hebraico, **beged**, «manto». Essa palavra aparece por duzentas e quinze vezes, com o sentido mais simples, igualmente, de «vestes» ou «roupas». Para exemplificar: Gên. 24:53; 27:15,27; 29:20; Lev. 11:32; Núm. 31:20; Deu. 24:17; Juí. 8:26; I Sam. 28:8; II Reis 5:5; 7:8; Est. 4:4.

No grego temos a considerar cinco palavras, a saber:

1. Énduma, «veste». Esse vocábulo ocorre por oito vezes: Mat. 3:4; 6:25,28; 7:15; 22:11,12; 28:3; Luc. 12:23.

2. *Esthés, «robe»,* vocábulo que figura por 7 vezes: Luc. 23:11; 24:4; Atos 10:30; 12:21; Tia. 2:2,3.

3. *Imatismós,* «veste». Palavra que aparece por cinco vezes: Luc. 7:25; 9:29; João 19:24; Atos 20:9; I Tim. 2:9.

4. *Sképasma,* «coberta». Termo que ocorre somente em I Tim. 6:8.

5. *Imátion,* «veste». Palavra que aparece por cinqüenta e nove vezes: Mat. 5:40; 9:16,20,21; 14:36; 17:2; 21:7,8; 24:18; 26:65; 27:31,35; Mar. 2:21; 5:27,28,30; 6:56; 9:3; 10:50; 11:7,8, 13:16; 15:20; Luc. 5:36; 6:29; 7:25; 8:27,44; 19:35,36; 22:36; 23:34; João 13:4,12; 19:2,5,23,24; Atos 7:58; 9:39; 12:8; 14:14; 16:22; 18:6; 22:20,23; Heb. 1:11,12; Tia. 5:2; I Ped. 3:3; Apo. 3,4,5,18; 4:4; 16:15; 19:13,16.

A gravura existente no obelisco negro de Salmaneser, mostra homens vestidos com vestes que lhes chegavam à altura dos joelhos, com beiras orladas. O manto dos hebreus geralmente tinha forma quadrada, com aberturas para os braços. Havia um fio que passava por cima de um dos ombros, e pouco se usava por baixo do manto. O livro de Rute dá-nos alguma idéia do estilo desse tipo de vestimenta. Vemos ali Boaz, deitado no campo plantado e seu manto sendo usado como coberta. Rute, que reivindicava a proteção dele em sua viuvez, veio e cobriu-se com a ampla beirada dessa vestimenta, aos seus pés, sem que ele a notasse, a princípio. Quando Boaz acordou, viu-a ali e perguntou quem ela era. Ela informou-o de que era sua parenta e serva, e pediu-lhe que a cobrisse com o seu manto. O manto era o símbolo de proteção, e a lei do levirato requeria isso da parte de Boaz, no tocante a Rute.

Moisés prescreveu o uso do manto para os sacerdotes (ver Êxo. 28:4,31,34), um precedente seguido por Samuel (I Sam. 28:14). Os sacerdotes e escribas dos dias de Jesus usavam mantos (Mar. 12:38 e Luc. 20:46, onde o original grego diz *stole,* mas onde nossa versão portuguesa traduz por «vestes talares»). Os anjos usavam um manto, no interior do sepulcro vazio de Jesus (ver Mar. 16:5, onde nossa versão portuguesa diz apenas «vestido de branco»), bem como durante a cena da ascensão do Senhor (ver Atos 1:10, com tradução portuguesa similar, posto que no plural). Na visão apocalíptica de João, essa também era a veste dos mártires (ver Apo. 6:11; em português, «vestiduras brancas») e do Senhor Jesus (ver Apo. 1:13; em português; «vestes talares»). Essa palavra grega é usada por oito vezes. Mas uma outra palavra grega, *imátion,* «manto púrpura», aparece por sessenta e duas vezes no Novo Testamento, novamente com variegadas traduções em português, nem sempre dando ao leitor a idéia exata do que se tratava. Sabe-se que *to imátion* era o manto usado por um rei ou general (ver João 19:2; em português, «manto de púrpura», que dá a impressão de que o tecido era feito de púrpura, quando, na verdade, púrpura era a cor do manto, pelo que a tradução deveria ser «manto púrpura»). No grego temos ainda as palavras *chamús,* usada somente em Mateus (27:28 e 27:31; que nossa versão traduz por «manto escarlate» e por «manto» respectivamente), e *esthés,* palavra grega usada somente por Lucas, que nossa versão portuguesa traduz por «manto aparatoso» (ver Luc. 23:11).

Esses mantos, no Antigo ou no Novo Testamento, envolviam um sentido de nobreza ou dignidade. Assim, a «túnica talar de mangas compridas», que Jacó deu a José (ver Gên. 37:3 *ss;* no hebraico, um termo usado por vinte e nove vezes) e a «melhor roupa» dada ao filho pródigo quando voltou a seu pai (ver Luc. 15:22, no grego *stole),* eram símbolos de dignidade. Por semelhante modo, as vestiduras dos mártires, nas cenas apocalípticas, têm esse simbolismo (ver Apo. 6:11; 7:9,13,14 e onde a palavra grega é *stole).* No entanto, o «manto tinto de sangue» usado pelo Senhor Jesus, como vencedor da besta e do falso profeta, em Apo. 19:13, era o *imátion.* Ver *Vestes.*

O manto era considerado uma possessão preciosa. Podia ser usado como garantia de devolução de um empréstimo, mas tinha de ser devolvido ao pôr-do-sol, porquanto era usado como coberta, à noite. Ver Deu. 24:15,13,17, quanto às leis nisso envolvidas. O trecho de Êxo. 22:26,27 inclui o mesmo preceito, ameaçando de julgamento divino àqueles que lhe forem desobedientes. Uma recente descoberta arqueológica, feita *em Telavive, Israel, em* um pedaço de cerâmica, tem uma inscrição que expressa a consternação de alguém que perdeu o seu manto, evidentemente em face de uma dívida, porquanto a lei que proibia o confisco não fora obedecida. Notemos, igualmente, o cuidado de Paulo quanto à sua capa, ao solicitar que a mesma lhe fosse trazida, pois, ao que parece, ele a deixara por engano em Trôade (II Tim. 4:13).

Usos Figurados: 1. O manto era usado como parte da cerimônia de casamento entre os povos árabes. Simbolizava a possessão e proteção da mulher por parte do homem, sendo passado em volta dela, como parte do aspecto final da cerimônia. 2. A *eliminação* da cobiça, da malícia, da incredulidade, etc., é retratada pelo manto, nos trechos de I Tes. 2:5; I Ped. 2:16 e João 15:22. 3. O zelo do Senhor, ao punir aos seus inimigos e ao livrar o seu povo, é simbolizado por um manto, em Isaías 59:17. Deus vive *coberto* de justiça, e assim exprime a justiça, da maneira como convém. (ID Z)

MANUSCRITO

Essa palavra portuguesa vem do latim, *manus*, «mão», e *scriptus*, «escrita», a saber, um documento escrito à mão, em contraste com um livro impresso. Antes da intervenção da imprensa, todos os livros eram manuscritos. Eram feitos de muitos materiais diferentes, como tabletes de argila, placas de metal, tabletes de cera, couro, pedaços de cerâmica, vários tipos de pano, papiro, casca de árvores, etc. Os judeus apreciavam muito rolos de pergaminho como material de escrita. Devido ao fato de que o uso desses rolos era difícil quanto ao manuseio, acabaram sendo usados os códices, com folhas, mais ou menos como os nossos livros. O termo latino *codex* (codicis) refere-se primeiramente ao tronco de uma árvore, então, a tabletes de escrever, feitos de casca de árvore, recobertos de cera, a fim de facilitar a escrita, feita por meio de um estilete. E, finalmente, essa mesma palavra acabou tendo o sentido de *livro*. A raiz dessa palavra era *caudex*, o tronco de uma árvore.

O códices entraram em uso, substituindo os rolos, em cerca do século IV D.C. O papiro era usado como material para fazer tanto rolos quanto códices, mas o pergaminho, finalmente, tornou-se o material preferido de escrita, em face de sua durabilidade. O papel, por sua vez, foi inventado na China e introduzido no mundo ocidental através da agência dos árabes. O papel começou a subistituir o pergaminho em cerca do século XII D.C.

De todos os documentos do mundo antigo, o Novo Testamento é aquele que conta com o maior número de manuscritos, confirmando-o, embora os manuscritos realmente antigos, do século III D.C. em diante, não sejam assim tão abundantes. Não obstante, o texto antigo mais bem confirmado do mundo é justamente o do Novo Testamento. Os eruditos dos clássicos lamentam a relativa escassez de manuscritos que confirmam as obras clássicas em grego e latim. Isso não sucede no caso do Novo Testamento, que também conta com a vantagem de ter sido traduzido para muitos idiomas antigos. Ver os artigos separados intitulados Manuscritos do Antigo Testamento e Manuscritos do Novo Testamento. Até à descoberta dos Manuscritos do Mar Morto (vide), o Antigo Testamento não era bem confirmado por manuscritos realmente antigos. De fato, os manuscritos mais antigos do Antigo Testamento que até então se conheciam eram do século IX D.C. Mas, com a descoberta desses papiros, vieram à tona manuscritos do Antigo Testamento de cerca de mil anos antes disso!

MANUSCRITOS ANTIGOS DO ANTIGO E DO NOVO TESTAMENTO

Ordem de Apresentação
Manuscritos Antigos do Antigo Testamento
Manuscritos Antigos do Novo Testamento

MANUSCRITOS DO ANTIGO TESTAMENTO

I. Importância dos Manuscritos do Mar Morto
II. Esboço Histórico do Texto Hebraico
III. O Trabalho Feito pelos Massoretas
IV. Importantes Manuscritos Massoréticos e Edições Impressas
V. A Genizah do Cairo, no Egito
VI. O Manuscrito de Aleppo
VII. Tipos de Erros Comuns nos Manuscritos
VIII. Importância das Versões do Antigo Testamento
IX. Crítica Textual do Antigo Testamento
X. Diagrama: Restauração do Texto Original
Bibliografia

I. Importância dos Manuscritos do Mar Morto

Ver o artigo separado chamado *Mar Morto, Manuscritos (Rolos) do*. Esse artigo é bastante detalhado, prestando ao leitor informações sobre alguns dos mais importantes manuscritos do Antigo Testamento. O número de manuscritos que confirmam o *Novo Testamento* é apreciável, e muitos papiros datam de apenas duzentos anos dos originais. O caso do Antigo Testamento, porém, é radicalmente diferente... até que se descobriram os manuscritos do mar Morto. Antes desse achado, o mais antigo manuscrito hebraico era datado do século IX D.C., o que deixava um hiato de cerca de dois mil anos entre essa data e o reinado de Davi sobre Israel. Para nada dizermos sobre o hiato entre o século IX D.C. e a época de Moisés. A despeito disso, muitos críticos textuais continuam a acreditar que o texto massorético é digno de confiança, apesar do tempo que se passou entre os originais e as cópias massoréticas. Sabe-se que os massoretas fizeram o seu trabalho entre 500 e 1000 D.C., pelo que nada havia de realmente antigo quanto aos textos que eles copiaram. Mas, com certo alívio, os eruditos que examinaram os manuscritos do mar Morto verificaram que a confiança deles no texto massorético estava justificada, embora não de maneira absoluta. Apesar de haver algumas significativas variações no texto de alguns dos livros do Antigo Testamento, pode-se asseverar que os manuscritos do mar Morto confirmaram a exatidão dos manuscritos hebraicos que existiam depois disso, apesar de suas datas comparativamente recentes. Por outro lado, os manuscritos do mar Morto também revelaram que, algumas vezes, as versões, particularmente a Septuaginta, estão mais próximas dos mais antigos manuscritos hebraicos do que o texto massorético. Algumas versões do Antigo Testamento remontam ao século II D.C., e assim deparamo-nos com a paradoxal circunstância de que as versões do Antigo Testamento de que dispomos são mais antigas que os manuscritos hebraicos desse mesmo documento. Naturalmente, sabemos que os escribas judeus, devido ao seu notável respeito pelas Sagradas Escrituras, produziam manuscritos com extremo cuidado, muito mais do que no caso dos copistas do Novo Testamento. Entretanto, isso não significa que os manuscritos dos escribas judeus nunca continham erros.

Em face do exposto, temos a surpreendente situação em que, no tocante ao Antigo Testamento, somente nos últimos sessenta anos dispomos de manuscritos verdadeiramente antigos daquele documento sagrado. Mas, naturalmente, também é verdade que o trabalho dos críticos textuais do Antigo Testamento não exibe um número tão grande de variantes como no caso dos manuscritos do Novo Testamento. Isso tanto é verdade que não podem ser distinguidos vários tipos de texto, segundo é possível fazer no caso do Novo Testamento. Portanto, a história do texto hebraico permanece conjectural, sabendo-se apenas que os massoretas ocupam praticamente tudo quanto se tem que estudar ali.

As variações das versões deixavam inseguros a muitos eruditos do Antigo Testamento, e essa insegurança, em certa medida, foi confirmada pela descoberta dos manuscritos do mar Morto. Agora sabe-se, de maneira bem definida, que houve um texto pré-massorético, e que o texto massorético, na realidade, é uma harmonização de manuscritos antes existentes. Isso significa que, a grosso modo, isso foi também o que sucedeu ao texto neotestamentário do grego *koiné* (vide), ou bizantino, que harmonizava tipos de texto mais antigos, estabelecendo assim um texto padronizado. Todavia, a padronização do Antigo Testamento não foi tão radicalmente distinguida dos originais como se deu no caso do Novo Testamento. O texto bizantino do Novo Testamento varia em cerca de quinze por cento de seu material, em comparação com o suposto texto original restaurado. As evidências que cercam os manuscritos do mar Morto mostram que o texto massorético está longe de variar em tal alta proporção em relação aos textos hebraicos mais antigos. Contudo, precisamos relembrar que aqueles manuscritos ainda assim estão muitos séculos distantes dos primeiros livros do Antigo Testamento, não podendo comparar-se com os papiros do Novo Testamento como antigos representantes da transmissão dos textos sagrados. Para exemplificar, os salmos de Davi só dispõem de confirmação hebraica a partir de *oitocentos anos* depois que foram compostos, apesar da descoberta dos manuscritos do mar Morto! Por outro lado, grande porção das epístolas paulinas é confirmada a partir do século III D.C., cerca de *duzentos anos* depois de terem sido escritos os *autógrafos originais!*

Quase todos os manuscritos do Antigo Testamento de que dispomos foram escritos depois do ano 1000 D.C. Alguns poucos perten-

cem ligeiramente a antes disso, mas *nenhum* deles pertence a antes de 900 D.C. Quase duzentos mil fragmentos de manuscritos escritos em hebraico e aramaico, de muitas espécies, têm sido levados de Genizah, no Cairo, para museus e bibliotecas do Ocidente. E alguns detalhes importantes têm emergido daí. Mas os estudos apenas começaram a ser feitos nesse campo. Além disso temos códices do Antigo Testamento desde há muitos séculos guardados como tesouros nas sinagogas sefaraditas de Aleppo, na Espanha. Esse texto talvez nos proveja um testemunho ainda mais antigo que aquele que foi conhecido pelos massoretas, talvez escritos pelo famoso massoreta judeu, Aaron Ben Asher. Sob a seção VII, abaixo, conto a história desse manuscrito, que, atualmente, está sendo sujeitado a intensos estudos por parte dos especialistas no assunto.

II. Esboço Histórico do Texto Hebraico

1. Dispomos agora de um pequeno fragmento do trecho de Números 6:24-26, que diz: «O Senhor te abençoe e te guarde; o Senhor ilumine o seu rosto sobre si, e tenha compaixão de ti; o Senhor te revele a sua face e te dê a paz!» (segundo traduções modernas). Esse fragmento foi datado como pertencente ao século VI A.C. Essa descoberta ocorreu quando o arqueólogo Gabriel Garkai, da Universidade de Tel-Aviv, em Israel, vasculhava um túmulo de uma família da época do primeiro templo (entre cerca de 950 e 587 A.C.), situado no vale de Hinom, junto às muralhas meridionais da cidade antiga de Jerusalém. A primeira tomada de contacto com esse documento deu-se em 1979, mas sua decifração só foi feita três anos depois, em virtude da fragilidade dos rolos arqueológicos. A descoberta fez recuar em quatro séculos a história do texto sagrado, pois, até 1982, só se conheciam manuscritos até o século III A.C., encontrados a nordeste do mar Morto, na região de Qumran. O primeiro vocábulo identificado foi o nome *Yahweh*, «Senhor», um dos nomes de Deus no Antigo Testamento. O resto do texto ainda resiste aos esforços de leitura dos estudiosos. Talvez mais estudos consigam dar-nos alguma informação significante quanto à transição pela qual passou o texto do Antigo Testamento.

2. *Período entre a escrita dos livros do Antigo Testamento e o ano 70 D.C.* Até à descoberta dos manuscritos do mar Morto, havia um grande hiato quanto a evidências acerca desse período. Alguma evidência podia ser respigada do Pentateuco samaritano e da versão da Septuaginta. Ver o artigo sobre *Bíblia, Versões da*. Poderíamos frisar aqui, novamente, o extremo cuidado com que os judeus preparavam e preservavam os seus manuscritos, o que nos permite supor que os manuscritos, mesmo quando relativamente recentes, ainda assim são bastante exatos. Os manuscritos do mar Morto vieram confirmar essa confiança, mas também demonstraram a existência de um **texto protomassorético**, bem como o fato de que as versões antigas algumas vezes preservaram melhor os textos do que as cópias dos textos em hebraico que chegaram até nós. O fato de que nas cavernas do mar Morto foi encontrado um escritório especial, usado para a duplicação de manuscritos, mostra-nos que muitas outras cópias devem ter-se perdido. Que tão poucos e tão tardios manuscritos hebraicos chegaram até nós é uma dessas estranhas circunstâncias da história. Sabe-se que os judeus destruíam as cópias velhas e desgastadas de suas Sagradas Escrituras, e isso explica a escassez de cópias antigas. E que erros foram cometidos é algo que fica claro mediante a comparação entre os manuscritos existentes. Porém, provavelmente é um erro falar sobre tipos de texto ou famílias de manuscritos, no caso do Antigo Testamento, porquanto não parece ter havido muita variedade. Ao que tudo indica, *textos locais* não se desenvolveram como no caso do Novo Testamento, onde encontramos os tipos de texto Cesareano, Alexandrino, Bizantino e Ocidental, sendo que o tipo de Cesaréia é o melhor preservado, e o ocidental é o menos bem preservado.

3. *De 70 a 900 D.C.* O templo de Jerusalém foi destruído; e isso fez aumentar em muito a importância das sinagogas. Existiam manuscritos do Antigo Testamento, mas a história da preservação desses manuscritos não é favorável. A situação complicou-se pela perda da capital, Jerusalém. Outras capitais surgiram, como novos centros do judaísmo, mas, de uma maneira incrível, isso não conseguiu garantir a sobrevivência do qualquer grande número de manuscritos do Antigo Testamento. Entretanto, várias grandes figuras trabalharam sobre o idioma hebraico e sobre os textos bíblicos. Assim, *Akiba (vide)*, um importante rabino judeu, salientou a importância do uso da *tradição* como uma «cerca em redor da lei», a fim de proteger a integridade desta. Os escribas atiraram-se a tarefas fantásticas, como a contagem das letras, o número do palavras e o número de versículos dos livros do Antigo Testamento; também marcavam a letra do meio de cada palavra e a palavra do meio de cada seção; anotavam formas e fatos peculiares acerca do texto sagrado. Essas anotações dos escribas posteriormente foram incorporados no trabalho dos massoretas. Desenvolveu-se a mais autêntica bibliolatria, mas, pelo menos, podemos ter certeza de que essa imensa preocupação com o Antigo Testamento muito contribuiu para preservar sua exata transmissão, ainda que, incrivelmente, não tenha feito muito para preservar um grande número de manuscritos.

4. *De 900 a 1.400 D.C.*

Os Massoretas. Preservei a seção III, abaixo, a fim de discutir mais especificamente sobre eles. Esses escribas e eruditos começaram a atuar em cerca de 500 D.C., e continuaram ativos por cerca de mil anos, até que foi inventada a imprensa. Eles eram os «mestres das tradições», conforme seu nome significa em hebraico. Eles se consagravam a cuidar e zelar pelas Escrituras Sagradas. Eram mais do que meros copistas. Eles proveram o texto sagrado em hebraico com um sistema de pontos vocálicos. Isso tornou possível a leitura do texto hebraico, quando a maioria dos judeus não falava mais o hebraico. Os antigos manuscritos foram rapidamente revisados, e o sistema deles teve aceitação geral. Eles desempenharam tão bem o seu papel que, após 900 D.C., o adjetivo *massorético* passou a ser aplicado ao próprio texto do Antigo Testamento, e não meramente aos homens que labutavam por produzi-lo, que eram chamados *massoretas*.

Os naqdanim, literalmente, os «pontuadores», eram gramáticos que promoviam e melhoravam o trabalho dos massoretas. Eles reproduziam manuscritos do texto massorético. A despeito de tanto esforço, poucos manuscritos representativos chegaram até nós.

III. O Trabalho Feito pelos Massoretas

O hebraico era escrito somente com as consoantes, sem as vogais, e sem pontuação alguma. Apesar de um texto dessa natureza poder ser lido por aqueles bem acostumados com aquele idioma, certamente era uma situação que deixava perplexos aos demais. Tentemos decifrar isto: *vc tm ld st lvr?* Um pouco de investigação mostrará que significa: *Você tem lido este livro?* Mas, para alguns, será preciso bastante tempo. Com a prática, há maior prontidão na leitura, mas foi essa dificuldade que levou os massoretas a inventarem um sistema de pontos vocálicos (representando fonemas vogais), o que também serve de prova de que até os especialistas se cansaram dessa maneira tão difícil de escrever e ler. Adicione-se a isso a dificuldade de que, após o exílio babilônico, o aramaico chegou a substituir o hebraico como idioma popular dos judeus. Assim, um judeu não somente tinha de ler um texto apenas com consoantes, mas também tinha de ler uma língua diferente da sua, mais ou menos como o espanhol dista do português. A descoberta de cartas, entre os manuscritos do mar Morto, mostra-nos que os judeus continuavam usando o hebraico, embora essa não fosse a linguagem principal entre eles.

Massora, Texto Massorético. Ver o artigo separado com esse título. Aqui oferecemos um breve sumário a respeito. Podemos ter a certeza de que esses escribas e tradicionalistas manuseavam com extremo cuidado os manuscritos. Eles se sentiam capazes até de perceber significados misteriosos em *letras* isoladas do texto, quanto mais na mensagem em geral! Se se ocupavam na contagem das letras, assinalando a letra do meio e a palavra do meio das seções, e examinando letras isoladas em busca de sentidos ocultos, também

se ocupavam na preservação e exatidão do texto em geral. Embora o significado do nome deles, *massoretas,* não seja indiscutível, usualmente pensava-se que estava relacionado à raiz hebraica *msr,* que significa «transmitir». Isso posto, eles eram aquele grupo de estudiosos ocupado nas tradições que circundavam a transmissão do texto hebraico e sua mensagem. Conforme já dissemos, eles também proveram o texto com um sistema de sinais vocálicos, além de terem feito copiosas anotações. Essas anotações, em sua maior parte, não eram explicativas, mas eram essencialmente textuais em sua natureza. Eles se preocupavam com o número de vezes em que os vocábulos hebraicos apareciam no texto sagrado, e faziam muita questão da correta ortografia. O trabalho deles prolongou-se de cerca de 500 a cerca de 1100 D.C., embora alguns estudiosos digam que eles continuaram ativos até o tempo da invenção da imprensa. Foram os massoretas que inventaram os parágrafos, as divisões de palavras, a vocalização e a acentuação. Eles costumavam tomar notas às margens e no fim dos parágrafos, mas isso desenvolveu-se em notas feitas no fim dos manuscritos, de tal maneira que, finalmente, foi criado um grande acúmulo de anotações.

IV. Importantes Manuscritos Massoréticos e Edições Impressas.

1. *Codex Cairo*, dos Profetas (designado *C*). Ano de 895 D.C. Esse manuscrito foi pontuado (com sinais vocálicos). Ele foi o penúltimo manuscrito da famosa família de Ben Asher. Pertencia à comunidade caraíta de Jerusalém. Foi tomado pelos cruzados, então foi devolvido aos judeus, e terminou como propriedade da comunidade caraíta, no Cairo.

2. *Leningrado Ms Heb.* 83 (chamado *P*, por causa de Petrogrado). Ano de 916 D.C. Contém os profetas posteriores. Por muito tempo foi considerado o mais antigo manuscrito hebraico do Antigo Testamento.

3. *Aleppo Ms* (designado *A*). Cerca de 940 D.C. Foi encontrado em Jerusalém. Dali foi para o Cairo, e terminou em Aleppo, o que explica o seu nome. Maimônides dizia que era o mais fidedigno manuscrito que ele conhecia. Originalmente continha o Antigo Testamento inteiro, mas atualmente contém apenas três quartas partes do Antigo Testamento, pois a outra parte foi destruída em 1948, quando a sinagoga sefardita de Aleppo foi invadida por uma turba local. Atualmente se encontra na Universidade Hebraica de Jerusalém.

4. *British Museum Or. 4445.* Século X D.C. Contém Gên. 39:20—Deu. 1:33.

5. *Leningrado Ms B 19A* (designado *L*). Ano de 1008 D.C. Aparentemente foi copiado de um manuscrito preparado por Aaron ben Moseh ben Asher. Contém o Antigo Testamento inteiro. Esse foi o manuscrito usado para produzir a *Bíblia Hebraica* 3, uma versão impressa da Bíblia em hebraico.

6. *Catorze manuscritos* encontrados em Leningrado, na União Soviética, por Kahle, quase todos preservados na Segunda Coleção Firkovitch, datados entre 929 e 1121 D.C., todos com o texto de Ben Asher.

7. *Depois de 1100 D. C.,* muitos manuscritos foram preservados, mas em nada contribuíram para adicionar qualquer coisa ao valor da crítica textual, sendo meras reproduções de textos já existentes, pertencentes somente ao tipo de texto massorético.

Edições Impressas:

Antes de 1500 D.C., muitos livros foram publicados em hebraico, incluindo certo número de livros bíblicos.

1. *Daniel Bomberg, de Antuérpia.* Ele publicou sua primeira edição de uma Bíblia rabínica, em 1516—1517. Continha o texto bíblico, com comentários.

2. Uma *segunda Bíblia de Bomberg* foi editada por Jacob ben Chayim, de Túnis, em 1525. Nela foram incluídas muitas anotações dos massoretas. O texto dessa edição tornou-se a Bíblia hebraica padrão para o mundo ocidental, até 1937. Houve também outras publicações, de menor importância.

3. *1776-1780.* Benjamin Kennicott publicou uma *Bíblia Hebraica,* em Oxford, na Inglaterra. Alistava variantes de seiscentos manuscritos hebraicos.

4. A isso, J.B. de Rossi adicionou mais informações sobre variantes textuais, e uma nova Bíblia Hebraica foi publicada. Todavia, as fontes informativas de Kennicott e Rossi eram relativamente recentes.

5. *1869.* S. Baer imprimiu alguns livros em hebraico, com um aparato crítico melhor organizado. No entanto, sua obra nunca se completou, e foi muito criticada.

6. *1908-1926.* Christian D. Ginsburg produziu outra *Bíblia Hebraica* com um elaborado aparato crítico de variantes, mas apenas seguiu os labores de outros, pelo que não produziu coisa alguma de especialmente novo.

7. *1906.* Rudolph Kittle publicou sua *Bíblia Hebraica.* Seguiu-se outra edição, em 1912. Foram incluídas muitas emendas conjecturais. A Septuaginta foi a fonte informativa principal por detrás dessas emendas, mas muitas dessas emendas foram recolhidas dentre os escritos dos comentadores, e não de manuscritos da Septuaginta, e isso reduziu muito o valor da obra. Foi usado, essencialmente, o texto de Ben Chayim.

8. *1937.* Buscou-se usar o manuscrito de Aleppo como base da terceira edição da *Bíblia Hebraica,* mas as autoridades da sinagoga envolvida não permitiram que se fotografasse aquele manuscrito. Por isso, foi usado o texto Leningrado Ms B-19A. Paul Kahle preparou o texto e a massora para ser incluída, e assim foi produzida a *Bíblia Hebraica* 3. Essa Bíblia hebraica tornou-se o texto padrão entre os eruditos ocidentais. Os tradutores da Bíblia tenderam por seguir essa edição, com suas notas de rodapé (retidas na segunda edição) de modo bastante servil. E isso criou uma autoridade não muito recomendável, embora talvez a melhor que podia ser produzida, em face da escassez de manuscritos hebraicos.

9.1958. As Sociedades Bíblicas Britânica e Estrangeira publicaram uma *Bíblia Hebraica* preparada por Norman H. Snaith. Estava alicerçada sobre as notas críticas de um manuscrito espanhol, preparado pelo rabino Solomon Norzi, em 1926. Seu texto é muito semelhante àquele que Kahle encontrou em Leningrado.

Em seguida houve o descobrimento dos manuscritos do mar Morto, em 1948, que promete modificar alguns textos das Bíblias hebraicas impressas, embora a porcentagem de alterações não venha a ser muito grande. No caso do Novo Testamento, a descoberta de manuscritos mais antigos, especialmente em papiro, anulou completamente o *Textus Receptus* (vide). Nenhuma descoberta até hoje, entretanto, tem feito muito para diminuir a autoridade do texto massorético, Ver a décima seção, *Crítica Textual,* onde se demonstra isso.

V. A Genizah do Cairo, no Egito

Esses manuscritos foram descobertos a partir de 1890, na *genizah* (depósito) da antiga sinagoga do Cairo. Uma *genizah* é um depósito para guardar manuscritos que foram tirados de circulação em face de seu desgaste. Esses manuscritos eram irregulares quanto à sua vocalização. Alguns tinham sinais vocálicos supralineares. Também incluíam material extraído dos targuns e da literatura rabínica. Alguns desses manuscritos são anteriores ao século IX D.C., mas as diferenças porventura achadas não são suficientes para lançar qualquer dúvida quanto ao texto massorético comum. A questão da *genizah* é interessante. Os hebreus usualmente sepultavam os antigos manuscritos juntamente com os eruditos. Cópias cuidadosas eram feitas, e antigos manuscritos desgastados eram considerados indignos de serem guardados. No entanto, os estudiosos ocidentais lamentam tais costumes. Os antigos manuscritos da Bíblia têm considerável valor, tanto como pecas valiosas quanto à erudição que eles contêm. Assim, a Universidade de Cambridge negociou e adquiriu grande parte do material encontrado no Cairo. No total, cerca de duzentos mil fragmentos desse material escrito foram adquiridos. Grande parte desses fragmentos, porém, não tem vínculos com a Bíblia, mas consiste em documentos comerciais ou de questões relacionadas à cultura e à fé religiosa dos judeus. Além de revestir-se de valor quanto ao texto bíblico, esse material lança luz sobre questões da cultura e da religião dos judeus. Centenas de manuscritos bíblicos derivam-se de tal origem, e o seu estudo está sendo efetuado com atento escrutínio.

Paul Kahle apresentou a teoria de que os manuscritos demonstram ter havido dois grupos diferentes de massoretas, um na Babilônia e outro em Israel. Nosso conhecimento sobre a transmissão do texto hebraico vai aumentando, mas uma coisa podemos afiançar, é que coisa alguma tem abalado a exatidão geral do texto massorético. E o mais provável é que isso jamais será abalado.

VI. O Manuscrito de Aleppo

No passado, muitos estudiosos acreditavam que esse manuscrito hebraico era o mais antigo de que se podia dispor, razão do grande interesse que o mesmo despertava. Paul Kahle procurou obter fotografias do mesmo para servir de base de sua *Bíblia Hebraica* 3 (ver a seção IV, acima). Mas sua solicitação foi-lhe negada, e o manuscrito não foi posto à disposição dos eruditos, a fim de estudarem-no em qualquer profundidade. Em 1948, a sinagoga sefardita de Aleppo foi atacada por uma multidão, e o manuscrito desapareceu. Ao que tudo indica, oficiais da própria sinagoga tinham ocultado o manuscrito. Por isso, foi «descoberto», e, finalmente, foi levado a Jerusalém, para ser guardado em segurança. Atualmente acha-se na Universidade Hebraica de Jerusalém. Cerca de uma quarta parte do manuscrito foi queimada pelo fogo provocado pela turba invasora. Infelizmente, cerca de nove décimos do Pentateuco estavam irremediavelmente perdidos. Antes de 1948, porém, era uma Bíblia hebraica completa. O erudito inglês, William Wickes, foi o primeiro a fotografar uma porção da mesma (uma página, contendo Gên. 26:17-27:30). O rev. J. Segall também fotografou algumas poucas páginas (Deu. 4:38-6:3). Essa parte pertencia à porção queimada, revestindo-se assim de especial valor. Minhas fontes informativas nada mais informam quanto a outras fotografias, mas é esperança dos estudiosos que esse manuscrito, finalmente, será posto à disposição dos pesquisadores. O que sabemos dizer sobre o mesmo é que seu texto é o texto massorético. Esse manuscrito do Antigo Testamento data do século IX ou do século X D.C.

VII. Tipos de Erros Comuns nos Manuscritos

Os manuscritos bíblicos, do Antigo e do Novo Testamentos, não encerram diferentes tipos de erros (ou modificações escribais), senão aqueles comuns aos livros manuscritos, se excetuarmos os erros que envolvem alterações propositais sobre bases dogmáticas. Quanto a uma ilustração sobre uma alteração dogmática, ver o artigo sobre *Manassés (Outros Além do Patriarca e do Rei),* em seu primeiro ponto. O texto envolvido é o de Juí. 18:30, que fala sobre um certo Moisés, que esteve envolvido com um santuário idólatra. Mas os escribas do texto massorético alteraram *Moisés* para *Manassés,* porquanto não suportavam a idéia que o reverenciado nome de Moisés se encontrasse em tal contexto, embora seja perfeitamente claro que um Moisés diferente estava envolvido no caso. E foi assim que muitas traduções, para outros idiomas, retiveram o texto falso, *Manassés.* Outros tipos de erro são comuns a todos os documentos manuscritos, como repetições, omissões (ditografias e haplografias), equívocos que envolvem letras ou vocábulos similares, variações na ortografia, erros devidos à audição (quando um manuscrito era ditado por outra pessoa). Sabe-se que, com freqüência, manuscritos eram produzidos desse modo, o que também acontecia com os clássicos gregos e romanos. Nos livros de Reis e de Crônicas muitos nomes foram grafados de forma errada, devido à similaridade entre certas letras hebraicas, equivalentes às nossas letras d e r. Mas, a restauração de nomes próprios tem sido feita com sucesso, pelo menos em alguns casos, mediante o confronto com o texto da Septuaginta. Além disso, há omissões devidas ao que se chama de *homoeoteleuton,* isto é, terminações similares de palavras. O olho de um escriba saltava algumas linhas, porque sua vista pousava sobre alguma terminação similar no texto, deixando omisso o que ficava entre uma palavra e a outra. Ernst Wuerthwein demonstrou todos esses tipos de erros em seu livro *Text of the Old Testament,* págs. 71-73, onde demonstra que todos esses tipos de erros aparecem no rolo do profeta Isaías, encontrado em Qumran. Todavia, tais erros não devem ter sua importância exagerada, visto que a porcentagem de equívocos não é muito elevada, e só raramente o sentido de alguma passagem é alterada dessa maneira.

VIII. Importância das Versões do Antigo Testamento

Ver o artigo separado sobre *Bíblia, Versões da,* quanto a detalhes acerca dessa questão. Sumariando, podemos afirmar que, no tocante ao Antigo Testamento, essas traduções são as seguintes:

A *Septuaginta (ou* LXX), sobre a qual apresentamos um artigo separado. Essa tradução foi iniciada em cerca de 230 A.C.

A *Siríaca Peshitta,* de cerca do século V D.C., embora com algumas porções traduzidas antes disso.

A *Vulgata Latina,* feita em cerca de 400 D.C.

Os Targuns Aramaicos, pertencentes a diversas datas.

Antes da descoberta dos manuscritos do mar Morto, havia a estranha circunstância de que os manuscritos de algumas versões eram mais antigos que qualquer manuscrito hebraico disponível. Exemplos conspícuos disso eram os textos veterotestamentários chamados manuscritos Alexandrinus, Vaticanus e Sinaiticus. Havia eruditos que tendiam por superestimar a Septuaginta e subestimar o texto massorético. Mas os manuscritos do mar Morto têm mostrado o valor da Septuaginta (algumas vezes, mostra-se melhor e mais antigo do que o texto massorético), embora, em sentido geral, essa descoberta tenha elevado a opinião dos estudiosos em geral (incluindo os eruditos liberais) quanto à qualidade do texto massorético. Contudo, visto que as versões obviamente incluem muitas palavras e passagens que procuram traduzir (e lembremos que se trata da tradução de um idioma semita para várias línguas indo-européias, o que dificulta o trabalho de tradução) o hebraico, mas que não dizem, literalmente, o que diz o hebraico, por isso mesmo fazendo perder o valor dessas passagens, quando se trata agora de averiguar o que dizia o Antigo Testamento. Por outra parte, os textos dos livros de Samuel, em hebraico, estão bastante corrompidos, e, nessa porção do Antigo Testamento, a Septuaginta reveste-se de grande valor para estabelecer os textos originais. Lamentavelmente, porém, muitos manuscritos da Septuaginta e de outras versões também envolvem muitos erros, e, por causa disso, algumas vezes as versões aumentam a confusão, em vez de solucionarem problemas. A Septuaginta alterou muitos nomes próprios, de uma maneira irreconhecível. O manuscrito Vaticanus da Septuaginta é um dos melhores de que dispomos; mas encerra um grande número de variantes textuais *(sui generis),* especialmente no que se refere a nomes próprios.

Algumas vezes, a Septuaginta segue uma tradição radicalmente diferente, e é nesse ponto que ela lança dúvidas sobre os textos massoréticos existentes. Isso, em adição, deixa entendido que havia textos locais do Antigo Testamento, tal como veio a suceder no caso do Novo Testamento, embora não tenhamos evidências suficientes para estabelecer qualquer teoria fidedigna acerca da questão, no caso do Antigo Testamento. Parte dessa atividade poderia dever-se a manuscritos hebraicos defeituosos, que, então, foram usados para deles se tirarem cópias, embora dificilmente possamos atribuir todos os erros a essa única circunstância.

Outras vezes, a Septuaginta aclara alguma confusão resultante da similaridade entre letras hebraicas, como o *daleth* e o *resh*, o que deu origem a variantes. Um desses casos é o de Amós 9:12. Ali diz o texto massorético: «...para que possuam o restante de Edom...» Mas a Septuaginta lê: «... o remanescente da humanidade buscará ao Senhor...» A diferença pode ser explicada pela diferença na vocalização em uma palavra e um *resh* em outra palavra, onde deveria haver um *daleth.* Nossa versão portuguesa tentou emendar e criou um texto novo, pois diz: «...para que possuam o restante de Edom e todas as nações que são chamadas pelo meu nome...», misturando as variantes. O trecho de Atos 15:17 segue a forma que se acha na Septuaginta, o que era importante quanto às decisões tomadas pelo concílio de Jerusalém. Lemos ali (em nossa versão portuguesa): «Para que os demais homens busquem o Senhor, e todos os gentios sobre os quais tem sido invocado o meu nome». Se os cristãos presentes conhecessem um texto diferente (conforme se vê em textos massoréticos posteriores), então o mais provável é que eles teriam objetado o uso que Tiago fez dessa passagem de Amós.

O fato de que não o fizeram mostra-nos que, quanto a esse particular, a Septuaginta preservou o texto original, ao passo que o texto massorético o perdeu.

A Septuaginta influenciou tremendamente outras versões, pelo que elas não se revestem de grande valor como testemunhos isolados. A maioria dos eruditos, pelas razões expostas, muito têm dependido da Septuaginta, quando se trata de fazer emendas sobre o texto massorético do Antigo Testamento.

IX. Crítica Textual do Antigo Testamento

Princípios:

1. Bem podemos suspeitar que o texto do Antigo Testamento também era representado por tipos de texto (textos locais), tal como sucedeu aos manuscritos do Novo Testamento. Mas, não há provas suficientes para fazermos disso um instrumento prático. Até onde vão as evidências, houve um texto protomassorético ser ainda que não se possa descobrir a existência de tipos de texto entre esses manuscritos. E nem pode um texto protomassorético ser estabelecido, exceto mediante alguns exemplos dispersos. Permanece de pé o fato de que o texto massorético é plenamente digno de confiança. Esse é o único tipo de texto hebraico do Antigo Testamento. Não obstante, o texto massorético pode e deve ser emendado em certos lugares, e isso constitui, essencialmente, o trabalho dos críticos textuais, no tocante aos manuscritos do Antigo Testamento.

2. A descoberta dos manuscritos do mar Morto tem demonstrado que, de modo geral, podemos depender do texto massorético, embora também tenha mostrado que, aqui ou acolá, a Septuaginta preserva melhor o original do que o texto massorético, conforme o mesmo é representado nos manuscritos, copiados a partir do século IX D.C. em diante. Ou, então, os manuscritos do mar Morto simplesmente afastam-se do texto massorético, não contando, igualmente, com qualquer apoio por parte da Septuaginta.

Exemplo. O rolo completo do livro de Isaías, conhecido como *IQIsa,* é um dos mais antigos e melhores dentre os manuscritos pré-massoréticos. Usualmente concorda com o texto massorético, mas, em alguns trechos, afasta-se do mesmo. Para exemplificar, o texto massorético diz, em Isa. 3:24:

«Será que em lugar de perfume haverá podridão,
e por cinta, corda,
em lugar de encrespadura de cabelos, calvície,
e em lugar de veste suntuosa, cilício,
e marca de fogo em lugar de formosura».

Na última linha é que se encontram as variantes. Ali aparecem duas dificuldades: há a reversão da ordem de palavras em relação às quatro linhas anteriores, e confere à palavra hebraica *ki,* que é bastante comum, um sentido que não aparece em todo o resto da Bíblia, ou seja, «marca de fogo». Mas o manuscrito *IQIsa* tem uma palavra adicional no fim da quinta linha, produzindo o seguinte resultado: «...e em lugar de formosura (haverá) vergonha». Essa parece ser a forma original do texto.

3. *Alterações propositais,* por razões dogmáticas, algumas vezes tornam-se evidentes. Em II Samuel, certos nomes não hebraicos, que incorporam o nome de *Baal,* com freqüência tiveram esse nome alterado para *bosheth,* «vergonha». Porém, nos livros de Crônicas, esses nomes foram deixados intocados. Por isso, o nome de um dos filhos de Saul, em II Sam. 2:8, é *Is-Bosete,* ao passo que em I Crô. 8:33, esse mesmo homem é chamado mais corretamente (de acordo com o texto original) de *Esbaal.* A explicação disso é que certos escribas do texto massorético não queriam admitir que israelitas tivessem dado nomes tipicamente pagãos a seus filhos.

4. *Emendas Feitas no Texto Massorético.* Abaixo damos princípios básicos que se aplicam a essa questão:

a. A preferência é conferida ao texto das versões, mormente no caso da Septuaginta, ou quando as versões em geral concordam entre si contra o texto massorético, em alguns casos em que isso parece mais apropriado ao sentido do contexto.

b. A preferência é dada às variantes que substituem corrupções óbvias do texto massorético, conforme se vê nas ilustrações acima.

c. Quando os manuscritos do texto massorético não concordam entre si, então são feitas comparações entre aqueles documentos, com um cotejo adicional com as versões, a fim de se verificar qual forma é apoiada por elas.

d. Algumas vezes, variantes conjecturadas substituem o que se julga terem sido equívocos dos escribas, mesmo nos casos em que as versões em nada ajudam.

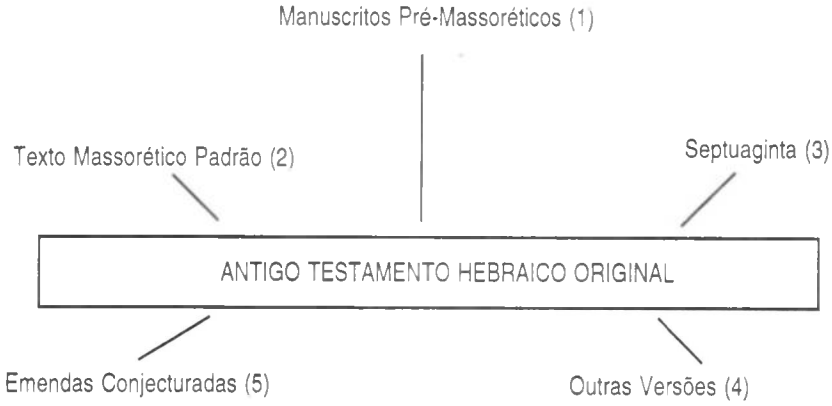
e. As conjecturas podem combinar-se com algumas evidências, embora não com a esmagadora maioria delas.

f. Quando as versões contam com um texto que parece depender de textos que os atuais manuscritos massoréticos perderam, então pode haver tentativas de restauração.

g. Usualmente, a variante mais breve é preferível, visto que os escribas tendiam muito mais por expandir do que por condensar os textos.

h. Regras comuns da crítica textual são as seguintes: as ditografias e haplografias devem ser observadas e corrigidas; as modificações dogmáticas devem ser rejeitadas; os comentários explicativos devem ser omitidos; os equívocos escribais óbvios devem ser corrigidos.

X. Diagrama: Restauração do Texto Original



Algumas Ilustrações:

a. *Salmos 49:11.* Temos aqui um texto sem sentido, no texto massorético:

«O seu pensamento íntimo é que as suas casas serão perpétuas. A palavra hebraica aqui traduzida por «pensamento hebraico» parecia ser *qirbam. Os* tradutores lutaram com esse termo, mas com pouco sucesso. Mas, se nos voltarmos para as versões (Septuaginta, Peshitta e os Targuns), então a questão fica facilmente resolvida:

«Seus sepulcros (no hebraico *qibram)* são suas casas perpétuas...» O erro consistiu na transposição da inscrição entre um *b* e um r, de tal modo que *qibram,* «sepulcro», tornou-se *qirbam,* «pensamento íntimo».

b. *Isaías 49:24.* O texto massorético diz:

«A presa pode ser tirada ao poderoso, ou podem ser salvos os cativos de um homem *justo?*» Naturalmente, «homem justo», nessa passagem — parece inteiramente fora de lugar. Mas a Septuaginta, a Siríaca *Peshitta* l e a Vulgata têm a tradução «tirano», o que dá um sentido muito melhor. O rolo de Isaías, encontrado perto do mar Morto, também diz «tirano». O erro originou-se da similaridade entre as palavras hebraicas para *justo* e para *tirano.* Nossa versão portuguesa diz, corretamente, «tirano».

Bibliografia. AM AP BJR E JEL KE ND Z

Ver também a Bibliografia do artigo *Mar Morto Manuscritos (Rolos) do,* no tocante a uma bibliografia mais completa.

MANUSCRITOS (ROLOS) DO MAR MORTO

Ver **Mar Morto, Manuscritos (rolos) do.**

MÃO

No hebraico, temos três palavras e no grego, uma, a saber:

1. *Yad,* «mão». Palavra hebraica que aparece por mais de mil e trezentas vezes, desde Gên. 3:22 até Mal. 3:12.

2. *Ekeph,* «palma da mão», palavra hebraica usada por apenas uma vez, em Jó 33:7.

3. *Kaph* «palma da mão» e «sola do pé». Palavra hebraica empregada por cento e vinte e duas vezes, desde Gên. 20:5 até Ageu 1:11.

4. *Cheir,* «mão». Vocábulo grego que aparece por cento e setenta e oito vezes, desde Mat. 3:12 até Apo. 20:4.

A mão é o órgão terminal do braço de vários animais, répteis e anfíbios. Na maioria dos animais, a mão é usada na locomoção, embora, em português, a chamemos de pata, mas, na espécie humana, a mão é usada para segurar, para tatear, e para fazer todo tipo de trabalho. De fato, a mão é o mais usado de todos os membros do corpo humano. Compõe-se do pulso, da palma, de quatro dedos terminais e do polegar, potencialmente posicionado no lado oposto, mediante um ágil movimento, possibilitando o ato de segurar. Isso destaca o homem de todos os animais, excetuando no caso de certos primatas. O pulso é formado por oito ossos, arranjados em duas fileiras de quatro ossos cada. Esses ossos, que formam o *carpo,* têm o formato de cubos grosseiros e com seus tendões de conexão, são capazes de conferir grande agilidade à mão. A palma é formada por cinco ossos finos, ligados às *falanges,* ou ossos dos dedos. Temos catorze falanges em cada mão, a saber: três em cada dedo terminal e duas no polegar. As juntas entre os ossos do metacarpo e as falanges chamam-se nós dos dedos. A grande gama de movimentos possíveis à mão é controlada por músculos que se originam no ombro, no braço e no antebraço, ligados à mão por meio de tendões.

A mão é um instrumento de tal agilidade e graça que se encontra entre as mais maravilhosas criações de Deus. De fato, alguns teólogos têm-se valido da mão como um argumento em prol da existência de Deus, por causa de seu desígnio que demonstra tão grande inteligência. Ver sobre o *Argumento Teleológico.*

Usos Metafóricos. Quase todas as referências que há na Bíblia à mão são metafóricas. Damos abaixo exemplos disso:

1. A mão é símbolo de todos os tipos de atos e utilizações. Mãos *puras* indicam que uma pessoa faz coisas retas, ao passo que mãos *impuras* indicam que o indivíduo fez coisas erradas. Mãos *sangrentas* pertencem àqueles que matam ou praticam atos de crueldade. Ver Sal. 90:17; Jó. 9:30; I Tim. 2:8; Isa. 1:15.

2. A *lavagem* das mãos e sinal de inocência, de não querer se envolver em algo que é considerado errado (Deu. 21:6,7; Sai. 26:6; Mat. 27:24).

3. A mão representa poder e autoridade, o que explica as expressões bíblicas como *mão direita (ou destra)* e o *poder da mão* (ver Êxo. 15:6 e Isa. 10:13).

4. *Segurar* a mão direita representa dar apoio (Sal. 73:23; Isa. 41:13).

5. *Postar-se* à mão direita significa dar proteção, ou receber honra e poder da parte da pessoa ao lado (Sal. 16:8; 109:31; Mat. 20:23; Heb. 1:3).

6. *Apoiar-se* à mão de outrem é sinal de familiaridade ou de superioridade (II Reis 5:18; 7:17).

7. *Dar* a mão a outra pessoa significa submissão (II Crô. 30:8).

8. *Beijar* a mão de outrem é sinal de homenagem, respeito ou submissão (I Reis 19:18; Jó 31:27).

9. *Derramar água* nas mãos de outrem indica serviço prestado (II Reis 3:11).

10. *Tornar inativas* as mãos significa não permitir trabalhar, ou então enregelá-las de frio (Jó 37:7).

11. *Retirar* a mão aponta para remover a ajuda ou o apoio (Sal. 74:11).

12. *Decepar* a mão representa a prática de uma extrema autonegação (Mat. 5:30).

13. *A mão aberta* simboliza generosidade ou liberalidade (Deu 15:8; Sal. 104:28).

14. A *mão fechada* é sinal de mesquinhez (Deu. 15:7)

15. A mão direita é o sul; a mão esquerda é o norte (Jó 23:9; I Sam. 23:19 e II Sam. 24:5).

16. *Voltar a mão contra* indica aplicar castigo (Amós 1:8; Jer. 6:9; Eze. 38:12; Sal. 81:14).

17. *Levantar as mãos* é sinal de oração intercessória ou de outorga de bênçãos (Jó 11:13; I Tim. 2:8). Esse ato também era efetuado quando se prestava um juramento (Gên. 14:22), ou quando se implorava algo (I Tim. 2:8).

18. *Bater* as mãos uma na outra era sinal de lamentação, ira ou consternação (II Sam. 13:19; Jer. 2:37; Núm. 24:10; Eze. 21:14,17).

19. A mão direita de um sacerdote era tocada com o sangue da vítima, dando a entender expiação e a autoridade do sacrifício oferecido (Êxo. 29:20 e Lev. 8:23,24).

20. *Juntar* as mãos indicava acordo ou o estabelecimento de um pacto (II Reis 10:15; Jó 17:3; Pro. 6:1; 17:18).

21. Pôr a mão *sob a coxa* era um ato que simbolizava a confirmação de um juramento (Gên. 24:2,3; 47:29,31).

22. *Bater palmas* é sinal de alegria, triunfo ou aprovação (II Reis 11:12; Sal. 47:1).

23. *Abrir a mão* indica oferecer ajuda ou emprego (Deu. 15:11).

24. *Pôr as mãos no arado* significa iniciar uma tarefa ou missão (Luc. 9:62).

25. A *imposição de mãos* (vide) era um melo de se conferir alguma bênção, cura ou algum tipo de poder; inclusive poder espiritual (Atos 8:17; I Tim. 4:4). Também transferia o pecado (simbolicamente falando) para o animal a ser sacrificado (Lev. 16:21).

26. *Estender as mãos contra* era fazer oposição a algum inimigo (Eze. 25:13) ou ajudar a algum amigo (Deu. 3:24; 4:24).

27. *Estar à mão* é proteger e prestar auxílio (Jer. 23:23). No tocante ao tempo, significa «breve» (Fil. 4:5).

28. Entregar o espírito às mãos de Deus é morrer na boa esperança da bênção de Deus, na esperança da prosperidade espiritual no mundo vindouro (Luc. 23:46). Encontramos o mesmo sentido em Atos 7:59, embora sem a menção às mãos.

29. A *mão direita* era lugar do favor especial; a mão esquerda, de favor secundário (Mat. 20:23). Porém, a mão direita também pode indicar favor, e a esquerda desprazer ou julgamento (Mat. 25:33). O lado esquerdo ou mão esquerda pode indicar algo pervertido, inferior, ímpio. Ou então, na política, os esquerdistas.

30. Nos sonhos, duas mãos em oposição indicam alguma decisão que precisa ser tomada entre duas alternativas, e a mão *esquerda é* a alternativa que deveria ser rejeitada. Nesses sonhos, as mãos podem segurar objetos simbólicos, que representam as alternativas.

31. Uma mão gigantesca, que desce do céu, nas visões ou nos sonhos, refere-se ao poder de Deus, que está atuando.

32. O *toque* das mãos simboliza bênçãos, a comunicação de autoridade ou sentimentos de bondade ou ternura (Gên. 48:13,14; Deu. 34:9).

MAOL

No hebraico, «dança». Nome daquele que se presume ter sido o pai de Hemã, Chalcol e Darda, famosos por sua sabedoria, antes da época de Salomão (I Reis 4:31). Surge a dificuldade em I Crô. 2:6, onde lemos que eles eram filhos de Zera. Se isso é certo, então *Maol* deve ser entendido como uma alusão ao fato de que eles eram *dançarinos ou* compositores de música, uma arte quase sempre ligada à dança, e não uma referência ao pai deles. Dois desses sábios compuseram um salmo que encerra a coletânea conhecida por esse nome. Hemã compôs o Salmo 88, e Etã compôs o Salmo 89.

MAOM

No hebraico, «residente». Há vários indivíduos ou lugares assim chamados:

1. Um filho de Samai, da linhagem de Calebe. Seus descendentes faziam parte da tribo de Judá. Maom era o pai de Bete-Zur, o que significa que os habitantes do lugar eram seus descendentes, ou que ele foi o fundador daquela cidade. É possível, porém, que seus descendentes tivessem sido os fundadores da cidade. Ver I Crô. 2:45.

2. Há uma cidade com o nome de Maom, na região montanhosa de Judá (Jos. 15:55). Ficava localizada a catorze quilômetros e meio ao sul de Hebrom, e tem sido identificada com a moderna Tell Ma'in, que fica no alto de uma colina. Quando Davi fugia de Saul, refugiou-se no deserto de Maom (I Sam. 23:24 *ss). Nabal* (vide) residia em Maom. Quando Nabal morreu, Davi desposou sue vlúva, Abigail (I Sam. 25:2).

3. *Maonitas.* Os maonitas mostraram-se hostis para com Israel (ver Juí. 10:12). Os eruditos não estão certos se eles tinham ou não qualquer conexão com *Maom,* e, se havia tal conexão, no que consistia Maom. Alguns têm-no identificado com os meunitas de I Crô. 4:41 e II Crô. 20:1 e 26:7, embora não haja certeza quanto a isso. Os meunitas são mencionados juntamente com os egípcios, os amorreus, os amonitas, os filisteus, os sidônios e os amalequitas. É possível que os meunitas tivessem antes residido em Maom, tendo derivado o seu nome dessa circunstância, mas os eruditos nunca conseguiram chegar a conclusões indubitáveis sobre a questão. A associação dos árabes e dos amonitas com os meunitas (ver II Crô. 20:1), sugere que eles habitavam em *Ma'an,* a suleste de Petra.

MAOQUE

No hebraico, «pobre», ou, então, na opinião de outros, «opressão». Esse era o nome de Aquis, rei de Gate. Davi, quando fugia de Saul, refugiou-se com Aquis (I Sam. 27:2). Talvez Maoque seja o mesmo homem que o trecho de I Reis 2:39 chama de Maaca. Corria, aproximadamente, o ano de 1004 A.C.

MAQUEDÁ

No hebraico, «lugar de criadores de gado». Esse era o nome de uma das cidades reais dos cananeus (Jos. 12:16). Na região havia a caverna onde cinco reis, aliados contra Israel, esconderam-se, após terem sido derrotados militarmente (ver Jos. 10:10-29). Eles tinham sido derrotados em Gibeom, e fugiram, a princípio, para leste, na direção de Bete-Horom, e, então, para o sul, na direção de Zeca e Maquedá. Josué, entretanto, alcançou-os e matou-os. Ele também capturou a cidade de Maquedá e matou o seu rei (ver Jos. 10:28). Maquedá ficava localizada na Sefelá (ver Jos. 15:41), embora o local moderno ainda não tenha sido identificado. Uma vez que a Terra Prometida foi conquistada, essa região foi outorgada à tribo de Judá. Há duas opiniões quanto à sua localização, a saber, Khirbet el-Kheishum (entre Azeca e Bete-Semes) e Khirbet Beit Mazdum, a onze quilômetros a suleste de Beit Guvrin. Os informes bíblicos acerca da rota tomada por Josué parecem favorecer a primeira dessas duas opiniões (ver Jos. 10:28-39).

MAQUELOTE

No hebraico, «assembléias». Israel, em suas vagueações pelo deserto, após o *êxodo* (vide), estacionou em vários lugares, onde permaneceu por algum tempo. Maquelote foi um desses lugares. Ficava entre Harada e Taate (ver Núm. 33:25,26). Foi o vigésimo sexto acampamento dos israelitas. O local não foi identificado até hoje.

MAQUERATITA (MAACATITA)

Héfer, um dos trinta poderosos guerreiros de Davi, que o acompanhou ao exílio, quando aquele servo de Deus fugia de Saul, era assim chamado. O nome sugere que ele era de *Maquera,* mas esse lugar é desconhecido. Por isso mesmo, alguns têm sugerido que essa passagem, em I Crô. 11:36, que contém as palavras, «Héfer, maqueratita», encerra um erro escribal, e que sua verdadeira forma aparece em II Sam. 23:34, onde se lê «...filho de Asbai, filho dum maacatita...», o que significaria que o homem em questão era natural de *Maaca* (vide).

MAQUI

No hebraico, «definhamento», «enlanguescimento». Esse foi o nome do pai de Geuel, o gadita, que foi representante de sua tribo como um dos doze espias da terra do Canaã (Núm. 13:15). Ele foi um dos que trouxeram um relatório desencorajador. Dos doze espias, somente Josué e Calebe apresentaram um relatório baseado na confiança no Senhor. Isso ocorreu em cerca de 1440 A.C.

MÁQUINAS

No hebraico, **chishshebonoth**, «invenções», «obras bem pensadas». Essa palavra ocorre por duas vezes: II Crô. 26:15 e Ecl. 7:29. Mas, nesta última passagem, nossa versão portuguesa diz «astúcias», o que é uma tradução deficiente, pois ali caberia melhor «invenções». Uma palavra usada na Bíblia para indicar várias invenções militares, usadas para facilitar a guerra, ajudando a matar pessoas em maior escala. E, como já dissemos, a palavra também pode ser traduzida como «instrumentos», «aparelhos» etc. A palavra hebraica normalmente envolve a idéia de «engenhosidade». E é um triste comentário sobre a história da humanidade que os homens têm-se utilizado de sua natureza inventiva para se tornarem mais mortíferos em suas guerras.

Máquinas de Guerra Específicas. 1. Em II Crônicas 26:15 a palavra em questão é usada para indicar catapultas, capazes de lançar dardos e outros mísseis. 2. Em Ezequiel 26:9, está em vista o *aríete* (conforme diz ali a nossa versão portuguesa). Os assírios usavam essa arma de guerra, havendo tais máquinas de vários tipos. O tipo mais simples de aríete era um poste grande, usado na horizontal, que certo número de homens transportava correndo, a fim de derrubarem alguma parede.

Um outro tipo era montado dentro de um carro móvel, com cerca de 4,5 m de comprimento e 2,10 m de altura. O aríete era suspenso por uma corda, sendo projetado contra a parede que pretendia derrubar. Se uma muralha fosse feita de pedras, esse aparelho, mediante golpes repetidos, podia deslocar as pedras. Uma variante dessa máquina de guerra era uma torreta, de onde eram lançados dardos, por cima das muralhas das cidades inimigas. 3. As torres móveis podiam derrotar as muralhas defendidas por soldados em pouco tempo, porquanto então a proteção das muralhas já não significava muita coisa. Porém, a invasão de muralhas, mediante essas torres, sempre era acompanhada por muitas perdas de vida, visto que isso fazia dos soldados invasores excelentes alvos.

A passagem de II Crônicas 26:15 informa-nos como o rei Uzias preparou máquinas para serem postas em torres e esquinas de muralhas, a fim de dali serem lançadas flechas e grandes pedras. Os eruditos calculam que as antigas catapultas podiam atirar pedras de até quase cinqüenta quilos. E uma pedra com esse peso, lançada com boa velocidade, podia derrubar uma muralha em pouco tempo, espalhando o terror entre os defensores, contra quem as pedras eram atiradas. Os princípios mecânicos em que se baseavam essas máquinas eram, essencialmente, os mesmos princípios da funda, do arco, da mola, da tensão de cordas esticadas.

Também havia máquinas defensivas móveis, dentro das quais os soldados podiam aproximar-se do inimigo, protegidos. Essas máquinas defensivas eram, essencialmente, pequenas fortalezas móveis, sobre rodas. Os relevos assírios mostram máquinas de madeira, com escudos, usadas para serem encostadas nas muralhas, embora também houvesse máquinas móveis. A história mostra-nos que uma das vantagens de Alexandre, o Grande, é que suas tropas contavam com máquinas de guerra aprimoradas. A grande técnica que os homens têm conseguido nas armas de guerra, nos tempos modernos, forma um assunto que nos causa desgosto, que serve de comentário sobre a natureza depravada dos homens. Essa natureza humana jamais melhorou, embora os homens tenham-se tornado mais e mais engenhosos, na prática da maldade. Ver o artigo paralelo sobre *Armas, Armadura. (S* UN YAD Z)

MAQUIR

No hebraico, «vendido». Há duas personagens com esse nome na Bíblia:

1. O filho mais velho de Manassés e neto de José (Gên. 50:23; Jos. 17:1). Ele foi o fundador da tribo dos maquiritas, que subjugou Gileade e recebeu aqueles territórios, quando a Terra Prometida foi dividida após a conquista. Ver Núm. 32:39,40; Jos. 17:1. Houve mesmo tempo em que o nome *Maquir* foi aplicado à tribo inteira de Manassés. Ver Juí. 5:14. O trecho de Jos. 13:29-31 mostra-nos como a tribo de Manassés foi dividida. Metade da família de Maquir mudou-se para a região da Transjordânia, e a outra metade ficou com a meia-tribo de Manassés, a oeste do rio Jordão (vs. 31). Visto que o neto de Maquir, Zelofeade, teve somente filhas, foi feito um arranjo especial acerca da questão da herança. A filha de Maquir tornou-se esposa de Hezrom e mãe de Segube (I Crô. 2:21). Dessa maneira, ficou garantida a continuação da linhagem masculina. Ver também Núm. 27:1; 36:1; Jos. 13:31 e I Crô. 2:23.

2. Um outro homem desse nome era descendente do primeiro. Especificamente, era filho de Amiel, que residia em Lo-Debar. Ele cuidou do filho aleijado de Jônatas, filho de Saul, até que Davi começou a cuidar dele (II Sam. 9:4,5). Em outra ocasião, entreteve a Davi (II Sam. 17:27-29). Sua época foi entre cerca de 984—967 A.C.

MAQUIRITAS

Esse adjetivo pátrio aparece somente em Núm. 26:29, referindo-se aos descendentes de Maquir (vide). Há alguma confusão envolvida nesse nome, em relação a outros. O trecho de I Crô. 7:17 diz, acerca dos descendentes de Maquir, que eles eram filhos de Gileade, o filho de Maquir, filho de Manassés, afirmando que Maquir gerou a Gileade, o que faz de Gileade filho de Maquir. *Gileade*, por sua vez, é usado como nome do clã inteiro, ou grupo de tribos, tal como *Moabe* aponta, coletivamente, para os moabitas. Logo, Maquir foi o ancestral dos gileaditas. Mas, visto que Maaca, esposa de Maquir, era benjamita, por isso mesmo os maquiritas sentiam-se parentes tanto de Manassés, quanto de Judá, quanto do Benjamim. O problema de que Zelofeade não tinha herdeiro do sexo masculino aparece comentado no artigo intitulado *Maquir*. Por causa das circunstâncias que cercavam esse clã, e da confusão que surgiu em redor das heranças de acordo com as linhagens tribais, tiveram de ser baixadas leis para evitar confusões inerentes a matrimônios entre pessoas de tribos diferentes. Ver Núm. 36:1-12.

MAR

No hebraico, «rugido». Portanto, é palavra aplicável ao mar ou a um rio, sempre que as águas se mostrarem turbulentas. Por extensão, os hebreus usavam essa palavra hebraica, *yam*, para indicar também o oeste (vide), por ser a direção onde se achara o mar, para qualquer observador da Palestina. No grego encontramos a palavra *htálassa*, «mar», por todo o Novo testamento, mas, em Atos 27:5; em alusão ao mar Mediterrâneo, encontramos a expressão em conjunto com *pélagos*, com o sentido de «mar aberto».

Quatro «mares» formam o pano de fundo dos eventos bíblicos, cada um deles figura nos registros bíblicos com certa variedade de nomes, a saber:

1. *Mar Vermelho*, com freqüência, referido como «o mar» ou como «mar do Egito». Esse foi um obstáculo que os israelitas tiveram de vencer, em sua marcha para fora do Egito. E, uma vez que tinham atravessado em segurança, vendo as suas águas se fecharem sobre as tropas egípcias perseguidoras, eles nunca mais retornaram ali. Após essa travessia, esse mar só é mencionado uma vez, em I Reis 9:26, quando Salomão edificou uma flotilha e uma base marítima no golfo de Ácaba, com propósitos comerciais.

2. Mar *Mediterrâneo*. Esse mar aparece pela primeira vez em Êxodo 23:31, com o nome de «mar dos filisteus», visto que as costas marítimas, então e ainda durante muito tempo, foram mantidas na posse desses rivais do povo de Israel. No trecho de Josué 1:4 *ss*, esse mar é chamado de *Grande Mar* (vide), sendo essa a designação usada em todas as descrições topográficas acerca do estabelecimento do povo de Israel na terra de Canaã. Nos trechos de Joel 2:20 e Zacarias 14:8, esse mar é chamado de «mar ocidental». Nesses dois trechos há um contraste intencional entre esse «mar ocidental» e o «mar oriental», respectivamente, o mar Mediterrâneo e o mar Morto, este último no outro flanco da região montanhosa da Judéia. De fato, por mais diferentes que sejam esses dois corpos de água, para os escritores do Antigo Testamento, a nação de Israel era concebida como que apertada entre esses dois mares.

3. *Mar Morto*. O primeiro nome dado a esse mar é «Mar Salgado» (Núm. 34:12) e, então, «mar do Arabá» (Deu. 3:17). Daí por diante, temos o «mar oriental», em Joel 2:20 e Zacarias 14:8. Paralelamente ao «mar da Galiléia», o nome «mar» é dado, nesse caso, àquilo que, na verdade, é apenas um lago (cf. o mar Cáspio, que é um lago). Diferente do mar da Galiléia, entretanto, o mar Morto não tem escoadouro—seu nível é mantido mediante uma elevadíssima taxa de evaporação em sua superfície. O mesmo fenômeno é responsável por suas águas extremamente salinas, e o mar Morto é contrastado com o Mediterrâneo pelo fato de que não há peixe em suas águas, devido ao alto teor salino. Uma das visões dos profetas Ezequiel e Zacarias era que suas águas, algum dia, tornar-se-ão suficientemente potáveis para sustentar a vida animal. Por isso temos a visão de pescadores espalhando suas redes de pesca em En-Gedi (Eze. 47:10). A hidrologia moderna faz essa visão tornar-se bem próxima da viabilidade, mesmo em nossos dias.

4. *Mar da Galiléia*. Esse aparece nas páginas do Antigo Testamento como «mar de Quinerete» (Núm. 34:11; Jos. 12:3 *etc.)* e, no Novo Testamento, ocasionalmente, como mar de Tiberiades, nome esse derivado da cidade desse nome que Herodes Ântipas erigiu às suas margens, ou mesmo como lago de Genezaré (Luc. 5:1), embora

alguns sugiram que este último nome deriva-se de Quinerete. Entretanto, mar da Galiléia é seu nome usual no Novo Testamento.

O mar propriamente dito, em oposição ao lago, desempenha um papel bem pequeno nas narrativas bíblicas. No Antigo Testamento há somente três episódios navais: o primeiro, quando Hirão, rei de Tiro, fez flutuar jangadas de madeira, do norte para o sul, ao longo da costa do Mediterrâneo, a fim de suprir a Salomão o material de construção necessário para o templo de Jerusalém (I Reis 5:9); o segundo, quando Salomão construiu a frota do mar Vermelho (I Reis 9:26,28); e o terceiro, quando Jonas fugia da presença do Senhor (Jonas 1). Os israelitas parecem ter tido pequeno contato com o mar, pelo que, para todos os efeitos práticos, não tinham tradições marítimas. E os fenícios, seus vizinhos mais ao norte, por certo ultrapassavam em muito aos israelitas quanto a essa arte da navegação.

Alguns estudiosos, como G. Adam Smith (HGHL), têm sugerido que essa ausência de interesse pela vida marítima devia-se ao fato de que, ao sul da Fenícia, a costa marítima da Palestina não oferece quaisquer portos naturais, e bem poucos portos bons, relativamente destituídos de importância, pois a costa sem reentrâncias, recoberta de dunas, não provê abrigo. Outros estudiosos, como Baly, salientam que uma explicação mais válida para o desinteresse do povo israelita pelas coisas marítimas deve ter sido o fato de que, quase nunca, eles ocuparam politicamente a faixa costeira do mediterrâneo. Assim, destituídos de acesso fácil ao mar, eles tinham bem pouca oportunidade de se tornarem marinheiros experientes. Em apoio a essa sugestão, temos a considerar que os dois únicos episódios nacionais que vincularam o povo de Israel ao mar (ver acima), ocorreram durante o reinado de Salomão, quando os filisteus já haviam sido suprimidos, e quando a hegemonia de Israel, sobre os povos circunvizinhos, estava no auge. No seu todo, a Bíblia encara o mar como um elemento *hostil,* perigoso, que separa os povos uns dos outros. Um dos sinais que antecederão a segunda vinda de Cristo Jesus será o fato de que os oceanos ficarão tão agitados e destrutivos que os homens ficarão perplexos «por causa do bramido do mar e das ondas» (Luc. 21:25). E uma das glórias antecipadas dos novos céus e da nova terra, após o milênio, é que o mar, finalmente, será eliminado (Apo. 21:1).

Uso Metafórico. Provavelmente por não haverem sido um povo marítimo, os hebreus encaravam o mar com temor e suspeita, a exemplo de vários outros povos antigos, o que prosseguiu até mesmo durante a Idade Média, até que se iniciaram as grandes navegações, que culminaram no descobrimento das Américas e da Oceania. Em muitos trechos da Bíblia, o mar torna-se um símbolo da agitação, da instabilidade e do pecado das massas da humanidade (ver Isa. 57:20; Jer. 49:23; Tia. 1:6; Jud. 13 e Apo. 13:1).

MAR, ANIMAIS DO

No hebraico, **tannin**. Essa palavra ocorre por catorze vezes no Antigo Testamento: Gên. 1:21; Núm. 21:8; Deu. 32:33; Lam. 4:3; Sal. 74:13; 91:13; 148:7; 51:9; Jer. 51:34; Isa. 14:29; 27:1; 30:6; Jó 7:12; Mal. 1:3.

Trata-se de uma daquelas palavras hebraicas em torno das quais giram muitas dúvidas quanto ao seu sentido exato, o que se comprova pelas traduções que têm sido dadas ao termo, e pelas opiniões discordantes dos estudiosos, a esse respeito. Os tradutores têm pensado em possibilidades como «animal marinho», «dragão», «serpente» ou «baleia». Levando-se em conta todos os vários usos da palavra hebraica, parece melhor ficarmos com o sentido de «baleia», que deve ser o sentido original e primário da palavra, segundo se vê em Gên. 1:21. Ver sobre *Baleia*. Contrariamente a essa opinião, devemos considerar o caso de Lam. 4:3, onde o meio ambiente é um deserto, e não o mar, hábitat próprio das baleias. Por esse motivo, alguns eruditos preferem pensar que ali está em foco uma outra palavra hebraica, que significaria «chacal», embora a baleia também dê de mamar a seu filhote, pois é um mamífero, de sangue quente, e não um peixe. Um outro trecho muito difícil de ser interpretado é o de Salmos 148:7: «Louvai ao Senhor da terra, monstros marinhos e abismos todos...», onde o contexto não nos ajuda na identificação do sentido da palavra hebraica. Algumas traduções dizem ali, como em outros trechos, «dragão». Em Malaquias 1:3 encontramos o feminino plural, *tannoth*. Uma das razões dessa confusão é que há uma outra palavra hebraica muito similar, *tannim,* que aparece em Jó 30:29; Sal. 44:19; Isa. 13:22; 34:13; 35:7; 43:20; Jer. 9:11; 10:22; 14:6; 49:33 e 51:37; e que é outro vocábulo problemático em hebraico, embora se saiba que é a forma plural de *tann,* «chacal».

MAR, GRANDE

No hebraico, **yam gadol**. O mar Mediterrâneo é assim designado por grande porção do Antigo Testamento, começando em Números 34:6,7. Como é claro, a designação «mar Mediterrâneo», isto é, um mar entre terras, teria sido totalmente imprópria, conforme pensariam os israelitas antigos, pois, para eles, o mar Mediterrâneo era o limite ocidental do mundo deles, tanto assim que «mar», no hebraico *yam,* chegou a ser a palavra que significava «oeste», para eles. Paralelamente, o mar Mediterrâneo era «grande», em contraste com o mar Vermelho e golfo de Ácaba mais estreitos. — Tem cerca de 640 quilômetros do delta do rio Nilo até à costa sul da Ásia Menor, portanto, no sentido norte-sul, e mais de 3700 quilômetros desde as costas da Palestina até o estreito de Gibraltar, portanto, no senado leste-oeste.

Entretanto, nem mesmo a parte oriental e mais próxima do mar Mediterrâneo jamais foi bem conhecida pelos israelitas. Suas rotas comerciais foram dominadas, a princípio, pelos minoanos de Creta e, em seguida, pelos fenícios, que dominavam toda a bacia do Mediterrâneo, partindo de suas bases em Tiro e Sidom, tendo estabelecido postos comerciais e colônias ao longo de todo o comprimento desse mar, até o estreito de Gibraltar, sem falarmos que eles chegaram até às ilhas britânicas, ao extremo sul da África, e talvez até tenham cruzado o oceano Atlântico. Alguns estudiosos pensam mesmo que eles estiveram em terras da América do Sul, adentrando até mesmo o nosso rio Amazonas. Desde cerca do século XV A.C., até que foram ultrapassados pelo poder romano, os fenícios dominavam a navegação do mar Mediterrâneo, mormente em sua porção oriental.

Podemos obter algum indício sobre a vida e o tráfico do Grande Mar, na época dos romanos, mediante a leitura do livro Atos dos Apóstolos, especialmente no caso das viagens de Paulo. Roma havia organizado rotas comerciais imperiais para tirar proveito dos recursos das províncias ao redor do Mediterrâneo. Os romanos fizeram do mar Mediterrâneo um «lago romano». Essas e as rotas marítimas entre os portos da Ásia Menor e o extremo Oriente, como aquelas entre as ilhas de Creta, Chipre e Rodes, conferiram a Paulo meios fáceis e relativamente rápidos de viajar, na maioria das viagens que ele fez. E alguns dos costumes dos marinheiros da área do Mediterrâneo podem ser aprendidos através das narrativas lucanas dessas viagens.

Embora um mar interior, o mar Mediterrâneo é suficientemente vasto para gerar tempestades ferozes. No inverno, essas tempestades são causadas por baixas pressões atmosféricas na direção oeste-leste, ao longo do comprimento desse mar, trazendo em sua esteira o vento mais frio vindo do pólo norte. Durante o verão, os ventos que sopram do deserto da Arábia podem atingir uma força considerável, ao atravessarem a costa da Palestina. E isso significa que se formam ondas na direção leste-oeste, tornando a navegação inconveniente naquelas paragens.

MAR DA GALILÉIA

Ver **Galiléia, Mar da.**

MAR DE ARABÁ

Ver **Mar Morto.**

MAR DE FUNDIÇÃO (de Bronze); LAVATÓRIO

1. Declaração Geral

Ver o artigo geral sobre o *Tabernáculo*. O «mar de fundição», era um grande reservatório de água, fundido em bronze. Ficava no templo de Salomão, em seu canto suleste (ver I Reis 7:39). Isso pode significar que ficava situado ao lado do altar, ou em algum lugar entre o altar e a entrada do templo. No tabernáculo, essa função era ocupada pela *bacia de bronze* (ver Êxo. 30:18). Essa bacia metálica ficava entre o tabernáculo e o grande altar dos sacrifícios, o que era conveniente para os sacerdotes, quando tivessem de locomover-se do altar para o tabernáculo (ver Êxo. 30:20). Mas, no templo de Jerusalém, o lavatório principal, como já vimos, era o mar de fundição, embora houvesse dez outros lavatórios menores. Os sacerdotes precisavam lavar as mãos e os pés, sempre que estivessem atarefados em suas ministrações públicas, e, embora o lavatório do tabernáculo fosse diferente do lavatório do templo, a função de ambos era a mesma. E, visto que o número de sacerdotes que cuidava do culto no templo ia aumentando, também foi necessário aumentar o número de lavatórios.

2. O Lavatório do Tabernáculo

O vocábulo hebraico usado para esse item do tabernáculo é *kiyyor*, que indica algo «redondo», como uma «bacia». O lavatório era feito de bronze (ver Êxo. 30:18), posto entre o tabernáculo e o grande altar dos holocaustos, para conveniência dos sacerdotes. O lavatório estava dividido em duas partes: o lavatório propriamente dito, e um pedestal. O Antigo Testamento não nos dá detalhes quanto às suas dimensões e quanto ao seu formato exato. O lavatório continha água usada nas lavagens, e o pedestal, mui provavelmente, tinha forma circular, sendo uma expansão da bacia maior, de onde alguma espécie de canalização fazia escorrer água. Talvez esse receptáculo inferior fosse usado para lavar porções das vítimas sacrificadas.

A água do lavatório precisava ser renovada diariamente, a fim de que não estagnasse. A água usada para a concocção da água repulsiva que as mulheres acusadas de adultério precisavam beber, provavelmente era tirada do lavatório (ver Núm. 5:17). E talvez a água da purificação também fosse extraída do mesmo lugar (ver Núm. 8:7). Essa água da purificação era aspergida sobre os levitas, quando de sua consagração. O próprio lavatório foi consagrado mediante a sua unção com azeite (ver Ler. 8:10,11). O Pentateuco hebraico não oferecia orientações sobre como esse móvel deveria ser transportado por Israel, em suas andanças pelo deserto, mas o Pentateuco samaritano acrescenta esses detalhes, dando instruções sobre como o mesmo deveria ser transportado.

3. O Mar de Fundição

Esse pesado item do templo de Salomão substituiu a bacia de bronze do tabernáculo. Mas outros lavatórios foram adicionados, em face do aumento do número de sacerdotes que serviam no templo. A palavra hebraica correspondente ao mar de fundição é *yam*, «mar». Era uma gigantesca bacia redonda, com cerca de 2,22 m de altura e o dobro disso em diâmetro, e que ficava cheia de água até à borda. Era feita de bronze fundido e batido, com a espessura de uma mão (cerca de 7,5 cm). Ficava apoiada sobre doze bois de bronze, divididos em quatro grupos de três bois, cada grupo voltado na direção de algum ponto cardeal. Esses doze bois ficavam todos sobre uma mesma plataforma. O original mar de fundição foi feito com metal que Davi havia tomado de Zobá (ver I Crô. 18:8). Finalmente, porém, foi despedaçado e levado aos pedaços para a Babilônia, quando do exílio babilônico (ver II Reis 25:13). Esse item do templo era altamente decorativo, e não somente útil. Para exemplificar, a beirada da bacia era recurvada, a fim de dar a aparência de uma folha de lírio. Alguns estudiosos têm opinado que os doze bois representavam os doze sinais do zodíaco, ou que eram símbolos da fertilidade, ou remanescentes da adoração egípcia ao boi. De fato, havia o boi *Apsu*, cujo templo na Babilônia dispunha de uma bacia de bronze similar. Porém, é impossível dizermos se havia qualquer conexão entre essa bacia e o mar de fundição dos hebreus. Sabe-se, todavia, que *Apsu* estava vinculado às idéias de vida e fertilidade. O mar de fundição dos hebreus simbolizava a purificação que é necessária para a participação no culto a Deus.

4. Lavatórios Menores

Esses lavatórios secundários eram em número de dez (ver I Reis 7:27-29). Eram lindamente ornamentados. Eram usados para transportar água para as lavagens e abluções, e estavam envolvidos na lavagem dos sacrifícios. Ver II Crô. 4:6. Cinco lavatórios eram postos ao lado sul do altar, e cinco ao lado norte. Tinham o formato de caixas quadradas, com cerca de 1,78 m de comprimento e de largura por cerca de 1,33 m de altura. Eram apainelados. Esses painéis eram ornamentados com figuras de leões, bois e querubins. Cada lavatório contava com quatro rodas de bronze, montadas sobre eixos também de bronze. Ver a descrição em I Reis 7:30. É muito difícil determinar, com base nas descrições bíblicas, qual a aparência deles, de tal modo que os eruditos não chegaram ainda a um acordo quanto a isso. Presume-se que essas caixas abriam-se dos lados, pelo que serviam como tanques de água para lavar os sacrifícios. A água era trazida até esses lavatórios por meio de canos. De fato, eram lavatórios portáteis.

5. Significação

Está em foco, acima de tudo, a purificação, como algo necessário ao culto divino e aos sacrifícios. E isso faz-nos lembrar o poder purificador do sangue de Cristo, bem como a constante necessidade de santificação. Ver os trechos de João 13:2-10 e Efé. 5:25-27.

MAR DO ORIENTE

Nos trechos de Ezequiel 47:18; Joel 2:20 e Zacarias 14:8 esse é o nome dado ao mar Morto (que vide), em contraste com o mar Mediterrâneo, que é chamado de «mar Grande» (Núm. 34:6). Portanto, todas as perspectivas são consideradas a partir de alguém posicionado na palestina.

MAR MEDITERRÂNEO

Ver *Mar, Grande* e *Grande Mar*, onde estão contidas as informações essenciais a respeito.

MAR MORTO

I. Caracterização

O chamado «mar» Morto na verdade é um lago salgado. Tem apenas uma sexta parte da extensão do Grande Lago Salgado do estado norte-americano de Utah. Fica no extremo sul do rio Jordão, onde este deságua. Não tem saída, e tem acumulado uma taxa incrivelmente alta de sal, o que tem servido para matar toda espécie de vida. Fica situado entre Israel e a Jordânia, cerca de vinte e quatro quilômetros a leste de Jerusalém. Tem cerca de 74 km de norte a sul e 16 km de leste a oeste, com um total de cerca de 930 km(2). Em contraste com o Grande Lago Salgado, de Utah, nos Estados Unidos da América, que é um lago raso, o mar Morto é profundíssimo, com uma profundidade media de 300 metros. Seu ponto mais profundo tem 410 m. Fica a quase 369 m abaixo do nível do mar Mediterrâneo, o que fez dele o mais baixo lençol de água do mundo. É alimentado por muitos riachos, além do rio Jordão. O mar Morto não tem saída, e a evaporação é que controla as suas dimensões. A região é geologicamente instável, o que a torna sujeita a abalos sísmicos. Sua origem deve-se a movimentos geológicos que produziram uma falha que se tornou um vale. Ali está localizada uma das maiores falhas geológicas do mundo, chamada de Vale da Grande Falha, que se centraliza em torno do mar Vermelho, entre a Arábia e o Egito. Um ramo dessa falha passe pelo vale do rio Jordão e finalmente chega até o Líbano e à Síria. Já o Grande Lago Salgado, dos Estados Unidos da América, originalmente era um gigantesco lago de água potável, que cobria a área de vários estados ocidentais daquela nação. Não tendo saída, e por causa

de condições climatéricas novas, foi encolhendo até chegar às suas atuais dimensões (cerca de 120 km por 80 km). Nesse processo, tornou-se vinte por cento puro sal, deixando imensos depósitos de sal em suas margens cada vez menores. O mar Morto, em contraste, foi originalmente formado por ocasião de algum cataclismo geológico, talvez quinze mil anos atrás, que aprisionou uma porção do antigo mar Mediterrâneo entre as paredes da falha, deixando um mar interior, salgado desde o começo. Devido ao clima muito seco da região, e por não ter desaguadouro, o mar Morto foi encolhendo, ao mesmo tempo em que formava seus imensos depósitos químicos. Alguns vinculam o cataclismo que teria formado esse lago com aquele que destruiu as cidades de Sodoma e Gomorra. Ver Gênesis 18:16-19:29.

II. Conteúdo Mineral

O mar Morto é um dos lagos mais salgados do planeta, ao ponto de haver partes do mesmo quimicamente saturadas, isto é, a água contém o máximo possível de sólidos dissolvidos, embora sem solidificar-se. Em combinação com o potássio, o magnésio, o cloreto de cálcio e o brometo de cálcio, o sal constitui cerca de cinco por cento de volume da água!

III. Extração de Minérios

O uso do sal extraído do mar Morto remonta ao passado até onde a história retrocede. Outros elementos ali existentes são o magnésio, o cloro, o potássio, o cálcio, o bromo e o enxofre, em quantidades exploráveis comercialmente. O mar Morto contém cerca de vinte e dois bilhões de toneladas de sal comum, seis bilhões de toneladas de cloreto de cálcio, dois bilhões de toneladas de cloreto de potássio, novecentos e oitenta milhões de toneladas de brometo de magnésio, e duzentos milhões de toneladas de gesso. Várias empresas se têm ocupado na exploração desses minerais, e seu potencial é quase ilimitado. Em contraste, a agricultura é irrisória na região em derredor, excetuando algumas áreas das margens ocidentais, onde o suprimento de água potável, embora não muito grande, é um pouco melhor do que no resto.

IV. Aspectos Históricos

O mar Morto tem sido freqüentemente mencionado ao longo da história, sob diferentes designações. Na própria Bíblia ele é chamado de «mar Salgado. (Gên. 14:3; Núm. 34:12), «mar do Arabá» (Deu. 3:17; 4:49) e «mar do Oriente» (Eze. 47:18; Joel 2:20). A partir do século II D.C. é que tem sido chamado de «mar Morto». Vários escritores profanos antigos chamaram-no *mar de Asfalto*. Os árabes, por sua vez, denominam-no mar de Ló ou mar Ofensivo. Os gregos é que lhe deram, pela primeira vez, o nome de mar Morto, por haverem observado que ali não sobrevive qualquer tipo de vida marinha. O Grande Lago Salgado, nos Estados Unidos da América, tem uma minúscula espécie de camarão, e nada mais.

Fontes arqueológicas e históricas confirmam o relato bíblico do décimo nono capitulo de Gênesis, acerca de uma catástrofe ocorrida naquela região, nos dias de Abraão. Não resta o menor vestígio das cidades da planície, que incluíam Sodoma e Gomorra. É possível que toda a região onde estavam essas cidades agora esteja abaixo da superfície da água, no extremo sul do mar Morto. As escavações têm iluminado o que deveria ser a vida em Massada, Engedi e Qumran (ver o artigo sobre *Khirbet Qumram),* onde foram encontrados os manuscritos do mar Morto (vide). Davi buscou refúgio nas regiões estéreis em redor do mar Morto, quando fugia de Saul (I Sam. 23:29). Foi perto do mar Morto que Quedorlaomer derrotou a coligação de reis palestinos e levou Ló em um breve cativeiro (Gên. 14:12). Moisés pôde ter uma boa visão global da Terra Prometida, das proximidades do mar Morto, no lado moabita do mesmo. As planícies de Moabe e de Jericó foram vistas pelos invasores da Terra Prometida. Herodes buscou recuperar sua saúde abalada nas termas de Calirroe. A comunidade essênia de Qumran fez ali o seu quartel-general, e sua biblioteca continha o que agora chamamos de manuscritos do mar Morto. A fortaleza de Maquero foi o local onde João Batista foi decapitado. Foi em Massada que os zelotes judeus ofereceram sua última e desastrada resistência às tropas romanas. A visão profética de Ezequiel (47:9,10) provê que a região será regada por água fresca, e que haverá muito peixe, onde antes a morte predominava. (AM O'R SMI)

MAR MORTO, MANUSCRITOS (ROLOS) de

Esboço:

I. Caracterização Geral
II. A Descoberta
III. Datas
IV. Lista dos Manuscritos
V. Avaliações

I. Caracterização Geral

O título **Manuscritos do Mar Morto** aplica-se a uma coleção de manuscritos antigos de considerável importância para o estudo da Bíblia, especialmente quanto ao Antigo Testamento original. A data exata das primeiras descobertas é incerta, embora saibamos que foi em cerca de 1947. Muitos manuscritos antigos, de natureza bíblica ou não, foram retirados de uma série de cavernas da margem ocidental do mar Morto (o que explica o nome dado a esses manuscritos), bem como da área contígua, da Jordânia. A major parte desses manuscritos é de natureza bíblica, mas também há textos religiosos e seculares. Os idiomas envolvidos são o hebraico, o aramaico e o grego. Esses manuscritos não refletem um único período ou uma única condição. Antes, representam depósitos feitos em diferentes ocasiões, ao longo de bastante tempo, entre os séculos I e VIII D.C., embora as datas da produção de alguns daqueles manuscritos recuem até antes da época de Cristo. Há alguns rolos bastante grandes, mas a maioria do material chegou até nós sob a forma de meros fragmentos. Essa coleção tem fornecido nossas mais antigas cópias do Antigo Testamento, bem como cópias de várias obras apócrifas e pseudepígrafas, como os livros de Enoque, Jubileus, o Testamento dos Doze Patriarcas etc. Também há obras sectárias que iluminam o meio ambiente religioso da época, conferindo-nos material de pano de fundo sobre João Batista e o cristianismo primitivo. No meio desse material há antigas cópias da versão da Septuaginta, do Antigo Testamento. Além do valor histórico e religioso desses manuscritos, veio à tona muita evidência a respeito da crítica textual do Antigo Testamento. Considerando tudo, podemos afirmar que essa foi a maior descoberta isolada de manuscritos que abordam o Antigo Testamento, e que tem lançado uma grande luz sobre a história da religião. Essa coleção também inclui alguns textos de natureza secular, como despachos militares e documentos legais. Esse material nos tem ajudado a compreender a segunda revolta dos judeus contra Roma, que se deu em 132 D.C.

II. A Descoberta

As primeiras descobertas, que mostraram ser as mais importantes, vieram de onze cavernas das colinas de Qumran, cerca de dezesseis quilômetros a oeste de Jerusalém. Um criador árabe da tribo Taamiré, aparentemente em 1947, ao procurar por uma cabra que se perdera, entrou em uma das cavernas (atualmente chamada *caverna Urn),* e ali descobriu certo número de jarras, com cerca de 60 cm de altura. Dentro das mesmas encontrou rolos envoltos em pano de linho. Algumas dessas jarras foram vendidas, através de um negociante, ao metropolita jacobita sírio, em Jerusalém. Outras jarras foram adquiridas por E.L. Sukenik, professor da Universidade Hebraica. Antes dele tê-las adquirido, outros eruditos haviam rejeitado os manuscritos como forjados, mas o Dr. Sukenik sabia que não era assim. Aqueles que o metropolita comprou foram identificados por eruditos da American School of Oriental Research como antiguidades genuínas, e foram publicados sob os auspícios da mesma. Por causa das condições políticas incertas e devido à proibição da posse ilegal de antigüidades, o metropolita levou seus rolos para a cidade de Nova Iorque, tendo-os colocado à venda. Finalmente foram comprados pelo governo israelense, por duzentos e cinqüenta mil dólares. Então foram guardados, como um te-

souro nacional, em um edifício especialmente edificado para os mesmos, o *Santuário do Livro,* em Jerusalém. A American School of Oriental Research, cujo diretor era J.C. Trever, reconheceu o valor dos manuscritos que para ali foram levados, e os fotografou. Algumas fotografias foram enviadas ao arqueólogo bíblico W.F. Albright, o qual ajuntou o seu parecer favorável, afirmando que os manuscritos do mar Morto haviam sido a mais importante descoberta de todos os tempos, envolvendo manuscritos do Antigo Testamento. Pesquisas subseqüentes demonstraram quão certo estava ele, nessa avaliação.

Outras Descobertas: A excitação da descoberta original logo pôs os arqueólogos a trabalhar. Ruínas nas proximidades foram escavadas sob a direção do padre Roland Vaux, da École Biblique de Jerusalém. Foi demonstrado que ali havia uma numerosa colônia. Dentro do complexo, foi encontrado um escritório que pode ter sido o lugar onde os rolos foram originalmente compostos e/ou copiados. Supôs-se que os manuscritos achados nas cavernas tinham sido feitos pela colônia, ou pelo menos, alguns daqueles manuscritos. É possível que as cavernas tenham sido usadas como depósitos, quando as tropas romanas avançavam em direção ao lugar. Essa hipótese é fortalecida pelo fato de que as jarras, testadas de acordo com a localização, apontam para um tempo entre 160 A.C. a 68 D.C. como a época da habitação. De acordo com Josefo, foi em cerca de 68 D.C. que a décima legião romana marchou até a área, a fim de suprimir a primeira rebelião judaica, o que levou à destruição de Jerusalém, em 70 D.C. Esse foi outro grande triunfo arqueológico.

Os arqueólogos, em seguida, passaram a fazer uma exploração sistemática de todas as cavernas e de outros lugares da área em redor. Desde 1951, onze cavernas foram exploradas, e as descobertas mais importantes podem ser sumariadas como segue:

Duas cavernas no wadi Murabba'at, a quase dezoito quilômetros ao sul do local da primeira descoberta, em *Qumran:* diversos manuscritos bíblicos do tipo massorético; um rolo dos profetas menores; cacos de barro inscritos em hebraico e em grego; papiros literários gregos, em fragmentos; moedas do tempo da segunda revolta dos judeus (132-135 D.C.).

Ruínas de um mosteiro, cerca de treze quilômetros a nordeste de Belém, atualmente chamadas Khirbet Mird; manuscritos dos séculos V e IX D.C.; um manuscrito bíblico de origem cristã; e um manuscrito em grego e siríaco palestino. Esse material não está diretamente relacionado aos manuscritos do mar Morto.

Caverna dois (2Q), na área de Qumran, que já havia sido saqueada pelos beduínos Ta'amireh, pelo que apenas alguns fragmentos de manuscritos foram ali encontrados.

Caverna três (3Q). Ali foram encontrados 274 fragmentos de manuscritos escritos em hebraico e aramaico, além de alguns rolos de cobre, muito oxidados e dificílimos de decifrar. Quando foram decifrados, descobriu-se que continham informações sobre tesouros, o que levou alguns a pensar que seriam forjados, para adicionar excitação aos negócios de Qumran. Ou então, seriam escritos fictícios, românticos, antigos, mas inúteis.

Caverna quatro (4Q). Fica a oeste de Khirbet Qumran. Foi descoberta em 1952, onde foram achados muitos manuscritos, com quase todos os livros do Antigo Testamento, juntamente com escritos apócrifos conhecidos e desconhecidos, textos litúrgicos e outros livros. O rolo de Samuel é bastante parecido com o da versão da Septuaginta. As cavernas de números cinco a dez não produziram qualquer coisa de especialmente valiosa. Entretanto, a caverna onze, descoberta em 1956, produziu alguns rolos significativos. O Estado de Israel adquiriu os manuscritos do mar Morto, os quais estão agora abrigados, juntamente com outros antigos documentos, na Universidade Hebraica, em Jerusalém, em um edifício especialmente erigido com esse propósito, chamado «Santuário do Livro».

III. Datas

Embustes literários são comuns, e datas fantásticas são reivindicadas para materiais forjados. Portanto, no começo, muitos eruditos mostraram-se abertamente incrédulos acerca das datas calculadas para esse material. Porém, com o prosseguimento das pesquisas, o mundo gradualmente chegou a perceber que fora feita uma descoberta realmente notável. Até então, os manuscritos em hebraico do A.T., em contraste com os manuscritos gregos do Novo Testamento, eram todos manuscritos de séculos pertencentes à Idade Média, ou seja, muitos séculos distantes dos originais. Por ser fato conhecido que os escribas judeus eram muito cuidadosos na cópia dos manuscritos, devido ao grande respeito que tinham pelo Antigo Testamento, tem-se pensado que os manuscritos em existência, embora recentes, seriam cópias fiéis do original. Subitamente, porém, manuscritos de antes da era de Cristo caíram nas mãos dos eruditos, e agora a teoria poderia ser submetida a teste. De modo geral, tem sido demonstrado que o texto hebraico *massorético* padronizado (ver sobre a *Masorah)* é um texto bom, embora não perfeito, e que, algumas vezes, as versões, particularmente a Septuaginta, preservam o original que, em outros lugares o texto massorético perdeu. Conseqüentemente, a avaliação das versões subiu de conceito, enquanto que o texto hebraico padronizado foi rebaixado, apesar de que as mudanças envolvidas sejam relativamente pequenas.

Critérios para Fixação de Datas. São quatro: 1. paleografia; 2. fixação de datas com o auxílio do carbono 14; 3. identificação dos caracteres mencionados no comentário sobre o livro de Habacuque; 4. fixação de datas por meio de peças de cerâmica. Esses quatro critérios têm fornecido várias datas, desde 150 A.C. até 40 D.C. Os testes por meio do carbono 14, designados para determinar a antiguidade da matéria orgânica, indicaram que as capas de linho foram manufaturadas em cerca de 33 A.C., embora com uma margem de duzentos anos para trás ou para diante. A fixação de datas mediante a menção de nomes próprios, mencionados no comentário sobre *Habacuque,* mostrou ser menos exata, por causa da ambigüidade do uso dos nomes, dificultando fixar qualquer lugar histórico. Presumivelmente, o Mestre da Justiça foi o pai fundador da comunidade de Qumran, por sua vez associada aos essênios (que vide). Alguns eruditos têm envidado esforços para dar a impressão de que a base dessas referências acha-se na história de Jesus, o Messias, dando a entender que grande parte da história de Jesus foi criada a partir desses informes fictícios. Portanto, tais esforços fracassam, sobre bases literárias e históricas. O método de fixação de datas por cacos de cerâmica mostrou que esses pedaços pertenciam ao período helenista do século I A.C., ou então ao período romano, a começar em cerca do século III D.C. Além dos quatro métodos acima explicados, podemos considerar as circunstâncias históricas. Se os manuscritos foram escondidos na caverna, tendo em vista a sua preservação, pela comunidade de Qumran, para protegê-los dos exércitos romanos que avançavam, em cerca de 68 D.C., então devem ter sido escritos um pouco antes disso. As evidências demonstram que as cavernas continuaram sendo usadas como depósitos muito tempo depois, ou seja, ate o século VIII D.C., embora isso não tenha qualquer ligação com o volume major dos manuscritos bíblicos ali achados.

IV. Listas dos Manuscritos

1. Duas cópias incompletas do livro de **Isaías**, bem parecidas com o texto massorético, embora com algumas significativas variantes, algumas das quais concordam com as versões, particularmente a Septuaginta.

2. *O Manual de Disciplina,* um tipo de guia para a comunidade ascética que residia em Qumran. Eles se intitulavam de «remanescente fiel», pelo que formavam uma espécie de movimento separatista, distinto da corrente principal do judaísmo. Presumivelmente estavam se preparando, no deserto, pare a chegada do reino de Deus, ajudando Deus em sua batalha contra Belial e suas forças. Esse manual fornece regras para a admissão e conduta dos membros da comunidade. Havia regras para a comunidade, penas para os infratores, que iam desde a perda de refeições até à expulsão; havia sermões sobre os bons e os maus instintos humanos, havia instruções sobre o serviço militar e sobre a educação.

3. Um *livro de hinos,* parecido com os salmos bíblicos. A maioria desses salmos começa com as palavras «Agradeço-Te, Senhor», pelo que coletivamente, têm sido chamados de *Hinos de Ação de Graças. Os* temas incluídos nos mesmos são a iluminação espiritual dos eleitos, devoções, comunhão incluindo aquela com os anjos, o conflito contra o mal, e o triunfo final de Deus.

4. *O manual militar,* preparado especialmente para dar orientações próprias para o Armagedom, quando as forças de Deus e de Belial se enfrentarão no choque final. Os manuais militares dos romanos, como é claro, proviam a base das idéias ali contidas.

5. Um *comentário* sobre os primeiros dois capítulos do livro de *Habacuque.* Ali encontramos o material sobre o Mestre da Justiça e seus inimigos, incluindo o Homem da mentira, uma espécie de anticristo.

6. *Uma paráfrase* do livro de *Gênesis,* incluindo material lendário elaborado.

7. Três fragmentos do livro de Daniel, de diferentes rolos, mas seguindo, essencialmente, o texto massorético.

8. Duzentos fragmentos (caverna dois) de porções da *Tora,* dos Salmos, de Jeremias, de Rute e de textos apocalípticos. É nesse ponto que entram também os manuscritos de cobre, mencionados antes, e que não pertenciam à comunidade original de Qumran, porquanto devem ter pertencido a um grupo de zelotes, que ali permaneceu durante a guerra de 66-73 D.C. Esses manuscritos parecem conter um inventário, em código, dos tesouros do templo, divididos em sessenta e uma parcelas em Jerusalém bem como nos distritos a leste e ao sul da capital. A validade desse material tem sido posta em dúvida.

9. *Trezentos fragmentos* de manuscritos encontrados na caverna quatro, contendo cerca de uma terça parte dos livros canônicos do Antigo Testamento. Interessante é observar que, no cômputo total desses manuscritos, encontrados nas várias cavernas de Qumran, estão representados todos os nossos livros do Antigo Testamento, excetuando o livro de Ester. Também foram descobertos ali o livro de Enoque, o documento de Damasco, o Testamento de Levi, e outras obras similares. Um trecho do livro de Números contém um texto não-massorético, com afinidade com as versões samaritana e da Septuaginta. Uma porção dos livros de Samuel exibe um tipo de texto como o da Septuaginta; mas outra porção desses mesmos livros parece conter um texto superior tanto à Septuaginta quanto ao texto massorético.

10. Muitos fragmentos de manuscritos, em más condições, foram encontrados na caverna número cinco, com trechos dos livros de Reis, Lamentações, Deuteronômio e uma obra apocalíptica em aramaico, intitulada *Descrição da Nova Jerusalém.*

11. Várias centenas de fragmentos de papiro e de couro, contendo livros como Gênesis, Levítico, Reis, Daniel e obras apocalípticas extrabíblicas.

12. Manuscritos regularmente bem conservados de Daniel e dos Salmos, encontrados na caverna onze. Ali também foi encontrado um targum em aramaico, do livro de *Jó,* do século I A.C.

13. *A Khirbet Mird,* que fora um mosteiro cristão, cerca de treze quilômetros a nordeste de Belém, continha manuscritos dos sécs. V a IX D.C., além de manuscritos bíblicos, de origem cristã, em grego e siríaco palestino. Esse material não tem ligação alguma com a comunidade de Qumran e com os manuscritos do mar Morto. Mas, visto que foi encontrado na mesma área geral, é mencionado como uma importante descoberta arqueológica. Esse material inclui cartas particulares em árabe, dos séculos VII e VIII D.C., uma carta escrita em sírico, por um monge cristão, e um fragmento do Andrômaco de Eurípedes. Os textos bíblicos contêm pequenos trechos do Novo Testamento, de Marcos, de João, de Atos e da epístola paulina aos Colossenses, dos séculos V a VIII D.C.

14. *O wadi Murabba'at,* cerca de dezoito quilômetros ao sul de Qumran, produziu certa quantidade de fragmentos de manuscritos, pertencentes principalmente ao tempo quando as cavernas daquela área foram ocupadas pelas forças de Kidhba, líder das forças judaicas em revolta contra Roma, em cerca de 132 D.C. Também foram encontrados fragmentos do Pentateuco e de Isaías, pertencentes ao século II D.C. A porção do livro de Isaías exibe um texto similar ao do texto massorético. Alguns poucos papiros escritos *em hebraico,* por Simão Ben-Koshba, o líder judeu da segunda revolta judaica (132-135 D.C.), foram encontrados. Consistiam em comunicações com suas forças armadas da região. O fato de que foram escritos em hebraico demonstra que esse idioma continuava sendo uma língua viva, pelo menos até o século II D.C. O material ali achado também inclui cartas particulares, escritas em árabe, pertencentes aos séculos VII e VIII D.C., uma carta escrita em siríaco por um monge cristão, um fragmento da obra *Andrômaco,* de Eurípedes, e alguns fragmentos neotestamentários de Marcos, de João, de Atos e de Colossenses, pertencentes aos séculos V a VIII D.C.

V. Avaliações

1. No que concerne ao **texto** do Antigo Testamento, especialmente quanto à exatidão do texto massorético padronizado, que é a base da atual Bíblia hebraica, podemos afirmar o seguinte: a. esse texto, embora confiável de modo geral, não representa uma única tradição. Antes, é a padronização de outras tradições textuais, mais ou menos como o *Textus Receptus* o é para o Novo Testamento. b. No século II D.C. havia pelo menos três recensões textuais, que eram: *primeira,* o texto protomassorético; *segunda, o* texto tipo Septuaginta; *terceira,* uma outra recensão que diferia das duas primeiras. O livro de Samuel circulou, nos tempos amigos, sob uma versão mais longa do que a do texto massorético ou a da Septuaginta, com diferenças significativas.

2. Apesar de se saber atualmente que o texto massorético não era o único, mas apenas o texto mais vigoroso, que se tornou a Bíblia hebraica padronizada, as evidências gerais confirmam que se pode confiar nesse texto, de maneira geral. A confiança que os eruditos têm depositado nos cuidados dos escribas do Antigo Testamento é plenamente justificada, embora não daquela forma *gloriosa* que alguns esperavam.

3. Paralelamente, a Septuaginta e o Pentateuco Samaritano contam com alguns trechos autênticos, bem definidos, que o texto massorético perdeu.

4. Um subproduto dessas descobertas é que nenhum livro do Antigo Testamento, incluindo o livro de Daniel, pode ser atribuído ao período dos Macabeus, visto que todos os livros achados em Qumran, incluindo o de Daniel, eram cópias, o que significa que os originais tinham de ser ainda anteriores a essas cópias. No entanto, quão anteriores, continua sendo questão que pode ser legitimamente levantada no caso do livro de Daniel (que vide, quanto à *data).*

5. *Luz Histórica.* Essênios? Cristianismo? Essas descobertas nos têm fornecido muitas informações sobre um segmento do judaísmo pré-cristão, que poderia envolver os essênios. Talvez a comunidade de Qumran deva ser identificada com uma sociedade de essênios, mencionada por Plínio, o Velho *(História Natural* 5:17), que tinha sede acima de En-Gedi. Ver os artigos separados sobre os *Essênios* e sobre *Khirbet Qumran.* É difícil avaliarmos a questão, visto que a comunidade de Qumran exibe algumas diferenças significativas quando a comparamos com os essênios. Em contraste com os essênios, essa comunidade praticava o matrimônio, contava com holocaustos de animais, não eram pacifistas e evitavam todo o contacto com o mundo exterior. Porém, contra isso pode-se argumentar que o próprio termo *essênios* era uma designação elástica, que poderia ter incluído comunidades como aquela de Qumran. A questão continua sendo debatida, e com resultados incertos.

A Comunidade de Qumran e o Cristianismo. A questão tem sido exagerada. O **Mestre de Justiça** dificilmente pode ter servido de inspiração para *criar* Jesus, o Messias, embora aquele mestre exibisse algumas qualidades messiânicas. O Novo Testamento tem sua própria história confirmatória que em muito ultrapassa teorias de invenção e de lenda, criadas por alguns eruditos liberais. As sugestões que dizem que João Batista e Jesus tiveram contactos com a

comunidade de Qumran e foram influenciados pela mesma, não passam de hipóteses. As diferenças doutrinárias negam a hipótese. Expressões comuns que são usadas, que também fazem parte do Novo Testamento, como «filhos da luz e filhos das trevas», o mestre justo e o homem da mentira (o Cristo e o anticristo), a vida eterna, a luz da vida etc. também eram comuns ao judaísmo da época, e podem ter sido tomadas por empréstimo do judaísmo em geral.

Os manuscritos achados contêm vários apocalipses judaicos, não restando dúvidas do que a escatologia do Novo Testamento reflete esse material. Ver o artigo sobre os *Livros Apocalípticos*. Havia uma crescente tradição profética, começando pelas profecias veterotestamentárias, alicerçadas principalmente no livro de Daniel. A comunidade de Qumram estava envolvida nessa tradição, como também o estiveram os autores do Novo Testamento. Idéias atinentes à angelologia e à demonologia não foram inventadas pela comunidade do Qumran Eles também estiveram envolvidos no desenvolvimento dessa tradição, da mesma forma que o estiveram o judaísmo helenista e o cristianismo. Os membros daquela comunidade falavam nos últimos dias, no lago do fogo, no árduo trabalho do Messias, etc., idéias essas que emergiram, naturalmente, da tradição profética. O cristianismo também pediu empréstimos desse fundo.

Para acompanharmos como os eruditos podem cair em exageros, consideremos a suposta *ressurreição* do *Mestre da Justiça*. Supõe-se que ele foi martirizado, mas, subitamente, reapareceu sob forma gloriosa e ressurrecta. Porém, tudo quanto está realmente envolvido é que ele foi rudemente interrompido no cumprimento de seu ofício, no dia da expiação, e, pouco depois, conseguiu reaparecer em seu costumeiro resplendor sacerdotal. O alegado *banquete messiânico (que* alguns têm dito ser paralelo à última Ceia), não passou de uma refeição ordinária, da qual participaram o rei e o sumo sacerdote. Portanto, um estudo mais sóbrio não vincula a comunidade de Qumran ao cristianismo, exceto no sentido de que ambos os grupos compartilhavam de vários particulares com o judaísmo em geral, mormente com o judaísmo helenista.

6. *Uso dos Livros Apócrifos e Pseudepígrafos*. A descoberta de muitas obras desse tipo, entre os manuscritos do mar Morto, demonstrou que, bem às portas de Jerusalém, tais obras eram usadas como livros sagrados. Portanto, não era apenas nos lugares afastados da Palestina que esses livros eram respeitados e usados. Sabemos que vários escritores do Novo Testamento os empregaram, com base em citações que fizeram dos mesmos, no Novo Testamento. Ver o artigo sobre *Citações no Novo Testamento,* onde oferecemos provas disso.

Bibliografia. ALLE AM DU HARR(1961) Z

MAR OCIDENTAL

No hebraico, *yam acharon,* uma expressão que aparece por duas vezes em todo o Antigo Testamento, ou seja, Joel 2:20 e Zac. 14:8. Essa é uma das descrições do mar Mediterrâneo. O contraste é com o «mar oriental», que já se refere ao mar Morto, os limites ocidental e oriental da Terra Santa, excluída a Transjordânia. Ver também os artigos chamados *Mar* e *Mar Grande*. Literalmente, *yam acharon* significa «mar traseiro». Assim era porque os israelitas, ao determinarem os quatro pontos cardeais, voltavam-se na direção do nascente do sol. Assim sendo, o ocidente ficava para as costas deles, o norte na direção do braço direito estendido, e o sul na direção do braço esquerdo estendido.

MAR SALGADO

Ver Mar Morto.

MAR VERMELHO

Na LXX, **eruthá thálassa**, tradução do hebraico que significa *mar de juncos*. É expressão usada para indicar três coisas: 1. As águas que foram divididas diante dos israelitas, no êxodo do Egito; 2. o golfo de Suez; 3. o golfo de Áqaba.

1. *As águas do êxodo*. A comparação entre Êxodo 14 e 15:22, observando-se o paralelismo poético em 15:4, deixa claro que o «mar» atravessado pelos hebreus em Êxodo 14 era o «mar do juncos», que corresponde ao egípcio «alagadiços de papiros», particularmente no nordeste do delta do Nilo.

2. Golfo de Suez. Após partirem do deserto de Sur-Etã (Êxo. 15:22; Núm. 33:8), ao terceiro dia os hebreus chegaram a Mará, seguiram dali para Elom, e então acamparam à beira do «mar de juncos» (Núm. 33:10,11), antes de partirem para o deserto de Sin, (Êxo. 16:1; Núm. 33:11), a caminho do Sinai, onde chegaram após mais três paradas (Êxo. 17; 19;1,2; cf. Núm. 33:12-15). De acordo com essa maneira de ver as coisas, o «mar de juncos» de Núm. 33:10,11 ficava em algum lugar na costa do Sinai do golfo de Suez, se o monte Sinai-Horebe está localizado ao sul daquela península. Não parece haver base para a identificação do «mar de juncos» com o mar Mediterrâneo, pois isso faria os hebreus entrarem na terra proibida dos filisteus. E identificar o «mar de juncos» com o golfo de Áqaba, provavelmente requereria que o monte Sinai estivesse localizado em Midiã, a leste daquele golfo, pois isso faria com que os hebreus atravessassem o ermo de Et-Tih, em vez dos «wadies» do Sinai sul-central.

3. *Golfo de Áqaba*. Com base em certos trechos da história hebraica subseqüente ao êxodo, torna-se claro que a expressão «mar de juncos» também podia ser aplicada ao atual golfo de Áqaba, ao longo da costa oriental da atual península do Sinai. O trecho de I Reis 9:26 localize explicitamente Eziom-Geber—o porto de Salomão—ao lado de Elote, nas praias do «mar de juncos», na terra de Edom, localização que se ajusta ao golfo de Áqaba, mas não com o istmo de Suez e nem com o lago Balá. Jeremias 49:21 alude ao «mar de juncos» no oráculo de Edom, provavelmente, o golfo de Áqaba novamente.

Após terem ficado em Cades-Barnéia (Êxo. 13:26) no deserto de Parã (12:16), os hebreus receberam ordens de ir para o deserto, através do «mar de juncos» (14:25; Deu. 1:40). Então houve o incidente com Coré, Datã e Abirã, que foram engolidos vivos pela terra, com suas tendas (Núm. 16), um incidente que pode ter ocorrido entre as planícies lamacentas da Arabá, não muito longe do golfo de Áqaba. Por igual modo, após o sepultamento de Aarão, no monte Hor, depois de mais uma jornada ao redor de Cades-Barnéia (Êxô. 20:22-21:3), Israel novamente passou pelo caminho do «mar de juncos», «a rodear a terra de Edom» (Núm. 21:4; cf. Deu. 2:1; Juí. 11:16), uma rota que parece tê-los levado para o sul de Cades-Barnéia até o início do golfo de Áqaba, como se fossem passar pela extremidade sul de Edom, para então deixarem para trás aquela terra, seguindo para o norte, ao longo de sua fronteira oriental, e daí até Moabe (ambos os países negaram passagem a Israel —ver Núm. 20:14-21; Juí. 11:17).

No caso de Êxo. 23:31, talvez tenhamos uma fronteira sudoeste da Terra Prometida, indo desde o começo do golfo de Áqaba («mar de juncos») até o Mediterrâneo (mar dos filisteus), isto é, mais ou menos ao longo do wadi el-Arish, o que é confirmado em outras fortes. (Ver Egito, Ribeiro do).

MARA

No hebraico, «amargo». *Noemi* (vide), apodou-se com essa alcunha, pensando que o nome lhe cabia bem, por causa de suas muitas aflições. Noemi, por sua vez, significa «meu deleite», no hebraico, o que ela pensava não se ajustar bem a ela. Ver Rute 1:20. Quando ela retornou de Moabe para sua terra nativa, em Israel, ela havia perdido seu marido e seus dois filhos, o que explica sua amargura de espírito.

MARA (Localidade)

No hebraico, «amargo». Esse foi o nome da sexta parada de Israel, durante suas vagueações pela península do Sinai, após o êxodo (ver Êxo. 15:23,24; Núm. 33:8). As águas do lugar eram amargosas, o que explica tal locativo, no entanto, miraculosamente, Moisés tornou-as boas para o consumo humano (por orientação divina), após ter lançado nelas uma certa árvore.

Acredita-se que a fonte seja aquela que atualmente se chama *'Ain Nawarah,* cerca de setenta e seis quilômetros a suleste de Suez e cerca de onze quilômetros das margens do mar Vermelho. Alguns estudiosos identificam-na com Cades. Foi esse o primeiro acampamento de Israel, depois que atravessaram o mar Vermelho. O povo de Israel caminhou por três dias deserto de Sur adentro, após aquela travessia, até chegar a Mara.

MARALÁ

Esse era o nome de uma localidade existente na fronteira ocidental do território de Zebulom (ver Jos 19:11). Algumas traduções dizem *Mareal.* Maralá significa «terremoto» ou «tremeluzente». Ficava a seis quilômetros e meio de Nazaré, na fronteira sul com Zebulom, aparentemente já dentro do território da tribo de Issacar, a oeste de Saride e a leste de Dabesete. Alguns estudiosos têm-na identificado com o moderno Tell Ghalta, a norte de Megido, no vale de Jezreel.

MARAVILHA, MARAVILHOSO

1. No Antigo Testamento

a. *Tamah, «maravilhar-se»,* «admirar-se». Esse verbo heb. aparece por sete vezes: Gên, 43:33; Sal. 48:5; Ecl. 5:8; Isa. 13:8; 29:9; Jó. 26:11.

b. *Pala,* «maravilhoso», «singular». Essa palavra hebraica ocorre por cerca de cinqüenta vezes, conforme se vê, por exemplo, em I Crô. 16:12,24; Jó. 5:9; Sal. 9:1; 78:12; 98:1; 105:5; 139:14; Dan. 11:36; Miq. 7:15. Essa palavra envolve a idéia de algo «separado», «distinto», envolvendo algum evento ou circunstância que cause admiração. Ver Sal. 107:24. Deus operou muitas maravilhas no Egito, quando dali livrou o seu povo. Isaías tornou-se motivo de admiração ao andar descalço e sem suas vestes externas, projetando assim a idéia das calamidades que haveriam de atingir Israel (ver Isa. 20:3). Os escritores do Antigo Testamento destacaram as obras de Deus como maravilhosas, conforme se vê, por exemplo, em Jó 9:10 e Sal. 96:3.

2. No Novo Testamento

1. *Thaumázo,* «admirar-se», «maravilhar-se». Esse verbo grego ocorre por quarenta e três vezes: Mat. 8:10,27; 9:33; 15:31; 21:20; 22:22; 27:14; Mar. 5:20; 6:6; 15:5,44; Luc. 1:21,63; 2:18,33; 4:22; 7:9; 8:25; 9:43; 11:14,38; 20:26; 24:12,41; João 3:7; 4:27; 5:20,28; 7:15,21; Atos 2:7; 3:12; 4:13, 7:31; 13:41 (citando Hab. 1:5); Gál. 1:6; II Tes. 1:10; I João 3:13; Jud. 16; Apo. 13:3; 17:6-8. Conforme é evidente, a referência mais constante é às maravilhosas obras realizadas por Cristo, coisas que deixavam atônitos os espectadores. Esses eram sinais confirmatórios de sua autoridade e missão messiânicas. Os profetas do Antigo Testamento haviam predito essas maravilhas do Messias (ver Sal. 118:32; Isa. 29:14; Miq. 7:15; Zac. 8:6). Ver também o artigo *sobre Jesus,* onde são alistados os seus milagres. Nicodemos admirou-se das obras e dos ensinos admiráveis de Cristo (João 3:7), tal como sucedeu a vários outros (João 5:20,28; 7:15,21). As multidões também se admiravam ante suas obras (Mat 8:27; 9:16; Mar.5:20). Jesus, por sua vez, admirou-se da fé de alguns (Mat. 8:10), e da incredulidade de outros (Mar. 6:6).

2. *Thaumásios,* «algo que provoca admiração». Essa palavra ocorre somente em Mat. 21:15.

3. *Thaumastós, «admirável»,* «maravilhoso». Adjetivo que aparece seis vezes: Mat. 21:42 (Sal. 118:23); Mar. 12:11; João 9:30; I Ped. 2:9; Apo. 15:1,3.

MARCA (SINAL)

Várias palavras hebraicas e gregas estão por detrás dessas traduções:

1. *Bin,* palavra hebraica que indica uma marca qualquer na testa, na mão ou em outra parte qualquer do corpo, com o propósito de identificação. Ver Eze. 9:4,6. A Ezequiel foi dito por Deus que atravessasse a cidade de Jerusalém e identificasse os piedosos com algum tipo de marca. Os ímpios, que não fossem assinalados, seriam destruídos. Chegara o tempo de Deus julgar a cidade.

2. *Oth,* palavra hebraica usada para indicar a marca que Deus apôs em Caim, a fim de distingui-lo dos demais homens, devido ao fratricídio que cometera, o que, naturalmente, tornava-o um alvo para ser assassinado. Essa marca visava a impedir que fosse morto, visto que Deus o condenara a uma sentença perpétua que envolvia sofrimentos. Há muitas especulações sobre essa marca, mas nada de certo pode ser afirmado. Ver o artigo sobre *Caim.*

3. *Mattarah* ou *mattara,* uma palavra hebraica que tem o sentido de *alvo.* Jônatas disse a Davi que lhe revelaria a atitude de Saul para com ele, lançando três dardos, como se estivesse atirando-os em algum alvo. Mas tudo tinha o intuito de transmitir uma mensagem a Davi, conforme se vê no texto de I Sam. 20:19 *ss.*

Essa mesma palavra hebraica é usada em Lam. 3:12, onde o profeta Jeremias viu a si mesmo como um alvo para as flechas de seus inimigos perseguidores.

4. *Miphga,* palavra hebraica que significa «marca». Jó indagava por que motivo Deus tê-lo-ia *marcado* para os sofrimentos pelos quais ele estava passando, como que por força de algum decreto divino. Ver Jó 7:20: «Por que fizeste de mim um alvo...? diz nossa versão portuguesa.

5. *Qaaqa,* «incisão», «marca», «tatuagem». Ver Lev. 19:28. Os israelitas foram proibidos de receber qualquer tipo permanente de marca no corpo. Isso combatia certas formas de idolatria, em que os deuses pagãos eram honrados por seus seguidores por tatuagens auto impostas, ou golpes e talhos na pele, que os identificavam como seus discípulos.

No grego devemos considerar quatro palavras:

1. *Semeion,* «sinal», dando a entender algum sinal visível de alguma coisa. Palavra usada por setenta e cinco vezes no Novo Testamento: Mat. 12:38,39; 16:1,3,4; 24:3,24,30; 26:48; Mar. 8:11,12; 13:4,22; 16:17,20; Luc. 2:12,34; 11:16,29,30; 21:7,11,25; 23:8; João 2:11,18,23; 3:2; 4:48,54; 6:2,14,26,30; 7:31; 9:16; 10:41; 11:47; 12:18,37; 20:30; Atos 2:19 (citando Joel 3:3); 2:22,43; 4:16,22,30; 5:12; 6:8; 7:36; 8:6,13; 14:3; 15:12; Rom. 4:11; 15:19; I Cor. 1:22; 14:22; II Cor. 12:12; II Tes. 2:9; 3:17; Heb. 2:4; Apo. 12:1,3; 13:13,14; 15:1; 16:14 e 19:20.

Os judeus exigiram um *sinal* da parte de Jesus, como comprovação de suas reivindicações messiânicas (Luc. 11:29). As línguas, como um dom espiritual, são um sinal para os incrédulos, autenticando a mensagem do evangelho (I Cor. 14:22). Essa também era uma palavra comum para indicar «milagre», com o propósito de ensinar. Ver Mat. 12:38,39; 26:48; Atos 4:12,22; 6:8 e 15:12. Os poderes malignos também têm seus sinais (milagres), segundo se vê em Apo. 13:14, o que mostra que um milagre nem sempre é prova de veracidade.

2. *Skópos,* «alvo». Esse termo grego só aparece por uma vez no Novo Testamento, em Fil. 3:14. Em sua inquirição espiritual, Paulo avançava na direção do *alvo.* Há traduções que dizem ali, «marca».

3. *Stigma,* «cicatriz», ou alguma marca, como na pele de um escravo, para mostrar que ele pertencia a seu senhor. Ver Gal. 6:17, a única passagem neotestamentária onde ocorre esse vocábulo. Paulo trazia no corpo os sinais das perseguições de que fora vítima, identificando-o como servo de Cristo.

4. *Charagma,* «inscrição», algo gravado. Palavra que ocorre por oito vezes no Novo Testamento: Atos 17:29; Apo. 13:16,17; 14:9,11; 16:2; 19:20; 29:4. Essa é a palavra grega para indicar a «marca da besta», segundo se vê nas referências do Apocalipse. Essa marca mostrará quem lhe será submisso, servindo, igualmente, de uma espécie de permissão para negociar. Há muitas idéias sobre a natureza ou identificação da tal marca. Sem dúvida, o autor do Apocalipse tinha em mente alguma espécie de tatuagem (ver sobre as palavras hebraicas, número cinco, acima)—talvez os números «666» ou algum outro símbolo do poder do anticristo.

Os arqueólogos têm descoberto os nomes de garotas escritos por seus namorados em seus valores numéricos. Em tempos modernos, alguns têm aventado a idéia dessa marca ser um sinal invisível, impresso profundamente na pele, que alguma luz especial seja capaz de tornar visível, visto que agora temos a tecnologia para tanto.

Notemos, igualmente, que o trecho de Apo. 7:3 diz que cento e quarenta e quatro mil servos especiais de Deus, durante o período da grande tribulação, terão o *selo* de Deus em suas testas, o que é uma idéia paralela. Todavia, alguns intérpretes opinam que a marca da besta não deve ser entendida literalmente, como se fosse uma marca física. Antes, seria uma identificação espiritual, conhecida por Deus. Assim, Deus saberia quais estão selados para o bem e quais estão selados para o mal e a rebeldia.

MARCO

No hebraico, *tsiyyum*, «sinal», «monumento». Essa palavra aparece por três vezes: II Reis 23:17; Jer. 31:21 e Eze. 39:15. Geralmente tratava-se de algum monte de pedras ou outro objeto conspícuo, que servia de sinal à beira de alguma estrada ou rota comercial; ou, então, que servia de sinal de que ali havia alguém sepultado.

No primeiro caso temos o trecho de Jer. 31:21, onde um montão de pedras assinalava a rota do exílio, por onde o povo de Israel haveria de voltar, no futuro, à sua própria terra.

No segundo caso temos as passagens de Eze. 39:15 e II Reis 23:17. Também podia ser usada uma coluna (conforme se vê em Gên. 35:20 e II Sam. 18:18), ou então uma pilha de pedras, diretamente sobre a sepultura (segundo se vê em Jos. 7:26 e 8:29). Também podia ser empregada uma lápide (no hebraico, *massebah,* embora essa palavra não ocorra nas páginas do Antigo Testamento).

MARESSA

No hebraico, ao que parece, «cume» ou «lugar-chefe». Esse é o nome de uma cidade e de duas personagens que figuram nas páginas do Antigo Testamento.

1. Uma cidade cananéia que veio a fazer parte da tribo de Judá era assim chamada (ver Jos. 15:44). Ficava a um quilômetro e meio a suleste de Eleuterópolis (Beit Jibrin), e tem sido identificada com o moderno Tell Sandahannah. Reoboão fortificou essa cidade (II Crô. 11:8). Os etíopes, liderados por Zerá, foram derrotados pelo rei Asa, nesse lugar (II Crô. 14:9-13). Em seguida, ele foi capaz de fazer o inimigo recuar até Gerar, a quarenta e oito quilômetros a sudoeste de Maressa.

Eliezer, de Maressa, predisse o fracasso da expedição naval de Josafá, que alçara velas para Társis, porquanto Acazias fizera alianças indevidas (II Crô. 20:35-37). Quando Judá se achava no exílio babilônico, os idumeus ocuparam essa cidade e a área circundante; e a cidade, então chamada Marisa, tornou-se a capital deles. Foi deixada desolada por Judas Macabeu, quando ele marchava de Hebrom para Asdode (I Macabeus 5:65-68; Josefo, *Anti.* 12:8,6). Josefo também revela-nos que esse foi um dos lugares conquistados por Alexandre Janeu, mas que antes estivera sob a dominação síria (Josefo, *Anti.* 13:15,4). Pompeu restaurou a cidade e a vinculou à província da Síria (Josefo, *Anti.* 14:4,4). Gainius a reconstruiu (Josefo, *Anti.* 14:5,3). Os partas destruíram-na quando guerreavam contra Herodes, o Grande (Josefo, *Anti.* 14:5,3). Desde esse tempo em diante, parece que a cidade não mais conseguiu recuperar-se de suas muitas vicissitudes, e nunca mais teve grande importância. A partir de 40 A.C., ela era apenas ruínas. Eleuterópolis, a menos de três quilômetros de distância, tornou-se a cidade importante da região.

2. Esse era também o nome do pai (ou antepassado) de Hebrom, da linhagem de Judá (I Crô. 2:42). Ele foi o filho primogênito de Calebe. Era conhecido por dois nomes, Mesa e Maressa.

3. Um filho de Lada, da família de Selá, tinha esse nome. Talvez ele tenha sido o fundador de uma cidade com esse nome (I Crô. 4:21). Alguns estudiosos têm-no identificado com o Maressa de número 2, acima.

MARFIM

Há duas palavras hebraicas e uma palavra grega que precisamos levar em conta neste verbete:

1. *Shen,* «dente», «marfim». Com o sentido de «marfim», essa palavra ocorre por dez vezes: I Reis 10:18; 22:39; II Crô. 9:17; Sal. 45:8; Can. 5:14; 7:4; Eze. 27:6,15; Amós 3:15; 6:4.

2. *Shenhabbiym,* «dentes de elefante», «marfins». Essa palavra só ocorre por duas vezes no Antigo Testamento: I Reis 10:22 e II Crô. 9:21.

3. *Elephántinos,* «feito de marfim». Essa palavra grega foi usada por apenas uma vez em todo o Novo Testamento: Apo. 18:12.

O marfim é um material duro, usualmente de cor creme, que compõe os dentes e as presas de certos animais. O marfim comercial procede quase inteiramente das presas dos elefantes. Algumas delas podem chegar até cerca de 3,30 m. As presas e dentes de outros animais usualmente são pequenas demais pare terem qualquer valor comercial. Os dentes da baleia cachalote, da morsa e dos mastodontes também têm valor. Os mastodontes produziam um marfim róseo, bastante popular no fabrico de jóias. Além disso, há um certo marfim vegetal obtido da jarina, que, algumas vezes, substitui o marfim do elefante, especialmente no fabrico de botões.

No passado distante, o marfim era obtido do elefante indiano, de Burma e da África; mas, atualmente, somente elefantes africanos são usados. O marfim duro tem uma camada mais externa escura, vermelho amarronzado, e uma textura atrativa. O marfim suave é muito mais claro, quase da cor do leite, com textura muito lisa. Quase todo o marfim que se produz hodiernamente é empregado na China, no Japão, na Índia, na Tailândia e em outros países asiáticos, no fabrico de figurinhas, jóias e obras de arte.

As referências bíblicas dão-nos a entender que o marfim era um artigo de luxo muito procurado, usado no fabrico de leitos (Amós 6:4), casas (várias decorações, incluindo painéis de paredes, I Reis 22:39), decorações de navios, como passadiços com aplicações de marfim (Eze. 27:6), e vários itens do mobiliário, incluindo tampas de mesas, além de jóias, naturalmente. O marfim era importado pelos negociantes de Tiro, que o compravam de homens de Dedã (Eze. 27:15), transportado em navios de Társis (I Reis 10:22). Salomão importava marfim, juntamente com outros artigos de luxo. As escavações efetuadas em Alalaque, na Síria, têm desenterrado grandes presas de marfim. Peças de arte egípcias e assírias mostram que as presas de elefante faziam parte dos troféus obtidos em batalha. Os arqueólogos também têm encontrado grandes armazéns de marfim em Ras Rhamra e em Megido. Somente em 1932 foram encontradas trezentas e oitenta e três peças esculpidas de marfim, provenientes de cerca de 1350 A.C. O trecho de Apo. 18:12,13 mostra que o marfim era importado pelos romanos, juntamente com muitos outros artigos de luxo.

Fontes informativas extrabíblicas mostram-nos que o marfim era usado no fabrico de figurinhas, de conches, de frascos, de mesas de jogos, de pentes, de caixas, de artigos de mobiliário, de jóias, e de grande variedade de itens decorativos.

MARI

Esboço:

1. Localização e Identificação
2. História
3. Escavações Arqueológicas
4. Os Textos de Mari e o Antigo Testamento

1. Localização e Identificação

Mari era uma antiga cidade do médio Eufrates, cerca de onze quilômetros a noroeste de Abu-Kemal, onde o atual Tell Hariri assinala o local. Estava em uma posição estratégica, tendo-se tornado um importante e próspero lugar. Contava com a vantagem de estar em uma interseção de rotas de caravanas. Uma dessas rotas passava pelo deserto sírio e ia até as margens do rio Eufrates, e a outra começava no norte da Mesopotâmia e atravessava os vales dos rios Cabur e Eufrates. Isso posto, o lugar tornou-se um centro de comércio e comunicações. Dispunha de uma população internacional, composta por babilônios, assírios, semitas do reino de Iamcade-Alepo,

hurrianos, caneanos, suteanos e benjamitas. A certa altura da história (cerca de 1800—1700 A.C.), era parte importante do reino dos amorreus, pelo que proveu documentos importantes sobre o idioma desse povo.

2. História

a. A cidade foi conquistada por Eanatum, de Lagase (cerca de 2500 A.C.).

b. Foi conquistada por Sargão, o Grande, de Acade (cerca de 2350 A.C.).

c. Foi governada pelos reis de Ur (cerca de 2113—2006 A.C.).

d. Os amorreus arrancaram-na do poder de Ur.

e. Ur caiu em 2006 A.C., e Isbi-Erra, de Isin, e Naplanum, de Larsa, tornaram-se os poderes dominantes em Babilônia.

f. Iacdum-Lim, rei de Cana, conquistou o lugar (cerca de 1830—1800 A.C.).

g. O rei Samsi-Adade I, da Assíria, derrotou-o, e o lugar passou para as mãos desse monarca assírio (cerca de 1814—1782 A.C.).

h. Iacdum-Lim foi assassinado, e seu filho, Zinri-Lim, fugiu para a Síria. Samsi-Adade foi o assassino e o novo governante, que morreu em 1782 A.C.

i. Zinri-Lim retornou e se apossou do trono (cerca de 1790—1761 A.C.). E Mari tornou-se um mini-reino independente, por dezenove anos, mais ou menos entre 1779 e 1761 A.C.

j. Hamurabi, da Babilônia, reduziu Zinri-Lim ã posição de rei vassalo.

l. Os cassitas destruíram a cidade, em 1742 A.C.

3. Escavações Arqueológicas

Entre 1933 e 1939 houve seis períodos de escavações em Mari, sob a direção de André Parrot, sob o patrocínio do Museu do Louvre. Entretanto, a Segunda Guerra Mundial interrompeu esses esforços, que só foram retomados em 1951. Então, houve mais quatro escavações, que ocuparam extensos períodos. Mas essas atividades, mais uma vez, foram interrompidas, devido as dificuldades em torno do canal de Suez.

As descobertas foram ricas, realmente, e sumariamos como segue:

a. Foram descobertos o templo de Istar e um zigurate (templo torre).

b. O palácio real foi desenterrado.

c. Juntamente com esse palácio, foi encontrado um complexo de edifícios, incluindo até mesmo uma escola de escribas. Pinturas e ornamentações elaboradas decoravam as estruturas e as paredes.

d. *Grande tesouro literário* foi encontrado, muito interessante para os arqueólogos. Nos arquivos do palácio foram recuperados mais de vinte mil tabletes com inscrições. Muitos desses tabletes com inscrições cuneiformes registram correspondência diplomática por parte do último rei de Mari, Zinri-Lim, com Hamurabi, da Babilônia. Essa correspondência tornou-se conhecida como *Cartas de Mari.* Essas cartas têm ajudado os eruditos a conseguirem datas mais precisas para o reinado de Hamurabi, isto é, cerca de 1728—1626 A.C. Também têm permitido aos especialistas revisarem tudo quanto antes sabiam sobre a história da época, e também a natureza do idioma envolvido. Várias cartas endereçadas ao rei Zinri-Lim contêm declarações proféticas, supostamente feitas pelo deus Adade ou Dagã, através de seus agentes. Tais declarações interessam, por sua vez, aos estudiosos da Bíblia, em face de suas similaridades e diferenças, quando cotejadas com as predições bíblicas. Ver os artigos separados sobre *Hamurabi* e *Hamurabi, Código de.*

4. Os Textos de Mari e o Antigo Testamento

a. *A Tradição Profética.* É curioso que parte do material dos textos de Mari corresponde a predições existentes no Antigo Testamento. Sabemos que o discernimento profético é uma possessão comum da humanidade inteira e de todas as culturas. Naturalmente, sempre há certa mescla de discernimentos corretos com o erro. Ver o artigo intitulado, a *Tradição Profética e a Nossa Época. Os* estudos sobre os sonhos mostram que todas as pessoas têm um conhecimento pessoal (embora freqüentemente oculto delas) de seus futuros, e assim, em um sentido secundário, todas as pessoas são seus próprios profetas. Algum dia. a ciência poderá desenvolver técnicas que aprimorem essa capacidade, que se tornará valiosa para todos nós. Ver o artigo sobre os *Sonhos.*

b. Nomes pessoais amorreus aparecem em abundância nesses textos, semelhantes a nomes pessoais existentes no Antigo Testamento. Ali aparecem nomes como *Yahweh, Yawi-Addu* e *Yawi-El. El* era um nome comum para Deus, entre os povos semitas, incluindo os hebreus. Ver os artigos sobre *Yahweh* e *Jeová.* Não nos deveria surpreender o fato de que Israel não inventou seus próprios nomes para Deus, antes, aproveitou o fundo semítico geral de nomes próprios. Isso em nada milita contra a revelação divina. Os livros sagrados não se desenvolveram no vácuo. No entanto, há autores que procuram contornar a questão, afirmando que *yawi* não é um nome próprio, mas antes, fala sobre o que os deuses Addu e El teriam feito ou ainda fariam. Mas, mesmo que isso corresponda à verdade dos fatos, tem sido adequadamente demonstrado que *Yahweh* não era um nome exclusivo para Deus, entre os hebreus, conforme aqueles artigos o demonstram.

c. Os textos de Mari também têm permitido tornarem-se melhor conhecidos os costumes dos povos nômades que habitavam em redor de Mari, a saber, os caneanos, os suteanos e os benjamitas. Talvez os *Dumu.mes Yamina* não tivessem parentesco nenhum com os benjamitas do Antigo Testamento, conforme alguns estudiosos têm chegado a pensar; mas, mesmo assim, muitos costumes bíblicos podem ser ilustrados através desse material, visto estarmos tratando com populações com laços de parentesco entre si, em áreas geográficas relativamente apertadas.

d. As cartas de Mari, como já dissemos, têm ajudado a fixar melhor as datas relativas a Hamurabi (cerca de 1728—1626 A.C.), uma questão que tem servido de complicado problema cronológico para os historiadores bíblicos. (ND OP(1967) UN Z).

MARIDO

Ver o artigo geral sobre **Matrimônio**. Ao que é dito ali, adicionamos aqui algumas informações:

Deveres dos Maridos, Segundo a Bíblia e os Rabinos:

1. O Antigo Testamento não dá muitas regras específicas para os maridos. Obtemos algo com base em Êxo. 21:10. O marido precisava prover alimentos, vestuário e os direitos conjugais à sua mulher.

2. Os códigos rabínicos ampliam isso um pouco. Desses códigos depreendemos o seguinte:

a. O marido deveria prover para as necessidades básicas de sua mulher, como alimentos, vestuário e habitação.

b. Deveria prover os direitos sexuais, conjugais. Caso contrário, se a causa não fosse alguma enfermidade, o remédio era o divórcio.

c. Deveria prover para uma esposa enferma, procurando-lhe a cura.

d. Deveria prover a sua esposa, incluindo o dever de resgatá-la, se ela caísse em cativeiro. Isso se aplicava, especialmente, durante o período da Idade Média, quando as invasões dos beduínos causaram muitos seqüestros.

e. Deveria prover para o sepultamento apropriado da esposa falecida, com as devidas cerimônias, um sepulcro assinalado, etc.

Direitos dos Maridos, Segundo a Bíblia e os Rabinos:

1. O que a esposa ganhasse fazia parte da renda familiar. Ela não podia manter uma vida econômica separada.

2. O marido também tinha o direito de compartilhar do que ela ganhasse por acaso, como uma herança, uma doação, etc.

3. Todas as propriedades trazidas pare a família, mediante o casamento, pelo lado da mulher, tornavam-se parte de suas possessões.

4. O marido era o herdeiro único de uma esposa que falecesse.

5. As instruções bíblicas permitiam que um homem tivesse várias esposas e concubinas, embora igual direito não fosse dado à mulher. Essa prática chegou até bem dentro da era cristã, tendo sido elimina-

da somente por causa da dispersão de Israel entre as nações gentílicas, onde todos tinham de obedecer às legislações locais.

MAROTE

No hebraico, «amargor». Nome de uma cidade na porção ocidental do território de Judá, perto de Jerusalém, mencionada em Miquéias 1:12. Ela tem sido tentativamente identificada com *Maarath*. Ficava na rota tomada pelo exército assírio invasor, que viera de Laquis.

MARROM

Ver o artigo sobre as **Cores**. No hebraico, **chum**, «escuro». Essa palavra hebraica envolve a idéia de algo queimado de sol, sendo aplicada às ovelhas cuja cor era influenciada pelo sol (Gên. 30:32), ou então à tez humana, escurecida pela enfermidade ou pela tristeza (Jó. 30:30. Nossa versão portuguesa diz «enegrecida»). As traduções geralmente confundem as idéias de negro e de marrom. Como um símbolo psicológico, essa cor juntamente com o verde, é associada às sensações, ou então a excrementos, e com freqüência representa o dinheiro, as riquezas ou as vantagens financeiras. É a cor de *terra* que cria a sua associação à percepção dos sentidos. Assim, falamos em um indivíduo terreno, que significa uma pessoa crua, que vive no nível apenas da percepção dos sentidos. (CHE UN)

MARSENA

No hebraico, «digno». Nome de um dos governadores ou satrapas de Xerxes (ver Est. 1:14). Ele era um dos sete príncipes da Pérsia e da Média, que tinham o direito de acesso à presença do rei, sem qualquer mediação ou manipulação especiais. Viveu em cerca de 483 A.C.

MARTELO

No hebraico temos a considerar cinco palavras, três das quais referem-se, rigidamente, a esse instrumento de trabalho. Essas palavras são:

1. *Maqqabah,* «martelo». Essa palavra ocorre por três vezes: I Reis 6:7; Isa. 44:12 e Jer. 10:4.

2. *Maqqebeth,* «martelo», que ocorre com esse sentido somente por uma vez, em Juí. 4:21.

3. *Pattish,* «martelo», palavra que aparece por três vezes: Isa. 41:7; Jer. 23:29 e 50:23.

4. *Halmuth,* «maço», que aparece por apenas uma vez, em Juí. 5:26.

5. *Kalappoth,* «cacetes», vocábulo que também só figura por uma vez, em Sal. 74:6, mas que nossa versão portuguesa traduz por «martelo».

O martelo era um instrumento usado para afixar pregos, alisar metais e quebrar pedras. Naturalmente, neste último caso, preferimos usar o termo «marreta». Mas é evidente que, nos dias do Antigo Testamento, não se fazia essa distinção. Tão-somente podemos imaginar que os martelos usados para quebrar pedras eram mais pesados que aqueles empregados em outros usos. (Isa. 41:7; Jer. 23:29).

A comparação entre Juí. 4:21 e Juí. 5:26 é esclarecedora. Ambas as passagens referem-se ao mesmo incidente—a morte de Sísera, às mãos de Jael, mulher de Héber. No primeiro desses versículos, é usado o termo hebraico *maqqebeth,* que indica o martelo comum usado pelos rachadores de pedra e pelos trabalhadores em metais. Mas, no segundo desses versículos já é usada uma palavra hebraica, *halmuth,* que indica um pesado malho de madeira, que, entre outras coisas, era usado para enterrar os pinos ou estacas das tendas (ver Juí. 5:26). Portanto, parece que as palavras em foco eram usadas não de forma muito rigorosa, uma podendo substituir a outra.

Quanto a *kalappoth,* «cacetes», pode-se admitir a tradução «martelos», em Sal. 74:6, conforme diz a nossa versão portuguesa, posto que, a rigor, ali se fala em outra coisa, «cacetes».

Se *maqqabah* (de onde proveio, quase certamente, o apelido dos hasmoneanos, «Macabeus», vide) apontava para um martelo de metal (conforme se vê em I Reis 6:7 e Isa. 44:12), o fato é que, em Jer. 10:4, aparece como um martelo de carpinteiro, o qual, segundo se sabe, na antiguidade era feito de madeira, e não de metal.

Não há qualquer referência neotestamentária a esse instrumento comum. A arqueologia tem descoberto que havia muitos tipos de martelos, marretas e maços, feitos de metal ou de madeira, dependendo do tipo de trabalho a ser feito. Marcas deixadas por marretas e martelos, nas pedras que constituem os edifícios antigos, além de outras evidências, indicam que no mundo antigo havia tipos de martelos que correspondem aos tipos modernos.

MASAI

No hebraico, «atuante». Esse era o nome de um sacerdote, filho de Adiei, que também retornou do cativeiro babilônico (ver I Crô. 9:12).

MASAL

No hebraico, «depressão». Nome de uma cidade do território de Aser, que foi dada aos levitas da família de Gérson (I Crô. 6:74). Eusébio informou que ficava nas circunvizinhanças do monte Carmelo, perto da beira-mar. O trecho de Jos. 19:26 diz *Misal.* O lugar ainda não foi identificado quanto à sua moderna localização.

MASIAS

Esse nome masculino aparece em I Esdras 5:34, designando os descendentes de uma família de servos de Salomão, que tinham voltado, juntamente com Zorobabel, do exílio babilônico. Esse nome não aparece nas passagens paralelas de Esd. 2:57 e Nee. 7:59.

MASMORRA

No hebraico, **bor** ou **beth hab-bor**, respectivamente «cova» ou «casa da cova». Essa palavra e expressão ocorrem por um total de sessenta e nove vezes; segundo se vê, por exemplo, em Gên. 40:15; 41:14; Jer. 38:6,7,9-11,13; Lam. 3:53,55; Êxo. 12:29; Jer. 37:16. Esse termo refere-se a um tipo de cova ou aposento subterrâneo, embora também referia-se a algum poço seco, usado como lugar de confinamento ou aprisionamento. José foi posto em um lugar assim, temporariamente (Gê. 40:15), antes de ter sido vendido aos negociantes ismaelitas, que o levaram ao Egito. Jeremias esteve detido em um lugar desses (Jer. 38:6,7,9-11,13; Lam. 3;53). Essa palavra também é usada em sentido figurado, em Isa. 42:7. O Messias, quando aparecesse, tiraria prisioneiros da masmorra, mediante a sua missão salvatícia. Ver o artigo geral sobre *Prisão, Prisioneiro.*

MASQUIL

Uma palavra hebraica de sentido incerto, talvez dando a entender um cântico criado para sublinhar a sabedoria ou a piedade. Essa palavra aparece nos títulos dos Salmos 32, 42, 44, 45, 52, 53, 54, 55, 74, 78, 88, 89 e l42.

MASRECA

No hebraico, «vinhedo». Nome de uma cidade da Iduméia, a cidade natal de Samlá, um rei idumeu (ver Gên. 36:36; I Crô. 1:47). A cidade tem sido identificada com o Jebel el-Mushrak, que fica a trinta e cinco quilômetros a sudoeste de Ma'an.

MASSA

Há duas palavras hebraicas envolvidas neste verbete, a saber:

1. *Abtseq,* «massa», «tufada». Palavra usada por cinco vezes: Êxo. 12:34,39; Jer. 7:18; Osé. 7:4; II Sam. 13:8.

2. *Arisha, «massa* misturada». Palavra usada por quatro vezes: Núm. 15:20,21; Nee. 10:37; Eze. 44:30. Essa palavra também significa «refeição».

A primeira dessas palavras tem origem na idéia de fermentação.

A palavra grega envolvida é *phúrama,* derivada do verbo *phuráo,* «misturar». Essa palavra grega aparece por cinco vezes: Rom. 9:21; 11:16; I Cor. 5:6,7; Gál. 5:9. Essa palavra era usada tanto para indicar a massa de pães e de pastelaria como para a mistura de barro que os oleiros preparavam para o fabrico de vasos de qualquer espécie.

A mistura do pão era feita com farinha de trigo e água, e, ocasionalmente, de trigo e azeite. A mistura era amassada em uma gamela de madeira, usualmente à mão. Mas, se a quantidade a ser misturada fosse grande, então as pessoas socavam a massa com os pés. Ver Êxo. 12:34,39; II Sam. 13:8; Jer. 7:18; Osé. 7:4. As massas eram feitas com certa variedade de cereais, como o trigo e a cevada, mas também com os feijões, as lentilhas, o painço e a espelta (Eze. 4:9). Algumas vezes, usava-se fermento pare fazer a massa tufar. Mas o uso de fermento era vedado em conexão com a páscoa e com a festa dos pães asmos. Uma pitada de sal era usada no pão levedado ou no pão asmo. Quando a massa tufava, era posta em um forno, para assar. Ver os artigos gerais sobre *Alimentos* e sobre *Culinária*.

Usos Metafóricos. O trecho de Romanos 11:16, ao referir-se a Números 15:19,20, fala sobre a massa que era separada para uso exclusivo dos sacerdotes, porquanto era consagrada. Sendo esse o caso, a massa inteira passava a ser santa. Isso envolvia uma oferta perante o Senhor, quando o bolo (ou pão) era usado em uma cerimônia ritual, de movimento diante do Senhor, e então era consumido sobre o altar. Dentro da ilustração de Paulo, os patriarcas judeus foram primeiramente consagrados a Deus, pelo que seus filhos espirituais também eram santos. Estamos tratando aqui com a herança espiritual desenvolvida através do processo histórico. Ver notas completas sobre esse conceito no NTI, in *loc.*

Em I Coríntios 5:6,7 temos um outro uso metafórico que envolve a idéia de massa. Ali é dito que um pouco de fermento afeta a massa inteira. Nesse caso, o fermento fala sobre pecado, especialmente o pecado de orgulho, pois Paulo estava mostrando como o pecado pode corromper toda uma igreja local cristã, se não for eliminado. O contexto mostra que está em vista mais do que o pecado de orgulho, visto que vários vícios são mencionados nos vs. 9 e 10. O crente autêntico é aludido como quem oferecia sua vida, quão pão sem fermento, isto é, sem a mácula do pecado.

MASSÁ

No hebraico, «carga», «peso». Esse era o nome de um dos filhos de Ismael, filho de Abraão (ver Gên. 25:14; I Crô. 1:30). É provável que seus descendentes fossem os *masani*, que Ptolomeu disse estarem radicados na parte oriental da *Arábia*, perto das fronteiras com a Babilônia. Inscrições assírias mencionam juntos os povos de Massaá, Tema e Nebaiote, que viveriam perto uns dos outros. Nessas inscrições, Tema, ao que tudo indica, é a moderna *Teima*, que fica a nordeste de el-'Ula, na parte noroeste da Arábia. Tema era irmão de Massá. Isaías, por sua vez, referiu-se a *Dumá*, um nome locativo derivado de um outro irmão deles (ver Isa. 21:11,12). Torna-se claro, pois, que Massá e seus irmãos foram os genitores dos povos que se estabeleceram na parte noroeste da Arábia, que não ficava distante da terra natal de seus antepassados. Alguns estudiosos pensam que Agur e Lemuel, referidos em Prov. 30:1 e 31:1, descendiam de Massá. Eles envolvem uma pequena parte da história dos povos árabes.

MASSÁ E MERIBÁ

A Septuaginta diz, em lugar desses dois nomes, «teste e contenção». Essas duas palavras aparecem conjugadas em Êxo. 17:7, Deu. 33:8 e Sal. 95:8. Massá aparece em Deu. 6:16 e 9:22, e Meribá em Núm. 20:13,24; Sal. 81:7 e 106:32. Meribá de Cades ocorre em Núm. 27:14; Deu. 32:51; Eze. 47:19 e 48:28. Esses nomes aludem a uma localidade perto de Refidim, onde os israelitas fizeram alto, após saírem do Egito, depois que partiram do deserto de Zim. Ali não encontraram água, e murmuraram contra Moisés e estiveram quase a apedrejá-lo. Moisés feriu a rocha e jorrou água. Foi Moisés quem deu esse nome duplo ao lugar, traduzido por «teste e contenção» na Septuaginta, visto que, por assim dizer, submeteram o Senhor à prova, com suas queixas. Ver Êxo. 17:1-7.

Uma Distinção. O trecho de Núm. 20:1-13 refere-se a um detalhe da história de Israel, que ocorreu cerca de quarenta anos mais tarde. A *Meribá* daquele relato deve ser distinguida da *Meribá* deste artigo. Aquela ficava no sul da Palestina. Foi assim chamada devido a um incidente similar, embora diferente. Ver o artigo intitulado *Meribá.*

MASSEBAH

Esse é um termo usado pelos arqueólogos, para indicar uma *coluna sagrada,* um monumento de pedra erigido como memorial, ou, em alguns casos, algum objeto de adoração idólatra. Ver Gên. 35:20; Êxo. 23:24; 34:13 e Lev. 26:1.

MASSORA (MASSORAH); Texto Massorético

Ver o artigo geral sobre os *Manuscritos do Antigo Testamento.* Nesse artigo inclui-se a história geral dos massoretas, bem como a padronização do texto do Antigo Testamento hebraico, que eles produziram.

Massora (Massorah). Não há certeza quanto ao significado dessa palavra hebraica. Mas parece que reflete o hebraico *msr,* «transmitir». Os massoretas eram os escribas e mestres cujo piedoso intuito era o de preservar inalterado o texto da Bíblia hebraica. Eles criaram o texto com os pontos vocálicos, visto que, originalmente, o hebraico era escrito apenas com as letras consoantes. Eles também anotaram o texto sagrado, nas margens dos rolos e nos fins das seções escritas. Quase todas as suas notas eram de natureza linguística ou ortográfica. Não havia muita exegese. Eles preocupavam-se com a enumeração das ocorrências das palavras hebraicas e desenvolveram um complexo sistema de ligações entre textos e palavras que fomentou a *bibliolatria (vide).* Até mesmo letras individuais assumiam significações profundas aos olhos deles.

Tempo Envolvido. Os massoretas começaram a trabalhar em cerca de 500 D.C., e continuaram atuando até à invenção da imprensa, cerca de mil anos mais tarde. A totalidade da obra deles veio a ser conhecida como *Massora,* e o texto bíblico por eles produzido, como *texto massorético;* e eles mesmos eram os *massoretas.* O texto produzido pelos massoretas era um texto hebraico padronizado.

O descobrimento dos manuscritos do mar Morto ilustrou várias coisas: 1. a exatidão geral do texto massorético; 2. ocasionalmente, a Septuaginta (vide) preserva uma variante mais antiga (em consonância com os manuscritos ali descobertos, em distinção ao texto massorético, padronizado); 3. algumas emendas, propostas por eruditos modernos, a fim de eliminar certos erros do texto massorético, concordam com os manuscritos do mar Morto, 4. havia um texto hebraico pré-massorético, embora, na maioria dos livros do Antigo Testamento, a porcentagem de diferença não seja grande; 5. a Bíblia hebraica foi preservada com muito maior cuidado, o que explica um menor número de variantes, do que se dá com o Novo Testamento grego.

MASTRO

Ver sobre *Barcos e Navios.*

No hebraico, *toren*, «poste», «mastro». Esse vocábulo é usado no Antigo Testamento somente por três vezes: Isa. 30:17; 32:23 e Eze. 27:5. Na primeira referência há menção a um mastro posto no alto de um monte; nas duas outras referências há alusão ao mastro de um navio. Para esse propósito era usado o cedro do Líbano, além de outras madeiras resistentes. O uso da palavra hebraica, em Isaías 30:17, é de natureza metafórica. Os sobreviventes do povo de Israel, depois do julgamento de Deus contra eles, tornar-se-ão tão conspícuos quanto um mastro fincado no alto de um monte. Isso subentende que haverá poucos sobreviventes, e que o julgamento divino será extremamente severo. De fato, alguns estudiosos têm calculado, com base em vários indícios, que, na perseguição final da Grande Tribulação, de cada dez israelitas, nove perecerão.

MATÃ

No hebraico, «presente». Esse foi o nome de duas personagens que figuram nas páginas do Antigo Testamento:

1. Um sacerdote de Baal atendia por esse nome. Ele foi morto por Joiada, diante do altar de Baal (ver II Reis 11:18 e II Crô. 23:17). Parece que ele acompanhou a rainha Atalia, desde Samaria. Viveu em torno de 836 A.C.

2. O pai de Sefatias, um príncipe, que esteve entre aqueles que perseguiram o profeta Jeremias e foi um dos agentes de sua detenção e aprisionamento (ver Jer. 38:1). A principal acusação era a de traição, visto que Jeremias referia-se à inutilidade da resistência dos israelitas contra os babilônios que avançavam, a menos que se arrependessem e renovassem os seus votos com Yahweh. Esse Matã viveu em cerca de 588 A.C.

3. No hebraico, «presente de Yahweh», filho de Eleazar e pai de Jacó. Este último foi o pai de José, marido da Virgem Maria. Ver Mat. 1:15. Viveu antes de 40 A.C. Alguns têm-no identificado com *o Matate* de Luc. 3:24,27.

MATANÃ

No hebraico, «presente». Esse era o nome do qüinquagésimo terceiro lugar onde os israelitas acamparam, depois de terem saído do Egito, sob a liderança de Moisés. Ficava na parte norte do ribeiro do Arnom (ver Núm. 21:18,19). Fazia parte do território de Seom, rei dos amorreus. O livro de Números informa-nos que a localidade ficava entre Beer e o riacho de Naaliel. A localização exata atual, porém, é desconhecida, embora tenha sido tentativamente identificada com Khirbet el-Medeiyineh, que fica cerca de dezoito quilômetros a nordeste de Dibom.

MATANIAS

No hebraico, «presente de Yahweh». Um grande número de pessoas, referidas no Antigo Testamento, tem esse nome:

1. Um levita, filho de Hemã, cabeça do nono turno dos músicos, que servia no templo de Jerusalém, na época de Davi (ver I Crô. 25:4,16). Viveu em torno de 1014 A.C.

2. Um levita, descendente de Asafe, assistente de Ezequias, quando este purificou o templo e impôs várias reformas religiosas (ver II Crô. 29:13). Viveu em cerca de 726 A.C.

3. O nome original do rei Zedequias. Quando Nabucodonosor o pôs sobre o trono de Judá, em lugar de seu sobrinho, Joaquim (ver II Reis 24:17), deu-lhe esse novo nome.

4. Um levita, descendente de Asafe e bisavô de Zacarias (Nee. 12:35). Ele participou do grupo dos músicos que atuou quando da dedicação das muralhas de Jerusalém, que foram reconstruídas pelo remanescente judeu que voltou do cativeiro babilônico. Ele aparece como filho de Mica (Nee. 11:17) ou Micaías (Nee. 12:35). Ele viveu em torno de 446 A.C.

5. Um levita, filho de Mica, descendente de Asafe, que morava em Jerusalém (I Crô. 9:16; Nee. 12:17; 12:8,25,35). Alguns eruditos identificam-no com o mesmo Matanias acima (número 4). Os trechos de Nee. 11:17; 12:8,25,35 ajuntam que ele era líder do coro do templo de Jerusalém.

6. Um levita, pai de Zacur (ver Nee. 13:13). Alguns têm-no identificado com o quarto (e quinto) Matanias dessa lista, pelo que os números quatro, cinco e seis talvez se refiram à mesma pessoa.

7, 8, 9 e 10. Um grupo de quatro homens com esse nome, aqui agrupados devido às idênticas circunstâncias em que são mencionados. Esses homens estiveram entre aqueles que precisaram divorciar-se de suas esposas estrangeiras, após ter retornado do cativeiro babilônico e renovado o pacto com Yahweh. Isso foi feito tendo em vista restabelecer Israel como uma nação separada e impedir sua perda de identidade, parcialmente causada por casamentos mistos. Esses homens eram, respectivamente, filhos (talvez residentes) de Elão (Esc. 10:37), de Zatu Esd. 10:27), de Paate-Moabe (Esd. 10:30) e de Bani (Esd. 10:37). Eles viveram por volta de 459 A.C.

11. O pai de Jeiel, antepassado de Jaaziel, o levita, que predisse a derrota dos moabitas por Josafá (II Crô. 20:14). Alguns têm-no identificado com o primeiro Matanias desta lista.

MATENAI

No hebraico, «liberal». Provavelmente trata-se de uma contração de *Matanias* (vide). Houve três homens com esse nome, nas páginas do Antigo Testamento:

1. Um sacerdote da casa de Joiaribe, que serviu nos dias de Joiaquim, rei de Judá (Nee. 12:19). Ele viveu em cerca de 500 A.C.

2. Um homem que era filho ou cidadão de Hasum (Esd. 10:33). Ele casara-se com uma mulher estrangeira, ao tempo do cativeiro babilônico, e precisou divorciar-se dela quando o remanescente de Judá voltou a Jerusalém. Ele também é mencionado em I Esd. 9:33. Viveu em torno de 456 A.C.

3. Um filho ou cidadão de Bani, que compartilhou das mesmas circunstâncias descritas no segundo ponto, acima. Ver Esd. 10:37. Viveu em torno de 456 A.C.

MATITIAS

No hebraico, «presente do Senhor *(Yahweh)*». Esse foi o nome de seis personagens diferentes, nas páginas do Antigo Testamento:

1. Um filho de Jedutum, levita. Jedutum era o diretor do décimo quarto turno de músicos do templo, na época de Davi (I Crô. 25:3,21). Talvez ele fosse o guardador da arca da aliança, que Davi nomeou (I Crô. 15:18,21 e 16:5). Viveu em torno do 1014 A.C.

2. Um filho de Nebo que, juntamente com muitos outros, se casara com alguma mulher estrangeira, no tempo do cativeiro babilônico e foi forçado a divorciar-se dela, depois que o remanescente voltou a Jerusalém e renovou o antigo pacto com Yahweh. Os judeus da época sentiram que tais casamentos mistos eram prejudiciais para essa renovada dedicação ao Senhor. Ver Esd. 10:43. Viveu por volta de 459 A.C.

3. Um filho de Salum, levita, descendente de Coré, que ficou encarregado das ofertas cozidas do templo após o cativeiro babilônico (ver I Crô. 9:31). Aparentemente, ele deve ser identificado com o homem que se postou à direita de Esdras, quando a lei foi lida diante do povo, quando da renovação da aliança com o Senhor. Ver Nee. 8:4; I Esdras 9:43. Viveu em torno de 440 A.C.

4. Um daqueles que ficaram do lado direito do Esdras, quando a lei foi lida aos ouvidos do povo, terminado o cativeiro babilônico. Alguns estudiosos identificam-no com o Matitias de número três, acima.

5. Um filho de Semei, cujo nome aparece na genealogia do Senhor Jesus, em Luc. 3:26. Seu nome parece ser uma interpolação que envolve o sexto homem desta lista.

6. Um filho de Amôs, cujo nome figura na genealogia de Jesus, em Luc. 3:25. Ele deve ter vivido em cerca de 406 A.C.

MATREDE

No hebraico, «impulsionadora». Ela era filha de Me-Zaabe e sogra de Hadar, um rei dos idumeus (ver Gên. 36:39; I Crô. 1:50). A Septuaginta, na referência do livro de Gênesis, fez dela filho de Me-Zaabe (portanto, seria um homem, e não uma mulher), e a versão siríaca Peshitta concorda com isso, talvez por empréstimo da idéia. Essa pessoa viveu em algum tempo antes de 1619 A.C.

MATRI

No hebraico, «chuva de Yahweh» ou, então, «Yahweh está observando». Esse era o nome do fundador de uma família benjamita, da qual descendia Quis, pai de Saul, o primeiro rei de Israel (ver I Sam. 10:21). Matri viveu em torno de 1612 A.C.

MATRIMÔNIO

Esboço:

I. Definições
II. Informações Históricas
III. Empecilhos ao Casamento
IV. Tipos de Matrimônio
V. Término do Estado Matrimonial

VI. Casamento Levirato
VII. A Condição da Mulher e o Casamento
VIII. A Condição dos Filhos
IX. Casamentos Mistos, Judaicos e Cristãos
X. A Santidade do Matrimônio
XI. Vantagens do Matrimônio
XII. O Casamento Cristão
XIII. Figuras e Símbolos do Matrimônio

I. Definições

Em seu sentido natural e histórico, o matrimônio pode ser definido como uma relação pessoal, com o intuito de perdurar por certo tempo especificado, entre um homem e uma mulher, ou entre um homem e mulheres, ou entre uma mulher e homens, com o intuito de procriação. Essa relação é aprovada e santificada pela sociedade, sem importar as normas estabelecidas pelos costumes ou pela lei. No seu sentido legal, o matrimônio é um contrato entre um ou mais homens com uma ou mais mulheres, com o propósito de procriação e do estabelecimento de uma família. Em alguns casos, a questão da procriação é opcional, mas qualquer ligação pessoal, sem a intenção de haver relações sexuais, não é um matrimônio, de acordo com qualquer definição sensata. Figuradamente, a palavra «matrimônio». pode indicar qualquer *união íntima, ou* um intenso apego a algo, que ocupe a atenção e os esforços de alguém, conforme se vê na expressão: «Ele se casou com o seu trabalho». Essa palavra, em qualquer de seus sinônimos, também denota a *cerimônia* que une os nubentes.

No seu sentido bíblico e cristão, um casamento, idealmente falando, é uma extensão da missão e do destino das pessoas envolvidas, ou seja, uma ajuda ao cumprimento dos propósitos especiais dos cônjuges. Nesse sentido, o matrimônio vai além dos meros costumes sociais e da procriação, tornando-se um importante aspecto do desígnio espiritual das pessoas. *Os mórmons* (vide) supõem que os casamentos, selados por seus ritos, em seus templos, tornam-se eternos sendo um meio para a formação de famílias divinas e patriarcais, em que os homens chegarão a tornar-se deuses, cabeças de algum planeta que lhes caberia povoar. Desse modo, seriam capazes de propagar não apenas raças físicas, mas até mesmo raças espirituais.

II. Informações Históricas

1. *Adão e Eva.* A história desse primeiro casal é apresentada no Antigo Testamento como o começo do casamento. Ver Gên. 2:18-25. A mulher foi feita por Deus para ser a ajudante do homem; a instituição do casamento teve origem divina; a propagação da raça humana é o seu propósito central; um homem, sozinho, está por demais solitário, e precisa de uma mulher. O casal, sim, toma-se instrumento do propósito de Deus. Esse primeiro matrimônio tornou-se o ideal monogâmico (ver Mat. 19:3 ss). Naquele texto neotestamentário também é enfatizada a origem divina e a estruturação correta do casamento.

2. *Casamentos Pré-Bíblicos.* Aqueles que aceitam a história de Adão e Eva em sentido parabólico ou simbólico, pensam que esse relato serve para o ensino de ideais, mas não é válido para traçar as origens da instituição humana do casamento. Naturalmente, esse é o ponto de vista da maioria dos antropólogos. Os evolucionistas pensam que a origem do casamento acha-se nas tendências naturais dos animais se cruzarem, com o propósito de procriarem. Mas isso mostra principalmente a poligamia (que o homem continua a perpetrar de fato, mesmo que não legalmente). Os estudos têm demonstrado que associações mais ou menos permanentes são formadas pelo acasalamento entre as aves e certos mamíferos superiores, embora a monogamia não seja a regra. Todavia, o chimpanzé forma uma relação monógama e durável. O surpreendente é que o *lobo* também age assim, apesar de que seu nome tem servido para indicar homens que conquistam muitas mulheres! Aqueles que acreditam em casamentos pré-bíblicos salientam que as genealogias bíblicas dizem que o homem existe há menos de seis mil anos, o que dificilmente pode ser levado a sério. No entanto, não é a Bíblia que diz que o homem só existe há menos de seis mil anos e, sim, as interpretações baseadas nos dados genealógicos incompletos.

3. *Vida Doméstica Pré-Semítica, na Palestina.* Com base na arqueologia, sabemos que os costumes matrimoniais entre os hebreus incorporavam alguns elementos pertencentes a outras culturas, ainda mais antigas. As leis e os costumes dos israelitas, acerca do casamento, foram influenciados pelos costumes dos arameus, amorreus, elamitas, babilônios, hititas e hurrianos. Há evidências sobre casamentos tipo poliandria entre os antepassados do povo hebreu, embora insuficientes para convencer a maioria dos eruditos. O matriarcado, por sua vez, conta com fundo histórico mais sólido. Naturalmente, a monogamia não era o padrão, e vários desvios podem ser observados: a. *Poliandria.* Uma mulher com mais de um marido. b. *Ênfase tribal.* Um homem vivia com sua esposa na aldeia desta, e os filhos nascidos da união tornavam-se membros da tribo da mulher. Os historiadores salientam o relato do casamento de Jacó com Raquel e Lia, como ilustrações bíblicas dessa circunstância. Ver Gên. 29:28. Talvez eles estejam com a razão, mas o fato é que a condição de Jacó com suas esposas não permaneceu assim para sempre. c. *Casamentos tribais temporários.* O que foi dito no ponto anterior, *b.*, é verdade, mas os casamentos assim contratados não perduravam, propositalmente, muito tempo. Em ambos os casos, o *clã* era mais importante do que o casal.

4. *Nos Tempos Bíblicos.* Já vimos o caso de Adão e Eva, no primeiro ponto, mas agora passamos para os *tempos patriarcais.* O Pentateuco e o livro de Rute fornecem-nos as informações de que dispomos sobre a questão, suplementadas pelas descobertas arqueológicas. Algumas dessas informações são as seguintes:

a. A poligamia era a regra, até onde é possível determinar isso.

b. Nos primeiros tempos, podia haver casamento entre um meio-irmão e sua meia-irmã, conforme foi o caso de Abraão e Sara. Naturalmente, entre os egípcios havia casamentos entre irmãos e irmãs de pai e de mãe, mas entre os hebreus não há qualquer registro quanto a isso. A legislação mosaica, quando surgiu, proibiu o casamento entre parentes chegados.

c. Jacó casou-se com duas irmãs, — Lia e Raquel. A legislação mosaica posterior proibiu isso.

d. O noivado era quase tão indissolúvel quanto o próprio matrimônio, e uma noiva já era chamada de «esposa» (ver Gên. 19:21; Deu. 22:23,24; Mat. 1:18,20). Um noivo também era chamado de «esposo» (ver Joel 1:8; Mat. 1:19). A Bíblia não nos dá informações sobre como e sob quais circunstâncias os noivados eram desmanchados, mas o *código de Hamurabi* (vide) tem estipulações quanto a isso. José, noivo de Maria, pensou em dissolver o noivado, e deveria haver algum meio para tanto (ver Mat. 1:19).

e. *Costumes Acerca do Noivado.* 1. A escolha de uma esposa. Usualmente isso se fazia mediante um arranjo entre as famílias dos noivos (ver Gên. 21:21 e 38:6). Mesmo que um homem escolhesse a noiva, seus pais é que negociavam o casamento (ver Gên. 34:4,8; Juí. 14:2). Só raramente (e por motivo de rebeldia) é que um homem agia contrariamente aos desejos de seus pais (ver Gên. 26:34,35). E os desejos da jovem não eram inteiramente ignorados (ver Gên. 24:58). Raramente eram os pais da jovem que tomavam a iniciativa na questão (ver Rute 3:1,2 e I Sam. 18:21). 2. Presentes eram trocados, e também havia um dote (ver Gên. 34:12; Êxo. 22:17),—e também, havia presentes no caso de uma mulher seduzida (I Sam. 18:25), ou um homem podia trabalhar a fim de obter sua esposa (como no caso de Jacó). O dote usualmente consistia em um presente dado à noiva, embora também pudesse ser ao noivo, por parte do pai da noiva, podendo incluir até mesmo a doação de escravos pare servir ao casal ou à mulher (ver Gên. 24:29,61; 29:24). Também havia dotes sob a forma de terras (ver Juí. 1:15; I Reis 9:16; Tobias 8:21). Um noivo podia receber vestes ou jóias (ver Gên. 24:53).

f. *Cerimônias de Casamento.* Havia cerimônias públicas e particulares; isso envolvia vestes especiais (ver Sal. 45:13,14); eram usadas jóias (ver Isa. 61:10); a noiva cobria-se de véus (ver Gên. 24:65);

eram usadas flores ou coroas de flores como decoração (ver Isa. 61:10; Efé. 5:27; Apo. 19:8). Faziam-se presentes amigos do noivo e amigas da noiva (ver Sal. 45:14). O noivo tinha um amigo especial, e outros auxiliares (ver Juí. 14:11; Mat. 9:15). O amigo especial era chamado «companheiro» (ver Juí. 14:20 e 15:2), ou talvez «mestre-sala» (ver João 2:8,9). Algumas vezes havia um cortejo honorífico (ver Jer. 7:34; I Macabeus 9:39). Também havia uma festa de casamento, usualmente efetuada na casa do noivo (Mat. 22:1-10; João 2:9). Concorriam muitos amigos e parentes, e o vinho era servido em abundância. O povo hebreu era um povo que se divertia, tomando vinho e dançando, não muito parecido com os evangélicos de hoje, demasiadamente inclinados ao ascetismo. Ver João 2:3,9,10. Rejeitar um convite a um casamento era uma questão séria (ver Mat. 22:7). Vestes festivais eram usadas pelos convidados (ver Mat. 22:1,12). Figuradamente, a união espiritual entre Cristo e sua noiva (a Igreja) é simbolizada pelas bodas ou casamento do Cordeiro (ver Apo. 19:9).

g. *A Noiva Cobre-se.* Trata-se de um costume antiqüíssimo, encontrado em várias culturas. A noiva cobria-se com algum tipo de vestuário. Isso simbolizava pelo menos duas coisas: daquele dia em diante, ela seria protegida por ele. Em segundo lugar, o símbolo sexual é óbvio: ele a cobriria de maneira íntima. Entre os beduínos há esse mesmo costume, e quando a mulher é coberta, com suas vestes especiais, o noivo diz: «De agora em diante, somente eu te cobrirei».

h. *A Bênção. Os* pais o os amigos bendiziam ao casal (ver Gên. 24:60; Rute 4:11; Tobias 8:13).

i. *A Aliança.* O matrimônio envolvia um acordo pessoal e um acordo tribal. A fidelidade era necessária, a fim de assegurar o cumprimento apropriado do propósito do casamento e da família. Sabemos, com base em Tobias 7:14, que havia acordos escritos. Ver também Pro. 2:17; Eze. 16:8 e Mal.2:4.

j. *A Câmara Nupcial.* Era preparado um lugar especial para o casal passar os primeiros dias (Tobias 7:16; Sal. 19:5; Joel 2:16).

l. *Consumação do Casamento.* Tradicionalmente, o casamento não se consumava enquanto não houvesse o ato sexual. Entre muitos povos, enquanto o casamento não se consumasse, poderia haver anulação do matrimônio, sem necessidade de divórcio. Os hebreus religiosos ofereciam orações antes de consumar o casamento. Ver Tobias 8:4.

m. *Prova de Virgindade.* Os hebreus eram fanáticos quanto a isso. Um pano manchado de sangue deveria ser exibido como prova da virgindade da noiva (ver Deu. 22:13-21). Esse costume continua existindo em alguns lugares do Oriente Próximo. Naturalmente, o noivo não precisava mostrar qualquer prova de que ele também era virgem.

n. *Festividades. Os* festejos do casamento prosseguiam, talvez tanto quanto uma semana (ver Gên. 29:27). Música, danças e vinho eram importantes elementos desses festejos, juntamente com muita comida. Sansão disse piadas e apresentou enigmas (Juí. 14:12-18).

o. Foram mudadas algumas leis sobre os impedimentos maritais. Ver a terceira seção, *Empecilhos ao Casamento.* Quanto ao *Matrimônio Levirato,* ver o artigo separado, com esse título.

p. *Tendência em Favor da Monogamia.* Os intérpretes vêem no Antigo Testamento uma diminuição gradual da poligamia. Os livros de Samuel e de Reis refletem menos a poligamia, exceto no caso dos reis. O livro de Tobias nunca alude a qualquer outro tipo de casamento, exceto o monogâmico. O livro de Oséias (como também o décimo sexto capítulo de Ezequiel) desenvolveu a figura do casamento monogâmico como ilustração da relação entre Yahweh e Israel.

q. *Tempos Pós-Exílicos.* A monogamia parecia ter prevalecido, embora não houvesse leis que a sancionassem. Os babilônios eram essencialmente monógamos, mas os assírios preferiam a poligamia.

r. Desde o começo, o casamento era considerado o estado normal *e certo,* para o homem e para a mulher. A virgindade não era exaltada, exceto enquanto a mulher não se casasse. A vida celibatária não tinha prestigio nenhum, talvez sendo até considerada uma aberração.

5. *Período Talmúdico*

a. Nesse período, todos os aspectos da vida mútua e do casamento eram vigorosamente regulamentados pelo Talmude, com seus inúmeros preceitos.

b. Apesar disso, nada havia ali que exaltasse o celibato ou a virgindade, em contraste com o estado marital. De fato, os escritores do Talmude promoviam o ideal do matrimônio. Esse era um ponto vital para o próprio judaísmo.

c. A fim de facilitar o casamento, os matrimônios por simples *consentimento mútuo* tornaram-se comuns, de tal modo que o pesado envolvimento das famílias e dos dotes foi-se tornando cada vez menos importante.

d. No século III D.C., porém, essa lassidão foi temporariamente proibida entre os judeus.

e. Os filhos ilegítimos tinham idênticos direitos aos filhos legítimos, incluindo a questão da herança.

f. O casamento na juventude era recomendado, a fim do evitar os caprichos sexuais.

g. Os estudiosos, casados com seus livros e com seus estudos, podiam adiar um pouco o casamento. Na verdade, é bastante difícil estudar e estar casado, ao mesmo tempo.

h. Havia homens que ajudavam os bons estudantes, concedendo-lhes as suas filhas como esposas e ajudando-os a enfrentar as despesas próprias do casamento e da formação da família. Essa era uma prática brilhante! Aos eruditos era dado um tratamento especial, a fim de que um homem pudesse casar-se com a lei e com sua esposa, ao mesmo tempo.

6. *No Período Neotestamentário*

a. A poligamia teve prosseguimento, embora a monogamia fosse louvada (ver Mat. 19:3 *ss).*

b. A poligamia é vedada aos ministros do evangelho (I Tim. 3:2).

c. O celibato e a virgindade começaram a ser exaltados como superiores ao casamento (I Cor. 7). O mais elevado estado a buscar, com propósitos espirituais, é o da absoluta virgindade, mas, para tanto, é mister que a pessoa tenha sido dotada por Deus. Ninguém pode assumir tal caminho, só porque pensa que é capaz de fazê-lo (I Cor. 7:7).

d. O casamento serve para acalmar as paixões sexuais, porquanto é melhor casar-se do que abrasar-se (I Cor. 7:9).

e. Jesus exaltou o celibato (Mat. 19:11). No entanto, nem Jesus e nem Paulo tornaram o celibato obrigatório, ou como norma indispensável para o ministério cristão. É possível que essa ênfase, tão contrária à corrente principal do judaísmo, se derivasse historicamente dos essênios, que tinham monges e freiras, mosteiros e uma visão bem diferente da dos outros judeus, quanto à questão. Muitos intérpretes partem do pressuposto que a prática envolve grandes potencialidades para abusos, lamentando o fato de que o cristianismo posterior tenha pendido tão resoluta e vigorosamente para tal tipo do ascetismo. Ver o artigo intitulado *Celibato.*

f. O adultério é regularmente condenado, mesmo no Antigo Testamento, mas isso não inclui o concubinato. Ver o artigo sobre a *Mulher Adúltera,* que mostra como Jesus injetou misericórdia e perdão na questão inteira, substituindo a regra judaica do «olho por olho, dente por dente», uma dura filosofia.

g. *Divórcio.* Ver o artigo sobre essa questão, quanto às muitas idéias e interpretações que circundam o divórcio, no Novo Testamento e no cristianismo atual.

h. *Casamentos mistos.* Quanto a esse particular, a filosofia do Antigo Testamento é bastante diferente da filosofia do Novo Testamento. Ver a seção IX quanto a uma completa explicação.

III. Empecilhos ao Casamento

Ver o artigo separado com esse título, que alude especificamente a como a lei canônica da Igreja cristã tem manuseado essa questão. Ver também sobre *Consangüinidade,* que procura explicar os meandros desse complexo assunto. Ver também sobre *Afinidade* e sobre *Impedimentos ao Casamento.* Além das leis canônicas, há leis de cada

grupo cristão que envolvem o conceito do *jugo desigual*. Quanto a esse último ponto, ver o sexto capítulo de II Coríntios, bem como o artigo intitulado *Separação do Crente*. Os tempos dos patriarcas foram bastante frouxos no tocante a questão da consangüinidade. Mas a legislação mosaica impôs diversas restrições, conforme se vê em Lev. 18:18; 20:17-21; Deu. 27:20-23. O trecho de Lev. 18:18 chega mesmo a proibir que um homem se case com uma irmã de sua esposa, enquanto esta continuar viva. Isso teria impedido o casamento de Lia ou de Raquel com Jacó. Outros impedimentos, relacionados aos casamentos mistos, são explanados na seção IX deste artigo, mais abaixo.

IV. Tipos de Matrimônio

1. *Casamentos em Grupo.* Um grupo de irmãos casa-se com um grupo de irmãs, um costume típico dos habitantes das ilhas Polinésias, no Pacífico. Esse tipo de casamento tem sido proposto por teóricos extremados do comunismo, segundo o qual todas as esposas seriam tidas em comum, enquanto a educação dos filhos ocorreria nas escolas do Estado, e não nos lares.

2. *Poliginia.* Um homem casa-se com duas ou mais mulheres. Usualmente isso é chamado de *poligamia*, mas, estritamente falando, esse último termo significa «muitos casamentos», podendo referir-se a uma mulher com dois ou mais maridos. A poliginia funciona melhor quando os homens dispõem de muito dinheiro (como os potentados árabes do petróleo); mas não quando têm apenas o suficiente. Seja como for, as mulheres não apreciam o sistema, por certa variedade de razões. Israel foi uma nação poligama durante toda a sua história, entrando mesmo na época do Novo Testamento. Em tempos normais, o sistema não funciona bem, visto que o número de homens e de mulheres é praticamente igual. A monogamia, entre outras coisas, é uma forma de racionar as mulheres. A prática de poliginia (ou poligamia) tem sido extremamente generalizada entre todos os povos, embora a porcentagem das pessoas assim envolvidas nunca tenha sido muito grande. Nos tempos modernos, essa forma de casamento tem recebido a sanção explícita do islamismo e do mormonismo. Dentro do mormonismo, a prática tem por base a doutrina deles, de acordo com a qual um homem pode ter muitas mulheres seladas a ele, a fim do que, nos mundos eternos, possam povoar o seu próprio mundo, assim imitando a Deus Pai, que teria muitas esposas, com a sua própria região de controle sobre suas muitas famílias. A propagação do cristianismo tem sido um dos principais fatores no decréscimo da poligamia. Mas, em seu lugar, tem surgido uma forma de concubinato não oficial e ilegal (ou *alegal*), em que adultos consentem com o arranjo, conforme os gostos de cada casal.

3. Poliandria. Nesse sistema, uma mulher tem dois maridos ou mais. Essa forma de casamento (compreensivelmente) é bastante raro, encontrando-se somente no Tibete e entre algumas tribos de montanheses da índia. A história revela-nos que tal sistema já teve lugar na Arábia. Alguns estudiosos têm asseverado que, nos tempos primitivos, essa era uma modalidade comum de casamento, mas a maior parte dos eruditos pensa que há ausência de evidências sólidas quanto a isso. Os fatores que favorecem esse tipo de matrimônio são econômicos (um homem não é capaz de sustentar nem ao menos uma mulher), ou, então, a escassez do mulheres. Em vez de se matarem uns aos outros, os homens simplesmente compartilham das poucas mulheres existentes. O tipo mais comum de poliandria é o casamento grupai, em que vários irmãos compartilham de uma mesma mulher. Nesse caso, o irmão mais velho é o cabeça da casa. Essa forma de casamento, no Tibete, é empregada a fim de manter intactas as heranças. Tal forma de matrimônio é utilizada somente pelos pobres. Nenhum homem com um pouco mais de dinheiro está interessado em tal tipo de relacionamento conjugal.

4. Monogamia. Um homem casa-se com uma mulher. As condições sociais e econômicas favorecem essa forma de casamento. O número de homens e de mulheres é mais ou menos igual. O homem médio não consegue cuidar de mais de uma mulher. As mulheres, por sua vez, geralmente são contrarias a qualquer forma de competição, criando toda espécie de dificuldade se o território delas for invadido. As crianças criadas com uma única autoridade paterna sobre o lar, com uma única mãe para cuidar dos mesmos filhos, sendo todas elas irmãos e irmãs de pai e mãe, vivem em uma família mais unida. A maioria das religiões favorece essa modalidade de casamento, incluindo o judaísmo posterior e o cristianismo. Também há razões doutrinárias em favor desse arranjo, conforme já pudemos mostrar acima. E também há razões simbólicas que o favorecem. Ver a seção XII, abaixo.

Alguns homens têm-se revoltado contra a monogamia, que consideram biologicamente impraticável e psicologicamente entravadora. Isso dá margem, antes de tudo, ao concubinato não oficial; em seguida, vêm as eternas conquistas de parceiros sexuais, sem que se assuma qualquer responsabilidade. Para tais pessoas, o sexo torna-se uma espécie de esporte ou diversão. Além de tudo isso, há o divórcio fácil, mediante o qual um homem ou uma mulher podem tornar-se polígamos, embora com uma série consecutiva de parceiros, e não com todos ao mesmo tempo. Essa forma de protesto contra a monogamia eleva-se a nada menos de cinqüenta por cento dos casais, em alguns países, e é dessa maneira que muitas mulheres praticam uma forma duvidosa de poliandria. Os que apreciam essas práticas dizem que a monogamia é um belo ideal, embora impraticável em qualquer sociedade humana.

V. Término do Estado Matrimonial

Embora o ideal cristão seja «até que a morte vos separe», na prática, várias formas de divórcio põem fim a uma grande porcentagem de casamentos. A teologia que circunda o divórcio é bastante complexa, e vários segmentos da Igreja cristã defendem dogmas diferentes sobre essa questão. Ver o artigo intitulado *Divórcio,* que fornece amplas ilustrações. Até onde pode retroceder a história dos relacionamentos domésticos, tem sido invencível o direito do marido divorciar-se de sua mulher. Somente o cristianismo produziu algumas restrições a essa circunstância. O judaísmo mostrava-se bastante liberal sobre esse particular. Naturalmente, a mulher não tinha direitos iguais aos do homem, embora pudesse casar-se de novo, tendo-se divorciado do primeiro marido. A lei não permitia o divórcio sob certas circunstâncias, a quando um novo marido acusava a sua noiva de ter mantido sexo ilícito pró-marital com outro, mas tal acusação fosse provada como falsa, ou se o marido forçasse sua mulher a manter relações sexuais com ele antes do casamento, ou se ele se tornasse insano ou alcoólatra, ou, então, se a mulher fosse de menor idade, ou se a mulher estivesse em cativeiro, então o marido precisava redimi-la, em vez de divorciar-se dela. Economicamente, o marido tinha de pagar à sua mulher um dote, como compensação por alguma falsa acusação que ele lhe fizesse, embora nem sempre tivesse a capacidade de cumprir esse dever.

A. *Razões Pelas quais um Homem Judeu Podia Divorciar-se de sua Mulher*

1. Houve épocas em que qualquer razão servia; mas, em tempos de maior sanidade, foram impostas restrições ao divórcio.

2. Adultério por parte da mulher.

3. Violação da decência moral por parte da mulher, mesmo que isso não chegasse ao adultério.

4. Negação do sexo por parte da mulher ao seu marido.

5. A recusa da mulher de mudar-se para outra casa, quando assim o queria o marido.

6. A mulher insultava o pai de seu marido.

7. A mulher tinha certas doenças incuráveis, que tornavam a coabitação perigosa, ou mesmo desagradável.

B. *Razões Pelas quais uma Mulher Podia Divorciar-se*

1. Acusação falsa de sexo pré-marital, uma vez provada tal falsidade.

2. Recusa do marido fazer sexo com sua mulher.

3. Impotência, após dez anos de casamento sem filhos.

4. Voto de abstinência sexual, por parte do marido, e que ele nunca mais descontinuasse. Nesse caso, o marido poderia ficar com suas convicções e votos religiosos, mas teria de procurar outra esposa, quando terminasse seus votos prolongados.

5. Certas enfermidades ou aleijões físicos, como a lepra, ou mesmo se ele tivesse alguma profissão malcheirosa, como a daqueles que recolhiam esterco.

6. Tirania por parte do marido.

7. Espancamentos, abusos e abandono do lar por parte do marido.

8. Adultério. Se um homem que pudesse ter concubinas e mais de uma esposa, mas ainda assim buscasse uma mulher casada como companheira de sexo, a sua esposa podia divorciar-se dele.

9. Crime. Se um homem fugisse do país, por causa de algum crime cometido, sua mulher podia divorciar-se dele.

C. *O Crente Fica Livre do Cônjuge Incrédulo*

Isso poderia suceder, se a decisão de abandono partisse do cônjuge incrédulo, fosse a mulher, fosse o marido. Nesse caso, o cônjuge crente não estava mais na obrigação de continuar no casamento. E também podia casar-se de novo, segundo se vê em I Cor. 7:15.

D. *Morte*

A morte física põe fim ao estado matrimonial (Rom. 7:2). Tem sido debatido, entre os teólogos, se na vida após-túmulo os casais (ou, pelo menos, *alguns casais)* tornam a viver juntos. O texto de Mat. 22:30 tem sido usado como texto de prova de que a morte física realmente põe fim ao matrimônio, mas nem todas as pessoas religiosas aceitam esse conceito. Algumas pessoas crêem que a reencarnação pode renovar todos os casamentos. Seja como for, a morte física põe fim definitivo ao casamento, pelo menos para esta vida.

VI. Casamento Levirato

O trecho de Lev. 18:16 proíbe o casamento de um homem com a viúva de um seu irmão, sem qualquer qualificação. Porém, Deu. 25:7-10 diz que se o marido daquela mulher morreu sem herdeiros, então um seu irmão solteiro devia casar-se com ela, gerando filhos com esse propósito. Apesar de alguns intérpretes entrarem em muitas contorções, na tentativa de reconciliar esses dois textos entre si, é melhor simplesmente admitir que mais de um código de matrimônio foi produzido entre os israelitas, e que continham pontos conflitantes. Quando o judaísmo abandonou a poligamia, o casamento levirato também foi abandonado. Ver o artigo chamado Matrimônio Levirato, onde há completos detalhes sobre a questão.

VII. A Condição da Mulher e o Casamento

Ver o artigo separado intitulado *Mulheres.* A cultura hebraica não servia de bom exemplo acerca da condição das mulheres em sociedade. Na Babilônia, uma mulher podia adquirir propriedades e manter uma casa separada. No Egito, as mulheres desfrutavam de grandes privilégios, podendo até atuar no governo. Mas, em Israel, a mulher era inteiramente voltada para as lides domésticas, sendo mantida essencialmente reclusa, com notáveis exceções, naturalmente. Assim, uma mulher era excluída da herança de seu marido, embora pudesse administrá-la até que seus filhos homens chegassem em idade de cuidar da mesma. Todavia, a condição da mulher, em Israel, era bem melhor do que na Assíria, onde as mulheres eram reduzidas a quase animais de carga. Em Israel, a mulher participava no culto religioso (ver Lev. 12:6,8; I Sam. 1:23,24; Deu. 12:12,18; 14:22,29; I Sam. 1:9-12), embora sem nenhuma autoridade, excetuando no caso de alguma profetisa ocasional. Também não era permitido que as mulheres falassem nas sinagogas, nem ao menos podendo ler as Escrituras, ao passo que um menino, mesmo que fosse um escravo, podia fazer tal pequeno serviço. As proibições paulinas acerca das mulheres falarem ou ensinarem a homens, nas igrejas, ou suas instruções acerca do uso do véu, refletem a condição da mulher no judaísmo. Ver I Cor. 11:10,34 *ss;* I Tim. 2:12. A modernização dessas instruções, nas igrejas evangélicas, permitindo que as mulheres ensinem a homens e não usem o véu é uma corrupção dos ensinos vetero e neotestamentários. Se quisermos dar às mulheres maior liberdade (conforme a maioria das igrejas cristãs já está fazendo), então seremos forçados a admitir que a mulher, na cultura judaica, desfrutava de uma condição baixa, inclusive no culto religioso. Mas, visto que agora temos uma filosofia mais sábia, conforme muitos julgam, a respeito de tudo isso, então podemos ignorar em segurança os costumes antigos, degradantes a mulher. Além disso, poderemos dizer que nosso ideal é aquele refletido em Gál. 3:28: «Destarte não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus».

Salientar os casos de Miriã, Débora, Jael, Hulda, Atalia, no Antigo Testamento, ou, então, as profetisas do Novo Testamento, é apontar para exceções à regra, e não estabelecer um padrão geral. Toda uma nova filosofia de vida torna-se necessária a fim de emancipar a mulher.

Classes de Mulheres e suas Respectivas Condições

1. *Donzelas.* Em Israel, esperava-se que todas as donzelas fossem virgens. Isso reflete-se na palavra hebraica *alma,* que pode significar tanto «donzela» quanto «virgem». As jovens eram cuidadosamente guardadas, e não havia tal coisa como o moderno *namoro,* com todas as tentações que isso impõe às jovens. Os casamentos eram contratados, não dependendo da roleta do amor, entre casais de namorados a vaguear pelas ruas e pelos lugares escuros. Quando uma mulher se casava, era obrigada a dar provas de sua virgindade. Essas provas (como o pano manchado de sangue) eram então preservadas, a fim de que a mulher pudesse usar como evidência, caso seu marido viesse a acusá-la, mais tarde, de que não era mais virgem quando se casara. Se o marido de uma mulher lhe fizesse tal acusação, e perdesse, então primeiramente seria espancado, e, então, teria de pagar uma multa (ver Deu. 22:13-19). Mas, se essa acusação ficasse comprovada, então ela seria executada por apedrejamento (ver Deu. 22:20,21).

2. *Mulheres Casadas.* Elas tinham muitas obrigações e poucos direitos. Não podiam divorciar-se de seus maridos, embora pudessem apresentar razões compelidoras para que eles se divorciassem. A mulher casada estava sujeita a normas estritas. Se cometesse adultério, era automaticamente apredrejada até morrer. Mas o seu marido podia ter quantas mulheres quisesse, contanto que não tocasse na esposa de outro homem. Se uma mulher casada fosse apanhada em adultério, tanto ela quanto seu amante eram mortos. Ver Lev. 20:10; Deu. 22:22-27. Além disso, havia a prova da água amargosa (ver Núm. 5:12-31), se seu marido chegasse a suspeitar dela, mas não tivesse qualquer prova de suas suspeitas. Ver o artigo chamado *Água Amarga.* A mulher estava sujeita a um duro trabalho doméstico, e sua vida era severamente regimentada.

3. *Viúvas.* Uma viúva recebia certa renda fixa, não ficando inteiramente destituída, financeiramente falando, mas não participava da herança de seu marido. Também havia a provisão do casamento levirato, mas um homem podia recusar-se a se casar com a viúva de seu irmão, se estivesse disposto a sofrer uma desgraça pública. E uma boa porcentagem de homens preferia sofrer tal desgraça, porque não havia multa, nem prisão e nem qualquer outro dano pessoal. Assim, em poucos minutos ele estava livre de toda aquela obrigação. Ver sobre *Matrimônio Levirato.* O judaísmo posterior cancelou esse costume, quando descontinuou a poligamia. Uma viúva podia contrair novas núpcias. Ela também tinha a opção de ficar com a família de seu marido, ou podia voltar à casa de seu pai (Gên. 38:11; Rute 1:8,9). Se ela fosse filha de um sacerdote, podia compartilhar das provisões que os sacerdotes recebiam dos dízimos do povo (Lev. 22:13). Também havia certo espírito de caridade que era promovido em favor das viúvas, segundo se observa em Êxo. 22:21-23; Deu. 10:18 e Isa. 1:17. O código de Hamurabi e o épico ugarítico de Danel (Daniel) demonstram as privações e a falta de direitos das viúvas por todo o Oriente Próximo, incluindo a Assíria, a Babilônia e Israel.

VIII. A Condição dos Filhos

Parteiras ajudavam as mulheres no parto (ver Gên. 35:17; Êxo. 1:16). Era comum as crianças morrerem por ocasião do nascimento. Era usado o equivalente a uma *cadeira de partos.* As mulheres sentavam-se sobre duas pedras, com um espaço apropriado entre as mesmas. O Talmude menciona uma cadeira especial com esse propósito, o que podemos supor que era mais confortável do que duas pedras. A criança recém-nascida era lavada, esfregada com sal e

enrolada em paninhos (Jó 38:8,9; Eze. 16:4). A criança era amamentada pela mãe, ou por outra mulher apropriada, sendo desmamada com cerca de três anos de idade (II Macabeus 7:27). Havia uma festa comemorando esse evento (Gên. 21:8). O bebê recebia seu nome ao nascer, e o pai ou a mãe podiam escolher-lhe o nome (ver Gên. 29:32; 30:24; Êxo. 2:22). Eram comuns nomes próprios que incorporavam um dos nomes divinos: El, Adonai, Yahweh etc. Também eram usados nomes de animais e de plantas como, por exemplo, Débora (abelha), Raquel (ovelha), etc. Os pais tinham a responsabilidade de criar seus filhos. O treinamento religioso era muito importante, entre os israelitas, como também a preparação para algum tipo de negócio ou profissão. O lar precisava prover tudo à criança. No primitivo Israel não havia escolas. A circuncisão fazia o menino participar no pacto abraâmico (ver sobre *Pactos;* ver também Gên. 17:10). A mãe ocupava-se quase inteiramente no trabalho da criação dos filhos. O pai, entretanto, provia para os filhos aquelas grandes necessidades, como alimentação e outras coisas dessa natureza. Quando uma criança chegava ao seu quinto ano, o pai começava a desempenhar uma porção mais ativa em sua educação. A Tora e o Talmude eram os textos de estudo das crianças. Uma obediência estrita era exigida, e as infrações, até mesmo das crianças, podiam resultar em sua morte (ver Deu. 21:18 *ss).* Isso era feito mediante execuções públicas, como quando um filho tornava-se rebelde ou criminoso.

O rabino Josué ben Gamala (na época de Jesus) instituiu escolas como um agente de instrução à parte do lar. Mesmo assim, a educação ali continuava sendo essencialmente religiosa. Os judeus não tinham muito interesse pelas artes e pelas ciências. Ver o artigo geral intitulado *Educação.* Apesar da educação das meninas não ser totalmente negligenciada, essa educação orientava-se quase inteiramente na direção das prendas domésticas. Não havia carreiras para mulheres.

IX. Casamentos Mistos, Judaicos e Cristãos

Grande é a diferença de filosofia, no judaísmo e no cristianismo, quanto a essa particularidade. No Antigo Testamento, os casamentos mistos nem eram reputados válidos, a menos que as mulheres estrangeiras se tornassem judias, por conversão. Não somente era permitido o divórcio nesses casos, mas até era exigido. Naturalmente, houve casos de esposas estrangeiras que, ao se fazerem judias quanto à religião, tornaram-se heroínas da fé judaica, como Raabe, Rute e, até mesmo a esposa de Moisés, Zípora. Terminado o exílio babilônico, aqueles judeus que se tinham casado com mulheres estrangeiras tiveram de divorciar-se delas, quando o remanescente de Israel voltou a Jerusalém. Ver o décimo capítulo do livro de Esdras.

No Novo Testamento não foi sancionada a filosofia geral do divórcio. Realmente, os casamentos mistos passaram a ser considerados legais. Se tivesse de haver algum divórcio, o cônjuge incrédulo é que teria de tomar a decisão. E se o cônjuge incrédulo se divorciasse, então o cônjuge crente estaria liberto de qualquer obrigação matrimonial, e podia casar-se novamente; mas, dessa vez, «no Senhor». Paulo deixou claro que o casamento deveria ser usado como oportunidade de evangelização. No entanto, se tais esforços falhassem, então o casamento com um cônjuge incrédulo não deveria servir de empecilho para toda a vida, fazendo o cônjuge crente sofrer. Ver I Cor. 7:12 *ss* quanto às normas paulinas gerais sobre a questão. A questão de ser o crente capaz de divorciar-se do seu cônjuge incrédulo e casar-se de novo é chamada, pelos teólogos, de «a exceção paulina». Ver o artigo separado sobre o *Divórcio.*

O Casamento como um Veículo Espiritual. No Judaísmo e no cristianismo, o casamento era visto como algo que fortalecia a comunidade religiosa, ajudando o indivíduo a cumprir suas obrigações diante da lei sagrada (os requisitos do evangelho, nos tempos neotestamentários). As famílias deveriam ser nutridas na fé, servindo de meios para perpetração de uma cultura, de uma filosofia e de uma expressão religiosa específicas. É óbvio que qualquer desvio no casamento, mediante a introdução de elementos estrangeiros, era claramente prejudicial ao propósito central do casamento. Deus e a fé em primeiro lugar; qualquer outra consideração, depois disso, envolvia a questão da correta atitude. Israel deveria ser um povo ímpar. A Igreja cristã, por sua vez, deve ser um reino de sacerdotes. Isso não pode ser mantido com maridos e mulheres profanos, que negligenciem a fé religiosa, ou mesmo sejam hostis à mesma. O judaísmo moderno e o cristianismo (do tipo conservador) continuam a promover aqueles antigos conceitos. «Lenta e imperceptivelmente, qual células cancerosas, a doença dos casamentos mistos foi penetrando, consumindo e destruindo a família judaica e a esperança judaica de sobrevivência» (David Kirshenbaum). Ver o artigo separado intitulado *Separação do Crente,* que aborda o *jugo desigual* e suas muitas manifestações adversas, inclusive no âmbito do casamento.

X. A Santidade do Matrimônio

Heb. 13:4: *Honrado seja entre todos o matrimônio e o leito sem mácula; pois aos devassos e adúlteros, Deus os julgará.*

Certamente não existe problema, na sociedade ou na própria igreja, mais difícil e generalizado do que a questão da impureza sexual. Surpreendente porção do N.T. se devota a denunciar os vícios sexuais (ver I Cor. 6:15 e *ss).* Ali, o argumento contra as práticas sexuais ilícitas é que somos o «corpo de Cristo», e nenhum membro desse corpo pode unir-se impunemente a uma pessoa sexualmente impura; a fornicação é um pecado contra o corpo; o corpo do crente é o templo do Espírito Santo, pelo que dificilmente pode ser usado para práticas sexuais degradantes. Não temos corpos para usá-los de maneira errada, porquanto pertencem a Deus, juntamente com nossos espíritos.

Os gnósticos imaginavam que devemos cooperar com o sistema mundano, que está destinado a finalmente ser destruído, com todas as coisas materiais. Criam que a própria matéria é o princípio do mal. Assim, poderíamos abusar do corpo, ou mediante o ascetismo ou mediante a **auto-indulgência**, e, ao assim fazermos, estaríamos cooperando com a destruição do corpo, sem que isso trouxesse qualquer dano ao espírito. Porém, o cristianismo nunca visou o corpo ou a matéria como coisas más por si mesmas, embora o sexto capítulo da Epístola aos Romanos nos mostre claramente que Paulo reputava o corpo humano uma presa fácil do pecado, instrumento mui freqüentemente usado para o mal. E a experiência humana também nos ensina tal, o que indica que isso é uma verdade indiscutível. (Ver I Tes. 4:3 no NTI quanto a notas expositivas acerca dos pecados sexuais).

Na sociedade judaica sempre foi tolerada a poligamia. O N.T. não condena tal prática, mas exibe um ideal superior. O Senhor Jesus, em Mat. 19:5, ensinou o princípio de «uma mulher para cada homem», porquanto somente um casal pode formar, realmente, o ideal de «tornar-se ambos uma só carne». As epístolas pastorais proíbem a poligamia no caso dos líderes das igrejas (ver I Tim. 3:2,12, embora esses versículos, quase certamente, também proíbam até mesmo novo casamento de um ministro da Palavra, em caso da morte de sua esposa, o que é uma posição extrema).

O sexo está limitado ao matrimônio. Não há qualquer exceção a isso, em todo o N.T., embora o A.T. reconhecesse o concubinato, o contrato de mulheres para um breve período. Nossa lealdade como crentes, entretanto, deve ser aos princípios mais elevados do N.T., e não aos ensinamentos relativamente inferiores do A.T.

O leito sem mácula. Essas palavras têm sido exageradas para que signifique que enquanto as práticas sexuais sejam dentro das relações matrimoniais, pode-se incluir aberrações e práticas duvidosas. Mas o autor sagrado sem dúvida não tencionou dizer isso. Mui provavelmente ele subentende que deve haver moderação em tudo, já que o cristianismo em todos os aspectos da vida ensina e exige a *normalidade,* e não extremismos.

Impuros é tradução do vocábulo grego «pornos», termo geral que indica «sexo ilícito», e cuja forma feminina significa «prostituta». O termo é mais geral do que «fornicação», ou seja, as práticas sexuais ilícitas anteriores ao matrimônio. Tal palavra pode indicar qualquer ato sexual condenável.

Adúlteros. No grego é usado o termo «moichos», relações sexuais ilícitas que envolvem pessoas casadas, com pessoas que não são seus cônjuges.

A condenação imposta pelo N.T. (em Gál. 5:19-21), nos mostra que os vícios sexuais estão incluídos entre os pecados que impedem a pessoa de herdar o reino dos céus. O trecho de Efé. 5:6 ensina-nos a mesma coisa. Todo o indivíduo dominado por algum vício sexual não pode ter-se convertido em verdade, e nem pode esperar, com razão, a salvação de sua alma. O presente versículo promete o juízo de Deus contra a pessoa que pratica vícios sexuais, ainda que, entre os homens, tais vícios jamais venham a ser julgados.

Há certas interpretações implícitas, que estão vinculadas ao presente texto, a saber:

1. O matrimônio precisava ser defendido dos assédios dos ascetas, que negavam a legitimidade do casamento, pelo menos no caso dos que buscam a sério as verdades espirituais, embora perfeitamente legítimo para as massas. Não há qualquer evidência que o autor sagrado estivesse defendendo o matrimônio como modo de vida, em contraste com o celibato. Tal problema simplesmente não estava sendo focalizado.

2. A prática do celibato é uma questão pessoal, que só pode ser resolvida entre Deus e o indivíduo, não podendo ser ditada por qualquer autoridade religiosa, sob a alegação de que é mais conveniente que os ministros vivam solteiros. Apesar do autor sagrado não abordar a questão, pois tal idéia só surgiu como dogma muitos séculos mais tarde, não sendo prática observada nos próprios tempos neotestamentários, contudo, o matrimônio é declarado honroso para todos, e isso comprova que, naqueles dias, não havia ministros, como uma classe, que tivessem de viver no celibato.

3. Certamente o texto combate, ainda que indiretamente, a suposição de que o matrimônio é o estado «inferior» (ainda que legítimo), em relação ao estado de solteiro. Os preconceitos em favor do celibato é que têm produzido a supressão das palavras «entre todos». Assim é que os mss 38, 460, 623, 1836 e 1912, além dos escritos dos pais da igreja Dídimo e Cirilo de Jerusalém, Eusébio, Atanásio, Epifânio e Teodoreto, omitem tais palavras.

XI. Vantagens do Matrimônio

I Cor. 7:2: *mas, por causa da prostituição, tenha cada homem sua própria mulher e cada mulher seu próprio marido.*

No original grego, *impureza* é novamente o vocábulo grego «porneia», a palavra constantemente usada do capítulo quinto desta epístola em diante, a qual expressa «imoralidade» de toda a sorte. (Quanto a notas expositivas sobre essa palavra, ver I Cor. 5:1 no NTI). Tal vocábulo não pode ser limitado em seu sentido à *fornicação*, que significa contactos sexuais ilícitos entre pessoas «solteiras», conforme alguns estudiosos têm tentado restringi-lo.

Cada um tenha a sua própria esposa. Isso porque o próprio sexo não é mau por si mesmo, contanto que o leito matrimonial seja conservado incontaminado (ver Heb. 13:4). Paulo não concordava com os ascetas, os quais asseveravam que o matrimônio é um mal, a despeito de ser um mal necessário. Outrossim, o casamento tem a função natural de propagar a raça humana, o que é algo necessário, além das funções de satisfazer necessidades físicas, biológicas e psíquicas. O trecho de I Cor. 6:16 mostra-nos que as relações sexuais unem energias vitais, tanto físicas como espirituais (ver as notas expositivas ali existentes no NTI), o que pode ser benéfico, contanto que não seja exagerado, conforme pode ocorrer, até mesmo dentro do matrimônio. A falta de moderação, em qualquer coisa, é um mal, sem importar se estamos considerando a fome pelos alimentos, pela fama, pelo prestígio, pelas posses materiais etc. Assim, pois, o excesso, até mesmo nas relações matrimoniais dos casados, pode ser um fator destrutivo para o espírito, bem como prejudicial para o corpo. Porém, as relações sexuais, consideradas por si mesmas, são boas, embora não contribuam da maneira mais excelente possível no que se relaciona ao progresso espiritual, segundo o apóstolo Paulo passa a mostrar. Não obstante, a proporção mais rápida de progresso espiritual, que pode derivar-se do celibato, não está ao alcance de todos os seres humanos, pois nem todos podem viver como celibatários. Há muitíssimos que, se tentarem tal experiência, certamente serão vitimados pela imoralidade, não tendo esposa ou esposo que os proteja disso, e isso fá-los-ia se tornarem passíveis da severa reprimenda que há no sexto capítulo desta epístola.

Se porventura houvesse qualquer mal, no casamento, dificilmente Paulo teria usado o estado matrimonial para ilustrar a união que há entre Cristo e a sua igreja, conforme encontramos em II Cor. 11:2; Rom. 7:4 e Efé. 5:28-33.

Vantagens do Matrimônio

1. Serve de base legal e legítima para a satisfação dos desejos sexuais, ficando assim proscrita a imoralidade. (Essa é a lição principal do presente texto).

2. O matrimônio é bom por si mesmo, como meio de unir as energias vitais, de natureza física e espiritual de duas pessoas, o que pode ser benéfico para ambas.

3. Provê companhia. A formação psíquica de homem e mulher é constituída de tal modo que um como o outro são emocionalmente incompletos, por isso mesmo, precisando da ajuda suplementar do outro. O varão é dominante e positivo; a varoa é dependente e negativa. Assim sendo, homem e mulher se complementam mutuamente. Quando há harmonia no casal, ambas as pessoas são beneficiadas como seres humanos, passando a desfrutar de melhor saúde física, com menor acúmulo de tensões, com melhor estabilidade mental e com melhor saúde psíquica. Além disso, o *companheirismo* entre homem e mulher pode ser espiritual, podendo um ajudar o outro na direção do Senhor, ainda que tal qualidade, no casamento, seja bastante rara. Alguns estudiosos têm chegado a postular a idéia das «almas gêmeas», o que significa que duas pessoas podem ser não meramente «compatíveis» mas também, de um ponto de vista metafísico, podem ser as porções positiva e negativa de uma só e a mesma personalidade. Essa doutrina *normalmente,* requer a idéia da preexistência da alma. Assim, na união final, perfeita, encontramos a restauração de uma só personalidade, para glória de Deus. Essa idéia foi advogada por Platão, podendo ser encontrada em seu diálogo, intitulado «Symposium» (em português, intitulado *Banquete).*

Todavia, essa doutrina não é ensinamento revelado nas Escrituras. Contudo, isso não lhe é necessariamente fatal, porquanto Deus ainda dispõe de muitas verdades que não possuímos. Algumas dessas verdades podem ser-nos transmitidas através da experiência mística ou da razão, contanto que não entrem em contradição com a verdade revelada.

4. O matrimônio, finalmente, provê base legítima para a propagação da raça humana, porquanto a família é o fundamento da sociedade e da civilização humanas.

5. *Tarefas espirituais.* Certas missões espirituais podem ser realizadas dentro do casamento. Uma esposa pode ser uma *companheira de tarefa.*

XII. O Casamento Cristão

Devemos pensar nos seguintes pontos a respeito:

1. Monogamia (Mat. 19:6; Mar. 10:6-8).

2. Sua origem divina e seu caráter sagrado são ensinados em Mat. 19:5,6 e Efé. 5:31.

3. A condição do divórcio e do adultério (ver Mat. 19:9). Essa é a única condição bíblica, excetuando a provisão paulina acerca dos cônjuges incrédulos.

Muitos teólogos pensam que o Novo Testamento é deficiente quanto a esse ponto. Abordamos o problema no artigo sobre o *Divórcio.*

4. O celibato e a virgindade eram condições preferíveis, por Jesus (Mat. 19:12) e por Paulo (I Cor. 7), mas essas preferências não foram institucionalizadas por eles, e nem foram decretadas como obrigatórias para todos os cristãos. O casamento não se tornou algo imposto, como ocorria virtualmente no Antigo Testamento, especialmente no caso daqueles que quisessem exercer qualquer autoridade e função nas questões e instituições religiosas.

5. O casamento deve fazer parte da expressão cristã, e não algo separado da mesma, e certamente não algo capaz de impedir essa expressão. Isso torna-se perfeitamente claro em Efé. 5:19. Encontramos nesse trecho o mistério de Cristo e da Igreja. Eles são um só. Outro tanto sucede ao marido e sua mulher, no casamento, de alguma maneira mística, porquanto eles trocam energias vitais, de alguma maneira. Mas dificilmente isso pode acontecer quando um dos cônjuges não é convertido à fé cristã. Ver o vs. 32.

6. O matrimônio cristão deve ser tido como santo, dirigido pelo amor (vss. 27-29,33). Da parte das esposas requer-se a reverência a seus maridos (vs. 33).

7. O casamento nunca aparece no Novo Testamento meramente como um contrato secular. Antes, é uma união espiritual. Propósitos espirituais supostamente realizam-se por meio do casamento, incluindo os propósitos do serviço cristão, da adoração e do desenvolvimento espiritual. As esposas devem agir como companheiras de seus esposos, ajudando-os a cumprir seu papel cristão. Missões especiais podem estar envolvidas.

8. A Igreja Católica Romana transformou o casamento em um sacramento, utilizando-se do quinto capítulo de Efésios como texto de prova. Espera-se que o Espírito Santo manifeste-se através da união do casamento, para o bem-estar de ambos os cônjuges. Presumivelmente, o casamento confere graça, por ser um dos agentes da Igreja para tanto, com a cooperação do Espírito. Ver o artigo intitulado *Sacramentos*.

9. O casamento produz filhos, e às almas é conferida a oportunidade de se manifestarem no plano terreno, mediante o veículo físico, provido pela procriação. Novamente, pois, isso nos envolve na questão das missões espirituais. Nos círculos domésticos, missões unidas podem estar envolvidas, ou, pelo menos, pode haver união de espíritos, o que provê o necessário para ajuda e encorajamento mútuos.

10. *Instrução e Orientação Espirituais para as Crianças*. O casamento dá filhos aos casais, filhos que se tornam responsabilidade dos pais. Os filhos precisam ser treinados no caminho do Senhor, a fim de que cheguem à altura plena de sua potencialidade espiritual. As crianças devem ser criadas na disciplina e admoestação do Senhor (ver Efé. 6:4). O lar é a melhor escola com finalidades espirituais.

11. A condição da mulher foi aprimorada no Novo Testamento. Ver Gál. 3:28. As mulheres crentes têm o mesmo destino espiritual que os homens crentes (I Cor. 7:4;11:11,12; Efé. 1:9,10). Apesar de subordinadas no relacionamento do casamento (ver Efé. 5:22,23), as mulheres nem por isso são inferiores quanto à expressão e ao destino espirituais. Elas ocupam uma função subordinada no casamento, mas em coisa alguma inferior à função do homem.

XIII. Figuras e Símbolos do Matrimônio

1. O casamento é ilustrativo da relação ímpar entre Yahweh e Israel, como se essa nação fosse sua esposa (ver Isa. 54:5; 62:4; Jer. 3:14; Osé. 2:19,20). Está em foco uma união espiritual especial, com a conseqüente comunhão.

2. No Novo Testamento, a imagem do Noivo é transferida para Cristo, e a da Noiva para a Igreja (ver Mat. 9:15; João 3:29; II Cor. 11:2; Efé. 5:23,24,32; Apo. 19:7; 21:2,9; 22:17.

3. A união espiritual em sentido místico—entre Cristo e sua Igreja—é ilustrada pelo matrimônio (Efé. 5:30-32). Cristo e a Igreja tornam-se um só mediante a participação em uma união espiritual vital. Outra ilustração dessa realidade é a da família, segundo a qual os filhos compartilham da natureza do Pai, ao mesmo tempo em que o Filho é visto como o Irmão mais velho. Os remidos tornam-se participantes da imagem de Cristo (Rom. 8:29; II Cor. 3:18), da plenitude de Deus (Efé. 3:19), e, portanto, da natureza divina (II Ped. 1:4). Isso significa, por sua vez que a herança pertence aos filhos de Deus (Rom. 8:14 ss).

4. O casamento também serve do símbolo da *dedicação especial* de uma pessoa qualquer a uma tarefa, ao seu trabalho, à sua profissão ou a algum interesse especial que tenha.

5. A união espiritual pode ser simbolizada, nos sonhos, mediante o casamento.

6. O potencial de uma prole espiritual (ou seja, alguma forma de relação espiritual) pode ser representado, em forma preliminar, por um sonho ou visão que envolva casamento.

7. Nos sonhos e nas visões, casamentos e funerais podem intercambiar-se entre si, visto que ambas as coisas são ocasiões cerimoniosas.

Bibliografia. AM B BAIL BRA E JE UN WEST Z

MATRIMÔNIO LEVIRATO

Quanto ao texto bíblico envolvido, ver Deu. 25:5-10. O termo «levirato» deriva-se da palavra latina *levir*, «cunhado». O título aqui dado refere-se ao costume que havia entre os hebreus de que quando um israelita casado morria, sem deixar descendente do sexo masculino, seu parente mais próximo era obrigado a casar-se com a viúva, caso esse parente fosse solteiro, a fim de dar continuidade ao nome da família do falecido. O filho primogênito do novo casal tornava-se o herdeiro do primeiro marido de sua mãe. Se o irmão de um homem falecido não quisesse casar-se com a viúva, a esta era permitido submetê-lo aos insultos mais grosseiros, e o homem caía no opróbrio público. Porém, ao que tudo indica, não eram impostas penas mais severas do que isso. Sabe-se, por meio da história, que muitos homens preferiam cair em desgraça pública a casarem-se com certas mulheres, assumindo responsabilidade por filhos indesejáveis. Os registros literários e arqueológicos mostram que esse costume não se limitava ao povo de Israel. Naturalmente, o propósito era preservar a herança em famílias e clãs específicos, o que era muito importante em civilizações agrárias. Um benefício secundário era de natureza social: a viúva teria alguém que cuidasse dela, e esse foi um fator importante no caso de Rute (ver Rute 1:11; 3:1 ss). Mas talvez a lei também tivesse em mira o propósito sentimental de preservar o nome do homem que morrera de modo tão lamentável a não deixar herdeiro homem. Além disso, a lei do casamento levirato não se restringia aos irmãos do falecido, mas abarcava outros graus menores de parentesco. Um parente chegado podia substituir um irmão, conforme se vê em Gên. 38 e em Rute 3 e 4.

O Talmude olhava essa questão como um dever solene; mas a história mostra-nos que havia bastante aversão pelo casamento levirato, entre os israelitas. Quando um cunhado recusava-se a cumprir seu dever para com sua cunhada viúva, os sacerdotes podiam liberá-lo de sua responsabilidade, mediante um ato público. A mulher então tirava uma de suas sandálias e lhe cuspia no rosto, ao mesmo tempo em que proferia insultos verbais. A perda da sandália era chamada de *halizah*, e era a alternativa para a não concretização do casamento levirato. Mas o *código de santidade* ignora tanto esse tipo de casamento quanto a *halizah*. Ver sobre *Santidade, Código de*. Antes, proíbe o casamento de um homem com a esposa de seu irmão como um ato incestuoso (ver Lev. 18:16; 20:21). Naturalmente, a explicação é que o casamento levirato abria uma exceção à ligação incestuosa, caso o primeiro marido da mulher tivesse morrido sem deixar herdeiro homem. Mas há aqueles intérpretes que pensam que temos aí uma insolúvel discrepância, que reflete diferentes pontos de vista de diferentes autores, que teriam estado envolvidos na produção do Pentateuco. Ver sobre a teoria *J.E.D.P.(S.)*, que postula uma múltipla autoria para os livros tradicionalmente atribuídos a Moisés.

Os samaritanos, reconhecendo o problema, anularam a lei do «casamento levirato», admitindo-o somente no caso de uma mulher que tivesse perdido o noivo, antes do seu casamento ter-se consumado. E os saduceus parecem ter compartilhado dessa filosofia, a julgar por Mat. 22:24 ss; Mar. 12:18 ss; Luc. 20:27 ss. Essa era, igualmente, a posição da escola farisaica de Shammai, e, posteriormente, dos *caraítas* (vide). Em contraste com isso, a escola de Hillel favorecia o casamento levirato, — pensando que o mesmo era uma exceção à proibição estabelecida em Lev. 18:16. Naturalmente, mesmo para a escola de Hillel, se o falecido irmão tivesse deixado um descendente do sexo masculino, então não tinha aplicação o «casamento levirato». E a viúva teria que permanecer

como tal, até que encontrasse um homem que assumisse a responsabilidade por ela e seus filhos.

O caso de Marc. 6:18, onde João Batista denunciou Herodes por ter ficado com a esposa de seu irmão, ao que tudo indica não envolvia o «casamento levirato», por ser muito provável que o irmão de Herodes ainda estivesse vivo. Todavia, há estudiosos que pensam que esse irmão já teria morrido, supondo que João simplesmente se baseara no *código de santidade,* quanto à acusação que fez a Herodes. De fato, entre os rabinos disputava-se se seria preferível o casamento forçado ou a *halizah.* Alguns rabinos objetavam a esse tipo de casamento, porque, segundo eles, promovia a poligamia. O rabino Gershom ben Jehudah, de Mayence (cerca de 1000 D.C.), anulou o casamento levirato devido à sua oposição à poligamia. O judaísmo não pratica o «casamento levirato» visto que não prevalece atualmente uma sociedade polígama. As viúvas, entre os judeus, têm o direito de casar-se novamente, contanto que não seja com algum cunhado.

MATUSALÉM

No hebraico, «homem do dardo». Ele era descendente de Sete e filho de Enoque. Foi o avô de Noé. As crianças da Escola Dominical conhecem-no como o homem que viveu mais tempo do que qualquer outro. A Bíblia diz, em Gên. 5:27, que ele morreu com a idade de novecentos e sessenta e nove anos. Muitos estudiosos da Bíblia pensam que, naquele período inicial da história da humanidade, a longevidade era uma característica humana, e não uma raridade. Lemos, em Isa. 65:20, que, durante o milênio, uma «criança» (em razão da juventude em que aquela pessoa morrerá, e não por ser uma criança literal) morrerá aos cem anos. Quanto a referências bíblicas a Matusalém, ver Gên. 5:21,25,28,29; I Crô. 1:3. Seu nome não sugere, necessariamente, que ele tivesse sido um homem violento, mas tão-somente que a sociedade da época precisava usar armas para sobreviver, cagando animais para os homens alimentarem-se. No hebraico, a forma do nome é incerta, havendo manuscritos que dão *Mathusala,* enquanto outros dão *Mathusale.* Sabe-se que *Selah* era o nome de uma antiga divindade, pelo que seu nome poderia significar, igualmente, «homem de Deus» ou «homem de deus». Essa divindade também era chamada *Sin.* Para alguns comentadores, isso dá a entender que Matusalém e/ou a sua família estavam envolvidos na idolatria. O Pentateuco Samaritano, entretanto, declara que ele morreu com setecentos e vinte anos. Seja como for, a narrativa bíblica informa-nos que ele morreu no ano em que caiu o dilúvio. Os eruditos liberais duvidam da história inteira de sua longevidade, supondo ou que os cálculos são fantasiosos e românticos (como cumprimento de desejo), ou, então, que foi usado algum outro padrão de contagem, e não anos de trezentos e sessenta e cinco dias!

MAUS ESPÍRITOS

Ver sobre **Demônio (Demonologia).**

MAZAROTE

Ver **Azazel.**

MEARA

No hebraico, essa palavra significa «caverna». Esse era o nome de uma localidade na fronteira norte da Palestina, mencionada somente em Jos. 13:4. Ficava perto de Sidom. Tem sido identificada com um distrito do Líbano, onde há um certo número de cavernas, talvez Jezzeim ou Mogneirejey, a suleste de Sidom. Todavia, também poderia estar em foco uma única caverna, entre Tiro e Sidom.

MEBUNAI

No hebraico, **construção**. Esse era o nome de um dos trinta heróicos guerreiros de Davi (II Sam. 23:27). Ele é chamado Sibecai em II Sam. 21:18 e I Crô. 11:29; 20:4 e 27:11.

MECONÃ

No hebraico, «base», «alicerce», «tribuna». Essa cidade foi reocupada pelos homens da tribo de Judá, após o cativeiro babilônico. Ela é mencionada juntamente com Ziclague. Provavelmente ficava ao sul dessa última cidade, talvez entre ela e Ain-Rimom. Desconhece-se atualmente a sua localização exata. É mencionada somente em Nee. 11:28.

MEDÃ

No hebraico, «contenção». A Septuaginta grifa a forma *Madiám.* Esse era o nome de um dos filhos de Abraão e Quetura (Gên. 25:2; I Crô. 1:32). As tradições dizem que ele e seu irmão, Mediã, foram os ancestrais da nação chamada *Midiã,* localizada a leste do mar Morto, porém, essa idéia pode ter-se originado somente com base na similaridade desses nomes próprios. Talvez essa palavra, Medã, esteja historicamente associada a Madã, um importante deus dos antigos povos árabes. Uma tribo envolvida com esse deus era chamada 'Abd-Al-Madan, «adoradores de Madã». Parece que o Iêmen foi o principal centro dessa fé religiosa. Todavia, os descendentes de Quetura parecem ter-se multiplicado em lugares distantes do sul da Arábia, onde fica o atual Iêmen.

MEDABE

No hebraico, «amoroso». Em Núm. 11:24-29, Medabe aparece junto com Eldade como dois dos setenta **anciãos** nomeados para assessorar a Moisés no governo do povo de Israel. Os outros apresentaram-se diante do tabernáculo, a fim de ocuparem suas funções. Mas esses dois, por razões desconhecidas, permaneceram no meio do acampamento, e foram impulsionados, pelo Espírito de Deus, a profetizarem. Josué estranhou a situação, e pediu para que Moisés os fizesse parar. Mas Moisés retrucou: «Oxalá todo o povo do Senhor fosse profeta, que o Senhor lhes desse o seu Espírito!» (Núm. 11:29). O Targum de Jônatas afirma que Medabe e Eldade eram irmãos de Moisés e Aarão, pelo seu lado materno, embora não haja como averiguar tal assertiva. O incidente, contudo, instrui-nos no sentido de que era comum a crença, nos tempos veterotestamentários de que homens podiam emitir oráculos inspirados, sempre que o Espírito os impulsionasse com esse propósito. O *Misticismo* (vide) sempre foi a principal fonte da inspiração e do conhecimento religiosos.

MEDEBA

No hebraico, **águas tranqüilas**. Esse era o nome de uma cidade a leste do rio Jordão, no território da tribo de Rúben (ver Jos. 13:9-16). Foi ali que Joabe derrotou os amonitas e seus aliados (I Crô. 19:7). Até onde a história é capaz de determinar, originalmente pertencia aos moabitas (Núm. 21:30). Quando Israel, a nação do norte, entrou no cativeiro babilônico, os amonitas reconquistaram o lugar (Isa. 15:2). A chamada inscrição de Mesa informa-nos que pertencia a Onri e a Acabe, mas que Mesa, rei de Moabe, capturou-a e reconstruiu-a. O trecho de I Macabeus 9:36-42 ajunta que João, filho de Matatias, foi assassinado por um homem natural de Medeba. Seus irmãos, porém, vingaram-se de sua morte. Após a morte de Antíoco, a cidade foi tomada por João Hircano. Então, segundo nos diz Josefo *(Anti.* 13:5,4,9), Alexandre Janeu veio e ocupou a área, embora Hircano II tivesse prometido devolvê-la a Aretas, rei da Arábia.

Medeba prosperou durante o período bizantino. A arqueologia tem recuperado ali belas obras de arte, incluindo mosaicos de pavimento. Um mapa em mosaico, representando a Terra Santa, também foi encontrado que os arqueólogos dizem pertencer ao século VI D.C. Mas uma grande porção desse mapa ficou estragada, durante a construção de um templo cristão no local. O mosaico foi incorporado no pavimento desse templo. Atualmente, o local é chamado Madabe, e fica a pouco menos de dez quilômetros ao sul de Hesbom. Por essa razão, esse mapa em mosaico tornou-se conhecido como *Mapa de Mosaico de Madabe.* Há consideráveis ruínas na região, representando a era

cristã. Um grande templo e muitas cisternas aparecem entre as ruínas. Estradas e ruas ainda podem ser percebidas. O nome dessa cidade aparece na trigésima linha da *Pedra Moabita* (vide).

MÉDIA (MEDOS)

Esboço

I. O Nome
II. Geografia e Raça
III. Pré-História da Média
IV. informes Históricos
V. Referências Bíblicas

I. O Nome

O vocábulo hebraico correspondente é *Madai; os* assírios diziam *Amada;* no persa antigo era *Mada; os* gregos escreviam *Medai.* Quanto a seu uso hebraico, ver Gên. 10:2 e I Crô. 1:5. O país chamado *Média* aparece Est. 1:3,14,18; 10:2; Isa. 21:2; Dan. 8:20. Dario aparece em Dan. 5:31, como «o medo».

Em Gên. 10:2, *Madai,* filho de Jafete, aparece como quem nasceu depois do dilúvio. Presume-se que ele se tornou o antepassado dos medos. *Midiã* parece significar «briga», «contenção», e, talvez, esse seja o significado da raiz do nome *Madai,* embora os eruditos não se tenham manifestado a respeito.

II. Geografia e Raça

Os medos e persas foram povos irmãos que compartilharam raízes raciais, lingüísticas, culturais e políticas, e por um longo trecho de suas histórias, foram inteiramente associados, embora, às vezes, relutantemente.

Dos partos passamos mais para o ocidente, alcançando os *medos.* Essa palavra se deriva de *Madai,* um dos filhos de Jafete (ver Gên. 10:2). Essa área, de acordo com Ptolomeu, limitava-se ao norte com o mar Cáspio ou mar Hircânio, a oeste com a Armênia e a Assíria, a leste com a Hircânia e a Pártia, e ao sul com a Pártia. Portanto, essa região incluía partes do moderno Irã ocidental, bem como um bom pedaço do moderno Iraque. Eram um povo ariano, mencionado por *Heródoto* (vii.62) e por *Estrabão* (xv. 2.8), o que também se vê por traços de seu idioma, que ainda sobrevive. Sargão II (716 A.C.) transportou israelitas para a Média (ver II Reis 17:6 e 18:11), depois de haver invadido as terras governadas por Daiaukku, a quem exilou por algum tempo em Hamate. Em cerca de 610 A.C., os medos controlavam todas as terras ao norte da Assíria, tendo entrado em choque com a Lídia, até que a paz foi estabelecida, em 585 A.C. Em 550 A.C., Ciro, de Ansã, derrotou Astíages, e pôs a Média sob o seu controle, desde então, a cultura persa se combinou com a civilização daquele território. Algumas vezes o nome (Média) foi usado para denotar a Pérsia, mas, na maior parte das ocorrências, aparecia ligada à mesma—na forma *Média-Pérsia*—a fim de indicar a nova confederação (ver Dan. 7:20 e Est. 1:19). Os medos participaram da captura da cidade de Babilônia (ver Dan. 6:28), e o novo governante da Babilônia foi Dario, um medo (ver Dan. 11:1), porquanto era filho de Sasuero, de origem meda. A história dos judeus na Média é relatada no livro de Est. 1:3,14,18,19.

III. Pré-História da Média

A antiga Média era limitada a noroeste pela Armênia; a oeste, pela Assíria e pela Babilônia; ao sul por Susiana (Elão) e pelos persis; e a leste pela Pártia. Seu território era quase inteiramente montanhoso, ao redor de um planalto, onde fica situada a moderna cidade de Teerã, capital do Irã. A história arqueológica dessa área tem mostrado que sua ocupação pelo homem vem desde tempos pré-históricos. Há evidências de que ali já se praticava a agricultura, desde tão cedo quanto 10.000 A.C. No terceiro e no segundo milênios A.C., os habitantes da área eram, quase todos, não-semitas e não-indo-europeus, mas, pouco depois do começo da idade do Ferro (século XII A.C.), os medos, um povo indo-europeu, começaram a ocupar o território. Desde então, a região adquiriu o nome deles. Os persas eram parentes próximos. As duas raças pertenciam ao ramo indo-ariano dos indo-europeus, e seus idiomas assemelhavam-se, como o português se parece com o galego. Suas culturas eram bem parecidas com a dos indianos vedas, que invadiram o sudoeste asiático e a Índia, vindos do norte, das estepes do sul do que é hoje a União Soviética, cerca do século XVII A.C. Os medos e os persas compartilhavam da cultura Andronovo, do sudoeste da Sibéria, nos finais da idade do Bronze, conforme descobertas feitas por arqueólogos russos o têm demonstrado. Quando eles invadiram a parte noroeste do Irã, isso pôs fim à cultura luristana, que se notabilizou por notáveis obras em bronze.

IV. Informes Históricos

1. Pré-história. Ver a seção III, acima.

2. Os nomes *medos* e *Média* aparecem, pela primeira vez, em fontes escritas, em cerca do século IX A.C. Na época, eles foram mencionados em inscrições reais dos assírios, entre os povos que tinham sido conquistados pelo império assírio.

3. Desde então, até o começo do século VII A.C., os medos foram vassalos não voluntários dos assírios. Uma importante descoberta arqueológica foi um gigantesco tablete de argila, encontrado nas ruínas da capital assíria, *Calá* (Ninrode), contendo um acordo entre os assírios e os medos. Esse é o mais longo tratado escrito que se conhece do mundo antigo. Data de 672 A.C. Na época, ainda não havia qualquer, império medo. Heródoto datou em 700-674 A.C. o governo do primeiro rei dos medos. Mas, o mais provável é que ele fosse apenas um chefe local, e não um verdadeiro cabeça de império. Seu nome ora *Deioces,* um nome que os príncipes da Média já vinham adotando desde o século VIII A.C.

4. Pode-se datar o *império medo* a partir de seu segundo monarca, chamado Fraortes, que viveu em cerca de 647-625 A.C. Sua subida ao trono coincidiu com o fim da guerra civil entre o rei assírio Assurbanipal e seu irmão, o que serviu para debilitar substancialmente o poder assírio.

5. *Ciaxares*, o rei que se seguiu a Fraortes, conquistou a Assíria mediante uma série de campanhas militares. Seu reino parece ter-se estendido desde as fronteiras da Lídia (perto da moderna cidade de Ancara, na Turquia) até o centro do atual Irã. Os reis de Persis, antepassados dos reis posteriores da Pérsia, também tornaram-se vassalos da Média.

6. *Astíages* (585-550 A.C.) reinou após Ciaxares e foi o último rei independente da Média. Foi derrotado por seu próprio genro, Ciro, da Pérsia, intitulado Ciro, o Grande. Em uma batalha decisiva, as tropas medas bandearam-se para Ciro. Astíages foi um rei impopular, que não inspirava lealdade por parte do seus súditos.

7. *Os Medos e os Persas.* Tendo obtido os seus objetivos militares, Ciro estabeleceu uma dupla monarquia, segundo a qual medos e persas (povos irmãos por raça e por história) tinham direitos iguais, pelo menos em teoria.

8. *Rebelião. Os* medos tentaram reobter sua independência durante as guerras civis e rebeliões que se seguiram, em 522 A.C., envolvendo Cambises, filho de Ciro; mas essas tentativas fracassaram.

9. *Caráter Assírio da Cultura Meda.* A arqueologia tem demonstrado o acentuado caráter assírio da cultura dos medos, durante os trezentos anos que se escoaram entre a primeira vez em que apareceram na história e a conquista deles por parte dos persas. Muitos monumentos, inscrições e artefatos confirmam isso. Os artífices medos imitavam os artefatos assírios.

10. *A religião dos medos* finalmente veio a ser o *Zoroastrismo.* Ver o artigo com esse titulo. Os imperadores persas passaram a seguir o zoroastrismo, entre os quais devemos incluir Dario I. De acordo com as tradições zoroástricas posteriores, o fundador da religião persa foi um nativo da Média, que viveu no século VI A.C. Porém, os eruditos modernos dizem que Zoroastro viveu bem mais para o Oriente.

11. *O império dos medos e persas* foi absorvido polo império grego, quando Alexandre, o Grande, conquistou a região. Depois dele, o império persa e medo, pelo menos parcialmente, passou a fazer parto do império romano, que era uma potência mais ocidental

do que oriental. Os medos, governados pelos selêucidas (sucessores de Alexandre, o Grande), e, posteriormente, pelos partas, são referidos em I Macabeus 5:46 e 14:1-3. Ver também Josefo, *Anti.* 20:2. A Média foi organizada como as satrapias décima primeira e décima oitava. Os medos são mencionados juntamente com os partas e elamitas, em Atos 2:9.

12. Após os *sassânidas* (a última dinastia nacional da antiga Pérsia; 226-651 D.C.), *Média* passou a ser apenas um termo geográfico, sem nenhum sentido político ou militar.

13. *Os Medos e a Bíblia.* Ver a quinta seção, abaixo.

V. Referências Bíblicas

1. Madai, um dos filhos de Jaré, foi o presumível antepassado dos medos (ver Gên. 10:2).

2. O país chamado *Média* aparece em Est. 1:3,14,18; 10:2; Isa. 21:2 e Dan. 8:20.

3. Dario é mencionado em Dan. 5:31, onde é chamado de «o medo».

4. *Tiglate-Pileser III* (741-727 A.C.) invadiu a Média e adicionou largo segmento da mesma à Assíria. Sargão II capturou Samaria (721 A.C.), o que produziu o cativeiro assírio de Israel, a nação do norte. Os israelitas foram deportados para cidades da Média (ver II Reis 17:6; 18:11). Os próprios medos foram subjugados pelos assírios, e tiveram de pagar-lhes tributos.

5. Os medos libertaram-se do jugo assírio e retaliaram contra a Assíria. No entanto, foram derrotados por Ciro, e tornaram-se parte do império dos medos e persas, conforme temos mostrado na seção IV, acima. Tudo isso teve seus efeitos sobre a narrativa bíblica. O nome duplo, «medos e persas», encontra-se em Dan. 5:28 e Est. 1:19. A expressão «leis dos medos e persas», a fim de designar a natureza inalterável da legislação deles, que nem mesmo os monarcas podiam modificar, tornou-se uma expressão popular na época. Esse duplo império continuou até as conquistas militares de Alexandre, o Grande (330 A.C.). Depois de Alexandre, a área caiu sob o domínio dos selêucidas (Síria), e é, então, que surge a história dos Macabeus. Ver I Macabeus 6:56. E, então, a Média tornou-se parte integrante do império persa.

6. A última referência bíblica aos medos fica em Atos 2:9, onde judeus provenientes dentre os medos, como também de muitos outros povos, foram testemunhas dos fenômenos do dia de Pentecoste. Provavelmente, representantes daqueles povos também haviam subido a Jerusalém, para fazerem-se presentes à festa de Pentecostes, por serem prosélitos Judeus. (AM CGG OLM)

MEDIAÇÃO (MEDIADOR)

Esboço:

I. Terminologia e Definições
II. Doutrina Bíblica da Mediação
III. Cristo, o Único Mediador
IV. A Oração e a Mediação
V. A Mediação da Virgem Maria e dos Santos
VI. O Teísmo e a Mediação

I. Terminologia e Definições

Mediação é a tentativa de uma terceira pessoa, neutra, ajudar a duas outras pessoas interessadas, com o intuito de facilitar algum tipo de acordo entre essas duas, que traga benefícios a ambas. *Mediar,* pois, é solucionar uma disputa ou reconciliar, mediante a eliminação de divergências e conflitos. Com freqüência, a mediação toma a forma de uma intervenção, com o propósito de dar solução a alguma disputa e criar condições produtivas. Em seu uso teológico, a idéia de mediação, sem importar se esse ofício envolve Cristo ou não, consiste em possibilitar que os benefícios divinos sejam estendidos aos homens, de acordo com as condições divinas. Porém, esses termos têm sido aplicados de tal modo que os homens tiram vantagens dos mesmos. Isso é assim por causa do grande hiato que se abre entre o Ser divino e os seres humanos, em termos de natureza metafísica, de conhecimento, de atitudes, de condições e de estados de santidade, que são radicalmente diferentes entre Deus e os homens.

Paulo faz-nos lembrar que nada possuímos que não tenhamos recebido da mão de Deus (ver I Cor. 4:7). O terceiro capítulo de Romanos deixa claro que o homem, por si mesmo, não dispõe de meios para aproximar-se de Deus. O Mediador, Jesus Cristo, pois, provê o melo dessa *aproximação.* Em Cristo temos acesso a Deus. Esse acesso é feito mediante a fé (Rom. 5:2); através da agência do Espírito Santo (Efé. 2:18); devido ao ofício de nosso Sumo Sacerdote celeste (Heb. 10:18 *ss*). É através de Cristo, o Deus-homem (ver I Tim. 2:5) que temos esse acesso a Deus. Ele é Mediador de um melhor pacto que o antigo (Heb. 8:6 e 12:24). Anjos serviram de mediadores da lei mosaica (ver Gál. 3:19), mas Cristo é o Mediador da nova lei do Espírito, com todas as suas implicações.

As palavras «mediador» e «mediação» não figuram com freqüência nas Escrituras, embora o *conceito* seja ali dominante. No Antigo Testamento, esses termos não aparecem uma vez sequer, mas Moisés, como é óbvio, foi o mediador da lei, entre Yahweh e o povo de Israel. Acima dei referências neotestamentárias a respeito da idéia de mediação, excetuando os trechos de Gál. 3:20 e Heb. 9:15, que reiteram idéias já contidas nas outras referências. O trecho de Jó 9:32-34 fala sobre a necessidade de um mediador entre Jó e seus adversários. A Palavra hebraica ali usada, *yakach,* significa «juiz» (nossa versão portuguesa diz «árbitro», que é um sinônimo). O que Jó queria dizer é que ele precisava de alguém que ouvisse os argumentos de ambos os lados, decidindo quem estava dizendo a verdade, alguém que pudesse justificar ou convencer de erro. Porém, ele não dava a entender a necessidade de algum mediador divino.

Nas páginas do Novo Testamento, a palavra grega *mesítes,* «mediador», «árbitro», indica alguém interessado em reunir duas pessoas antes em desacordo, visando ao benefício de ambas. Na Septuaginta, essa mesma palavra grega é usada em Jó 9:33. A mediação, de acordo com a Bíblia, inclui conceitos que ultrapassam o alcance da própria palavra, incorporando idéias como reconciliação, expiação, intercessão por meio de orações e o estabelecimento de acordos. A ênfase recai sobre o poder e a eficácia daquele que é o mediador. e, no Novo Testamento, avulta a idéia do Novo Pacto, firmado no sangue de Cristo. Mediação, ali, significa eliminar diferenças, o que também é a noção proeminente no fato de que Cristo é o *canal único* das bênçãos divinas.

II. Doutrina Bíblica da Mediação

1. *Os Anjos.* Embora os anjos nada tenham a ver com a questão da salvação, os seres angelicais são as primeiras pessoas que agem como elos entre Deus e os homens. A história de Jacó é um notável exemplo disso. Em tempos de crise, os anjos o dirigiam. O pacto abraâmico foi confirmado a Jacó, mediante uma visão de anjos. Ver Gên. 28:12 *ss.* Ademais, a bênção divina foi dada a Jacó de maneira especial, através do anjo com quem ele lutou, em Peniel (ver Gên. 32:24 *ss).* Foi nessa ocasião que Jacó se tornou Israel, «Príncipe com Deus», circunstância essa que fala por si mesma. Os protestantes e os evangélicos, em seu desejo de preservar a mediação ímpar de Cristo (no tocante à salvação), têm subestimado a missão medianeira dos anjos, o que envolve muito mais do que mera proteção. Talvez nossos homens mais espirituais sejam aqueles que mais são orientados por seus guias angelicais.

Os anjos foram usados como mediadores da lei, conforme se vê em Gál. 3:19,24. Quando Jesus foi tentado, desfrutou do apoio dos anjos, assegurando que não falharia nessa hora de provação (Mat. 4:11). Os anjos executam a vontade do Senhor (Sal. 103:20) e chegam mesmo a orientar o que sucede nas nações (Dan. 10:12,13,21; 12:1). Muitos intérpretes acreditam que os anjos das sete igrejas do livro de Apocalipse eram apenas aqueles *anjos* celestiais que estavam encarregados das igrejas, e não ministros humanos. O trecho de I Cor. 11:10 diz-nos que os anjos preocupam-se com a boa ordem e a adoração nas igrejas. Essas são questões que influenciam a nossa espiritualidade. «Assim como aos maus espíritos é permitido que

operem ativamente, quando o cristianismo começa a apelar para os homens, assim também os anjos bons são freqüentemente reconhecidos como executores dos propósitos divinos» (Strong, pág. 453 de sua *Theology).* E o mesmo autor prossegue a fim de se referir ao poder que as forças angelicais podem exercer sobre as mentes humanas, o que, naturalmente, visa ao bem espiritual dos homens e ao seu desenvolvimento espiritual, da mesma maneira que os espíritos malignos também influenciam as mentes humanas, para detrimento dos seres humanos.

2. *Moisés.* Embora nunca apareça a palavra *mediador,* no Antigo Testamento hebraico, no tocante à atuação de Moisés, o trecho de Gál. 3:19 ensina-nos que ele foi um «mediador». A teologia judaica comum concebia essa mediação como algo que envolvia a própria salvação, através do princípio das boas obras. Porém, a teologia hebréia do período patriarcal não tinha um conceito sobre a vida após-túmulo, não incluindo as idéias do céu para os bons e do inferno para os maus. Esses foram desenvolvimentos posteriores. Não há qualquer promessa de vida eterna para os bons, no Pentateuco, e nem há a ameaça de castigo, após esta vida terrena, no tocante aos maus. A lei prometia *vida* (ver Lev. 18:5), mas somente no que envolve uma vida terrena próspera e bem vivida, no caso dos obedientes, e ameaçava os desobedientes com uma vida maldita. A teologia hebraica posterior fez isso ser entendido como a vida para além da morte biológica. Seja como for, ao longo dos séculos, nessa teologia, Moisés tornou-se um mediador da vida eterna. Paulo, naturalmente, entrou em choque com esse conceito, e via na mediação de Moisés um ministério de condenação, e não um ministério de vida eterna. A lei foi dada a fim de condenar os homens, forçando-os assim a se voltarem para Jesus Cristo, como o Salvador, que dá vida. Ver Gál. 3:13 *ss;* ver especialmente o vs. 21. Paulo abandonou totalmente a idéia de que a *lei* possa servir de *meio* que leva à vida eterna. Moisés, contudo, é considerado na Bíblia como o porta-voz de Deus, até que viesse o Cristo. Ver Êxo. 19:3-8; 32:30-32; Núm. 12:6-8.

3. A *Lei.* Dentro do Antigo Testamento, a própria lei é o mediador. Em outras palavras, o sistema da lei tinha por intuito conduzir os homens a Cristo, servindo de aio ou mestre-escola com esse propósito. Ver Gál. 3:25. A lei mostrou o quanto precisamos da graça divina e da justificação pela fé, e quão nula esperança temos em nós mesmos. Os trechos de Rom. 3:21 *ss* e 4:1 *ss* ilustram abundantemente esse principio. O *acesso* a Deus nos é proporcionado pela graça divina (Rom. 5:2); mas, antes disso, era necessário que os homens percebessem que não têm capacidade, em si mesmos, de ir diretamente a Deus, por seus próprios méritos, e foi justamente a lei que os ensinou assim. Sem forças, estamos impotentes, espiritualmente falando (Rom. 5:6). Mediante as obras da lei, ninguém será jamais justificado (ver Rom. 3:20).

4. *O Sacerdócio.* O judaísmo desenvolveu um elaborado sistema de sacerdócio, cujas funções envolviam claramente a mediação. O sistema de sacrifícios foi entregue às mãos deles, sistema esse que supostamente trazia reconciliação dos homens com Deus. O vigésimo oitavo capítulo do livro de Êxodo fala sobre a instituição do sacerdócio. O vigésimo quinto capítulo do mesmo livro alude aos planos para o tabernáculo, que seria o lugar dessa mediação. Substituindo todo esse elaborado arranjo, o Novo Testamento põe uma só pessoa, *Cristo.* Ver Heb. 9:11 *ss;* 23 *ss;* 10:1 *ss.* A epístola aos Hebreus é uma elaborada descrição de como Cristo tomou o lugar do ritual, do sacerdócio e de todas as instituições do Antigo Testamento.

5. *Os Profetas.* A teologia teísta ensina-nos que quando Deus deseja dar alguma mensagem, visto estar ele interessado pelos homens, prepara um profeta para esse serviço. A mensagem é dita, em seguida, é registrada pelo próprio profeta ou por um de seus discípulos, e, então, é preservada em Livros Sagrados. Desenvolve-se uma igreja a fim do proteger o propagar a mensagem contida nesses livros. Esse aspecto de mediação aparece claramente nos livros proféticos do Antigo Testamento. Por muitas e muitas vezes encontramos ali a declaração: «Assim diz o Senhor». A Concordância de Strong contém mais de uma página de três colunas, registrando tal declaração, que deve aparecer cerca de quatrocentas vezes no Antigo Testamento. Para exemplificar: II Sam. 7:5; 12:7; I Reis 20:13; 21:19; II Reis 1:4; 2:21; 3:10,17; I Crô. 17:4; Isa. 7:7; 10:24; 37:6; 44:2; Jer. 2:5; 4:3; 9:17,22; 22:1,3,6; Eze. 2:4; 5:5; 21:24; Amós 1:3,6,11,13; 2:1; 3:11; Miq. 2:3; 3:5; Naum. 1:12; Sof. 1:3,4,14,16,17; 8:2-4,6,7.

6. *Os Reis.* No Antigo Testamento, os reis de Israel e de Judá não foram meras figuras políticas. Antes, foram ungidos por profetas (I Sam. 1:10); esperava-se deles que liderassem a nação à santidade. Um rei era o escudo do povo (ver Sal. 84:9; 89:18). O rei, em certo sentido, tinha procedência sobre os profetas, como líder do povo, o que incluía a questão das realidades espirituais. Foi o rei Davi quem desejou edificar o templo, como grande lugar de mediação; e a Salomão, seu filho, outro rei, foi dado cumprir esse propósito. Contudo, em Cristo, que é o grande Rei, esse ofício teocrático chegou à plena fruição. Em Cristo, temos a promessa da fruição do reino do Deus. «Na realeza de Cristo, portanto, a mediação é clara. Deus toca em seu povo através do rei; o povo contava que o rei se apresentaria diante de Deus, em lugar deles; o rei oferecia-se como um servo de Deus, e o povo aceitava-o como seu servo. Não importa em que direção estejamos contemplando: de Deus para o homem, ou do homem para Deus. Cristo, o nosso Rei, é o nosso Mediador» (Z). Ele é o Mediador do reino de Deus, em nosso benefício (ver Col. 1:13).

7. *O Lógos.* Esse conceito é bastante antigo, tendo começado antes mesmo da época do Novo Testamento. João incorporou-o na teologia cristã, conferindo-lhe um novo sentido, uma nova dimensão. Temos provido um artigo detalhado acerca do *Lógos. O Lógos* é o mediador cosmológico e universal de Deus, diante do todos os seres inteligentes, e não somente diante dos homens. No Novo Testamento, o seu ofício medianeiro é apresentado através da *encarnação* (vide). Filo, antes da época neotestamentária, já havia personalizado esse conceito, tendo-se referido, ocasionalmente, ao Lógos, como o Anjo do Senhor. Porém, a *encarnação* foi a contribuição joanina a esse conceito. No princípio, o Lógos já existia, e era o próprio Deus; mas, era distinto de Deus Pai. Então, encarnou-se no homem. Ver João 1:1,2,14. Em seguida, o Lógos é associado ao Filho, que é o Mediador da filiação a Deus (ver João 1:12; Rom. 8:15 *ss;* 8:29; II Cor. 3:18). É dessa maneira que os remidos chegam a participar de toda a plenitude de Deus (ver Efé. 3:19) e da própria natureza divina (ver II Ped. 1:4). O ato final de mediação de Jesus Cristo será a condução de muitos filhos à glória, para que se tornem parte da família divina, compartilhando da natureza do Filho (ver Heb. 2:10; Rom. 8:29). Quando dizemos que Cristo é o Mediador da salvação, dizemos que ele está mediando aos homens a sua própria natureza, porquanto esse é o grande alvo desse ofício. Como é óbvio, nesse sentido, somente Cristo é o Mediador, ainda que, em outros sentidos, existam outros mediadores secundários.

8. *Os ministros do evangelho,* a começar pelos apóstolos, mas incluindo profetas, evangelistas, pastores e mestres, são mediadores, mais ou menos no mesmo sentido em que o foram Moisés e os sacerdotes levíticos, no Antigo Testamento. Os apóstolos e profetas formam o fundamento da Igreja (ver Efé. 2:20). O contexto dessa passagem mostra-nos o que está em jogo em nossa reconciliação com Deus, de tal modo que nos tornamos concidadãos da casa de Deus. A revelação cristã foi mediada através da obra de homens que se dedicaram a esse mister. O próprio Novo Testamento foi dado através da agência dos apóstolos e seus discípulos imediatos, tendo assim ultrapassado as revelações veterotestamentárias, conferindo-nos aquilo que Deus nos quis ensinar por meio de Cristo. Isso exigiu a atuação de mediadores humanos impulsionados pelo Espírito Santo com essa finalidade.

9. *O Espírito Santo.* Ele é o alter ego de Cristo, que veio tomar o lugar de Cristo no meio de seu povo e dar prosseguimento à sua obra, conforme se aprende em João 16:7. Ver o artigo sobre o *Paracleto,* quanto ao desenvolvimento dessa idéia. O trecho de Rom. 8:26,27 mostra-nos que o Espírito ativa-se como Mediador de nossas ora-

ções, com o propósito de ajudar-nos em nossas orações e de cumprir a vontade de Deus em nossas vidas.

10. O *próprio Cristo* incorpora em si mesmo os princípios da mediação. Ver a seção III, abaixo, intitulada *Cristo,* o Único *Mediador.*

III. Cristo, o Único Mediador

Já vimos que há muitos mediadores secundários. Porém, quando falamos acerca da salvação, e como ela é mediada aos homens, então, forçosamente, vemo-nos reduzidos — a um *único* mediador, Jesus Cristo.

I Tim. 2:5: *Porque há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem.*

A Polêmica de Paulo

1. Os gnósticos contavam com uma doutrina «deísta» a respeito de Deus. Imaginavam que a matéria é má por si mesma, e, assim sendo, Deus nunca poderia aproximar-se dela, pois, em tal caso, ficaria contaminado. Portanto, segundo pensavam, para que Deus pudesse exercer controle sobre esta crassa dimensão terrena, eles falavam sobre muitas «emanações» (os *aeons, ou* seres angelicais), que exerceriam influência sobre esferas a eles distantes, incluindo nosso planeta. Um desses supostos «aeons» (que alguns antigos, como Márcion identificavam com o Deus Yahweh do A.T.) teria sido o criador desta terra. Para os gnósticos, entretanto, esse não era o Grande Deus, mas apenas alguma emanação distante do verdadeiro Deus. Para todos os efeitos práticos, pois, Deus não teria o mínimo contacto direto com a terra. Isso é a substância mesma do «deísmo». (Ver outras idéias sobre Deus explicadas nas notas sobre Atos 17:27 no NTI).

2. Para os gnósticos, os diversos «aeons» eram «pequenos deuses» em suas respectivas esferas de influência; eram mediadores do verdadeiro Deus, e serviam para abrir o caminho até ele. Em outras palavras, alguns poucos homens poderiam retornar a Deus, através da ajuda dos «aeons».

3. A decidida declaração monoteísta de Paulo, que aqui se lê, tinha por escopo contradizer tais noções, além de asseverar a existência do Deus «teísta», ou seja, o Deus que está interessado pelo homem que criara, que mantém o contacto com ele, e que tanto castiga quanto recompensa, conforme o caso. Existe apenas um único Deus; existe apenas um único Mediador (e não um imenso número deles, os supostos «aeons»). Deus entra em contacto direto com os homens (posição do teísmo), através do Senhor Jesus Cristo (o teísmo cristão). Não há a menor necessidade de muitos «pequenos deuses», para que os seres humanos recebam benefícios espirituais.

4. A polêmica paulina, que expunha Cristo como o *único* mediador, contradizia a noção gnóstica da necessidade de muitos mediadores na criação—um dos quais seria o mediador de uma determinada criação, e outros de diferentes criações. Esse mesmo princípio paulino continua rebatendo certas noções ainda bem vivas na cristandade moderna, as quais supõem que não somente anjos, mas até mesmo seres humanos, são mediadores dos benefícios divinos estendidos aos homens, chegando eles ao extremo de perdoarem pecados. O gnosticismo sobrevive na cristandade moderna, e sob várias formas! Acautelemo-nos—são idéias perigosas!

Em contraposição a essa esdrúxula doutrina gnóstica, temos aqui a declaração inequívoca que só existe, realmente, *um Deus,* e não uma grande e quase interminável sucessão de «aeons» angelicais, que compartilhariam da divindade, os quais por essa mesma razão, seriam quais «pequenos deuses». Assim sendo, não há nenhuma necessidade de uma sucessão interminável de «emanações intermediárias» para que Deus possa aproximar-se do homem, ou para que o homem possa achegar-se a Deus, ficando assim relacionado o infinito com o finito. Basta um só «Mediador», o qual é o Deus homem, Jesus Cristo, o qual participa da natureza divina e da natureza humana, estando assim apto para desempenhar a sua missão remidora e restauradora do homem à presença de Deus, ainda que o homem esteja realmente muito, muito afastado de Deus (com o que podemos concordar com os gnósticos, que também falavam sobre tal afastamento). Não obstante, Cristo, o único Mediador, tem o poder de restaurar o homem, por si mesmo, já que não precisa de qualquer ajuda a fim de realizar a sua missão. Por conseguinte, são negadas aqui quatro inverdades, a saber: 1. O conceito deísta de Deus, postulado pelos gnósticos; 2. a idéia gnóstica de uma sucessão interminável de intermediários entre Deus e os homens; 3. o conceito gnóstico das emanações e da mediação; 4. o ponto de vista tão inferior que tinham os gnósticos acerca de Cristo, o que lhe roubava sua posição divina e sua missão remidora.

Naturalmente, este versículo tem sido corretamente usado contra outros sistemas, orientados para o *politeísmo,* como é o caso do mormonismo. Também se combate, através dele, idéias como as de muitos mediadores, como anjos, santos, sacerdotes humanos etc., que são doutrinas que caracterizam o catolicismo romano. Por outro lado, este versículo não nega a realidade do «ministério dos anjos». Porém, aqui aprendemos que, dentro do plano da redenção, Jesus Cristo ocupa lugar ímpar, como único e exclusivo representante do Pai. É justamente isso que o presente versículo procura nos ensinar. (Quanto ao «monoteísmo», ver I Tim. 1:17, onde essa verdade é asseverada; ver também no NTI as notas expositivas, em Atos 17:27, onde tal conceito é comentado, juntamente com muitos outros, no tocante a «natureza de Deus»). O conceito bíblico da Trindade, apesar de não ser na Bíblia usada essa palavra, é uma conceituação teológica que procura preservar a distinção entre as pessoas de Deus Pai, de Deus Filho e de Deus Espirito Santo, ainda que todos tenham uma só *essência.* (Ver o artigo sobre a doutrina da *Trindade).*

As «epístolas pastorais» muito dizem acerca dos atributos divinos, bem como acerca das relações entre Deus Pai e Deus Filho; mas sempre o faz com propósitos polêmicos, a fim de negar algum aspecto da doutrina gnóstica. A expressão freqüentemente usada nessas epístolas, «Deus Salvador», faz parte desse esforço. (Ver no NTI as notas expositivas a esse respeito, em I Tim. 1:1 e 1:3). Isso nos mostra que Deus não está distanciado de nós. Bem pelo contrário, ele se faz presente entre os homens por meio de Cristo, com o intuito de redimi-los. Outrossim, ele está interessado em que ninguém pereça (ver I Tim. 2:4), mas, antes, seu interesse profundo é que todos venham a receber a plena redenção. E isso derruba por terra o deísmo inerente ao gnosticismo. Deus é um Deus «teísta», e não «deísta». (Acerca de outras passagens, nestas «epístolas pastorais», onde se afirma algo mais sobre a natureza e os atributos de Deus, ver I Tim. 3:15; 4:10; 6:13,15,16; II Tim. 2:12 e Tito 1:2).

Mediador. No grego temos a palavra «mesites», que significa «árbitro», «mediador» (ver Gál. 3:19,20). Na Epístola aos Hebreus, esse termo é usado em vários trechos para referir-se a Cristo (ver Heb. 8:6; 9:15 e 12:24). Cristo, na qualidade de mediador, torna realidade os propósitos salvadores de Deus para os homens. Sua missão terrena inteira foi efetuada dentro do âmbito dessa mediação. Mas, além disso, nos céus, Cristo continua ocupando a posição de mediador, intercedendo incessantemente por seus remidos. (Isso é comentado em Rom. 8:34 no NTI). O Espírito de Deus também intercede por nós, em nome de Cristo (ver Rom. 8:27), e isso envolve nosso progresso espiritual e nossas necessidades diárias. Já a passagem de Heb. 9:15 nos ensina que Cristo é o mediador do «novo pacto» ou «novo testamento», como algo incluso entre seu labor expiatório, porquanto isso é que dá aos homens o direito à herança eterna, através das provisões de seu testamento, porquanto Cristo «morreu por nós». (Ver Rom. 8:17 e as notas expositivas ali existentes no NTI sobre a idéia de «herança».) Todo o bem-estar espiritual nos é proporcionado através de seu ofício intermediário. Como um último aspecto, o verdadeiro acesso a Deus Pai nos é dado através de Cristo, permitindo-nos que nos tornemos habitação de Deus (ou templo de Deus) no Espírito (ver Efé. 2:22). Acerca disso, levemos em conta os pontos abaixo:

1. *Houve a mediação preencarnada de Cristo* (ver João 1:3,10; Col. 1:6 e Heb. 1:2). Isso teve lugar na criação, pois Cristo foi o criador, que fez o trabalho de Deus Pai. E nos próprios decretos divinos Cristo já agira como mediador da salvação dos homens, des-

de a eternidade passada (ver Efé. 1:3,4). A eleição é «em Cristo» (ver Rom. 8:29), e todas as bênçãos celestiais fluem da parte de Cristo, sendo mediadas por ele (ver Efé. 1:3).

2. *Houve a mediação na salvação e na redenção,* quando do ministério terreno de Cristo (ver Heb. 9:15; João 3:17; Atos 15:11; 20:28; Rom. 3:24,25; 5:10,11; 7:4; II Cor. 5:18; Efé. 1:7; Col. 1:20 e I João 4:9). A vida, a morte, a cruz e o sangue de Cristo são os elementos dessa mediação. Além disso, Cristo é o Filho de Deus, enviado por Deus Pai, para redimir os filhos. O trecho de João 3:17 tem esse tema, o qual se repete por mais de quarenta vezes no quarto evangelho. O Pai enviou o Filho, para que este realizasse sua missão remidora. Essa declaração envolve muitas implicações teológicas acerca da natureza do Filho, o que é comentado no NTI naquela referência. Acrescente-se a isso que a mediação de Cristo produz a paz com Deus, a reconciliação entre o homem e Deus, que eram partes antes alienadas entre si (ver Rom. 5:1 e Efé. 2:12-17). A propiciação pelo sangue de Cristo visa a ira justa e o julgamento reto de Deus, e Jesus, na qualidade de sacrifício expiatório, torna Deus favorável aos homens (ver I João 2:2).

3. *Há uma mediação contínua de Cristo:* ele continua vivo e continua sendo o nosso mediador. (Ver João 14:6; Rom. 5:2 e 8:34). Por meio dele entramos na posse de todas as bênçãos espirituais (ver Efé. 1:3; Rom. 1:5; II Cor. 1:15,30 e Fil. 1:11).

Uma aplicação moderna: se Cristo é o único e suficiente mediador, de onde surge a necessidade de supostos mediadores angelicais e humanos? As doutrinas da mariolatria, das orações endereçadas aos «santos», da confissão auricular, etc., são outros tantos descendentes da idéia gnóstica de muitos mediadores. Mas há descendentes doutrinários mais sutis, como é o caso da posição atribuída a Jesus Cristo, por parte dos russelitas, auto-intitulados *Testemunhas de Jeová*. Segundo eles, Yahweh seria o único verdadeiro Deus. Jesus Cristo seria um «deus» secundário, apenas. (Isso eqüivaleria a um dos «aeons» dos antigos gnósticos. Tanto isso é verdade que Cristo é tido, entre os russelitas, como uma manifestação de um arcanjo dos mais elevados, mas nunca como o próprio Deus que se manifestou em carne). Em vista disso, aceitemos os avisos contidos, por exemplo, em I João 4:2,3: «...todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus, e todo espírito que não confessa Jesus, não procede de Deus, pelo contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem, e que presentemente já está no mundo».

4. *Há uma mediação futura:* a obra de Cristo é aplicável a todas as fases de nossa redenção. A sua glorificação será por nós compartilhada, e isso envolverá um processo eterno, e não um acontecimento isolado. (Ver as notas em II Cor. 3:18 no NTI acerca desse conceito). Jamais chegará o tempo em que essa mediação de Cristo tornar-se-á desnecessária e obsoleta. E posto que a glorificação é o aspecto celestial da salvação, então a própria salvação precisa ser considerada como um processo eterno, mediante o qual iremos passando de um estágio de glória para outro, indefinidamente. Pois assim como o Cristo foi o criador de tudo (ele é o Alfa), também é o alvo da criação inteira (ele é o Ômega). E isso jamais deixará de ser verdade.

5. *O Alvo da Mediação de Cristo.* Conforme já vimos, a salvação é mediada aos homens por meio de Cristo, o Filho de Deus. Salvação podo ser definida como *filiação*, sendo esse o próprio alvo de sua mediação. Os homens chegam a compartilhar da natureza e da imagem de Cristo (ver Rom. 8:29); através do poder do Espírito Santo (ver II Cor. 3:18); e assim tornam-se filhos da família divina, participantes da glória de Deus (ver Heb. 2:10); participantes da plenitude de Deus, da natureza divina e de seus atributos (ver Efé. 3:19; II Ped. 1:4).

IV. A Oração e a Mediação

1. *Do Espírito Santo.* Ele é o supremo Mediador de nossas orações, visto ter a capacidade de proferir aquelas coisas que para nós são impossíveis de entender ou de exprimir. Acresça-se a isso que sua mediação é perfeita, nada tendo de mundano, de maus motivos ou de debilidades humanas. Ver Rom. 8:27. A sua mediação nas nossas orações faz parte de seu ofício como o alter ego de Cristo, o divino Paracleto. Ver os artigos gerais intitulados *Oração; Espírito e Paracleto.*

2. *Do Filho.* Ele é um mediador das orações feitas pelos filhos de Deus. O próprio Senhor Jesus instituiu esse ofício, e informou seus discípulos a respeito. Ver João 14:13,14. Se pedirmos alguma coisa em seu nome, *Ele* a fará, segundo enfatiza o vs. 14 dessa passagem. Se permanecermos dentro de sua vontade, poderemos pedir o que quisermos, e isso nos será feito (ver João 15:7). Destarte, a comunhão com o Filho torna-se o alicerce da oração bem-sucedida. O trecho de I João 2:1 diz que o Filho é o nosso Advogado junto ao Pai. A palavra grega ali usada é parákletos, alguém que se põe ao lado, a fim de ajudar. Está em foco, acima de tudo, a questão de nossos pecados e a confissão dos mesmos, a fim de recebermos perdão, embora o ofício de Cristo seja geral e não possa ser limitado a isso somente. Fica assim assinalado o ofício de Cristo como *representante* da humanidade na corte celestial, onde o caso do crente é defendido com base em sua identificação com Cristo, e porque aquilo que ele é agora não é o que será mais tarde, uma vez que a operação transformadora do Espírito insufle nele a verdadeira santificação. Naturalmente, está em pauta a expiação (ver I João 1:7,9), mas podemos ter a certeza de que está em foco o ofício inteiro de Cristo como nosso Salvador e Ajudador. De fato, algumas traduções traduzem *parákletos* como «ajudador». Essa questão envolve a oração, visto ser esse o nosso meio de comunicação e a maneira pela qual pedimos socorro.

3. *A Mediação dos Anjos na Oração.* Há alguma base bíblica para essa crença, embora seja um assunto não muito enfatizado no Novo Testamento. Entretanto, esse aspecto recebeu bastante atenção nos escritos rabínicos.

Apo. 5:8: *Logo que tomou o livro, os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo cada um deles uma harpa e taças de o ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos.*

Os grupos protestantes, em sua ansiedade de fazerem de Cristo o único Mediador (ver I Tim. 2:5), têm relutado em admitir tal possibilidade de mediação angelical, mas nada disso contradiz a posição de Cristo como nosso Mediador, já que os anjos são seus servos. Tudo quanto fazem fazem-no por delegação sua, e pode ser corretamente atribuído a Cristo. Parece que temos subestimado o ministério dos anjos, mas neste versículo, é claro que os anjos tornaram-se meios da apresentação do incenso a Deus, e incenso simboliza a oração.

1. A suposição de que a «mediação dos anjos» na oração, que se reflete neste versículo, da apoio à idéia de que se deve «orar aos anjos» (e, portanto, aos santos), é *exagerar* o sentido tencionado, e não uma interpretação do texto sagrado. Pois é melhor conceber que os anjos mediam as orações dos crentes, sem que estes dirijam suas orações àqueles.

2. O ofício de mediador das orações a Deus, segundo Orígenes (ver «De Prin.» i.8,1), é atribuído a Miguel. Mas no *Apocalipse de Paulo* 7-10, isso é atribuído aos «anjos guardiães». Em III Baruque 11, Miguel desce até o quinto céu a fim de recolher as orações de toda a humanidade, para então conduzi-las ao trono, a porção mais elevada dos céus. O Apocalipse de Paulo 7-10 retrata as portas dos céus a se abrirem em tempos determinados, a fim de receberem essas orações. No Testamento de Levi iii.5,6, Miguel também é retratado a fazer propiciação ao Senhor pelos pecados dos homens. Nesse mesmo documento, os «arcanjos», no quinto céu, recebem as orações da parte de anjos inferiores, levando-as à presença de Deus. O vidente João parece confirmar essa espécie de sistema, pois os vinte e quatro anciãos poderiam ser vistos aqui como arcanjos, a realizar a mesma função atribuída aos poderosos arcanjos dos escritos judaicos do período helenista. Assim é que no Testamento de Levi iii.5-7, os arcanjos aparecem, investidos de *funções sacerdotais*,

tal como havia «ministros» no templo de Jerusalém, aos quais se dava o nome de «sacerdotes» e que também intercediam em favor dos homens. Portanto, os vinte e quatro anciãos são vistos aqui como sacerdotes do templo celestial, embora essa não fosse, necessariamente, a única função deles. Os sacerdotes terrenos faziam, às vezes, de mediadores, mas ninguém orara diretamente a eles. Assim, pois, nem os sacerdotes celestiais deveriam ser o alvo das nossas orações, mesmo que atuem como mediadores das orações dos santos.

3. Não deveria servir de motivo de desinteresse e desgosto o fato de que os anjos atuam como mediadores. Nem se deveria pensar ser isso estranho. Não obstante, todos os mediadores receberam seu ofício simplesmente por causa do ofício medianeiro de Cristo, que em alguns aspectos pode ser e é delegado a outros seres. Nenhum desses seres poderia ser mediador à parte de Cristo.

4. O presente versículo tem sido usado em apoio à idéia de que a igreja que já se acha nos céus ora pela igreja que ainda está na terra; e é possível que isso seja uma verdade, embora não apoiada por este versículo, porquanto os vinte e quatro anciãos não são seres humanos. Entretanto, o fato de que representam seres humanos e entoam o hino da redenção (ver os versículos nove e dez deste capítulo) pode favorecer indiretamente essa oração celestial, embora também humana.

5. Não é somente a igreja que se interessa pela revelação atinente aos últimos dias, acerca de como Deus será vitorioso em meio à agonia, propiciando-lhe a oportunidade de abençoar ricamente. O versículo à nossa frente mostra-nos que essa é igualmente a preocupação dos mais elevados poderes dos céus. A criação inteira geme, anelando pela revelação dos filhos de Deus (ver Rom. 8:19).

6. As taças que contêm as orações dos santos são de «ouro». Portanto, essas orações se revestem de grande valor e poder. Certamente cumprirão o seu propósito. (Ver o artigo sobre a *oração*).

7. O mundo celestial se interessa pelo estado do homem, pela redenção humana. Isso expressa a posição do *teísmo*, em contraste com a posição do «deísmo». O primeiro ensina que Deus está profundamente interessado pelos homens, fazendo intervenção na história humana, recompensando ou castigando aos homens. O deísmo, em contraste com isso, pinta Deus como um poder supremo, mas divorciado inteiramente da sua criação, tendo deixado que as leis naturais governem a criação; por conseguinte, não faria Deus qualquer intervenção na história humana e nem castigaria ou galardoaria. (Ver no NTI em Atos 17:27, em suas notas expositivas, acerca dos diversos pontos de vista teológicos e filosóficos de Deus, e da natureza de sua maneira de tratar com os homens).

4. *A Mediação dos Santos no Céu.* Os crentes que já se acham no céu, podem mediar por nós, e realmente o fazem, incluindo a apresentação de nossas orações diante de Deus? Muitos teólogos cristãos têm pensado assim, com base na doutrina da *comunhão dos santos* (vide). Para os católicos romanos, naturalmente, isso inclui a mediação dos santos, que se achariam em boa posição para desempenhar esse papel. Tal doutrina, entretanto, jamais transparece nas páginas do Novo Testamento. Alguns têm usado Apo. 5:8 como texto de prova; mas os vinte e quatro anciãos, mui provavelmente, são seres angelicais, e não seres humanos, o que significa que tal passagem não oferece apoio algum para tal idéia. Contudo, se aqueles vinte e quatro anciãos representam seres humanos que entoam o cântico da redenção, então, as almas humanas glorificadas têm bem mais poder do que temos pensado, o que seria ilustrado pelas condições em que se acham. Nada disso, naturalmente, tem qualquer coisa a ver com a questão da salvação, a despeito do que podemos ter ali um claro ensino neotestamentário.

5. A Mediação da Virgem Maria e dos Santos. Ver a seção V, abaixo.

V. A Mediação da Virgem Maria e dos Santos

A doutrina da *comunhão dos santos* (vide) favorece a idéia que diz que certos cristãos especiais, que obtiveram uma elevada posição na escadaria do desenvolvimento espiritual, podem servir de mediadores para seus irmãos menores, importando-se realmente com isso. Se isso exprime uma verdade, então podemos afirmar que isso faz parte do ofício de Cristo, dado por delegação dele, mas que nada tem a ver com a questão da salvação. Mesmo admitindo-se isso, — devemos ajuntar que nada existe, na Bíblia, que ensine tal mediação humana.

Da Virgem Maria. Maria é invocada pela Igreja Católica Romana sob o título de Mediadora (Concílio Vaticano II, Constituição Dogmática da Igreja, art. 62). Quanto a essa questão, queremos fazer a seguinte citação:

«Não é incompatível com a mediação exclusiva de Cristo considerar Maria como uma figura que representa a comunidade dos fiéis, conferindo-lhe consentimento receptivo na fé, não somente para o próprio benefício dela, mas também para benefício da comunidade dos remidos. Assim, em um verdadeiro sentido, ela tornou-se mediadora para outros seres humanos, mesmo que ela, na realidade, não esteja postada *entre* Deus e os homens. Fundamentalmente, tais decisões *salvatícias,* feitas pelos seres humanos, têm uma espécie de significação medianeira para a comunidade à qual estão unidos, mesmo que não seja possível determinar o efeito dessa mediação. E, em comparação com a mediação de Cristo, a mediação dela é *derivada* e *análoga.* Porém, sua realidade é produzida pela operação da graça redentora de Cristo, que, naturalmente, não é recebida apenas passivamente pelo homem, pois capacita-o a compartilhar ativamente da ação redentora de Cristo» (R).

Maria, naturalmente, é considerada pelo catolicismo romano como intensamente interessada pela aviltada situação humana, visto que os membros da Igreja são metaforicamente considerados como filhos dela. As pessoas apelam para ela como uma mãe que exerce influência junto ao augusto Filho de Deus, que é tão augusto que convém aos homens aproximarem-se dele por meio de sua mãe. É evidente, porém, que doutrinas dessa ordem não se estribam sobre o Novo Testamento, mas antes, surgiram dogmaticamente, nos pronunciamentos dos concílios, que a Igreja Católica Romana e a Igreja Ortodoxa Oriental aceitam como autoritários. Por sua vez, os protestantes e evangélicos rejeitam essas adições como produtos da imaginação humana, como especulações daqueles que não se limitam aos ensinamentos bíblicos. Uma palavra de cautela é útil, neste ponto. Deveríamos ter grande respeito pela doutrina da comunhão dos santos, a qual envolve muita lógica, além de contar com o respaldo de alguns trechos bíblicos. Com base nisso, podemos até supor que somos representados e ajudados pelas almas glorificadas dos homens. Todavia, apesar disso não poder transformar-se em dogma, pode fazer parte de nossa esperança cristã. Há uma grande comunidade de santos que nos observam e nos animam em nossa corrida espiritual (ver Heb. 11). Talvez a ajuda que eles nos prestam seja maior do que temos compreendido. Ver também os artigos intitulados *Mariologia* e Mariolatria.

VI. O Teísmo e a Mediação

Os gnósticos acreditavam em um Deus absolutamente transcendental. Não criam que Deus pudesse ou quisesse envolver-se com a matéria. Assim sendo, a fim de Lhe darem o controle sobre os mundos materiais (embora muitos deles não acreditassem ter sido criados pelo Deus supremo, mas pensavam que tinham sido criados pelo demiurgo, uma divindade secundária), eles conceberam uma longa sucessão de *aeons ou* mediadores angelicais. Eles pensavam que a luz de Deus, à proporção que se afastava dele, ia se tornando mais e mais débil, até chegar ao caos e à agitação, porquanto, na matéria bruta, a luz de Deus praticamente já não resplandece. Com esso tipo de sistema, em lugar do um único Mediador, o Filho de Deus, o gnosticismo dispunha de incontáveis mediadores, cada qual um pouco mais distante de Deus, mais e mais perdido nas trevas. O resultado prático desse sistema é que eles concebiam um Deus deísta, e não teísta. Em outras palavras, Deus não estaria diretamente interessado pela criação (o que, nesse caso, nem ao menos era dele, diretamente). O teísmo, por sua parte, pensa que Deus foi quem criou

tudo, estando sempre pronto a intervir, a recompensar os bons e a punir os maus. O coração humano acredita na pluralidade, pelo que os sistemas religiosos sempre gostam de conceber um grande número de mediadores entre os homens e a divindade. O cristianismo, em sua doutrina dos anjos, retém essa pluralidade; e nos sistemas cristãos em que os santos são importantes, mais ainda é adicionado a essa pluralidade. Se o Filho de Deus é por demais augusto para nos aproximarmos dele diretamente, então, de acordo com alguns, sua mãe poderia ajudar, como mediadora. Seja como for, no cristianismo bíblico, a despeito de quantos mediadores alguns afirmem que existem, por quaisquer razões, a verdade é que temos ali o *teísmo* (vide), e não o *deísmo* (vide). Isso posto, nenhuma doutrina de mediação deveria obscurecer essa realidade. (B C E F ND R UN Z)

MEDIADOR

Ver **Mediação (Mediador).**

MEDIÇÃO, CORDEL DE

A referência é a algum tipo de corda, de um determinado comprimento, usada para medir coisas. Ver Amós 7:17 e Sal. 78:55. Esses cordéis também eram usados para traçar linhas retas, onde seriam feitas construções. Ver Jó 38:5; Isa. 44:13. Sem dúvida, ambos os tipos de cordéis tinham os mais variados comprimentos. Ver o artigo geral sobre *Pesos e Medidas.*

MEDICINA (MÉDICOS)

Ver o artigo geral sobre as **Enfermidades**, em sua terceira seção, *Tratamento das Enfermidades na Antiguidade,* e em sua seção quarta, A *Teologia da Doença,* que se revestem de interesse especial para aqueles que queiram saber da importância da medicina nos tempos bíblicos. Esse artigo também alista todas as enfermidades mencionadas na Bíblia, com breves descrições. A esse material, nesse ponto, damos informações específicas sobre os *médicos, os* curadores profissionais (não-espirituais).

1. *Definição.* Um médico é alguém que aprendeu as técnicas da cura física. Em contraste com os curadores espirituais, o médico usa medicamentos, intervenções cirúrgicas, etc., ou seja, meios naturais, a fim de obter curas. Isso não significa, porém, que ele jamais apele para meios espirituais (se for do tipo de indivíduo que se inclina para isso, ou tenha tais habilidades). Todavia, ele não é conhecido como um curador espiritual.

2. No Egito. Os mais antigos registros que temos sobre os médicos profissionais nos vêm do Egito. Inhotep, um egípcio, foi o primeiro médico profissional a ser mencionado por nome. Ele viveu em cerca de 3000 A.C., e foi um terapeuta altamente respeitado. Finalmente, ele chegou a ser adorado como se fosse uma divindade, o que indica algo de sua elevada reputação.

A Medicina e a Religião. Todas as culturas antigas misturavam o natural com o sobrenatural, no tocante às curas, e a cultura egípcia não formava exceção. Os sacerdotes e os mágicos egípcios tinham a responsabilidade de curar os doentes, o que fazia parte da sua função. A conexão entre as enfermidades e os maus espíritos faz parte de uma antiga e honrada doutrina, não havendo razão para supor-se que isso não acontece. Apesar de supormos que usualmente as enfermidades têm uma causa orgânica, ou mesmo psicossomática, e não alguma causa espiritual, existem fortes evidências, nos estudos psíquicos modernos que provam que, efetivamente, algumas vezes os espíritos malignos causam enfermidades nas pessoas, de natureza tanto física quanto mental. Ver o artigo intitulado *Possessão Demoníaca,* quanto a algumas ilustrações modernas.

Os arqueólogos têm encontrado um bom número de crânios humanos com perfurações. Isso indica um tipo de cirurgia chamado *trepanação,* realizado com a finalidade específica de permitir que os maus espíritos escapassem. Cria-se que eles são capazes de causar todos os tipos de perturbações, incluindo desde as enfermidades físicas até os distúrbios mentais. Também sabe-se que era comum o uso de exorcismos. Além disso, no tocante a meios naturais de cura, era tradicional, em muitas culturas antigas, o emprego de ervas medicinais, conforme também se verifica até boje. Outras práticas médicas incluíam a fragmentação de ossos fraturados, a cauterização e sutura de ferimentos, e cirurgias de muitos tipos, algumas das quais realizadas com notável habilidade.

O conceito de sacerdote-curador era bastante eficaz quando posto em prática. Atualmente, pessoas que devem saber o que estão afirmando, dizem que cerca de noventa por cento das enfermidades físicas são causadas ou intensificadas por atitudes mentais erradas. E isso significa que o controle sobre a mente pode operar maravilhas sobre o corpo físico. Acrescente-se a isso que não há razão para duvidar que alguns desses terapeutas sejam dotados de poderes espirituais de cura (um fator constante em todas as culturas), que ajudam nas técnicas físicas médicas.

Especialidades. A arqueologia e as referências literárias indicam que os egípcios eram capazes de fazer da medicina uma arte autêntica. Eles tinham especialistas no uso de medicamentos internos, da cirurgia, da obstetrícia e do embalsamamento (este último item é aludido em Gên. 50:2). As primeiras obstetras de que se tem notícia, na Bíblia, foram as parteiras hebréias, Sifrá e Puá (ver Êxo. 1:15); e podemos ter a certeza do que elas aprenderam a sua técnica com os egípcios.

3. *A Medicina Grega*

a. *Esculápio* (cerca de 1200 A.C.). Tornou-se famoso por suas curas de cunho natural e sobrenatural. Somos informados de que, antes do tudo, ele explicava ao paciente tudo sobre a enfermidade que ele tinha. Então, ele mantinha o enfermo em um templo, fazia-o dormir mediante drogas ou a hipnose, e no dia seguinte, o paciente deixava o templo, inteiramente curado. Podemos imaginar que, se isso acontecia muito freqüentemente, então, que estava envolvida alguma forma de cura espiritual, ou, então, que Esculápio dispunha de medicamentos poderosíssimos sobre os quais nada conhecemos hoje em dia.

b. *Hipócrates (cerca* de 460 A.C.). Ele se tornou mais conhecido por causa de seu famoso juramento. Registrei o mesmo no artigo *Hipócrates, Juramento de,* que também fornece algumas informações sobre a sua pessoa. Ele é considerado o fundador verdadeiro da medicina científica. Rejeitava a terapia demoníaca das enfermidades, usava a medicina natural e a cirurgia, e tinha muita confiança na capacidade do corpo físico recuperar-se das enfermidades.

c. *Aristóteles* (cerca de 350 A.C.). Foi o maior biólogo de sua época, e ensinava medicina (entre outras coisas), em sua academia de Atenas. Foi autor prolífico, e deixou muito material escrito sobre vários campos do saber. Ver o artigo acerca dele.

4. *A Escola de Medicina de Alexandria.* Por volta de 300 A.C., muitas informações sobre a medicina tinham-se acumulado, com base nas culturas egípcia, babilônica, indiana, grega e romana. É possível que Lucas, autor do terceiro evangelho e do livro de Atos, tenha sido treinado em Alexandria. Lucas era altamente considerado pelos judeus com quem estava em contacto, ainda que, na antiga cultura dos hebreus, nem havia medicina e nem havia respeito pelos médicos. Talvez os considerassem uns charlatães.

5. *Na Cultura Hebréia.* No artigo *Enfermidades,* terceira seção, oferecemos alguma idéia sobre essa questão, no tocante à cultura dos hebreus. Entre os antigos israelitas não havia qualquer profissão (natural) de médicos, o que surgiu entre eles relativamente tarde. Eles não eram respeitados e nem inspiravam confiança, entre os hebreus. Se alguma cura fosse realizada, tudo era devido a ervas medicinais, ou por meios espirituais. No entanto, posteriormente, a profissão médica tornou-se conhecida em Israel. O Talmude menciona médicos que atuavam no templo de Jerusalém, para benefício dos sacerdotes; mas isso ou é uma informação inexata ou reflete um período posterior da história dos judeus. A própria Bíblia não nos dá qualquer informação dessa natureza, quanto ao período bíblico da história de Israel.

MEDOS

Ver **Média (Medos).**

MEETABEL

No hebraico, «acossada por Deus». Esse é o nome de duas pessoas nas páginas da Bíblia, um homem e uma mulher:

1. O pai do Delaías e antepassado (avô?) do profeta Semaías. Esse falso profeta foi contratado pare fazer oposição a Neemias (Nee. 6:10). Se Delaías foi avô de Semaías pode-se calcular que ele viveu em cerca de 500 A.C.

2. A filha de Matrede e esposa de Hadade, rei de Edom (Gên. 36:39; I Crô. 1:50). Ela deve ter vivido em cerca de 1600 A.C.

MEFAATE

No hebraico, «iluminadora», nome de uma cidade levítica, mencionada em Jos. 21:37; I Crô. 6:79, localizada no território da tribo de Rúben (Jos. 13:18). O trecho de Núm. 21:26 parece indicar que, originalmente, o local pertencia aos amorreus (Num. 21:26). Posteriormente, ficou na posse dos moabitas (ver Jer. 48:21). Tem sido tentativamente identificada com a moderna *Jawa,* cerca de nove e meio quilômetros ao sul de Aman.

MEFIBOSETE

No hebraico, «ele espalha», «ele extermina», ou «vergonha» (referindo-se, provavelmente, aos ídolos, uma vergonha pagã típica). Duas pessoas são conhecidas por esse nome, nas páginas da Bíblia, a saber:

1. *Um Filho de Saul.* Sua mãe era Rispa, concubina de Saul, que era filha de Aías. Davi entregou esse homem e seu irmão, além de quatro outros homens aos gibeonitas, que os sacrificaram a *Yahweh,* a fim de fazer parar um período de fome, pelo qual a região estava sofrendo (II Sam. 21:8 *ss).* Saul havia tentado exterminar aos gibeonitas (II Sam. 21:2), os quais tinham enganado a Josué, para que este entrasse em um acordo de proteção a eles, quando Israel invadira a Palestina (ver Jos. 9). O ato de Davi teve por finalidade remover a culpa de Saul, com a resultante maldição divina.

2. *Um Filho de Jônatas.* Ele foi neto de Saul.

a. *Pano de Fundo da História.* Jônatas e Saul haviam sido mortos em batalha, no monte Gilboa, quando Mefibosote ainda era uma 5 anos de idade e cuidava dele uma ama. Quando a ama recebeu notícias da morte do pai e do avô do menino, ela fugiu, atemorizada, mas, na pressa, deixou cair a criança, aleijando-a de ambos os pés, o que se tornou uma aflição para o resto da vida. Ver II Sam. 1:4; 4:4 e I Crô. 10.

b. *Refúgio em Gileade.* Mefibosete refugiou-se junto a Maquir, em Lo-Debar, cidade de Gileade (ver II Sam. 9:4). Por meio de Ziba, um próspero ex-mordomo da casa de Saul, Davi ficou sabendo que um filho de seu querido amigo, Jônatas, estava vivo, tendo escapado de ser morto pelos filisteus (ver II Sam. 9:3 *ss).*

c. *Provisões Feitas por Davi.* Mefibosete e seu filho, Mica, foram convocados a Jerusalém por ordem de Davi. Josefo (ver *Anti.* 7:5,5) preenche o hiato de informação dizendo-nos que Mefibosete fora criado por Maquir, o gadita, e que se casara e estava vivendo ali quando Davi, finalmente, derrotou seus inimigos e obteve uma autoridade estável. Ora, Davi jurara a Jônatas, seu estimado amigo, no sentido de que jamais cortaria da sua casa a sua bondade (ver I Sam. 20:15). Jônatas havia dado apoio a Davi, quando este fugia de Saul, e fez o quanto pôde a fim de garantir a segurança de Davi das más e assassinas intenções de Saul. Davi, pois, mostrou-se gentil e liberal para com Mefibosete, mas este estava temeroso. Davi devolveu a Mefibosete todas as propriedades que tinham pertencido a seu avô, e ordenou que Ziba cultivasse as terras em favor de Mefibosete. Além disso, Mefibosete e seu filho foram convidados a compartilhar da mesa do rei e seus filhos continuamente, o que significa que o sustento básico estava garantido (ver II Sam. 9:3). Considerando-se todas as coisas, Mefibosete deve ter entrado em um período de grande prosperidade material, devido à bondosa provisão feita por Davi.

d. *A Rebelião de Absalão e o Conflito Resultante.* Ziba e Mefibosete apresentaram sob ângulos diferentes o que havia acontecido. Davi foi forçado a fugir do conluio arquitetado por Absalão, na tentativa do apossar-se do trono de seu pai. Ziba entregou a Davi e seus homens, provisões de boca, no monte das Oliveiras (ver II Sam. 16:1). E informou a Davi que Mefibosete havia permanecido em Jerusalém, aparentemente com a esperança de poder tornar-se o próximo monarca de Israel. Em face disso, Davi decretou que tudo quanto havia pertencido a Mefibosete, agora pertencia a seu servo, Ziba, naturalmente presumindo que, quando as coisas voltassem à normalidade, essa transferência de propriedade seria efetuada.

Quando a rebelião de Absalão terminou em derrota, Davi forçou a acareação entre Mefiboseto e Ziba, e Mefibosete negou categoricamente a acusação, dizendo que Ziba o havia caluniado. Sua sinceridade pareceu convincente a Davi, e, ademais, Mefibosete estava em trapos, o que não indicava que ele tivesse estado celebrando a fuga do Davi. Ver II Sam. 18:24-30. Davi cortou então o nó górdio, dividindo as terras entre Mefibosete e Ziba (ver II Sam. 19:29). Um dos dois, portanto, recebeu um favor desmerecido, embora não saibamos dizer qual deles. Todavia, é possível que toda a questão envolvesse apenas um grande equívoco. Posteriormente, porém, Davi poupou a vida de Mefibosete (ver II Sam. 21:7). Os gibeonitas vingaram-se da casa de Saul, mas Davi não permitiu que Mefibosete fosse atingido. No caso do leitor não saber o que significa o *nó górdio,* deve consultar o artigo intitulado *Nó,* no seu último parágrafo, chamado *Cortando o Nó Górdio.*

MEGIDO

Esboço:

I. Caracterização Geral

II. Esboço da História

III. A Arqueologia e Megido

I. Caracterização Geral

O nome dessa cidade significa «lugar de tropas». Megido era uma das cidades reais dos cananeus (ver Jos. 12:21). Após a conquista da Terra Prometida, a cidade foi alocada à tribo de Issacar (Jos. 17:11), mas acabou sendo ocupada pele tribo de Manassés (Juí. 1:27). No entanto, no começo resistiu à colonização israelita, só tendo sido plenamente ocupada já no tempo do Salomão. Era uma cidade fortificada, desde os tempos mais remotos. Ficava em uma colina diante da planície de Esdrelom, na parte norte da Palestina, cerca de vinte e quatro quilômetros a sudoeste do monte Carmelo. Sua importância militar e estratégica vinha de épocas distantes, pois estava localizada em uma das mais antigas estradas que o homem conheceu. Essa estrada ia do Egito à Mesopotâmia. Em cerca de 1468 A.C., Tutmés III, do Egito, capturou e saqueou a cidade. No Cântico de Débora, faz-se menção a Megido (ver Juí. 5:19), como cena de uma grande batalha que teve lugar durante ou pouco após a invasão de Israel, e que alguns eruditos datam em cerca de 1125 A.C. No século X A.C., Salomão fortificou a cidade (ver I Reis 9:15), onde manteve carros de guerra e tropas montadas. A Universidade de Chicago, em vários empreendimentos arqueológicos, foi capaz de aprender muito acerca da região, tendo descoberto os estábulos e as fortificações feitas por Salomão. Foi ali que morreu o rei Acazias, em cerca de 840 A.C. (II Reis 9:27). Nos tempos de Tiglate-Pileser III (que governou em cerca de 745 a 727 A.C.), Megido tornou-se a capital de uma das províncias do império assírio. Durante o período romano, aquartelou-se ali uma legião, chamada em latim *Legio.* Alguns intérpretes pensam que *Armagedom* (Apo. 16:16) é nome que se refere à colina de Megido, esperando que esse local venha a tornar-se o palco de uma futura batalha decisiva, entre as forças do bem e as forças do mal. Ver sobre *Armagedom.*

O nome moderno do local é Tell el Mutesellim. Essa região tem sido extensamente escavada, e constitui uma das importantes áreas de explorações arqueológicas da Palestina. Ver a terceira seção, abaixo, onde se apresenta um sumário sobre essa questão.

II. Esboço da História

1. As evidências arqueológicas mostram que a área já vinha sendo ocupada desde tão cedo quanto 4000 A.C.

2. Os arqueólogos têm confirmado sua ocupação no início da era do Bronze (terceiro milênio A.C.). Há provas de grandes áreas urbanas ali. Mas houve uma invasão que interrompeu essa ocupação, embora mais tarde ela fosse reiniciada.

3. Uma estela do Tute-Hotepe (do nível XIII) mostra que a área tinha fortes laços com o Egito. Paralelamente, os textos de execração do Egito não lançam quaisquer maldições contra a região, e isso, provavelmente, devido as boas relações que eram mantidas entre o Egito e Megido, na época.

4. A área foi ocupada por tropas egípcias durante o tempo dos reis estrangeiros, os hicsos.

5. Megido tornou-se o cabeça de uma confederação que ofereceu resistência ao Egito, quando este tentou ocupar a terra do Canaã. Mas o Faraó Tutmés III pôs fim a toda resistência. Batalhas decisivas ocorreram em Megido. Após meses de combates, as forças egípcias obtiveram a vitória. A área tornou-se, então produtora de cereais, especialmente o trigo.

6. Chefes cananeus tornaram-se vassalos do Egito. O papiro Leningrado, nº 1116a, informa-nos que emissários de Megido foram recebidos na corte do Faraó, na XVIII Dinastia. Megido, evidentemente, tornou-se uma fortaleza, para manutenção do predomínio egípcio no vale de Jezreel.

7. Houve várias revoltas. Amenhotepe II esteve envolvido, abafando pelo menos duas dessas revoltas.

8. Megido era governada por Biridia, durante o período de El Amarna. Ele governou a cidade no fim do governo de Amenhotepe III, e no começo do governo de Aquenaton. Continuou havendo oposição ao Egito, durante todo esse tempo. O príncipe de Siquém, Lab 'ayu, revoltou-se contra os dominadores egípcios. Biridia não se dava com os administradores egípcios, e ficou sob suspeita. Lab 'ayu, com a ajuda dos *'apiru,* continuou a dar trabalho aos egípcios. Biridia apelou para que os egípcios enviassem tropas para restaurarem a ordem. O Faraó ordenou que Lab' ayu fosse aprisionado. Isso foi feito pelos reis cananeus, mas, tendo-os subornado, Lab 'ayu escapou, mas somente para ser recapturado e executado. Porém, os seus filhos continuaram em sua revolta. Não se sabe muito mais sobre a era do Bronze, quanto a essa região.

9. *A era do Ferro* leva-nos à história da invasão dos hebreus na região. Megido foi um dos lugares conquistados por Josué (Jos. 12:21), e foi entregue, a princípio, à tribo do Issacar (ver Jos. 17:11), mas depois ficou com a tribo de Manassés (ver Juí. 1:27). A pacificação não se completou senão já somente nos dias de Davi, quando a cidade foi inteiramente conquistada. Escavações recentes sugerem que Megido e Taanaque continuaram a existir lado a lado, durante o período de transição da ocupação cananéia para a ocupação israelita, anulando aquilo que antes os estudiosos imaginavam, isto é, que tenha havido povoações alternativas, ora dos israelitas, ora dos cananeus, com ocupações e expulsões sucessivas. Megido também foi o local da notável vitória de *Baraque* (vide) sobre Sísera, general sírio. Ver Juí. 4:15.

10. Salomão, ao dominar totalmente a área, fortificou as cidades de Megido, Hazor e Gezer (ver I Reis 9:15). Ele controlava as rotas comerciais, bem como as fortificações militares. Megido foi incluída no seu quinto distrito administrativo, sob as ordens de Baana, filho de Ailude, delegado de Salomão (ver I Reis 4:12).

11. Nos dias do rei Reoboão (cerca de 924 A.C.), a cidade caiu sob o poder de Sisaque, rei do Egito, o que é comprovado extrabiblicamente, em uma inscrição (Exibição de Faraó, nº 27). Uma esteia comemorando a vitória, encontrada em Megido, conta a mesma coisa.

12. Quando Jeú revoltou-se, o rei Acazias resistiu, mas foi ferido e fugiu para Megido (ver II Reis 9:27).

13. Em 733-732 A.C., Tiglate-Pileser III, rei da Assíria, conquistou a cidade, tornando-a capital administrativa da área. Isso incluía o vale de Jezreel e a Galiléia,

14. Quando o império assírio caiu, Megido, por um breve período, esteve novamente sob o poder de Judá. Foi assim que o rei Josias entrou em batalha contra o Faraó Neco, no vale de Megido, do que resultou a morte daquele rei de Judá (ver II Reis 23:29; II Crô. 35:22).

15. Durante o tempo da hegemonia persa, a cidade de Megido foi abandonada. A última referência bíblica a essa cidade diz respeito à lamentação que os judeus fizeram, ante a morte de Josias.

16. *Profecia.* O nome de Megido aparece novamente, com proeminência, na profecia bíblica sobre *Armagedom* (vide), que reflete no hebraico *har megiddon,* «colina de Megido». Ver Apo. 16:14-16.

III. A Arqueologia e Megido

As escavações que foram feitas em Megido acham-se entre as mais extensas, em toda a área da Palestina. Vinte níveis de ocupação têm sido identificados, começando no quarto milênio A.C. Os níveis XX e XIX procedem da era calcolítica. O último nível, I, representa uma cidade não-fortificada, e sem grande número de edificações. — Pertence ao período persa (séculos VI a IV A.C.), exibindo um estado bastante inglório. A antes poderosa Megido, pois, acaba desaparecendo das páginas da história antiga.

Sumário de Descobertas Significativas:

1. Níveis XX-XIX. Estabelecimentos calcolíticos; foi descoberto um santuário com o seu altar.

2. Níveis XVIII-XVI. Início da era do Bronze (terceiro milênio A.C.), uma cidade de boas dimensões existia ali na época. Uma muralha maciça, com quatro metros de espessura, circundava a cidade. Posteriormente, essa muralha foi fortalecida, tornando-se o dobro em espessura.

3. Níveis XV-X. O período de influência egípcia, primeira metade do segundo milênio A.C. Muitas edificações, templos, altares, santuários, excelentes portões em estilo mesopotâmico e inúmeros artefatos foram desenterrados. Há evidências de que muitas batalhas se deram ali, com destruições e reconstruções.

4. Níveis VIII-VII. Prosseguiu a dominação egípcia, mas a influência e o predomínio cananeus tornam-se mais patentes. Uma das mais antigas batalhas documentadas, aquela que se feriu entre as tropas de Tutmés II e a coligação de chefes cananeus, faz parte da história desse período. Os reis cananeus acabam tornando-se vassalos egípcios. O tempo foi cerca de 1468 A.C.

Desse período há descobertas que incluem um templo, um palácio, um portão e muitos artefatos, incluindo duzentos objetos esculpidos em marfim, encontrados em um tesouro subterrâneo, no nível VII. Essa foi uma das mais antigas descobertas dessa forma de arte, pertencente à era do Ferro. Quase todos esses itens, mui provavelmente, eram de origem fenícia. O sistema de suprimento de água também foi descoberto, com túneis e galerias. Um fragmento do épico babilônico de Gilgamés foi encontrado ilustrando as intercomunicações de culturas da época.

5. Nível VI. Uma destruição fez com que Megido fosse abandonada. Posteriormente, porém, foi reocupada.

6. Nível V. Esse é o nível da invasão israelita; mas as evidências mostram que houve um povo que ocupou esse lugar, nesse tempo, antes de Israel, e o nível V não pode ser identificado somente com a invasão de Israel. Muitos artefatos, relacionados a cultos religiosos antigos, chegaram até nós, pertencentes a esse período. Entre os objetos há altares de incenso, com chifres nas quatro esquinas superiores, pedestais de argila para incenso, braseiros—sem dúvida objetos feitos pelos cananeus.

7. Nível IV. Foi desenterrada uma significativa fortaleza, pertencente a esse período. Também pertencem a esse tempo um portão da cidade, com seis câmaras, e parte das muralhas. A ocupação e controle de Israel, dos dias de Salomão, aparecem nesse nível. Seus grandes estábulos foram desenterrados. Colunas de pedras, com perfurações nas quinas, serviam para amarrar ali os cavalos. Manjedouras de pedra eram usadas, então, e o chão ora pavimentado com pedras brutas, para impedir que os cavalos escorregassem. Provavelmente, parte das construções desenterradas, perten-

centes a esse nível, foi feita por Acabo. A cidade do nível IV finalmente foi destruída, do que testifica muito entulho.

8. Nível III. Ao que parece, Megido foi abandonada durante esse tempo. Porém, terminado o período, houve novamente construções ali. Sobre as ruínas das habitações dos períodos anteriores, foram levantadas novas edificações, podendo-se notar que houve cuidadoso planejamento para a reconstrução. Foram construídos dois grandes edifícios públicos nos locais exatos onde os reis cananeus tinham erigido antes os seus palácios. Também se faz presente um novo estilo arquitetônico. Apesar de significativos, os edifícios do nível III não se equiparam, em qualidade, aos edifícios ainda mais recentes. Esse nível pertence, essencialmente, ao período de dominação israelita, e provavelmente chegou ao fim em 733 A.C., quando Tiglate-Pileser III fez o poder do império assírio chegar até aquele território. A cidade do Megido tornou-se, então, a capital de uma província assíria.

9. Nível II. O poder da Assíria declinou na região por um breve período, e Judá apossou-se novamente da cidade do Megido. Porém, o rei Josias, de Judá, foi derrotado e morto ali, em 609 A.C., o que marcou o final da história de Israel, na região, até uma data bem posterior.

10. Nível I. Esse período cabe dentro do tempo da hegemonia persa (séculos VI e IV A.C.). A cidade da época era bastante modesta, sem fortificações.

Um grande acúmulo de informações, que ilustram a narrativa bíblica, nos vem de Megido, e as escavações arqueológicas ali feitas estão entre as mais recompensadoras aos exploradores, no tocante à Palestina. (AH(1972) AM ID LOU MAY ND UN Z)

MEGILOTE

Transliteração da palavra hebraica, no plural, que significa «rolos». No hebraico é *megillot.* Esse era o nome dado aos cinco livros de Cantares de Salomão, Rute, Lamentações, Eclesiastes e Ester,— que, na Bíblia hebraica aparecem na seção intitulada *hagiógrafos (vide).* Esses livros são lidos liturgicamente, nas sinagogas, por sua ordem, durante a Páscoa, no dia de Pentecoste, no nono dia do mês de Ab, na festa dos Tabernáculos e na festa de Purim.

MEIA-TRIBO DE MANASSÉS

Eles faziam parte da tribo de Manassés, aquele segmento que preferiu estabelecer-se em Gileade e Basã, a leste do rio Jordão. Juntamente com os homens das tribos de Rúben e Gade, foi requerido deles que ajudassem os seus irmãos israelitas na conquista da Palestina (Jos. 1:12-18). Um tipo de rivalidade, que algumas vezes manifestava-se sob a forma de inimizade, acabou surgindo entre as divisões oriental e ocidental de Israel (a linha divisória entre elas era o rio Jordão). Os que viviam na porção oriental passaram a ser conhecidos como as tribos da Transjordânia.

A meia-tribo de Manassés incluía partes de clãs dos maquiritas (descendentes de Maquir, primogênito de Manassés) (Jos. 17:1), que eram os mesmos gileaditas de Núm. 26:29 e Juí. 11:1. Outros gileaditas estabeleceram-se na porção ocidental do rio Jordão, sendo chamados «filhos de Manassés» (Núm. 26:28-34; Jos. 17:1,2). Entre eles também incorporaram-se alguns dos descendentes de Hezrom, de Judá e uma mulher descendente de Maquir (I Crô. 2:21-23) e os descendentes de Maaca (I Crô. 7:14-19).

Tiglate-Pileser III, da Assíria, pôs fim à história das tribos que viviam naquela região, levando uma grande parcela delas para outras regiões, bem mais ao oriente, naquilo que se chama de cativeiro assírio (vide). Ver II Reis 15:29 e I Crô. 5:26.

MEÍDA

No hebraico, «junção», «união». Ele foi o fundador de uma família de netinins, ou seja, servos do templo. Alguns dos descendentes dessa família retornaram com Zorobabel do exílio babilônico, a fim de fixar residência em Jerusalém (ver Esd. 2:52; Nee. 7:54, I Esdras 5:32), em cerca de 536 A.C.

MEIO-DIA

No hebraico, temos a expressão **sohar hom**, «dupla luz», e também *mahasith hayyom,* «metade do dia», em I Reis 18:29 e Nee. 8:3, respectivamente. A expressão grega equivalente é *heméra mésos,* «meio do dia» (ver Atos 26:13).

MEIOS DO DESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL

Ver *Desenvolvimento Espiritual, Meios do.*

MEIR

No hebraico, «preço». Ele era filho de Quelube, da tribo de Judá. Foi o pai ou fundador de Estom (I Crô. 4:11). Viveu em cerca de 1.600 A.C.

Esse também foi o nome de um famoso rabino do século II D.C., que preparou uma edição sistemática das leis tradicionais judaicas, onde expôs doutrinas que pavimentaram o caminho para a edição final da *Mishnah* (vide).

ME-JARCOM

No hebraico, «águas amarelentas», ou águas pálidas», ou «águas esverdeadas». Esse era o nome de uma cidade do território de Dã, que ficava perto de Jope (Jos. 19:46). Provavelmente, essa cidade derivava seu nome de algum riacho ou alagadiço que havia nas proximidades. O rio Nahr el-Auja deságua no mar Mediterrâneo a poucos quilômetros ao norte de Jope e, nesse percurso, há uma área pantanosa de cor amarelada, o que poderia ter dado origem ao nome daquela localidade. Entretanto, outros pensam que o nome deriva-se da cor das águas do próprio rio, visto que transporta em suspensão muita matéria orgânica, o que lhe confere uma cor amarelada ou esverdeada.

MEL

Três palavras hebraicas são traduzidas por «mel», nas páginas do Antigo Testamento, a saber:

1. *Yaar,* «colméia», que se refere ao mel de abelhas, exclusivamente. Ocorre somente por uma vez, em Can. 5:1.

2. *Nopheth,* «mel». Indica o mel que escorre da colméia, ocorrendo por cinco vezes: Sal. 19:10; Pro. 5:3; 24:13; 27:7 e Can. 4:11.

3. *Debash,* «mel». Essa palavra ocorre por cinqüenta e duas vezes, conforme se vê, por exemplo, em Gên. 43:11; Êxo. 3:8,17; Lev. 2:11; Núm. 13:27; 16:13,14; Deu. 6:3; 8:8; 31:20; 32:13; Jos. 5:6; Juí. 14:8,9,18; I Sam. 14:25,26,29,43; II Sam. 17:29; I Reis 14:3; II Reis 18:32; II Crô. 31:5; Jó 20:17; Sal. 19:10; Pro. 24:13; Can. 4:11; 5:1; Isa. 7:15,22; Jer. 11:5; Eze. 3:3; 16:13,19; 20:5,15; 27:17.

No grego temos uma palavra e uma expressão, ligadas a este verbete, a saber:

1. *Méli,* «mel». Palavra que figura por quatro vezes no Novo Testamento: Mat. 3:4; Mar. 1:6; Apo. 10:9,10.

2. *Melíssion kerion,* «colméia de mel». Expressão grega que ocorre somente uma vez, em Luc. 24:42.

A palavra hebraica *debash,* além de ser a mais freqüentemente usada, além de poder significar o mel de abelhas (ver, por exemplo, Juí. 14:8), também designa, ainda mais comumente o mel produzido por certas plantas ou o xarope de tâmaras. Trata-se da palavra hebraica geral que indica todas as espécies de xaropes derivados de espécies vegetais.

Canaã era a terra que foi descrita como terra que manava leite e mel (Êxo. 3:8). Isso fala, metaforicamente, sobre abundância e produtividade, como também sobre quão agradável era aquela região. O mel silvestre, juntamente com gafanhotos, fazia parte da dieta, talvez apenas ocasionalmente de figuras ascéticas, como João Batista (ver Mat. 3:4). O trecho de Lev. 2:11 mostra-nos que ninguém podia oferecer mel sobre o altar, e o mesmo é dito acerca do fermento. É possível que a proibição excluísse coisas extremamente doces ou extremamente azedas. Tanto o fermento quanto o mel podiam ser usados nas oferendas (ver II Crô. 31:5), mas não sobre o altar onde se acendesse o fogo. Os pagãos faziam oferendas misturadas com

mel, sendo possível que essa proibição tivesse algo a ver com esse costume. Os pagãos também faziam libações adoçadas com mel, pensando que os deuses deleitar-se-iam com o mel. Homero chamou o mel de «doce alimento dos deuses» *(Hino a Mercúrio,* prope finem). Heródoto nos diz que os egípcios usavam mel em seus sacrifícios *(Euterpe,* sive 1.2 c.40). Alguns supunham que o mel simbolizava os prazeres pecaminosos e, por essa razão, seu uso nos sacrifícios dos israelitas foi proibido. O mel fermenta-se facilmente, o que pode ter sido a verdadeira razão da proibição de seu uso nos sacrifícios.

O mel era um dos alimentos favoritos em Israel (Pro. 24:13; Eclesiástico 9:3). O mel silvestre era bastante comum (Deu. 32:13; Sal. 81:16). Havia mel no deserto da Judéia (Mat. 3.4; Miq. 1:6). O mel era empregado no fabrico de bolos (Êxo. 16:31), e ao que se pensa, era usado em medicamentos (Pro. 16:24). Era tão apreciado que era dado como presente, tal como agora damos caixas de chocolate (II Sam. 17:29 e I Reis 14:3). Fazia parte dos dízimos e das primícias (II Crô. 31:5). Isso sugere que desde tempos bem antigos domesticava-se a abelha.

Usos Figurados. 1. Um discurso suave é assemelhado ao mel (Can. 4:11). 2. A Palavra de Deus é espiritualmente deliciosa, pelo que é comparada com o mel (Sal. 19:10; 119:103). 3. O mel consumido com moderação representa a moderação nos prazeres (Pro. 25:16,27). 4. Os lábios das prostitutas destilam mel como se fossem uma colméia, e suas bocas são mais macias do que o azeite. Elas falam de maneira suave, lisonjeadora e atrativa. Isso fala das habilidades de sedução das mulheres de costumes frouxos (Pro. 5:3). 5. Uma terra que flua leite e mel é produtiva, fértil e atraente (Êxo. 3:8).

MELÃO (MELANCIA)

Ver Números 11:5. No deserto, os israelitas lembraram-se dos apetitosos melões que havia no Egito, e desejaram comê-los, entre outras coisas. Não sabemos dizer se a fruta em questão (no hebraico, *abattichim,* uma palavra que está no plural) era mesmo o melão ou a melancia. Sabe-se que ambas medravam bem no Egito, deliciosas. E os israelitas, no deserto, sentiam falta daquelas frutas suculentas. Visto que a palavra hebraica em foco está no plural, é possível que mais de uma espécie vegetal estivesse em pauta. O nome científico do melão é *Cucumis melo;* e da melancia é *Citrullus vulgaris.* Um melão pode pesar até 3,5 kg; e uma melancia, 14 kg. Essas frutas multiplicavam-se extraordinariamente, pelo que eram baratas e fáceis de serem encontradas em lugares bem irrigados. Eram especialmente apreciadas nas regiões de clima quente e seco, como na Palestina e no Egito. Os israelitas, vagueando pelo tórrido deserto do Sinai, anelaram poder contar com frutas dessa natureza.

MELATIAS

No hebraico, «Yahweh libertou». Esse era o nome de um gibeonita que ajudou a reparar parte da muralha norte de Jerusalém, quando um remanescente retornou do cativeiro babilônico, em cerca de 446. Ver Nee. 3:7.

MELEQUE

No hebraico, **rei.** Esse era o nome do segundo filho de Mica, filho de Meribe-Baal (I Crô. 8:35; 9:41). Ele pertencia à tribo de Benjamim. Viveu em algum tempo depois de 1037 A.C.

MELODIA: OS LÍRIOS

Essa expressão aparece, em nossa versão portuguesa, como subtítulo do Salmo 80, embora outras versões também a apresentem no Salmo 40. No hebraico temos a expressão *Shoshannim -Eduth,* «lembrança de lírios». É possível que isso aponte para o uso de flores em algum cortejo festivo. Mas outros estudiosos preferem pensar em alguma melodia antiga bem conhecida, o que explica a tradução que aparece em nossa versão portuguesa, «melodia: os lírios». A palavra hebraica *eduth* também era usada para indicar «lembrete», «testemunho», «advertência». Por essa razão, foi usada para aludir aos dez mandamentos, como os preceitos divinos todo importantes. Ver Êxo. 25:16,21; 31:18; 32:15 e 34:29, onde essa palavra é traduzida por «testemunho», em nossa versão portuguesa.

Essa mesma palavra é encontrada como parte de uma inscrição ou de certas composições poéticas, com o intuito de indicar que o que se segue é uma advertência ou incumbência divina revelada. Entre os judeus modernos, esse vocábulo significa um *compromisso* de intenções.

MELQUISEDEQUE

Esboço:

I. Nome e História
II. Rei e Sacerdote
III. Referências Bíblicas
IV. Significação Profética
V. Uso Hermenêutico
VI. Identificações

I. Nome e História

Melquisedeque é a transliteração, para o português, de um nome hebraico que significa «rei da justiça». Ele era rei de Salém (Jerusalém) e sacerdote de El Elion, o que o tornava um rei-sacerdote, o que serviu mui apropriadamente para ilustrar o mesmo ofício, ocupado em forma muito mais significativa, pelo Senhor Jesus, o Cristo. Salém tem sido identificada com Jerusalém com base na referência bíblica de Sal. 76:2, e pela antiga menção a essa cidade nas cartas de Tell el-Amarna, do século XIV A.C. As inscrições assírias referem-se a ela muito antes dessa cidade ter qualquer coisa a ver com o povo de Israel, mediante os nomes *Uru-salem* e *Uru-salimmu.* Os Targuns regularmente identificam-na com Jeru-salém, conforme também faz o *Gênesis Apócrifo.*

Talvez Melquisedeque fosse um sacerdote cananeu. Tanto *El* quanto *Elion* eram divindades cananéias bem conhecidas. A adoração cananéia a El Elion tem sido associada a Yahweh e sua adoração; e deveríamos recordar que esses nomes divinos não foram cunhados pelos hebreus, pois a verdade é que eles os empregaram para indicar seus conceitos específicos de Deus. A maioria dos críticos pensa que os trechos de Gên. 14:18-20 e Sal. 110:4 refletem sincretismo, mediante o que o reinado pré-davídico e a adoração ao El Elion cananeu foram vinculados à adoração a Yahweh. Naturalmente, muitos eruditos conservadores rejeitam isso. Mas, porque haveríamos de supor que a primitiva fé dos hebreus surgiu no vácuo? Coisa alguma é mais clara, na história das religiões, do que o fato de que elas dependiam de outras religiões mais antigas, ou paralelas, fazendo empréstimos das mesmas. Se acompanharmos a fé dos hebreus, veremos muitos desses empréstimos e adaptações. Até mesmo uma doutrina tão básica como a da imortalidade da alma não se originou entre os hebreus, podendo ser achada nas religiões orientais e na filosofia grega muito antes que ela tivesse aparecido na teologia dos hebreus. A complicada angelologia dos hebreus também era uma doutrina emprestada, que não aparece nos primeiros livros da Bíblia, pois ali, apesar de ser dito que os anjos existem, não há qualquer sistema hierárquico de tais seres.

Em Gênesis 14:19, El Elion aparece como o Criador, tornando-se claro que novas idéias, como também idéias adaptadas, foram atreladas a alguns nomes divinos. Mas isso não prova que esses povos antigos não conheciam e nem usavam esses nomes. A arqueologia tem provado, de maneira absoluta, que assim sucedia. A contribuição dos hebreus foi o monoteísmo, embora, provavelmente, até esse tivesse começado como um *henoteísmo* (vide). As noções dos homens sobre Deus são passíveis de melhoria, e na fé dos hebreus vemos esse princípio em operação. E esse processo nunca terminará, porquanto as nossas idéias sobre Deus são necessariamente provinciais e imperfeitas, estando sempre sujeitas a melhor elaboração. Em caso contrário, a *teologia* não será outra coisa senão *humanologia.* Somente Deus conhece verdadeiramente a teologia, os homens continuam em sua inquirição.

É claro que Abraão deve ter pensado que Melquisedeque servia ao *mesmo Deus* que ele servia. Porém, também é patente que em parte alguma Melquisedeque é identificado com a fé dos hebreus. De fato, aquelas delicadas distinções que os historiadores religiosos agora fazem acerca dessas coisas dificilmente descrevem *o primitivo estado* de coisas que prevalecia na época de Abraão. Não há que duvidar que Melquisedeque era homem conhecido por seu poder político e por sua espiritualidade, bem como por suas funções sacerdotais; e Abraão não hesitou em associar-se a ele, e mesmo a tratá-lo como um superior.

Muitas tentativas têm sido feitas para identificar Melquisedeque. Algumas dessas tentativas, equivocadamente, tentam situá-lo solidamente dentro da fé e da cultura dos hebreus, mas daí não tem advindo qualquer conclusão útil. Geralmente, somos ensinados a mostrar-nos hostis para com pessoas de outras fés religiosas, o que obscurece o respeito que elas merecem. Lembremo-nos que José casou-se com a filha de um sacerdote egípcio (ver Gên. 41:45). Desse casamento resultou o nascimento de Manassés e de Efraim, que, subseqüentemente, tornaram-se os patriarcas de duas das doze tribos de Israel. É difícil imaginarmos José mostrando-se hostil à família de sua esposa egípcia. Antes, ele teve ter mantido estreitos laços com a casta sacerdotal egípcia, embora também conservasse suas distinções pessoais. Talvez Abraão também mantivesse relações amistosas com os melhores membros religiosos de povos estrangeiros, tal como se deu com José e a família de sua esposa.

Informação Dada por Davi. Em Sal. 110:4, um rei da linhagem de Davi aparece sendo aclamado, por juramento divino, como «...tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque...» Talvez essa aclamação fosse resultante da conquista de Jerusalém por parte de Davi, em virtude do que ele e sua casa tornaram-se herdeiros da dinastia de reis-sacerdotes de Melquisedeque. Naturalmente, essa passagem também é profética e messiânica, embora talvez Davi nem tivesse entendido isso. A falta de informações sobre o sacerdócio do Melquisedeque histórico não nos permite especular muita coisa. Porém, podemos supor que alguma espécie de linhagem altamente respeitada de reis-sacerdotes tinha em Jerusalém o centro de seu poder, antes dessa cidade cair sob o domínio de Israel. É claro que esse oficial e o seu culto não faziam parte da fé e da cultura dos hebreus, a despeito do que, era altamente respeitada pelos grandes líderes da nação de Israel.

II. Rei e Sacerdote; Tipologia

Melquisedeque é apresentado como um rei que tinha funções e direitos sacerdotais (ver Gên. 14:18 *ss).* O próprio Abraão lhe prestou homenagem. Certamente, pois, a sua glória ultrapassa à de Aarão. Cristo assumiu esse sacerdócio real, mas revestido ainda de maior glória. Notemos que, no trecho de Zac. 6:13, são combinados os ofícios de rei e de sacerdote, no tocante ao Messias. O autor sagrado volta a considerar o sumo sacerdócio de Melquisedeque de forma mais completa, em Heb. 7:1-10, com o propósito definido de mostrar sua superioridade sobre o sacerdócio aarônico, e isso faz parte de seu argumento que visava mostrar que, em Cristo, todos os tipos sacerdotais são cumpridos e ultrapassados, não havendo mais qualquer necessidade de um sumo sacerdócio terreno. Cristo incorpora, em si mesmo, todo o sacerdócio de que precisamos. Até o próprio Aarão, por intermédio de Abraão, pagou os dízimos a Melquisedeque, com o resultado que o «menor foi abençoado pelo maior». Foi Melquisedeque quem abençoou Abraão, pelo que também aquele era maior do que este, para nada dizer sobre Aarão, que por esse tempo nem havia nascido ainda.

III. Referências Bíblicas

Melquisedeque: As únicas referências bíblicas a esse personagem se acham nos trechos de Gên. 14:18; Sal. 110:4; Heb. 5:6,10; 6:20; e 7:1,10,11,15,17,21. Pode-se ver, com base nisso, que o autor supre a discussão maior. No A.T., quando muito, Melquisedeque aparece como figura simbólica. É dito que ele era «rei de Salém» (Jerusalém), na passagem referida do livro de Gênesis, sendo também chamado de «rei da justiça», em Heb. 7:2. Ele saudou a Abraão ao voltar este, após ter vencido Quedorlaomer e seus aliados, tendo-lhe apresentado pão e vinho e tendo-o abençoado no nome do Deus Altíssimo; ao mesmo tempo, Melquisedeque recebeu dízimos da parte de Abraão, de todos os despojos que este tomara do inimigo (ver Gên. 14:18 e *ss).* Essa é a totalidade das informações que possuímos a seu respeito, embora a tradição, como é usual, tenha adornado a narrativa bíblica.

IV. Significação Profética

A *significação profética* de Melquisedeque é claríssima, entretanto. O Salmo 110 pinta a divindade do Messias (ver Sal. 110:1, comparar com Mat. 22:41-46). Também fica destacada a sua realeza (ver Sal. 110:1 e *ss;* comparar com Atos 2:34-36). O seu sacerdócio é igualmente destacado (ver o quarto versículo). Nas referências da epístola aos Hebreus sua significação profética é ainda mais amplamente esclarecida. Ele ilustra a superioridade do sacerdócio de Cristo sobre o de Aarão (ver Heb. 5:6 e 7:7). Seu sacerdócio é eterno (ver Heb. 5:6); é real (ver Heb. 7:1) sua origem é misteriosa e desconhecida, e assim a filiação eterna de Cristo é ilustrada (ver Heb. 7:1). Na qualidade de Filho é ele também sacerdote, e isso empresta a ele uma dignidade maior que a de qualquer sacerdote terreno (ver Heb. 7:3 e 5:5). Ele é o grande abençoador, mediante quem todos os «menores» são abençoados (ver Heb. 7:7). E ele é superior a Levi, a Aarão, a Abraão e a todos os seus descendentes levitas (ver Heb. 7:6-10).

V. Uso Hermenêutico

Hermeneuticamente, Melquisedeque é importante porque ilustra diversas coisas: 1. um significado mais profundo da história; 2. como a história pode ser profética e simbólica; 3. a unidade do Antigo e do Novo Testamentos; 4. a universalidade do ofício messiânico e sumo sacerdotal de Cristo; 5. a ab-rogação das ordens sacerdotais do Antigo Testamento, por estarem todas cumpridas em Cristo.

VI. Identificação

A sua obscuridade tem fascinado a tradição, pelo que também muitas identificações conjecturadas têm sido imaginadas, a saber:

1. Alguns dizem que o Espírito Santo teria aparecido na terra sob essa forma. Mas essa opinião é extremamente ridícula.

2. Outros fazem dele uma manifestação de Cristo no A.T. Se isso fosse verdade, teríamos de esperar uma verdadeira «encarnação» antes dos tempos neotestamentários, posto que ele teve uma história contínua, tendo sido rei de Jerusalém. Contudo, alguns aceitam a idéia de uma «encarnação».

3. Outros estudiosos supõem que Melquisedeque teria sido encarnação de alguma outra elevada personalidade celeste.

4. Outros dizem que ele seria Sem, filho de Noé, o que é opinião comum entre vários escritores judeus (ver Targum em *Jon. e Jerus. Jarchi, Baal Hatturim, Levi Ben Gersom e Abendana,* sobre Gên. 14:18; *Bemidbar Rabba,* seção 4, fol. 182,4; *Pierke Eliezer,* cap. 8; *Jushasin,* fol. 135:2 e outros).

5. Outros supõem que ele teria sido um monarca cananeu, da descendência de Cão.

6. Outros ainda consideram-no um ser como Adão, diretamente criado por Deus, e que literalmente não teria ascendência humana.

7. Também há aqueles que o identificam com Jó ou com algum outro personagem do A.T.

Todas essas conjecturas não têm base em que se possa confiar, sendo bem provável que ele não possa ser identificado com qualquer outra personagem conhecida. O fato de que ele não tinha pai nem mãe provavelmente significa que não há *registro* de seus ancestrais, e, que, profeticamente, ele simboliza o divino Filho-Profeta, acerca de quem não se pode falar de qualquer linhagem terrena.

MELZAR (COZINHEIRO-CHEFE)

No hebraico, **melzar**, uma palavra de origem persa que significa «copeiro», «despenseiro». Esse era o título de certo oficial da corte persa, que ficou encarregado de cuidar de Daniel e dos outros jovens

hebreus que eram candidatos à promoção ao ofício de magos (ver Dan. 1:11,16). Alguns eruditos acham que essa palavra indica o nome próprio do homem em questão, mas outros supõem que esteja em pauta um mero título oficial. Aparece sempre com o artigo definido, detalhe que pesa em favor da idéia de tratar-se de um título, e não de um nome próprio.

MEM

Esse é o nome da décima terceira letra do alfabeto hebraico. Foi usada para introduzir o décimo terceiro segmento do Salmo 119, que é um acróstico, onde cada verso começa com essa letra, no original hebraico. Numericamente, valia quarenta.

Um poema *acróstico* é aquele em que letras introduzem porções do mesmo, especialmente quando tais letras, acompanhadas uma a uma, formam uma palavra. Esse termo português vem do grego *ákros,* «fim», e *stíchos,* «verso». Ver o artigo geral sobre o *Hebraico.* Em seu uso, o *Mem* eqüivale ao nosso M.

MEMBRO

1. Usos Veterotestamentários

No hebraico, *yatsur,* palavra usada para indicar qualquer porção ou membro do corpo humano. Ver Jó 17:7; Sal. 139:16. Jó. em seus sofrimentos físicos, referiu-se a todos os membros de seu corpo como uma *sombra,* dando a entender a fragilidade e temporalidade do homem mortal. A referência do livro de Salmos alude a partes dos corpos dos animais.

2. Usos Neotestamentários

O termo grego é **mélos**, um membro literal do corpo, como a mão ou um olho. Ver Mat. 5:29,30. Nesses versículos, lemos que é melhor perder um membro ofensor, que nos leva ao pecado, do que o corpo inteiro sofrer angústias na Geena. Visto que as traduções comuns dizem «inferno», em vez de «geena», alguns têm objetado, dizendo que os corpos não podem ser lançados no inferno (isto é, no hates). A dificuldade é prontamente resolvida mediante o exame do original grego, onde se lê *géena,* que corresponde ao «lago do fogo» de Apo. 20:14,15. Essa passagem mostra que, então, as almas perdidas terão recuperado seus corpos físicos, mediante a ressurreição para a condenação. Isso posto, Jesus estava falando sobre a residência final dos perdidos, após o julgamento do trono branco, e não sobre a residência temporária das almas perdidas, que o original grego chama de *ádes,* e que deu *hades* em português.

Outros estudiosos têm aventado a idéia de que a linguagem de Jesus, em Mat. 5:29,30 era figurada, porquanto corpos físicos não podem ser enviados para o inferno. Mas, novamente, essa idéia deriva-se de não se levar em conta a diferença entre *ádes* e *Géena,* que mostramos no parágrafo acima. Seja como for, a palavra «corpo», incluindo seus membros, serve para indicar a *vida* da pessoa, e a vida está na alma.

Em um trecho como Rom. 6:13 aprendemos que os membros do corpo são usados por nós para cometermos pecados, e a exortação que ali existe é que não devemos permitir tal coisa. Bem pelo contrário, nossos membros do corpo devem ser usados para fins de justica. A passagem de Tia. 4:1 diz algo similar. As paixões operam em nossos membros do corpo, causando muitos males e confusões entre nós. As paixões pecaminosas atuam através dos membros do corpo (Rom. 7:5). Em Rom. 7:25 também aprendemos que a lei do pecado opera nos membros do corpo. A despeito disso, as Escrituras jamais chamam a matéria ou o corpo físico de pecaminosos, conforme fazia *o gnosticismo (vide),* que afirmava que a *alma* é pura, mas que a matéria (e, por conseqüência, o corpo físico) é impura e má, por participar do princípio do mal. No cristianismo, porém, o corpo físico aparece como uma vítima fácil do princípio do pecado, embora ele não seja maligno em si mesmo. O trecho de Col. 3:5 mostra que se quisermos vencer a batalha contra o pecado será mister mortificar os nossos membros, a fim de que não se prestem como instrumentos da injustiça.

Sócrates, o filósofo grego, dizia que ele morria diariamente, dando a entender com isso que salientava a vida do espírito e desenfatizava a vida física, pelo que, metaforicamente, mantinha-se em estado de mortificação física. Tiago 3:5,6 é passagem que mostra que a língua pode ser um membro do corpo muito ativo e destrutivo, ajuntando que aquele que pode controlar a língua, pode controlar seu corpo inteiro. Efésios 4:25 frisa a necessidade de *dizermos a verdade,* porquanto somos membros uns dos outros (espiritualmente falando), visto que entre os remidos há certa unidade espiritual, e a mentira tende por destruir essa unidade.

3. Sumário de Usos Metafóricos

a. O homem é frágil e temporal, conforme o demonstra a debilidade dos membros de seu corpo (Jó. 17:7).

b. Os membros do corpo simbolizam a vida ou alma, que pode sofrer danos no hades (Mat. 5:29,30).

c. Nossos membros físicos demonstram a fraqueza do ser humano, que cede diante te uma grande multidão de pecados diversos (Rom. 7:5,25).

d. Nossos membros físicos devem ser metaforicamente mortificados, mediante a santificação e uma vida disciplinada (Col. 3:5).

e. A língua é como um *cavalo* desembestado, que precisa ser controlado mediante *um freio* (*a* disciplina espiritual). A língua assemelha-se a uma chama, que pode incendiar toda uma floresta (Tia. 3:5). Ela é um *mundo* de injustiça, entre outros membros, tão grandes são seus poderes de destruição (vs. 6). Ela é um *veneno* descontrolado (vs. 8). A língua é um *instrumento* que abençoa ou amaldiçoa (vs. 9). É como o *leme* de uma embarcação, que guia a pessoa inteira para o bem ou para o mal (vs. 4).

f. Cada membro do corpo simboliza um membro da Igreja de Cristo. Em seu conjunto, esses membros perfazem o corpo, tal como Cristo é o Cabeça do Seu corpo místico (Rom. 12:4; I Cor. 12:12,25). Isso deveria inspirar-nos a cuidar uns dos outros, da mesma maneira que um corpo adoece, a menos que todos os seus membros sejam saudáveis. Cristo, na qualidade de Cabeça da Igreja, deve governá-la, e o seu corpo místico precisa obedecer-lhe as ordens, tal como os membros do corpo físico obedecem às determinações do cérebro. Cristo, o Cabeça da Igreja, supre ao seu corpo místico vida e nutrição (Efé. 4:16). Quanto a um completo desenvolvimento dessa metáfora, ver os artigos separados intitulados *Corpo; Corpo de Cristo; Cabeça (Cristo)* e *Corpo (Igreja).*

g. *Nos Sonhos e nas Visões.* 1. O corpo inteiro simboliza a pessoa inteira, visto que o corpo físico é a manifestação externa da *pessoa.* Mas, por ser uma manifestação externa, o corpo físico também pode simbolizar a *máscara* da pessoa, ou seja, o que ela mostra ser, diante das outras pessoas, embora não seja isso. 2. Em face de seus muitos mistérios, o corpo físico pode representar o que é insondável e impossível de entender. 3. A parte superior do corpo pode apontar para a mente ou para os aspectos pessoais de uma pessoa. 4. A parte inferior do corpo pode indicar os instintos básicos. 5. O lado direito do corpo pode simbolizar a parte moral e correta de uma pessoa; o seu lado esquerdo pode apontar para os aspectos imorais e inferiores de uma pessoa. 6. Partes aguçadas do corpo, como um dedo, um braço ou um dente, podem simbolizar o pênis masculino. Aberturas, como a boca, podem simbolizar a vagina. 7. A cabeça simboliza a capacidade de controle sobre o corpo. 8. O abdômen pode simbolizar a ansiedade ou as emoções em geral. 9. O ânus pode simbolizar o egoísmo, o espírito voluntarioso ou a atitude de desafio. 10. O sangue pode simbolizar vida, comunhão, expiação, o espírito de unidade, conforme se vê na expressão «irmãos de sangue». 11. O olho simboliza o discernimento, a iluminação, a apreciação acerca das outras pessoas. Ver Efé. 1:18 e Mat. 6:22. Além disso, o olho representa aquilo que é muito precioso como na expressão «a menina dos olhos (Deu. 32:10; Sal. 17:8; Pro. 7:2; Zac. 2:8). 12. A calvície ou perda dos *cabelos* simboliza a perda da virilidade ou das forças físicas. A *cabeleira abundante* representa força, saúde e fertilidade. Os psicólogos dizem-nos que as mulheres com longos

cabelos atraem a atenção, não somente pelo fato em si, como objeto de beleza, mas porque os cabelos longos da mulher dão a entender que ela é fértil. 13. As *mãos ou os dedos* podem simbolizar os agentes do trabalho, a capacidade de fazer coisas, a criatividade ou, então, podem ser um símbolo fálico. Uma mão gigantesca, vista no céu, pode significar o Ser divino. As mãos postas em contraste indicam conflito e indecisão. A mão direita, nesse caso, indica o que é melhor para ser feito ou decidido; a esquerda aponta para a alternativa inferior. 14. A *cabeça* é indicativa da inteligência, da orientação, dos intuitos conscientes. Uma pancada na cabeça indica um ferimento sério ou um retrocesso na vida. 15. A *boca* aponta para os aspectos receptivos ou exigentes do indivíduo. A boca também representa o poder das palavras, que podem ser usadas para o bem ou para o mal. Em Rom. 3:14, a boca é símbolo da maldição e da amargura que tanto caracteriza os homens. Os *lábios*, parte frontal da boca, indicam palavras maliciosas, pois sob os lábios está o veneno das cobras (vs. 12). 16. A *garganta*, em Rom. 3:13, aparece como um sepulcro aberto, o que alude à horrenda depravação do ser humano não regenerado. 17. Os *pés* são os instrumentos do ato de andar, da conduta, da busca, da progressão. Eles podem encaminhar-se para o bem ou para o mal. Rom. 3:15 expõe o lado negativo da questão. Os homens usam seus pés a fim de correrem para a violência, ao derramarem sangue inocente. Rom. 10:15 salienta o lado positivo, falando de quão belos são os pés daqueles que pregam o evangelho. 18. O *nariz* indica a intuição, como na expressão: «Estou cheirando algo de errado». Alguns animais são equipados com narizes muito sensíveis, que lhes dão muitas formas de informação. A intuição de algumas pessoas é uma fonte de conhecimento muito necessário. 19. A *pele* pode mostrar a parte externa de uma pessoa, aquilo que ela aparenta para as outras, a maneira como ela se apresenta. Essa máscara é «tão superficial quanto a pele», ou seja, não mostra muito da verdadeira personalidade e caráter da pessoa. Uma pele áspera e feia indica uma pessoa dura, egoísta. Uma pele grossa indica insensibilidade moral e espiritual. 20. Os *dentes* são símbolos de agressão. Dentes que caem simbolizam a morte. Porém, no caso de crianças, indica que estão chegando à adolescência. Se uma mulher sonhar que engoliu seus dentes, isso pode indicar gravidez. Isso deriva-se do fato de que a boca pode simbolizar a vagina, e o estômago, para onde desceram os dentes engolidos, simboliza o útero. 21. O útero é a fonte da vida.

MEMORIAL, MEMÓRIA

1. Palavras Envolvidas

No hebraico, *azakarah*. Essa palavra era associada, a princípio, com os sacrifícios. Ela trazia à memória a essência do culto religioso, para proveito do homem. Ver Núm. 5:26. A raiz dessa palavra significa «ferroar», «espinhar», fazendo-nos lembrar o que foi dito sobre as palavras de Sócrates. Essas palavras eram como «espinhos» nas mentes de seus ouvintes. Aquilo que espinha, penetra ou estimula a mente serve-nos de lembrete. As formas nominais, *zekher* e *zikkeron* referiam-se aos memoriais do santo nome do Senhor (Sal. 30:4); ou eram aplicadas a pedras (ver Jos. 4:7) que serviam para comemorar algum evento ou oferenda (ver Núm. 5:15). Também podiam indicar o registro sobre algum fato (Êxo. 17:14), ou um livro de memórias (Mal. 3:16) ou de crônicas (Lev. 23:24). A memória do justo permanece como uma bênção àqueles que chegaram a conhecê-lo, direta ou indiretamente (Pro. 10:7); mas a memória dos ímpios perece da face da terra (Jó. 18:17).

No hebraico, *moemosunon*, «memorial». Esse vocábulo aparece por três vezes no Novo Testamento: Mat. 26:13; Mar. 14:9; Atos 10:4. O evangelho sempre incluirá a história da mulher que ungiu a Jesus com um ungüento caro como que preparando o seu corpo para o sepultamento. Isso, por sua vez, servirá de perene *memorial* em favor dela (segundo se vê nas referências de Mateus e de Marcos). As orações e as esmolas de Cornélio serviam de memorial diante de Deus. Em outras palavras, Deus lembrava-se dele por sua causa dessas atitudes, e abençoou a sua vida de acordo com elas (a referência em Atos). Essa palavra também pode ter o sentido de simples «memória» (I Clemente 45:8; Sal. 34:,16; na Septuaginta). Também foi empregada na Septuaginta com o sentido de *oferta memorial* (ver Lev. 2:2,9,16; 5:12). Uma palavra grega cognata é *mnéma*, «túmulo», porquanto lembra de modo especial alguma pessoa falecida. *Mneme*, «memória», é outra palavra cognata.

2. Definição e Ilustração

Um **memorial** consiste em qualquer coisa escrita, ou mental, mediante o que as pessoas têm sua memória avivada quanto a algum acontecimento ou personalidade. A páscoa, por exemplo, fazia o povo de Israel relembrar como *Yahweh* poupara aos primogênitos de Israel mas tirou a vida dos primogênitos dos egípcios (ver Êxo. 12:14). Um monte de pedras, deixado no leito do rio Jordão, serviu de memorial do cruzamento desse rio, sob circunstâncias especiais (Jos. 4:7). O sumo sacerdote de Israel usava pedras preciosas com letras hebraicas gravadas (Êxo. 28:12; 29). Os sacrifícios oferecidos por Israel faziam-no lembrar seus pecados e seu pacto com Yahweh (Núm. 5:15). Quando Maria ungiu a Jesus com um dispendioso ungüento, ele cuidou para que o mundo nunca se esquecesse do evento, que veio a tornar-se parte do evangelho (Mat. 26:13). O nome do Senhor, por si mesmo, é um memorial para os seus filhos (ver Isa. 26:8). Vários atos divinos pesados, envolvidos na origem ou destino do homem foram assim comemorados: a criação (Êxo. 13:9), o livramento da servidão no Egito (Êxo. 13:8), a morte de Cristo na cruz (I Cor. 11:24-26), comemorada mediante a Ceia do Senhor, e, então, os feitos e a adoração memorial de homens santos, como Mordecai (Est. 6:1 *ss)*, de Maria (Mat. 26:6-13), de Comélio (Atos 10:1-4), e de todos os justos, porquanto seus feitos seguem-nos, ao morrerem, garantindo a segurança e a bem-aventurança deles (Apo. 14:13).

3. Propósitos e Instrumentos Especiais

Os memoriais serviam para destacar aquilo que era importante do que era comum; para inspirar os homens a atos de justiça; para preservar a memória daquelas coisas que Deus aprova, para que os homens aprendam das mesmas. Os *túmulos* eram memoriais, talvez com um sentido interior, uma instituição que relembrava o fato de que o homem, realmente, é um ser imortal, e que qualquer tributo prestado ao homem não é vão e nem destituído de significação. *Pedras* serviam de memoriais importantes, porquanto as coisas que nelas se inscreviam perduravam por longo tempo. Ver Êxo. 28:9-12. O novo nome será inscrito em uma pedra preciosa, o que simboliza o caráter ímpar de cada ser (ver Apo. 3:12). Os crentes são colunas no templo de Deus, em cujas colunas é inscrito o nome de Deus, o nome da Nova Jerusalém e o nome do próprio Cristo. Isso designa a imortalidade e a glorificação deles. Os *livros* são memoriais naturais porquanto registram, de forma extensa, a mensagem divina, dando clara indicação acerca da responsabilidade humana (Êxo. 17:14). A Bíblia é o mais duradouro dos memoriais de Deus, que continua comunicando o plano de Deus aos homens, além de revelar-lhes a mensagem da redenção. As *festividades*. Há uma festa no Antigo Testamento, a *Páscoa* (vide), e uma no Novo Testamento, a *Ceia do Senhor* (vide). Ver, respectivamente, Êxo. 12:14 e I Cor. 11:24. *Dias especiais*. O sábado servia de memorial (Êxo. 20:8). Paulo mencionou muitos dias especiais, quase todos eles comemorativos (Rom. 14:4 *ss)*. A Igreja cristã tem determinado muitos dias comemorativos, sobre eventos e pessoas. Ver sobre o *Calendário Eclesiástico*.

MEMORIAL ESCRITO

Em Malaquias 3:16, há alusão a um registro com esse nome. O mais provável é que se trate de uma metáfora, similar à que cerca o «livro da vida» (ver o artigo). Estão em foco registros memoriais antigos, feitos por reis, onde eles anotavam questões importantes, que não deveriam ser esquecidas. Seria a mesma coisa que os anais de um reino. O trecho de Malaquias fala sobre aqueles que agora reverenciam a Deus, os quais serão relembrados no futuro dia do Senhor, e serão protegidos e salvos eternamente. (G)

MEMUCÃ

Não se sabe o que essa palavra significa. Foi nome de um dos sete conselheiros reais, que atuava na corte dos medos e persas (ver Est. 1:14,16,21). Ele recomendou a deposição da rainha Vasti. Aqueles conselheiros eram homens sábios, eruditos nas leis, os quais eram consultados sempre que os conselhos deles se faziam necessários.

MENAÉM

Esse foi o nome do décimo sexto rei de Israel. Ver o artigo geral sobre *Israel, Reino de*. Esse artigo alista todos os reis de Israel, dando as suas datas e uma breve descrição de seus reinados. Ver também *Israel, História de*.

Esboço:

1. Nome e Família
2. Caracterização Geral
3. Data de seu Reinado
4. O Problema de Tifsa
5. Relações com a Assíria

1. Nome e Família

O nome desse rei, em hebraico, significa «consolador». Ele era filho de Gadi, o que pode significar que ele pertencia à tribo de Gade, e não que seu pai, realmente, tivesse esse nome. Fora à parte essa pequena informação, nada sabemos acerca de seus antecedentes.

2. Caracterização Geral

No texto bíblico ele aparece abruptamente, parecendo ter sido um dos chefes militares do rei Zacarias. Quando soube do assassinato daquele rei, e de como Salum, o assassino, havia usurpado o trono, marchou imediatamente de Tirza (onde recebera tais notícias) para Samaria, a capital do reino do norte. Menaém matou Salum e tornou-se rei por usurpação, por sua vez. A cidade de Tifsa (ver o quarto ponto, abaixo) recusou-se a aceitar o seu governo, pelo que ele prontamente marchou contra a mesma e ordenou uma grande e bárbara matança, acerca do que Josefo (ver *Anti.* 9.11,1) fez comentários mordazes. Josefo disse que nem mesmo da parte de estrangeiros se poderia esperar coisas tão terríveis como aquelas que Menaém fez. Tendo começado tão horrendamente, naturalmente ele aderiu aos pecados de *Jeroboão* (vide). Porém, as dificuldades estavam tão-somente começando. Os assírios estavam expandindo seus territórios, e Israel tornou-se alvo dessas conquistas. Menaém, porém, foi capaz de evitar a invasão assíria mediante o pagamento de cinqüenta siclos cobrados de cada homem de posses em Israel. Não muito mais é dito acerca de Menaém. Esse suborno, entretanto, não livrou Israel por muito tempo, embora ele mesmo tivesse continuado a ocupar o trono até a sua morte que ocorreu em cerca de 742-741 A.C. Foi substituído no trono por seu filho, Pecaías. Menáem foi o último rei de Israel a ter um filho seu como sucessor. Quanto aos registros bíblicos a respeito de Manaém, ver II Reis 15:14-22. Seu reinado durou dez anos (cerca de 746-737 A.C.).

3. Data de Seu Reinado

Uma das grandes dores de cabeça que cercam os estudos sobre o Antigo Testamento é a questão da cronologia. Ver o artigo *Cronologia*. Há estudiosos que pensam que é imprescindível determinar datas exatas, razão pela qual um ano ou dois torna-se motivo para intermináveis discussões. A arqueologia e as referências literárias antigas são evocadas para prestar seu testemunho, na busca pela solução desses enigmas cronológicos. Os sincronismos com base em II Reis 15:17,23 informam-nos de que o reinado de Menaém deu-se entre o trigésimo nono e o qüinquagésimo ano de Uzias, o que seria dez anos, mais o seu ano de ascensão ao trono. Tiglate-Pileser III tornou-se rei da Assíria em 745 A.C., e rei da Babilônia, com o nome de Pul, em 727 A.C., ou seja, apenas um ano antes de sua morte. Esses fatos são demonstrados pela correlação da Crônica Babilônica com a lista dos reis babilônios. O trecho de I Crô. 5:26, dá-nos essa identificação de nomes. Menaém é mencionado com seu nome em assírio, *Menihimmu*, nos anais de Tiglate-Pileser, que diz ali que Menaém pagou tributo ao império assírio. Essa referência literária tem sido datada por Albright como pertencente a 738 A.C. Ele parte da data mais remota em que esse rei assírio pode ter morrido. Todavia, a questão tem dado margem a muitos debates, e poderíamos pensar que aquela referência fala sobre algum outro ano. Isso posto, não nos ajuda muito tentar marcar uma data exata para o reinado de Menaém, rei de Israel. Alguns pensam que ele reinou entre 752 e 742 A.C., mas outros faiam em 745 e 738 A.C. Essa última possibilidade não aceita como exato o sincronismo com II Reis 15:1. Na verdade, a questão dos reinados e co-reinados dos monarcas sempre provocou confusão quanto às datas de governo de qualquer dos reis antigos. Alguns estudiosos tentam datar o reinado de Menaém como mais antigo, dando espaço para os reis restantes, que são mencionados em II Reis 15:23,26 e 17:1. Os eruditos ainda não encontraram qualquer modo de computação que seja absolutamente certo, acerca dessa questão, pelo que a questão da cronologia bíblica, no tocante aos períodos de governo dos reis, forma um espinhoso problema para os eruditos.

4. O Problema de Tifsa

O nome dessa cidade, no grego, tinha a forma de *Thapsacus*. Ficava no alto curso do rio Eufrates, embora sua localização não possa agora ser determinada com exatidão. Os críticos textuais emendam o nome para *Sameque*, o que não representa muita modificação no hebraico. *Tifsa* poderia ter sido forma produzida por um erro escribal. Mas outros dizem que esse nome aponta para uma localidade não-identificada, que tinha, realmente, esse nome. A Septuaginta luciana diz *Tapua* (vide), o que tem sido seguido por algumas traduções, mas sem apoio nos antigos manuscritos, mas somente naquela versão. Além da identificação geográfica do lugar, um outro problema é o da excessiva brutalidade que o rei Menaém usou contra seus compatriotas israelitas, ultrapassando o que se poderia esperar de um pagão. Mas, quando se trata de um político sedento de poder, qualquer coisa pode suceder, até mesmo matanças, e a questão de raça em coisa alguma impede tais violências. Consideremos os grandes expurgos de Stalin, da União Soviética, entre a sua própria gente; ou os expurgos de Mao Tsé-Tung, na China Comunista. E também não é nenhum segredo o que aconteceu na Argentina, em tempos bem mais recentes. Talvez Menaém não tivesse agido pior do que Stalin.

5. Relações com a Assíria

Não há certeza se Maenaém pagou seu suborno (tributo) à Assíria, nos primeiros ou nos últimos anos de seu reinado, e os eruditos não concordam entre si a esse respeito. Sem importar qual tenha sido o caso, coisa alguma ficaria provada sobre o estado do poder assírio, se mil talentos de prata, pagos, não fossem o bastante para impedir uma invasão assíria, se a Assíria, naquele ponto dos acontecimentos, tivesse a capacidade de desfechar tal ataque. A história mostra-nos que os reinos sempre foram muito ambiciosos por tributos, e talvez, em certas ocasiões, fosse mais interessante receber tributo do que invadir outra nação e defrontar-se com uma multidão de problemas. O fato foi que, a fim de pagar tanto dinheiro, Menaém impôs uma taxa sobre sessenta mil pessoas, aquelas que eram mais endinheiradas. Incidentalmente, isso mostra que eram mantidos registros cuidadosos dos cidadãos de Israel, de tal modo que o governo sabia qual a situação financeira dos indivíduos. A taxa envolveu o preço de um escravo (ver Zac. 11:12), o que consiste em uma curiosidade para nós. Um tributo similar foi cobrado por Tiglate-Pileser III, de Peca, e por Senaqueribe, de Ezequias. Porém, Adade-Nirari realmente se saiu bem quando levou dois mil e trezentos talentos de prata, de Damasco, em 806 A.C., além de vinte talentos de ouro. Menaém, como é claro, estava barganhando para permanecer mais tempo no trono. Talvez, incidentalmente, ele estivesse interessado na independência de Israel. Sem dúvida, ele agia pragmaticamente. Mas talvez ele tivesse pensado ser mais fácil negociar com a Assíria do que com outros inimigos, como a Síria e a Fenícia. Tal avaliação, porém, mostrou estar equivocada, e o cativeiro assírio (vide) ocorreu não muito tempo depois.

MENE, MENE, TEQUEL, UFARSIM

1. As Palavras

Essas palavras são aramaicas e significam «numerado, pesado, dividido», as quais foram interpretadas por Daniel (Dan. 5:5,25-28), como uma predição de condenação contra Belsazar e seu reino babilônico. A mensagem completa era a seguinte: «MENE: Contou Deus o teu reino, e deu cabo dele». «TEQUEL: Pesado foste na balança, e achado em falta». «PERES: Dividido foi o teu reino, e dado aos medos e aos persas». Belsazar e seu povo haviam sido pesados e achados leves demais, na balança divina, não podendo contrabalançar o juízo divino iminente. Os medos e persas, povos irmãos, haveriam de tornar-se o império mundial seguinte.

2. A Interpretação

Demos acima tanto a interpretação de Daniel quanto uma interpretação histórica do que veio a suceder. Os astrólogos, oficiais e adivinhos babilônicos não puderam nem ler e nem interpretar a mensagem. Visto que as palavras são caldaico puro, é difícil perceber a razão pela qual não as puderam ler. Talvez tivessem sido inscritas de forma visionária, não podendo ser lidas por olhos profanos. Ou, então, «ler», nesse caso (ver Dan. 5:7,8), signifique «ler com entendimento». Nesse caso, eles reconheceram as palavras, mas não souberam dizer qual o seu significado. O próprio rei estava aterrorizado e perplexo, e chamou seus sábios, na esperança de lhe fornecerem uma resposta. Mas isso só foi feito por Daniel (ver Dan. 5:24 *ss),* presumivelmente por divina interpretação. O mistério não estava no deciframeno das palavras, mas no significado delas. A interpretação dada pressupõe o texto massorético. A palavra «mene», duplicada como foi, ocorreu por ditografia escriba, para efeito de ênfase, ou propositalmente, a fim de fazer as quatro palavras corresponderem aos quatro reinos de Daniel, nos capítulos segqndo e sétimo de seu livro, a fim de emprestar à mensagem uma espécie de simetria. Pessoalmente, penso que a repetição visava à ênfase.

3. As Circunstâncias

O rei **Belsazar** (vide) organizara um imenso festim. Por pura ostentação, foram exibidos os vasos de ouro e de prata que Nabucodonosor, seu pai, havia retirado do templo de Jerusalém. Isso simbolizava o poder da Babilônia, e como a Babilônia havia reduzido a nada outras nações. Mas também era um ato de desrespeito para com *Yahweh, o* Deus de Israel. Ademais, os babilônios exaltavam às suas próprias divindades, representadas por ídolos feitos de ouro, de prata, de bronze, de ferro, de pedra e de madeira. Isso posto, o festim era uma orgia idólatra e blasfema. Foi em meio à festa que os dedos de um homem apareceram e escreveram sobre a caiadura da parede. E o rei, estando perto, pôde observar todo o acontecimento. Pode ter havido uma escrita literal, que deixou marcas sobre a parede, ou pode ter sido uma visão compartilhada por todos os convivas. Seja como for, foi um acontecimento impressionante, que arrebatou a atenção de todos os presentes e os deixou aterrorizados.

4. A Providência Divina

Deus é quem dera aos babilônios e a Belsazar o poder que eles tinham. Não obstante, não reconheceram isso, nem apreciaram sua significação. Ver Dan. 5:18-20. Deus dava a eles até mesmo a vida que tinham, simbolizada pela respiração deles (vs. 23). No entanto, Deus não estava sendo honrado por eles. Antes, volveram-se para os ídolos e para a bebedeira como sua maneira de viver. Portanto, a mesma providência divina que lhes havia dado todas aquelas coisas e vantagens, agora as removia deles, com a total desintegração do próprio império babilônico.

5. Lições Espirituais

Os propósitos e a providência de Deus incluem até mesmo os povos pagãos. Nada existe fora do controle do poder de Deus. Até mesmo os pagãos têm a responsabilidade de manusear corretamente os dons e privilégios que recebem, e tanto mais os indivíduos regenerados. Deus é um Deus teísta, e não deísta. Deus intervém, castiga e recompensa aos homens, de acordo com as obras de cada um. Quanto maior é o privilégio recebido, tanto maior deve ser o senso de responsabilidade. Ver os artigos intitulados *Teísmo* e *Deísmo.*

MÊNFIS

1. Nome
2. Geografia
3. Esboço Histórico
4. Arqueologia
5. Importância Religiosa
6. Nas Páginas da Bíblia

1. Nome

No egípcio, essa palavra é *Mo-nfr.* No hebraico, temos *Mop* ou *Nop.* No começo, essa cidade era chamada *inb-hd,* «muralha branca». Então, tornou-se *Menefer,* o nome da pirâmide que comemorava Pepi I, da VI Dinastia egípcia. Essa palavra acabou corrompida para *Mênfis.* Um nome alternativo dessa cidade era *Hi-k-up-tah,* cuja raiz significa «casa do espírito de Ptá». Dessa palavra é que se deriva o nome *Egito. Menefer,* por sua vez, alicerça-se sobre o egípcio *Man nofri,* que significa «a habitação», conforme somos informados por Plutarco *(Isid. et Osir.,* cap. 20). Ela também era chamada *Pthah-ei,* «residência de Ptá». Há uma lenda que diz que Menes foi o primeiro rei humano do Egito, e alguns ligam o nome dele ao nome dessa cidade; mas, mais provavelmente, a lenda inventou esse nome a fim de «explicar como as coisas começaram», e, mediante um som similar, chegou-se ao seu nome. Nesse caso, o nome daquele rei derivou-se do nome dessa cidade, e não vice-versa.

2. Geografia

Mênfis ficava localizada às margens do rio Nilo, cerca de vinte e quatro quilômetros do ponto mais nortista do rio, e cerca de vinte e um quilômetros ao sul da moderna cidade do Cairo. Uma cidade moderna, chamada Mit Rahineh, ocupa parte do antigo locai.

3. Esboço Histórico

As tradições dizem-nos que Menes (3100 A.C.) foi o fundador de Mênfis, e que também unificou o Egito, formando um único império, fazendo dessa cidade a sua capital. Sem importar se isso exprime a verdade ou não, o fato é que essa cidade foi capital do Reino Antigo, tendo retido essa posição até o final daquela era (cerca de 220 A,C.). Então, ao deixar de ser a capital, Tebas passou a ocupar esse privilégio. Contudo, Mênfis continuou sendo cidade importante, mormente como centro religioso. Os etíopes capturaram-na em 630 A.C.; os assírios fizeram a mesma coisa em 731 e 666 A.C. Os persas apossaram-se dela em 525 A.C Durante o período persa, Mênfis foi um centro cosmopolita, tendo sido visitada pelo historiador grego Heródoto. Alexandre, o Grande, visitou a cidade; mas Alexandria ultrapassou-a em muito. Após isso, pouco mais se registra sobre a cidade, até à conquista dos islamitas. Eles usaram material retirado de suas ruínas para edificar o Cairo, a princípio chamado *al-Fustat.* Isso ocorreu no século VII D.C.

4. Arqueologia

As escavações começaram em Mênfis, em 1909. Essa primeira campanha arqueológica prolongou-se até 1913. O principal arqueólogo foi Sir Flinders Petrie. Foram descobertos o templo e a acrópole de Ptá. Houve outros dois períodos de escavações, encabeçados por C. S. Fisher, em 1915–1919, e novamente, em 1921-1922. Restos do templo de Ramsés II (1301-1234 A.C.) foram, então, descobertos, como também uma capela de Seti I (1313-1301 A.C.), vários túmulos datados de cerca de 800 A.C.; restos de casa de embalsamamentos do boi Apis, com inscrições de Neco, de Apries (na Bíblia, Ofra) e de Sesonque (na Bíblia, Sisaque). A Universidade de Pennsylvania auspiciou essas escavações de 1954 a 1956, do que resultaram muitos artefatos descobertos. Entre os restos encontrados podemos mencionar ruínas de uma vintena de pirâmides, e a famosa esfinge. Também devemos mencionar as pirâmides de Djedefre, em Abu Rawash, as de Quéopes, Quéfren e Miquerinos, em Gizé, e as da V Dinastia, em Abisir.

5. Importância Religiosa

O deus supremo de Mênfis era Ptá. Ele era considerado o criador, o patrono das artes e dos ofícios, e era concebido como dotado de imensos poderes. Seus ídolos exibem-no com a forma de um homem, com barba reta, cabeça lisa (provavelmente careca), à moda dos egípcios, que rapavam os cabelos. Ele brandia um cetro que indicava seu poder real. Uma estela do tempo de Sabaca (cerca de 700 A.C.) dá-nos algum discernimento quanto à teologia que circunda esse deus. Presumivelmente, ele teria criado todas as coisas mediante a força de seu pensamento, conforme muitos filósofos idealistas têm dito ser possível. E também teria criado as coisas falando para elas virem à existência, *à moda do livro de Gênesis.* Naturalmente, ele não era a única divindade de Mênfis. Ele formava uma tríada divina, juntamente com Ptá, sua esposa, e o filho deles, Nefertem. A adoração ao boi, tão popular no Egito, fazia parte do culto religioso de Mênfis. Ver sobre o *Boi Ápis.* Entre os seus chifres aparecem o disco solar e uma serpente. Esse boi era considerado encarnação de Ptá e de Osíris. Quando Osíris foi combinado com o boi Ápis, tornou-se Serápis. Ver o artigo geral intitulado *Deuses Falsos.* Ver o artigo chamado *Tríadas (Trindades) na Religião.*

6. Nas Páginas da Bíblia

Os hebreus chamavam essa cidade de **Nofe** (ver Isa. 19:13) ou *Mope* (ver Osé. 9:6). Jeremias falou sobre os ultrajes da cidade (Jer. 2:16), tendo predito que Nabucodonosor derrotaria os egípcios, e que os israelitas que estivessem então residindo em Mênfis seriam feitos prisioneiros. Ezequiel também profetizou acerca dessa cidade (Eze. 20:13-16). A cidade é mencionada um total de oito vezes, nos livros proféticos. Talvez a mais notável profecia de condenação de Mênfis seja a de Ezequiel, que atacou amargamente a sua idolatria, predizendo a destruição da cidade. Jeremias predisse que a cidade ficaria desolada e em totais ruínas. Alguns intérpretes pensam que a ausência comparativa de ídolos, descobertos no Egito (embora saibamos que a idolatria tivesse sido intensa ali) pode ser explicada pela vasta destruição de seus templos e artefatos, por exércitos inimigos invasores.

MÊNFIS, VERSÃO DO NOVO TESTAMENTO

Além das duas principais versões egípcias do Novo Testamento—a saídica e a boárica, também houve outras, em quatro outros dialetos: a menfítica; a faiúmica; a acmímica e a subacmímica. Todavia, nesses dialetos faltam largas porções do Novo Testamento. Cerca de metade do evangelho de João existe em um manuscrito pertencente ao século IV D.C., no dialeto faiúmico. No dialeto subacmímico há o evangelho de João, em um papiro do século IV D.C. Há fragmentos de Mateus, Lucas, João, Tiago e Judas no dialeto acmímico, parte dos quais data dos séculos IV e V D.C. No tocante a versões do Antigo e do Novo Testamentos, o termo *menfítico* designa o que agora se chama boárico. Há alguns poucos fragmentos do Antigo Testamento. Mênfis era a principal cidade do Baixo Egito, e o adjetivo boárico refere-se àquela área do Egito. Esse nome deriva-se do árabe, *Bohairah,* que é dado à região. Em conseqüência, *menfítico* e *boárico* são meros sinônimos. Existem mais de cem manuscritos da versão boárica; e o mais antigo é um manuscrito dos evangelhos, com data de 1173 - 1174 D.C. Quanto a completas informações a respeito, ver *Manuscritos, Novo Testamento* e *Versões Antigas.* A versão egípcia, a grosso modo, tem o tipo alexandrino de texto, o mais antigo representante de tipo de texto regional do Novo Testamento.

MENI (DESTINO)

No hebraico, «destino», «sorte». Esse era o nome de uma divindade pagã, mencionada em Isa. 65:11. O profeta Isaías queixou-se que o povo de Israel esquecera-se do culto a Yahweh a fim de armar mesas de banquetes à Fortuna (o deus *Gad)* e ao *Destino* (o deus *Meni).* O culto religioso sempre envolveu a idéia de banquetes. O alimento é oferecido aos deuses, mas é consumido pelos homens. Não se sabe ao certo que povos adoraram, a princípio, os deuses Gad e Meni. Alguns estudiosos têm sugerido a Babilônia, mas outros pensam na Ásia Ocidental. Ver o artigo geral intitulado *Deuses Falsos.*

MENINA

No hebraico, **yaldah**, que significa, literalmente, «nascida». Em Joel 3:3 e Zac. 8:5, a palavra parece significar, apenas, «menina». Mas em Gênesis 34:4, onde a palavra é traduzida por «jovem», em nossa versão portuguesa, parece que o termo refere-se a uma donzela em idade de casamento, presumivelmente virgem, mesmo porque, em Israel, todas as jovens solteiras que havia, presumivelmente, — eram virgens. O trecho de Zacarias 8:5 fala tanto sobre meninos como sobre meninas. No Novo Testamento, temos a palavra grega *kore,* «menina», em sua forma diminutiva, *korasion.* Mas também encontramos a forma diminutiva *paidiske,* derivada de *pais,* «criança». *Korasion* é palavra que aparece no Novo Testamento por um total de oito vezes: Mat. 9:24,25; 14:11; Mar. 5:41,42; 5:22,28 (neste último versículo, por duas vezes). *Paidiske* pode significar «menina» (Mat. 26:69; João 18:17; Atos 12:13), menina escrava (Atos 16:16) ou serva (Gál. 4:22,23,30,31). Essa palavra aparece por um total de treze vezes, nas páginas do Novo Testamento.

MENINA (DONZELA)

Devemos pensar aqui sobre certa variedade de palavras hebraicas e gregas:

No hebraico:

1. *Negebah,* «menina», similar a *naarah* (II Reis 5:2,4; Esd. 2:4,9,13). Ver seu uso em Lev. 12:5. Corresponde ao termo grego *paidíske* (Mar. 14:55), designando uma criança do sexo feminino, do nascimento à adolescência. Esse termo hebraico ocorre somente em Lev. 12:5.

2. *Bethulah* (Êxo. 22:16; Juí. 19:24; Jó 31:1; Sal. 78:63; Jer. 2:32;51). Essa palavra significa «virgem», podendo tanto indicar uma virgem recém-casada, ou mesmo uma jovem esposa (ver Joel 1:8).

Metaforicamente, cidades e países também eram designados por essa palavra, mais ou menos como usamos os pronomes «ele» ou «ela» para indicar um país ou uma cidade. Ver Jer. 18:13; 31:4,21; Amós 5:2. Tal termo ocorre por nada menos de sessenta e uma vezes no Antigo Testamento.

3. *Almah* (Gên. 24:43; Êxo. 2:8; Sal. 68:25; Isa. 7:14). Essa é a palavra em torno da qual os estudiosos têm debatido tão acaloradamente, visto que aparece na passagem messiânica de Isa. 7:14, sendo citada em Mat. 1:23 mediante o termo grego *párthenos,* «virgem». A própria palavra hebraica, *almah,* significa «mulher jovem». Porém, visto que toda mulher jovem e solteira, em Israel, segundo se esperava, era uma virgem, algumas vezes a palavra era usada nesse sentido secundário. *Bethulah,* mais freqüentemente, era usada para indicar a idéia de «virgem». Essa palavra, *almah,* ocorre por catorze vezes nas páginas do Antigo Testamento. Ver o artigo intitulado *Nascimento Virginal de Jesus.*

4. *Shipheah (*Gên. 30:7 *ss;* Sal. 123:2; Isa. 24:2), «criada». Essa palavra hebraica ocorre por sessenta e três vezes no Antigo Testamento. É usada no Antigo Testamento como sinônimo da palavra seguinte, número cinco.

5. *Amah,* «escrava» ou «criada» (ver Gên. 30:3; Êxo. 21:20; Lev. 25:6; I Sam. 1:11; Sal. 116:16). Esse vocábulo hebraico aparece por cinqüenta e uma vezes no Antigo Testamento.

No grego:

1. Korásion, forma diminutiva e posterior de *kóre,* «menina», «menina pequena», palavra comumente usada na Septuaginta, por vinte e nove vezes. É empregada por oito vezes no Novo Testamento: Mat. 9:24,25; 14:11; Mar. 5:41,42; 6:22,28 e Apo. 18:9.

2. *Neanis, «jovem».* Usada por trinta e nove vezes na Septuaginta, mas por nenhuma vez no Novo Testamento.

3. *Paidíske, «menina».* Essa palavra é forma diminutiva de *pais,* «criança», sendo usada por noventa vezes na Septuaginta e por treze vezes no Novo Testamento: Ver Mat. 26:69; Mar. 14:66,69;

Luc. 12:45; 22:56; João 18:17; Atos 12:13; 16:16; Gál. 4:22,23,30,31. A palavra normal, *pais*, «criança», é usada por vinte e quatro vezes no Novo Testamento, e indica tanto uma criança quanto um jovem, do sexo masculino ou do sexo feminino.

4. *Párthenos, «virgem»*, Usada por sessenta e quatro vezes na Septuaginta, embora nem sempre com o sentido de «virgem». Interessante é que em Gên. 24:16; Mat. 1:18; Luc. 1:27 temos a palavra nesse sentido; e, em Apo. 14:4, até mesmo indicando homens. Esse vocábulo grego é usado por catorze vezes no Novo Testamento: Mat. 1:23; 25:1,7,11; Luc. 1:27; Atos 21:9; I Cor. 7:25,28,34,36,37; II Cor 11:2; Apo. 14:4. Essa é a palavra que é tradução de *almah*, termo hebraico que aparece em Isa. 7:14 e em Mat. 1:23. Assim sendo, *párthenos* é a interpretação neotestamentária de *almah*. Ver os artigos intitulados *Virgem* e *Nascimento Virginal de Jesus*.

MENINA DO OLHO

Expressão que indica a **pupila** do olho. Metaforicamente era usada para indicar algo *precioso*, que tinha de ser ciosamente guardado. O termo hebraico por detrás do vocábulo significa «homenzinho», provavelmente uma alusão à pequena imagem que uma pessoa vê de si mesma, refletida nos olhos de outra pessoa. Há também outras expressões hebraicas como «filha do olho» ou «portão». Ver Deu. 32:10; Sal. 17:8 e Zac. 2:8, que enfatizam os cuidados de Deus por Seu povo, e também Pro. 7:2, que fala sobre a preciosidade da lei divina. Em Lamentações 2:18, o termo é usado como símbolo das lágrimas. (SZ)

MENORAH

Essa é a palavra hebraica que indica o candeeiro com sete braços, usado no tabernáculo (ver Êxo. 25:31-40; 37:17-24), e, então no templo de Jerusalém (ver Zac. 4:2-5,10-14). Ver o artigo separado sobre o *Candeeiro de Ouro*.

De acordo com é tradição popular, a luz divina do *menorah* simboliza a presença de Deus (no hebraico, *shekinah)*. Essa tradição também diz que essa luz jamais se apagou, até que a glória de Deus se afastou voluntariamente do templo de Jerusalém. Isso teve lugar, segundo a mesma tradição, pouco antes do templo ser destruído. Em cada sinagoga há uma imitação do *menorah*, e que simboliza ali, entre outras coisas, o espírito iluminador e inextinguível do *judaísmo*.

MENSAGEIRO (ARAUTO)

No aramaico, *karoz*, que ocorre somente em Dan. 3:4. Ver também o artigo intitulado *Proclamação*.

Um *arauto oficial*, usualmente, era um representante do governo. Os arautos é que levavam as mensagens oficiais do governo. Apesar de que o Antigo Testamento não chama, especificamente, os profetas de arautos, era exatamente isso que eles eram. Assim Sião é uma anunciadora de coisas boas, em Isa. 40:9. Em Gên. 41:43 e Est. 6:9 *ss*, a função dos arautos pode ser vista por alguém que corria adiante da carruagem real, proclamando alguma mensagem aos ouvidos do povo. Em Dan. 3:4, o arauto aparece operando, ao tornar conhecida a vontade do rei. Nos escritos dos rabinos vemos os arautos sendo usados para fazer anúncios públicos, incluindo os ensinamentos da lei.

No Novo Testamento, os arautos do evangelho são os evangelistas, os pregadores e os mestres cristãos. A idéia de «pregador» aparece no Novo Testamento grego mediante a palavra *kerússo*, «pregar». Ver o artigo sobre *Pregar, Pregação*.

MENTIRA (MENTIROSO)

1. *Definições Básicas*

Temos preparado um longo artigo sobre os *Vícios*, onde é comentado o vício da mentira. *Mentir* é fazer declarações propositalmente falsas, meias verdades que envolvem falsas impressões. Um exagero proposital é um tipo de mentira, como também o é uma declaração parcial proposital. Até mesmo as verdades proferidas com o intuito de enganar, naquilo em que visam iludir, não passam de mentiras. Entretanto, as histórias de ficção, escritas ou filmadas, embora não correspondam à realidade, não são mentiras, visto que não se propõem a narrar fatos, mas tão somente simbolizam fatos e idéias.

2. *Palavras Bíblicas Envolvidas*

No hebraico encontramos *kazab*, palavra usada por vinte e nove vezes, conforme se vê, por exemplo em Juí. 16:10,13; Sal. 40:4; Pro. 6:19; 14:5,25; 19:5,9; Isa. 28:15,17; Eze. 13:8,9,19; Dan. 11:27; Osé. 12:1; Amós 2:4; Sof. 3:13. Também encontramos *sheqer*, que aparece no Antigo Testamento por cerca de quarenta e três vezes com o sentido de «falsidade», «mentira», («mentiroso» etc., segundo se vê, para exemplificar, em Jó 13.4; Sal. 63:11; 119:69; Isa. 9:15; 59:3; Jer. 9:3,5; 14:14; 29:21,31; Eze. 13:22; Miq. 6:12; Hab. 2:18; Zac. 10:2 e 13:3. Ambas as palavras podem indicar «engano», «mentira». Outras palavras hebraicas bem menos usadas são *akzab* (Miq. 1:14), *bad, «artifício»* (Jó. 11:3; Isa. 16:6; Jer. 48:30); *kachash*, «fingimento» (Osé. 7.3; 10:13; 11:12; Naum 3:1); *dabar*, «palavra de falsidade» (Pro. 29:12).

No grego encontramos *pseũdos*, «mentira», «falsidade», palavra empregada no Novo Testamento por sete vezes: João 8:44; Rom. 1:25; II Tes. 2:11; I João 2:21,27; Apo. 21:27; 22:15. E também *pseũsma*, «falsidade», em Rom. 3:7.

3. *Usos Bíblicos*

Os homens mentem, principalmente, a fim de enganar. Essa palavra é usada nas Escrituras para indicar as declarações falsas dos homens acerca de Deus e das realidades espirituais (Jer. 14:14; Eze. 13:9; Rom. 1:25). A verdade divina é reduzida a uma mentira, pelas idéias e declarações dos homens. As mentiras dos homens pervertem, portanto, a verdade ditá por Deus. Toda mentira cria uma falsa certeza (Isa. 28:15). Os resultados da mentira são o erro e a ilusão (Jer. 23:32). Os padrões morais são solapados pelas mentiras (Rom. 1:26 *ss)*.

Deus não pode mentir, mas precisa julgar (I Sam. 15:29; Tito 1:2). Por isso, a mentira nunca é atribuída a Deus, mas é atribuída aos homens, como quando prestam falso testemunho (Pro. 6:19). O ato de mentir era proibido pela lei mosaica (Êxo. 20:16; Lev. 19:11). Os crentes deveriam reconhecer que o ato de mentir é próprio da vida velha, na incredulidade, devendo ser rejeitado pelo crente como uma roupa indesejável, segundo se vê em Col. 3:9: «Não mintais uns aos outros, uma vez que vos despistes do velho homem com os seus feitos». O trecho de João 8:44 apresenta Satanás como o pai da mentira. Os trechos de Apo. 21:27 e 22:15 mostram que os mentirosos habituais (que o fazem devido à sua natureza corrompida e não regenerada), ficam impedidos da salvação e do lar celestial.

4. *Discussões Filosóficas*

Será errada a mentira, em todos os casos? Alguns filósofos asseveram que há ocasiões em que mentir é melhor do que dizer a verdade. Um meu professor de filosofia deu um exemplo em classe, baseado na vida real, ocorrido durante a Segunda Guerra Mundial. Ele falou sobre um sacerdote católico romano que se viu envolvido no movimento de resistência subterrânea de um país debaixo do poder militar dos nazistas. Vidas dependiam dele. Quando foi apanhado, ele confessou, e não mentiu, dizendo aos alemães que, de fato, fazia parte daquele movimento. O resultado foi desastroso. Também poderíamos pensar no caso dos pacientes terminais. Tais pacientes devem ficar sabendo da verdade, ou, pelo menos em alguns casos, é melhor enganar o doente? Há pessoas que simplesmente querem saber seu estado, e a essas deveríamos dizer a verdade. Mas há outras que, segundo os médicos e seus familiares julgam, sentir-se-iam menos premidas se a verdade não lhes fosse revelada, pois assim enfrentariam a morte mais tranqüilamente. Isso posto, em tais casos, seria melhor mentir a um paciente terminal. Se esses casos são exemplos de exceções válidas à regra contra a mentira, então podemos afirmar que, algumas vezes, a lei do *amor* é melhor servida por um engano (cuja intenção é aliviar o sofrimento), do que se dizendo a verdade chocante e brutal.

MEOLATITA

Esse adjetivo gentílico provavelmente indica «nativo de Abel-meolá». Ver I Sam. 18:19 e II Sam. 21:8. Esse adjetivo foi dado a Adriel, filho de Barzilai, que se casou com Merabe, uma das filhas de Saul. Em II Sam. 21:8, em algumas traduções, ela é chamada de *Mical,* o que, sem dúvida, é um erro escribal. Nossa versão portuguesa faz a devida correção, para Merabe.

MEONENIM, CARVALHO DE (CARVALHO DOS ADIVINHADORES)

Nossa versão portuguesa, e a RSV, em inglês, dizem «carvalho dos adivinhadores», em Juí. 9:37. A própria palavra hebraica, *meonenim,* significa «augures», derivada do termo hebraico *canan,* «agir encobertamente», referindo-se às práticas mágicas. Algumas traduções dizem ali «planície de Meonenim», mas é melhor dizer «carvalho», em lugar de «planície».

Alguns eruditos pensam estar em foco o carvalho de Moré, associado às vidas de Abraão (Gên. 12:6), Jacó (Gên. 35:4), Josué (Jos. 24:26) e Abimeleque (Juí. 9:5). Este último foi feito rei perto do carvalho ou coluna que estava em Siquém. O carvalho em questão, ao que tudo indica, era um marco geográfico que, por razões desconhecidas, tornou-se um lugar onde eram feitas adivinhações. John Gill, comentando Juí. 9:37, afirmou que os carvalhos eram grandemente apreciados pelos idólatras. Eles costumavam reunir-se em árvores específicas, ou em florestas de carvalho (carvalhais), a fim de praticarem artes mágicas.

MEONOTAI

No hebraico, «minhas habitações». Nome de um irmão de Hatate, filho de Otniel, pai de Ofra, sobrinho de Calebe (ver I Crô. 4:14). Ele viveu em cerca de 1440 A.C.

MERABE

No hebraico, **aumento**, ou, então, «procedente de um chefe». Esse era o nome da filha mais velha do rei Saul (ver I Sam. 14:49). Saul tinha duas filhas, Merabe, a mais velha, e Mical, a mais nova. Saul havia determinado que a mais velha seria esposa de Davi. Porém, em vez disso, ela fora dada ao meolatita Adriel (ver I Sam. 18:19). Não se sabe dizer por que motivo Saul agiu assim, embora possamos estar certos de que houve alguma vantagem pessoal na jogada. Naturalmente, é de conhecimento geral que Mical, finalmente, tornou-se esposa de Davi. Merabe acabou dando a luz a cinco filhos de Adriel, e o casamento de Davi com Mical terminou em um caso tempestuoso. Ver a história de Merabe em I Sam. 14:49 e 18:17 *ss.*

Problema Textual. Algumas versões, seguindo alguns manuscritos da Septuaginta, em II Sam. 21:8, dizem que os cinco filhos de Merabe eram filhos de Mical. O texto hebraico massorético reflete, nesse ponto, um equívoco escribal, embora o erro possa ter-se dado devido a um erro primitivo do próprio autor original, corrigido então na LXX, embora não em todos os manuscritos. Dois manuscritos hebraicos também dizem ali Merabe em vez de Mical, o que, sem dúvida, representa uma correção. Nossa versão portuguesa, corretamente, diz *Merabe.*

MERAÍAS

No hebraico, **rebelião**. Esse era o nome de um sacerdote liderante, contemporâneo do sumo sacerdote Joiaquim (Nee. 12:12). Ele era o cabeça da família sacerdotal de Seraías, à qual Esdras também pertencia. Viveu por volta de 536 A.C.

MERAIOTE

No hebraico, «rebelde». Mas outros estudiosos preferem pensar em «amargo». Esse foi o nome de duas personagens que aparecem na Bíblia, ambas descendentes da família sacerdotal de Aarão.

1. Um filho de Zeraías, um sumo sacerdote da linhagem de Eleazar (I Crô. 6:6,7,52; Esd. 7:3). Alguns eruditos pensam que ele foi o antecessor imediato de Eli, e que, por ocasião de sua morte, o sumo sacerdócio passou da linhagem de Eleazar para a linhagem de Itamar. Esse homem viveu por volta de 1062 A.C.

2. Um sacerdote liderante, cuja casa fazia-se representar, ao tempo de Joiaquim, por Helcai (Nee. 12:15).

Problema Textual. Em Nee. 12:15, a Septuaginta dá a Meraiote um nome diferente, embora similar. Mas, em I Crô. 9:11, a Septuaginta diz Marmote, onde o contexto requer Meraiote. Nossa versão portuguesa segue o texto massorético, Meraiote, que é o correto.

MERARI (MERARITAS)

No hebraico, «amargo», ou «triste». Mas alguns estudiosos dizem que a raiz desse nome é *mrr,* que significa «fortalecer» ou «abençoar». Esse era o nome de um dos três filhos de Levi. Ele foi o genitor de uma importante família levítica (ver Gên. 46:11; Êxo. 6:16,19). Sua família dividiu-se nos ramos dos malitas e dos musitas (ver Núm. 3:20). Cabia-lhes a tarefa de carregar as armações, as barras, as colunas, as bases e os acessórios do tabernáculo (ver Núm. 3:36, 37; 4:31-33; 7:8; 10:17; Jos. 21:7, 34, 40). Várias referências mostram a importância dos meraritas no trabalho envolvido no culto divino. Ver I Crô. 6;9; 15; 23; 24; 26; II Crô. 29; 34 e Esd. 8.

O PRÓPRIO MERANI só se tornou conhecido por haver dado seu nome a uma das três divisões importantes da tribo de Levi, ou seja, a uma família sacerdotal. Ele acompanhou a Jacó, em sua migração ao Egito. Os meraritas estavam subdivididos nas famílias dos malitas e dos musitas (ver núm. 3:20,33). Por ocasião do primeiro censo, eles totalizaram seis mil e duzentos homens. Quatro cidades lhes foram determinadas nos territórios das tribos de Gade, Rúben e Zebulom. Dentre essas cidades, a de Ramote-Gileade era uma cidade de refúgio (ver Jos. 21:34; I Crô. 6:63,77-81). Davi reorganizou a tribo (I Crô. 23:6,21-23).

MEREDE

No hebraico, **rebelião**. Esse foi o nome do segundo filho de Esdras, da tribo de Judá (I Crô. 4:17,18). Ele se casou com duas mulheres, uma judia (cujo nome não é dado) e Bitia, uma filha do Faraó, rei do Egito. Ele deve ter vivido em cerca de 1400 A.C. Ele era descendente de Calebe, filho de Jefuné.

MEREMOTE

No hebraico, esse nome parece significar **alturas**, ou seja, «exaltações». Todavia, tal palavra também pode significar «orgulho», «altivez». Esse nome próprio pessoal só aparece na Bíblia para designar pessoas que viveram após o exílio babilônico, a saber:

1. Um sacerdote, filho de Urias, descendente de Cós. Ele retornou do cativeiro babilônico em companhia de Zorobabel (Nee. 12:3). Ficou encarregado dos vasos de ouro e de prata trazidos por Esdras (Esd. 8:33). Provavelmente, ele foi o mesmo homem que reparou duas seções das muralhas de Jerusalém, segundo o registro de Nee. 3:4,21. Viveu em cerca de 459 A.C.

2. Um leigo, dentre os descendentes de Bani, que se casara com uma mulher estrangeira, na época do cativeiro babilônico. Ao retornar a Jerusalém, ele precisou divorciar-se dela, visto que o novo pacto dos israelitas com *Yahweh* requeria essa medida. Qualquer aliança com estrangeiros era incompatível com as intenções religiosas do povo de Israel. Ver Esd. 10:36. Isso aconteceu por volta de 459 A.C.

3. Um sacerdote ou uma família sacerdotal, que assinou pacto encabeçado por Neemias, quando um remanescente de Judá voltou do cativeiro babilônico. Ver Nee. 10:5. Alguns estudiosos identificam esse homem com o primeiro desta lista de três personagens. Nesse caso, teria vivido em torno de 459 A.C.

MERES

No hebraico «digno», «valoroso». Esse era o nome de um dos sete sábios conselheiros da corte medo-persa, mencionados em Est. 1:14. Eles serviam ao rei Assuero. Seu tempo girou em torno de 483 A.C.

MERIBÁ

Ver o artigo sobre **Massá** e **Meribá.** Todavia, deve-se observar que a *Meribá* aqui estudada não é a mesma daquele outro artigo.

Meribá é nome aplicado a duas localidades diferentes, onde, miraculosamente, esguichou água de uma rocha, para atender à necessidade de água para os sedentos israelitas, durante suas peregrinações pelo deserto do Sinai. Um desses locais é mencionado em Êxo. 17:1-7, discutido no artigo *Massá e Meribá.* O outro desses lugares é mencionado em Núm. 27:14. O incidente ali mencionado aconteceu perto de Cades, pelo que, em Deu. 32:51, encontramos o nome «Meribá de Cades». Foi ali que foi dito que Moisés e Aarão desagradaram ao Senhor, devido à sua impaciência (ver Núm. 20:10-12). Moisés desobedeceu a Deus, batendo na rocha por duas vezes, quando lhe fora dito que tão-somente *falasse* com a rocha. Talvez a razão dessa proibição deveu-se ao fato de que bater na rocha poderia levar os israelitas a pensar que esse ato produzira o fluxo de água. Como é óbvio, e simples falar à rocha não poderia ter produzido naturalmente o fluxo da água. Assim sendo, a demonstração do poder divino foi obscurecida pelo ato de Moisés. Outros estudiosos opinam que o bater na rocha, na primeira vez, representava, simbolicamente, a morte única de Jesus, na cruz, um ato sem repetição. Seja como for, foi por causa desse pecado de desobediência que a Moisés não foi permitido entrar na Terra Prometida, e, metaforicamente falando, isso indica que a lei não pode ser a porta da salvação, embora possa conduzir-nos até à Porta, que é Cristo. Ver Núm. 20:12; 27:14; Gál. 3:24, 25.

Meribá significa «querela», «contenda», referindo-se às queixas de Israel contra o Senhor e contra Moisés, por motivo da falta de água para beber.

MERIBÁ DE CADES

Essa é a forma alternativa do nome **Cades-Barnéia** (vide).

MERIBE-BAAL

Ver também sobre **Mefibosete** (II Sam. 4:4). *Meribe-Baal* significa «Baal é advogado». Esse era o nome de um dos filhos de Jônatas, filho de Saul, primeiro rei de Israel. Ao que tudo indica, esse nome repetiu-se na família, ao longo dos séculos. Essa forma aparece em I Crô. 8:34 e 9:40, embora a mesma pessoa seja chamada *Mefibosete* (vide) em II Sam. 4:4; 9:6,10-12; 16:1,4; 19:24,25,30 e 21:7. *Bosete* (no hebraico, «vergonha») veio a substituir *Baal,* nome de uma divindade pagã bem-conhecida. Talvez essa modificação tenha sido propositalmente feita por algum escriba posterior (ou mesmo pelo autor original), que não tolerava escrever o nome de um deus cananeu, associado a uma das famílias reais de Israel. Porém, pode escrever «vergonha» (Bosete), demonstrando o seu desprazer, diante desse nome, aplicado a um dos netos de Saul. A mesma variação pode ser encontrada no caso do nome Is-bosete (ver II Sam. 2:8 e I Crô. 8:33).

MERODAQUE

Ver o artigo geral intitulado **Deuses Falsos**. Merodaque significa «rei dos deuses». Em acádico era Marduque. Marodach era a adaptação hebraica desse nome. Seu nome aparece em várias combinações, nas páginas do Antigo Testamento, como Evil-Merodaque (II Reis 25:27; Jer. 52:31) e Merodaque-Baladã (II Reis 20:12 e Isa. 39:1). Jeremias aludiu especificamente à Babilônia e a essa divindade, quando disse: «Tomada é Babilônia, Bel está confundido, e abatido Merodaque...» (Jer. 50:2). Ele vinha sendo adorado desde o segundo milênio A.C., quando, então, era a divindade suprema da Babilônia. Mas sua história retrocede a um tempo anterior a isso, visto que ele era uma divindade suméria, conhecida como *Amar-utu,* compartilhando, no panteão das divindades pagãs, de uma posição entre deuses como Anu e Bel, cujos imaginários atributos ele posteriormente foi absorvendo, conforme sua importância foi aumentando.

Alguns estudiosos acreditam que o hino épico da criação, dos babilônios, foi composto em sua honra. Os eruditos pensam que esse deus aparece como uma das representações existentes na esteia de Hamurabi.

MERODAQUE-BALADÃ

Essa é a adaptação hebraica, então passada para o português, do nome do rei babilônico que enviou uma embaixada a Ezequias (ver Isa. 39:1), Marduque-Apla-Idina III. Ele governou um distrito caldeu, o de Bit-Yakin, ao norte do golfo Pérsico. Afirmava-se descendente de Eriba-Marduque, rei da Babilônia, em cerca de 800 A.C., quando Tiglate-Pileser III, da Assíria, invadiu a Babilônia, em 731 A.C.

Sua associação com Ezequias e o cultivo de amizade com ele (foi enviado um presente ao adoentado rei de Judá), provavelmente tinha por intuito encorajar a Ezequias a revoltar-se contra os assírios. Mas Isaías, o profeta, fez oposição a esse plano, que resultou em nada. Foi assim que os próprios babilônios tomaram medidas para derrotar aos assírios. Quando Sargão I tornou-se rei, em 721 A.C., Merodaque-Baladã entrou na Babilônia e apossou-se do trono. Mas os assírios reagiram, atacando os aliados elamitas da Babilônia.

Sabe-se que Merodaque-Baladã manteve-se no trono até 710 A.C. Mas Sargão I, tendo neutralizado os elamitas, foi capaz de entrar na Babilônia sem sofrer qualquer oposição, e apossou-se do governo. Embora Merodaque Baladã tivesse perdido quase todo o seu poder de mando, foi usado por Sargão I como um governante local, e não se revoltou contra Sargão durante todo o tempo em que o mesmo foi monarca. Entretanto, quando Sargão morreu (em 705 A.C.), Merodaque-Baladã esforçou-se para libertar os babilônios do jugo assírio, ocasião em que, possivelmente, buscou a cooperação de Ezequias. Ver II Reis 20:12-;19; Isa. 39. Entretanto, quem realmente estava brandindo o poder era Senaqueribe, que se apossou da Babilônia nomeando Bel-Ibni para ocupar o trono babilônico. Posteriormente, o mando passou para as mãos de um filho de Senaqueribe, Assur-Nadin-Sumi. Merodaque-Baladã, então, precisou fugir para a cidade costeira de Elão. A história informa-nos que Senaqueribe aprisionou a Nabusumiscum, filho de Merodaque-Baladã, naquela região, sobre a qual impôs o seu poder, mas nenhuma menção é feita ao próprio Merodaque-Baladã, nessa ocasião. Merodaque-Baladã morreu no território de Elão, antes que Senaqueribe conquistasse esse lugar, o que aconteceu em 694 A.C.

Merodaque-Baladã é lembrado por seus amargos mas fúteis esforços por libertar os babilônios do poder assírio. Mas, como governante, pode-se dizer que ele era homem astuto, decidido e ambicioso.

MEROM, ÁGUAS DE

Ver sobre *Águas de Merom.*

MERONOTITA

Adjetivo gentílico dado aos nativos de um lugar presumivelmente chamado *Meronote,* acerca do qual nada se sabe. Nas páginas do Antigo Testamento, houve dois homens assim caracterizados, a saber:

1. *Jedias,* que cuidava dos jumentos pertencentes a Davi (I Crô. 27:30).

2. *Jadom,* um daqueles que ajudaram a reparar as muralhas de Jerusalém, depois que o remanescente de Judá voltou do cativeiro babilônico para a Terra Santa (Nee. 3:7). Esse versículo sugere que Meronote ficava perto de Gibeom e de Mispa. Mas isso é complicado pelo fato de que mispa, naquela passagem, é um texto duvidoso.

MEROZ

Não se sabe o significado desse nome. Mas refere-se a um lugar no vale de Esdrelom, ou nas proximidades, que tem sido identificado com a moderna Khirbet Marus, a doze quilômetros ao sul de onde morava Baraque (vide), em Cades-Naftali. No entanto, essa identificação não tem merecido a aprovação de muitos historiadores e ar-

queólogos. Débora, em seu cântico de vitória sobre os inimigos de Israel, encabeçados por Sísera, proferiu uma maldição contra Meroz, porquanto os seus habitantes não quiseram participar da guerra contra o adversário. A amargura da citada maldição sugere que Débora pensava que os habitantes de Meroz estavam na sagrada obrigação de responder à convocação à guerra. Ver Juí. 5:23.

Alguns estudiosos têm opinado que Meroz nem era uma cidade de Israel, mas antes, uma cidade dos cananeus, que tinham firmado um acordo com Israel, e que eles não quiseram cumprir. Essa afirmação deriva-se da convicção de que uma cidade pertencente aos israelitas jamais teria sido amaldiçoada, conforme o foi aquele lugar. Não há como solucionar, de forma absoluta, essa questão, e nem a localização exata de Meroz pode ser pronunciada com certeza.

MESA

Essa é a tradução de certo número de palavras hebraicas e gregas, com vários significados. Estão incluídas mesas rituais, mesas para comer, mesas para escrever e mesas dos cambistas.

Esboço:

I. Terminologia
II. Mesas Rituais
  1. Mesa dos pães da proposição ou da presença
  2. Outras mesas rituais dos hebreus
  3. Mesa do Senhor
  4. Em outras religiões
III. Mesas para Comer
  1. Mesas dos governantes
  2. Mesas no lar
IV. Mesas dos Cambistas
V. Usos Figurados
VI. Uso Escatológico

I. Terminologia

Há duas palavras hebraicas e duas palavras gregas envolvidas neste verbete, a saber:

1. *Mesab,* «mesa redonda», «círculo». Esse termo hebraico aparece por apenas uma vez com esse sentido, a saber, Can. 1:12.

2. *Shulchan,* «mesa». Termo hebraico usado por setenta vezes, conforme se vê, para exemplificar, em Êxo. 25:23,27,28,30; 26:35; 30:27; 40:4,22,24; Lev. 24:6; Núm. 3:31; 4:7; Juí. 1:7; I Sam. 20:29,34; II Sam. 9:7,10,11,13; 19:28; I Reis 2:7; 4:27; 7:48; II Reis 4:10; I Crô. 28:16; II Crô. 4:8,19; 9:4; 29:18; Nee. 5:17; Jó. 36:16; Sal. 23:5; 69:22; Pro. 9:2; Isa. 21:5; 28:8; Eze. 23:41; 39:20; 44:16; Dan. 11:27; Mal. 1:7,12.

3. *Kline,* «divã» (que os antigos usavam como mesa, deitados de lado). Palavra grega empregada por nove vezes: Mat. 9:2,6; Mar. 4:21; 7:4,30; Luc. 5:18; 8:16; 17:34; Apo. 2:22. O verbo correspondente é usado por sete vezes: Mat. 8:20; Luc. 9:12,58; 24:5,29; João 19:30; Heb. 11:34.

4. *Trápeza,* «mesa». Vocábulo grego que ocorre por catorze vezes: Mat. 15:27; 21:12; Mar. 7:28; 11:15; Luc. 16:21; 19:23; 22:21,30; João 2:15; Atos 6:2; 16:34, Rom. 11:9 (citando Sal. 69:23); I Cor. 10:21; Heb. 9:2.

II. Mesas Rituais

No ritual dos hebreus, bem como de outros povos, as mesas sempre estiveram presentes, a partir da construção do tabernáculo.

1. *Mesa dos Pães da Proposição ou da Presença. As* instruções relativas à construção dessa mesa ritual aparecem em Êxo. 25:23-30. Ela era feita de madeira de acácia, com cerca de um metro de comprimento, meio metro de largura e setenta e cinco centímetros de altura. Era recoberta de ouro puro, com uma moldura de ouro em redor. Havia varas e argolas de ouro, usadas para o transporte dessa peça da mobília do tabernáculo. Essa mesa ficava do lado de fora do véu, no lado norte do tabernáculo (Êxo. 40:22). Foi consagrada para uso mediante azeite de unção (Êxo. 30:27). A cada sábado, um sacerdote arrumava doze pães asmos novos sobre essa mesa, em duas pilhas de seis pães cada, após terem sido retirados os pães anteriores, que então estavam com uma semana (Lev. 24:5-8). Somente os sacerdotes podiam comer desses pães (Lev. 24:9). Os coatitas é que espavam encarregados dos cuidados com a mesa (Núm. 3:27-31), bem como de seu transporte, sempre que o tabernáculo tivesse de mudar de localização (Lev. 4:1-8). Salomão mandou fazer uma mesa nova, de ouro, para o seu templo, em Jerusalém (I Reis 7:48). O rei Acaz havia contaminado o templo com suas práticas idólatras; por esse motivo, durante o reinado do rei Ezequias, os sacerdotes tiveram de purificar os móveis e utensílios do templo, incluindo a mesa dos pães da proposição (II Crô. 29:18,19). Essa mesa foi destruída durante o incêndio do templo, provocado pelos babilônios (II Reis 25:9). Deve ter sido feita uma outra mesa, porque, se tivermos de acreditar em I Macabeus 1:22, Antíoco IV Epifânio saqueou os tesouros do templo de Jerusalém, incluindo a mesa dos pães da proposição. Depois que Judas Macabeu derrotou o exército de Lísias, o templo foi reparado, e foram feitos novos vasos e utensílios para o mesmo (I Macabeus 4:49-51). A mesa dos pães da proposição é retratada no Arco de Tito, em Roma, como um dos troféus de guerra tomados pelos romanos, por ocasião da queda de Jerusalém, no ano 70 D.C.

O primeiro nome que esses pães recebem, no hebraico, é *lechem panim,* «pão da face» ou «pão da presença», conforme se vê em Êxo. 25:30; 35:13; I Sam. 21:6; I Reis 7:48 e II Crô. 4:19. Mais tarde surgiu uma outra expressão pare indicá-los, a saber, *lechem maareketh,* «pão do arranjo» (I Crô. 9:32;29; II Crô. 13:11; Nee. 10:33). No Novo Testamento, a expressão correspondente é *ártoi tês prothéseos,* «pães da exposição» (Mat. 12:4; Mar. 2:26 e Luc. 6:4), ou *próthesis tõn árton,* «exposição dos pães» (Heb. 9:2). Por isso, muitos estudiosos não gostam da expressão «pães da proposição» que se encontra na Bíblia portuguesa, e, sim, «pães da exposição» ou «pães da presença».

2. *Outras Mesas Rituais dos Hebreus.* Salomão mandou fazer dez mesas,—que pôs no templo de Jerusalém (II Crô. 4:8). Eram feitas de prata, que Davi lhe entregara com esse propósito (I Crô. 28:16). Em sua visão sobre o templo restaurado, Ezequiel viu doze mesas, oito para descarnar as vítimas sacrificiais e quatro para os instrumentos usados e para pôr sobre as mesmas os pedaços de carne (Eze. 40:38-43).

3. *Mesa do Senhor.* Malaquias deixou registrado que a mesa do Senhor estava poluída (Mal. 1:7,12). Ele se referia ao altar das ofertas queimadas. No Novo Testamento, essa mesma expressão refere-se à cerimônia da Ceia do Senhor (I Cor. 10:21).

4. *Em Outras Religiões.* Parece haver uma referência a certa prática idólatra pagã, que consistia em oferecer uma mesa posta à deusa Fortuna (Isa. 65:11), com o que concordaram os revisores de nossa versão portuguesa da Bíblia. Por sua vez, a «mesa dos demônios», aludida pelo apóstolo Paulo, refere-se às refeições sacrificiais dos pagãos (ver I Cor. 10:21). O papiro 110 de Oxyrhynchus contém a seguinte sentença, muito parecida com a de Paulo: «Chairemon vos convida para uma refeição à mesa do senhor Serápis». Ver também Sal. 69:22.

III. Mesas para Comer

As residências de pessoas comuns, no antigo Oriente, Próximo e Médio, eram servidas com um mínimo de utensílios domésticos. Os comensais ficavam acocorados, em algum lugar perto da mesa, mesmo enquanto comiam. Esse costume até hoje é praticado por muitos, naquelas regiões. Somente aqueles que residiam em palácios ou residências mais abastadas estavam acostumados com cadeiras, mesas e camas (II Reis 4:10). As mesas, usadas nas refeições, entretanto, eram bem baixas, visto que as pessoas sentavam-se sobre tapetes, para comer (Isa. 21:5). As mesas usadas nos tempos do Novo Testamento já eram um tanto mais altas, porquanto lemos sobre cães que vinham lamber as migalhas deixadas cair sob as mesas, por seus donos (Mar. 7:28).

1. *Mesas dos Governantes.* Como governante egípcio que era, José comeu em uma mesa separada da mesa de seus irmãos (Gên.

43:34). Os inimigos derrotados, com freqüência, comiam à mesa dos monarcas vencedores (Juí. 1:7; II Reis 25:29). Tanto Davi quanto Jônatas comiam à mesa do rei Saul (I Sam. 20:29,34), uma cortesia que, anos depois, Davi estendeu a Mefibosete, neto de Saul (II Sam. 9:7), como se ele fosse um de seus próprios filhos. As provisões servidas sobre a mesa de Salomão eram riquíssimas e abundantes (I Reis 4:27). Quando contemplou essa mesa servida, a rainha de Sabá «ficou como fora de si» (I Reis 10:5). Filhos de amigos leais de Davi comiam à mesa de Salomão (I Reis 2:7). Os falsos profetas comiam a mesa de Jezabel (I Reis 18:19). Oficiais, em número de nada menos de cento e cinqüenta, comiam à mesa de Neemias, quando este era o governador de Judá (Nee. 5:17).

2. *Mesas no Lar.* A Bíblia contém muitas referências a refeições tomadas em casa. A expressão mais freqüentemente usada é «sentar-se à mesa». Um profeta de Judá sentou-se à mesa com um idoso profeta de Betel (I Reis 13:20). Aquilo que se servia à mesa de algum homem próspero, segundo certa expressão antiga, seria «cheio de gordura» (Jó. 36:16). O costume neotestamentário, seguindo as práticas dos gregos, era o de reclinar-se pelo lado de fora de mesas baixas. Certa mulher veio ungir os pés de Jesus, estando ele reclinado à mesa (Luc. 7:38). Isso não teria sido possível se ele estivesse sentado com os pés por baixo da mesa, conforme acontece atualmente quando nos **sentamos à mesa**. A última páscoa, celebrada por Jesus e seus apóstolos, foi comida estando os comensais na posição reclinada, contrariamente à representação artística comum da chamada «Última Ceia». Ver Luc. 22:21; João 13:23; ver também Mat. 8:11; 15:25,26; 26:20; Mar. 2:15; Luc. 7:37; 14:15; 24:30; João 12:2 etc., onde, no original especialmente, todos os verbos usados sugerem a posição reclinada, e não sentada. Na Igreja primitiva, os apóstolos tiveram de enfrentar um problema, o da distribuição eqüitativa entre as viúvas, incapacitando-os a devotar todo o seu tempo à pregação. O resultado foi a escolha de sete homens, considerados os primeiros diáconos da Igreja, «para servir às mesas» (Atos 6:1-6).

A moderna páscoa dos judeus (a Pesach) encontra seu ponto culminante na *Seder,* um pequeno banquete em nível doméstico, onde todos os membros de uma família se reúnem em torno da mesa e participam da cerimônia, que gira, essencialmente, em torno do relato dos acontecimentos relativos ao êxodo de Israel no Egito.

IV. Mesas de Cambistas

Essas eram mesinhas, parecidas com banquetas, por detrás das quais os cambistas judeus costumavam sentar-se, enquanto trocavam as moedas por outras, utilizáveis no templo de Jerusalém. Os cambistas, realmente, ficavam acocorados, de pernas cruzadas. Foram mesinhas assim que Jesus derrubou, quando se indignou diante do comercialismo que se instalara nos recintos externos do templo (Mat. 21:12; Mar. 11:15; João. 2:15).

V. Usos Figurados

Talvez o uso figurado mais notório seja aquele que se encontra em Provérbios 9:1,2: «A sabedoria... arrumou a sua mesa...» Isso simbolizaria os benefícios próprios de uma vida piedosa. Em Salmos 23:5, temos um quadro sobre o cuidado protetor de Deus. Em Isaías 28:8, lemos: «Porque todas as mesas estão cheias de vômito, e não há lugar sem imundícia». Isso indica a tremenda imundícia moral que prevalecia, na época entre os sacerdotes e os falsos profetas, no reino do norte, Israel. De fato, em Ezequiel 23:41, Israel é retratada como uma prostituta que ficava sentada à mesa, esperando os seus amantes. Em suas parábolas, Jesus referiu-se, com freqüência, a mesas (Luc. 12:37; 17:7; 22:27).

VI. Usos Escatológicos

Aos fiéis ao Senhor foi prometido que eles comeriam e beberiam com ele, em sua mesa, quando for inaugurado o seu reino na terra (Luc. 13:29; 22:30). Isso, os crentes fiéis farão, em companhia de Abraão, Isaque e Jacó (Mat. 8:11). Em certo trecho de seu livro, Ezequiel compara a satisfação sentida, diante da mesa do Senhor, a fim de julgar, ao convite feito às aves e aos animais para se banquetearem com as carnes dos inimigos mortos (Eze. 39:20). Essa idéia dos remidos julgarem ao mundo é reiterada no Novo Testamento. Por exemplo: «Ou não sabeis que os santos hão de julgar o mundo?» (I Cor. 6:2). Portanto, escudados no trecho de Ezequiel 39:20, descobrimos que não o faremos de má vontade, mas antes, com grande satisfação íntima.

MESA (NOME PRÓPRIO)

No hebraico, «distrito do meio». Esse era o nome de uma localidade e de três pessoas, nas páginas da Bíblia:

1. A localidade chamada *Mesa* marcava o limite do território dos descendentes de Joctã (ver Gên. 10:30). O outro limite era *Sefar* (vide). Talvez Mesa seja idêntica a *Massá,* no norte da Arábia, embora a maioria dos eruditos diga que Mesa ficava na parte sul da Arábia, pois, com quase absoluta certeza, era ali que se encontrava Sefar. Seja como for, nenhuma localidade com essa designação tem sido encontrada pelos estudiosos, naquela região.

2. Um filho de Saaraim, que pertencia à tribo de Benjamim, e que nasceu em Moabe (I Crô. 8:9).

3. O filho mais velho de Calebe, e irmão de Jerameel. Ele foi pai ou fundador de Zife (I Crô. 2:42). Viveu em cerca de 1390 A.C.

4. Mesa, rei de Moabe. A forma hebraica desse nome é levemente diferente da forma que aparece nos três casos anteriores, e significa «salvação». Sua história é contada em II Reis 3. Naquela passagem, é dito que ele era um *noged,* ou seja, proprietário de um rebanho de ovelhas, de fama em face da alta qualidade de sua lã. Ele governou os moabitas no século IX A.C., tendo sido contemporâneo de Acabe, filho de Onri, rei de Israel, bem como dos dois filhos de Acabe, Acazias e Jeroão, que também foram reis de Israel, a nação do norte.

Nos dias de Davi. Nesse tempo, os moabitas estiveram sujeitos a Israel. Mas, quando o reino de Israel dividiu-se em dois, os moabitas obtiveram sua independência, pelo menos durante um breve período. No entanto, Onri, do reino do norte, Israel, terminou por sujeitar novamente os moabitas. Essa condição continuou por cerca de quarenta anos. O rei Mesa, tendo obtido considerável poder, buscou novamente a independência de Moabe. Seu país, porém, foi obrigado a pagar um tributo excessivamente alto, sob a forma de lã de cem mil ovelhas e carneiros (ver II Reis 3:4). Mesa tornou a rebelar-se, dessa vez com sucesso, depois da morte de Acabe, o que teria acontecido no segundo ano do reinado de Acazias, de acordo com Josefo (ver *Anti.* 9:2,1). A chamada *Pedra Moabita* (vide) informa-nos que esse levante ocorreu quarenta anos depois que Moabe ficara sujeita a Israel pela primeira vez. Porém, os estudiosos pensam que não se passou tanto tempo assim, visto que os reinados de Acabe e Onri, se somados, não chegaram a cobrir trinta e quatro anos. Entretanto, o número quarenta pode ter sido um arredondamento, sem querer indicar nenhum número exato.

Tentativa de Recuperação. Durante o reinado do segundo filho de Acabe, Jeorão, houve a tentativa de trazer Moabe de volta ao domínio de Israel (ver II Reis 1:17; 3:4 *ss).* Jeorão conseguiu a cooperação de Josafá, de Judá, pois este havia sofrido sob ataques dos moabitas (ver II Crô. 20). Além disso, o rei de Edom tornou-se aliado de Jeorão (ver II Reis 3:9). E os aliados, padecendo devido à falta de água, apelaram para que Eliseu os ajudasse. A descrição que aparece em II Reis 3:9 *ss,* parece falar sobre uma miraculosa provisão de água, porquanto não houve chuva. É possível, todavia, que tivesse chovido à distância, e que a inundação resultante tivesse chegado até onde estavam as tropas sedentas. John Gill sugeriu que a água manou das rochas circundantes, *à moda de Moisés.* A própria Bíblia, entretanto, não nos dá qualquer explicação a respeito. O fato é que houve na ocasião um estranho fenômeno. O sol, refletindo-se nas poças de água, emprestava uma aparente coloração vermelha à água. E os moabitas pensaram que aquilo deveria ser sangue derramado, por causa de alguma dissensão entre os aliados. Assim sendo, atiraram-se precipitadamente à batalha; porém, tiveram de defrontar-se com uma poderosa força, e foram derrotados. Fugindo, refugiaram-se na cidade de Quir-Heresete.

Mesa, rei dos moabitas, talvez em ato de desespero, na tentativa de chamar a atenção de seu deus, sacrificou seu próprio filho primogênito. O resultado disso foi que Israel e seus aliados (sem nenhuma razão declarada para tanto), não prosseguiram na batalha e nem reivindicaram os despojos. Talvez tivessem ficado horrorizados diante do sacrifício humano, e desistiram de continuar. Dessa maneira, os objetivos da batalha não foram concluídos. A Pedra Moabita fornece um relato detalhado sobre os feitos de Mesa.

MESA, REI DE MOABE

Ver o artigo **Mesa**, em seu quarto ponto.

MESAQUE

Ver o artigo sobre *Sadraque, Mesaque e Abede-Nego*. Mesaque foi o nome dado pelos babilônios a Misabel, um dos três companheiros de Daniel. Especificamente, quem deu essa alcunha ao jovem foi o eunuco-chefe da corte babilônica. *Mesaque* deriva-se de *Saque*, nome de um deus ou de uma deusa dos caldeus. O nome original do rapaz era Misael, que, no hebraico, significa «Quem é o que Deus é?» Os nomes Sadraque, Mesaque e Abede-Nego sempre aparecem juntos. Ver Dan. 1:7; 2:49 e 3:12-30. Quanto a maiores detalhes, ver o artigo mencionado acima.

MESELEMIAS

No hebraico, «Yahweh vinga-se». Esse foi o nome de um homem levita, da família de Coré. Ele, seus sete filhos, e outros parentes, eram porteiros do templo de Jerusalém (ver I Crô. 9:21; 26:1,9). Em I Crô. 26:14, ele é chamado *Selemias*, e em Nee. 12:25, ele é chamado *Salum*. Todos aqueles familiares de Meselemias foram nomeados para cuidar do Portão Oriental, excetuando Zacarias (I Crô. 9:14), que deveria vigiar a Porta Norte.

MESEQUE

No hebraico, esse nome significa «alto», «prolongado», embora alguns também pensem em «possessão». O *texto massorético* (vide) diz *Mesek;* e a Septuaginta diz *Mosoch*. Esse nome aparece como o apelativo de um dos filhos de *Jafé* (vide), para então designar um povo e uma nação da Ásia Menor. Ver Gên. 10:2; I Crô. 1:5; Eze. 27:13; 32:26; 33:26; 38:2,3; 39:1; Sal. 120:5.

1. *O Homem*. Meseque foi um dos filhos de Jafé (ver Gên. 10:2). Seu nome sempre aparece mencionado com o nome de um irmão, Tubal. Todavia, em I Crô. 1:17, esse nome aparece como nome de um dos descendentes de Sem, através de Arã, ao passo que na passagem paralela, em Gên. 10:23, o nome aparece com a forma de *Más*. Talvez haja um equívoco escribal, em uma ou outra dessas passagens. Isso pode ter acontecido pela descontinuação da letra *k*, em um suposto nome, *msk*, em Gên. 10:23.

2. *Descendentes de Meseque*. No trecho de Eze. 27:13, encontramo-los mencionados como um povo que exportava cobre e escravos (ver também Eze. 32:26; 38:2,3 e 39:1, que se referem a eles como um povo aguerrido, que ameaçava invadir vindo das bandas do norte). Nas inscrições assírias, os descendentes de Meseque e Tubal são referidos como *Musku* e *Tabal*. Heródoto, que era grego, refere-se a eles como *Moschoi* e *Tivarenoi*, respectivamente. Nos anais de Tiglate-Pileser I são mencionados os *mus-ka-ia* (fins do século XII A.C.), como um povo capaz de lançar um exército de vinte mil homens, nas regiões do norte. É possível que, nessa época, eles estivessem habitando uma região a suleste do mar Negro.

Os textos hititas (os heteus da Bíblia) falam sobre um certo *Mitas*, um nome similar aos *muski*, de tempos posteriores. Os anais de Sargão I, do século VIII A.C., mencionam o nome *Mi-ta-a*, como nome do governante dos povos em foco, e alguns estudiosos associam essa palavra ao *Midas* da Frigia. Os frigios formavam o reino que substituiu o império dos hititas, na Ásia Menor. Nesse caso, os *muski* seriam os mesmos que os frigios. Ou, então, os frigios seriam uma parte dos *muski*. Os eruditos têm chegado à conclusão de que *Meseque* refere-se a um povo, talvez de origem indo-européia, que penetrou no Oriente Médio, proveniente das estepes do sul da Rússia, tendo imposto o seu predomínio sobre a população indígena da área oriental da Anatólia (moderna Turquia Asiática). Já foi comum associar-se os *moschoi* de Heródoto aos moscovitas, isto é, aqueles primitivos habitantes da região que hoje tem como centro a cidade russa de Moscou, capital da União Soviética. Todavia, de algum tempo para cá, os estudiosos estão abandonando essa identificação, posto que não apresentam razões convincentes para isso.

3. *Referências Proféticas*. Nos capítulos 38 e 39 do livro de Ezequiel (que têm atraído tanto a atenção dos eruditos dispensacionalistas), o uso que se faz do nome Meseque talvez seja diferente. Pois tal nome pode ter sido empregado como símbolo, juntamente com o de Tubal, e não como uma referência direta a um povo conhecido. Ali, Meseque e Tubal são apresentados como poderes liderantes na terra de Magogue. Ao que parece, eles representam forças contrárias a Deus e ao povo de Israel. Os intérpretes dispensacionalistas empurram a questão inteira para os tempos do fim, e opinam que *Magogue* refere-se à União Soviética, ao passo que *Gogue* seria o chefe deles. Isso posto, Meseque e Tubal corresponderiam, a grosso modo, a Moscou e Tobolsk. Além disso, Tobolsk fica às margens de um rio chamado Tobol. Assim sendo, esses intérpretes pensam que aqueles dois capítulos do livro de Ezequiel aludem a um ataque da União Soviética contra Israel, durante a batalha do Armagedom (ou algum tempo antes, conforme outros supõem), e *também* após o milênio, segundo se vê em Apo. 20:8 *ss*. Ver o artigo intitulado *Gogue e Magogue*. Ver também o artigo separado chamado *Gogue*. Essa interpretação dispensacionalista não tem sido vista com bons olhos por muitos eruditos, embora seja muito popular, em largos segmentos da Igreja evangélica.

MESEZABEEL

No hebraico, «Deus livra». Esse foi o nome de três homens que são mencionados nas páginas do Antigo Testamento:

1. Ao que tudo indica, um sacerdote, pai de Berequias, antepassado de Mesulão, um homem que ajudou Neemias a reparar as muralhas de Jerusalém, quando o remanescente de Judá voltara do cativeiro babilônico (Nee. 3:4). Ele viveu por volta de 440 A.C.

2. Um chefe do povo, que assinou o pacto encabeçado por Neemias, quando o remanescente de Judá tinha voltado do cativeiro babilônico (Nee 11:13), e que também viveu em torno de 440 A.C.

3. O pai de Petaías, da tribo de Judá (Nee. 11:24). Ele viveu em cerca de 410 A.C.

MESILEMITE, MESILEMOTE

No hebraico, «reconciliação». Nome de duas personagens da Bíblia:

1. Um sacerdote, filho do Imer (Nee. 11:13), que viveu por volta de 440 A.C.

2. Um efraimita, pai de Berequias, que se recusou a reduzir ao cativeiro os seus compatriotas da tribo de Judá (II Crô. 28:12, em cerca de 735 A.C.). Ele viveu nos tempos do rei Peca.

MESOBABE

No hebraico, «restaurado» ou «regressado». Um príncipe simeonita que se estabeleceu, com seu clã, nas novas terras de pastagem, perto de Gerar (I Crô. 4:34). Isso aconteceu nos dias do rei Ezequias, de Judá.

MESOPOTÂMIA

Esboço:

1. O Nome
2. Localização Geográfica
3. Informes Históricos

1. O Nome

O nome *Mesopotâmia* vem diretamente do grego, e significa «entre rios». Designa aquela faixa de terra que jaz entre os rios Tigre e

Eufrates. Seu nome hebraico era Arã-Naaraim, que significa, essencialmente, a mesma coisa. O nome grego passou a ser usado largamente após as conquistas militares de Alexandre, o Grande. O território assim designado, no tempo dele, não incluía a sua porção norte, que continuou a ser conhecida como *Babilônia.* O nome hebraico significa, literalmente «Arã (Síria) dos dois rios». Ver Gên. 24:10; Deu. 23:4; Juí. 3:8,10 e I Crô. 19:6.

A Mesopotâmia teve vários outros nomes, durante sua longa história, como centro de uma antiga civilização. No começo era chamada *Suméria,* no extremo sul daquela região; *Acade,* na porção média; e *Subartu,* na sua porção noroeste.

2. Localização Geográfica

As terras que jazem ao longo e entre os rios Tigre e Eufrates, na porção sudoeste da Ásia. Seus limites eram o planalto da Anatólia, o planalto do Irã, o golfo Pérsico e os desertos da Arábia e da Síria. Essa era uma região de terras férteis, a leste do rio Orontes, que cobriam os cursos superior e médio do Eufrates, bem como as terras banhadas pelos rios Gabur, e Tigre, isto é, a porção leste da Síria e a porção norte do Iraque. A região inclui a área de Harã, para onde Abraão mudou-se, depois que partiu de Ur dos Caldeus. E foi a Harã que Eliezer foi enviado por Abraão, a fim de obter esposa para Isaque (Gên. 24:10). Também era a região do nascimento de Balaão (ver Deu. 23:4), e era o país governado por Cusã-Risataim, quando ele oprimiu ao povo de Israel (ver Juí. 3:8-10). Atualmente, a maior parte da antiga Mesopotâmia está confinada dentro do moderno país do Iraque, com pequenas porções na Síria e na Turquia. Os gregos não incluíam a parte norte, a Babilônia, quando usavam a designação *Mesopotâmia.* Portanto, de acordo com os gregos, a Mesopotâmia envolvia uma porção menor de território do que aquela que veio a ser conhecida por esse nome.

3. Informes Históricos

a. Antes do século XVIII A.C., essa área foi local onde houve certo número de cidades-estado independentes. Quase todas essas cidades-estado foram destruídas nas guerras de Hamurabi, rei da Babilônia.

b. Duas potências principais emergiram finalmente dali: a Assíria, na Alta Mesopotâmia, e a Babilônia, na Baixa Mesopotâmia. Esses dois países compartilhavam de uma civilização em comum, embora dando à mesma um caráter diferente. Por isso mesmo, inevitavelmente acabaram entrando em conflito. A Assíria tornou-se o primeiro desses poderes dominantes, tendo expandido o seu império para além dos limites da Mesopotâmia. Mais tarde, chegou a vez da Babilônia, que derrotou o império assírio e lhe pôs fim, e, então, a Babilônia passou a ampliar sua esfera de influência pare além daqueles estreitos limites. Ver os artigos separados sobre a Assíria e a Babilônia quanto a detalhes. Foi durante esse período que houve os cativeiros assírio e babilônico (ver os artigos a respeito), com efeitos tão devastadores para as nações de Israel e Judá.

c. Os persas ocuparam a Babilônia em 539 A.C., embora a cultura babilônica tivesse continuado ali por mais mil e oitocentos anos. Essa cultura continuou declinando, até 1258 D.C., quando uma invasão mongol produziu grandes destruições, com perda da população, que o sistema de irrigação, do qual dependia a própria vida, não pôde mais ser reparado e mantido.

d. Durante todo o período de 539 A.C. a 1258 D.C., a Mesopotâmia e a Pérsia formaram uma única unidade política. A dinastia acamenida da Pérsia chegou ao fim por obra de Alexandre, o Grande, em 331 A.C. A dinastia selêucida apareceu em seguida, em 312 A.C. Então, veio a dinastia asárcida (partas, em 141 A.C.). Depois vieram os romanos e, finalmente, os sassânidas (persas), já em 226 D.C.

e. Os sassânidas foram derrubados pelos árabes, em 637 D.C. Dessa data até 1258, tanto a Mesopotâmia quanto a Pérsia formaram parte do califado. Durante a maior parte desse período de mil e oitocentos anos, a sede do governo esteve na Mesopotâmia, e não na Pérsia, visto que a primeira tinha uma população maior. As capitais foram: Babilônia, Selêucia, Ctésifon e, finalmente, Bagdá.

f. Após a invasão mongol, em 1258, houve três séculos caóticos. A Mesopotâmia tornou-se uma província pobre e obscura do império turco (otomano).

g. Durante a Primeira Grande Guerra (1914-1918), a Mesopotâmia tornou-se o campo de batalha de campanhas militares acirradas entre os turcos e os ingleses. Em 1917, os ingleses tomaram a cidade de Bagdá. Terminada aquela guerra, a parte noroeste da Mesopotâmia foi entregue à Síria. Com o resto do território, foi formado um novo estado, com o nome de Iraque. Atualmente (começos de 1988), o Iraque está em guerra com o Irã, que já se arrasta aproximadamente há uma década.

MESOPOTÂMIA, RELIGIÕES DA

Ver os artigos separados intitulados *Suméria; Assíria; Babilônia.* Cada um desses artigos tem uma seção que aborda as antigas religiões dessas respectivas culturas.

MESSIAS

Esboço:

I. Palavras Empregadas
II. Definições e Usos
III. Unção Fora de Israel
IV. Tipos de Unção em Israel
V. A Literatura Messiânica
VI. O Messias no Novo Testamento

I. Palavras Empregadas

O termo hebraico **mashiah** significa «ungido» e vem de uma raiz hebraica que significa «untar». A Septuaginta traduziu essa palavra pelo vocábulo grego *christós,* «ungido». Essa palavra grega foi transliterada para o português, Cristo, em vez de ser traduzida, para Ungido. Assim, o Cristo, ou o Ungido, cumpre as expectações e simbolismos do ato de ungir. Essa palavra, referindo-se ao esperado Messias, é um produto do judaísmo posterior, ainda que desde tempos bem remotos, entre os hebreus, encontremos indicações simbólicas. Somente por duas vezes, em todo o Antigo Testamento, essa palavra é usada como um título oficial. Ver Dan. 9:25,26. O conceito messiânico, pois, embora tivesse tido início no Antigo Testamento, (como no livro de Isaías, onde não é usada a palavra hebraica específica), teve prosseguimento durante o período intertestamentário, nos livros apócrifos e pseudepígrafos. Ver o artigo separado chamado *Unção.* Esse artigo inclui muitas referências bíblicas.

A palavra grega *Christós,* «Ungido», é de uso freqüente no Novo Testamento. Aparece por nada menos de quinhentas e sessenta e nove vezes ali. Damos abaixo meros dez exemplos, de diferentes livros neotestamentários: Mat. 1:1; Luc. 9:20; Rom. 1:16; I Cor. 11:1; II Cor. 10:1; Efé. 1:20; Fil. 1:19; Col. 3:1; I Tes. 5:9; Apo. 1:1. Ver o artigo separado sobre *Cristo,* quanto a um estudo completo a respeito; e um outro, chamado *Jesus, o Cristo.*

II. Definições e Usos

Na cultura do Antigo Testamento, profetas, sacerdotes e reis eram *ungidos,* a fim de desempenharem sua tarefa ou missão especial. No artigo sobre a *Unção,* explicamos isso, dando ilustrações e referências bíblicas. Outrossim, surgiu a expectação messiânica, em torno do Messias profetizado (ver Dan. 9:25,26). Ver o artigo intitulado *Esperança Messiânica.* Com base nessa circunstância, essa personagem passou a ser conhecida como o *Messias.* Nas páginas do Novo Testamento são combinados a pessoa de Cristo, com os ofícios e qualidades dos profetas, sacerdotes e reis. No tocante à questão da unção fora de Israel, ver a terceira seção deste artigo. O rito da unção emprestava aos homens uma posição impar e sagrada, bem como a conveniente autoridade, para os ungidos desempenharem algum ofício ou alguma tarefa especial. A aspersão ou unção com óleos sagrados também era aplicada a objetos sacros como os altares, a arca da aliança e vários objetos do tabernáculo e do templo de Jerusalém (ver Êxo. 30:26; Lev. 8:10,11). Assim, mediante esse ato de unção, tais objetos tornavam-se

instrumentos usados no culto divino. No judaísmo, a esperança messiânica estava centralizada em torno de uma pessoa (no caso de alguns dos autores sagrados), embora também girasse em torno de certa condição nacional de Israel, que cumpriria os seus ideais e sonhos como nação. Portanto, por um lado, a esperança messiânica girava em torno do Messias, e, por outro lado, girava em torno de algo que pertencia à nação de Israel, quanto às suas futuras expectações. Essas expectações continuam sendo uma característica distintiva do judaísmo ortodoxo, sendo refletidas na grande oração central da liturgia judaica, chamada *Shemonch, Esrh* ou *Dezoito Bênçãos.* Para muitos, essa esperança não depende de uma pessoa, o Messias, porquanto concebem-na como a vindoura era da salvação, da justiça, da paz, da saúde, das realizações nacionais de Israel, de mistura com sonhos utópicos e o cumprimento de profetas veterotestamentárias acerca de Israel. A tradição profética informa-nos que, finalmente, essas esperanças centralizar-se-ão todas em Jesus, o Cristo, quando Israel tornar-se uma nação cristã. Esperamos ver isso acontecer como parte das convulsões que serão produzidas pela Terceira Guerra Mundial.

III. Unção Fora de Israel

As pessoas costumam usar elementos comuns de maneira religiosa. Assim é que o azeite, uma substância empregada na cozinha, na iluminação, nas lavagens (como parte constituinte do sabão), na medicina ou na cosmetologia, também era e continua sendo empregado nos ritos religiosos. Talvez a sua associação às curas tenha sido o grande motivo que levou o azeite a ser usado nas unções dos enfermos. O dicionário Clássico de Oxford informa-nos que o uso cúltico do azeite é uma das mais antigas práticas de que os homens têm notícia.

Sabe-se que as estátuas dos deuses eram ungidas no Egito, na Babilônia, em Roma e em outros países da antiguidade. O azeite era usado nas purificações rituais. O Tablete 51 dos tabletes de Tell el-Amarna contém uma referência à unção dos vice-reis dos Faraós egípcios. No entanto, não há qualquer alusão para mostrar que isso era feito no tocante aos próprios Faraós. Todavia, o Tablete 34 sugere tal coisa. Talvez a unção fosse praticada no caso dos reis porque esse ofício era mesclado com o do sacerdócio, perfazendo assim uma espécie de sinal divino das funções reais, tendo em vista interesses tanto políticos quanto religiosos. O uso da unção, quando da consagração de sacerdotes era uma pratica comum em muitas culturas antigas.

IV. Tipos de Unção em Israel

Quanto a um estudo completo a respeito, ver o artigo chamado *Unção.* Eram ungidas coisas e pessoas (reis, sacerdotes, profetas, visitantes dos mortos, inquiridores); também havia unções com propósitos cosméticos e de higiene, sem falarmos nos propósitos religiosos. Os usos metafóricos dessa prática falavam sobre a unção do Espírito; o poder da cura; a transmissão de autoridade e aprovação. Mas, acima de tudo, temos o caso notável do Ungido, o Messias (o Cristo). Oferecemos referências bíblicas quanto a essas questões, no artigo acima referido.

V. A Literatura Messiânica

1. No Antigo Testamento

a. *Pano de* Fundo. Apesar de que somente o trecho de Dan. 9:25,26 tem a palavra hebraica *mashiah* como um título oficial, há muitas passagens do Antigo Testamento que refletem o conceito messiânico. Os reis, sacerdotes e profetas ungidos *prefiguravam* o Ungido do Senhor, que estava destinado a incorporar, em sua pessoa, todos os três ofícios, missões e realizações daqueles. Os sacerdotes são mencionados como ungidos (ver Lev. 4:3; 8:12; Sal. 105:15). Outro tanto no caso dos reis (ver I Sam. 24:7-11; Sal. 2:2; Dan. 9:25-26) e dos profetas (ver I Reis 19:16). Quando o pecado veio macular a humanidade, foi feita uma promessa, da parte de Deus, para cuidar do problema em sua própria raiz (ver Gên. 3:15). Por sua vez, o pacto abraâmico (vide) incluía uma promessa nesse sentido, a de que o descendente de Abraão haveria de abençoar a todas as nações da terra (ver Gên. 12:3; 9:36; 22:19). E foi através da descendência de Abraão que surgiram em cena primeiramente a nação de Israel e, então, o Messias. A nação escolhida de Israel estampava esse caráter singular, era uma nação santa, um reino de sacerdotes (ver Êxo. 19:6).

b. *Designações Messiânicas.* Descendente de Abraão; Filho de Davi; Filho do Homem; Meu Filho; Meu Servo; Meu Eleito: o Renovo; Príncipe da Paz; Maravilhoso; Conselheiro; Poderoso Deus; Pai da Eternidade. Ver Gên. 22:18; II Sam. 23:6; Sal. 2:7; Isa. 9:6,7; 42:1; Zac. 3:8; 6:12; Dan. 7:13,14; 10:16-18. Finalmente, temos a designação específica de *Messias,* em Dan. 9:25,26.

c. *Passagens Proféticas.* Várias das referências dadas acima, sob «a», podem ser consideradas passagens proféticas messiânicas. Os estudiosos da Bíblia (talvez com alguns exageros) descobrem muitas passagens proféticas. Billy Graham asseverou que *todos os* Salmos contêm profecias acerca do Messias. Naturalmente, nisso há um exagero; mas é verdade que os salmos são a porção veterotostamentária mais constantemente citada no Novo Testamento. Damos uma lista completa de citações dos salmos, no Novo Testamento, no artigo sobre aquele livro de Salmos. Não há que duvidar que muitos dos salmos são messiânicos. Certo autor foi capaz de encontrar quatrocentas e cinqüenta e seis profecias sobre o Messias, no Antigo Testamento: setenta e cinco no Pentateuco; duzentas e quarenta e três nos livros proféticos; e cento e trinta e oito nos rolos (ele usava a divisão do Antigo Testamento segundo os hebreus faziam). Mas, se examinássemos uma por uma dessas passagens, veríamos que aquele autor exageroq. Não se pode duvidar, porém, que ao menos os Salmos e o livro de Isaías contêm muitas passagens proféticas a respeito do Messias. Ver os pontos «g» e «h», abaixo. Ver também o artigo separado **Profeclas Messiânicas Cumpridas em Jesus**. Esse artigo relaciona aquelas referências do Antigo Testamento que estão obviamente vinculadas ao Senhor Jesus, no Novo Testamento, servindo como uma seleção de passagens proféticas que falam sobre esse tema.

d. *O Messias Através de Tipos Simbólicos.* Pode-se dizer que a própria Israel, como nação através da qual foi dada a mensagem de redenção, servia como tipo simbólico do Messias. Além disso, Adão, o primeiro homem, prefigurava o *Segundo (ou* Último) *Adão,* conforme Paulo nos ensina no quinto capítulo de Romanos. Abraão, por meio de quem se cumpririam as condições do pacto especial de Deus, prefigurava Aquele que teria o *Novo Pacto* (vide). Em Abraão e em seu Filho maior seriam abençoadas todas as nações da terra. Jacó, que era *Príncipe* com Deus, simbolizava Aquele que seria, acima de qualquer outro, o Príncipe de Deus. Moisés, o primeiro legislador, prefigurava o Messias, que é o Segundo e Maior Legislador. Os capítulos quinto a sétimo de Mateus fornecem-nos o sumário da nova legislação, que tanto interpreta quanto ultrapassa a primeira legislação. A primeira legislação tinha por finalidade servir de aio, conduzindo-nos ao segundo e maior Legislador, Cristo (ver Gál. 3:24,25). Davi foi o antepassado real do Filho de Davi, que velo a ser o líder do povo de Israel em um sentido todo especial.

e. *Filho de Davi.* Ver as seguintes referências do Novo Testamento: Mat. 1:1; 9:27; 12:3,23; 15:22; 20:30,31; 21:9,15; 22:42,43,45; Mar. 10:47;48; 12:35-37; Luc. 1:27,32; 2:4; 18:38; 20:42,44; João 7:42; Atos 13:22,34; 15:16; Rom. 1:3; II Tim. 2:8; Apo. 3:7; 5:5; 22:16. Ver também o artigo intitulado *Pactos,* onde é ventilado o chamado Pacto Davídico.

f. O *Ser Sobrenatural.* O Messias, como uma figura celestial, aparece obviamente no trecho de Isa. 9:6 *ss.* Em Dan. 7:13 *ss,* o Rei ideal humano retrocede a segundo plano e em seu lugar, emerge o Cristo sobrenatural, um ente sobrenatural que haveria de entrar no palco da história humana, vindo das dimensões celestes. Esse tema também é proeminente em I Enoque, e aparece no Novo Testamento sob os termos mais enfáticos, especialmente dentro da doutrina do *Logos* (vide).

g. As *Bênçãos Proféticas de Jacó a seus Filhos. O Filho que Viria.* É muito instrutiva a questão das bênçãos de Jacó a seus filhos,

em seu leito de morte. O *Targum* sobre Gên. 49:10 é significativo: «O cetro não se arredará de Judá... até que venha o tempo da vinda do Rei, o *Meshiah,* o mais jovem de seus filhos; e, por causa dele, todas as nações fluirão juntamente. Quão belo é o Rei, o *Meshiah,* que se erguerá dentre a casa de Judá!» Nesse comentário, o nome próprio Messias toma o lugar do nome Siló, dentre aquela predição de Jacó. Os eruditos consideram que esse comentário judaico mais antigo que o começo do cristianismo é, naturalmente, inteiramente independente da Igreja cristã.

h. As *Profecias de Isaías.* Devemos considerar as seguintes: em Isa. 4:2, sobre o Renovo do Senhor. Em 7:10-17, sobre o prometido Emanuel. Em 7:14, sobre o nascimento virginal de Cristo (ver Mat. 1:23). Em 9:1-17, sobre a Personagem celeste. Em 11:1 *ss.* sobre o nascimento de um Filho especial. Em 32:1-8 sobre a visão messiânica. Em Isa. 55:3,4, sobre o pacto eterno com Davi. É com toda a razão, pois, que o livro de Isaías tem sido apodado de Evangelho do Antigo Testamento.

i. *Outros Trechos Bíblicos Notáveis.* Em Jer. 23:5,6, sobre o Senhor Justiça Nossa. Em Jer. 31:31 *ss,* sobre o Príncipe Messiânico. Em Eze. 24:23,24, sobre o Novo Pacto. Em Eze. 37:22 *ss,* sobre o Pastor de Israel. Em Miq. 5:1-4, sobre Belém Efrata, local do nascimento do Messias. Em Zac. 9:9, sobre a entrada triunfal do Messias em Jerusalém.

j. *Alguns Salmos Messiânicos:* 2; 8; 22; 23; 34:21; 41:10; 45; 69; 72. Todos esses trechos são mencionados no Novo Testamento.

l. *O Apólogo.* Um dos melhores argumentos em favor de um elo genuíno entre o Antigo e o Novo Testamentos (alguns pensam que esse elo é um acidente histórico) é a tradição profética. E o principal conceito que liga os dois Testamentos é o tema do Messias.

2. Na Literatura Extracanônica

a. *I Enoque.* Uma das grandes falhas na erudição evangélica é a falta de conhecimento sobre os livros apócrifos e pseudepígrafos. Ver os artigos separados sobre essas coletâneas. O esboço profético adotado no Novo Testamento já existia naqueles livros, segundo se vê claramente em I e II Enoque. O conceito messiânico é saliente em I Enoque, incluindo a doutrina da Personagem celestial. Naturalmente, em forma preliminar, encontramos essa doutrina no livro de Daniel. Os livros apócrifos não contribuem muito para definir o conceito messiânico; mas essa definição é bem vívida em alguns dos livros pseudepígrafos. O artigo sobre I Enoque demonstra isso claramente. Paralelamente, fica demonstrado que aquele livro já continha um dos principais temas proféticos posteriormente desenvolvidos no Novo Testamento.

Nos livros pseudepígrafos, «...os conceitos messiânicos são altamente desenvolvidos e desempenham um papel vital na mensagem daqueles livros. Especialmente o livro de I Enoque rebrilha com grandiosa esperança messiânica, refletindo o julgamento contra os inimigos de Israel, predizendo a fundação da Nova Jerusalém, concebendo a conversão dos gentios, falando sobre a ressurreição dos justos, e atingindo um clímax em sua visão do advento do Messias. R.H. Charles reputa essa obra como a mais importante na história do desenvolvimento teológico. Esse livro de I Enoque retrata o Messias como um Cordeiro com chifres na cabeça, por causa do qual o Senhor das ovelhas regozija-se (90:38). Os títulos dados ao Messias, nesse livro, são dignos de atenção, por estarem tão próximos da nomenclatura neotestamentária. O Ungido (48:10; 52:4); o Justo (38:2; 46:3; 53:6; comparar com Atos 3:14; 7;52; 22:14; I João 2:1), o Eleito (40:5; 45:3 ss; 49:2,4; 51:3,5; comparar com Luc. 23:35; I Ped. 2:4); o Filho do Homem (46:3 *ss;* 48:2; 62:9,14; 63:11; 69:26 *ss;* 70:1; 71:1)». (Z).

Em I Enoque também há menção a várias funções que pertencem ao Messias, e que reaparecem no Novo Testamento: Ele é o Juiz do mundo; Ele é o Revelador de todas as coisas; Ele é o Campeão e Dirigente dos justos; Ele ressuscita aos mortos (51:1; 61:5).

b. *Outras Obras Pseudepígrafas.* O livro Testamento dos Doze Patriarcas refere-se à missão universalista do Messias, que haveria de envolver todos os seres humanos. II Baruque alude ao reino messiânico e à ressurreição dos mortos. IV Esdras é livro que indica o triunfo do Messias sobre os seus inimigos.

c. Josefo e Suetônio. Esses antigos escritores falam sobre o poder que as idéias messiânicas exerciam sobre o judaísmo, pouco antes da época de Cristo. Ver *A Vida de Vespasiano* 4, e também *Guerras VI,* 5,2.

d. *Materiais entre os Manuscritos do Mar Morto.* São mencionados dois messias, em IQS 9:11, um de Aarão e outro de Israel. Também são mencionados o Mestre da Justiça; o grande Homem (IQS 4.18); o grande Profeta (IQS 9.11). O *Homem* reaparece no Testamento dos Doze Patriarcas, em Zac. 12:7 e em Lamentações 3:1. Também lemos sobre o Poderoso Conselheiro (Hino 3.5), e sobre o Botão, o Renovo e a Planta Eterna (Hino 6), que cobrem a terra inteira.

e. A *Quarta Écloga de Vergílio.* Essa bucólica peça da literatura latina é verdadeira e espantosamente messiânica. Alguns comentadores têm pensado que ela foi inspirada pelo Espírito de Deus em um escritor pagão. Quando, na universidade, meus colegas e eu a líamos, nosso professor de latim comentou sobre o caráter incomum desse escrito, e sobre como muitos o consideram profético e messiânico. Há eruditos, porém, que oferecem uma explicação mais simples, embora não, necessariamente, a correta. Esses supõem que a obra foi escrita sob a influência das expectações messiânicas dos hebreus, não sendo um conceito independente de Vergílio. Suas datas (70-19 A.C.) fazem isso tornar-se perfeitamente exeqüível. Seja como for, essa obra fala sobre o nascimento de um menino que trará a paz ao mundo.

f. A *Inspiração dos Macabeus.* Os Macabeus liberaram Israel da dominação estrangeira. Infelizmente porém, não demorou para que Roma pusesse fim à liberdade deles! Os judeus começaram a anelar por uma figura que renovasse e até mesmo ultrapassasse a glória trazida pelos Macabeus. Por isso, o Messias foi assumindo dimensões cada vez maiores na mente popular, revestido de uma estatura metafísica gigantesca. Ele haveria de ser o Filho de Davi, inigualavelmente dotado, e que haveria de restaurar a nação do Israel, levando-a a ser a cabeça de um reino universal. Ele também seria o Filho de Deus, a Personagem celeste que traria aos judeus a salvação e seria o mediador de uma nova mensagem da parte de Deus. Veio à tona a idéia da *era áurea* (o milênio). O livro de *Jubileus* menciona, especificamente, os mil anos, o I *Enoque* refere-se a uma era áurea de trezentos anos. As expectações foram-se intensificando, à medida que a nação de Israel aproximou-se dos seus cinco mil anos do calendário da criação. As crenças populares afirmavam que seria então inaugurado o período do milênio. Esse período seria um tempo de justiça, paz, bênção e grandeza universais. Foi em meio dessas grandiosas expectações que nasceu Jesus, o Cristo.

VI. O Messias no Novo Testamento

Há uma série de artigos, nesta Enciclopédia, ou mesmo partes de artigos, que abordam essa questão, os quais o leitor poderia examinar, a saber:

1. *Esperança Messiânica;* 2. *Cristo;* 3. *Filho do Homem;* 4: *Filho de Deus;* 5. *Profecias Messiânicas Cumpridas em Jesus;* 6. *Jesus* (ver especialmente a seção III. 3. *Temas Básicos,* a. Reino; b. Filho do Homem; c. Missão Messiânica). 7. *Logos.*

É óbvio que o Novo Testamento leva o conceito messiânico muito além do que o faz o livro de I Enoque. O Messias é ali não somente uma figura celeste, porquanto ele é divino, ele é o Servo sofredor que fez expiação por seu povo (ver sobre a *Expiação*); Ele é o Juiz de vivos e de mortos, ele é o *Logos, o* divino Revelador de todas as coisas; ele é o Salvador; ele é o verdadeiro Deus; ele tem uma tríplice missão: sobre a terra, no hades e nos céus. Em sua *encarnação* (vide), Cristo é o *Deus-homem,* naquela misteriosa união de personalidades que nenhuma teologia jamais foi capaz de explicar devidamente.

No artigo intitulado *Cristo,* o leitor é dirigido a consultar vinte e quatro outros artigos que desdobram a doutrina de quem foi o Cristo, o que ele realizou, e quais são os seus ofícios e poderes. Torna-se imediatamente patente que, sem embargo às grandes contribuições

do Antigo Testamento e dos livros extracanônicos para o conceito do *Messias,* o Novo Testamento desenvolve essa idéia em dimensões muito mais elevadas e profundas. Os artigos que dizem respeito à missão de Cristo são os seguintes: *Salvação; Descida de Cristo ao Hades; Transformação do Crente Segundo a Imagem de Cristo.*

Em todo o volume do Novo Testamento, a palavra *Messias* aparece somente por duas vezes, em João 1:41 e 4:5. Em todas as demais ocorrências à idéia do Ungido de Deus é usada a palavra grega *Christós.*

Bibliografia. AM C CB CH E ED EN J KLA ME(1964) YO W Z. Quanto a outros verbetes, ver as bibliografias dos artigos *Cristologia* e *Jesus.*

MESTRE, ENSINO Ver também **Mestres.**

Ver os artigos separados sobre *Ensino* e *Ensinos de Jesus.*

Há quatro palavras hebraicas e duas palavras gregas envolvidas neste verbete, a saber:

1. *Bin,* «fazer compreender». Esse verbo hebraico é empregado por mais de cento e sessenta vezes, com variados sentidos, embora sempre ligados à idéia de «compreensão», «conhecimento» etc. De fato, no hebraico, «entendimento», «sabedoria» etc., corresponde a *binah.* Ver, por exemplo, I Crô. 25:8; II Crô. 35:3; Nee. 8:9; Isa. 40:14; Dan. 11:33; Deu. 32:10.

2. *Yarah,* «direcionar», «ensinar». Esse verbo, no *hifil,* é usado por quarenta e sete vezes com o sentido de «ensinar». Ver, por exemplo, Êxo. 4:12,15; Lev. 10:11; Deu. 17:11; Juí. 13:8; I Sam. 12:23; I Reis 8:36; Jó. 6:24; 34:32; 36:22; Sal. 25:8; 27:11; 32:8; 86:11; Pro. 4:4,11; 6:13; Isa. 2:3; 9:15; Eze. 44:23; Miq. 3:11; 4:2; Hab. 2:18,19.

3. *Lamad,* «ensinar». Palavra hebraica usada por cinqüenta e sete vezes com esse sentido. — Por exemplo: Deut. 4:1,5, 10,14; 5:31; 6:1; Juí. 3:2; II Sam. 1:18; II Crô. 17:7,9; Esd. 7:10; Jó. 21:22; Sal. 18:34; 25:4,5,9; 34:11; Ecl. 12:9; Isa. 40:14; Jer. 2:23; 9:5,14,20; 32:33; Dan. 1:4.

4. *Sakal,* «fazer agir sabiamente». Usado no *hifil* por oito vezes, com o sentido de ensinar: Dan. 1:17; 9:22; Nee. 9:20; Sal. 32:8; II Crô. 30:22; Pro. 16:23; Jó. 22:2; Pro. 10:5.

5. *Didáskalos,* «mestre», «professor». Palavra grega usada por cinqüenta e oito vezes: Mat. 8:19; 9:11; 10:24,25; 12:38; 17:24; 19:16; 22:16,24,36; 23:8; 26:18; Mar. 4:38; 5:35; 9:17,38; 10:17,20,35; 12:14, 19,32; 13:1; 14:14; Luc. 2:46; 3:12; 6:40; 7:40; 8:49; 9:38; 10:25; 11:45; 12:13; 18:18; 19:30; 20:21,28,39; 21:7; 22:11; João 1:39; 3:2,10; 8:4; 11:28; 13:13,14; 20:16; Atos 13:1; Rom. 2:20; I Cor. 12:28,29; Efé. 4:11; I Tim. 2:7; II Tim. 1:11; 4:3; Heb. 5:12 e Tia. 3:1. O substantivo, *didaskalía,* «ensino», aparece por vinte e uma vezes, de Mat. 15:9 a Tito. 2:10. E o verbo, *didásko,* «ensinar», é usado por noventa e cinco vezes, desde Mat. 4:23 até Apo. 2:10. E outro substantivo derivado desse verbo, *didaché,* aparece por trinta vezes, de Mat. 7:28 a Apo. 2:24.

6. *Katechéo* «instruir». Verbo grego usado por sete vezes: Luc. 1:4; Atos 18:25; 21:21,24; Rom. 2:18; I Cor. 14:19; Gál. 6:6.

I. No Antigo Testamento

Na antiguidade, a educação, entre os judeus, consistia inteiramente na instrução religiosa. Nos dias do Antigo Testamento não havia compêndios exceto o próprio Antigo Testamento, e toda a educação resumia-se à leitura e estudo das Sagradas Escrituras. Nessa época, não havia nenhum ofício reconhecido como o dos professores, e nem havia um título definido para tais. Falava-se em «ensinar», mas não em «professores», conforme se vê nas quatro palavras hebraicas estudadas no começo deste verbete. Para os judeus, o centro de educação e instrução era o lar, pois a responsabilidade do ensino das crianças recaía sobre seus genitores (Deu. 4:9,10; 6:7,20-25; 11:19; 32:46).

Os profetas, entretanto, foram reconhecidos como mestres, mas, novamente, de assuntos religiosos, como porta-vozes de Deus. Mediante a palavra oral e a palavra escrita, eles ensinavam a vontade de Deus no tocante aos israelitas. Antes deles, os sacerdotes também estavam ocupados na tarefa da instrução religiosa do povo (II Crô. 15:3). Pode-se mesmo dizer que foi porque os sacerdotes falharam no papel de mestres que Deus levantou os profetas. Os sacerdotes ensinavam com base nas instruções aprendidas nas Escrituras; os profetas ensinavam com base na Palavra viva, que lhes era dada por revelação.

Nos dias anteriores ao exílio babilônico, não havia qualquer vestígio da existência de escolas em Israel. A sinagoga foi uma instituição que surgiu em face das novas necessidades, impostas pelo exílio. E, quando o templo de Jerusalém foi destruído, no ano 70 D.C., os ritos sacrificiais tornaram-se impossíveis. E, por essa razão, no exílio, os judeus começaram a se reunir aos sábados, a fim de orarem e receberem instruções religiosas. É por esse motivo que Filo, um pensador judeu do passado, chamou as sinagogas de «casas de instrução». Foi a partir dessa altura dos acontecimentos que os escribas, que dedicavam toda a sua vida à tarefa de compreender e interpretar a lei, entraram em cena.

Não se sabe exatamente quando, após o retorno do exílio babilônico, teve início a instrução elementar, como um serviço público organizado. O Talmude informa-nos de que Simão ben-Setaque, irmão da rainha Alexandra, que reinou de 78 a 60 A.C., baixou decreto impondo que as crianças judias deveriam freqüentar as escolas elementares; e também ajunta que o sumo sacerdote Josué ben-Gamala (63-65 D.C.) foi quem universalizou a educação elementar por toda a Judéia. Somente os meninos judeus recebiam essa educação pública, a começar com a idade entre cinco e sete anos. Usualmente, essas escolas elementares eram um adendo à sinagoga. Essas escolas eram chamadas casas do Livro. O ensino judaico era efetuado de maneira inteiramente oral, e a educação consistia quase inteiramente na memorização. Apesar das falhas didáticas e de método, os professores eram altamente estimados e respeitados em Israel.

II. No Novo Testamento

No Novo Testamento, o substantivo *didáskalos* é usado, de maneira geral, para indicar qualquer tipo de professor, de assuntos religiosos ou não (Mat. 10:24; Luc. 6:40; Rom. 2:19,20; Heb. 5:12), que é termo grego eqüivalente ao termo hebraico *rabi,* que significa «meu mestre» (Mat. 8:19; 12:38; 19:16; 22:16,36).

De todos os mestres que ali aparecem, nenhum é tão destacado como o Senhor Jesus, o Mestre por excelência. Nicodemos, que Jesus chamou de «mestre em Israel», disse: «Rabi, sabemos que és mestre vindo da parte de Deus...» (João 3:2). Jesus foi o protótipo de uma série de «mestres cristãos», levantados por ele no seio de sua Igreja. Em I Coríntios 12:28 e Efésios 4:11, o apóstolo Paulo refere-se a um ministério especial, dos *mestres,* cuja finalidade era a de instruir a verdade cristã aos crentes. E o confronto entre Atos 13:1 com Rom. 12:7; II Tim. 1:11 e Tia. 3:1 mostra-nos que os mestres cristãos—que exerciam seu dom ministerial juntamente com os apóstolos, os profetas, os evangelistas e os pastores (na verdade, os mestres eram sempre pastores, embora nem todos os pastores fossem mestres) —na maioria das vezes ensinavam em congregações locais já estabelecidas. O ministério do ensino não estava necessariamente limitado a eles, porquanto também era exercido pelos apóstolos e profetas.

Dentro do círculo apostólico, o grande mestre dos gentios foi o apóstolo Paulo. Testificou ele: «Para isto fui designado pregador e apóstolo (afirmo a verdade, não minto, mestre dos gentios na fé e na verdade» (I Tim. 2:7). E Tiago, prático como sempre, nos oferece uma interessante instrução acerca desse ministério de mestre: «Meus irmãos, não vos torneis, muitos de vós, mestres, sabendo que havemos de receber maior juízo» (Tia. 3:1).

MESULÃO

Não se conhece o significado dessa palavra, no hebraico. No entanto, há quem arrisque o sentido de «associado» ou «amigo». Era nome muito comum nos dias do Antigo Testamento, havendo vinte e uma pessoas com esse nome, na Bíblia:

1. Um chefe da tribo de Gade, que vivia em Jerusalém, nos tempos do rei Jotão (I Crô. 5:13). Viveu em cerca de 781 A.C.

2. O avô de Safã, o escriba, secretário do rei Josias (II Reis 22:3). Viveu por volta de 623 A.C.

3. Um filho de Zorobabel, da casa de Davi (I Crô. 3:19). Ele viveu em cerca de 536 A.C.

4. Um filho de Elpaal, da tribo de Benjamim (I Crô. 8:17). Ele morava em Jerusalém, depois que o remanescente de Judá voltou do cativeiro babilônico.

5. O pai de Salu, da tribo de Benjamim (I Crô. 9:7 e Nee. 11:7). Ele residia em Jerusalém, depois que o resto de Judá voltou do exílio na Babilônia, em cerca de 445 A.C.

6. Um filho de Sefatias, da tribo de Benjamim (I Crô. 9:8). Ele morava em Jerusalém, depois que o remanescente de Judá voltara do cativeiro babilônico, em cerca de 445 A.C.

7. Um sacerdote da família de Sadoque, pai de Hilquias, o sumo sacerdote que, nos dias de Josias, encontrou o livro da Lei no templo de Jerusalém, segundo se lê em I Crô. 9:11; Nee. 11:11. Ver também II Reis 22:8 *ss.* Talvez ele fosse o mesmo homem chamado algures de *Salum* (vide). Viveu em torno de 445 A.C. Veio residir em Jerusalém, quando o remanescente de Judá voltou do cativeiro babilônico.

8. Um filho de Mesilemite, da família sacerdotal de Sadoque. Ele foi um ancestral de Masai ou Amasai (I Crô. 9:12; Nee. 11:13). Viveu em algum tempo antes de 445 A.C.

9. Um membro da família sacerdotal dos coatitas, que serviu como superintendente dos reparos da casa do Senhor, durante o reinado de Josias (II Crô. 34:12). Viveu em torno de 639 A.C.

10. Um líder do povo que retornou do cativeiro babilônico em companhia de Esdras. Ele ajudou Esdras no recrutamento de levitas tendo em vista a consolidação do culto religioso, depois da volta de Judá à Terra Prometida. Ver Esd. 8:16. Ele viveu em cerca de 557 A.C.

11. Um homem que se opôs a Esdras, quando este exigiu que todos aqueles que se tinham casado com mulheres estrangeiras, durante o cativeiro babilônico, se desfizessem delas, depois que o remanescente de Judá voltara a Jerusalém. Ver Esd. 10:15.

12. Um filho de Bani, que se casara com uma mulher estrangeira, ao tempo do cativeiro babilônico, mas que precisou divorciar-se dela, quando os israelitas voltaram a Jerusalém (ver Esd. 10:29).

13. Um filho de Besodias, que ajudou nos reparos da Porta Velha, uma das muitas existentes nas muralhas de Jerusalém. Isso ocorreu quando o remanescente de Judá havia voltado do cativeiro babilônico para Jerusalém. Ver Nee. 3:6.

14. Um filho de Berequias, que ajudou a reparar as muralhas de Jerusalém, depois que o remanescente de Judá voltara do cativeiro babilônico (Nee. 3:4,30). Sua filha tornou-se esposa de Joanã, filho de Tobias, o amonita (Nee. 6:18). Ele viveu em torno de 445 A.C.

15. Um líder do povo que se postou à esquerda de Esdras, quando este leu a lei mosaica diante do povo, depois que os judeus retornaram do cativeiro babilônico (Nee. 8:4).

O tempo foi cerca de 445 A.C. Parece ter sido o mesmo homem que apôs seu nome em aprovação ao novo pacto (ver Nee. 10:20).

16. Um sacerdote que assinou o pacto feito por Neemias e o povo de Israel, quando o culto divino foi restabelecido, terminado o cativeiro babilônico (Nee. 10:7).

17. Um líder do povo que assinou o novo pacto encabeçado por Neemias, depois da volta do remanescente de Judá do cativeiro babilônico. Talvez ele tenha sido o mesmo homem alistado acima como o de número quinze. Ver. Nee. 10:20.

18. Um sacerdote da família de Esdras, na época do sumo sacerdote Joiaquim (Nee. 12:13).

19. O cabeça de uma família sacerdotal de Ginetom, que viveu nos dias de Joiaquim (Nee. 12:16). Viveu em cerca de 536 A.C.

20. Um porteiro que trabalhou como guarda dos tesouros ou depósitos das portas (Nee. 12:25). Isso aconteceu quando Neemias era o governador de Judá.

21. Um líder do povo que ajudou a dedicar as muralhas de Jerusalém, depois que as mesmas foram reconstruídas, após a volta do remanescente de Judá do exílio na Babilônia (Nee. 12:33).

O nome Mesulão parece ter-se tornado tão comum na cultura dos hebreus, terminado o cativeiro babilônico, como José é um nome comum para os brasileiros. É possível que isso se deve ao fato de que esse nome signifique «reconciliação» ou «restauração».

MESULEMETE

No hebraico, «amiga». Ela foi esposa do rei Manassés e mãe do rei Amom (II Reis 21:19). Era filha de Haruz, de Jotbá. Viveu em cerca de 664 A.C.

METAL, METALURGIA

Ver o artigo geral sobre **Artes e Ofícios**, que fornece alguma informação sobre esse assunto.

Esboço:

I. Definição
II. Metais Referidos na Bíblia
III. Informes Históricos Sobre a Metalurgia
IV. Os Metais e a Metalurgia Mais Importantes da Bíblia

I. Definição

Um metal é um elemento que forma uma base, combinando-a com um grupo ou grupo hidroxílico. Um hidroxílico é o radical univalente OH, que consiste em um átomo de oxigênio e um átomo de hidrogênio. Ocorre nos álcoois, na maioria dos ácidos e em muitos compostos orgânicos. — Os metais geralmente são duros, pesados, lustrosos, maleáveis, dúcteis, tenazes, sendo bons condutores do calor e da eletricidade. Uma combinação de metais produz uma liga. Os *metais nobres* são aqueles que não se oxidam facilmente em contacto com o ar ambiente, como o ouro, a prata e a platina.

A metalurgia é a arte ou ciência da extração de um metal ou metais, de seus respectivos minérios, mediante processos como a fundição, a redução, o refino, a liga, a eletrólise, etc. O termo português «metalurgia» vem do grego *metallon,* «mina», e *ergos* «trabalho». Todavia, mais diretamente, essa palavra portuguesa vem do latim, *metallurgia,* uma adaptação das palavras gregas envolvidas. «Metal», naturalmente, vem do grego *metallon,* ou do latim, *metallum,* «mina». Como uma ciência e uma técnica, a *metalurgia* envolve os processos da produção de metais mediante a extração de seus minérios, seu refino e purificação, bem como a aplicação desses metais a vários usos.

II. Metais Referidos na Bíblia

A metalurgia é uma das mais jovens ciências do mundo, embora uma de suas artes mais antigas. É impossível alguém pensar na civilização sem pensar em metais. Quase tudo quanto possuímos no sentido de instrumentos, máquinas e um sem-número de produtos, depende dessa ciência. Os metais são tão importantes na história que as várias eras passadas tornaram-se conhecidas segundo os nomes de vários metais. Assim, temos a era Calcolítica, a era do Bronze, a era do Ferro, etc.

Os metais mencionados na Bíblia são o cobre, o ferro, o ouro, o chumbo, a prata, o estanho, e, em menor escala, o mercúrio e o zinco. Damos informações gerais sobre esses metais, no quadro abaixo:

Metal	*Símbolos*	*Densidade*	*Ponto de Fusão*
Cobre	Cu	8,9	1083º C
Ferro	Fe	7,9	1540º C
Ouro	Au	19,3	1063º C
Chumbo	Pb	11,3	327º C
Prata	Ag	10,5	961º C
Estanho	Sn	7,3	232º C
Mercúrio	Hg	13,6	-39º C
Zinco	Zn	7,1	420º C

É provável que o ouro tenha sido o primeiro metal conhecido e usado pelo homem. Tanto o ouro quanto o cobre ocorrem comumente em estado nativo. Ambos são metais moles, mas o ouro é tão mole que é inútil para ser usado em instrumentos. Isso posto, o ouro era valorizado devido às suas qualidades decorativas, sendo extensamento usado na joalheria. O cobre também é mole, mas, uma vez batido a martelo, podia ser endurecido o bastante para ser usado no fabrico de armas e instrumentos. A prata também pode ser achada em estado nativo, e também era usada pelos homens na joalheria e em obras decorativas. O ferro terrestre nativo é raro, mas a maioria dos meteoritos é composta de ferro, com traços de níquel. O uso do chumbo, do estanho, do mercúrio e do zinco já dependem de bons avanços na metalurgia. O cobre em liga com o estanho produz o bronze. Posteriormente, apareceu a liga do cobre com o zinco, que produz o metal amarelo. A metalurgia teve de dar mais alguns passos para produzir o ferro não derivado dos meteoritos, sempre tão raros. Há mais de oitenta referências ao ferro, nas páginas do Antigo Testamento. Na seção IV, abaixo, desenvolvemos o tratamento dado a cada metal e seu uso, na Bíblia.

III. Informes Históricos Sobre a Metalurgia

1. *Antes de 4000 A.C.* Nesse tempo, os homens usavam o ouro e o cobre nativos, como também o ferro dos meteoritos. Esses metais eram batidos a martelo, até tomarem os formatos desejados, embora também fossem usados os processos da fundição e da moldagem. O metal *nativo* é o metal encontrado em estado natural, que não precisa ser fundido a fim de ser extraído de seu minério. Contas de ferro foram encontradas em um cemitério pré-dinástico em Giza, de cerca de 4000 A.C. Deve ter sido usado ferro nativo, no fabrico dessas contas.

2. *De 4.000 a 3.000 A.C.* A prata nativa era empregada mediante o uso do martelo; o chumbo, o cobre e o ferro eram extraídos mediante o processo de fundição. Começaram a aparecer as ligas de cobre (o bronze). A moldagem era, então, utilizada.

3. *De 3000 a 2000 A. C.* Foi descoberta a fundição de sulfidos de cobre e de óxidos de estanho. O estanho tornou-se um importante item do comércio. Começou a ser produzido o ferro esponjoso (poroso). A prata começou a ser extraída mediante o processo da refinação com o chumbo, um processo também chamado copelação. Começou a ser manufaturado tanto o ouro em folhas quanto o arame feito de algum metal. As lendas chinesas afirmam que a fundição do ferro começou por volta de 2800 A.C., naquele país. Essas lendas põem no crédito do imperador Shen Nung o descobrimento desse processo. Pelo menos é indiscutível que, em cerca de 500 A.C., os chineses estavam mais avançados na metalurgia do que os europeus. Uma foice de ferro foi encontrada no interior da grande pirâmide de Quéopes, que reinou entre 2590 e 2568 A.C.

4. *De 2.000 a 1.000 A.C.* Começaram a ser usados foles nas fornalhas, a fim de aumentar a temperatura das mesmas, o que permitiu melhores processos de extração e de refino. Começou a ser fabricado o aço, mediante a carbonização em fornalhas. Em cerca de 1200 A.C., foi descoberto o processo de endurecimento do ferro. O metal amarelo passou a ser fabricado, mediante a liga de minérios de cobre e de zinco. Começaram-se a fabricar espelhos *(specula),* feitos de uma mistura do estanho com o bronze, que era, então, altamente polido. Na época de Ramsés II (1992-1925 A.C.), o ferro já era comum no Egito. Instrumentos e armas de todo tipo eram feitos naquele período, conforme atestam as descobertas arqueológicas.

5. *De 1.000 a 0 A.C.* Nesse período houve extraordinária expansão no uso de todos os tipos de metais, tendo aparecido novas ligas metálicas. O mercúrio era distilado de seus minérios; o ouro era separado mediante amálgama com o mercúrio. Surgiram as moedas cunhadas. O bronze tornou-se um importante metal.

6. *Alguns Informes Bíblicos.* O ferro é comumente mencionado nas Escrituras. Ver Gên. 4:22; Lev. 26:19; Núm. 31:22; Deu. 3:11; Jos. 6:19; Juí. 1:19; I Sam. 17:7; II Sam. 12:31; I Reis 6:7; II Reis 6:6; Jó. 19:24; Sal. 2:9; Pro. 27:17; Isa. 10:34; Jer. 1:18; Eze. 4:3; Dan. 2:33-35; Amós 1:3; Miq. 4:13; Atos 12:10; I Tim. 4:2; Apo. 2:27; 9:9. Supõe-se que os hebreus tinham conhecimentos de metalurgia, tomados por empréstimo de outras culturas, a começar pelos egípcios, e incluindo os cananeus, que já sabiam fabricar objetos de ferro. O começo da era do Ferro foi em cerca de 1200 A.C., pelo menos na região da Palestina. Na época de Davi, a metalurgia tornou-se mais importante em Israel, e foram desenvolvidas ali técnicas independentes, o que apenas se intensificou nos dias de Salomão (ver I Reis 10:16-23). Davi apossou-se dos territórios de Edom, que continham muitos depósitos de ferro e de cobre (ver II Sam. 8:14). Salomão encorajou o emprego de estrangeiros capazes, a fim de que sua tecnologia fosse absorvida pelos israelitas (ver I Reis 7:13,14).

IV. Os Metais e a Metalurgia Mais Importantes da Bíblia

1. *O Ouro.* Conforme já foi dito, o ouro aparece na natureza em um estado já utilizável (chamado *nativo*). É provável que o ouro tenha sido o primeiro dos metais a ser usado pelos homens. Pepitas e lâminas de ouro podiam ser encontradas em rios e em cascalhos e, ocasionalmente, em veios nas rochas. O ouro era extraído por meio de lavagem. O ouro extraído nas minas era primeiramente reduzido mediante trituração, até tornar-se em pedaços pequenos. Então esse minério era lavado e coado, a fim de que o ouro pudesse separar-se da escória. Monumentos da primeira dinastia egípcia (2900 A.C.) retratam esse processo de lavagem do minério de ouro.

Nos tempos dos romanos, o ouro e a prata começaram a ser extraídos mediante o uso do mercúrio, em um processo intitulado amálgama. Os minérios eram triturados bem finos, dentro da água e, então, misturados com mercúrio, sendo agitados incessantemente. O ouro desprende-se do resto e adere ao mercúrio. Essa mistura (amálgama) é, então, aquecida, O mercúrio desliga-se do ouro, sob a forma de vapor, o qual se condense e é usado novamente. O ouro fica depositado e, então, é fundido e moldado.

Um outro processo consistia em misturar o ouro com chumbo, sal e farelo de cevada. Essa mistura era então aquecida em um cadinho de barro, estanque. Aqueles agentes serviam para escorificar, fazer fluir e reduzir o metal. O aquecimento destruía aqueles elementos, que eram, então, absorvidos pela argila do cadinho. Ficava, então, somente o ouro. Algumas vezes, era adicionado estanho à mistura, a fim de que resultasse em um ouro um tanto mais duro.

A soldagem com uma liga de ouro e cobre já era conhecida desde nada menos de 3000 A.C. O ouro era batido pare adelgaçar-se em lâminas ou em arame de ouro. Essas técnicas são antiqüíssimas, conforme se aprende em Êxo. 3:22; 11:2; 39:8,13; Núm. 7:14,20; Deu. 7:25; Jos. 6:19; Juí. 8:26; II Sam. 1:24; I Reis 6:20-22; 7:48; II Reis 5:5; Esd. 1:4,6; Nee. 7:70; Est. 1:6,7; Jó. 3:15; 22:24; Sal. 19:10; Pro. 3:14; 8:10; Can. 1:11; Isa. 2:7,20; Jer. 4:30; Dan. 2:32; Osé. 2:8; Zac. 4:2; Mat. 2:11; Atos 3:6; I Cor. 3:12; I Tim. 2:9; Tia. 2:2; I Ped. 1:7; Apo. 3:18; 4:4. Ao todo, há cerca de seiscentas menções ao ouro, na Bíblia. Ver o artigo separado sobre o *Ouro.* Esse artigo inclui a história e os usos metafóricos desse metal.

2. A *Prata.* Esse metal precioso, encontrado em estado nativo, era empregado como melo de escambo, quase desde o começo da história registrada pela Bíblia. Ver Gên. 23:16; 37:28. Nos tempos de Croeso, da Lídia, era cunhada em forma de moedas, tendo sido introduzida a moeda de prata, no império persa, por Ciro, o Grande, no século VI A.C. Os trechos de Jó. 28:17 e Isa. 46:6 mostram que a prata era usada como um valor em peso (pedaços de prata, e não moedas). Gên. 24:53; Êxo. 3:22 e Can. 1:11 são passagens que mostram que a prata era valorizada como metal usado no fabrico de jóias. Coroas (ver Zac. 6:11); instrumentos musicais (ver Núm. 10:2); taças (ver Gên.44:2); bases (ver Êxo. 26:19); ganchos e enfeites de colunas (ver Êxo. 27:10; 38:19), pratos e bacias (ver Núm. 7:13); e também ídolos (ver Sal. 115:4; Atos 19:24) eram alguns dos itens feitos de prata. As descobertas arqueológicas mostram que a prata era usada pelos sumérios desde o terceiro milênio A.C. A prata tornou-se predominante no novo império babilônico, depois de 1450 A.C. Homero alude a elegantes artigos feitos desse metal (Ilíada

22.704-745). As referências do Antigo Testamento referem-se a objetos de prata como objetos valiosos e de grande beleza (ver Gên. 44:2); pois havia vasos sagrados de prata, no tabernáculo e no templo de Jerusalém (ver Êxo. 26:19-25; Esd. 1:6). A fundição e a moldagem da prata são mencionadas em trechos como Jó. 28:1; Sal. 12:6; Pro. 17:3. O dinheiro de prata é referido em Gên. 23:15; Lev. 27; Deu. 22:19,29; Jer. 32:9,25,44. Damos mais detalhes no artigo separado chamado *Prata.*

Usos Metafóricos. A prata simboliza as preciosas palavras de Deus (Sal. 12:16); a língua dos justos (Pro. 10:20) os bons governantes (Isa. 1:22,23); os santos purificados (Sal. 66:10; Zac. 13:9). A sabedoria é mais valiosa do que a prata (Jó. 28:15; Pro. 3:14; 8:10,19). Por outro lado, os ímpios são comparados à escória da prata (Jer. 6:30).

3. *O Cobre.* O cobre é um metal mole, encontrado em estado nativo na natureza. Pode ser um tanto endurecido a martelo e, provavelmente, foi o segundo dos metais a ser largamente empregado pelo homem (o ouro deve ter sido o primeiro). Sua descoberta e uso, na *era calcolítica,* quando o cobre e a pedra (conforme a palavra «calcolítica»—no grego vem de *chalcós,* «cobre», e *líthos,* «pedra»—indica claramente) eram usados lado a lado para o fabrico de instrumentos, artefatos e armas, indicou um avanço sobre a idade da Pedra. Esse período vai de 4000 a 3000 A.C. O cobre chegou a ser combinado com o estanho a fim de fabricar-se o bronze; e isso inaugurou a era do Bronze (cerca de 3000 a 2000 A.C.).

Ornamentos de cobre têm sido encontrados, que remontam a nada menos que 8000 A.C. Porém, foi somente por volta de 6000 A.C. que se descobriu que o cobre pode ser fundido (a 1083° C), podendo ser moldado em qualquer formato. Uma fogueira feita com carvão de madeira bastava para esse propósito. É possível que isso tenha sido descoberto acidentalmente, em uma fogueira comum. Buracos eram, então, feitos na terra, que serviam de fornalhas primitivas. O passo seguinte foram fornalhas feitas de pedra. A fundição do cobre possibilitou que se desenvolvesse toda uma nova civilização, com seus novos instrumentos e armas, e isso levou ao abandono total da pedra. O bronze é a liga do cobre e do estanho, mediante o fogo obtido com o carvão de madeira. Esse processo surgiu em cerca de 1800 A.C. Foles melhoraram muito o processo. O cobre chegou a ser ligado ao zinco, compondo o metal amarelo. Ver o artigo sobre *o Cobre* onde se dá maiores detalhes. Ver Esd. 8:27 e II Tim. 4:14 quanto a referências bíblicas ao cobre. O bronze é mencionado por cerca de cento e cinqüenta vezes na Bíblia. Ver, como exemplos, Gên. 4:22; Êxo. 25:3; 35:24,32; Lev. 26:19; Núm. 21:9; Deu. 8:9; Jos. 6:19; Juí. 16:21; I Sam. 17:5; I Reis 7:14; I Crô. 15:19; Jó. 6:12; Sa1. 107:16; Jer. 6:2, Zac. 6:1; Mat. 10:9; I Cor. 13:1; Apo. 1:15; 2:18; 9:20 e 18:12.

Usos Metafóricos. Em Eze. 16:36, o cobre é usado para indicar a idéia de imundícia, referindo-se a um pagamento desgraçadamente baixo (ver os vss. 3 e 34). Em I Tim. 3:3,8, a alusão é a um ganho injusto, uma idéia paralela àquela. Ver o artigo separado sobre o *Bronze,* que inclui vários usos metafóricos.

4. O *Bronze.* Ver o artigo separado sobre esse assunto.

5. O *Chumbo.* O chumbo é facilmente extraído de seus minérios, como o carbonato de chumbo (cerusita). O chumbo era inicialmente fundido em fornalhas cruas, meras perfurações feitas no solo. O minério era posto juntamente com a madeira. A madeira pegava fogo, e o metal assim produzido, uma vez dissolvido, corria para um segundo buraco, mediante uma valeta, onde era coletado. No minério chamado *galena* (sulfido de chumbo), o processo tinha lugar em uma atmosfera oxidante. O óxido de chumbo e o sulfato de chumbo são produzidos em temperaturas moderadas. Se estiverem presentes cobre, antimônio e dióxido de enxofre, isso forma uma capa à superfície da massa fundida, que pode ser removida facilmente. Então, o metal era prateado por copelação. As referências bíblicas ao chumbo são as seguintes: em Êxo 15:10, que enfatiza sua densidade; em Jer. 6:29, que destaca como o chumbo pode ser facilmente dissipado. O chumbo era usado no fabrico de pesos (Zac. 5:7,8), ou para preencher inscrições escavadas na rocha (Jó. 19:24). Provavelmente, também era usado como peso na ponta dos prumos (Jó. 7:7,8). Também era usado nas soldagens (Isa. 41:7), como tabletes de escrever, para segurar pedras no seu lugar, e para preencher rachaduras em pedras de construção. O chumbo também era usado para dar uma cobertura vitrificada a peças de cerâmica. O artigo que versa sobre o *Chumbo* entra em maiores detalhes. Metaforicamente, o chumbo simboliza inferioridade e peso inútil.

6. O Estanho. A cassiterita (óxido de estanho) é, virtualmente, o único minério do qual se pode extrair o estanho. Esse metal não é comum no Oriente Próximo, embora saibamos que os fenícios tinham um intenso comércio com esse metal. Ver Eze. 27:12. Nos tempos antigos, o estanho era fundido em um buraco feito no solo, mediante o uso de carvão de madeira. O óxido de estanho reage com o carbono do carvão e produz estanho e o gás monóxido de carbono. A fim de obter a temperatura necessária, era provida alguma espécie de ventilação forte. Ver o artigo intitulado *Estanho,* quanto a maiores detalhes.

7. O *Ferro.* Na terceira seção, acima, oferecemos um esboço da história do uso do ferro, desde o seu estado nativo (em meteoritos) até o metal produzido por meio da fundição. A descoberta do uso do ferro introduziu a *era do ferro,* em cerca de 1200 A.C., embora o ferro já viesse sendo usado para certos propósitos desde longa data, ou seja, desde cerca de 6000 A.C. O processo cru de fundição produz uma massa escura e esponjosa, que provavelmente não foi reconhecida como um metal, quando foi produzida acidentalmente, a princípio. Temperaturas mais elevadas faziam-se necessárias para que houvesse boa fundição do ferro, e isso adiou por muito tempo o seu emprego. Quando o metal fundido está esfriando, segundo o processo primitivo, há perda de ar, e isso empresta à massa o seu caráter esponjoso. Marteladas, com a ajuda do calor, podem fazer a massa esponjosa endurecer em pedaços maiores de ferro. Também é possível um endurecimento do ferro, se o metal, ainda mole, é subitamente mergulhado na água. Essas complicações no fabrico do ferro adiaram a era do Ferro, conforme já dissemos, mas, uma vez que foram afastadas, isso fez raiar uma nova era no uso e aplicação desse metal. Não demorou para que o ferro substituísse ao bronze, quanto a muitas coisas. Talvez seja correta a lenda que diz que os chineses foram os primeiros a conseguir uma boa fundição do ferro. Todavia, sabemos que os hititas (chamados heteus no antigo Testamento) sabiam fabricar um bom ferro, na Ásia Menor. E foram eles que ensinaram o uso do ferro para outras culturas daquela região asiática. Acidentalmente (ou mesmo por inspiração do momento), o ferro comum foi sujeitado ao processo de carbonização e que produziu o aço. A combinação do ferro e do carbono, para produção do aço, abriu caminho para uma vasta tecnologia, que se tem tornado uma das mais importantes bases da civilização moderna. Temos nesta Enciclopédia um detalhado verbete chamado *Ferro,* que inclui a história do seu uso e emprego metafórico nas páginas da Bíblia Sagrada.

METHEG-AMMAH (Rédeas da Metrópole)

No hebraico, literalmente, «rédeas da mãe», ou seja, a cidade-mãe, a metrópole. Ver II Sam. 8:1. Nossa tradução portuguesa procura traduzir literalmente o hebraico. Podemos aceitar a tentativa, com um pequeno reparo: «Depois disto feriu Davi os filisteus, e os sujeitou; e tomou de suas mãos a metrópole». Está em foco a principal cidade dos filisteus, *Gate.* O uso metafórico deriva-se da circunstância que entregar as rédeas a outrem significa entregar o poder. Assim sendo, o termo «rédeas da metrópole» parece indicar que Gate dominava outras cidades da região. Davi capturou Gate em batalha contra os filisteus. O trecho de I Crô. 18:1 mostra-nos que Gate está em foco, visto ser aquela uma passagem paralela à de II Sam. 8:1. Não se sabe qual sua moderna localização. A cidade desapareceu misteriosamente, talvez devido a alguma catástrofe natural, ou mediante algum outro acontecimento sobre o qual não temos notícia. Ver Amós 6:2. Todavia, alguns estudiosos sugerem Tell es-Safiyeh, a dezesseis quilômetros a leste de Asdode, como o local onde ficava Gate.

METROLOGIA

Ver sobre **Pesos e Medidas**.

METUSAEL

No hebraico, «homem de Deus» ou «homem de deus». Talvez alusivo ao antigo deus *Selah,* também chamado Sin. Ele foi filho de Meujael e pai de Lameque, da família de Caim (ver Gên. 4:18).

MEUJAEL

No hebraico, *ferido por Deus.* Esse era o nome de um dos filhos de Irade. Meujael foi pai de Metusael, um descendente de Caim (ver Gên. 4:18). Em Gên. 5:12, seu nome aparece sob a forma de *Maalaleel.*

MEUMÃ

No hebraico, «fiel». Ele foi um dos sete eunucos que serviam ao rei Assuero (Est. 1:10). Viveu em cerca de 483. A.C.

MEUNIM (MEUNITAS)

Essa é a forma plural do adjetivo **meuni**, «de Maan», no hebraico. O significado desse adjetivo é incerto, e as traduções refletem as dificuldades envolvidas na compreensão dessa palavra. Nossa versão portuguesa não consegue livrar-se da dificuldade. Assim, se em I Crô. 4:41 e em II Crô. 26.7 temos ali a tradução «meunitas», em II Crô. 20:1 lemos «...os filhos de Amom, com alguns dos amonitas...», o que é uma redundância, quando deveríamos ter ali «os filhos de Amom, com alguns dos *meunitas*». Em Nee. 7:52 lemos sobre «os filhos de Meunim».

Parece que o lugar em vista é Maan, na fronteira leste de Edom, uma localidade que não deve ser confundida com Maom, no território de Judá. Ver sobre *Maom.* O povo a quem essa palavra se refere não eram idumeus, embora, ao que tudo indica, estavam relacionados a eles e com a área do monte Sir, pelo que a identificação dos meunitas com os idumeus é apenas natural, embora não seja exata. Ver II Crô. 20:1,10.

Os simeonitas atacaram aos meunitas e, ao que parece, conseguiram obter algum sucesso, desapossando-os. Ver I Crô. 4:41. Posteriormente, os meunitas aliaram-se aos amonitas em um ataque contra Judá (II Crô. 20:1). O rei Josafá enviou seu exército, que lhes ofereceu batalha em Ziz; mas a batalha não teve lugar, pois os adversários de Israel, talvez por dissensão interna, praticamente aniquilaram-se mutuamente. A menção a Seir, naquele texto, não dá a entender que os edomitas também participaram do ataque contra Judá, mas apenas que esse ataque veio daquela direção geral.

Durante o reinado de Uzias (cerca de 783—742 A.C.), esses povos, juntamente com os filisteus e os árabes, novamente causaram dificuldades a Judá. O trecho de II Crô. 26:7 mostra-nos que Judá saiu-se vitoriosa na refrega. Alguns dos meunitas tornaram-se escravos de Israel, uma prática bélica comum naqueles tempos. Ver Núm. 31:30; Jos. 9:27; Esd. 8:20. Terminado o exílio babilônico, os «filhos de Meunim», que, provavelmente, significa os descendentes dos escravos meunitas, estavam entre os netinins ou servos do templo de Jerusalém. Ver Esd 2:50 e Nee. 7:52. A Septuaginta identifica os meunitas com os mineanos e se essa identificação está correta, então, eles formavam a seção nordeste das tribos do sul da Arábia.

MEXERICO

Mexericar é usar de maledicência, repetindo (e, freqüentemente, inventando) estórias sobre outras pessoas. Diz certo dicionário: «Mexericar: narrar em segredo e astuciosamente, com o fim de malquistar, intrigar ou enredar. *Mexerico*: ato de mexericar; enredo, intriga, bisbilhotice, chocalhice, carrilho, mexericada». Muitas das maledicências que se fazem são usadas pelas pessoas apenas como uma forma de diversão. Enquanto as pessoas estão trabalhando (ou procurando maneiras para não trabalhar), entretêm-se contando estórias engraçadas ou escandalosas sobre outras pessoas. É inevitável que meias - verdades, mentiras e invenções baratas misturem-se com isso. Isso posto, grande parte dos mexericos consiste em puras mentiras. Há vezes em que os mexericos são abertamente malignos, ditos com o intuito de prejudicar e ferir. As pessoas gostam de diminuir outras pessoas, no conceito alheio, com freqüência sob a cobertura de uma justa indignação. No entanto, está psicologicamente provado que as coisas sobre as quais as pessoas gostam de bisbilhotar são aquelas coisas que elas mesmas fazem, ou gostariam de fazer.

O trecho de Provérbios 20:19 adverte contra aqueles que revelam segredos e falam de forma insensata, impensada. A mesma palavra hebraica, para indicar essa idéia, é usada em Provérbios 19:16, com o sentido de «caluniar». Como é óbvio, há muito mexerico que não passa de calúnia. A passagem de Ezequiel 36:3 alista o mexerico como um dos pecados, entre outros, que os inimigos de Israel cometiam, e por causa do que haveriam de ser punidos. Sussurros maldosos, notícias distorcidas e calúnia são pecados condenados em trechos bíblicos como Gên. 37:2; Núm. 13:32; 14:36,37; Sal. 31:12; Pro. 10:18; Jer. 20:10 e Eze. 36:3.

No Novo Testamento, a idéia está contida na tradução «difamadores», em Rom. 1:29, em uma passagem onde os vícios dos pagãos são condenados. Essa mesma palavra (no original grego, *psithurismós)* reaparece em II Cor. 12:20, onde a nossa versão portuguesa a traduz por «intrigas». Esse foi um dos pecados combatidos por Paulo, existentes na igreja de Corinto. Em I Timóteo 5:13 é usada uma palavra grega diferente, *phlúaros,* «baboseador», mas que a nossa versão portuguesa traduz por «tagarelas». Essa é uma palavra que também poderia ser traduzida por «mexeriqueiros». No texto bíblico onde ela é usada, refere-se a coisas que as pessoas fazem como decorrência do ócio, assim ocupando o seu tempo em atos insensatos. O mexeriqueiro, pois, é alguém que ataca a outrem pelas costas, cujas flechas maliciosas não podem mais ser chamadas de volta, e que assim injuria a outras pessoas, com intenção maligna ou não.

Infelizmente, em todas as épocas sempre houve crentes que se tornam culpados do pecado do mexerico. Cabe a eles uma palavra dita pelo apóstolo dos gentios: «Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe e, sim, unicamente a que for boa para edificação, conforme a necessidade, e assim transmita graça aos que ouvem» (Efé. 4:29). Ver o artigo separado sobre a *Linguagem, Uso Apropriado da.*

«Senhor, disse eu,
Jamais eu poderia matar um meu semelhante;
Crime de tal grandeza cabe a um selvagem somente,
É o crescimento venenoso da mente maligna,
Ato alienado dos mais indignos.
Senhor, disse eu,
Jamais eu poderia matar um meu semelhante;
Um ato horrível de raiva sem misericórdia,
Punhalada irreversível de inclinações perversas,
Ato não imaginável de plano ímpio.
Disse o Senhor a mim:
Uma palavra sem afeto, lançada contra a vítima que odeias,
É um dardo abrindo feridas de cores cruéis.
Bisbilhotice corta o homem pelas costas,
Um ato covarde que não podes retirar.
Ódio no teu coração, ou inveja levantando sua horrível cabeça,
É um desejo secreto de ver alguém morto».
(Russell Champlin, meditando sobre
Mateus 5:21,22).
«Antes de falares
Faz tudo passar diante de três portas de ouro:
As portas estreitas são, a primeira: *É verdade?*
Em seguida: *É necessário?* Em tua mente
Fornece uma resposta veraz. E a próxima
É a última e mais estreita: *É gentil?*
E se tudo chegar, afinal, aos teus lábios,
Depois de ter passado por essas três portas,
Então poderás relatar o caso, sem temeres
Qual seja o resultado de tuas palavras».
(Beth Day)

ME-ZAABE

No hebraico, «águas de ouro». Esse homem foi o pai de Matrede e avô de Meetabel, que foi esposa de Hadar (ou Hadade), o último dos reis de Edom a ser mencionado nas Escrituras. Ver Gên. 36:39 e I Crô. 1:50. Ele descendia de Esaú.

MEZUZÁ

Transliteração do termo hebraico **mezuzah**, «ombreiras» das portas. Em Êxo. 12:7,22,23, o local onde foi posto o sangue do sacrifício da páscoa; em Deu. 6:9 e 11:20, as ombreiras das portas onde a lei precisava ser escrita; em Juí. 16:3, a menção é às ombreiras das portas da cidade de Gazaq, levadas por Sansão, e em I Sam. 1:9; I Reis 6:33 e Eze. 31:12, temos menção às ombreiras do templo. Entretanto, em seu desenvolvimento, essa palavra hebraica acabou indicando a pequena caixa contendo porções das Escrituras, e que os judeus ortodoxos afixavam às portas de suas casas, segundo se vê em Deu. 6:9 e 11:20.

Em outras religiões, mormente aquelas que praticam as artes mágicas, sempre foi comum pendurar-se alguma coisa na porta de entrada ou em suas ombreiras, como algum sinal ou algumas palavras especiais. Destaca-se aí a idéia de proteção, embora também haja a inspiração do desejo por prosperidade material. A casa é o lugar da família. A família precisa de proteção e prosperidade. Os poderes divinos são invocados para proporcionarem essa proteção.

MIAMIM

No hebraico, «no lado da mão direita», metafórico para «favorecida», «afortunada». Na Bíblia, um nome pessoal de duas ou três personagens:

1. O cabeça da sexta divisão de sacerdotes, na época de Davi (I Crô. 24:9), que viveu em torno de 960 A.C.

2. O nome de um dos sacerdotes que assinou o pacto de Neemias, quando o remanescente de Judá voltou do cativeiro babilônico e fixou residência em Jerusalém. Ver Nee. 10:7. Isso ocorreu em cerca de 445 A.C.

3. Em Nee. 12:5, pode haver a alusão ao mesmo homem que aparece no número «dois», acima; mas também pode estar em foco um homem diferente. Ele se casara com uma mulher estrangeira, durante o tempo do cativeiro babilônico, e foi obrigado a divorciar-se dela, depois que o remanescente de Judá voltou à Terra Santa. Ver Esd. 10:25.

MIBAR

No hebraico, «elite», «escolha». Esse foi o nome de um dos trinta grandes guerreiros de Davi, e que o acompanhou quando ele precisou exilar-se por causa das perseguições movidas por Saul. Ele era filho de Hagri (I Crô. 11:38). No trecho de II Sam. 23:36 lemos: «...Bani, gadita...», e muitos estudiosos acreditam que temos aí a versão correta. «É fácil perceber como o hebraico *Bani haggadi* poderia ter sido corrompido para *ben-haggerei,* embora que *Mibhar* seja uma corrupção de *mittsobah* (de Zobá) já não é tão claro, embora não seja absolutamente impossível. Com base no texto da Septuaginta, de II Samuel, parece que ambas as formas do texto coexistiam originalmente» (Smith, *Biblical Dictionary).*

MIBSÃO

No hebraico, **bálsamo, fragrância.** — Nome de duas personagens bíblicas:

1. O quarto filho de Ismael, a ser nomeado: Gên 25:13; I Crô. 1:29. Viveu em torno de 1840 A.C.

2. O filho de Salum e neto de Saul. Este último foi o sexto filho do patriarca Simeão (I Crô. 4:25). Viveu em torno de 1200 A.C.

MIBZAR

No hebraico, **fortaleza**. Esse foi o nome de um dos príncipes ou filarcas dos idumeus, um descendente de Esaú, irmão gêmeo de Jacó (Gên. 36:42; I Crô. 1:53). Ele viveu em torno de 1925 A.C. Ao que parece, ele deu seu nome a uma grande aldeia que vivia à sombra de Petra, mas que continuava existindo nos dias do historiador eclesiástico Eusébio. A forma grega do nome era *Mabsara.*

MICA

No hebraico, «quem é como **YAHU** (Yahweh)?» Na Septuaginta temos as formas: *Miuá* (A) e *Michaias* (B). Esse é o nome de sete homens que aparecem na Bíblia:

1. Um homem natural do monte Efraim, que parece ter pertencido à geração que sobreviveu a Josué (cerca de 1360 A.C.). Ele furtou mil e cem peças de prata de sua mãe. Ela reagiu, proferindo contra ele uma maldição. Ele temeu a maldição e devolveu o dinheiro à sua mãe. Ela tomou duzentas peças dessa prata e mandou fazer uma imagem de escultura e outra de fundição, para um santuário idólatra. Esse santuário também contava com uma estola sacerdotal e ídolos do lar (no hebraico, *teraphim).* Então, Mica nomeou um de seus filhos sacerdote desse santuário. Mais tarde, substituiu seu filho por um levita itinerante, de nome Jônatas (neto de Moisés), oferecendo-lhe um salário anual (ver Juí. 17:1 *ss).* Um grupo numeroso de danitas, passando pelo local, a caminho de Laís, levou tanto os ídolos quanto o sacerdote de Mica. Mica saiu em perseguição deles, somente para descobrir que não tinha forças para fazer-lhes combate, e assim voltou para casa (Juí. 18:1-26).

Ficamos a meditar sobre o poder de certos homens para atrair a atenção de outros, levando-os a crer em suas formas espúrias de adoração. No caso de Jônatas, vemos que os danitas obtiveram um oráculo favorável da parte dele, e podemos imaginar que eles deixaram-se impressionar por seus poderes espirituais ou psíquicos. O fato de ter sido ele neto de Moisés deve ter-lhe conferido considerável prestígio. O próprio Mica, sem dúvida, era dotado de algum poder, para que fizesse tudo aquilo começar. Temos ali, pois, um pequeno ramo herético, uma seita religiosa, que ilustra os incontáveis milhares de casos semelhantes através dos séculos, no judaísmo e no cristianismo.

2. Um descendente de Rúben, e antepassado de um homem que Tiglate-Pileser III levou para o cativeiro assírio (ver I Crô. 5:5). Ele era filho de Simei e pai de Reaías, descendente de Joel. Viveu por volta de 782 A.C.

3. Um filho de Meribe-Baal (Mefibosete) e neto de Jônatas, que foi filho do rei Saul (ver I Crô. 8:34,35; 9:40,41). Ele viveu algum tempo após 1000 A.C.

4. Um filho de Zicri (I Crô. 9:15), chamado Zibidi em Nee. 11:17. Mas, em Nee. 12:35, ele é chamado *Micaías.* Seus descendentes voltaram do cativeiro babilônico e vieram habitar em Jerusalém.

5. Um levita coatita da família de Uziel, que viveu na última porção do reinado de Davi (I Crô. 23:20), em torno de 966 A.C. Ele tinha um irmão de nome Issias (I Crô. 24:24,25), e o nome de seu filho era Samir.

6. Um homem que assinou o novo pacto com Esdras, quando o remanescente de Judá voltara do cativeiro babilônico (Nee. 10:11). Viveu em torno de 445 A.C.

7. O pai de Abdom. Abdom foi um dos mensageiros que o rei Josias enviou à profetisa Hulda (II Crô. 34:20). Viveu em torno de 642 A.C.

MICAEL

No hebraico, «Quem é como **El** (Deus)?» Esse é o nome dado a dez personagens que figuram nas páginas do Antigo Testamento, a saber:

1. O pai de Setur, um dos espias enviados a investigar a terra de Canaã. Ele pertencia à tribo de Aser (Núm. 13:13). Viveu em cerca de 1440 A.C.

2. Um príncipe ou líder da tribo de Gade, que fixou residência na região de Basã (I Crô. 5:13) Viveu em torno de 1070 A.C.

3. Um outro gadita, antepassado de Abiail (I Crô. 5:14). Alguns estudiosos identificam-no com o Micael anterior, número «dois», acima. Viveu em cerca de 1070 A.C.

4. Um descendente de Gérson e bisavô de Asafe, o cantor (I Crô. 6:40). Era filho de Baaséias e pai de Siméia. Viveu em torno de 1100 A.C.

5. Um dos chefes da tribo de Issacar (I Crô. 7:3), e que foi um dos quatro filhos de Izraías. Viveu em cerca de 1500 A.C.

6. Um benjamita dos filhos de Berias (I Crô. 8:16). Viveu em torno de 1350 A.C.

7. Um capitão que comandava mil homens, da tribo de Manassés, e que se aliou às forças de Davi (I Crô. 12:20). Isso sucedeu quando Davi tivera de exilar-se em Ziclague, fugindo do iracundo Saul. Ele viveu em torno de 1048 A.C.

8. Um homem da tribo de Issacar, pai de Onri. Micael era um dos oficiais de Davi (I Crô. 27:18). Viveu em cerca de 1040 A.C.

9. Um dos líderes da tribo de Judá, filho do rei Josafá e irmão do rei Jeorão (II Crô. 21:2). Jeorão, a fim de consolidar sua autoridade contra toda possível interferência, por parte de seus irmãos, assassinou a todos eles, incluindo Micael. Isso aconteceu em cerca de 850 A.C.

10. O pai de Zebadias. Este último era um chefe entre aqueles que retornaram do cativeiro babilônico em companhia de Esdras (Esd. 8:8). Era filho ou descendente de Sefatias. O grupo por ele encabeçado consistia em oitenta e dois homens, sem falar nas mulheres. Isso aconteceu por volta de 457 A.C.

MICAÍAS

No hebraico, «quem é como **Yah** (Yahweh)?». Nome do filho de Inlá, e que foi um profeta de Samaria, além de figuras de menor envergadura, como um príncipe dos dias de Josafá (II Crô. 17:7) e um homem que foi contemporâneo do profeta Jeremias (Jer. 36:11). Esse contemporâneo de Jeremias era neto de Safã, um escriba que trabalhava associado ao templo de Jerusalém. Micaías levou a mensagem de Jeremias aos príncipes de Judá, reunidos no palácio do rei Joiaquim.

Micaías, filho de Inlá, um profeta que atuou em Samaria, durante o reinado de Acabe, predisse que esse monarca ímpio seria derrotado em batalha e teria morte violenta, o que ocorreu em cerca da 853 A.C. Esse relato aparece em I Reis 22:8-26 e II Crô. 18:7-25. Era homem corajoso, que enfrentou Acabe e Jezabel. Acabe propusera a Josafá, rei de Judá, que os dois reis hebreus juntassem suas forças em batalha contra Ramote de Gileade. Josafá concordou, com a condição de ser consultado o Senhor. Os falsos profetas, convocados por Acabe, garantiram, a uma só voz, que os dois reis obteriam a vitória. Mas Josafá sentiu que algo estava exagerado nas predições dos profetas de Acabe. E foi assim que Micaías também foi chamado. Recomendaram-lhe que concordasse com o parecer dos outros profetas. Mas ele estava mais interessado na verdade. No começo, em sarcasmo, concordou com os outros profetas; mas, então, disse a verdade, predizendo que tanto o exército de Acabe seria derrotado quanto o próprio Acabe seria morto. E sugeriu que algum *espírito mentiroso* inspirara os falsos profetas. Consternado diante daquela voz dissonante das outras, Acabe ordenou que Micaías fosse deixado na prisão até sua volta. É de presumir-se que algo pior, então, aconteceria a Micaías.

Josefo ajunta que Micaías já estava preso quando Acabe mandou chamá-lo. Nesse caso, ele saiu da prisão para dar seu recado condenatório e, então, voltar ao cárcere. Nada mais se ouve na Bíblia sobre Micaías. Contudo, sabe-se que Acabe não voltou da batalha para continuar fazendo sofrer o profeta. Consideremos a ironia: os inimigos de Acabe não puderam encontrá-lo para matá-lo. Porém, um arqueiro adversário entesou o arco e lançou sua flecha ao acaso, a qual feriu a Acabe exatamente em algum ponto não protegido de sua armadura. E ele caiu mortalmente ferido!

MICAL

Essa é uma contração feminina do nome **Micael** (vide). Significa «Quem é como El (Deus)?» Esse era o nome da filha mais nova do rei Saul, e que veio a tornar-se uma das esposas de Davi.

Esboço:

1. Pano de Fundo Histórico
2. Seu Casamento e Eventos Subseqüentes
3. Seu Segundo Casamento
4. Mical é Restaurada a Davi
5. Morre o Romance
6. Uma Lição Aproveitável

1. Pano de Fundo Histórico

Mical era a filha caçula do rei Saul, provavelmente com sua esposa Ainoã (ver I Sam. 14:50). Davi tinha conseguido eliminar o gigante Golias, mediante uma tremenda pedrada com a funda, e assim, por algum tempo, os filisteus foram contidos pelos israelitas. Merabe, filha mais velha de Saul, deveria ser dada a Davi como esposa, em recompensa pelo seu heróico feito, mas, por razões inexplicadas, ela acabou sendo dada como mulher a Adriel, o meolatita. Alguns intérpretes opinam que Merabe simplesmente não estava interessada por Davi, pelo que um outro noivo precisou ser-lhe arranjado, mas isso representa apenas uma opinião. Mas, todos puderam perceber que Mical, a outra filha de Saul, admirava Davi à distância. E Saul, que já não estava satisfeito com Davi, o novo herói de Israel, que lhe estava fazendo sombra, tirou vantagem da situação para ver se conseguia levar Davi à morte. Assim, Saul não pediu dote, mas estipulou que Mical seria dada a Davi como esposa, se ele conseguisse matar e obter os prepúcios de cem filisteus (a única maneira, como é óbvio, que Davi conseguiria obter tais prepúcios!). Sem dúvida, Saul não acreditava que Davi fosse um guerreiro tão bom. Mas, para sua grande surpresa, Davi matou não somente cem filisteus e, sim, duzentos! Destarte, a popularidade de Davi subia cada vez mais, ao mesmo tempo em que a inveja e a ira iam envenenando a mente de Saul. Seja como for, dessa vez o trato foi cumprido, e Mical tornou-se esposa de Davi. Entretanto, tal matrimônio não haveria de dar certo. Talvez nem mesmo pudesse. Aquele que tivera de matar a duzentos homens, a fim de obter esposa, não poderia esperar prosperar.

2. Seu Casamento e Eventos Subseqüentes

No começo, tudo ia bem entre os nubentes, Mical e Davi. E quando Saul tentou armar outro horrendo plano para desfazer-se de Davi (ver I Sam. 19:10-17), Mical atuou com astúcia e conseguiu frustrar o plano de seu pai. Entretanto, a fim de não ser morto, Davi precisou fugir. E Davi foi ter com Samuel, em Ramá, a quem contou como Saul estava agindo desvairadamente. Davi e Samuel foram juntos à casa dos profetas. Então, Saul enviou mensageiros que prendessem a Davi. Mas, os profetas estavam profetizando, e os mensageiros foram envolvidos pelo espírito de profecia, e puseram-se a profetizar. Isso anulou o plano, pelo que o rei foi em pessoa à casa dos profetas, porém, também foi arrebatado pelo espírito de profecia, e muitas pessoas acharam estranho ouvir o rei Saul agir como profeta. Ver I Sam. 20:18 *ss.*

3. Seu Segundo Casamento

Davi continuou esquivando-se de Saul, e Mical ficou sem marido, embora não por muito tempo. Talvez como um ato de vingança, Saul deu-a como esposa a Palti, da localidade de Galim (ver I Sam. 25:44; II Sam. 3:15). Entrementes, em suas jornadas por vários lugares, Davi também se casou com várias mulheres, não lhe faltando assim o consolo de uma companheira.

4. Mical é Restaurada a Davi

Quando Saul morreu e Davi negociava com Abner a fim de obter o reino inteiro de Israel, sua primeira exigência foi que Mical lhe fosse devolvida como esposa (ver II Sam. 3:12-16). Isso foi feito, apesar de Palti ter ficado muito consternado. Existem teias matrimoniais que não têm qualquer solução boa. Porém, muitas coisas aconteceram desde a última vez em que Davi e Mical se tinham visto, antes da morte de Saul. Mical já não sentia a mesma coisa por Davi. Talvez agora ela preferisse a sua nova situação. Talvez a sombra de Saul se interpusesse entre eles, levando-a a sentir-se mal diante dele.

5. Morre o Romance

Espera-se que o amor vença tudo, mas não foi o que aconteceu dessa vez. Davi obtivera uma grande vitória e estava conduzindo a arca do Senhor de volta a Jerusalém. Ele estava tão feliz que seguia o cortejo, saltando e dançando. Mical, entretanto, não gostou do que viu e recebeu-o com palavras sarcásticas, criticando-o por ter dançado e mostrado as pernas, diante de homens e mulheres igualmente. A maneira de dançar não mudou muito através do tempo (ver II Sam. 6:16,20-23). Mical acusou Davi de ter se comportado como um «vadio qualquer», ao dançar e tornar-se ridículo diante dos olhos de todos. Davi ficou ofendido diante de tais palavras injustas, fazendo-a lembrar-se que o Senhor o havia escolhido em lugar de Saul, pai dela. Acresça-se a isso que Davi *dançara diante do Senhor,* de pura alegria. E declarou que se humilharia ainda mais diante do Senhor, o que não o teria desonrado diante das mulheres do povo. Foi uma típica briga de fim de casamento. Visto que o versículo seguinte (II Sam. 6:23) afirma que Mical morreu sem filhos (o pior opróbrio que podia acontecer às mulheres israelitas), muitos intérpretes são da opinião que o casal deixou de ter relações sexuais. Nesse caso, Mical, rejeitada por Davi, mas tirada da companhia de Palti, terminou abandonada. Algumas versões fazem o nome de Mical reaparecer em II Sam. 21:8, como mãe de cinco filhos, mas, como é evidente, isso representa um erro escribal. Nossa versão portuguesa, acompanhando outras, grafa ali o nome de Merabe, irmã de Mical.

6. Uma Lição Aproveitável

Há em todo esse relato sobre Mical uma lição perfeitamente óbvia. Os casamentos românticos, tão poderosos no começo, podem sofrer as dilapidações do tempo e dos choques de personalidades. As brigas domésticas, em meio às atitudes irracionais, podem pôr fim até os mais felizes matrimônios.

MICLOTE

No hebraico, **varas**. Esse é o nome de dois homens que figuram nas páginas do Antigo Testamento, a saber:

1. Um filho de Jeiel, e pai ou fundador de Gibeom, pai de Siméia, residente em Jerusalém após o cativeiro babilônico. Pertencia à tribo de Benjamim. Ver I Crô. 8:32; 9:37,38. Viveu em torno de 536 A.C.

2. Um oficial militar que comandava a segunda divisão do exército de Israel sob Dodai, durante o reinado de Davi (I Crô. 24:7). Viveu em torno de 1020 A.C.

MICMÁS

Não há certeza quanto ao sentido desse nome, embora alguns tenham sugerido «oculta». Era uma cidade do território de Benjamim, a leste de Betei, às margens da estrada para Jerusalém. Foi ali que Saul e seu filho, Jônatas, obtiveram uma vitória decisiva contra os filisteus. Jônatas havia estacionado as suas forças, que consistiam em mil homens, em Gibeá de Benjamim, ao passo que Saul ficou à testa de dois mil homens. Jônatas obteve uma rápida vitória sobre o inimigo, embora isso tivesse servido apenas para incensar os filisteus, que reuniram forças muito mais poderosas. Os filisteus conseguiram uma considerável força de infantaria, além de trinta mil carros de combate, seis mil cavaleiros, e acamparam diante de Micmás. Prudentemente, Saul retrocedeu para o vale de Gilgal, perto de Jericó, na esperança de poder juntar maiores tropas israelitas (ver I Sam. 13:1 *ss).* Jônatas, por sua vez, atacou um posto avançado dos filisteus, no passo de Micmás, e obteve uma notável vitória (ver I Sam. 14:1 *ss).* Jônatas obteve tal triunfo atacando o adversário de surpresa; também contou com a ajuda dos prisioneiros hebreus, antes feitos pelos filisteus, israelitas esses que tiraram proveito da oportunidade para oferecer resistência interna, e também contou com a cooperação de refugiados no acampamento, sem falarmos na confusão geral que se abateu entre os filisteus. Mediante essa conjugação de circunstâncias, os filisteus sofreram uma derrota decisiva.

O profeta Isaías (ver 10:24,28) predisse a captura de Micmás pelos assírios, quando do cativeiro assírio. Mas, terminado esse cativeiro, indivíduos que tinham residido naquela cidade, conseguiram retornar a Jerusalém, eles ou os seus descendentes (ver Esd. 2:27; Nee. 7:31; 11:31). Na época dos Macabeus, Jônatas Macabeu usou Micmás como residência (ver I Macabeus 9:73). Atualmente, o local chama-se *Mukhmas,* uma aldeia arruinada na crista norte do wadi Suweinit. Essa é uma localidade árabe. Nenhuma escavação arqueológica tem sido ali efetuada, mas os estudiosos têm certeza de que se trata da antiga Micmás. As informações geográficas e literárias são suficientes para tanto. A região é um tanto montanhosa, e há um passo ou garganta que conduz na direção suleste, e que se ajusta bem às descrições bíblicas a respeito, sem falarmos nas informações que nos são oferecidas por Josefo (ver *Anti* 6:6,2).

MICMETÃ

No hebraico, **esconderijo**. Esse era o nome de uma cidade que ficava na fronteira dos territórios de Efraim e Manassés, a oeste do rio Jordão (ver Jos. 16:6 e 17:7). Trata-se da moderna Khirbet Juleijil. Ficava cerca de três quilômetros a nordeste de Siquém. É mencionada no Antigo Testamento em conexão com a fixação das fronteiras internas de Israel.

MICNÉIAS

No hebraico, «possessão de Yahweh». Esse era o nome de um levita que foi porteiro do tabernáculo e tocava a harpa. Foi nomeado por Davi para ocupar esse serviço (I Crô. 15:18,21). Viveu em torno de 966 A.C.

MICRI

No hebraico, «prêmio de Yahweh». Esse era o nome de um dos descendentes de Benjamim (I Crô. 9:8). Ele foi antepassado de Elá, que foi um chefe daquela tribo, na sua época. Viveu após o cativeiro babilônico, por volta de 536 A.C.

MICTÃ

No hebraico **escrito** (referindo-se a um salmo). Essa palavra aparece nos títulos de seis dos salmos (16, 56-60), todos eles atribuídos a Davi. Alguns pensam que essa palavra tem sentido incerto, mas talvez tenha algo a ver com a idéia de «expiação». Provavelmente era o título de um hino que figura em Isa. 38:9.

MIDGAL-ÉDER

Ver sobre **Éder**.

MIDIÃ (PESSOA)

Esse nome significa **contenda**. Ele foi o quarto dos seis filhos de Abraão e Quetura (ver Gên 25:2 e I Crô. 1:32). Os trechos de Gên. 25:4 e I Crô. 1:33 informam-nos que Midiã teve quatro filhos, mas isso é toda a informação que temos na Bíblia a respeito dele.

MIDIÃ, MIDIANITAS

Esboço:

I. Informações Bíblicas
II. A Terra de Midiã
III. Os Midianitas
IV. Descobertas Arqueológicas

I. Informações Bíblicas

Em contraste com tantos outros assuntos, no caso dos midianitas, a Bíblia e a arqueologia são nossas únicas fontes fidedignas de informação. Os midianitas eram uma raça que habitava ao sul e a leste da Palestina, no deserto ao norte da península da Arábia. Os midianitas aparecem na Bíblia associados a várias personagens bíblicas importantes, como Abraão, José, Moisés, Balaão e Gideão. Não se pode duvidar que o nome dessa gente derivava-se

de Midiã, um dos filhos de Abraão e Quetura. Os filhos de Midiã chamavam-se Efé, Efer, Hanoque, Abida e Eldá (ver Gên, 25:4; I Cor. 1:33). Abraão despediu todos os filhos de suas concubinas para que fossem para o Oriente (ver Gên. 25:6). Os negociantes que levaram José, filho de Jacó, depois que este foi tirado do poço vazio, onde seus irmãos o haviam lançado, venderam-no para os ismaelitas, que eram midianitas (ver Gên. 37:28). Quando Moisés fugiu da ira do Faraó, dirigiu-se à terra de Midiã (ver Êxo. 2:15). Foi ali que ele conheceu Reuel, que lhes deu uma ocupação, Com a passagem do tempo, ele se casou com uma das sete filhas de Reuel (ou Jetro), que era sacerdote midianita. O nome da filha de Reuel com quem Moisés se casou era Zípora. Foi quando Moisés cuidava dos rebanhos de Jetro, seu sogro, que ele chegou a Horebe, o monte de Deus (ver Êxo. 3:1). Horebe é outro nome para o monte Sinai, embora a localização exata desse monte continue sendo um mistério para os estudiosos.

A informação bíblica seguinte, acerca dos midianitas, nos é conferida em Núm. 22:4 *ss*. Midiã fazia fronteira com Moabe; e, quando o povo de Israel, após ter saído do Egito, passava por ali, os anciãos de Midiã e de Moabe contrataram o falso profeta, Balaão, a fim de que amaldiçoasse a Israel. Disso, entretanto, nada resultou, exceto que temos uma narrativa interessante, acerca da personagem pervertida, chamada *Balaão* (vide).

Os israelitas e midianitas nunca se deram muito bem, e estes últimos chegaram a ser reputados como estrangeiros que era conveniente evitar, por parte dos israelitas. O trecho de Núm. 25:6 conta-nos a história de um hebreu que teve relações sexuais com uma mulher midianita, o que trouxe uma praga sobre o povo de Israel, enquanto os ofensores não foram executados. Moisés falou em termos bem desprezíveis acerca dos midianitas, tendo enumerado todos os males e a má influência dos midianitas sobre o povo de Israel (ver Núm. 25:18). O versículo trinta e um daquele capítulo menciona uma maldição divina contra aquele povo.

As Hostilidades eram uma Constante. O trecho de Núm. 31:7 *ss* relata como os israelitas foram vitoriosos em batalha contra os midianitas, e como dali resultou uma grande matança, incluindo a execução de todos os varões e dos cinco reis midianitas. Naturalmente, o próprio Balaão foi executado, como medida de segurança. As mulheres midianitas, entretanto, foram poupadas, por razões óbvias (poligamia), mas Moisés permitiu a poupança somente das midianitas virgens, todas as outras mulheres foram executadas (Núm. 31:14-18). Tudo isso foi feito em nome *de Deus,* e desmaiamos diante da desumanidade do homem contra o homem, para quem todas as desculpas (e algumas poucas alegadas razões) sempre são suficientes para encorajá-los às matanças.

Entretanto, apesar de tantas execuções, os midianitas prosseguiram existindo. E foi assim que Gideão, um juiz posterior de Israel, foi obrigado a continuar a luta contra eles. Nos dias de Gideão, os israelitas estiveram sob o domínio dos midianitas por sete anos (ver Juí. 6:1). Foi no vale de Jezreel (ver Juí. 6:33) que se feriu a batalha decisiva, e qualquer aluno de Escola Dominical conhece bem essa narrativa. Ver Juí. 7:19 *ss*. Em nossos próprios dias, os *Gideões,* uma grande agência distribuidora de Bíblias e porções bíblicas têm como seus símbolos a tocha e o cântaro de Gideão. A vitória de Gideão sobre os midianitas, no vale de Jezreel, foi imortalizada pelo profeta Isaías. Ver Isa. 10:26, em comparação com Isa. 9:4; Sal. 83:9 e Hab. 3:7. Essas referências, nos livros proféticos e no livro de Salmos são as únicas que a Bíblia nos dá acerca dos midianitas, após o relato sobre Gideão. Ao que parece, foi naquela ocasião que eles deixaram de ser um povo separado, sendo absorvidos (aquilo que deles conseguiu restar) por outros povos, principalmente árabes. No entanto, desde o começo, muitos israelitas misturaram-se com os midianitas por casamento.

II. A Terra de Midiã

É impossível definirmos, com precisão, as fronteiras dos territórios dos midianitas. O trecho de Gên. 25:6 fala-nos sobre uma ambígua «terra oriental». Poderia estar em foco qualquer região desde o monte Hermom até as margens do rio Eufrates, e, se pensarmos mais no sul, então pode estar em foco qualquer porção da península da Arábia, incluindo, talvez, até a península do Sinai. Todo esse vasto território consiste em um deserto hostil, onde a sobrevivência humana é apertada. Todavia, a maior parte dos eruditos limita os territórios de Midiã àquela porção da Arábia que fica a leste do golfo da Arábia. Ptolomeu referia-se à *Modiana* e à *Madiana* (VI.7,27). Eusébio, em sua obra, *Onomástica* (136.31), referiu-se a *Madiam.* Falando em termos modernos, essas terras, provavelmente (se é que a Madiam de Eusébio era uma cidade) incluíam a moderna el-Bed, uma cidade cerca de quarenta e dois quilômetros a leste do golfo de Ácaba. Josefo também falou sobre uma Madiam nas costas do mar Vermelho (isto é, às margens do golfo de Ácaba), em sua obra *Anti.* 2.11,1.

III. Os Midianitas

Esse povo derivava-se de cinco famílias, cada qual descendante dos cinco filhos de Midiã, que, por sua vez, era filho de Abraão e sua concubina, Quetura. Abraão enviou-os na direção do Oriente, juntamente com seus irmãos (ver Gên. 25:1-6). A partir desse incidente, começou a história separada daquele povo. Eles vieram a habitar áreas desertas na Transjordânia, desde Moabe e daí passando além das terras dos idumeus. Tornaram-se aquilo que se costuma chamar de «ratos do deserto», juntamente com os ismaelitas. Ver Gên. 37:28,36. Na verdade, o apodo «ratos do deserto» não é pejorativo. É preciso muita habilidade para que um grupo humano sobreviva no deserto e até se torne um povo. Visto que os midianitas eram um povo do deserto, a vida deles caracterizava-se pelo nomadismo, pois nenhuma área do deserto poderia produzir alimentos suficientes para sustentar a vida das pessoas. Por isso mesmo, os midianitas ocupavam-se na caça, no comércio, nas viagens constantes. E, nessas andanças, montados em seus camelos, eles espicaçavam outros povos, geralmente com a idéia de saqueá-los. Por duas vezes, no livro de Juízes, Jetro, sogro de Moisés, é chamado de queneu (ver Juí. 1:16 e 4:11). Se os queneus também eram um ramo midianita, então, havia alguma conexão vital entre Jetro e os midianitas. Entretanto, os estudiosos continuam a disputar sobre essa possibilidade. Talvez os queneus fossem mesmo um clã midianita. Como grupo humano, os *queneus* (vide) sobreviveram aos demais midianitas. Ver I Sam. 27:10; 30:29. Eles são mencionados até mesmo nos tempos de Jeremias (ver Jer. 35). Porém, ao que tudo indica, Moisés rompeu definitivamente com os midianitas, em qualquer sentido prático, conforme vimos acima, no primeiro ponto deste artigo.

IV. Descobertas Arqueológicas

Nenhuma cidade dos midianitas foi jamais descoberta pela arqueologia. E isso é apenas natural, pois nenhum povo nômade constrói cidades permanentes. Assim sendo, as informações que dispomos acerca deles limitam-se a inscrições e referências literárias, e naturalmente, há informes geográficos que formam parte da história de todos os povos, os midianitas não são nenhuma exceção. Tiglate-Pileser III mencionou a tribo de *haiappu,* em uma de suas listas, e os estudiosos pensam que esse nome aponta para os midianitas. Eles pagaram tributo aos assírios, sob a forma de ouro, prata, camelos e especiarias. Os habitantes de Efá também tiveram de pagar tributo aos assírios. O trecho de Isa. 60:6 vincula Midiã, Efá e Sabá, o que talvez indique que eles eram povos aparentados entre si. Nos registros assírios, aparecem vinculados entre si os sabeus (Sabá) e os haiappu. (ADM MON ND Z)

MIDIM

No hebraico, «extensão». Esse era o nome de uma cidade existente na porção oeste do mar Morto, na Terra Prometida, mencionada somente em Jos. 15:61. Desconhece-se sua localização moderna, embora seja uma boa possibilidade a moderna Khirbet Abu Tabaq, no vale de Acor, atualmente conhecido como el-Buqe'ah.

MIDRASH

A palavra hebraica assim transliterada para letras latinas significa «buscar», «investigar». Daí é que se derivou a idéia de *estudo,* de *exposição homilética.* A raiz do termo hebraico é *darash,* «sondar».

1. *Usos Bíblicos.* O termo aparece somente por duas vezes no Antigo Testamento. Em II Crô. 13:22, onde nossa versão portuguesa diz «história», encontramos o vocábulo hebraico *midrash.* A sabedoria, a eloqüência e as declarações de Abias foram registradas por Ido, o profeta. E isso foi a sua *midrash* sobre Abias, isto é, seus escritos e comentários. A idéia é que Ido *comentou* sobre aqueles registros históricos sobre Abias. Além disso, em II Crô. 24:27 lemos novamente a palavra *midrash,* no original hebraico, onde a nossa versão portuguesa novamente diz «história»—mas onde a Revised Standard Version diz «comentário»—aludindo aos comentários ou explicações que apareciam no Livro dos Reis de Israel. Isso alude a uma narrativa não-canônica, atualmente perdida, acerca dos reis hebreus. A essa narrativa foram adicionados comentários ou pareceres a respeito.

2. A *Midrash dos Rabinos.* Esse título refere-se a uma exposição exegética feita pelos rabinos e eruditos, acerca das Escrituras do Antigo Testamento. Até onde se sabe, uma atividade anterior, dessa sorte (à parte de instâncias isoladas, conforme demos no primeiro ponto), surgiu em cerca de 100 A.C. Essa atividade midrashica prosseguiu durante trezentos anos, até cerca de 200 D.C. Tal palavra, em seu sentido mais amplo, referia-se a qualquer exposição bem antiga acerca da Lei, dos Salmos e dos Profetas. Tal material tinha natureza exegética, homilética, alegórica e prática. No seu sentido mais geral, o termo aponta para a literatura judaica inteira não-canônica, incluindo o Talmude, e indo até à compilação do livro intitulado Jalkuth, do século XIII D.C. Mas, a partir daquele século, gradualmente o termo foi deixando de ser aplicado aos escritos rabínicos.

Quando os exilados retornaram do cativeiro babilônico, a **Tora** era a principal, se não mesmo a única autoridade espiritual para os judeus. O cânon judaico, porém, gradualmente foi incluindo os Salmos e os Profetas, ainda que, na opinião de algumas seitas, essas *adições* nunca obtiveram posição verdadeiramente canônica. A *Tora* era considerada autoritária, mas o velho problema de interpretação sempre existiu. Desse modo, os líderes espirituais e os eruditos tomaram sobre si mesmos a tarefa da interpretação. E isso deu nascimento à *Midrash.* Sem alguma autoridade interpretativa, o resultado é uma interminável fragmentação, tão vividamente ilustrada pelos protestantes e evangélicos de nossos dias.

Os saduceus eram os literalistas bíblicos de sua época, negando o valor das tradições orais que circundavam a lei. Os fariseus, em contraste com aqueles, demonstravam profundo respeito pela lei oral, apoiando-a com os seus comentários. O judaísmo de nossos dias pode ser considerado a continuação da posição tomada pelos fariseus.

3. *Dois Tipos de Midrashim.* O primeiro tipo consiste na *lei* (regra, tradição), que trata das explicações da lei mosaica. Isso incluía a aplicação daqueles preceitos a situações particulares, não cobertas pela letra exata da lei. O segundo tipo era a *narração,* que eram as exposições bíblicas sobre questões práticas, éticas e devocionais. Esse segundo tipo incluía questões homiléticas, onde o propósito era exortar, e não legislar.

4. *Coletâneas de Midrashim.* Comentários (midrashim) orais foram postos em forma escrita. As mais antigas dessas coletâneas eram as Midrashim Haláquicas, compiladas em cerca de 200 D.C. O adjetivo *haláquico* refere-se ao primeiro tipo de midrashim, mencionado no terceiro ponto, acima. A palavra hebraica *halakah* significa «regra», «lei», derivada do termo básico *halk,* «andar», «ir». E o segundo tipo de midrashim, chamados *hagádicos,* era representado em uma coletânea que vem do século III D.C. Essa palavra hebraica significa «contar», «narrar», derivada da raiz hebraica *hiqqid,* «contar». É o tipo de comentário descrito acima, sob o ponto terceiro.

As Midrashim Haláquicas. Os livros mais importantes desse tipo são o *Michilta* (uma palavra aramaica que significa «tratado»), e que versa sobre o livro canônico de Êxodo; a Sifra (que significa «livro») sobre Levítico e a Sifra sobre Numeros e Deuteronômio.

As Midrashim Hagádicas. As mais importantes obras dessa categoria são a Midrash Rabboth, que comenta sobre o Pentateuco inteiro e os cinco rolos (Cantares, Rute, Lamentações, Eclesiastes e Ester); a *Tanhuma* (homilias sobre o Pentateuco inteiro); e a Psikta de-Rav Kanana (homilias acerca dos dias santos e outras ocasiões especiais).

5. Obras Sobre Pregação e Sobre Interpretação. Essas coletâneas proviam material para discussão, instruções e ensinos sobre a prédica, para mestres rabinos e outras pessoas interessadas. Posteriormente, a *Mishnah* (vide) rivalizou com essa coletânea, chegando mesmo a absorver e substituir essas midrashim. A Mishnah consistia em ensinos sobre a lei oral, sem fazer alusões às próprias Escrituras. Naturalmente, mediante um uso lato da palavra midrash, o material do Talmude (incluindo a Mishnah) foi incluído. Ver o artigo sobre o *Talmude.*

6. A Inspiração das Midrashim. Os comentários dos rabinos tinham por finalidade definir as leis, dar-lhes aplicação universal e, de modo geral, elucidar as Sagradas Escrituras. Isso não equivale a negar a autoridade da Bíblia. Mas é que uma interpretação inteligente também é necessária, a fim de ser evitada a fragmentação. «Visto que as circunstâncias alteradas, que prevaleceram nos tempos pós-bíblicos, tinham tornado o simples código da Bíblia insuficiente em si mesmo, como norma orientadora da vida, os rabinos procuraram sondar de maneira mais penetrante os textos bíblicos, buscando descobrir implicações, que nem sempre transparecem superficialmente, mas que, com freqüência, oferecem a orientação que se faz mister». Ver o artigo sobre *Pirke Aboth.* (AM E WA Z)

MIGDAL-EL

No hebraico, «torre de Deus». Esse era o nome de uma das cidades fortificadas, capturadas pelos homens da tribo de Naftali (Jos. 19:38). Entre as várias sugestões acerca da sua moderna localização mais provável é *Mujeidil,* cerca de dezenove quilômetros a noroeste de Cades. Pelo menos, ficava localizada na Alta Galiléia, entre Yiron e Horém.

MIGDAL-GADE

No hebraico, «torre de fortuna» Essa era uma cidade de Judá, no distrito de terras baixas de Laquis (Jos. 15:37). Tem sido identificada com a moderna Khirbet el-Mejdeleh, a suleste de Tell ed-Duweir. Nos dias de Josué, estava sob o domínio dos filisteus, perto de Laquis.

MIGDOL

No cananeu, «forte» ou «torre de vigia». Há um acampamento e uma localidade no Egito, com esse nome, nas páginas da Bíblia:

1. *O Acampamento.* Migdol foi um dos lugares onde os israelitas acamparam temporariamente, após terem deixado o Egito. Ficava perto do mar Vermelho (ver Êxo. 15:4,22; Deu. 11:14). Ficava nas proximidades de Pi-Hairote e Baal-Zefom (ver Êxo. 14:2; Núm. 33:7). Visto que essa palavra cananéia significa «torre de vigia», é possível que o local fosse um posto militar avançado dos filisteus. Sabe-se que houve uma extensa ocupação semita do delta do Nilo, antes do Novo Império Egípcio (cerca de 1546—1085 A.C.). Outros nomes cananeus também aparecem, naquela e em áreas adjacentes, como Sucote (Êxo. 12:36); Baal-Zefom (Êxo. 14:2); Zilu (Tell Abu Seifah) e Gósen (Êxo. 8:22; 9:26). W.F. Albright, em seu livro *From the Stone Age to Christianity,* 1940, pág. 184, argumentou nesse sentido. Após terem acampado em Migdol, os israelitas cruzaram o mar Vermelho, na direção oeste-leste, e penetraram novamente no deserto. Em face das descrições geográficas envolvidas, são rejeitadas as identificações ordinárias de Migdol, dadas pelos estudiosos, preferindo-se pensar que o lugar era simplesmente uma das muitas torres ou fortins. A palavra hebraica *migdal,* que lhe é paralela, é bastante comum, com o sentido de «torre».

2. *Uma Localidade no Egito.* Em Jer. 44:1 e 46:14, achamos um lugar com esse nome, atribuído ao Egito. Encabeça uma breve lista de localidades egípcias onde os judeus buscaram refúgio quando fugiam das forças babilônicas de Nabucodonosor, consumada a destruição de Jerusalém. Ficava na porção norte do Egito, e tem sido equiparada à *Magdali* dos tabletes de Tell el-Amarna. Ver sobre *Tell el-Amarna.* Porém, também tem sido identificado esse lugar com *Tell el-Heir,* cerca de dezenove quilômetros ao sul de Pelúsium. As palavras, «desde Migdol até Sevene, até as fronteiras da Etiópia» em Eze. 29:10 e 30:6, evidentemente indicam os limites extremos norte e sul do Egito. Migdol assinalava o extremo norte (ou nordeste), enquanto que Aswan assinalava o extremo sul do Egito. Migdol ficava às margens de um antiga estrada que ia do Egito à Palestina. Provavelmente deve ser identificado com a Migdol de Sethos I (cenas de guerra em Carnaque).

MIGROM

No hebraico, **precipício**. Esse era o nome de uma cidade do território de Benjamim, aparentemente localizada na rota tomada pelo exército assírio invasor, em sua campanha contra Israel (ver Isa. 10:28). Ficava perto de Gibeá, onde Saul acampou certa ocasião (ver I Sam. 14:2). Ao que parece, mais de uma localidade recebeu esse nome, embora haja eruditos que neguem isso. Assim, não sabemos se o local associado a Saul era o mesmo que aquele associado à invasão dos assírios. Mas sabe-se que o local associado a Saul é modernamente conhecido como Tell el-Full, cerca de cinco quilômetros ao norte do terraço do templo de Jerusalém. Esse lugar ficava ao norte de *Micmás* (vide).

MIGUEL, ARCANJO

Seu nome significa «Quem é como **El** (Deus)?» Na Septuaginta, *Michaél.* Portanto, embora diferente de Micael, em português, tem a mesma origem, e poderia ser grafado daquela maneira. Ver o artigo sobre *Micael.* Somente esse arcanjo tem o seu nome grafado com «g», na Bíblia portuguesa. Quanto a informações sobre os *arcanjos,* ver a lista dos sete tradicionais seres celestes que têm esse nome, no verbete *Rafael.*

A tradição sobre a existência de arcanjos não fazia parte original da fé judaica, mas foi pedida por empréstimo da cultura persa. Por isso mesmo, os arcanjos só são mencionados no Antigo Testamento nos últimos livros (cronologicamente falando) do Antigo Testamento, nos livros apócrifos e pseudepígrafos do Antigo Testamenpo, e em alguns dos livros do Novo Testamento. Na literatura bíblica, Miguel é introduzido em Dan. 10:13,21 e 12:1 e reaparece no Novo Testamento em Jud. 9 e Apo. 12:7. O arcanjo Gabriel também é mencionado na Bíblia em Dan. 8:16; 9:21 e Luc. 1:19,26. A obra pseudepígrafa de Enoque alista os nomes de quatro arcanjos: Miguel, Gabriel, Rafael e Uriel (9:1 e 40:9), mas também assevera que o número total desses elevados poderes espirituais 6 sete (20:1-7). O trecho de Tobias 12:15 diz algo similar. Acompanhando os informes dados a respeito de Miguel, podemos alistar os pontos abaixo:

a. Miguel é o príncipe e guardião celeste de Israel, estando envolvido no destino apropriado daquela nação (Dan. 10:21; 12:1). A angelologia, bíblica ou não, vincula os anjos as nações, da mesma maneira que há anjos pessoais, que dirigem, protegem, ajudam e instruem aos herdeiros da salvação, para que cumpram a sua missão (ver Heb. 1:14).

b. Foi predito que por ocasião do período «sem precedentes» de tribulações de Israel (ver Dan. 12:1; Jer. 30:7; Mat. 24:21), Miguel entrará em atividade, desviando desse povo de Deus os ataques de Israel, fim de que a identidade deles seja preservada e o destino deles tenha cumprimento (Apo. 12:7 *ss).*

c. Jesus Cristo está relacionado a esses anjos, sendo o grande Chefe deles. Esse não é um ensino latamente desenvolvido, embora fique por toda a parte implícito no Novo Testamento, segundo se vê em Mat. 26:53.

d. O trecho de Jud. 9 fala sobre como Miguel resistiu ao diabo, no tocante à disputa sobre o corpo morto de Moisés. Foi mister que Miguel repreendesse a Satanás em nome do Senhor, talvez dando-nos a idéia de que Satanás tem um tão grande poder (como príncipe dos anjos caídos) que nem mesmo Miguel podia enfrentá-lo sozinho, na esperança de vitória. Esse relato sobre a disputa de Miguel com o diabo não aparece no Antigo Testamento, mas Orígenes *(Sobre os Primeiros Princípios* 3:2,1) informa-nos que o mesmo foi extraído da obra *Ascensão de Moisés,* um livro pseudepígrafo; e não há razão para duvidarmos dessa informação. Também há outros paralelos entre a epístola de Judas e essa obra pseudepígrafa, conforme Charles tão abundantemente demonstrou (ver CH II, 412,413). Alguns rabinos ensinam que essa contenda em torno do cadáver de Moisés girava em torno da idéia se ele seria ou não um assassino; se fosse, não poderia receber um sepultamento condigno (ver Êxo. 2 e Deu. 34).

Uma curiosidade moderna a respeito de Miguel é que algumas Testemunhas de Jeová confundem Cristo com Miguel, o que é absurdo. E fazem isso com base em sua interpretação de Dan. 10:5,6 e Apo. 12:7.

Para alguns intérpretes, parece perturbador encontrar idéias das obras pseudepígrafas aproveitadas no Novo Testamento, mas a maioria desses intérpretes desconhece quase tudo sobre esse fenômeno. A tradição profética essencial, e muito dos ensinamentos sobre o Messias, são temas comuns no livro de I *Enoque. Os* artigos sobre esse livro e sobre o *Messias* demonstram isso detalhadamente. Os eruditos conservadores anelam por preservar a inspiração da Bíblia, afirmando o valor da inspiração (e a resultante exatidão) de *algumas* das obras pseudepígrafas, o que explicaria sua inclusão legítima no Novo Testamento. Mas isso não é necessário, tal como não é necessário emprestar foros de inspiração ao poeta cretense, somente porque Paulo o citou em Tito 1:12. Os eruditos liberais, de sua parte, simplesmente frisam que todas as produções literárias que se estendem por longo período de tempo, como o Antigo Testamento, as obras apócrifas e pseudepígrafas e o Novo Testamento, naturalmente incluem empréstimos de idéias, visto que representam uma tradição em desenvolvimento. Nesse caso, a evolução histórica de idéias, os movimentos religiosos e a tradição profética estão todos envolvidos nessa questão. Que isso tenha tido lugar é tão óbvio que nem requer apologia. Por outra parte, não há razão alguma para crermos que a inspiração divina não possa acompanhar e mesmo guiar esse processo histórico. Outrossim, não é necessário afirmar que a inspiração, ao acompanhar ou mesmo guiar esse processo, tenha de mostrar-se sempre cem por cento acurada, ou que ela não possa evoluir, pois ambas essas assertivas são infantis, necessárias somente para o consolo de bebês na fé.

As referências bíblicas a Miguel, o arcanjo, são as seguintes: Dan. 10:13,21; 12:1; Jud. 9 e Apo. 12:7. As alusões a ele são mais numerosas nos escritos e livros dos rabinos helenistas. Em Jud. 9 oferecemos no NTI a nota de sumário sobre ele.

Lugar de Miguel dentro das tradições literárias judaicas:

1. Em Dan. 10:13,21 e 12:1, ele é pintado como o anjo guardião da nação de Israel. Todas as nações são pintadas como possuidoras de tais guardiães angelicais, idéia que certamente não se limita à cultura judaica. Essa idéia foi, finalmente, ampliada para ensinar que todos os indivíduos também possuem tais guardiães, e o trecho de Apo. 1:20 amplia o conceito para envolver as igrejas locais.

2. O trecho de I Enoque 20:5 faz Miguel não o guardião de toda a nação de Israel, mas somente dos verdadeiros santos daquela comunidade. Os trechos de Deut. 32:8,9 (LXX); Sir. xvii.17 e Jubileus xv.31,32 distinguem-no dos patronos angelicais das nações, em número de setenta, desde que Israel, supostamente, não estaria sob a proteção angelical, mas diretamente sob a proteção e o cuidado de Deus.

3. No Testamento dos Doze Patriarcas, Miguel é apresentado como o intercessor em favor dos santos de Israel, mas também dos santos de outras nações.

4. O Testamento de Levi tem Miguel como o mediador entre Deus e os homens em geral. Outro tanto aparece no Testamento de Dan. 6:2.

5. A intercessão de Miguel por Israel, nos «últimos dias», quando isso tornar-se criticamente necessário é salientado em Dan. 12:1; I Enoque 90:14 e Assunção de Moisés 10:2.

6. A passagem de Apo. 12:7 e *ss* expande mais ainda a missão de Miguel. Ali ele é apresentado como o maior dos subcomandantes dos exércitos do bem, o oponente direto do próprio Satanás. Jud. 9 também parece indicar algo assim.

Pelejaram contra o dragão e seus anjos. (Quanto a Satanás como «o dragão», ver os versículos três e quatro de Apo. 12). Os anjos caídos são aqui chamados simplesmente de *anjos.* Esse termo usualmente é usado para indicar os anjos bons, mas não necessariamente e sempre. Esses anjos caídos são as «estrelas» caídas do céu, no quarto versículo deste capitulo. São esses que ficaram cativos pelo encanto e poder de Satanás, ao ponto de se revoltarem contra Deus. E *alguns* deles, pelo menos, podem ter poderes *demoníacos* maiores. Ver o artigo separado sobre *Demônio.* Ver o Testamento de Aser 6.4. quanto a menção aos «anjos de Satanás». Em Mat. 25:41, também há menção do «diabo e seus anjos».

MILAGRES

Esboço:

I. A Palavra e Suas Definições
II. Maneiras de Explicar os Milagres
III. Especulações Filosóficas sobre os Milagres
IV. Milagres da Bíblia; Nomes; Critérios; Propósitos
V. Milagres em Culturas Não-Hebraico-Cristãs
VI. A Ciência e os Milagres
VII. Milagres Modernos

I. A Palavra e Suas Definições

A palavra «milagre» vem do latim *mirari,* «admirar-se». *Mirus* é um adjetivo latino que significa «maravilhoso», «admirável». *Miraculum* é alguma «maravilha», um «prodígio», um «milagre». Se os *eventos miraculosos* são aqueles que ultrapassam daquilo que se poderia esperar de circunstâncias naturais e usuais, então esses acontecimentos são chamados *milagres.* Os teólogos têm discutido se pode ocorrer alguma coisa que não esteja dentro dos limites do *natural,* pelo menos do ponto de vista de Deus. Aquilo que consideramos acima do natural, ou que parece quebrar alguma lei natural, por uma definição mais alta ainda poderia ser tido como natural. Assim sendo, um milagre pode ser aquilo que apenas *parece* ter ultrapassado do que é natural, embora seja algo que apenas ultrapassa nossa compreensão. Agostinho argumentava fortemente em prol da *naturalidade* dos milagres, do ponto de vista de Deus, apesar de parecerem sobrenaturais ou contrários à natureza, do nosso ponto de vista. Deus parece contradizer ou quebrar alguma lei natural, mas ele simplesmente aplica alguma lei superior, anulando outra lei, inferior. Há uma suprema lei da natureza, dentro da qual todos os milagres podem ser ajustados. O argumento filosófico teológico dessa abordagem é que Deus, que estabeleceu as leis naturais, jamais agiria contrariamente a Si mesmo, quebrando, ocasionalmente, e por motivos especiais, essa lei (Contra Faustum, 26.3).

Outros teólogos, entretanto, não vêm qualquer perigo na suposição de que Deus pode quebrar leis naturais em suas intervenções. Mas, talvez toda essa discussão seja fútil. Em primeiro lugar, no presente, considerando a natureza fragmentar tanto de nosso conhecimento quanto da ciência, não podemos chegar a uma definição decente do *natural,* quanto menos do *sobrenatural.* Do ponto de vista pragmático, podemos dizer que um verdadeiro milagre quebra ou ultrapassa daquilo que *conhecemos* como leis naturais, e a definição pragmática é a única de que dispomos no momento.

Popularmente, um milagre é qualquer evento admirável que excita a mente devido ao fato de ser incomum. Mais estritamente falando, é um evento *dentro* do mundo natural, mas que aparentemente *está fora* de sua ordem normal, podendo ser explicado somente através de algum poder sobre-humano ou divino.

Palavras e Indicações Bíblicas:

Certa variedade de termos hebraicos, aramaicos e gregos é usada na Bíblia para indicar acontecimentos miraculosos ou admiráveis. Esses termos são traduzidos como «milagres», «maravilhas», «sinais», «poderes», etc. No hebraico temos o vocábulo *mopet,* «maravilha», «milagres» (ver Êxo. 7:9; Deu. 29:5; Êxo. 7:3; Deu. 4:34; Sal. 78:43; I Reis 13:3,5). A raiz hebraica *pl',* «diferente», é usada no particípio *nipla ot,* «distintivo», «incomum», «admirável» (ver Êxo. 15:11; Jos. 3:5). O termo aramaico *temah* significa a mesma coisa. Ver Dan. 4:2,3; 6:27. A raiz hebraica *'ot* significa «significativo» (ver Nee. 9:10). O termo aramaico *'at* tem o mesmo sentido, sendo encontrado em Dan. 4:2,3 e 6:27. O termo hebraico *qeburah* significa «poderoso», e se vê em Sal. 106:2 e 145:4.

Quando chegamos ao Novo Testamento grego encontramos três palavras:

—*Teras,* «distintivo», «maravilhoso». Essa palavra ocorre por dezesseis vezes: Mat. 24:24; Mar. 13:22: João 4:48; Atos 2:19 (citando Joel 3:3); 2:22,43; 4:30; 5:12; 6:8; 7:36; 14:3; 15;12; Rom. 15:19; II Cor. 12:12; II Tes. 2:9; Heb. 2:4.

—*Dúnamis,* «poder», «prodígio». Essa palavra é muito comum no Novo Testamento, pois ocorre por cerca de cento e vinte vezes, algumas vezes indicando poderes miraculosos, começando em Mat. 6:13 até .Apo. 19:1. O verbo correspondente, *dúnamai,* também é muito comum.

—*Semeîon*«sinal», algo de natureza extraordinária, um acontecimento miraculoso que serve de sinal. Esse termo grego aparece por setenta e três vezes no Novo Testamento, embora por menos da metade desse número indique algum acontecimento miraculoso. Começa a ser usado em Mat. 12:38 e vai até Apo. 19:20. Ver João 2:11; 3:2; Atos 8:6,13; 15:12.

No Novo Testamento, esses três termos, «milagre», «maravilha» e «sinal», algumas vezes aparecem juntos. Ver Atos 2:22; II Tes. 2:9 e Heb. 2:4. Algumas religiões, como o budismo, não exibem paciência diante dos milagres, supondo que tendem por iludir as pessoas acerca da verdade religiosa, em vez de convencê-las. Sem dúvida, assim ocorre no caso dos milagres e santuários populares; mas a Bíblia empresta um importante lugar aos milagres, como obras divinas, realizadas em *benefício* do homem, e também como ocorrências incomuns, que servem para autenticar idéias e emprestar autoridade às pessoas que realizam tais prodígios. Existe aquilo que poderíamos designar de «milagres didáticos», que parecem ter desempenhado importante papel no ministério de Jesus Cristo.

II. Maneiras de Explicar os Milagres

1. No tocante aos milagres de Cristo: a interpretação *monofisista.* Essa palavra alude aos ensinos dos *monofisistas,* que diziam que Cristo tinha somente uma natureza, composta de humano e divino, mas em nenhum sentido, separada. Na prática, porém, essa doutrina dava pouca importância à parte humana, e, com freqüência, tornava-se apenas uma variedade do *docetismo* (vide). Em princípio, o Logos tornara-se carne, mas, na realidade, a carne foi transformada no divino. O resultado prático dessa doutrina, no tocante aos milagres, é que o Cristo divino é quem realizava os milagres, sem envolvimento nenhum de sua parte humana. As explicações evangélicas comuns não diferem muito disso. Quando eles falam nos milagres feitos por Jesus, quase sempre fazem-no no contexto de sua divindade. Todavia, podemos objetar a isso, com toda a razão. Apesar de Cristo, algumas vezes, ter apelado para suas divinas prerrogativas na realização de algum ato incomum, o ensino da *encarnação* é que Jesus fazia o que fazia como um ser humano, impulsionado pelo Espírito, mostrando-nos assim o que podemos fazer (até mesmo atos maiores que os de Cristo; João 14:12), se mantivermos estreita comunhão com ele.

2. *Explicações Naturais.* Os milagres seriam meras excitações da imaginação popular, mas, após detido exame, tais milagres sempre podem ser explicados como acontecimentos naturais. Quando acontecia algo de incomum, os gregos exclamavam: «É algum deus!» E os homens continuam dizendo isso, sempre que algo de aparentemente incomum ocorre.

3. Explicações Parabólicas e Alegóricas. Essa posição diz que os documentos religiosos não estavam falando a sério sobre acontecimentos prodigiosos. Tais ocorrências seriam meros comentários parabólicos. Os milagres faziam parte das alegorias, não tendo havido qualquer transtorno da natureza.

4. Explicações Simbólicas. As narrativas foram contadas para ensinar certas lições. Seriam meros símbolos de verdades espirituais e religiosas, não devendo ser interpretadas literalmente, como se tivessem sido acontecimentos reais.

5. Seriam Invenções Fraudulentas. Não precisamos supor que os escritores religiosos sempre foram honestos. Basta que consideremos os muitos e tolos milagres das obras apócrifas e pseudepigrafas. Não admira, pois, que algo desse material tenha penetrado na Bíblia, tanto no Antigo quanto no Novo Testamentos. Certo escritor chegou ao ponto de asseverar que os muitos milagres atribuídos a Jesus na verdade O insultam, em vez de glorificá-lo, pois, antes de tudo, Jesus não teria feito o que dizem que ele fez; e em segundo lugar, o ensino de Jesus não depende de tais acontecimentos, e, sim, de suas instruções morais e espirituais.

6. *Explicações Mitológicas.* Os mitos seriam instrumentos úteis de todas as culturas humanas. Esses mitos sempre exageram as ocorrências reais, e, algumas vezes, são meros produtos de uma vívida imaginação. Assim, o Antigo e o Novo Testamentos teriam seus elementos mitológicos, que podem ter algum valor didático, mas não deveríamos levá-los a sério como descrições de acontecimentos físicos miraculosos. Seria natural inventar mitos em torno de personagens poderosas. De fato, isso sempre acontece, sem importar se essa personagem é uma figura religiosa, militar, política, etc., contanto que sua vida tenha sido impressionante o bastante para inspirar esse endeusamento.

7. Seriam Meras ilusões. Um milagre é obra de arte de algum mágico, e não algum acontecimento real. Os líderes religiosos, com freqüência, aprendem artes mágicas, e não se importam em enganar o povo com suas ilusões.

8. Os Milagres Seriam Acontecimentos Psíquicos, Naturais. O poder da mente é imenso, capaz de realizar prodígios. Não é mister apelar para um fator divino a fim de explicar tais coisas. Consideremos o que os santos homens hindus podem fazer. Eles treinam suas mentes desde o começo de suas vidas, e são capazes de grandes feitos.

9. *Explicações* Hipnóticas. Uma figura poderosa, dotada de extraordinárias energias mentais, pode fazer com que as pessoas pensem que alguma grande coisa física teve lugar. Mas tudo não passa de uma ilusão mental, hipnótica. Isso também poderia explicar as histórias sobre contactos com seres trazidos pelos discos voadores. Muitas pessoas, em nossos dias, alegam ter entrado em contacto com seres extraterrestres. Sob hipnose, elas continuam afirmando a realidade desses acontecimentos. Porém, são reais apenas mentalmente, e não fisicamente. Uma figura poderosa, como foi a de Jesus, poderia ter provocado muitos eventos mentais, que não correspondiam a algo real na natureza. Talvez a hipnose estivesse envolvida, ou, então, algum outro processo mental poderoso, que ainda não compreendemos.

10. *Explicações Psicossomáticas.* Quanto às curas, é fato conhecido que muitas enfermidades são imaginárias, e que é possível reverter as mesmas fazendo as pessoas pensarem, bastando isso para melhorar as suas condições físicas. O placebo atua com base nesse princípio, e a palavra falada, proferida por um alegado curador, pode não passar de um placebo verbal.

11. *A Historicidade dos Milagres.* Apesar de todas as explicações acima poderem ter algum valor, explicando certas histórias sobre eventos miraculosos, há provas insofismáveis em favor de milagres, na antiguidade e em nossos dias, sobre os quais a Bíblia presta testemunho. Certos milagres realmente sucederam, e são eventos históricos autênticos.

12. *Histórias Românticas.* Aqueles que escreveram sobre milagres estavam apenas inventando histórias românticas. Eles não tencionavam, porém, que seus leitores levassem a sério os seus escritos.

13. *Forças Demoníacas; Forças* Angelicais. Alguns milagres, apesar de serem reais, não são produtos nem do poder divino e nem do poder humano. Existe tal coisa como os prodígios do mal. Pelo lado positivo, podemos supor com toda a segurança que existem outros poderes espirituais, positivos em sua natureza, como é o caso dos anjos (e outros, que talvez desconheçamos), que têm o poder de realizar milagres.

III. Especulações Filosóficas Sobre os Milagres

Relatos sobre milagres têm circundado a vida da maioria dos grandes líderes religiosos, incluindo Confúcio, Lao-Tzé, Buda, Maomé, e, naturalmente, acima de todos, Jesus Cristo. O que os filósofos têm a comentar sobre isso?

1. Os primeiros apologistas cristãos usavam argumentos filosóficos em favor da autenticidade dos milagres e o valor dos mesmos em apoio às reivindicações da teologia cristã.

2. Agostinho argumentava em prol dos milagres, embora contendendo em favor da *naturalidade dos* mesmos, supondo, naturalmente, que essa naturalidade é do ponto de vista de Deus, e não do ponto de vista de nossa limitada sabedoria.

3. Tomás de Aquino e os escolásticos em geral argumentavam de modo similar, distinguindo duas ordens na natureza: a. aquela ordem conhecida de Deus, dentro da qual ele atua de maneiras misteriosas; b. aquela conhecida dos homens, em suas limitações. Um milagre é uma obra que contradiz a ordem inferior da natureza e as suas normas, embkra não da ordem superior. Um milagre, de fato, *expressaria* a ordem superior da natureza, longe de contradizê-la. Isso nos mostra como os escolásticos brindaram-nos com maneiras úteis de pensar sobre as coisas, que se fazem ausentes, por tantas vezes, na teologia dogmática comum.

4. Spinoza (lançando mão de argumentos concebidos por Gersonides) afirmava que os milagres não podem acontecer. Ele se baseava no raciocínio de que as leis da natureza são decretos de Deus, e que Deus não violaria os seus próprios decretos, o que seria uma autocontradição divina.

5. O deísmo, como um sistema, opõe-se aos milagres. Seu ponto de vista é que Deus, há longo tempo, abandonou a sua criação, e que as leis naturais controlam todas as coisas. Nada poderia acontecer fora dos ditames das leis naturais. E nem poderíamos esperar que Deus, subitamente, aparecesse e desfizesse o que ele mesmo estabeleceu.

6. O deísmo sobrenatural, no entanto, apesar de normalmente apoiar o ponto de vista deísta, supõe que, *ocasionalmente*, Deus volta e intervém, devido a alguma razão especial.

7. *David Hume* parece ter dado atenção justa aos milagres, sugerindo que deveríamos examinar caso por caso, averiguando seus próprios méritos; mas terminou virtualmente fechando a porta aos milagres, ao insistir sobre a necessidade de evidências, para então dizer que essas evidências simplesmente não existem. Nossas experiências, em sua esmagadora maioria, confirmariam as leis da natureza. E assim, quando as evidências parecem confirmar algum milagre, esses casos excepcionais jamais são capazes de contrabalançar o volume maior do testemunho das leis naturais. O resultado final de seu raciocínio é que os milagres nunca podem ser provados, e nem mesmo pode ser demonstrado que eles são prováveis.

8. *Schleiermacher* procurou ocupar um terreno intermediário entre os que defendem o intervencionismo divino e os apologistas dos milagres de acordo com as leis da natureza. Ele supunha que os milagres são realizados por Deus em conformidade com as leis da natureza (conforme ele as conhecia). A natureza conteria potenciais nesse sentido, mas os milagres só ocorreriam quando Deus, median-

te alguma intervenção especial, resolve aplicar esse potencial. Portanto, a posição dele representa uma intervenção teísta, embora não represente qualquer contradição das leis naturais.

9. Os teólogos e filósofos do século XIX, fascinados pelo ceticismo, imaginaram todas as explicações racionalistas possíveis para os milagres. Alguns chamaram-nos meras lendas, mitos, fraudes ou alegorias. Muitos outros supuseram que as idéias metafísicas provocariam relatos sobre milagres, embora esses relatos de modo nenhum correspondessem a fatos históricos. Renan afirmou que a geração de Jesus fez uma violência contra ele, vinculando histórias fraudulentas ao seu nome, e que o sentido de Jesus jaz em sua vida e em seus ensinamentos, e não nos relatos sobre seus alegados milagres.

10. *A Filosofia Moderna e a Ciência.* Ver a seção VII quanto a uma ampla exposição.

IV. Milagres da Bíblia; Nomes; Critérios; Propósitos

1. Milagres da Bíblia. Abaixo damos exemplos:

a. *No Antigo Testamento.* Talvez devêssemos começar pela própria criação, e então, entrar pelo começo da vida, mormente a vida humana. O que poderia ser milagre maior do que essas coisas? Não precisamos tentar ajustar esses misteriosos eventos a qualquer definição de milagres. Eles são milagres iniciais grandiosos. Muitas vezes minha mente tem-se admirado profundamente diante da indagação: Como é que as coisas têm podido vir à existência? A existência das coisas e da vida constitui o mais inefável de todos os mistérios; e a esse mistério podemos chamar de primeiro dos milagres de Deus, o seu primeiro e maior milagre. Os demais milagres fluem daquele mesmo poder divino, que criou todas as coisas, sem importar se esses outros milagres são efetuados por meio de agentes humanos ou angelicais.

Há quem considere o dilúvio um milagre. Pessoalmente, porém, vejo no dilúvio um grande cataclismo natural, um cataclismo como já houve outros (sobre os quais os registros não-bíblicos atestam de forma convincente, sob forma escrita ou sob forma geológica). Ver o artigo sobre o *Dilúvio.* Outros referem-se à confusão das línguas, por ocasião da torre de Babel, como uma intervenção divina, uma intervenção que poderia ser considerada miraculosa. Mas há quem pense que tudo é apenas lendário, em uma tentativa inadequada de explicar a origem da linguagem humana. Ver os artigos intitulados *Língua-Linguagem-Linguagens e Línguas, Confusão das.*

Êxodo 4:2-4: Moisés jogou seu cajado no chão. Este transformou-se em serpente. Quando ele a segurou pela cauda, transformou-se novamente em um objeto sem vida. Êxodo 4:6,7; A mão de Moisés ficou leprosa, e, então, ficou boa novamente, ambos os acontecimentos instantâneos. Êxodo 8: As pragas do Egito envolveram elementos da intervenção divina, como quando Aarão feriu as águas do rio Nilo com a sua vara, e elas foram transformadas em sangue. Os mágicos do Faraó obtiveram sucesso parcial, ao imitarem os atos de Aarão e de Moisés. Teria sido natural que os primogênitos do Egito morressem todos subitamente, e em uníssono? Ou o autor sagrado teria exagerado no relato, e o que teria havido foi uma praga que destruiu a muitos, mas não todos os primogênitos? Êxodo 14: A saída de Israel do Egito teve seus elementos miraculosos, mormente no que diz respeito à divisão das águas do mar Vermelho, por ordem de Moisés. Os racionalistas vêem nisso apenas um forte vendaval que, temporariamente, fez as águas se dividirem, supondo então que os exércitos do Faraó afogaram-se quando as águas voltaram à sua anterior posição. Talvez a profundidade necessária tivesse sido conseguida pelo poder da maré. O livro de Êxodo prossegue, falando sobre como o povo de Israel ficou vagueando pelo deserto, com a provisão da nuvem durante o dia e a coluna de fogo durante a noite. Essas foram intervenções divinas, que os racionalistas apodam de mitos.

Números 22:28-30: A jumenta de Balaão falou e deu-lhe instruções espirituais. Josué 6:1-21: As muralhas de Jericó ruíram diante de certos atos comandados por Josué. I Samuel 5:1-5: A imagem de Dagom cai sozinha, de rosto em terra. I Reis 17:8-16: Elias multiplicou o azeite da viúva, com uma palavra. I Reis 18:20-40: Elias fez descer fogo do céu. II Reis 2:1-12: Uma carruagem de fogo com cavalos de fogo transporta Elias para o céu. II Reis 4:32-37; 13:20,21: Pessoas são ressuscitadas dentre os mortos. II Reis 19:20-37: O exército assírio é eliminado por intervenção divina. Daniel 3:1-30: Três jovens hebreus não morrem na superaquecida fornalha do rei Nabucodonosor. Daniel 5:1-30: Uma escrita misteriosa aparece em uma parede, com uma mensagem espiritual. Jonas 1-2: Um grande peixe é preparado para engolir ao profeta Jonas, mas este consegue sobreviver à prova.

b. *No Novo Testamento.* Temos ali *intervenções divinas diretas:* O nascimento virginal de Jesus, a estrela de Belém, o véu do templo estranhamente partido ao meio, a ressurreição especial dos mortos por ocasião da ressurreição de Jesus Cristo, sendo que esta última foi o grande milagre que deu origem ao cristianismo. Acrescente-se a isso os milagres de Jesus, de seus apóstolos e dos primeiros discípulos. Em termos gerais, isso nos fornece três classificações. Os milagres dos apóstolos e dos primeiros discípulos de Cristo foram realizados mediante a agência humana. No artigo sobre o *Problema Sinóptico, VI. Os Milagres de Jesus,* damos os milagres realizados por Cristo, após a lista de suas parábolas, com as devidas referências bíblicas. Em sua maioria, esses milagres consistiram em curas, embora também incluíssem milagres *sobre a natureza,* como a transformação da água em vinho, a tranqüilização dos ventos e das ondas, a multiplicação de pães e peixes, o caminhar de Jesus sobre a superfície do lago e a figueira ressecada.

O livro de Atos registra os milagres efetuados pelos apóstolos e por outros cristãos. Atos 5:1-11: a morte súbita de Ananias e Safira. Atos 12:1-19: o livramento de Pedro do cárcere. Atos 6:8: Os milagres não descritos realizados por Estêvão. Atos 8:39: a miraculosa transferência de Filipe de Gaza para Azoto. Atos 9:8,18: A súbita cegueira de Paulo e sua subseqüente recuperação. Atos 19:12: os milagres da cura de Paulo, mediante o uso de lenços e aventais. Atos 20:9-12: Êutico ressuscitado dos mortos. Atos 10:45,46; 19:6: Línguas, o que penso não ser um fenômeno miraculoso. E também temos as predições de milagres que serão efetuados nos últimos dias, como os atos do anticristo: II Tes. 2; Apo. 16:14 e 19:20.

Milagres falsos de falsos cristos ou de falsos discípulos de Cristo são mencionados em Mat. 24:24. Nessa categoria cabem aqueles prodígios referidos em Atos 8:9, os milagres efetuados através de artes mágicas.

Um dos dons espirituais consistia nas «operações de milagres» (I Cor. 12:10), que ninguém pode provar se deveriam ocorrer somente na primeira geração dos crentes.

2. Nomes. Os milagres são chamados de *poderes* e *sinais* (ver Mar. 9:39; Atos 2:22; 19:11; Êxo. 9:16; 15:6). Também são chamados *maravilhas* (ver Êxo. 15:11; Dan. 12:6). Aparecem como o *dedo de Deus,* em Luc. 4:18. Outras vezes, são meramente chamados obras (ver João 5:36; 7:21; 10:25; 14:11,12; 15:24).

3. Critérios. A Bíblia contém aqueles milagres que são chamados de *divinos.* Mas esses incluem milagres efetuados por meio de *agentes,* e não apenas aqueles feitos diretamente por Deus. Os milagres divinos são *verdadeiros* milagres. Nesse contexto, «verdadeiro» não significa real em contraste com irreal, e, sim, através de agentes bons, de acordo com a vontade divina, em contraste com outros milagres, que são reais, mas realizados por agentes duvidosos. Assim, não é negado que os mágicos egípcios realizavam prodígios genuínos, e nem é dito que Simão Mago estava operando apenas de maneira ilusória. Ver Êxo. 7 e 8; Atos 13:6-12; 8:9-24. Porém, o que esses agentes fizeram era *falso,* no que diz respeito aos propósitos espirituais. Discípulos falsos realizam milagres reais, em nome de Cristo, mas esses milagres são falsos, no que concerne ao seu propósito espiritual. Ver Mat. 24:24. Destarte, o anticristo haverá de realizar grandes milagres da *mentira,* ou seja, milagres que servirão apenas para promover seu culto falso. Ver II Tes. 2:9 e Apo. 13:13 *ss.* Esta última referência alude aos milagres que serão feitos pelo

falso profeta, o João Batista do anticristo, que também possuirá poderes miraculosos reais, embora malignos.

Quanto aos *critérios*, podemos afirmar que os milagres são verdadeiros quando efetuados por algum poder bom, e com bons propósitos. Mas são falsos ou mentirosos quando realizados por algum poder maligno e com propósitos malignos e enganadores. A *realidade* de um milagre (algo de grande realmente teve lugar) jamais serve de sinal de que Deus operou ou que Deus o aprovou. O reino das trevas também possui grandes poderes, que se tornam manifestos entre os homens.

Um Meio-Termo. Não é necessário, porém, pensar que todas as obras poderosas tenham de ser catalogadas como boas ou más. Essas obras podem ser grandes, e, no entanto, neutras. A mente é possuidora de grandes poderes, podendo curar e realizar outros feitos, que poderíamos rotular de miraculosos, sem que nada de divino ou de diabólico esteja envolvido. Um ser humano, criado um pouco menor que os anjos, se receber o desenvolvimento apropriado, pode realizar coisas realmente miraculosas, porquanto, por haver sido criado à imagem de Deus, é capaz disso. Agostinho e os escolásticos argumentavam em favor da naturalidade dos milagres, provenientes ou de uma ordem superior (onde Deus atua) ou de uma ordem inferior, onde estão os homens. Quando uma atuação da ordem superior infringe a ordem inferior, então chamamos isso de uma obra de Deus. Porém, na dimensão inferior, algumas fantasias podem ter lugar, sem qualquer intervenção do que é divino ou do que é demoníaco.

4. Propósitos. No relato bíblico, quase sempre que houve algum milagre, algum problema foi resolvido, algum ato de misericórdia foi estendido, algum ensino foi enfatizado, alguma coisa útil foi realizada. Os sinais não eram realizados por mera curiosidade, ou como vã exibição de poder. Diz o trecho de João 20:30,31: «Na verdade fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome»,

Naturalmente, essa declaração é parcial. Ao lermos o relato neotestamentário sobre os milagres de Jesus, ficamos impressionados pelo fato de que muitos desses milagres foram meros atos misericordiosos. Sem dúvida, esses atos ajudaram as pessoas a porem nele a sua confiança, mas, quando esses milagres foram realizados, não tiveram o propósito de provar seu messiado. Simplesmente aliviaram o sofrimento humano.

a. *Exageros*. Não deveríamos emprestar uma *importância exagerada* aos milagres. Certo profeta persa afirmava que seus ensinamentos eram os seus milagres. João Batista foi o maior dos profetas, mas não realizou qualquer milagre. O budismo repele àqueles que querem ver sinais, crendo que esses são prejudiciais para um ensinamento sério e para o discipulado, visto que as pessoas comumente andam à cata de excitação, e não tanto de desenvolvimento espiritual. Até mesmo na cristandade, um milagre pode não passar de ostentação. Os milagres, por si mesmos, jamais autenticam qualquer coisa. É mister que sejam acompanhados por genuínos desenvolvimento e expressão espirituais. Muitos grupos, fora do cristianismo tradicional, têm os seus milagres. Dentro dos limites da Igreja, há muitas denominações, muitos segmentos. Vários desses agrupamentos reivindicam milagres, desde os evangélicos carismáticos até os católicos romanos. Todos os grupos partem do pressuposto de que seus milagres provam a veracidade de seus dogmas, mas essa é uma suposição precária.

b. *Negligência*. Por outra parte, *não devemos negligenciar* o elemento miraculoso. Certamente o Senhor Jesus não mostrava tal negligência. Um milagre feito no tempo certo pode fazer muito em favor da fé; e precisamos de toda a ajuda possível. Uma das teses mais absurdas que existe é que os milagres não são para a nossa época. Bons cristãos têm defendido essa posição, embora ela reflita o mais insensato absurdo. Charles Hodge, certamente um teólogo tradicionalista, ainda assim foi capaz de dizer, com toda a verdade: «Nada existe no Novo Testamento de incoerente com a ocorrência de milagres no período pós-apostólico da Igreja (citado por Unger, em seu artigo sobre os *Milagres)*. Contudo, Unger prosseguiu, dizendo que «não há mais necessidade» de milagres. Porém, pergunto: Qual era jamais vivida foi mais necessitada da exibição do poder divino do que a nossa própria, quando já nos aproximamos de seu final?

Os católicos romanos e os evangélicos carismáticos continuam tendo eventos miraculosos, apesar das ilusões, desilusões, fraudes e meros desejos que possam ter lugar, para nada dizermos sobre os milagres efetuados por poderes malignos. A despeito disso, as evidências são por demais claras para podermos negar que milagres autênticos ocorrem nesses dois segmentos da cristandade. Meu próprio irmão, um missionário evangélico, não-carismático, tem realizado aquilo que poderíamos classificar de miraculoso, quando as circunstâncias assim o têm *requerido*. *Isso* significa que ele tem tido um ministério tipo quase apostólico, primeiramente no Zaire, e, então, no Suriname. Os céticos que abundam nas igrejas evangélicas têm-se recusado a crer em alguns de seus relatos, posto que esses céticos estão por demais distantes da espiritualidade refletida no Novo Testamento para terem fé nessas ocorrências miraculosas. É um erro dizermos aos outros: «Leia sua Bíblia e ore», como se isso resolvesse todos os problemas espirituais e provesse todo o desenvolvimento espiritual. Precisamos alimentar o intelecto, mediante a leitura, o estudo e a disciplina; precisamos da oração, da meditação e das boas obras. Mas também precisamos *ver* e *experimentar*, ao menos ocasionalmente, a mão de Deus manifestando-se, miraculosa, entre nós. Não para efeito de excitação emocional, mas a fim de nos avizinharmos do poder do Espírito, dotados poderosamente pelo mesmo.

Assim sendo, quando discutimos sobre o propósito dos milagres, achamo-nos não somente em sólido terreno neotestamentário, onde os milagres autenticam a mensagem cristã, mas também encontramos uma cura para muitos males espirituais e religiosos modernos, como *um* dos meios para fortalecer-se a nossa fé, que nos ajuda a crescer espiritualmente. O Deus que realizou tantos e tão variegados atos poderosos, no passado, e, então, deixou-nos um Livro para narrar esses prodígios, mas que, supostamente, nada faz hoje em dia para mostrar a realidade de suas obras poderosas, é fruto de um *dogma*, e não o Deus da realidade da experiência humana.

V. Milagres em Culturas Não-Hebraico-Cristãs

Todas as grandes religiões têm contado com seus operadores de milagres, não havendo como negar isso. Lao-Tzé, Buda, Maomé e figuras religiosas do mundo atual não-cristão têm apresentado possuir poderes miraculosos. É ridículo, em primeiro lugar, dizer que isso não pode ser e, em segundo lugar, atribuir tudo isso ao diabo. Antes de tudo, a natureza humana é dotada de grandes poderes, capacitando-a a realizar milagres inteiramente à parte de deuses, demônios e poderes sobre-humanos. Em seguida, há aquela atuação universal do *Logos*, que pode implantar suas sementes nos lugares mais insuspeitos, de tal modo que alguns propósitos sejam cumpridos. É uma visão muito estreita supor que o Logos limita suas atividades à cultura hebreu-cristã. Os pais gregos da Igreja supunham que o Logos também operava através dos melhores aspectos da filosofia grega, a fim de conduzir, finalmente, os homens a Cristo. Assim, no caso dos gentios, a filosofia era o aio deles, tal como a lei foi o aio dos judeus para conduzi-los a Cristo. Os *logoi spermatikoi* vão sendo plantados por toda parte, cumprindo propósitos de Deus, embora isso não signifique que todas as religiões sejam verdadeiras ou historicamente necessárias. No entanto, presumimos demais em nossa estreiteza de visão, ditando a Deus como ele deve operar, ou afirmando que Deus tem atuado no mundo somente através de uma tradição, a saber, a nossa.

Nas chamadas culturas pré-científicas, supunha-se que um deus, espírito (humano ou não), homem santo, mágico ou líder religioso de nome, como um sacerdote, seria capaz de realizar milagres. Esses milagres poderiam ocorrer por meio de rituais, orações, encantamen-

tos, imposição de mãos (visando às curas) ou maldições (milagres destrutivos). Foi apenas natural que grandes nomes, como Zoroastro, Lao-Tzé, Mahavira, Gautama Buda, Confúcio, Maomé etc., estivessem associados a milagres. Isso não significa que tais indivíduos fossem, comumente, operadores de milagres, ou que os milagres fizessem parte primacial de seus movimentos, e de seus credos. Maomé ensinava que solicitar sinais miraculosos, como meio de autenticação de seus ensinos, era sinal de cegueira espiritual. O budismo sempre procurou diminuir a importância dos milagres, a tal ponto que qualquer membro da ordem budista que afirmasse possuir poderes sobre-humanos estava sujeita à disciplina. No entanto, homens que atingiam um elevado grau de desenvolvimento espiritual, por meio da disciplina pessoal, das orações e do ascetismo, algumas vezes tornavam-se conhecidos por seus poderes miraculosos. Entretanto, os textos budistas mostram que essa questão não era enfatizada, e nem se pensava que os milagres, por si mesmos, provassem qualquer coisa.

Sempre será difícil perceber quanto elemento lendário entra nos relatos sobre os antigos líderes religiosos. Suas vidas são circundadas pelo maravilhoso. Concepções e nascimentos miraculosos, poderes sobre os espíritos malignos, curas e outros grandes feitos fazem parte dessas narrativas. Os seguidores imediatos dos grandes líderes religiosos também teriam recebido poderes miraculosos, como sucedou no caso dos discípulos de Jesus. Tais milagres, tal e qual se vê no Novo Testamento, eram tidos como *sinais* autenticadores da doutrina dos mestres. Houve milagres de multiplicação de alimentos, em tempos de necessidade, transportes repentinos, quando isso se fazia mister etc; novamente com paralelos no Novo Testamento. Os santos do hinduísmo e do budismo, se podemos crer nesses relatos, teriam produzido muitos prodígios. Eles podiam transportar-se pelo ar, e alguns teriam chegado assim ao próprio céu; eles podiam transportar-se de forma imediata, ou mesmo transportar um grupo de pessoas, para algum lugar distante; eles podiam controlar as intempéries, curar os enfermos, remover a esterilidade de mulheres, atravessar paredes ou outros obstáculos, ficar invisíveis, assumir outras formas físicas, ao ponto de não poderem ser reconhecidos, prover iluminação instantânea para outras pessoas, exercer poderes psíquicos (incluindo a capacidade de prever o futuro).

Ficou registrado que, por ocasião do nascimento de Buda, o ar encheu-se de cânticos angelicais, que apareceram hostes de anjos, que houve terremotos, e que quatro grandes reis, vindos de lugares distantes, vieram visitá-lo. Quando ele morreu, choveu flores do céu em tal abundância que se formou uma camada de flores até os joelhos das pessoas que participavam do cortejo funerário dele. Também caiu fogo do céu, e houve outras manifestações incomuns, que assustaram às pessoas. No caso de Zoroastro, também é dito que milagres ocorreram por ocasião de seu nascimento e de sua morte. Ele teria sido perseguido por poderes malignos, que pretendiam destruí-lo (conforme também é dito a respeito de Jesus); mas ele foi salvo de tudo por um poder divino miraculoso. As tradições islâmicas dizem que Maomé subiu ao céu. Os santos muçulmanos teriam realizado muitíssimos milagres. Os homens santos chineses seriam possuidores de poderes sobre-humanos de todas as variedades, poderes esses que foram empregados nas mais diversas circunstâncias.

VI. A Ciência e os Milagres

Para entendermos o que a ciência moderna diz sobre os milagres, precisaremos saber algo sobre a filosofia da ciência. Essa filosofia é melhor exemplificada no *Positivismo Lógico (vide).* A atitude básica dessa filosofia é como segue:

Todo conhecimento valido vem através da percepção dos sentidos; reivindicações de conhecimento que estejam fora disso são *destituídas de sentido.* E o próprio conhecimento adquirido através dos sentidos não é e nem poderá ser perfeito e absoluto; sempre dependerá de certa taxa de probabilidades, pois novas evidências podem alterar qualquer reivindicação de conhecimento. Visto que a *metafísica* não está sujeita à investigação empírica, suas reivindicações podem ser verazes ou não; mas, seja como for, elas não têm sentido, até onde diz respeito ao conhecimento humano. O conhecimento precisa ser sujeitado a testes de laboratório, pois o conhecimento não é apenas aquele tipo popular, delineado pelas experiências das massas destreinadas. Já pudemos ver, em III.7 deste artigo, que o cético David Hume requeria evidências em prol dos milagres; e que ele pensava que tais evidências nunca são dadas. De fato, ele pensava que os alegados milagres transgridem as leis da natureza. Mas, ao assim dizer, ele caiu em sua própria armadilha, visto que, de acordo com a posição do ceticismo, nunca podemos estabelecer qualquer *lei,* de qualquer tipo, porquanto nada existe, exceto um cortejo de percepções do sentido, que identificamos com algum indivíduo por melo da *fé animal.*

Os cientistas mais antigos, em meio aos triunfos da física e da matemática, chegaram a pensar que poderiam apresentar explicações naturalistas para a natureza inteira. Mas, o próprio avanço da ciência anulou essa posição. E isso chegou a um ponto em que a maioria dos cientistas (e a classe científica oficialmente), desistiu de tentar provar a origem última da vida e da matéria, como também os propósitos porventura envolvidos na existência, nas causas últimas, como supostos deuses, Deus, ou os poderes metafísicos. De fato, a ciência atual chama todas essas tentativas de excursões da metafísica— tentativas que não fazem parte do campo das pesquisas científicas. As pesquisas científicas de nossos dias ocupam-se com o *aqui* e *agora,* com aquilo que é prático e funciona, aquilo que é capaz de aliviar os sofrimentos e as necessidades humanas presentes, provendo maior conforto e prosperidade aos homens. E assim, visto que os cientistas têm concentrado toda a sua atenção sobre o que é material, desinteressados como estão pelo que é espiritual ou não-material, eles não têm colhido qualquer evidência em prol da existência do espírito, na natureza. Naturalmente, há muitos cientistas individuais que têm encontrado Deus e o espírito na natureza, através de suas pesquisas, mas isso não tem influenciado, de modo geral, a filosofia da ciência. Einstein declarou o seguinte: «Todo aquele que se tem envolvido seriamente nas inquirições da ciência está convencido de que se manifesta um Espírito nas leis do universo—um Espírito vastamente superior ao espírito do homem, em face de cujo Espírito, nós, com nossas modestas capacidades, precisamos sentir-nos humilhados» *(The Human Side,* Princeton University Press, 1979, pág. 33).

Muitos cientistas têm feito afirmações similares, que abrem o caminho para a confissão que o miraculoso faz parte da experiência humana, dentro do misterioso universo no qual vivemos. Porém, a filosofia da ciência ainda não chegou a fazer qualquer confissão semelhante.

Podemos dizer, com toda a razão, que a ciência moderna está sofrendo de certo *provincialismo.* O mundo da matéria é apenas *um* dos aspectos da existência total. O misticismo, os estudos científicos no terreno da parapsicologia, a experiência humana em geral, que incluem o que é incomum e miraculoso—tudo confirma a existência de uma realidade distinta que transcende ao mundo da matéria e suas leis provinciais. É possível que os estudos que estão sendo feitos atualmente, sobre as *experiências perto da morte* (vide), representem aquele ponto em torno do qual a ciência e a fé religiosa se estão aproximando uma da outra, lenta mas seguramente. Se puder ser demonstrado, cientificamente, que a alma humana existe e sobrevive ante a morte física, isso será uma descoberta de tal impacto que permitirá que a questão dos milagres não fique muito distante do alcance da ciência.

VII. Milagres Modernos

Talvez um dos mais ridículos fenômenos religiosas modernos é aquele da negação, por parte dos evangélicos tradicionalistas, de que não ocorrem milagres em nossos dias. Isso reflete um arraigado ceticismo. Quedamo-nos perplexos diante da declaração da *Enciclopédia Bíblica de Zondervan*: «...uma firme conclusão poder ser extraída... a de que não há prova conclusiva de que os milagres tiveram mais lugar, desde os tempos apostólicos» (pág. 250, vol. 4; artigo sobre os *Milagres).*

Falando no mesmo tom, Unger, em seu Dicionário Bíblico, assevera: «Não existe mais a necessidade (dos milagres). Ademais, os professos milagres destes últimos tempos não resistem aos testes de genuinidade» (pág. 750, artigo sobre os *Milagres).*

Essas citações exibem uma *cegueira dogmática* especial. Se negarmos que os dons espirituais podem manifestar-se em nossa época, então, naturalmente, o dom de *milagres* precisa ser eliminado com o resto, e vice-versa, se negarmos que *milagres* ocorrem atualmente, então teremos de negar todos os outros dons espirituais, incluindo os de conhecimento e sabedoria. Apesar de reconhecermos muitos abusos no alegado uso dos dons espirituais, em nossos dias, na hipótese que esses dons possam ser exercidos segundo um *modus operandi* que não o do Novo Testamento, nada me parece mais claro do que o fato de que o próprio Novo Testamento não pode ser usado como meio de afirmar-se que os dons espirituais cessaram quando o cânon do Novo Testamento se completou. O uso de I Cor. 13:8-10 como prova de tal cessação representa uma exegese ridícula. Pois o texto em foco nada diz sobre o cânon do Novo Testamento. *A parousia (que* Paulo esperava que ocorresse em sua própria época) será o acontecimento que anulará o anterior *modus operandi* dos dons espirituais, embora não os próprios dons. Certamente esses dons prosseguirão, embora mediante um diferente modo de expressão. Acredito que um diferente modo de expressão já é mesmo possível e desejável, embora a maioria dos crentes que crêem nos dons espirituais aceite que esse *modus operandi* deva prosseguir até à *parousia.* Um novo *modus operandi* ajudar-nos-ia a passar para uma expressão melhor dos dons espirituais, para cuja expressão a Igreja deveria crescer. Os próprios dons, entretanto, jamais tornar-se-ão obsoletos. Assim, dizer alguém que os milagres não têm sido modernamente confirmados por provas convincentes é demonstrar uma suprema ignorância sobre o que está sucedendo no mundo atual.

Confirmações Modernas de Milagres:

1. Na Igreja Católica Romana

A ortodoxia católica romana afirma aberta e firmemente que milagres ocorrem e deveriam ocorrer atualmente, embora seus dogmas limitem os milagres verdadeiros e genuínos aos limites dessa denominação. A reivindicação é válida, mas aquela limitação é enganadora. Os milagres de cura, que têm tido lugar nos santuários católicos romanos, como aquele de Lourdes, na França, têm sido sujeitados aos mais rigorosos testes, e alguns deles têm sido confirmados. De fato, a Igreja Católica Romana tem requerido um exagerado rigor nesses testes, chegando perto do ceticismo. Não obstante, os poucos casos que têm sido oficialmente aprovados têm sido confirmados com tal rigor que nenhuma mente não-preconcebida pode duvidar dos mesmos. Muitos cristãos não-católicos, reconhecendo o fato, apressam-se a atribuir essas obras poderosas ao diabo. Mas, essa é outra evasiva que não me impressiona. Apesar de haver tal coisa como poderes malignos que podem realizar atos miraculosos, sem dúvida é inseguro dizer que esses poderes são responsáveis por tudo quanto sucede nos santuários católicos romanos.

Uma distorção interessante dessa questão é que os católicos romanos, até recentemente, frisavam a ausência de milagres, entre os grupos protestantes, como prova da inferioridade de sua fé e sistema religioso. Essa ausência de milagres era tida como sinal da falta de uma fé cristã completa. Mas o movimento carismático, entre os evangélicos, tem alterado essa situação.

2. No Movimento Carismático

Esta enciclopédia contém um artigo separado sobre esse movimento, incluindo comentários sobre os seus aspectos negativos. A despeito do que possamos dizer como critica, e apesar das fraudes, ilusões e desilusões que afetam as mentes das pessoas envolvidas, para nada dizermos sobre os ocasionais acontecimentos malignos (ou diabólicos) entre os carismáticos, que produzem sinais da mente, não se pode negar que tem havido ali milagres genuínos, para benefício das pessoas. É possível que parte desses milagres seja produzida pelo poder humano, parte por poderes angelicais, e parte pelo poder do Espírito Santo; mas há evidências inequívocas de poder miraculoso entre os carismáticos. Os evangélicos não-carismáticos atacam aos carismáticos, da mesma maneira que atacam aos católicos romanos, atribuindo tudo ao diabo. Porém, aqueles que se dão ao trabalho de pensar, nunca aceitam essas explicações fáceis e escapistas de atribuir tudo ao diabo. Sem dúvida, o dedo de Deus faz-se presente, de modo geral, nessas manifestações.

3. No Espiritismo

Arigó, um brasileiro, realizou muitos milagres, de acordo com qualquer definição aceitável do termo, e nunca foi apanhado em qualquer fraude, embora investigado por cientistas competentes. O Dr. Andrija Puharich, a quem Aldous Huxley chamou de «uma das mais brilhantes mentes da parapsicologia», encabeçou duas equipes de cientistas norte-americanos, incluindo médicos, que investigaram os fenômenos de Arigó sob as mais rigorosas condições, e confirmaram a validade de suas intervenções cirúrgicas incomuns. Em anos mais recentes, o médico brasileiro, Edison de Queiroz, da cidade do Recife realizou operações similares, asseverando que o Dr. Fritz operava por meio dele, tal como fizera por meio de Zé Arigó. Paralelamente a isso, Dr. Queiroz ocupava-se na prática médica tradicional. Esse médico é considerado um cientista, pelo que deve saber a diferença entre a medicina tradicional e a medicina que atua por intermédio de poderes espirituais.

Sem importar o que pensemos sobre as reivindicações do espiritismo no tocante a tais fenômenos e sua origem (espíritos do outro lado da existência), o registro é bem claro: o miraculoso acontece entre os espíritas. Tanto os católicos quanto os evangélicos estão prontos para atribuir todas essas manifestações às forças malignas. Mas, apesar de, sem dúvida, haver casos dessa origem, é impossível repelir todos os aspectos do movimento, mediante o uso desse único argumento. É possível que *alguns* espíritos do outro lado da existência *estejam* envolvidos, exatamente conforme os espiritas dizem. Somente uma longa investigação, com melhores métodos do que aqueles que atualmente possuímos, poderia fornecer-nos uma resposta final para essa questão, mas é inútil apresentar reivindicações de conhecimento sobre um ponto acerca do qual ignoramos praticamente tudo.

4. Conhecimento Pessoal

Meu irmão, que foi missionário evangélico no Zaire e que atualmente trabalha no Suriname, no norte da América do Sul, tem realizado aquilo a que poderíamos intitular de milagres. Ele é batista, não-carismático, e em sentido algum afirma ser um homem santo ou um operador de milagres. Mas, em determinadas ocasiões, ao surgir a necessidade, ele tem feito coisas espantosas, dando um colorido quase apostólico ao seu ministério. Os relatos abaixo ilustram isso:

Andando Sobre as Brasas. Entre os labores de meu irmão, ele cuida de duas escolas: uma para treinamento de pregadores, e a outra para ensinar o curso elementar às crianças. Nesta última, o currículo inclui a educação religiosa. O feiticeiro da área convidou meu irmão e seus alunos a verem uma demonstração de andar sobre brasas e vidros quebrados. A demonstração feita pelo feiticeiro foi impecável. Em seguida, ele apelou aos que seguiam a «nova religião» que estava sendo promovida por meu irmão, que abandonassem tal fé e voltassem ao rebanho dos feiticeiros. E prometeu que aqueles que o fizessem receberiam poderes como aqueles que ele havia demonstrado. Outros poderes que eles desenvolveriam seria a impunidade às balas. Quando um tiro é disparado, a bala pode até deixar uma marca sobre a pele da pessoa que serve de alvo, mas não a penetra. Meu irmão vira um caso desses. Certo feiticeiro, ao receber o primeiro tiro, não sofreu dano. A irmã do feiticeiro passou na ocasião, e a atenção do feiticeiro se desviou momentaneamente. Então foi disparado um segundo tiro. A bala penetrou em seu corpo e o matou. Podemos apenas imaginar que tais homens são capazes de ficar em um estado mental, talvez em transe, que os protege das balas. A presença da irmã dele deve ter

interrompido o transe, e o resultado foi fatal. Nossa ciência, porém, não tem como explicar tais coisas. Talvez a ciência mais avançada do futuro venha a ser capaz de explicar tal fenômeno. Por enquanto, tudo parece um estado mental ou espiritual, capaz de anular certas condições materiais. Seja como for, prosseguindo a história, quando meu irmão ouviu o desafio, disse: «Espere um minuto! Farei a mesma coisa!» O fogo foi aceso e as brasas ficaram vermelhas. Meu irmão saltou descalço sobre a fogueira e, literalmente, apagou-a com os pés. Ele não caminhou apressadamente sobre as brasas, conforme fazem alguns. Meses mais tarde, quando nos encontramos nos Estados Unidos da América, ele contou-me que sentira o calor do fogo, mas não se queimara. Em seguida, meu irmão saltou sobre os pedaços de vidro. Ele pulou sobre os cacos e quebrou-os em pedaços menores, ainda sem sapatos. E ele disse que não se feriu, não tendo levado qualquer talho e nem tendo sentido qualquer desconforto. Os seguidores do feiticeiro começaram a discutir entre si. Meu irmão retornou à aldeia, com as crianças que ele havia levado em sua companhia. Chegando em casa, meu irmão ajoelhou-se ao lado de sua cama, e orou: «Senhor, se em meus pés houver queimaduras ou cortes, então sofreste uma grande derrota». Ao amanhecer, ele saltou da cama e examinou seus pés. Não havia um único golpe, e nem queimadura. Mais tarde, chegaram pessoas que pediram: «Missionário, deixe-nos ver os seus pés». Ele lhes mostrou seus pés. E as pessoas comentaram:

«Sim, Deus tem poder!»

Morte Clínica. Noutra ocasião, um homem foi trazido ao meu irmão. O homem estava clinicamente morto. Sua pressão arterial era 0/0. Não dava qualquer sinal de vida. Os feiticeiros haviam tentado ressuscitá-lo, mas a pressão do homem tinha continuado 0/0. Então meu irmão disse que nada faria enquanto os feiticeiros não fossem embora. As outras pessoas tiraram dali os feiticeiros. Então meu irmão invocou o Senhor, para que devolvesse a vida ao homem. E a vida do homem lhe foi instantaneamente restaurada.

Uma Prova de Força. Certo dia um homem de grande força física chegou à casa de meu irmão, a fim de humilhá-lo. Ele era lenhador e usava instrumentos pesados em seu trabalho. Tinha braços tão musculosos que eram três vezes mais grossos que o normal. Esse homem era hostil ao evangelho e pensou que seria bom se humilhasse o missionário diante de sua gente. Assim, desafiou meu irmão a fazer uma prova de queda-de-braço. O ponto da prova é fazer o braço do oponente encostar na superfície da mesa. As mãos juntaram-se. A prova era claramente injusta. Em primeiro lugar, o homem era bem mais Jovem que meu irmão, e muito mais musculoso. De fato, o homem era conhecido como homem de grande força física, pelo que era temido pelos outros. A prova começou. O homem exerceu toda a sua força, querendo humilhar meu irmão. Meu irmão contou-me que o outro literalmente levantou o corpo dele do chão, com sua grande força, mas o braço de meu irmão não se dobrava. Nenhum esforço do homem foi capaz disso. O homem forte partiu, humilhado. No dia seguinte, o homem retornou, e declarou que queria receber a Cristo como seu Salvador, pois sabia que o que acontecera no dia anterior não era normal. Nenhum outro homem jamais conseguira resistir a ele, quanto menos aquele fraco missionário. Mas ele sentira uma força inabalável contra o seu braço. E ele entendeu que houve algo de sobrenatural cercando a questão. Sua resistência ao evangelho havia cessado.

Expulsando um Demônio. Certo homem que meu irmão conhecia, mas que nunca se convertera a Cristo, foi a uma cerimônia de macumba e foi possuído por um espírito maligno. Normalmente, isso ocorre temporariamente, e as coisas voltam ao normal, terminada a cerimônia. Mas, dessa vez, a possessão continuou. O homem foi considerado insano e internado em um hospital psiquiátrico. Foi isolado dos demais pacientes, por ser considerado perigoso. Meu irmão ouviu o que lhe acontecera, e foi visitá-lo. O médico encarregado disse a meu irmão que o homem era perigoso, e que meu irmão não podia aproximar-se dele, pois correria o risco de ser morto. Mas, meu irmão insistiu. Após muita hesitação, o médico permitiu que meu irmão entrasse na cela onde o homem era mantido. O homem gritou para meu irmão: «Se você entrar aqui, eu o matarei». Meu irmão ignorou a ameaça. Entrou na cela e repreendeu ao espírito maligno. O homem foi instantaneamente liberado, e voltou ao seu estado mental normal. O médico, vendo o que sucedera, deu alta ao homem, e disse a meu irmão: «Sempre que você quiser voltar e ajudar-me, será bem-recebido!» Esse relato tem uma seqüela interessante. O homem libertado disse que sabia que fora possuído por algum poder maligno. Quando meu irmão repreendeu ao espírito, o homem afirmou que *vira* o demônio sair pela porta.

Sim, há um poder espiritual para quando precisamos do mesmo. Milagres continuam acontecendo. E esse poder não respeita as fronteiras que temos estabelecido com nossas denominações e credos.

5. Sathya Sai Baba. Esse homem é um homem santo do hinduísmo, um líder espiritual que duplica os tipos de milagres feitos por Jesus, incluindo curas admiráveis, ressurreição de mortos e multiplicação de matéria (alimentos). Apresento um artigo separado sobre ele, nesta enciclopédia. Atualmente, ele encabeça uma organização espiritual e de caridade. Seu caso tem sido investigado por cientistas competentes. Alguns deles têm-se tornado seus discípulos. São esmagadoras as evidências de genuinidade de seus milagres, que são realizados diariamente. Declara ele: «Vossa ciência não tem meios para investigar-me».

6. Este Co-Autor e Tradutor. Decidi-me a Cristo e fui batizado em uma igreja batista, em Manaus, Amazonas, em 1952. Durante quinze anos, militei somente em igrejas batistas e ignorava qualquer manifestação carismática, sem ao menos ter curiosidade de investigar essas manifestações. Mas, em abril de 1967, na cidade de São Paulo, estado de São Paulo, quando orava em companhia de um pastor norte americano e sua esposa, recebi poderoso e inefável influxo do Espírito, que identifiquei como batismo no Espírito Santo. Houve manifestações em línguas, e também manifestações em minhas mãos e braços, pés e pernas, plexo solar, orelhas, face e boca. Seis meses depois recebi o que considero revelações. Ocasionalmente, desde então, fico sabendo o que sucede na vida de alguém em cujo favor estou orando, seja algum problema, seja alguma enfermidade. Quanto a isso não quero prolongar-me. Mas quero contar duas curas instantâneas, pois penso que elas têm um valor didático, tudo redundando na glória de Cristo, por meio de Seu Espírito.

Estávamos reunidos uns quinze irmãos, na casa de um deles. Havia outras pessoas presentes. Entre elas uma senhora de seus trinta anos, muito estrábica de um dos olhos, o esquerdo. Ela se declarou casada, mãe de filhos pequenos, e que era cega do olho direito, enxergando somente um pouco pelo olho esquerdo, aquele muito torto, que parecia querer esconder-se atrás do nariz. Pastor que sou, eu disse aos irmãos: «Esta mulher não é crente, mas é criatura de Deus. Vamos orar por ela, deixando o Senhor resolver o caso como ele quiser». Começamos a orar juntos. Pedi para a mulher ajoelhar-se e cobri seu olho estrábico com a mão direita. Oramos uns três minutos. Quando retirei a mão do olho estrábico da mulher, esse olho deu um salto para o lugar certo, assustando a própria mulher e as pessoas presentes. Prorrompemos em louvor ao Senhor, por sua misericórdia. Encontrei-me novamente com aquela mulher cerca de um ano mais tarde. Ela comentou: «Pastor, continuo com o olho no lugar certo!» Falei-lhe uma vez mais do amor de Cristo, que deu sua vida na cruz para curar-nos a própria alma da doença do pecado muito mais grave, pois ela ainda não se decidira a aceitar a Cristo.

Quando minha esposa estava com quarenta e cinco anos de idade, teve um aborrecimento muito forte, em nossa micro empresa, e chegou em casa sentindo-se muito mal. Deitou-se. Dez minutos depois, teve um caso de derrame. Extraí cerca de 30 cm(3) de sangue dela, com uma seringa, e ela se sentiu aliviada da agonia. Nisso, fui tomado em uma brevíssima profecia que dizia: «Serva, não deixarei nenhum sinal no teu corpo!» No entanto, durante dois dias ela ficou com a mão esquerda sem forças e com a perna esquerda totalmente paralisada. Ela chorava de tristeza, pois é mulher ativa,

que liderava então umas duzentas outras mulheres. Na madrugada do segundo dia, ela pediu para eu ajudá-la a ir até à cozinha, para fazer um chá, que desejava tomar. Na cozinha, ela disse: «João, ora por mim ao Senhor, com imposição de mãos!» Atendi-a e fiz breve oração. De repente ela disse: «Pronto, eu fui curada. Senti como se um líquido sido injetado no meu tendão de Aquiles da perna esquerda!» Ela começou a caminhar da cozinha para sala, da sala para a cozinha, normalmente; e eu atrás, com medo que ela caísse. Não sabíamos como agradecer ao Senhor. Na manhã seguinte, ela disse: «Estou completamente curada. Para prová-lo, vou pôr sapatos de salto alto e vou à nossa firma!» Entendi que ela queria testar seus passos escadaria acima (dois lances). Chegando ao local, ela subiu pela escada com passos lépidos; e eu atrás, observando tudo. Louvado seja o Senhor! Não restou nenhum mínimo sinal do derrame. O espaço proíbe-me de contar muitos outros casos dos quais tenho sido protagonista. Sei que o poder não é meu. Atribuo esse poder ao Espírito de Cristo, meu Rei e Senhor!

Bibliografia. AM B E EP C JR(1981, Proceedings; julho de 1985, vol. 8, núm. 3); ND P UN Z

MILALAI

No hebraico, **eloqüente**. Nome do um dos filhos dos sacerdotes que participaram da dedicação das muralhas de Jerusalém (Nee. 12:35), em cerca de 536 A.C. Milalai era músico. A Septuaginta omite o seu nome, pelo que alguns eruditos supõem que se trata de uma adição feita ao *texto massorético* (vide).

MILCA

No hebraico, **conselho**. Há algumas variantes textuais, que incluem *Melcha* (na Septuaginta), e *Malka,* que já significa «rainha». Essa palavra é usada como nome próprio feminino, para indicar duas mulheres nas páginas da Bíblia:

1. Uma filha de Harã, e esposa de Naor. Ela teve oito filhos, um dos quais foi Betual, pai de Rebeca (esposa de Isaque). Ver Gên. 11:29; 22:20,23; 24:15,24,47. Ela viveu por volta de 1950 A.C.

2. A quarta das cinco filhas de Zelofeade, da tribo de Manassés. Ela e suas irmãs receberam uma herança, sob a condição de que se casassem com homens da mesma tribo de seu pai, visto que não tinham irmão a quem tal herança fosse dada. Ver Núm, 26:33; 27:1; 36:11; Jos. 17:3. Ela viveu em torno de 1375 A.C. As jovens casaram-se com seus primos da tribo de Manassés. Elas e seus maridos receberam dez quinhões de território (ver Jos. 17:3-6).

MILCOM

Essa divindade dos amonitas também era conhecida pelos nomes de *Malcam* e *Moloque* (ver os artigos). A raiz é o termo hebraico *mélek,* que significa «rei». A raiz semítica dessa palavra é *mlk,* de onde surgiu uma certa variedade de nomes. Milcom era o deus nacional dos amonitas, uma das divindades em honra das quais Salomão, lamentavelmente, construiu um lugar alto, no monte das Oliveiras (ver I Reis 11:5,7,33). Esse santuário foi, finalmente, destruído por Josias (ver II Reis 23:13). O texto massorético diz «rei deles» mas a maioria dos eruditos pensa que está mesmo em foco *Milcom,* conforme se vê em nossa versão portuguesa. Ver também Jer. 49:1,3. Em Sof. 1:5, *Milcom* denota uma divindade cujo nome era *Meleque,* «rei». Ele tinha uma coroa de ouro, com um talento de ouro, pelo que deve ter sido uma figura gigantesca. Com base no trecho de I Reis 11:7, a maioria dos eruditos supõe que Milcom e Moloque eram uma mesma divindade, com dois nomes diferentes. Aquela passagem chama-o de «abominação» dos amonitas. Ver também I Reis 11:5,33. Alguns estudiosos, entretanto, mantêm a diferença entre esses dois deuses, apesar do fato de que esses nomes, sem a menor sombra de dúvida, derivam-se de uma mesma raiz. É possível, porém, que pelo menos em certos lugares, eles fossem adorados como dois deuses distintos. Comparar I Reis 11:5, 11:33 e II Reis 23:13. Nesse último caso, nada se sabe acerca de alguma adoração separada a Milcom. Ver também o artigo geral *Deuses Falsos.*

MINA

Ver sobre **Moedas.**

MINA, MINERAÇÃO

Ver os artigos separados sobre **Metal; Metalurgia** e **Artes e Ofícios**. As mais extensas atividades de Israel, no campo da mineração, tiveram lugar nos dias do rei Salomão. Quanto a essas atividades, há um artigo intitulado *Minas do Rei Salomão,* nesta enciclopédia, que fornece informes sobre a importância que teve a mineração, naquela era áurea de Israel, onde também ha informações sobre a mineração na antiguidade.

Materiais Não-Metálicos. Os mineiros da era neolítica extraíam minérios das minas. Materiais não-metálicos, *como pederneira,* várias qualidades de pedra e mármore foram muito importantes, antes que fossem extraídos os metais. Em cerca de 4000 A.C., conforme a arqueologia mostra, a pederneira era usada no fabrico de toda espécie de instrumento e de armas. Esse material aparece nas Escrituras por causa de sua dureza, inflexibilidade e grande duração, o que dá margem a várias referências metafóricas. Ver, por exemplo, Deu. 8:15; Sal. 114:8; Isa. 50:7 e Eze. 3:9. A pederneira é uma rocha de grão fino, que a lamina de uma face de metal não consegue arranhar. A pederneira era extraída de áreas calcárias, ou, então, na Palestina, de depósitos de cascalho. É verdade que a pederneira continuou sendo um produto importante, mesmo quando os metais começaram a ser usados.

Pedras importantes eram o granito, o diorito e outras rochas ígneas. Essas várias rochas existiam e continuam existindo em abundância na Palestina, como também os arenitos e as pedras calcárias. Sabe-se que os homens da era neolítica tinham grande perícia na extração de pedras, usando-as em muitos tipos de construção, como edifícios, cisternas, túmulos e até mesmo pequenos itens, como jarras para conter água (ver Jer. 2:13; Mat. 27:60; João 2:6).

Mármore. Temos provido um artigo separado sobre essa pedra nobre, que era usada na construção de edifícios ou com propósitos decorativos. O mármore é uma pedra calcária de grão fino, de cor branca ou creme, podendo ter veios rosa, vermelhos ou verdes. O mármore era o material favorito nas estátuas. As melhores estátuas de mármore do Oriente Próximo vinham de Paros (Minoa), embora houvesse outras fontes produtoras, incluindo o golfo de Suez, o sul da Grécia, e, na Assíria, a região a leste do rio Tigre. Nos tempos de Davi e Salomão, havia um ativo comércio com essa pedra, e sabe-se que ela era importada pela Palestina. O mármore mencionado em I Crô. 29:2, poderia ser pedra calcária polida.

Pedras Preciosas. A arqueologia e as referências literárias informam-nos sobre as extensas atividades dos antigos egípcios, no campo da mineração de metais. Eles fizeram centenas de prospecções, em busca de esmeraldas, nas costas do mar Vermelho. A turquesa, durante muito tempo, foi a primeira e mais usada das pedras na joalheria. Ver o artigo detalhado intitulado *Jóias e Pedras Preciosas. A* mineração de turquesas era efetuada na península do Sinai. A busca por pedras preciosas provocava a ocupação humana de trechos que, de outra sorte, não teriam sido habitados, levando à construção de trilhas e estradas que melhoravam as comunicações. Essas trilhas dos mineiros foram consideravelmente usadas quando do êxodo de Israel do Egito. Ver Êxo. 15:22-16:1.

Metais. Ver o artigo separado sobre *Metais, Metalurgia.* As Escrituras não contam com um vocábulo separado para indicar «mina», embora haja alusões a esse processo, em muitos trechos bíblicos. Ver Jó 28:1-11. Sabe-se, mediante a arqueologia, que a península do Sinai era um lugar de intensa atividade mineradora, desde a mais remota antiguidade. Os monitu, que freqüentavam aquela região, encontraram colinas ricas em veios de metal e camadas que continham pedras preciosas. O ferro, o cobre, o manganês, a turquesa eram extraídos ali, tornando-se artigos de comércio. O delta do rio Nilo era local onde esse comércio era intenso. Essas atividades ajudaram os Faraós a amealharem grande parte de suas riquezas. No

wadi Magharan («vale da caverna») há vestígios de colônias egípcias e suas atividades nesse campo. Muitas inscrições hieroglíficas testificam a esse respeito, e antigas fornalhas até hoje são visíveis na área, o que também se vê nas costas do mar Vermelho. Cais e outras instalações portuárias, em ruínas, podem ser ali encontradas. Dali partiam embarcações carregadas com esses itens, muitas delas com destino ao porto de Abu Zelimeh.

A mineração do cobre era intensa na Iduméia, em Zoar e em Petra. Diocleciano forçou cristãos a trabalharem nas minas daquelas localidades. Naturalmente, Salomão muito se concentrou nessa atividade, especialmente na mineração do cobre, sobre o que damos um artigo separado, segundo já foi dito. Chipre era um dos lugares onde o cobre era extraído na antiguidade, do que resultou um grande comércio com esse metal. Alusões literárias dizem-nos que os egípcios extraíam o ouro, e que o deserto de Bisharee era uma das localidades dessas operações. Ruínas de cabanas de mineiros podem ser vistas em Serabit el-Khadem. Os egípcios extraíam o cobre da ilha de Meroe, na desembocadura do rio Nilo.

MINAS

No hebraico, *motsa* «saída», «afloramento». Essa palavra hebraica ocorre somente por uma vez, em todo o Antigo Testamento, em Jó 28:1, onde diz a nossa versão portuguesa: «Na verdade, a prata tem suas minas, e o ouro, que se refina, o seu lugar». O que Jó queria dizer é que *existe* um lugar onde os homens podem encontrar minerais preciosos como a prata e o ouro, e, no entanto, conforme ele adiciona um pouco adiante (vs. 12 *ss),* não há nenhum local onde a sabedoria possa ser encontrada pelos viventes. «Mas onde se achará a sabedoria? e onde está o lugar do entendimento!»

MINAS DO REI SALOMÃO

Acompanhamos os pontos abaixo, que dividem a questão em informes mais fáceis de serem compreendidos:.

1. *As Grandes Riquezas de Salomão.* O trecho de I Reis 10:14 dá-nos a estonteante informação de que o *peso em ouro* que chegava às mãos de Salomão, em *um* ano, era de seiscentos e sessenta e seis talentos de ouro. Um talento era o equivalente a mil siclos, e um siclo pesava cerca de 7,08 g. Isso significa um total de cerca de 4.715 kg de ouro, anualmente! Isso dá aproximadamente 63,2 milhões de dólares, a cada ano. Mas, além do ouro, sabemos que o país produzia prata, pedras preciosas (incluindo diamantes, esmeraldas e rubis). Naturalmente, Salomão também importava itens exóticos, como bugios, pavões, marfim, especiarias raras e muitos outros artigos de luxo. Portanto, sua reputação de homem rico está bem fundada. Famosas são as minas de cobre de Salomão, na Arabá, bem como a refinaria real de cobre, descoberta em Ezion-Geber, moderno Tell el-Kheleifeh, escavada por Nelson Glueck. Timna, não muito distante do extremo norte do mar Vermelho, era um lugar rico em cobre, explorado por Salomão.

2. *Muitas histórias românticas* têm dramatizado as minas de Salomão. Presume-se que Salomão tinha minas tão distantes quanto a cadeia dos Himalaias, as profundezas da floresta equatorial da África, e até mesmo a região inca, no moderno Peru, nos Andes. Até mesmo filmes de Tarzã (no tempo de Johnny Weissmuller, o primeiro Tarzã cinematográfico) estiveram envolvidos nessas minas. Tarzã era sempre perseguido por alguma bela mulher, que precisava ser salva de toda espécie de perigo. Ela se encontrava nas selvas porque seu pai, um professor distraído, entrara nas florestas africanas em busca das minas de Salomão. Mas a verdade é que as minas de Salomão (pelo menos a mais central dentre elas), não são difíceis de encontrar. Qualquer mapa moderno de Israel nos dirá onde deveremos ir. Basta apanhar um automóvel e guiar até Beer Sheba. Dali, dirige-se para leste, por cerca de sessenta e cinco quilômetros até o vale do deserto conhecido como Arava. Então, vira-se para o sul, e chega-se a uma pequena estrada que se bifurca para a direita, e passe pelo Kibutz Elifaz, e, então, chega-se ao espetacular vale de Timna. Era ali, naquele território de terras estéreis e ressecadas, entre picos denteados, que os antigos mineiros hebreus extraíam toneladas daquele metal amarelo-esverdeado mais precioso que o ouro, chamado *cobre.* O minério de cobre ali extraído era de uma qualidade fantasticamente elevada, e as fornalhas conseguiam produzir um metal de cobre noventa e nove por cento puro, um feito significativo para a metalurgia antiga. O cobre era o ingrediente primário na produção do bronze (nove partes de cobre e uma de estanho). Foi esse o metal que arrancou o homem da idade da Pedra. O ferro era difícil de fundir; e assim sendo, mesmo quando o ferro começou a ser usado em muitos lugares, nem assim o bronze foi abandonado. No dizer de Deuteronômio 8:9, Israel foi enviado a uma terra «...de cujos montes cavarás o cobre». A habilidade de Salomão, pois, trouxe grandes riquezas ao seu povo de Israel, em uma época que foi o período áureo daquela nação.

3. Um Mistério é Solucionado. O rabino Nelson Gluek, arqueólogo israelita, era um aventureiro que amava o deserto. Explorando o remoto vale de Timna, ele descobriu vários antigos locais de fundição, tendo reunido nódulos de cobre e peças quebradas de cerâmica. Essas peças de cerâmica levaram-no à sua maior descoberta. Juntando as peças, ele ficou admirado ao descobrir que elas pertenciam à época de Salomão, isto é, século X A.C.

4. *A Antiguidade da Mineração.* As escavações têm mostrado que a mineração teve início naquela área cerca de três mil anos antes dos tempos de Salomão. Isso significa que ele deve ter tido consciência do valor econômico daquela região, desde o começo. Não foi nenhuma descoberta ao acaso. O arqueólogo israelense, Beno Rothenberg, tem mostrado que Timna conta com as mais antigas minas de cobre de que há notícia no mundo. Os eruditos têm especulado que Timna pode ter sido o lugar onde residia Tubalcaim, «artífice de todo instrumento cortante, de bronze e de ferro» (Gên. 4:22).

5. *Métodos de Mineração.* Os antigos mineiros escavavam o minério de cobre do solo, principalmente dos depósitos de pedra calcária branca, onde é possível trabalhar com facilidade com instrumentos primitivos. Em seguida, o minério era esmagado por meio de martelos de pedra, e, então, misturado com carvão de madeira e uma pequena quantidade de minério de óxido de ferro. Essa mistura era, então, posta sobre um braseiro, no solo. Quando o combustível terminava, o cobre era coletado. Então era moldado, a marteladas, no formato que se desejasse. Dessa maneira de trabalhar o cobre é que nos vem a palavra *calcolítico* (no grego, *chalcós*, «cobre»; *líthos*, «pedra»), que indica aquele período arqueológico quando o cobre começou a substituir a pedra como a matéria prima principal do homem.

6. *O Comércio Egípcio.* Aí pelo século XIII A.C., os metalurgistas egípcios haviam montado uma sofisticada operação mineira em Timna e estavam enriquecendo-se com o comércio do cobre. Enquanto os Faraós maltratavam seus escravos hebreus, os mineiros egípcios extraíam toneladas de cobre, a cada ano, de Timna, as quais eram transportadas, através do rio Nilo, para vários locais do Egito.

7. *As Inovações Egípcias.* Os egípcios criaram o método de pequenos tubos que levavam ao interior das fornalhas, e daí para fora. Os tubos de entrada eram respiradouros, por onde o ar entrava mediante foles, o que aquecia a temperatura no interior da fornalha. Os tubos de saída permitiam que a escória escorresse para fora da fornalha, a fim de que o metal pudesse ser retirado da fornalha antes desta estriar. Eles também inventaram uma vara de metal resistente, que podia ser mergulhada no interior da fornalha, sem derreter-se. Essa vara era usada para retirar o metal fundido. Escravos eram usados nesse trabalho de mineração e fundição, por não serem muitos os homens livres que, em troca de um parco salário diário, se interessavam por trabalhar em uma atividade tão perigosa. Timna, além disso, era um lugar extremamente quente no verão, chegando até nada menos de 50° centígrados à sombra, e, ao sol chegava ao extremo de 73° centígrados! Se adicionarmos a isso o calor produzi-

do pela própria fundição, veremos que o trabalho era feito sob condições que nenhuma união de sindicato trabalhista aprovaria em nossos dias. Além disso, Timna é um local cercado por elevadas colinas, e a circulação de ar é ali bem modesta.

8. *O Trabalho dos Midianitas e dos Queneus.* A arqueologia tem demonstrado que os egípcios lançavam mão do trabalho de estrangeiros nas suas minas e fundições. Entre esses estrangeiros havia midianitas e queneus. Provavelmente, também eram utilizados operários hebreus, embora não haja qualquer referência direta à contribuição desses últimos.

9. *Artefatos Encontrados em Timna.* Inúmeros artefatos têm sido encontrados pelos, arqueólogos, pertencentes às Dinastias XIX e XX (1300 A.C. ou antes). O professor Rothenberg encontrou mais de mil artefatos dentro dos limites de um pequeno templo cujas dimensões eram 8,5 m x 6,7 m. Havia ali contas, peças de madeira e de vidro, jóias de cobre e de bronze, peças de cerâmica etc. Algumas destas últimas contavam com sinais hieroglíficos estampados. Supomos que os mineiros levavam consigo objetos próprios de seu culto religioso, o que também explica a existência daquele templo.

10. *O Êxodo.* Uma das rotas tomadas por ocasião do êxodo de Israel do Egito foi «o caminho do Arabá, de Elate e de Eziom-Geber» (Deu. 2:8). Elate (modernamente conhecida como *Eilat*) fica a apenas trinta e dois quilômetros ao sul de Timna. Uma outra parada foi Jotbata (ver Núm. 33:34), um oásis a apenas dezesseis quilômetros ao norte de Timna. Uma estrada ligava aqueles dois lugares, passando pelo vale de Arava. Os montes ao derredor bloqueavam outras rotas em potencial.

11. *Uma Serpente de Cobre em Timna.* Um dos objetos incomuns, encontrados em Timna, foi uma serpente de cobre reluzente. Alguns eruditos da Bíblia têm associado esse objeto com a história de Moisés e a serpente, em Núm. 21:9, e também vêem alguma conexão entre isso e a adoração dos midianitas à cobra. Naturalmente, devemo-nos lembrar que Moisés casou-se com Zípora, filha de um sacerdote midianita (ver Êxo. 2:21).

12. *Nos Tempos de Josué.* Mais ou menos nesse tempo, declinou o domínio egípcio sobre a região de Timna, até que, finalmente, desapareceu. O povo de Israel estava conquistando a terra, e o Egito, como um império, estava em franco declínio, após ter-se envolvido em muitas guerras. A economia do Egito fraquejou, e, juntamente com isso, as operações de mineração em Timna, por parte dos egípcios. Povos que antes tinham trabalhado como escravos, obtiveram liberdade, e tornou-se difícil encontrar quem quisesse trabalhar naquela ocupação.

13. *Um Hiato na História.* Depois dessa época, há poucos registros históricos sobre as atividades mineiras em Timna. Também não se encontram ali traços de atividades dos israelitas.

14. *Salomão e Timna.* Apesar desse fato, Timna é a única área de mineração de cobre significativa em todo o território de Israel. É impossível que Salomão não soubesse de sua existência e nem a tivesse explorado. Salomão mantinha um comércio que envolvia mercadorias que não eram produzidas em Israel, e nem eram nativas dali. É provável, pois, que o cobre israelita fosse trocado por aquelas outras mercadorias. Ele dispunha de uma grande frota mercante, com base em Eziom-Geber, «que está junto a Elate, na praia do Mar Vermelho» (I Reis 9:26). E isso nos leva à área de Timna. De fato o porto mais importante de Salomão, por onde entrava ou escoava o ouro, ficava a apenas trinta e dois quilômetros de Timna, e, com base nessa circunstância, podemos estar certos de que Salomão também estava explorando o cobre que havia naquela região, visto que seus riquíssimos depósitos desse metal já eram conhecidos desde muitos séculos antes.

15. *Por Que Não Dispomos de Evidências?* Certo autor sugeriu que nenhum artefato de origem israelita tem sida encontrado em Timna porque os israelitas não costumavam jogar lixo e outros restos ao acaso! Porém, o mais provável é que o motivo para isso é que os arqueólogos não tenham escavado nos lugares certos, visto que os oitenta quilômetros quadrados de área aproximada, onde essas minas estavam localizadas, oferecem muito espaço para a exploração arqueológica em nossos dias. Comparativamente, apenas uma pequena porcentagem dessa área tem sido explorada. Também é possível que a terceira legião romana, que ocupou aquela região, tenha obliterado os sinais da anterior presença dos israelitas no local. E a adoração ao imperador, por parte dos romanos, pode ter sido responsável por isso, embora o judaísmo fosse considerado uma religião legitima pelos romanos. No entanto, em situações locais, uma certa aversão dos romanos pela fé judaica poderia tê-los levado a remover todos os sinais físicos da presença dos israelitas. A terceira legião romana esteve em Timna, após a segunda revolta judaica e a destruição da nação de Israel (132 D.C.). Os romanos começaram a explorar o cobre da região, mais ou menos por esse tempo. Entrementes a décima legião romana ficou estacionada em Jerusalém, onde permaneceu pelo espaço de quase dois séculos.

16. *Nos Tempos Modernos.* Atualmente aquela região está abandonada, sendo visitada somente por turistas e arqueólogos. As ruínas do templo de uma deusa pagã podem ser vistas, como também o que resta dos acampamentos de operários escravos. Inscrições deixadas nas rochas esperam ser decifradas, e desenhos de carruagens, de antigos animais e de soldados egípcios ferem os olhos dos curiosos. Gazelas vivem no fundo do vale, e o veloz e ágil *íbex* habita nas montanhas. Leopardos percorrem as colinas estéreis, procurando algo para comer. Há muitos morcegos, que ocupam as galerias das minas agora abandonadas, e que chegam a ser nada menos de sete mil em número. Porém, a glória de Salomão se foi.

MINERAL (AIS)

Ver os artigos separados intitulados *Metais, Metalurgia; Jóias e Pedras Preciosas: Minas, Mineração e Minas do Rei Salomão.* Todos os itens do reino mineral que são mencionados na Bíblia são discutidos mediante artigos separados. Um *mineral* é uma substância inorgânica. Há minerais de todas as cores, graus de dureza e de densidade. Os minerais são importantes na história humana, no sentido comercial e em outros sentidos. Os artigos acima aludidos fornecem detalhes sobre essas questões.

MINI

Jeremias (51:27) menciona o reino do Mini, juntamente com os de Ararate e Asquenaz. Josefo, por sua vez, fala nos «Minyai de Nicolau de Damasco» (*Anti.* 1:3,8). Eles formavam uma nação que ocupava a área ao sul do lago Urmia, na parte ocidental do Irã. Tiveram alguma proeminência nos séculos IX a VII A.C. As inscrições assírias descrevem-nos como um povo aguerrido. Salmaneser III, da Assíria, conquistou a região em 830 A.C. Em 715 A.C., o rei de Mini resolveu revoltar-se contra o domínio assírio. Deram algum trabalho a Assurbanipal (669-626 A.C.), ao tornarem-se aliados dos medos, e assim foram capazes de vingar-se dos assírios. Eles tinham contingentes entre os exércitos que provocaram a queda de Nínive, em 612 A.C. Mas, depois desse tempo, desapareceram dos registros históricos.

As escavações arqueológicas têm ilustrado a cultura de Mini. Essas escavações têm sido efetuadas em Hasanlu, ao sul do lago Urmia. Os níveis IV e III B correspondem ao de uma cidadela fortificada. Ficou demonstrado que os minianos eram trabalhadores notáveis com metais. Jeremias convocou-os, juntamente com os urartianos e os citas, para guerrearem contra os babilônios.

MINIAMIM

No hebraico, «no lado direito», uma maneira metafórica de dizer «favorecido». Houve dois homens com esse nome, referidos nas páginas da Bíblia:

1. Um levita que estava encarregado da distribuição das oferendas sagradas, nos tempos de Ezequias (II Crô. 31:15). Ele viveu em torno de 715 A.C.

2. Um sacerdote que voltou do cativeiro babilônico em companhia de Zorobabel (Nee. 12:17). Parece que ele foi um dos trombeteiros, por ocasião da consagração das muralhas de Jerusalém, quando estas foram reconstruídas (Nee. 12:41). Ele viveu por volta de 546 A.C.

MINISTÉRIO; MINISTRO

Esboço:

I. Terminologia Bíblica
II. Caracterização Geral e Definições
III. Ministério Angelical
IV. Os Ministros do Antigo Testamento
V. Cristo, o Arquétipo dos Ministros
VI. Natureza do Ministério Cristão
VII. Os Dons Espirituais e o Ministério
VIII. Os Ministros como Dons Dados à Igreja
IX. O Ministério Organizado (Eclesiástico)

I. Terminologia Bíblica

Ministério é um termo coletivo que aponta para vários oficiais e autoridades religiosas e civis no contexto bíblico. É palavra usada para traduzir certo número de vocábulos hebraicos e gregos, que também podem denotar ofícios específicos.

Palavras Hebraicas:

1. *Meshareth*, alguém que assessorava pessoas de alta categoria (ver Êxo.24:13; Jos. 1:1; II Reis 4:43); algum cortesão (I Reis 10:4; II Crô. 22.8; Sal. 104:4); os auxiliares dos sacerdotes e levitas (Isa. 61:6; Eze. 44:11; Joel 1:9,13; Esd. 8:17; Nee. 10:36). Essa palavra hebraica, *meshareth* é traduzida na Septuaginta pela palavra grega *leitourgós*, «funcionário público», cujo uso mais freqüente diz respeito ao serviço prestado no templo. Em Sal. 104:4 está em foco o ministério dos anjos. Josué era ministro de Moisés (ver Êxo. 24:13 e Jos. 1:1).

Palavras Gregas:

1. *Diákonos (diakonéo)*, respectivamente, o substantivo e o verbo. Essa palavra grega apontava para todo tipo de serviço, secular ou religioso. Em Luc. 12:37; 17:8 e João 12:2 temos alusão ao serviço a mesas. Os apóstolos de Cristo, em certo sentido, eram *diákonoi* (ver I Cor. 3:5; I Tim. 1:12). Os magistrados civis também são chamados servos ou ministros de Deus, em Rom. 13:4. Os anjos são espíritos que ministram diante de Deus (Heb. 1:14). Paulo também usou esse termo a fim de apontar para Cristo como ministro (Rom. 15:8). De fato, Jesus servia (ver Luc. 22:27).

A forma verbal dessa palavra tem muitas aplicações no Novo Testamento: o discipulado cristão em geral (João 12:26); todo tipo de serviço e ministração de ordem espiritual (Atos 21:19; I Cor. 16:15; Efé. 4:11; Col. 4:17; II Tim. 1:12). A prédica e o ensino cristãos também são referidos por meio dessa palavra (Atos 6:5). Os dons espirituais são meios usados pelo ministério cristão, embora não somente os ministros do evangelho recebam dons espirituais (Rom. 12:7; I Cor. 12:5). Essa palavra também envolve atos de beneficência aos necessitados (Atos 6:1). A contribuição das igrejas gentílicas aos pobres de Jerusalém é indicada por meio dessa palavra (II Cor. 8:4). Ela também é usada para indicar serviços pessoais (Efé. 6:21). Finalmente, temos o ofício dos *diáconos*, diretamente derivado da palavra grega em questão (Fil. 1:1; I Tim. 3:8,12).

2. *Uperẽtes (uperetéo)*. Novamente, o substantivo e o verbo. O uso clássico e original dessa palavra apontava pare os remadores do nível mais inferior, nas galeras antigas. Essa palavra grega foi usada para traduzir o termo hebraico *chazen*, que era nome que se dava a um atendente de uma sinagoga. Seu dever era o de abrir e fechar o edifício, apresentar e substituir livros, e ajudar aos sacerdotes ou mestres em tudo quanto fosse necessário. Destaca-se nessa palavra a idéia de assistência pessoal. Ver Luc. 1:12; Atos 26:16. O sub-remador fazia o seu trabalho sob as ordens do capitão do barco. Por igual modo, o subministro serve sob a supervisão de um superior. João Marcos *assistia* a Barnabé e a Paulo, na primeira viagem missionária deles (Atos 13:5). Os assistentes de Jesus ministravam a Palavra de Deus (Luc. 9:2). O trecho de José 18:16 contém essa palavra referindo-se aos seguidores de Jesus que também eram ministros da Palavra. Paulo mantinha essa relação para com o Senhor Jesus Cristo (ver Atos 26:16 e I Cor. 4:1).

3. *Doũlos (douleúo)*. Uma vez mais, o substantivo e o verbo. O sentido primário dessa palavra era o trabalho feito por um escravo, que cumpria as vontades expressas de seu senhor. Por extensão, também podia indicar um servo (não-escravizado). Os ministros do Senhor Jesus servem à causa do evangelho como «escravos» (ainda que alguns não apreciem a idéia), o que aponta para a absoluta dedicação deles à causa, e também para o fato de que cumprem a vontade do Senhor, e não a própria. Ver Atos 4:29; I Cor. 7:22; Gál. 1:10; Col. 4:12; II Tim. 2:24; Rom. 1:1; Fil. 1:1; Tito 1:1. Ver também Tia. 1:1 e Jud. 1. Paulo trabalhava como um «escravo», tendo em vista o bem espiritual de todos (I Cor. 9:19). Surpreendentemente, por ocasião de sua encarnação, o próprio Cristo submeteu-se a esse estado de humilhação; como homem, serviu como um escravo dentro do drama espiritual. Ver Fil. 2:7.

4. *Leitourgós* (leitourgéo). De novo, o substantivo e o verbo. É dessa raiz que nos vem a palavra portuguesa *liturgia*. Essa palavra refere-se a serviços profissionais civis e religiosos. Indicava os funcionários públicos. Na Septuaginta, o trabalho desempenhado pelos sacerdotes é destacado por meio dessa palavra. Nos trechos de Luc. 1:23 e Heb. 9:21, esse uso é transferido para o Novo Testamento. A passagem de Heb. 1:14 contém essa palavra, indicando os anjos de Deus, que são seus ministros e servem aos crentes, em momentos de necessidade de alguma intervenção especial, por serem aqueles herdeiros da salvação. Cristo é o grande Ministro celestial (Heb. 8:2,6). No Novo Testamento, essa palavra recebe uma ampla aplicação, em consonância com a idéia do sacerdócio universal de todos os remidos. Assim, profetas e mestres são *ministros* de Deus (Atos 13:2). O ministério de Paulo é salientado por meio desse vocábulo (Rom. 15:16; Fil. 2:17). O dinheiro coletado pelas igrejas gentílicas, para ser enviado aos santos pobres de Jerusalém, foi um ministério ou serviço (ver Rom. 15:27). As próprias autoridades civis, em certo sentido, são ministros de Deus (Rom. 13:6).

5. *Latreía (latreúo)*. Novamente, o substantivo e o verbo. Essa palavra grega, quando contrastada com aquela outra, *douleúo*, indica um serviço realizado em troca de remuneração, ao passo que os escravos trabalhavam sem nada receber. No entanto, qualquer serviço prestado a Deus pode ser aludido por meio desse vocábulo grego. O povo servia a Deus de inúmeras maneiras, e o serviço que prestavam era indicado por meio dessa palavra. A forma verbal aparece no Novo Testamento por vinte e uma vezes, geralmente traduzida por «servir». Ver, por exemplo, Mat. 1:10; Luc. 1:74; 3:27; Atos 7:7; 26:7; Rom. 1:9,25; II Tim. 1:3; Heb. 8:5; 9:14; 12:28; 13:10; Apo. 7:15; 22:3. E a forma nominal ocorre por cinco vezes: João 16:2; Rom. 8:4; 12:1; Heb. 9:1,6.

II. Caracterização Geral e Definições

1. *Definições.* Um ministro, no sentido mais elevado, é o chefe de um departamento governamental, ou alguém comissionado para representar o seu governo, no serviço diplomático. Em sentido secundário, um ministro é alguém que age em situação de subserviência a outrem, e cumpre a sua vontade. No sentido eclesiástico, um ministro é alguém autorizado a pregar a Palavra de Deus, usualmente através de alguma forma de ordenação, e que dirige as atividades religiosas de sua igreja local. Nas páginas do Novo Testamento, certa variedade de serviços é indicada pela palavra geral «ministros», conforme foi abundantemente ilustrado na primeira seção deste artigo, onde foram explicadas as palavras hebraicas e gregas envolvidas.

O ministério do Novo Testamento começa com Cristo, que é o Grande Ministro de Deus. Daí se vai descendo para os ministérios apostólico, profético, evangelístico, pastoral e didático, e ainda mais para os serviços diaconal, litúrgico, prático, de caridade, etc. Todos aqueles que servem são ministros em suas respectivas capacidades. Vários dos ministérios são equipados com dons espirituais, os quais reforçam suas realizações. No sentido eclesiástico, no tempo em que foram escritas as chamadas epístolas pastorais (Tito; I e II Timóteo),

havia os bispos ou supervisores, que quase certamente exerciam autoridade sobre uma área, e não meramente sobre uma comunidade isolada. Quase sem dúvida, Timóteo e Tito ocupavam tais funções, por delegação apostólica. Os apóstolos tinham autoridade para inspecionar o trabalho de outros, porquanto, como representantes diretos de Cristo, estavam dotados de poderes especiais que os demais não possuíam. Temos ai os primórdios do governo episcopal na Igreja, que alguns segmentos da cristandade afirmam que deveria continuar entre nós, embora outros segmentos tenham rejeitado tal forma de governo eclesiástico. Na nona seção deste artigo aludo mais detalhadamente à questão,

2. *O Aperfeiçoamento dos Santos.* O trabalho do ministério (envolvendo todos os ofícios e serviços) visa ao «...aperfeiçoamento dos santos... a edificação do corpo de Cristo...» (Efé. 4:12). Isso significa que o ministério cristão está envolvido em uma séria responsabilidade, dentro da causa espiritual.

3. *Multiplicidade de Ofícios.* Os trechos de Efé. 4:11 ss e I Cor. 12:28 fornecem-nos uma lista: apóstolos, profetas, evangelistas, pastores, mestres, milagres, curas, socorros, governos, línguas, interpretação de línguas. Aprendemos ali que a origem desses ofícios e suas respectivas operações é divina. O sexto capítulo de Atos narra como teve início o ministério diaconal, um ministério cujas atividades são, principalmente, de natureza prática (física) e caritativa.

Paulo nomeava anciãos (também chamados bispos e pastores), em todas as igrejas locais (ver Atos 14:23; 20:17-28). Paulo também supervisionava a outros (como apóstolo), conforme se vê nas epístolas pastorais.

Os ministros eram homens dotados tanto de habilidades naturais quanto de habilidades sobrenaturais, conferidas pelo Espírito de Deus. Desse modo, tornavam-se *membros* ativos do corpo de Cristo, cada qual dentro de suas respectivas funções, todas elas necessárias para o bom funcionamento, bem-estar e desenvolvimento do corpo de Cristo (a Igreja), o que redundava na glorificação do Cabeça (Jesus Cristo). Dessa maneira, cada qual contribuía para a continuação do ministério cristão, que tinha propósitos evangelísticos e didáticos.

4. *A Evolução Espiritual e o Elevado Destino dos Remidos.* Ninguém brilha sozinho no corpo de Cristo. Todos evoluímos juntos, formando um organismo espiritual, vivo. Basta que um membro fique espiritualmente enfermo, para que o corpo todo fique enfermo. A prosperidade espiritual de um dos membros é a prosperidade do corpo inteiro. O ministério cristão, pois, contribui para a higidez do corpo místico de Cristo, além de ter como um de seus alvos a adição de outros membros a esse corpo místico. O grande alvo é a participação na natureza de Deus Pai, a natureza divina, manifestada na pessoa de Jesus Cristo (II Ped. 1:4; Rom. 8:29). E isso ocorre mediante o poder transformador do Espírito Santo, que nos vai conduzindo de um estágio de glória para o próximo (II Cor. 3:18). Dessa maneira, os membros do corpo de Cristo haverão de participar na própria plenitude de Deus, com a sua natureza e os atributos divinos (Efé. 3:19).

III. Ministério Angelical

Os anjos que não caíram são ministros de Deus. Eles prestam esse serviço no caso de indivíduos e até de nações inteiras. O trecho de Heb. 1:14 é um texto muito citado em favor da idéia dos anjos guardiães. Oferecemos um artigo bem detalhado sobre os anjos e sob a sua décima primeira seção, ilustramos abundantemente o ministério deles. Ver o artigo intitulado *Anjos*. Neste artigo, damos esta seção separada sobre o ministério dos anjos a fim de chamar a atenção para um assunto que tem sido muito negligenciado pelos intérpretes evangélicos, que temem abusos nessa área. Mas esse legítimo temor não nos deve empurrar na direção da negligência. Pessoalmente creio que alguns de nossos homens mais espirituais devem isso ao fato de que são sensíveis à orientação de seus anjos guias. Por outra parte, os falsos mestres atuam sob o impulso de demônios (ver I Tim. 4:1 ss). Também é perfeitamente possível que alguns dons espirituais sejam mediados por meio de anjos. Precisamos de poder espiritual em nosso ministério, e o ministério dos anjos é um aspecto desse poder, embora haja o poder ainda infinitamente maior do Espírito de Deus.

IV. Os Ministros do Antigo Testamento

Representantes de Deus, no Antigo Testamento, como Abraão, Moisés, os profetas, os sacerdotes e os reis, foram Seus ministros. Seus assistentes diretos, como no caso de Josué, que servia a Moisés, eram subministros. O aspecto cúltico do ministério do Antigo Testamento desenvolveu-se na elaborada instituição do tabernáculo e do templo, cujas principais figuras eram o sumo sacerdote e os sacerdotes, assessorados pelos levitas e outros. Ver os artigos separados intitulados *Sacerdotes* e *Levitas*. Os autores neotestamentários aceitaram tudo isso como antecipação e tipo dos ofícios de Cristo, conforme a epístola aos Hebreus explica tão completamente. Na primeira seção deste artigo, damos as palavras hebraicas envolvidas no termo português *ministério (ministro)*, e onde é ilustrada a variedade de ministérios do Antigo Testamento.

V. Cristo, o Arquétipo dos Ministros

1. Cristo é o **Logos** encarnado (João 1:13; ver o artigo sobre o Logos). Ele é o principal representante e ministro de Deus, tendo em mira a redenção dos homens. Ver o que diz Paulo a esse respeito, em Fil. 2:7 ss.

2. Na qualidade de Servo sofredor, o Servo de Yahweh (Cristo) tinha o propósito de servir a Deus tendo em vista a redenção humana; e assim veio a tornar-se o arquétipo de todos aqueles que servem ao Senhor. Ver Atos 4:27,30; Isa. 40-66; Zac. 3:8-10. Um anjo revelou a missão redentora ímpar de Jesus Cristo (ver Mat. 1:21).

3. Jesus, como Messias, foi o servo especial de Deus em favor do povo de Israel, com sobras no caso dos povos gentílicos. Ver o artigo separado sobre o *Messias* e os diversos artigos sobre o *Cristo*, de diferentes ângulos. Ver também o artigo intitulado *Messiado de Jesus*.

4. Jesus, como Filho do Homem, apresentou-se como Servo de Deus em benefício dos homens. Ver o artigo separado sobre o *Filho do Homem*.

5. Jesus, como Filho de Deus, mediou o Ser divino diante dos homens, por ser, ele mesmo, o próprio Deus. Ver o artigo chamado *Filho de Deus*.

6. Jesus, como supremo exemplo de serviço sacrificial deixou a inspiração apropriada para os demais ministros do evangelho (ver Fil. 2:7 ss).

7. Jesus é o Supremo Pastor que os demais pastores precisam imitar (I Ped. 2:25). Ver o décimo capítulo do evangelho de João, quanto à atuação pastoral de Cristo, explicada com abundância de detalhes.

8. Jesus é o Bispo dos bispos (o Supervisor dos supervisores) (I Ped. 5:4), cuja volta antecipamos ansiosamente.

9. O ministério de Jesus foi divinamente determinado, desde a fundação do mundo, com o que temos comunhão e do que fazemos parte (João 17:18; 20:21).

10. A grandeza de Jesus Cristo acha-se em seu serviço prestado a outros; e aqueles que quiserem ser grandes, no sentido espiritual, precisam imitá-lo (Mar. 10:43,44). O serviço prestado a outros é tanto uma honra como uma maneira de obter honra.

11. Cristo tem um ministério celeste em favor dos homens (Heb. 7:25; I João 2:2; João 14:1-3).

12. A descida de Cristo ao hades (ver o artigo *Descida de Cristo ao Hades*) acrescentou uma importante dimensão ao seu ministério, garantindo oportunidade universal e a aplicação de sua missão salvatícia na outra dimensão. O *mistério da vontade de Deus* (vide), mencionado em Efé. 1:9,10, mostra-nos que a missão de Cristo tem uma aplicação universal.

VI. Natureza do Ministério Cristão

O que foi dito acima fornece-nos a substância da questão. Abaixo damos um sumário de idéias. O ministério cristão é:

1. A imitação do serviço prestado pelo Servo-Chefe (Fil. 2:7 ss; Mar. 10:43,44).

2. A participação, junto com o Filho, no ministério de Deus (João 17).

3. Realizado através de homens que são dons dados à Igreja (Efé. 4:11 ss), homens que receberam dons espirituais (I Cor. 12—14; Rom. 12). Comparar com Atos 20:24; Col. 4:17; I Tim. 1:12; I Ped. 4:11.

4. Uma atividade que tem por finalidade a edificação do corpo místico de Cristo, promovendo sua higidez e bem-estar espirituais (Efé. 4:12,13) e a adição de outros membros a esse corpo (Mat. 28:18-20), além de promover os elevados propósitos da participação dos remidos na própria imagem e natureza de Cristo (Rom. 8:29; II Cor. 3:18), e, em conseqüência, a participação na natureza divina e seus atributos (Efé. 3:19; II Ped. 1:4).

5. Muitos ofícios e funções estão envolvidos no ministério da Igreja, cujos variegados aspectos são alistados em II.3 deste artigo.

6. Deveres cerimoniais também estão incluídos no ministério cristão (I Cor. 1:17; implícitos em Rom. 6; Atos 20:7; I Cor. 11:23 ss; Mat. 28:19,20). Naturalmente, esse aspecto da questão, importantíssimo em certos segmentos da cristandade, e menos importante em outros, é uma questão envolvida em intensa controvérsia. Ver os artigos *Sacramentos* e *Cerimonialismo.*

7. Cristo dá continuidade ao Seu ministério por meio de seu corpo místico, a Igreja. Isso traduz continuidade, identidade de propósitos. Da mesma forma que o Senhor Jesus atuava por intermédio do Espírito, outro tanto se dá com os membros do seu corpo (João 14:15 ss; I Cor. 12:4 ss; Efé. 1:22,23; 5:1-16; Mat. 28:18-20).

8. O discipulado cristão, em si mesmo, é um ministério. O cumprimento do propósito de Deus no mundo, em Cristo, nunca é algo meramente humano.

9. Cristo estendeu o seu ministério até o hades, onde também pregou o evangelho (I Ped. 3:18-4:4) Ver o artigo *Descida de Cristo ao Hades.* Vários dos chamados pais da Igreja, como Clemente de Roma e Orígenes, supunham que Cristo conta com representantes humanos, que efetuam um ministério no hades, tal como o seu ministério sobre a terra está sendo levado avante sob a sua direção, por meio de instrumentos humanos. As *experiências perto da morte* (vide) têm demonstrado que um trabalho missionário está sendo desenvolvido nos mundos invisíveis

VII. Os Dons Espirituais e o Ministério

Quanto a um abundante material acerca dos dons espirituais ver os artigos *Carismata* e *Dons Espirituais.* A obra do ministério cristão é espiritual e divina, e não poderia mesmo ser deixada ao sabor do engenho e do poder humanos. Provavelmente, os dons espirituais ocorrem em vários níveis: capacidades psíquicas e espirituais humanas—usadas em benefício da Igreja; poderes angelicais—que capacitam os homens a fazer coisas que não poderiam fazer desassistidos; o Espírito Santo—que confere aos homens poderes divinos. Em todos os três casos, o trabalho do ministério é empregado de tal modo que os seus resultados ultrapassam daquilo que poderíamos esperar de meras atividades humanas. Alguns estudiosos têm opinado, com base na doutrina da comunhão dos santos, que os espíritos remidos, nos lugares celestes, podem ajudar aos homens neste mundo, o que poderia incluir o uso de dons espirituais. Nesse caso, poderia ser acrescentada uma *quarta* dimensão às possíveis fontes originárias dos dons espirituais. O *Credo dos Apóstolos* menciona a comunhão dos santos, na segunda cláusula do seu nono artigo. Os eruditos católicos romanos dão grande importância a essa questão, tal como a comunhão anglicana, mas os vários grupos evangélicos não têm desenvolvido esse conceito conforme ele merece. Ver o artigo sobre a *Comunhão dos Santos,* quanto a detalhes.

VIII. Os Ministros como Dons Dados à Igreja

Um ministro espiritualmente dotado torna-se, ele mesmo, um dom conferido à Igreja de Cristo. Observemos que nos capítulos doze a catorze de I Coríntios há extensas descrições dos dons espirituais. Mas, em Efé. 4:11 é dito que Cristo, depois da ascensão ao céu, deu à Igreja, que deixara na terra, *homens* como dons, a saber: apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres. É dentro desse contexto que achamos uma das melhores declarações do Novo Testamento sobre o propósito desses dons ministeriais: «...com vistas ao aperfeiçoamento dos santos, para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo» (Efé. 4:12,13).

Os próprios dons espirituais são *necessários* com esse propósito (ver Rom. 12:6-8; I Cor. 12:4-11; 28:31). Esses dons nos são dados com certa *diversidade,* para que o trabalho cristão seja desempenhado a contento (I Cor. 12:4-11). Esses dons são distribuídos de modo *universal,* onde cada membro recebe algum dom (I Cor. 12:7; Rom.12:6-8; Efé. 4:7,16; I Ped. 4:10). Ninguém tem o monopólio do Espírito Santo; mas ninguém é deixado vazio. Os dons espirituais são concedidos visando ao bem da coletividade cristã, e não com propósitos de autoglorificação. Esses dons também são *suficientes* para fazer o corpo místico de Cristo evoluir, levando a realização do Cabeça da Igreja, Cristo, à sua plena fruição (I Cor. 14:3 *ss;* Efé. 4:11,12). Isso posto, um ministro espiritualmente dotado fica bem equipado para cumprir a sua tarefa, e a Igreja inteira deriva disso um benefício, à proporção que homens vão sendo conquistados para Cristo e vão sendo instruídos. Quanto a detalhes, ver o artigo separado intitulado *Dons Espirituais, Homens como.*

IX. O Ministério Organizado (Eclesiástico)

Aqueles que acreditam na forma episcopal de governo eclesiástico são capazes de encontrar textos de prova no Novo Testamento em apoio à sua posição. Aqueles que acreditam na continuação do ministério apostólico, paralelamente a uma forma episcopal de governo, também são capazes de achar versículos em respaldo à sua idéia. Aqueles que crêem em uma democracia representativa como a melhor forma de governo eclesiástico, estão certos de que o Novo Testamento lhes dá razão. Aqueles que acreditam em uma democracia plena e direta como a melhor variedade de governo eclesiástico acham que podem provar seus pontos de vista pelo Novo Testamento. Na verdade, quase qualquer forma de governo eclesiástico, dentro da cristandade organizada, hoje em dia, pode ser alegadamente comprovada com base no Novo Testamento. Damos detalhes sobre a questão no artigo *Governo Eclesiástico.*

MINISTÉRIO DOS ANJOS

Ver o artigo geral sobre **Anjos**, em suas seções dez e onze onde existe uma análise detalhada.

O livro de Laura Newhouse, *Redescovering the Angels,* descreve a doutrina bíblica dos anjos. No tocante ao quadro sobre os anjos que há no Apocalipse de João—que, naturalmente, reflete a visão dos anjos no judaísmo do período helenista, conforme se vê mediante as obras apócrifas e pseudepígrafas—ela oferece três classificações:

1. Anjos que são como uma nuvem de testemunhas e de servos, diante do trono de Deus: os serafins, os querubins e os tronos.

2. Anjos dotados de virtudes e poderes extraordinários, como seres de avançadíssima ordem. Fazem parte da criação divina, perfazendo sua parte mais elevada, embora em muitos níveis e ordens de poder. Fica implícito um mundo espiritual densamente povoado.

3. Os anjos estão divididos em muitas patentes e ordens, como arcanjos, poderes, principados, etc.

4. Os anjos recebem serviços especializados. Eles devem assemelhar-se aos homens, sendo bem variegadas as suas capacidades inatas, as suas experiências e o seu aprendizado. Talvez Orígenes estivesse com a razão, ao especular que o espírito humano não difere grandemente dos anjos, a não ser naquela extensão em que a queda no pecado reduziu o homem a uma posição bem inferior à dos anjos.

O estudo geral sobre os anjos, mais acima, fornece amplas ilustrações sobre esses conceitos.

Os Anjos e Seu Ministério no Pensamento Cristão

A angelologia não foi devidamente desenvolvida no antigo pensamento hebreu. Todavia, a doutrina foi crescendo no Antigo Testamento. Parcialmente através da influência de outras religiões (conforme já disse), durante o período intertestamental, a fé dos hebreus adquiriu uma visão bem complexa dos anjos, grande parcela da qual transparece nos livros pseudepígrafos. O Novo Testamento, por sua vez, não examinou essas crenças de maneira crítica, mas, antes, incorporou-as, com algumas adições, sobretudo no caso de narrativas específicas concernentes aos anjos, como a atuação do anjo Gabriel, em seu diálogo com Maria e Isabel; o ministério angelical por ocasião do nascimento e da morte de Jesus; o aparecimento de anjos para cumprirem tarefas específicas, como o livramento de Pedro do cárcere; e inúmeras funções no livro de Apocalipse.

Após o período neotestamentário, a angelologia desenvolveu-se imensamente. Parte disso deveu-se a fértil imaginação dos homens, mas outra parte deveu-se a experiência mística pessoal de cristãos, que entraram em contacto com os poderes angelicais. Algumas facetas desse desenvolvimento podem ser vistas nos pontos abaixo.

1. *Anjos da natureza,* que controlam as tempestades, produzem os terremotos, tranqüilizam as águas turbadas e de modo geral, exercem seu poder sobre o que sucede na natureza física.

2. *Anjos inspiradores,* que iluminam as mentes humanas, solucionam mistérios, dão conselhos pessoais e de modo geral, prestam assistência aos homens.

3. *Anjos que são ministros do amor e do serviço,* como no caso geral dos anjos guardiães, os anjos curadores, os elevados anjos espirituais que inspiram as pessoas a atos de caridade e de amor; anjos cantores, que insuflam qualidades estéticas de elevada ordem nas vidas das pessoas; anjos de nascimentos e mortes, que assistem a ambos os acontecimentos, e que algumas vezes, no tocante à morte, são os agentes que produzem as circunstâncias que matam, por enfermidades ou acidentes.

4. *Anjos masculinos e femininos, ou,* pelo menos, poderes angelicais que *assumem* esses gêneros, com razões específicas.

5. *Seres angelicais de muitas ordens e em vastos números,* que inspiram aos homens por seu grande número e poder.

6. *Anjos que guardam e guiam igrejas (conforme* se vê nos capítulos dois e três do Apocalipse). Isso amplia a idéia de anjos que guiam indivíduos. Daniel falou sobre anjos que serviam de guardiães e guias de nações inteiras.

7. *Anjos com muitos ofícios e funções,* como de saúde e cura, de profecia, de indústria (ajudam os homens a realizarem seu trabalho), de vida nacional, de progresso, de raças específicas, além de ministérios sobrenaturais distintivos.

8. *Anjos que ajustam e influenciam o pensamento humano.* Da mesma forma que os espíritos malignos influenciam aos ímpios, assim também os anjos bons influenciam aos justos, mediante a transferência de pensamento e mediante a influência mental. A experiência com a verdade é muito mais vasta do que qualquer teoria a respeito.

A influência dos seres angelicais sobre a mente humana pode ser bastante poderosa, embora não se revista de qualquer dos aspectos negativos da *possessão* demoníaca. Antes, é uma influência elevadora, inspiradora, saudável, e ajuda muito definidamente o homem em seu desenvolvimento espiritual, e não meramente em seus conhecimentos teológicos. Mistérios são revelados; conselhos são dados; à vida é conferido um novo e mais vasto horizonte, tanto quanto ao conhecimento como quanto aos propósitos. A ajuda angelical é um dom de Deus. Talvez alguns dos melhores elementos cristãos sejam aqueles que estão mais próximos de seus anjos guardiães. Não obstante, os anjos não são mediadores da salvação. São ministros de Cristo, postos a nosso serviço; e nós precisamos da ajuda deles.

MINITE

No hebraico, **distribuição**. Nome de uma cidade na terra dos amonitas (Juí. 11:33). Era famosa devido à excelência de seu trigo, que era exportado para os mercados de Tiro (ver Eze. 27:17). Eusébio (*Onomastica,* 140) revela-nos que Minite ficava a quatro milhas romanas de Hesbom, as margens da estrada para Filadélfia, embora a sua localização precisa permaneça desconhecida até hoje. Tem sido tentativamente identificada com a Khirbet umm el-Hanfish, a meio caminho entre Hesbom e el-Yadudeh; ou, então com a Khirbet Kamzeh, a seis quilômetros e meio a nordeste de Hesbom.

MIQUÉIAS

No hebraico, «quem é como Yahweh?» No original hebraico seu nome é grafado como uma forma abreviada de Micaías. Na Septuaginta, *Meichaías.* E, visto que no grego o ditongo *ai,* que aparece na forma grega de seu nome, é pronunciado *é, isso* explica como a forma *Miquéias* apareceu em português.

Esboço:

I. Quem Foi Miquéias?
II. O Período de Miquéias
III. Suas Relações com Isaías
IV. Conteúdo e Forma de sua Profecia Escrita

I. Quem foi Miquéias?

Esse profeta, que foi um dos autores sagrados intitulados Profetas Menores, porque o seu volume não é muito grande, não deve ser confundido com Micaías, filho de Inlá (ver I Reis 22:8). Este último pregou no reino do norte, Israel, na época de Acabe e Josafá, e não foi um dos profetas escritores. Vale dizer, viveu em torno de 890 A.C. Mas o profeta escritor, Miquéias, é de época mais recente, porquanto ele mesmo esclarece que a palavra que recebeu lhe foi dada nos dias de Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Israel e de Judá (entre 750 e 700 A.C., aproximadamente). Contudo, também não se sabe muita coisa sobre o profeta Miquéias, o escritor, além daquilo que ele mesmo disse em seu livro. Mas, em relação a certos silêncios que ele faz, os estudiosos têm deduzido certos fatos. Vejamos: a única informação explícita que ele dá sobre si mesmo é que ele era um «morastita», ou seja, ele era natural de Moresete. A isso ele acrescenta, indiretamente, que essa cidade chamava-se Moresete-Gate (ver Miq. 1:1 e 14). E isso porque essa cidade ficava situada, não longe da cidade filistéia de *Gate* (vide). Quanto à localização de Moresete-Gate, Jerônimo e Eusébio informam-nos que ela ficava a leste de Eleuterópolis, não muito distante. Um dos silêncios de Miquéias é que ele não dá o nome de seu pai, de onde os eruditos têm concluído que ele pertencia a uma família de condição humilde. Com isso concorda a natureza de sua mensagem, onde, naturalmente, entre várias outras coisas, ele defende os direitos dos campesinos espezinhados, que estavam sendo oprimidos pelos ricos arrogantes. Todavia, insistimos, isso é apenas uma conclusão indireta, e não necessariamente válida.

II. O Período de Miquéias

Os complicados estudos e comparacões feitos pelos estudiosos dão a entender que o seu primeiro discurso (ver Miq. 1:1-16) foi proferido durante o tempo do rei Acaz, ao passo que o material que se acha nos capítulos segundo a quinto foi anunciado publicamente nos tempos de Ezequias. Isso posto, esses discursos foram pronunciados após o ano de 722 A.C., mas antes de 701 A.C. Não obstante, é impossível datar com exatidão esses discursos, mesmo porque, posteriormente, eles foram editados em uma coletânea bem alinhavada, talvez pelo próprio Miquéias. Já os capítulos sexto e sétimo de seu livro cronologicamente pertencem aos reinados de Jotão e Acaz.

Esses informes, por sua vez, permitem-nos afirmar que Miquéias foi um contemporâneo mais jovem de Isaías, e que talvez ele tenha profetizado em Judá, talvez até na própria capital, Jerusalém. E isso nos conduz, mui naturalmente, ao nosso próximo ponto, o terceiro, mais abaixo.

As injustiças sociais eram notórias nos dias de Miquéias, razão pela qual já ia surgindo no horizonte profético a ameaça do exílio. E, visto que isso representou uma tendência contínua naquela geração ou naquelas duas ou três gerações sucessivas do povo escolhido, não admira que a mensagem de Isaías se assemelhe tanto à mensagem de Miquéias.

III. Suas Relações com Isaías

Que Miquéias foi contemporâneo mais moço de Isaías, não há que duvidar. Porém, há uma indagação que se impõe: visto que o trecho de Miq. 4:1 *ss* se acha quase *verbatim* em Isa. 2:2 *ss*, a qual dos dois devemos creditar o original, Miquéias ou Isaías? Essa pergunta tem suscitado intensos debates e muita literatura. Após pesados todos os prós e os contras da questão, parece ser melhor concluir o seguinte: em vista do fato de que a profecia sobre o estabelecimento da casa do Senhor no cume dos montes não aparece pela primeira vez nem em Miquéias e nem em Isaías, devemos concluir que ambos pediram por empréstimo o conceito, de algum outro profeta anterior, sem importar se ele tivesse sido um profeta escritor ou não. Todavia, que houve alguma dependência, quanto à forma de expressão, de Miquéias a Isaías, ou de Isaías a Miquéias, também parece claro, porque, em nenhuma outra porção bíblica a idéia é vazada naqueles termos tão similares, conforme se vê naqueles trechos de Miquéias e de Isaías. Porém, exatamente quem dependeu de quem quiçá nunca se consiga deslindar, e nem a questão se reveste de grande importância. O que importa é que, após o exílio ameaçado, os profetas anteviam uma futura restauração do povo de Israel, quando o reino do Senhor for o poder dominante sobre o orbe inteiro!

Entretanto, alguns comentadores resolveram descobrir se Isaías dependeu de Miquéias, ou vice-versa, quanto a essas famosas predições. E, assim sendo, destacam o fato de que a predição, no livro de Miquéias, parece fluir mais naturalmente do que ele diz imediatamente antes, ao passo que, no livro de Isaías, tal discurso parece começar um tanto ou quanto abruptamente, como se esse profeta o tivesse derivado de alguma outra fonte. Mas, os opositores desses comentadores reparam que é possível que Isaías tenha escolhido essa sentença a fim de encabeçar seu grupo maior de declarações proféticas nos capítulos segundo a quarto de seu livro, como se fosse um título explicativo. Como estamos vendo, os debates a respeito da questão têm levado em conta muita coisa subjetiva, por falta de dados objetivos. E tudo volta à estaca zero: não se sabe se Miquéias é que dependeu de Isaías, ou vice-versa; e nem isso tem qualquer importância real!

IV. Conteúdo e Forma de sua Profecia Escrita

Naturalmente, esse ponto fica melhor definido no artigo sobre o Livro de *Miquéias* (vide), que o leitor poderá examinar. Mas, neste quarto ponto do presente verbete queremos mostrar as diferenças entre o livro de Miquéias e o livro de seu mais famoso contemporâneo, Isaías.

Isaías, que pertencia à família real, tinha livre acesso à corte, entrando em contato pessoal com os monarcas, sobre os quais procurava exercer influência no tocante às suas decisões políticas. Miquéias, entretanto, embora talvez também tivesse exercido o seu ministério profético em Jerusalém, a capital do reino, endereçara as suas profecias ao grande público judeu, dirigindo-se mais aos ricos do que propriamente aos nobres. Por isso mesmo, alguns comentadores têm observado que ele é o Tiago do Antigo Testamento. E isso em mais de um sentido. Não somente Miquéias tomava a defesa dos pobres explorados pelos ricos (ver Tia. 5:1-6), mas também fez insistentes apelos a que o povo tivesse uma autêntica piedade, que não estivesse presa às externalidades do cerimonialismo e, sim, partisse de um coração voltado para a prática do bem (ver Tia. 1:19-27). Esse ataque de Miquéias ao cerimonialismo, que prevalecia em seus dias, pode ser visto, especialmente na seção de seu livro que aparece em 6:6-8. É como se ele estivesse respondendo à pergunta: «No que consistem os deveres religiosos, diante do Senhor? O que ele realmente busca ver em nós?», e, então, tivesse retrucado, citando o oitavo versículo: «Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus?»

Outra distinção que se deve fazer entre Miquéias e Isaías são as descrições a respeito do Messias e seu reinado. Miquéias mostra-se muito compacto nessas descrições, ao passo que Isaías as desdobra com muitos pormenores. A descrição de Miquéias fica em 5:2-5; ao passo que Isaías ocupa muitos capítulos ao falar sobre o Ungido do Senhor.

Isaías fez uso de alguns nomes locativos, fazendo considerações a respeito. Mas Miquéias, em seu sucinto livro, aprecia muito mais esse tipo de jogo de palavras, como é o caso, por exemplo, de Laquis, «a cidade dos cavalos» (ver Miq. 1:13), onde há um jogo de palavras. Acrescente-se a isso que Miquéias apreciava ainda dois outros artifícios literários: o uso de antíteses e o uso de interrupções dramáticas e respostas. Ver, para exemplificar, 2:5-12; 3:1; 6:6-8; 7:14,15.

Finalmente, Miquéias gostava de fazer referências históricas (ver Miq. 1:13-15; 5:5; 6:4,5,6-16; 7:20). E, facilmente, seu estilo tornava-se lírico, conforme se vê no sétimo capítulo, em especial, embora o seu livro, quase inteiro, seja uma composição poética, excetuando-se apenas a introdução (Miq. 1:1), que é prosaica. Incidentalmente, visto que essas características fazem-se notar por todos os capítulos de seu livro, isso serve de poderoso argumento em favor da unidade do livro—Miquéias foi o autor do livro inteiro, em que pese a opinião de alguns comentadores, que pensam que os capítulos quarto e quinto são de duvidosa autoria miqueana.

Através de sua jóia literária, Miquéias deixa transparecer um notável traço de seu caráter: ele conhecia bem a pessoa do Senhor Deus. Miquéias deixou patenteado que Deus odeia a injustiça social, abomina o ritualismo, mas deleita-se em perdoar aos ofensores arrependidos. Isso tudo é destacado mormente nos últimos versículos de seu livro, quando ele indaga: «Quem, é Deus, é semelhante a ti...?» A julgar pelo seu livro, portanto, podemos deduzir que Miquéias era homem controlado, dotado de grande discernimento espiritual, amante da verdade no íntimo, adversário das meras externalidades religiosas, dono de um coração terno e compreensivo, inclinado ao perdão, mas, acima de tudo, alguém que conhecia, realmente, ao seu Deus, a Fonte originária de todas as coisas. Ver o verbete intitulado *Miquéias, Livro de.*

MIQUÉIAS (LIVRO)

Esboço:

I. Caracterização Geral
II. Unidade do Livro
III. Autoria do Livro
IV. Data do Livro
V. Razão e Propósito do Livro
VI. Condições do Texto do Livro
VII. Problemas Especiais
VIII. Esboço do Conteúdo

I. Caracterização Geral

O nome Miquéias vem de uma palavra hebraica que significa «Quem é como Yahweh?» O nome do autor do livro de Miquéias aparece na Septuaginta como *Michaías.* A Vulgata Latina diz *Michaeas.* Ele foi o autor do livro que figura em sexto lugar na arrumação dos profetas menores, segundo o nosso cânon do Antigo Testamento. No texto do cânon hebraico aparece no «livro dos doze profetas»; e na Septuaginta aparece em terceiro lugar entre esses profetas. O seu livro é mencionado por Ben Siraque (Eclesiástico 48:10), de maneira tal que fica confirmada a sua aceitação, desde tempos antigos, como parte das Sagradas Escrituras do Antigo Testamento.

O profeta Miquéias ministrou durante os reinados de Jotão (742—735 A.C.), Acaz (735—715 A.C.) e Ezequias (715—687 A.C.), ou seja, por cerca de cinqüenta anos. O trecho de Jeremias 26:18 refere-se a isso, quando diz: «Miquéias, o morastita, profetizou nos

dias de Ezequias, rei de Judá, e falou a todo o povo de Judá...» Visto que o sexto capítulo de seu livro foi dirigido a «Israel» (ver Miq. 6:2), e, visto que o primeiro capítulo de seu livro alude queda de Samaria (Miq. 1:5 *ss),* é evidente que sua carreira começou antes de 722 A.C., quando Samaria caiu, pois Miquéias profetizou sobre essa queda bem antes dela ter ocorrido.

A grande potência mundial e a constante ameaça segurança do povo hebreu, na época de Miquéias, era a Assíria, governada, sucessivamente, por Tiglate-Pileser III (745—727 A.C.), Salmaneser V (727—722 A.C.), Sargão II (722—705 A.C.) e Senaqueribe (705—681 A.C.). Durante a primeira parte da vida de Miquéias teve lugar a guerra siro-efraimita, que teve, como contendores, por um lado, Judá, e, por outro lado, a coligação de Israel (nação do norte) com a Síria. Parte da razão desse conflito foi a recusa de Acaz de juntar-se na aliança ocidental contra Tiglate-Pileser III. Miquéias, pois, acabou sendo testemunha da derrota do reino do norte e da queda de sua capital, Samaria, diante da Assíria, em 722/721 A.C. E o final de seu ministério, provavelmente, ocorreu antes da invasão encabeçada por Senaqueribe (ver II Reis 18:13 *ss),* que cercou Jerusalém, reino do sul, em 701 A.C., um cerco que deu motivos para a construção do túnel de Siloé, por parte do rei Ezequias. De fato, até mesmo isso, e o futuro exílio babilônico, foram preditos por Miquéias, quando ele dissera: «...as suas feridas são incuráveis; o mal chegou até Judá; estendeu-se até à porta do meu povo, até Jerusalém» (Miq. 1:9).

Miquéias vivia na fronteira entre Judá e uma «terra de ninguém», cobiçada pelos filisteus, pelos egípcios e até pelos assírios. Os levantes dos filisteus contra a Assíria, que sucederam no período entre 721 e 711 A.C., estavam em mira. As incursões de Sargão II, naquela área, entre 715 e 711 A.C., talvez estejam em pauta no trecho de Miq. 1:10-16. Acaz conseguia manter uma paz muito precária, pagando tributo aos assírios. Durante o longo reinado de cinqüenta e dois anos de Uzias (terminou em 742 A.C.), e depois, houve um período de prosperidade econômica comparativa, ocasionada em parte pelo fato de que Judá passou a controlar o comércio entre o interior e o porto de Elate, ao sul (cf. II Reis 14:7). Essa prosperidade concentrou riquezas, e seu conseqüente poder, nas mãos de alguns poucos privilegiados, provocando injustiças sociais que o profeta atacou decididamente. Ver, por exemplo, Miq. 2:2: «Cobiçam campos, e os arrebatam, e casas, e as tomam; assim fazem violência a um homem e à sua casa, a uma pessoa e à sua herança».

Muitos estudiosos opinam que as reformas religiosas instituídas pelo rei Ezequias, de Judá, tiveram lugar perto do fim do ministério registrado de Miquéias. Ou, então, essas reformas afetaram somente o cerimonial e o culto, alcançando pouco impacto sobre a vida pessoal e social dos judaítas. Esse é o pano de fundo do livro de Miquéias.

II. Unidade do Livro

Por muitos séculos, o livro de Miquéias foi considerado uma unidade literária. Um dos primeiros eruditos a pôr em dúvida essa unidade foi Stade, que entre 1881 e 1884, afirmou que tudo quanto aparece depois do terceiro capítulo do livro não foi escrito pelo profeta Miquéias. Atualmente, a maioria dos especialistas pensa que os capítulos quarto a sétimo do livro consistem em duas ou mais coleções de miscelâneas, adicionadas como suplementos ao livro original de Miquéias, talvez depois do exílio babilônico. Também há eruditos modernos que pensam que até mesmo porções desses últimos quatro capítulos do livro contêm elementos pertencentes legitimamente a Miquéias, embora discordem quanto às porções e às proporções exatas. Mas a falta de concordância entre os críticos faz com que a questão permaneça em aberto, no tocante às conclusões deles.

Por outra parte, há argumentos substanciais em prol da unidade do livro de Miquéias. Esses argumentos são em número de seis, a saber:

1. Três oráculos separados são iniciados, nesse livro, pela palavra «ouvi» (ver 1:2; 3:1 e 6:1), indicando um único escritor.

2. As mudanças de assunto (que os críticos tomam como indicações de uma autoria composta) podem ser explicadas com base no fato de que o livro é uma coletânea de oráculos fragmentares de um único profeta, e não registros de extensos discursos.

3. O mesmo simbolismo do «pastor» acha-se espalhado pelo livro inteiro, segundo se vê em 2:12; 3:2,3; 4:6; 5:3 *ss* e 7:14.

4. O artifício literário da «interrupção e resposta» encontra-se em cada uma das seções do livro (2:5,12; 3:1; 6:6-8 e 7:14,15).

5. Por todo o livro há freqüentes alusões ou referências históricas, demonstrando uma única mão escritora.

6. Pelo menos vinte e quatro passagens extraídas de outros profetas do século VIII A.C.—Oséias, Amós e Isaías, além de duas passagens em Joel, que, talvez, também tenha escrito no século VIII A,C. — encontram paralelos nos capítulos quarto a sétimo de Miquéias, o que argumenta que o livro inteiro foi escrito naquele século.

Outrossim, os argumentos contrários à unidade do livro de Miquéias, com base no fato de que a linguagem de Isaías 40—66 se assemelha à linguagem de Miquéias 4—7, são duvidosos, porquanto dependem da data em que foram escritos os capítulos quarenta a sessenta e seis de Isaías. Ver sobre a questão do *Deutero-Isaías,* um autor desconhecido, que teria escrito esses capítulos finais do livro de Isaías, e não o profeta desse nome.

III. Autoria do Livro

O profeta Miquéias era nativo de Moresete (em nossa versão portuguesa, «morastita» 1:1, um local talvez idêntico a Moreste-Gate— uma dependência de Gate; —cf. a Septuaginta, *Kleronomias Gèth,* 1:14). Alguns estudiosos têm identificado esse lugar com o antigo nome locativo no grego, Marissa. O local fica na área em redor de Beit Jibrin, cerca de quarenta quilômetros a sudoeste de Jerusalém. Jerônimo a localizava imediatamente a leste de Jibrim; mas outros a têm localizado em Tell el-Judeideh, ou em Tell el-Menshiyeh, cerca de dez quilômetros e meio a oeste de Beit Jibrin. Moresete é mencionada por nome em Jos. 15:44; II Crô. 11:8; 14:9,10 e 20:37. Sua localização geográfica fazia da cidade um posto avançado de fronteira, de onde era possível observar facilmente quaisquer movimentos militares na região. Os assírios passaram por ali nos anos de 734, 711 e 701 A.C., e se defrontaram com os egípcios em Rafia, em 719 A.C., nas proximidades. Portanto, o ponto de vista de Miquéias não era o de um homem isolado e distante, mas antes, de alguém vitalmente interessado pelos negócios estrangeiros de sua nação. Como nativo da Shephelah (vide), que ele era, Miquéias sentia profundamente as desgraças do povo pobre do interior de sua nação ameaçada.

Miquéias foi homem corajoso, dotado de fortes convicções e de uma rara fé pessoal. Alguém sumariou muito bem o caráter e as atitudes dele ao escrever que as características de Miquéias eram uma moralidade estrita, uma inflexível devoção à justiça, tanto na lei quanto nas ações práticas, e grande simpatia para com os pobres. O que mais perturbava o profeta Miquéias eram as injustiças sociais prevalentes em seus dias. Tais injustiças, segundo ele ensinou claramente, só poderiam ser apagadas mediante o reavivamento religioso. Para Miquéias, entretanto, isso só ocorrerá, para valer, por ocasião da restauração futura do povo de Israel, por obra e graça do Messias. Essa é a mensagem central dos capítulos quarto a sétimo do livro. Serve de exemplo disso o trecho de Miq. 4:6: «Naquele dia, diz o Senhor, congregarei os que coxeiam, e recolherei os que foram expulsos e os que eu afligira». Isso posto, se os israelitas não se voltassem de todo o coração para o Senhor, Deus haveria de visitar a nação com açoites (os exílios assírio e babilônico). Porém, a esperança final é acenada ao povo de Deus, mediante a vinda do Messias a este mundo, em Belém: «E tu, Belém Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade» (Miq. 5:2).

IV. Data do Livro

Os estudiosos discordam quanto às datas exatas do começo e do fim do ministério de Miquéias. Lê-se, em Miq. 1:1, que ele profetizou «nos dias de Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá». Além dessa informação inicial, que alguns eruditos pensam que foi uma adição

feita por algum editor pós-exiiico, todas as evidências cronológicas são escassas e apenas inferenciais. O conteúdo do sexto capítulo do livro parece indicar uma data antes de 722 A.C. para aquele oráculo. A citação de Jeremias do terceiro capítulo de Miquéias (ver Jer. 26:18,19), parece datar essa seção durante o reinado de Ezequias, rei de Judá. A descrição, feita por Miquéias, sobre a corrupção prevalente e a imoralidade, ajusta-se às condições que havia durante o reinado de Acaz (735—715 A.C.). Parece provável que a maior parte de seus oráculos proféticos registrados foi proferida durante o período de 727—710 A.C.

A menos que as reformas encabeçadas por Ezequias tivessem deixado as condições sociais sem qualquer modificação, o ministério de Miquéias deve ser situado antes desse reavivamento. Miquéias pregou tanto contra o reino do norte como contra o reino do sul, embora enfeixasse a atenção principalmente sobre o reino do sul, Judá.

V. Razão e Propósito do Livro

Procedente das classes mais pobres, Miquéias tinha plena consciência das injustiças praticadas pelos ricos e da avareza dos mesmos. Apesar dele estar vivamente interessado nas condições políticas da nação, Miquéias só fez comentários a esse respeito naquilo em que essas condições estavam vinculadas à situação moral e religiosa do povo. Sua mensagem pode ser sumariada com as suas próprias palavras: «Eu, porém, estou cheio do poder do Espírito do Senhor, cheio de juízo e de força, para declarar a Jacó a sua transgressão e a Israel o seu pecado» (Miq. 3:8). Foi em razão dos pecados de seu povo que Deus estava enviando os assírios como látego castigador. Todavia, o castigo divino haveria de ser seguido por um período futuro de bênçãos sem paralelo, ligadas à vinda do Messias. Para Miquéias, pois, a fé em Yahweh deve resultar em justiça social e em santidade pessoal, porquanto Yahweh é justo e soberano. Exemplos evidentes de falta de fé na proteção de Yahweh, por parte dos monarcas do povo de Deus—também evidenciada essa incredulidade por parte do povo comum—foram a recusa de Acaz de pedir um sinal (Isa. 7:12) e o pagamento de tributo que Ezequias teve de pagar aos assírios (II Reis 18:14-16). Miquéias, portanto, foi o porta-voz do queixume de deu contra o seu povo (ver o sexto capítulo), tendo anunciado um vindouro e certo castigo divino. No entanto, a misericórdia de Deus haverá de prevalecer finalmente, conforme anuncia Miquéias no sétimo capítulo do seu livro.

VI. Condições do Texto do Livro

O texto hebraico do livro de Miquéias parece ter sido bastante bem preservado até nós, conforme se vê mediante a comparação com o texto da Septuaginta. As várias versões antigas (sobretudo a Septuaginta) são de grande ajuda na correção do texto massorético, quanto aos sinais vocálicos. Ver o artigo sobre o *Texto Massorético.*

VII. Problemas Especiais

No estudo do livro de Miquéias, destacam-se três problemas especiais, que exigem cuidadosa abordagem:

O primeiro é que, em vista de uma abrupta transição, vários eruditos pensam que o trecho de Miq. 2:12,13 está fora de lugar, ou, pelo menos, trata-se de uma interpolação. Essas palavras dizem: «Certamente te ajuntarei todo, ó Jacó; certamente congregarei o restante de Israel; pô-los-ei todos juntos, como ovelhas no aprisco, como rebanho no meio do seu pasto; farão grande ruído por causa da multidão dos homens. Subirá diante deles o que abre caminho; eles romperão, entrarão pela porta e sairão por ela; e o seu Rei irá adiante deles, e o Senhor à sua frente». Há cinco explicações possíveis, a saber:

a. Essas seriam palavras dos falsos profetas, que tentavam insuflar esperança no povo (Ibn Ezra, Michaelis), ou, então, uma nota marginal feita por Miquéias ou por alguém que dizia qual o ensino dos falsos profetas (Ewald); ou mesmo as palavras de um falso profeta que interrompera Miquéias (Van Orelli). O ponto de fraqueza dessa interpretação é que seria, realmente, extraordinário, se um falso profeta admitisse a realidade do exílio futuro —pois os falsos profetas sempre anunciavam falsas esperanças, dando a entender que nunca a nação de Israel ou a nação de Judá seriam arrancadas de sua Terra Santa!

b. Essa passagem seria uma composição posterior, pós-exílica (Smith, no ICC). Portanto, ela não seria uma predição e, sim uma narrativa, embora vazada em forma de predição.

c. A passagem dá prosseguimento à ameaça de Miq. 2:10, ou seja, Jacó seria reunido para ser castigado (Kimchi, Efraim Siro, Theodoreto, Calvino, Van Hoonaker).

d. A passagem é genuína e pertence ao contexto.

e. A passagem é genuína mas está deslocada de seu verdadeiro lugar (Van Ryssel, Koenig, Driver).

Talvez a explicação mais segura seja aquela que diz que se trata de uma interrupção, feita pelo Espírito de Deus, que quebrou o fluxo das ameaças (que certamente se cumpririam), em um arroubo de misericórdia e graça (mostrando o que certamente ocorreria no futuro, após o castigo haver sido descarregado sobre o rebelde povo de Israel e Judá). Não aceitamos a explicação que diz que esse trecho representa a citação que Miquéias teria feito de um falso profeta, que teria falado sobre o remanescente deixado pelos assírios, depois de 722 A.C. Por que motivo se poria na boca de um falso profeta uma predição que certamente terá cumprimento, e que encontra reflexo em tantas outras passagens do Antigo Testamento. Ver, por exemplo, Isa. 1:26; 11:12; 60:10; Eze. 20:40; 36:8. Zac. 1:17; 10:6; 14:11; Mal. 3:4. Ver também o artigo intitulado *Restauração de Israel.*

O segundo problema do texto do livro de Miquéias envolve o relacionamento entre o oráculo de Miq. 4:1-3 e a passagem idêntica, em Isa. 2:2-4. Quase todos os intérpretes mais antigos opinavam que Miquéias tomou por empréstimo, de Isaías, esses três versículos de seu livro. A explicação é que há diferenças suficientes, dentro do contexto e na extensão dos oráculos de Isaías e de Miquéias, que nos capacitam a argumentar que ambos os profetas fizeram uso de algum oráculo «já existente», emitido por algum profeta anterior. Deve-se observar que, no livro de Miquéias, esse oráculo ajusta-se ainda melhor ao contexto do que ao livro de Isaías. Não há nenhuma dificuldade em harmonizar esse trecho de Miquéias com outros livros e passagens do Antigo Testamento. Assim Miq. 4:3 pode ser cotejado com Joel 3:10, onde o leitor verá perfeita consonância de idéias, como se elas formassem um tesouro comum dos profetas do século VIII A.C.

O terceiro problema do livro de Miquéias consiste na ocorrência da palavra «Babilônia», em Miq. 4:10. Essa passagem diz: «...agora sairás da cidade e habitarás no campo, e virás até Babilônia; ali, porém, serás libertada; ali te remirá o Senhor da mão dos teus inimigos». Essa passagem, entretanto, só constitui problema para aqueles que negam o elemento preditivo nas profecias bíblicas. Esses pensam que a menção à Babilônia indica que algum editor posterior é o autor dessas palavras (após 605 A.C., quando o poder de Nabucodonosor tornara-se evidente). Ainda outros pensam que «Babilônia» deveria ser entendida, aqui, como uma alusão à Assíria. Explicações dessa natureza alicerçam-se sobre a incredulidade, como se o Espírito de Deus não pudesse referir-se a acontecimentos futuros, dando até o nome de países e de indivíduos nessas predições. Ver a menção a *Ciro,* em Isa. 44:28 e 45:1.

VIII. Esboço do Conteúdo

A maioria dos estudiosos divide o livro de Miquéias em três seções principais, a saber:

1. Julgamentos de Yahweh contra Israel e Judá (caps. 1—3).
2. Visão de um futuro glorioso (caps. 4 e 5).
3. Controvérsia de Yahweh com seu povo e promessa de bênçãos futuras (caps. 6 e 7).

Essa é uma divisão do livro da maneira mais simples, sem entrar em detalhes. Se preferirmos um esboço do conteúdo mais pormenorizado, poderíamos pensar em algo como damos abaixo:

1. Juízo vindouro contra Israel e Judá (1:1-16)
2. Israel será restaurado, depois de ser castigado (2:1-13)
3. Denúncias contra os príncipes e os falsos profetas (3:1-12)

4. A paz e a glória vindouras de Jerusalém (4:1-13)
5. Sofrimentos de Sião e sua restauração 15:1-15)
6. Contraste entre a religião profética e a religião popular (6:1-16)
7. Corrupção social; declaração final de fé em Deus (7:1-20)

Observações sobre o Conteúdo

No seu livro, Miquéias destaca os nobres (no hebraico, *roshim), os* governantes civis (3:1—4) e os falsos profetas (3:5-7) como alvos de suas denúncias. Ele se preocupava tanto com Samaria (capital de Israel, nação do norte) quanto com Jerusalém (capital de Judá, nação do sul), onde os poderes estavam concentrados e de cujos centros fluía a injustiça para o resto dessas duas nações. Entre os pecados por ele denunciados, podemos salientar os seguintes: a idolatria, que haveria de ser destruída (1:1-7; *cf.* II Reis 16:10-19). A cobiça dos nobres, que se iam apossando dos campos dos pobres (2:2). A desconsideração para com os direitos de herança (2:4,5; cf. Lev. 25:8 *ss,* Núm. 27:11; Deu. 27:17). Até mesmo visitantes estrangeiros eram assaltados e roubados (2:8). As viúvas acabavam perdendo suas residências (2:9; ver Êxo. 22:22; Deu. 27:19; Isa. 1:17). Porém, o pior de todos os pecados denunciado por Miquéias era a prática dos sacrifícios humanos (6:7; cf. II Reis 16:3,4). Esse era um pecado que se chegou a praticar nos dias do rei Acaz, como também nos dias de Manassés, cuja subida ao trono provavelmente se verificou após o falecimento de Miquéias.

Uma das grandes características do conteúdo do livro de Miquéias é a longa passagem de 1:10-16, repleta de nomes próprios locativos. Esses nomes são muito sugestivos. Assim, Gate = cômoro; Ofra = casa de poeira; Safir = agradável; Zaanã = sair; Marote = amargo; Laquis = parelha; Aczibe = enganadora; Maressa = conquistadora. O leitor observará, na leitura desse trecho, acompanhando o sentido desses nomes próprios, que o trecho mostra que todas as expectativas de seus habitantes não se cumpririam, mas, antes, receberiam o contrário de suas melhores esperanças. Assim, enquanto os falsos profetas enchiam a cabeça dos israelitas e judaítas de esperanças vãs, Miquéias mostrou-lhes que essas esperanças não tinham razão de ser, porquanto Deus estava irado com o seu povo!

A pregação de Amós, Oséias e Isaías nos é sumariada naquela famosa declaração de Miquéias 6:8: «Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a Justiça e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus?» Se Amós era o profeta da justiça (Amós 5:24), e Oséias falava sobre a infalível misericórdia de Deus (Osé. 6:6), ao passo que Isaías invocava o povo judeu a viver cultivando a comunhão com Yahweh (Isa. 6:5), Miquéias, por sua vez, conclamava todo o povo de Israel a todos esses três deveres.

Talvez, o mais extraordinário exemplo do chamado oráculo de demanda judicial, em toda a Bíblia, encontre-se em Miq. 6:1-8. Esse tipo de oráculo, conforme vários comentadores têm observado, alicerçava-se sobre o padrão dos acordos humanos formais. Nesses acordos, os céus e a terra são invocados como testemunhas, segundo se verifica em Deu. 32:1,5; Sal. 50:4; Isa. 1:2; Eze. 6:2,3. Esse trecho de Miquéias, pois, começa como um desses pactos. O profeta invoca os montes e os outeiros, bem como os «duráveis fundamentos da terra», como testemunhas da controvérsia do Senhor «coi o seu povo». Essa contenda surgira porque o povo, em sua ignorância da vontade e das exigências do Senhor, preferia multiplicar os holocaustos, concentrar toda a sua atenção no cerimonial, e chegava até a apelar para o culto pagão como modelo, quando praticava sacrifícios humanos. Tudo isso sem perceber que o que Deus requer é a autenticidade e a santidade no íntimo com o tempero da justiça, da misericórdia e da humildade, conforme vimos no parágrafo anterior. Alias, essa é a grande lição que a humanidade inteira só aprende com imensa dificuldade, e que muitos nunca chegam a aprender. Haja vista a cristandade, cujos segmentos mais numerosos estão perdidos no atoleiro do cerimonialismo, sem jamais buscarem por aquela justiça e demais qualidades interiores, conferidas graciosamente por Deus aos arrependidos, que torna o homem aceitável diante dos olhos de Deus. Todo pregador do evangelho que se preza, pois, calcará sobre essa questão em sua pregação. Sim, «...o que o Senhor pede de ti...», ó homem?

Entre as passagens preditivas de Miquéias destacam-se os trechos de 1:3-5 e 3:12, ambos prevêem a destruição de Jerusalém; e também 4:10, que promete que Deus haveria de resgatar o seu povo, quando estivesse exilado na Babilônia. Quanto a essa última passagem, não nos devemos esquecer do profundo sentido do vocábulo «Sião», dentro dos contextos de restauração. Em passagens assim, Sião é mais que Jerusalém, é mais que a nação de Israel—é o povo remido escatológico, composto por judeus e gentios penitentes, igualmente. Está em pauta, nessa passagem, o nascimento da nova humanidade, moldada à imagem de Cristo. Isso fica claramente anunciado nas primeiras palavras desse versículo: «Sofre dores e esforça-te, ó filha de Sião, como a que está para dar à luz...» Com isso devemos comparar o que ensinou o apóstolo dos gentios, no Novo Testamento: «Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade... então se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória.» (I Cor. 15:53 e 55). Naturalmente, a aplicação primária da predição é ao exílio babilônico que Judá estava prestes a sofrer; mas o profeta olhou também para um cumprimento maior e mais distante, quando, na infinita misericórdia de Deus, dentro do contexto da restauração de Israel, o Senhor houver de dar-nos a vitória definitiva! «Porque, se o fato de terem sido eles (os judeus) rejeitados trouxe reconciliação ao mundo, que será o seu restabelecimento (restauração), senão vida dentre os mortos?» (Rom. 11:15).

Resta-nos uma palavra sobre Miq. 5:2. É que alguns estudiosos têm opinado que a menção a Belém deveria, talvez, ser interpretada como uma alusão à dinastia davídica, e não à cidade de Belém, como uma localidade. No entanto, o cumprimento dessa notável predição (ver Mat. 2:4 *ss)* não envolveu a dinastia de Davi, antes, o que estava em foco era o *local* do nascimento do Rei dos judeus! Portanto, deve-se interpretar literalmente a menção a Belém da Judéia, «Belém Efrata», conforme disse Miquéias.

MIRIÃ

No hebraico, «obstinação», «rebeldia». Nome de duas personagens bíblicas, e, naturalmente, o nome próprio por detrás do comuníssimo nome *Maria.* No Novo Testamento, oito mulheres são chamadas pelo nome de Maria, o que nos autoriza a dizer que, nos dias do Novo Testamento, esse nome se tornara muito popular.

1. A irmã de Moisés e Aarão, filha de Anrão e Joquebede.

a. *Primeira Menção.* Ver Êxo. 15:20,21. Ela liderou o coro de mulheres do Cântico de Moisés, por ocasião da travessia do mar Vermelho, após o êxodo. Essa é a primeira vez em que é chamada por nome; mas, em Êxo. 2:3 *ss,* ela é descrita a vigiar a arca que sua mãe preparara para o bebê Moisés. Isso foi feito a fim de salvar a vida do menino, visto que o Faraó ordenara que todos os recém-nascidos do sexo masculino, entre os hebreus, fossem mortos, pois temia que a multiplicação dos hebreus fosse prejudicial ao Egito, posteriormente.

b. *Dom Profético.* Ela foi a primeira pessoa, da família de Moisés, acerca de quem é dito que possuía o dom de profecia. Ela é chamada de *profetisa* em Êxo. 15:20,21.

c. Rebeldia de Miriã. Tanto Aarão quanto Miriã tiveram ciúmes do supremo poder de Moisés, mas foi Miriã quem teve a coragem de vir a público. De fato, ela instigou uma franca rebelião contra Moisés. Ela se opôs a Moisés, em Hazerote, porque ele tomara para si uma esposa da raça de Cuxe (Núm. 12:1). Porém, a oposição envolvia mais do que isso, e a inveja também atuava (Núm. 12:2). Yahweh vindicou Moisés (ver Núm. 12:4 *ss),* e Miriã foi punida, ficando leprosa.

d. *Cura de Miriã.* Aarão não se conformava em deixar a questão nesse pé, pelo que intercedeu vigorosamente diante do Senhor, a fim de que ela fosse curada da lepra (ver Núm. 12:11,12), rogo esse que lhe foi concedido. Apesar disso, Miriã foi compelida a permanecer

fora do acampamento de Israel por sete dias, após ter sido purificada da lepra, a fim de que tivesse tempo para considerar o que lhe sucedera, e tivesse melhores atitudes dali por diante.

e. *Uma Lição Objetiva.* Esse acontecimento proveu uma lição objetiva para o povo de Israel, no tocante à autoridade de Moisés. Naturalmente, a ocorrência envolve ainda uma outra importante lição. Pois, embora Miriã tivesse errado gravemente, ela também foi alvo de significativa graça. Onde ficaríamos, todos nós, sem a graça de Deus? Moisés, em outra oportunidade, lembrou o castigo imposto a Miriã, diante dos ouvidos de todo o povo, não muito antes de sua própria morte; e isso nos permite perceber que o ocorrido serviu para ilustrar uma lição durante longo tempo. Ver Deu. 24:9.

f. Apesar desse problema e dos erros que cometeu, muito tempo depois ela era lembrada como uma das grandes líderes de Israel, durante o tempo do êxodo e subseqüentes vagueações pelo deserto (ver Miq. 6:4).

g. *Morte de Miriã.* Miriã faleceu perto do fim das vagueações de Israel, em Cades, e foi sepultada ali (ver Núm. 20:1). Isso sucedeu em cerca de 1401 A.C. Nos dias de Jerônimo, o túmulo de Miriã era mostrado perto de Petra, embora ninguém sabia se o local era autêntico. Josefo informa-nos que ela era casada com Hur, pelo que foi a avó do arquiteto e artífice Bezeleel. Ver *Anti.* 3:2.

h. *De Miriã a Maria.* Na Septuaginta, o nome dela é grafado como *Mariam,* de onde veio a tornar-se *Maria,* no grego, e daí tornou-se um popularissimo nome feminino, em muitos idiomas.

2. Uma descendente de Judá, através de Calebe, também era chamada por esse nome. Ver I Crô. 4:16. O texto não deixa claro, porém, se a pessoa em foco era do sexo masculino ou do sexo feminino, e seus pais não são mencionados. Unger opina estar em foco o primeiro dos filhos de Merede, da família de Calebe, por meio de Bitia, filha do Faraó. *A Revised Standard Version,* em inglês, altera o versículo em foco, tomando a última metade do versículo dezoito e inserindo-a antes da última metade do versículo dezessete, dando assim a entender que Merede e Bitia foram os pais de Miriã, bem como de duas outras pessoas mencionadas. Alguns estudiosos interpretam o versículo dezessete como se desse a entender que Miriã era um dos filhos de Esdras. Parece não haver como deslindar esses informes a ponto de termos certeza sobre como se deve interpretar a questão.

MIRMA

No hebraico, «engano», «logro». Nome do último dos sete filhos de Saaraim e Hodes. Ele era benjamita, e nasceu em Moabe, em cerca de 1440 A.C. Ver I Crô. 8:10.

MIRRA

1. *Descrição Geral*

A *mirra* é uma pequena árvore, um arbusto espinhento. Ela produz pequenos frutos, semelhante à ameixa. A goma, que era o produto cobiçado dessa planta, exsudava naturalmente de seus ramos. Também, qualquer incisão artificial, feita na planta, produz um ponto de emissão da goma. A sua seiva é oleosa, mas, ao gotejar em algum receptáculo que a recolha, solidifica-se. O óleo de mirra era usado como um cosmético. Ver Est. 2:12. Lê-se, em Apo. 18:11, que os negociantes do futuro haverão de lamentar pela perda da mirra, como um dos produtos que se perderam na destruição da cidade de Babilônia—Roma—o que nos mostra que até o fim a mirra será um dos artigos do comércio.

2. *A Substância*

A mirra é uma exsudação de certas plantas arbustivas, como a *Commiphora myrra* e a *commiphora kataf,* que são encontradas na Arábia, em certas regiões da África, e em outros lugares. A mirra era usada como perfume, para untar (ver Eze. 30:32,33), além de ser empregada como ungüento, por ocasião dos sepultamentos. Ver João 19:39.

3. *No Antigo Testamento*

A palavra hebraica correspondente *é mor,* que ocorre por doze vezes no Antigo Testamento: Êxo. 30:23; Est. 2:12; Sal. 45:8; Prov. 7:17; Can. 1:13; 3:6; 5:6,14; 5:1,5,13. Além disso, nossa versão portuguesa traduz também como «mira», mas equivocadamente, uma outra palavra hebraica, *lot,* que já se refere ao ládano, uma goma-resina extraída, principalmente, do xisto de Creta. Ver Gên. 37:25 e 43:11. A mirra era usada, no Antigo Testamento, principalmente na perfumaria. Era um dos ingredientes usados no óleo santo das unções (Êxo. 30:23).

4. *No Novo Testamento*

A mirra foi um dos presentes que os *magos* (vide) trouxeram ao menino Jesus (ver Mat. 2:11). Aí já temos a palavra grega *smúrna,* que também figura em João 19:39, por ocasião da preparação do corpo de Jesus para o seu sepultamento. Os presentes trazidos pelos magos foram ouro, incenso e mirra. Alguns intérpretes têm procurado encontrar um símbolo para cada um desses materiais: o ouro representaria o caráter real de Jesus; o incenso falaria de seu ofício sumo sacerdotal; e a mirra serviria de emblema de seus sofrimentos e de sua morte. Ainda outras significações simbólicas têm sido emprestadas a esses itens, ainda que o mais certo é que fossem apenas artigos dispendiosos, próprios para serem oferecidos a Quem foi chamado de «o Rei dos judeus» (Mat. 2:2), mas destituídos de qualquer significado simbólico. Seja como for, a mirra foi um dos ingredientes usados por ocasião da unção de Jesus, segundo o relato de João 11:2. Estando ele crucificado, foi-lhe oferecida uma mistura de vinho com mirra, pelo menos de acordo com certas traduções (o grego original diz *cholé,* «fel», conforme também se vê em nossa versão portuguesa; Mat. 27:34). Essa mistura tinha o propósito de amortecer as dores excruciantes, pois emprestava uma espécie de torpor. Mas Jesus não quis sorver a mistura. Finalmente, a mirra foi usada por ocasião da preparação do corpo de Jesus para o sepultamento, sobre o que já falamos. Esse processo não era, realmente, um embalsamamento, que já exigiria a retirada das entranhas do cadáver, e era um processo demorado, e nada disso sucedeu ao corpo de Jesus. Além disso, os judeus não embalsamavam os seus mortos, conforme faziam os antigos egípcios. José de Arimatéia usou um composto de mirra e aloés (cerca de 45 kg), com o qual envolveu o corpo de Jesus Cristo, e então envolveu tudo com faixas ou lençóis. Ver João 19:39 e 20:5-7.

MISÃ

No hebraico, «purificação» ou «movimento rápido». Nome de um benjamita, filho de Elpaal. Elpaal foi um daqueles que ajudaram a construir e restaurar Ono e Lode (I Crô. 8:12). Viveu em torno de 1400 A.C.

MISAEL

No hebraico, «Quem é o que Deus é?» ou, então, «Quem é como Deus?» Esse foi o nome de três personagens do Antigo Testamento:

1. O primeiro dos filhos de Uziel a ser chamado por nome; Uziel era irmão de Anrão, pai de Moisés. Portanto, ele era primo de Moisés. Ver Êxo. 6:22. Moisés ordenou-lhe que transportasse os cadáveres de Nadabe e Abiú, depois do pecado e da morte deles (Lev. 10:4). Isso ocorreu por volta de 1439 A.C.

2. Um ajudante de Esdras, que se postou à sua esquerda, enquanto ele lia a lei diante dos israelitas, depois que o remanescente voltou do cativeiro babilônico e renovou o pacto com Yahweh (ver Nee. 8:4). Doze homens levantaram-se juntamente com Esdras, ou levitas ou leigos. Esse homem também é mencionado em I Esdras 9:44.

3. Misael foi um dos três jovens hebreus treinados juntamente com Daniel, na Babilônia. Passou a ser considerado um dos honrados mágicos do reino (ver Dan. 1:6,11,19). Esses três jovens hebreus ajudaram Daniel a encontrar a solução para o sonho esquecido de Nabucodonosor, o que é mencionado em Dan. 2:17. Posteriormente, os três foram utilizados na administração do governo da Babilônia

(ver Dan. 3:13). Ainda mais tarde, em face de sua persistência em favor da fé dos hebreus, e recusa de transigirem diante do paganismo, os três foram lançados na fornalha aquecida sete vezes mais, mas foram miraculosamente preservados. Então, foram promovidos por decreto real (ver Dan. 3:13-30). Isso ocorreu por volta de 586 A.C.

MISERICÓRDIA (MISERICORDIOSO)

Esboço:

I. Palavras Envolvidas
II. Definições
III. Na Ética Cristã
IV. Referências e Idéias Bíblicas
V. Uma Virtude Cultivada pelo Espírito

I. Palavras Envolvidas

A palavra portuguesa **misericórdia** vem do latim *merces, mercedis*, «pagamento», «recompensa», que veio a ser associada às recompensas divinas, ou seja, aos atos de compaixão celeste.

No Antigo Testamento temos três palavras que devem ser consideradas:

1. *Hesed,* que aponta para a idéia da sede física da compaixão, e que leva o indivíduo a sentir e exprimir compaixão. Ver Sal. 23:5; Jos. 2:12-14; Jer. 3:13, para exemplificar. Essa sede da compaixão eram as *entranhas* (modernamente atribuímos isso ao «coração») ou *o ventre* (ver Gên. 43:30; I Reis 3:26). É daí que se originam o amor e a misericórdia naturais, que se podem achar nos membros de uma mesma família, uns pelos outros, e que o homem espiritual é capaz de ampliar, envolvendo seus parentes distantes e outras pessoas. Deus estende a sua misericórdia a todas as criaturas vivas, sendo esse o alvo mesmo da espiritualidade, no tocante a esse aspecto. Uma mãe sente compaixão por seu bebê (ver Isa. 49:15); um pai por seu filho (ver Jer. 31:20); um amante por seu objeto amado (ver Osé. 2:19); um irmão por seu irmão (ver Amós 1:11).

2. *Rhm,* uma raiz hebraica que descreve as atitudes de Deus em relação à miséria e desgraça de seu povo, ou seja, a compaixão que isso provoca nele. O vínculo que une Deus às suas criaturas, leva-o a expressar compaixão para com todos os seres vivos. Até mesmo aqueles que nada merecem da parte dele recebem misericórdia (ver Isa. 13:18; Jer. 6:23; 21:7; 42:12; I Reis 8:50). Um aumentativo plural dessa raiz, *rachamim,* fala sobre a piedade, a compaixão, o amor e as emoções associadas (ver Sal. 103:4). Na verdade, *hesed* e *rachamim* são sinônimos virtuais.

3. A raiz hebraica *chnn* é usada para indicar a exibição de favor e misericórdia, de alguém mostrar-se gracioso para com outrem. Ver Deu. 7:2; Sal. 57:1; 123:2,3. A forma substantivada dessa raiz é *chen,* «favor», «sucesso», «aceitação», «fortuna». Essa palavra também aponta para a idéia de sentir compaixão, de poupar à pessoa favorecida, de não aplicar nenhum castigo a ela. O trecho de Deu. 7:2 diz que Israel não deveria poupar seus adversários; não obstante, Deus poupa a todos nós, pois os resultados da aplicação de sua justiça seriam desastrosos para com todos nós. Ver Lam. 3:22.

No Novo Testamento também precisamos considerar três vocábulos, a saber:

1. *Éleos,* «misericórdia», «compaixão». Essa palavra grega ocorre por vinte e sete vezes: Mat. 9:13 (citando Osé. 6:6); 12:7; 28:23; Luc. 1:50,54,58,72,78; 10:37; Rom. 9:23; 11:31; 15:9; Gál. 6:16; Efé. 2:4; I Tim. 1:2; II Tim. 1:2,16,18; Tito 3:5; Heb. 4:16; Tia. 2:13; 3.17; I Ped. 1:3; II João 3; Jud. 2,21. A forma *eleemosúne* aparece por treze vezes: Mat. 6:2-4; Luc. 11:41; 12:33; Atos 3:2,3,10; 9:36; 10:2,4,31; 24:17. O verbo, *eleéo,* figura por vinte e nove vezes: Mat. 5:7; 9:27; 15:22; 17:15; 18:33; 20:30,31; Mar. 5:19; 10:47,48; Luc. 16:24; 17:13; 18:38,39; Rom. 9:15 (citando *Êxo.* 33:19); 9:16,18; 11:30-32; 12:8; I Cor. 7:25; II Cor. 4:1; Fil. 2:27; I Tim. 1:13,16; I Ped. 2:10; Jud. 22,23. O adjetivo *eleémon* ocorre por duas vezes: Mat. 5:7 e Heb. 2:17. A idéia de misericórdia está sempre relacionada à idéia de «graça» (no grego, *cháris).*

2. *Oiktirmós,* «simpatia», «compaixão». Essa palavra grega, que se refere às simpatias e interesses coletivos de Deus pelos homens, aparece por cinco vezes: Rom. 12:1; II Cor. 1:3, Fil. 2:1; Col. 3:12 Heb. 10:28. Sua forma adjetivada, *oiktirmon,* foi usada por duas vezes: Luc. 6:36 e Tia. 5:11. O verbo, *oikeiro,* aparece só por duas vezes: Rom. 9:15 (citando Êxo. 33:19).

3. *Splágchna, «entranhas»,* está metaforicamente envolvida à idéia de misericórdia. Essa palavra grega aparece por onze vezes: Luc. 1:78; Atos 1:18; II Cor. 6:12; 7:15; Fil. 1:8; 2:1; Col. 3:12; File. 7,12,20; I João 3:17. O verbo, *splagchnízomai,* aparece por doze vezes: Mat. 9:36; 14:14; 15:32; 18:27; 20:34; Mar. 1:41; 6:34; 8:2; 9:22; Luc. 7:13; 10:33; 15:20.

II. Definições

A misericórdia é o ato de tratar um ofensor com menor rigor do que ele merece. Trata-se do ato de não aplicar um castigo merecido, mas também envolve a idéia de dar a alguém algo que não merece. Pode referir-se a atos de caridade ou de cura. Também aponta para o ato de aliviar o sofrimento, inteiramente à parte da questão de mérito pessoal. Quando chega à idéia de favor desmerecido, então, já se torna um sinônimo da palavra «graça». Alguém já declarou que a *misericórdia* retém o julgamento que um homem merece; que a graça outorga alguma bênção que esse homem não merece. De fato, algumas vezes pode ser feita essa distinção, mas, na major parte dos casos, os dois conceitos justapõem-se. Por conseguinte, a misericórdia pode indicar benevolência, benignidade, bênção, clemência, compaixão e favor.

A misericórdia é uma «atitude de compaixão e de beneficência ativa e graciosa expressa mediante o perdão calorosamente conferido a um malfeitor. Apesar de ser uma atitude apropriada somente a um superior ético, não denota condescendência, e, sim, amor, desejando restaurar o ofensor e mitigar, se não mesmo omitir, o castigo que esse ofensor merece. Na Bíblia, a misericórdia de Deus é oferecida gratuitamente, uma expressão não-constrangida de amor, sem qualquer mácula de preconceito, aberta a todos os homens, dignos e indignos igualmente. A teologia cristã não considera a misericórdia divina como incompatível com os seus justos julgamentos, mas considera ambas as coisas como expressões vivas de seu amor, conforme o mesmo é revelado em Cristo, cuja morte expiatória reconcilia as exigências da justiça divina com as misericórdias divinas» (E).

«É evidente que a misericórdia combina um forte elemento emocional, usualmente identificado com a compaixão, a piedade ou o amor, com alguma demonstração prática de gentileza ou bondade, em resposta à condição ou às necessidades do objeto da misericórdia» (Z)

III. Na Ética Cristã

1. *Deus é o exemplo* que devemos seguir. Sua misericórdia abarca a todos os seres humanos, e ninguém é tido como merecedor de qualquer coisa. Assim, também a misericórdia humana é uma qualidade espiritual que procura aliviar o sofrimento humano e retém a vingança e os atos de retaliação. «Dentro da ética cristã, a misericórdia, em um homem, faz parte da justiça do reino, como um reflexo da misericórdia divina, onde aquela encontra seu modelo e inspiração. A misericórdia de Deus também é salientada na teologia judaica e maometana, mas tudo se deriva dos ensinamentos bíblicos» (E).

2. *Bultmann tinha razão* quando falava na misericórdia como a qualidade da *fidelidade na ajuda.* Quando os homens se dedicam a Deus, quando têm uma lealdade que corresponde à correta espiritualidade, então eles agem misericordiosamente. A própria salvação alicerça-se sobre a misericórdia divina (Êxo. 34:6; Luc. 1:58; Efé. 2:4; Tito 3:5). A espiritualidade do crente está baseada na regeneração que produz a salvação, pelo que a misericórdia é uma qualidade espiritual que caracteriza aqueles que são verdadeiramente justos.

3. *A misericórdia sempre mitiga e condiciona a justiça.* Não existe tal coisa como a *justiça crua,* despida de misericórdia. No primeiro e segundo capítulos da epístola aos Romanos, Paulo concebe a justiça

crua, mediante a qual vê a condenação de todos os homens, mesmo sem que eles tenham ouvido a mensagem de Cristo. Nisso consiste a *justiça crua,* sem o tempero da misericórdia e do amor. Infelizmente, alguns teólogos têm usado esses capítulos, com exclusão de tudo o mais que o Novo Testamento ensina a respeito, como texto de prova de que a misericórdia e a graça de Deus não se estendem para além da morte física do indivíduo. Porém, do terceiro capítulo de Romanos em diante, Paulo mostra-nos que, na realidade, o evangelho intervém, de tal modo que a justiça crua não é aplicada. Em vez disso, manifesta-se abundante misericórdia divina. Ademais, o relato da descida de Cristo ao hades mostra-nos que a misericórdia e a graça divinas têm feito provisão até mesmo em favor das almas perdidas no hades, um lugar de julgamento. Mas, isso é exatamente o que poderíamos esperar de um Deus de amor, de graça e de misericórdia. Desse modo, a missão de Cristo afeta *três* dimensões: a dimensão terrena, a celeste e a do hades. É entristecedor que na Igreja atual (especificamente na Igreja ocidental), esteja sendo pregado um evangelho de apenas *uma ou duas* dimensões. Porém, visto que Deus age com tanta misericórdia em favor dos homens, faz parte da responsabilidade dos homens tratarem-se com idêntica misericórdia. Ver I Ped. 3:18—4:6 e o artigo chamado *Descida de Cristo ao Hades.* «De graça recebestes; de graça dai».

4. *Uma divina arbitrariedade* fica entendida em Rom. 9:15. Ver o artigo sobre o *Voluntarismo.* Todavia, essa não é a base da teologia paulina, embora ele tenha usado esse conceito, dentro de sua argumentação. Seja como for, o voluntarismo reflete uma teologia capenga, sem importar quem a tenha utilizado, e sem importar com que razão o tenha feito. Por semelhante modo, o homem não deve usar de misericórdia de maneira arbitrária. O amor de Deus é mais poderoso do que o voiuntarismo.

5. *O Teísmo.* Deus leva a sério os atos humanos. Ele recompensa e castiga; ele intervém. Esse é o ensino do *teísmo* (vide). O deísmo, em contraste, ensina que Deus abandonou a sua criação e a deixou aos cuidados das leis naturais. Ele não faria intervenção, e nem recompensaria e nem castigaria aos homens. Na verdade, os atos divinos são permeados pela misericórdia, pois, sem esse fator, seriam impossíveis o bem-estar e a salvação dos homens. A misericórdia, pois, é a pedra fundamental do conceito do teísmo.

6. *O julgamento e a justiça* não são conceitos contrários ao da misericórdia. De fato, as duas coisas são sinônimas quando compreendidas pelo ângulo certo. Deus julga a fim de mostrar sua misericórdia, em última análise. Na realidade, os juízos divinos são atos de misericórdia, que alcançam resultados benévolos. A *cruz* do Calvário foi um julgamento divino contra o pecado; mas dali manou a salvação dos homens. O trecho de I Ped. 4:6 mostra-nos que o próprio julgamento será remedial, e não apenas penal.

7. *O cumprimento da lei do amor* inclui atos de misericórdia, sendo esse o nosso principal conceito ético. O amor é a prova da existência e da qualidade da espiritualidade (I João 4:7 *ss).*

IV. Referências e Idéias Bíblicas

O material acima oferece muitos ensinamentos e referências bíblicas sobre a misericórdia. Neste ponto, limitamo-nos a dez declarações que ilustram essa doutrina:

1. Deus é o grande exemplo de misericórdia (Luc. 6:36).

2. As Escrituras mandam que usemos de misericórdia (II Reis 6:21; Osé. 12:6; Rom. 12:20,21).

3. A misericórdia deve ser gravada em nossos corações, tornando-se uma parte integrante de nossa natureza espiritual (Pro. 3:3).

4. A misericórdia deve ser uma das características dos santos (Sal. 37:26).

5. Neste mundo, Jesus foi o exemplo supremo do exercício da misericórdia, fazendo parte integral de sua missão salvatícia (Mat. 11:29,30; Luc. 1:78; Tito 3:5).

6. A misericórdia divina é grande (Núm. 14:18; Isa. 54:7); multifacetada (Lam. 3:32); abundante (I Ped. 1:3) e certa (Isa. 55:3; Miq. 7:20).

7. A misericórdia de Deus enche a terra (Sal. 119:64).

8. A misericórdia divina é a base de nossa esperança (Sal. 130:7).

9.A misericórdia divina deve ser magnificada por nós (I Crô. 16:34; Sal. 115:1; Jer. 33:11).

10. Ela é tipificada no *propiciatório* (vide) (Êxo. 25:17), sendo ilustrada nas vidas de Ló (Gên. 19:16,19), de Epafrodito (Fil. 2:27) e de Paulo (I Tim. 1:13).

V. Uma Virtude Cultivada pelo Espírito

A qualidade da *misericórdia* não é especificamente alistada em Gál. 5:22,23 como um dos aspectos do fruto do Espírito; porém, é uma virtude similar a outras que ali figura, devendo ser incluída entre elas. Para exemplificar, é similar ao amor, à bondade e à benignidade, sendo uma daquelas *coisas* contra as quais não há lei. Assim sendo, a misericórdia também é cultivada em nós pelo Espírito Santo, não podendo ser possuída em qualquer grau apreciável a menos que se tenha devolvido como um cultivo espiritual, na vida do crente. Os meios do crescimento espiritual produzem a qualidade da misericórdia em uma pessoa remida. Ver os artigos intitulados *Maturidade* e *Desenvolvimento Espiritual, Meios* de, onde se mostra como a espiritualidade deve ser cultivada.

MISGABUE (FORTALEZA)

No hebraico, «altura», «alto». Alguns interpretam como «fortaleza». Esse nome talvez seja um apelativo alternativo para Quir Moabe, capital de Moabe (ver Jer. 48:1). Mas outros afiançam que está em foco Mispa de Moabe (I Sam. 23:3). Esse nome, contudo, poderia ser uma designação geral para as terras altas de Moabe (Isa. 25:12). A Revised Standard Version, em inglês, diz «fortaleza», de onde certamente se deriva a tradução «fortaleza», que aparece em nossa versão portuguesa.

MISHINA

Ver o artigo geral sobre o **Talmude**. A raiz hebraica envolvida nesse nome é *shanah,* «ensino». A Mishna é a primeira parte ou texto do Talmude. Consiste em tradições orais e comentários sobre o Pentateuco, compilados por Judá, o Patriarca (cerca de 135-220 D.C.). Essa obra também é chamada *ha-Nasi ou ha-Kadosh.* A compilação desse material ocorreu em cerca de 210 D.C. O autor dispunha de trabalhos similares anteriores. Apesar da Mishna ter sido reduzida a uma forma unificada no começo do século III D.C., ela incorporou muitas regras que antecediam à era cristã. Judá, o Patriarca, preparou essa obra a fim de pôr ponto final ao caos e à confusão que havia na lei judaica, devido ao surgimento de coletâneas rivais das leis, práticas e ritos judaicos, nenhuma delas tinha maior autoridade que as demais. Ele foi extremamente bem-sucedido nesse propósito, visto que era um erudito de considerável habilidade, e assim produziu o que foi considerado uma obra autoritária. O fato de que ele também foi um notório líder espiritual de sua época também deve ter contribuído para garantir o sucesso de seu labor literário.

A classificação do material, dentro dessa obra, é significativa. Na Bíblia, rito e jurisprudência não são distinguidos um do outro, e, com freqüência, aparecem lado a lado. A Mishna, por outra parte, arranjou o material em seis ordens, que, por sua vez, são subdivididas em tratados. As ordens são as seguintes: 1. leis agrícolas; 2. o sábado e as festas religiosas; 3. leis domésticas; 4. jurisprudência ou leis civis e criminais; 5. leis do templo e dos sacrifícios; 6. leis referentes à impureza.

Apesar dessa obra ter sido escrita em hebraico, contém certo número de palavras gregas, latinas e aramaicas, bem como um número regular de expressões idiomáticas em aramaico.

A segunda porção do Talmude é a *Gemara* (vide).

A Lei Oral. As tradições que vieram a ser registradas na Mishna eram altamente consideradas pelos fariseus, constituindo uma lei oral que, supostamente, foi entregue a Moisés da parte de Deus. Alegadamente, de Moisés teria passado para Josué. Dali, presumivelmente, teria passado para os anciãos de Israel; e dos

anciãos para os profetas; e dos profetas para os homens da grande sinagoga. Entretanto, os saduceus rejeitavam essa tradição e suas implicações, e atinham-se ao Pentateuco escrito quanto à sua autoridade. Não obstante, eles respeitavam e faziam vigorar muitas coisas que dependiam dessas tradições que, finalmente, vieram a fazer parte integrante do Talmude.

MISHNEH (CIDADE BAIXA DE JERUSALÉM)

Esse era o nome de certa porção da cidade de Jerusalém, aparentemente localizada não distante da Porta do Peixe (ver II Reis 22:14; II Crô. 34:22). A Revised Standard Version diz «Second Quarter». Nossa versão portuguesa diz «Cidade Baixa de Jerusalém». A interpretação sobre Mishneh está ligada à suposição de que Ezequias, ao construir «o outro muro por fora» (II Crô. 32:5), fez a segunda muralha, ao norte. No entanto, parece haver poucas evidências a esse respeito, e a palavra «outro», que aparece nessa citação, pode referir-se ao distrito da cidade que havia na colina ocidental, ou, talvez, à própria colina, e não a uma segunda muralha. A interpretação da questão envolve outro trecho bíblico, isto é, Sofonias 1:10, onde nossa versão portuguesa também fala em «Cidade Baixa». Também está envolvido o Targum de Jônatas sobre II Reis 22:14, onde há uma combinação equivocada com a Mishna, o bem conhecido código de leis do segundo século D. C. Ver o artigo sobre a *Mishna*.

MISMA

No hebraico, «fama», «relatório». Esse foi o nome de duas personagens que aparecem nas páginas do Antigo Testamento:

1. Um simeonita, filho de Mibsã (I Crô. 4:25,26). Viveu em cerca de 1053 A.C. Esse texto fala em descendentes que não foram incluídos na passagem de Gên. 46:10, provavelmente porque Mibsã e Misma nasceram depois que Jacó e sua família mudaram-se para o Egito.

2. O quinto filho de Ismael, que se tornou cabeça de um clã árabe (Gên. 25:14; I Crô. 1:30). Talvez o nome sido preservado no lugar chamado *Jebel Misma*, localizado entre Damasco e Jarife, ou, então, em um local com o mesmo nome, cerca de duzentos e quarenta quilômetros a leste de Taima.

MISMANA

No hebraico, «forças», «gordura», «vigor». Nome de um homem gadita que se aliou a Davi, em Ziclague, quando este fugia de Saul. Ver I Crô. 12:10. Isso sucedeu em torno de 1061 A.C. Posteriormente, Mismana tornou-se oficial do exército de Davi.

MISPA

No hebraico, «torre de vigia». Esse é o nome de várias localidades mencionadas no Antigo Testamento. Também serve como substantivo do sentido dado, sem designar qualquer lugar específico, ou seja, qualquer torre de vigia era uma *mizpah*. Seis são as localidades com esse nome:

1. Esse foi um dos três nomes dados ao memorial erguido por Jacó, como testemunha do pacto estabelecido com Labão (Gên. 31:49). Labão chamou-o segundo o idioma arameu, de *Jegar-Saaduta;* mas Jacó chamou-o de *Galeede,* conforme o idioma cananeu. Ambos esses nomes, ao que tudo indica, significam «montão (de pedras) de testemunho», visto que aquele memorial consistia em um monte de pedras. O acordo é que nem Jacó e nem Labão ultrapassariam daquele marco, com o propósito de atacar o outro. Esse monumento foi levantado em Gileade, a leste do rio Jordão. Posteriormente, tornou-se conhecido como «torre de vigia» (no hebraico, *mizpah).* Não se conhece o local exato hoje em dia, embora, presumivelmente, não fique distante do ribeiro do Jaboque, um tanto mais para o norte.

2. Nome de uma cidade onde residia o juiz Jefté (Juí. 10:11—11:40). Esse lugar era chamado Mispa de Gileade. Foi ali que os israelitas reuniram-se, sob a liderança do Jefté, para guerrearem contra os filhos de Amom (ver Jos. 10:17; 11:11). Esse lugar tem sido identificado com Ramate-Mispa, no território de Gade (ver Jos. 13:26).

3. Havia uma cidade de nome Mispa, em Moabe (I Sam. 22:3). Davi levou seus pais até aquele lugar, como medida de segurança, quando fugia de Saul. Visto que Quir de Moabe (atualmente chamada Queraque) era a capital de Moabe, naquela época, alguns pensam que Mispa era outro nome de Quir. A etimologia da palavra, «torre de vigia», ajusta-se a Quir. Esse lugar podia ser atingido facilmente por quem partisse de Belém, atravessando o rio Jordão perto de sua desembocadura no mar Morto.

4. Um lugar com esse nome também existia a oeste do rio Jordão, mencionado em Jos. 11:3. Sabemos que ficava no extremo norte da Galiléia. Os principais habitantes da região eram os heveus. Mas a localização desse lugar permanece incerta.

5. No território de Judá também havia uma Mispa (Jos. 15:38). Parece que ficava perto da fortaleza de Laquis, embora se desconheça sua localização exata. Ficava no distrito da Sefelá, um trecho de terras baixas marítimas. Tem sido identificada com o Tell es-Safiye, o mesmo lugar chamado *Blanchegarde,* no tempo das cruzadas.

6. Talvez a mais importante cidade bíblica chamada Mispa era aquela localizada no território de Benjamim (Jos. 18:26). Não foi ainda absolutamente identificada. Alguns opinam que corresponde à Nebi Samwil, mas outros pensam no Tell en-Nasbeh. Este último parece contar com mais sólidas evidências, ajustando-se à etimologia de Mispa, com seus elevados picos montanhosos, que dão frente para o vale de Aijalom, a melhor rota que se pode tomar entre as costas do mar Mediterrâneo e o vale do Jordão. Josué usou esse caminho em sua conquista da Palestina. Os outros lugares mencionados eram bastante vulneráveis, e precisavam dispor de grandes muralhas defensivas.

Episódios bíblicos associados a Mispa. O trecho de I Sam. 7:1-14 fala sobre um grandioso culto religioso efetuado ali, quando a área da aliança foi devolvida a Israel. Essa memorável ocasião causou muita emoção em Israel, e a ocasião mostrou ser apropriada para a renovação de votos de intenção espiritual. O rei Asa, de Judá, fortificou-a devido aos ataques desfechados por inimigos (ver I Reis 15:22; II Crô. 16:6; Jer. 41:9). Após a destruição de Jerusalém, tornou-se a residência do superintendente nomeado pelo rei da Babilônia (ver Jer. 40:7). Depois que o remanescente judeu voltou do cativeiro babilônico, o local foi novamente ocupado por hebreus (ver Nee. 3:8,15,19). Foi também o palco de uma importante assembléia, nos dias de Judas Macabeu, quando este convocou os homens de Judá para orarem e tomarem conselho (ver I Macabeus 3:46).

Escavações Arqueológicas. As explorações dos arqueólogos, nesse lugar, têm revelado que o mesmo vinha sendo ocupado pelo menos do começo da era do Bronze, e daí, continuamente, até o período dos Macabeus. Vieram à luz provas das fortificações construídas por Asa. Alças de jarras, com inscrições, estampavam as letras MSH e MSP, e estas últimas sugerem *Mispa.*

MISPAR

No hebraico, «escrita». Nome de um israelita que voltou do cativeiro babilônico, junto com Zorobabel. Ver Esd. 2:2 e I Esdras 5:8. Ele viveu por volta de 538 A.C. Em Nee. 7:7 ele é chamado Misperete.

MISPERETE

No hebraico «escrita». Trata-se do mesmo homem que é chamado Mispar em Esd. 2:2. A forma Misperete aparece em Nee. 7:7. Ver sobre *Mispar.*

MISRAEUS

Esse nome foi aplicado aos habitantes de um lugar fundado por uma das quatro famílias de Quiriate-jearim (ver I Crô. 2:53). Essa é a única referência bíblica direta aos misraeus. Usualmente, os estudiosos pensam que Quiriate-Jearim, cujo pai (ou fundador) foi Sobal (vs. 52), veio a ser o nome de uma cidade, e que as quatro famílias

aludidas eram suas colônias. Essa opinião é provável, embora não haja certeza a respeito. Com freqüência, nomes de pessoas tornavam-se nomes de cidades. Dois casos que provam isso são *Efrata* (Gên. 35: 15,19; comparar com I Crô. 2:19) e Hebrom (I Crô. 2:42,43). Sobal, que aparece como *pai* daquele lugar, portanto, teria sido o seu *fundador. Seus filhos* reais, teriam sido Sobal, Salma e Harefe. E os demais nomes próprios que aparecem no trecho são nomes locativos, e não pessoais. «Os filhos de Hur, primogênito de Efrate, foram: Sobal, pai de Quiriate-Jearim, Salma, pai dos belemitas, e Harefe, pai de Bete-Gader» (I Crô. 50,51).

MISRAIM

Esse era o nome comum pelo qual os hebreus designavam o *Egito.* O Mizraim original era filho de Cão (Gên. 10), e, presumivelmente, o remoto antepassado dos egípcios. A origem e o significado de Mizraim (confirmado por tabletes escritos de Ugarite e de Tell el-Amarna, século XIV A.C.) são obscuros, embora alguns pensem que venha do egípcio *imdr,* «fortificação». Outros supõem que essa palavra está no número dual, referindo-se, originalmente, aos dois Egitos, o Alto e o Baixo. A forma singular dessa palavra, *masor,* acha-se somente em II Reis 19:24; Isa. 19:6; 37:25 e Miq. 7:6.

Fatos a Observar:

1. Quando se refere a uma pessoa, esse nome alude ao segundo filho de Cão. Mizraim foi progenitor dos ludins, anamins, leabins, naftuins, casluins e caftorins (ver Gên. 10:6,13; I Crô. 1:8,11). As nações envolvidas incluem mais do que os egípcios.

2. Em um sentido restrito, esse nome velo a designar, especificamente, os egípcios.

3. Com base em I Reis 10:28,29, é possível argumentar que os primeiros *misrayim* não apontavam para o Egito, e sim, para Musur, na porção suleste da Ásia Menor. Mas, contra essa opinião, pode-se também argumentar que a referência paralela de II Crô. 10:18 (a importação de cavalos, por parte de Salomão, daquele lugar) aponta para o *Egito. «Os* nomes Mizraim e de seus descendentes, em Gên. 10:13,14 e I Crô. 1:11,12 parecem ser todos nomes de nações, e não de indivíduos, e incluem muito mais do que o Egito... Consideramos que a distribuição dos mizraitas mostra que suas colônias foram apenas uma parte da grande migração que conferiu aos cuxitas o domínio das terras em redor do oceano Índico, o que explica a afinidade que os monumentos egípcios exibem entre os cretenses pré-helênicos — e os cários (estes últimos, sem dúvida, os selégios dos escritores gregos) e os filisteus» (Unger citando o *Smith's Bible Dictionary).*

MISREFOTE-MAIM

No hebraico, «incêndio» ou «águas», ou mesmo «águas incendiadas». Esse era o nome de um local cujo nome dá a entender que ficava perto de *fontes termais.* Alguns estudiosos negam que se trate de um nome próprio, preferindo traduzir a palavra hebraica por «poços de sal», «covas de fundição» ou «cabanas de vidro». Ver Jos. 13:6. Em Jos. 11:8, Misrefote-Maim é mencionada como uma cidade localizada entre Sidom e o vale de Mispa. Foi até ali que Josué perseguiu aos homens dos exércitos combinados de Jabim, Jobabe, Sinrom e Acsafe, além de vários outros. Lemos nesse versículo o resultado: os israelitas «feriram-nos sem deixar nem sequer um». Há bons indícios de que se trata da mesma cidade de *Sarepta* (vide). O trecho de Jos. 13:6 mostra-nos que o local ficou sob o domínio dos cananeus.

Seu local moderno não foi ainda identificado com certeza. Alguns dizem que se trata de Khirbet el-Musheirefeh, um pouco ao sul do promontório conhecido como «a escada de Tiro» (Râs-en-Nahûra). Mas outros supõem que seja 'Ain Mesherfi, um grupo de fontes termais, perto de Râs-en-Nahûfa.

MISTÉRIO DA VONTADE DE DEUS

Esboço:

I. Unidade de Tudo em Cristo: Efé. 1:10.
II. Sumário de Idéias
III. A Redenção é um Aspecto da Restauração
IV. O que Dizer sobre o Julgamento?
V. Algumas Particularidades Desse Mistério
VI. Cuidado para Não Diminuir a Grandeza do Evangelho
VII. A Missão Tridimensional do Logos (Cristo)

Efé. 1:10: *para a dispensação da plenitude dos tempos, de fazer convergir em Cristo todas as coisas, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra.*

I. Unidade de Tudo em Cristo: Efé. 1:10.

De fazer convergir nele...todas as coisas. Essas palavras expressam **o mistério máximo** da vontade de Deus. Todas as coisas encontram sua existência, propósito e significação em Cristo Jesus. E isso, por sua vez, mostra a sua significação cósmica, e não meramente terrena. Cristo é o ponto culminante ou centro em torno de quem todas as coisas têm sua existência e sentido. De uma maneira ou de outra, todas as coisas lhe redundarão em glória e nele serão glorificadas. Ele é o Cabeça e benfeitor universal de todas as coisas, de todos os seres inteligentes, e não apenas dos homens.

Notemos que este versículo menciona coisas *tanto as do céu como as da terra.* Na qualidade de Verbo de Deus, todas as coisas conhecidas por Deus foram conhecidas por intermédio dele. Isso está incluso na doutrina do «Verbo», que aparece no primeiro capítulo do evangelho de João, como também está implícito em Col. 1:15, onde ele é visto como «a imagem do Deus invisível». Deus vive em luz inabordável, de quem ninguém se pode aproximar (ver Tim. 6:16). Qualquer ser que se avizinhe de Deus tem de fazê-lo por intermédio do Verbo, a imagem de Deus, e qualquer acesso futuro terá de ocorrer da mesma maneira. Por conseguinte, todo o bem-estar e *a unidade universal* de *todas* as coisas, tudo se centraliza em torno de Cristo. Nas Escrituras aprendemos que tudo vive, se move e tem seu ser em Deus (ver Atos 17:28); e agora ficamos sabendo que isso faz parte do mistério da vontade divina, sendo plano do Senhor que todas as coisas tenham seu centro em Cristo, o Verbo eterno. E a história inteira da humanidade é tão-somente o processo terreno mediante o que isso está tendo lugar.

Fazer convergir. No grego, *anakephalaico,* isto é «sumariar», «recapitular», *reunir.* Podemos comparar isso com Rom. 13:9: «...tudo nesta palavra se resume: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo». Por semelhante modo, a criação inteira está «sumariada» em Cristo, tendo nele o seu ser, propósito, destino e centro. E tudo é «devolvido à sua órbita, sendo ele o centro». Isso indica a unidade universal de todas as coisas em Cristo. Todos os seres e todas as coisas, igualmente, giram em torno dele. (Comparar isso com Rom. 8:21 e I Cor. 15:28).

II. Sumário de Idéias

O Mistério da Vontade de Deus: A Restauração Universal

1. É tempo perdido procurar diminuir o alcance do que é dito no texto à nossa frente. A vontade de Deus é restaurar «todas as coisas», tal como ele também criou «todas as coisas». O trecho de Col. 1:16, encerra idêntica mensagem. E assim como a criação foi realizada «por Cristo» (ele é o Alfa), assim também veio a existir «para Cristo» (pois ele também é o Ômega) . Finalmente, Cristo haverá de «sumariar» a criação inteira. Ele terá de ser «tudo para todos» (interpretação do trecho de Efé. 1:23). Ora, isso não poderia ocorrer a menos que a unidade em torno de Cristo fosse absolutamente toda compreensiva, incluindo cada ser que jamais viveu, bem como a estrutura de todos os mundos criados.

2. Os intérpretes que opinam que essa unidade envolverá somente os salvos, entendem mal o grandioso conceito da vontade de Deus, no tocante a toda a sua criação.

3. Unidade fala de harmonia, boa vontade, bem-estar. A unidade que finalmente se formará em redor de Cristo, portanto, deve visar o *bem.* Não basta dizer-se que os perdidos servirão de louvor a Deus, ao mesmo tempo que habitarão no fogo eterno, porquanto contemplarão a santidade divina. Isso exprime uma verdade, mas é uma declaração por demais parcial, por demais míope. Orígenes por certo

tinha razão, quando afirmou que o conceito do julgamento como algo apenas retributivo (sem qualquer grau de restauração), é uma idéia que condescende com uma teologia inferior.

4. Não temos nisso o universalismo. Alguns intérpretes têm lançado mão do presente texto para defender a idéia do universalismo, isto é, o conceito de que, finalmente, todos serão salvos, e que o «quando» (o ponto dentro do tempo) é a única diferença que se pode conceber aqui. Pelo contrário, consideremos os pontos abaixo:

III. A Redenção é um Aspecto da Resturação

1. A restauração envolverá **todos os seres e todas as coisas**. A redenção, por sua parte, atinge somente os eleitos. A redenção quer dizer que os homens participarão da própria imagem e natureza de Cristo (ver Rom. 8:29) e, portanto, da própria natureza divina (ver II Ped. 1:4), e dos atributos de Deus (ver Efé. 3:19) e, assim sendo, de sua própria forma de vida (ver João 5:25,26). Os eleitos passarão de um estágio de glória para outro, pois a glorificação deles será interminável (ver II Cor. 3:18).

2. Em contraste com isso, os *não eleitos restaurados,* formarão uma espécie completamente diferente, que não compartilhará da natureza divina, e as vantagens que adquirirem — pelo motivo de fazerem parte da unidade em torno de Cristo e do fato de que ele será tudo para eles (ver Efé. 1:23)—serão, em comparação com o ganho infinito dos eleitos, uma categoria de ser bastante mais baixa. Mesmo assim, não podemos imaginar qualquer estagnação no estado dos perdidos. Até qual ponto de glória eles poderão chegar fica escondido na infinita sabedoria de Deus.

3. Os eleitos serão maiores, em poder e glória, do que a maioria dos homens concebe acerca do poder e da glória de Deus, pois os homens, afinal de contas, fazem uma idéia bem baixa da pessoa de Deus. Por semelhante modo, especulamos, os perdidos terão uma glória e uma utilidade maiores, a serviço de *Jesus Cristo* (porquanto eles provavelmente comporão muitas sociedades bem dispersas, onde Cristo será ativamente glorificado), do que a maioria dos homens agora pensa ser o destino dos eleitos.

IV. O que Dizer sobre o Julgamento?

1. A restauração dos perdidos não deixará de lado o julgamento. Antes, o próprio juízo será um dos elementos que produzirão essa restauração. O julgamento será restaurador, e não apenas retributivo, conforme somos ensinados em I Ped. 4:6 (onde as notas expositivas no NTI devem ser examinadas. Ver um conceito similar comentado em Rom. 11:32).

2. O julgamento pode ter ou não uma natureza *remidora.* Antes da Segunda Vinda de Cristo, certamente, terá esta qualidade. Mas se reterá este poder depois daquele evento, somente Deus sabe.

3. O julgamento deve ser aquilatado em termos de «contraste», e não em termos de «sofrimento». Em outras palavras, os não-eleitos sempre estarão debaixo de julgamento, porque esse será eterno, porquanto a idéia central do julgamento é privação. Aqueles que forem assim julgados, jamais poderão ser remidos. Todavia, o julgamento ajudá-los-á a verem restaurado às suas pessoas um certo grau de utilidade e glória, que os ajustará dentro do plano de Deus. Esse «grau», repetimos, por si mesmo será um julgamento, pois será uma perda infinita, *em contraste* com a redenção.

4. O número dos eleitos será extremamente pequeno. Poucos descobrirão o caminho da redenção que há em Cristo; poucos compartilharão de sua própria natureza e imagem; poucos obterão o ganho infinito. O número dos restaurados será muito vasto, a saber, *todos* os não-eleitos.

V. Algumas Particularidades desse Mistério

1. Envolve muito mais do que a «salvação dos povos gentílicos», segundo essa questão tem sido reduzida por alguns intérpretes. Pois que os gentios haveriam de ser salvos não constituía nenhum segredo, por ser tema das profecias do A.T. (ver Rom. 9:24-33 e 10:19-21).

2. Esse mistério também não consiste de iguais privilégios religiosos e espirituais entre judeus e gentios, embora isso não houvesse sido antecipado pelo A.T. e embora isso faça parte integrante do mistério.

3. Por conseguinte, esse mistério não é a «igreja», nem mesmo em seu sentido mais elevado de «Noiva», algo novo na economia divina, em que os seus participantes serão remidos e compartilharão da imagem de Cristo. Realmente, isso constitui um mistério, a saber, aquele explicado em Efé. 3:3 e *ss.* Mas aquele mistério faz parte do que aqui é abordado e mostra como esse mistério mais extenso se aplica aos remidos.

4. Esse mistério também não é o evangelho, em seus muitíssimos aspectos. O evangelho faz parte deste mistério maior, por ser um agente da redenção humana.

5. Pelo contrário, o mistério aqui ventilado é uma espécie de *restauração universal* incluindo a universal unidade em torno de Cristo. Portanto, isso envolve Israel como nação e o cumprimento de todas as promessas; a nova criação, a habitação de todos os seres unificados; todos os seres inteligentes, todos os exércitos celestiais, todas as hostes angelicais; os novos céus, os lugares celestiais como moradas dos seres espirituais; a igreja, que é a comunidade dos espíritos humanos remidos; e, de alguma maneira, como sugerida acima, até mesmo os perdidos.

VI. Cuidado para Não Diminuir a Grandeza do Evangelho

Existem alguns versículos do Novo Testamento, como aqueles considerados neste artigo, que, certamente, oferecem um quadro mais otimista sobre o que podemos esperar, afinal, da missão de Cristo. Ver o artigo sobre a *Missão Universal do Logos (Cristo).* O mistério de Paulo revelou o que Deus, afinal, vai fazer em relação à sua criação e não devemos anular esta revelação, insistindo na aplicação de versículos sobre o julgamento que agora foram ultrapassados, mesmo como o Novo Testamento ultrapassou o Velho Testamento. Partes do Novo Testamento também ultrapassam outras partes. Isto acontece sempre quando um *mistério* é revelado. É sério anular as revelações assim apresentadas numa insistência de preservar, sem mudança, idéias mais antigas. Devemos nos lembrar que foi exatamente isto que os judeus fizeram com a revelação cristã, supondo que ninguém podia ultrapassar *suas* escrituras. Ver sobre **Restauração** e **Descida de Cristo ao Hades.**

N. B. Há alguns anos, quando a parte maior deste artigo foi escrito, falei da *perda infinita* dos restaurados, em comparação com os eleitos. Ver III. 2, acima. Acredito agora que é errado falar desta maneira de qualquer realização do *Logos.* Tais expressões diminuem a glória e realização da missão universal de Cristo, e não devem ser empregadas.

VII. A Missão Tridimensional do Logos (Cristo)

A missão do Logos foi universal: na terra, no hades e no céu. Creio que há continuidade em todos esses três aspectos da missão de Cristo, a fim de garantir o sucesso absoluto e a universalidade de sua missão, embora isso não afete as almas sempre da mesma maneira. Porém, podemos estar certos de que aquilo que essa tríplice missão realiza em favor de todos é bom, muito bom.

Ver uma crítica (por Pastor João Marques Bentes) de alguns pontos de vista (doutrinas) deste artigo, sob seções IV e V do artigo, **Universalismo.**

MISTO DE GENTE

Nem todas as pessoas que partiram do Egito, durante o êxodo, estavam buscando uma Terra Prometida. Sem dúvida havia muitos motivos para as pessoas quererem libertar-se daquele lugar. Talvez algumas apenas fossem impulsionadas pelo espírito de aventura. Além disso, houvera casamentos mistos que produziram pessoas sem uma clara linhagem hebréia. Textos provenientes do século XIII A.C., do Egito, contêm muitos nomes de origem estrangeira. O chamado *misto de gente,* que fez parte da massa que saiu do Egito, por ocasião do êxodo, sem dúvida incluía muitos estrangeiros, pessoas que chamaríamos de mestiças. Na verdade, esse processo teve lugar durante a história inteira de Israel. Duas das mulheres de Jacó—Bila e Zilpa—eram sírias. José casou-se com Asenate, uma egípcia.

Uma das mulheres de Judá era a filha de Sua, um cananeu. Davi era bisneto de uma moabita, Rute. E assim por diante.

A expressão «misto de gente» indicava aqueles que não eram de linhagem hebréia pura, incluindo até quem não tinha nenhuma ligação racial com Abraão. Ver Êxo. 12:38; Núm. 11:4. A referência de Nee. 13:3 mostra que a mesma coisa sucedeu quando um remanescente retornou a Jerusalém, após o cativeiro babilônico. O trecho de Deu. 29:10 indica que tais pessoas ocupavam uma baixa posição na estrutura social de Israel. Quase todas elas parecem ter-se ocupado em trabalhos manuais pesados. Parece que essas foram as pessoas que primeiro anelaram pelas coisas boas que haviam deixado para trás, no Egito (ver Núm. 11:4). Por outro lado, o registro histórico mostra que até os hebreus puros deixaram-se envolver em práticas horrendas. Isso mostra, incidentalmente, que ninguém precisa orgulhar-se nem de sua raça, nem de suas realizações, e nem do que pensa ser. Todos os seres humanos são pecaminosos, sujeitos a escorregões e quedas, de tal modo que talvez nenhum outro ditado popular é mais veraz que «errar é humano».

MITANI

Esse é o nome de um reino, existente ao norte da Mesopotâmia, que atingiu o seu ponto culminante em cerca de 1500-1340 A.C., provavelmente de natureza indo-iraniana. A família ali dominante tinha o nome de *Washukanni*. A existência desse reino veio à luz mediante a descoberta de tabletes com escrita cuneiforme em túmulos de Tell-el Amarna, no Alto Egito, em 1887-1888. Esses tabletes contêm correspondência entre o Egito e a Babilônia, a Assíria, e outros povos antigos do segundo milênio A.C. Esses tabletes referem-se ao reino de Mitani como Arã-Naaraim, ou seja, «Arã dos Dois Rios», aludindo aos rios Tigre e Eufrates. Balaão, que aparece como falso profeta em trechos bíblicos como Deu. 23:4 e Núm. 23:7, era nativo de Mitani. A última dessas duas referências alude a como ele viera «...de Arã... dos montes do Oriente». Todavia, o nome *Mitani* nunca aparece no Novo Testamento.

O povo que habitava na região era um misto de hurrianos e semitas, embora governados por indo-europeus. A palavra *Washukanni* foi aplicada à capital deles, de acordo com alguns eruditos. Em cerca de 1475, esse povo foi capaz de dominar seus vizinhos orientais, os assírios, tornando-os vassalos; e seus principais adversários, nesse período, eram os egípcios e os hititas da Ásia Menor. Eles foram derrotados pelos Faraós egípcios Tutmés II e Amenhotepe I, e este último forçou-os a tornarem-se seus aliados, embora relutantes. No século XIV A.C., o poder de Mitani declinou, e seu reino veio a ser um estado vassalo do império hitita. Isso deixou os assírios livres para atacar Mitani, e não foi preciso muito tempo para que a Assíria anexasse Mitani, o que sucedeu em cerca de 1250 A.C.

MITCA

Essa palavra significa, no hebraico, «doçura». Esse era o nome da vigésima nona parada onde os israelitas fizeram alto durante suas vagueações pelo deserto, após terem saído do Egito. Ficava entre Tara e Hasmona (Núm. 33:28,29), e tem sido tentativamente identificada com o wadi Abu Takiyeh, embora alguns considerem isso duvidoso. O local é desconhecido.

MITENITA

Josafá, um dos oficiais militares de Davi, é chamado de «mitenita», dentro do catálago de nomes de I Crô. 11:43. Presume-se que a alusão seja a algum clã que teria um nome parecido com *Metem*, e sobre o qual não há qualquer informação.

MITRA

Essa palavra portuguesa vem do grego **mitra**, «turbante». Trata-se de uma peça do vestuário usada na cabeça, por vários dignitários eclesiásticos, como o papa, arcebispos, bispos e abades. No começo, a mitra era um pequeno gorro, mas foi evoluindo até tornar-se um elevado ornamento. Originalmente, somente os papas usavam um gorro. Mas esse humilde gorro foi assumindo ares cada vez mais imponentes. Tornou-se, afinal, uma espécie de chapéu alto e rígido. A mitra é fixada em seu lugar mediante uma faixa que há em sua porção inferior. Também dispõe de duas projeções soltas (chamadas *infulae),* na parte de trás. Teoricamente, a mitra deve ser sempre branca. Mas pode ter vários ornamentos, dependendo do ofício ocupado por quem a usa, e também da ocasião mais ou menos solene em que é usada. Por ocasião do rito de consagração, a mitra simboliza o capacete da salvação.

Usos Bíblicos. A palavra hebraica, *misnefeth (ver* Êxo. 28:4,27,29; 29:6 etc.) refere-se à mitra usada pelo sumo sacerdote. Sem dúvida, essa peça serviu de inspiração da elevada mitra de certos eclesiásticos cristãos. O trecho de Zac. 3:5 envolve outra palavra hebraica, *sanif,* aludindo à peça usada na cabeça pelos sacerdotes levíticos, mas que, na oportunidade, foi posta sobre a cabeça do sumo sacerdote Josué, por parte de um anjo, a fim de dignificar o seu ofício, fazendo-o lembrar-se de suas responsabilidades espirituais.

O turbante do sumo sacerdote de Israel era feito de linho fino (ver Êxo. 28:39), com uma placa de ouro fixada ao mesmo, com a inscrição «Santo ao Senhor» (ver Êxo. 28:36-39). No dia da Expiação, o sumo sacerdote de Israel devia usar essa mitra.

MITRADATES

Essa palavra é de origem persa e significa «presente de Mitra». Mitra era uma das principais divindades dos persas. Sua função especial era prover luz entre o céu e o inferno. Esse nome também foi o apelativo de sete reis da dinastia arsácida, reis da Pártia. Na Bíblia, há duas pessoas com esse nome: o tesoureiro do Ciro, rei da Pérsia. O rei entregou-lhe os vasos do templo, para cuidar dos mesmos. Esses deveriam ser entregues a Sesbasar, o príncipe de Judá (Esd. 1:8), o que ocorreu em cerca de 536 A.C. Outro homem com esse nome é mencionado em Esd. 4:7. Ele era um oficial persa destacado para Samaria. Ajudou a escrever uma carta a Artaxerxes, acusando aos judeus. Isso aconteceu por volta do 522 A.C.

No livro apócrifo de I Esdras (2:11,16), um certo oficial também é chamado Mitradates. Os romanos fizeram guerra contra Mitradates VI Eupator, o Grande. Isso ocorreu entre 88 e 64 A.C. Essa guerra impediu uma conquista romana total da Palestina; mas, aí pelo ano de 63 A.C., toda resistência havia terminado. Os governantes mitradáticos eram helenistas em suas atitudes, e preservaram o período helenista na Síria-Palestina por cerca de um século depois que as outras áreas helenizadas já haviam sucumbido diante do poder romano.

MIZÁ

No hebraico, «temor». Nome do quarto e último filho de Reuel, filho de Esaú e sua esposa, Basemate (ver Gên. 36:13; I Crô. 1:37). Ele foi chefe de um clã idumeu.

MIZAR

No hebraico, «enfermidade». Parece que temos aí o nome de um pequeno monte da serra de Hermom (ver Sal. 42:6). No entanto, talvez *Mizar* seja apenas um adjetivo que descreve um monte pequeno ou outeiro, contrastando com o gigantesco Hermom. Mas, sem importar exatamente do que se trata, o local ainda não foi identificado.

MOABE, MOABITAS

Esboço:

I. O Nome e Sua Origem
II. Situação Geográfica
III. Fontes de Informação
IV. Informes Históricos
V. Profecias a Respeito
VI. Língua e Religião dos Moabitas

I. O Nome e Sua Origem

O nome **Moabe** parece significar «do pai», ou seja, uma alusão a como esse povo começou, como descendentes de Ló e sua filha mais velha, ver Gên. 19:30-37. Isso ocorreu em cerca de 2055 A.C. Tanto os descendentes de Ló e sua filha mais velha quanto o território onde eles habitavam, tornaram-se conhecidos por esse nome. Eles eram os *moabi* (moabitas). O filho de Ló, que ele teve com sua filha, nasceu nas colinas acima de Zoá, aparentemente em um ponto que, posteriormente, se tornou a parte sul do território de Moabe. A Septuaginta provê uma glosa explicativa sobre o nome, «dizendo, do meu pai», o que pode refletir uma explicação existente no texto hebraico original, que terminou não fazendo parte do texto massorético padrão. Ver sobre o *Texto Massorético*.

II. Situação Geográfica

A parte principal do território moabita era o planalto existente a leste do mar Morto, entre os rios Arnom e Zerebe, embora uma área ainda maior que essa estivesse incluída no nome Moabe, a maior parte de sua história. Esse planalto fica a uma média de 1300 m acima do nível do mar Morto. O território, de norte a sul, tinha pouco mais de noventa e seis quilômetros de extensão. E de leste a oeste, media apenas cerca de quarenta quilômetros. Em tempos de guerra, esse território, já tão pequeno, ainda era mais drasticamente reduzido. As regiões costeiras de Moabe contavam com férteis e baixas terras aráveis, mas profundas gargantas e porções de terra árida, a leste, que iam dar no deserto, limitando muito a agricultura. A pequenez desse território e suas limitações naturais significavam que nas épocas em que a população ficava mais densa, era mister aproveitar todas as terras capazes de cultivo. A agricultura processava-se lado a lado com a criação de ovelhas. As melhores porções do território contavam com mananciais perenes, e assim eram bem regadas.

Áreas de Moabe e seus nomes. 1. *O* campo de Moabe (Rute 1:1,2) era aquela área delimitada, ao norte, pelo precipício do Arnom; a oeste pelos íngremes rochedos que se elevam, quase perpendicularmente, das margens do mar Morto; ao sul e a leste por um semicírculo de colinas que são interrompidas somente pelo rio Arnom e por uma outra torrente que deságua no mar Morto. 2. A terra de Moabe, o campo aberto que vai do rio Arnom, ao norte, até às colinas de Gileade. 3. A planície de Moabe (ver Núm. 22:1), o distrito de terras baixas, nos baixios tropicais do vale do rio Jordão.

III. Fontes de Informação

1. *A Bíblia.* Contamos com bem parca informação dada sobre os moabitas, da parte deles mesmos. Nossas principais fontes de informação são os registros de povos vizinhos, a Bíblia e a arqueologia moderna. As evidências indiretas tendem por ser inexatas, visto que usualmente derivam-se de guerras, que distorcem a realidade. Seja como for, a Bíblia é nossa principal fonte informativa sobre esse povo, visto que, desde os dias do Abraão, eles estiveram intimamente associados a Abraão. Não há que duvidar que os israelitas viam os moabitas de forma essencialmente negativa, mesmo porque pensavam na origem incestuosa deles (ver Gên. 19:30-38), sem falar no fato de que houve uma hostilidade quase constante entre Israel e Moabe. Isso se evidenciou desde o começo. Após o êxodo, convinha a Israel atravessar o território moabita, pela *estrada do rei*, mas os moabitas negaram permissão (ver Núm. 20:19). A Moisés, o Senhor não deu permissão de atacar os moabitas (ver Deu. 2:9), pois o Senhor reservara aquela terra para os filhos de Ló, como possessão. Assim, apesar de haver hostilidades, aos moabitas o Senhor conferiu certa medida de proteção, pelo menos durante os primeiros séculos. Entretanto, de Moisés em diante, os moabitas foram excluídos de participar em Israel, apesar de sua herança ancestral próxima (ver Deu. 23:3-6; Nee. 13:1).

Foi Balaque, rei de Moabe, quem convocou a ajuda de Balaão a fim de amaldiçoar o povo do Israel (Núm. 22:1 *ss;* Jos. 24:9). E, apesar de tal maldição não ter sido permitida, os israelitas foram um tanto debilitados na ocasião, por parte dos moabitas e midianitas pagãos, que tiraram vantagem dos varões israelitas tradicionalmente fracos, atraindo-os a relações sexuais ilícitas e daí, a uma conduta idólatra.

Na época dos juízes de Israel, os moabitas, durante algum tempo, graças aos esforços de seu rei, Eglom, governaram os israelitas durante dezoito anos. Israel só foi libertada desse jugo quando Eúde, um juiz benjamita, matou o rei Eglom (ver Juí. 3:12-30).

Rute, a moabita, oferece uma interessante distorção na história. Elimeleque, de Belém, havia migrado para o território de Moabe com sua esposa e seus dois filhos. Os rapazes, subseqüentemente, casaram-se com jovens moabitas, Orfa e Rute. Morreram afinal Elimeleque e seus dois filhos, ficando vivas somente a esposa daquele, Noemi, e suas noras. Rute resolveu acompanhar sua sogra ao território de Israel, e, com a passagem do tempo, casou-se com Boaz, descendente de Judá. Destarte ela tornou-se antepassada do rei Davi e passou a fazer parte da árvore genealógica de Jesus, o Cristo (Rute 4:18-22; Mat. 1:5).

Nos governos de Saul e Davi prosseguiram as hostilidades entre Israel e Moabe, embora essas questões fossem pequenas, em relação a outras dificuldades enfrentadas pelos israelitas. Os moabitas foram derrotados por Saul (14:47). Davi deixou seus pais em território moabita, a fim de protegê-los, enquanto fugia de Saul (ver I Sam. 22:3,4). Ao tornar-se rei, Davi derrotou aos moabitas, forçando-os a pagarem tributo (II Sam. 8:2,11,12). Salomão, que tanto gostava de mulheres, naturalmente teve ao menos uma mulher moabita (ver I Reis 11:1,7). Mas isso envolveu-o na idolatria, pois, entre os lugares altos por ele edificados, havia um em honra a Camos, uma divindade moabita (ver I Reis 11:7; II Reis 23:15). Após a morte de Salomão, os moabitas tiveram oportunidade de libertar-se do jugo israelita. Nos tempos de Onri, rei da nação do norte, Israel conseguiu subjugar novamente os moabitas (cerca de 885 A.C.).

Moabe rebelou-se novamente durante o reinado de Acabe (874-853 A.C.). O filho de Acabe, Jeorão, aliou-se a Josafá, de Judá, tentando abafar a revolta moabita; mas sem sucesso (ver II Reis 1:1; 3:4-27).

Hazael, rei de Arã, conquistou territórios moabitas até então em mãos de Israel (II Reis 10:32,33). Os moabitas lançaram vários ataques contra Israel, nos últimos meses da vida de Eliseu (II Reis 13:20). Parece que a expansão israelita, nos tempos de Jeroboão II (782/781-753 A.C.), incluiu certas porções do território de Moabe (II Reis 14:25). O profeta Amós (2:1-3) havia predito essa perda territorial de Moabe, devido a crimes notáveis cometidos pelos moabitas.

Os assírios sujeitaram os moabitas, na porção final do século VIII A.C., segundo se vê nos capítulos quinze e dezesseis do livro de Isaías. Mas, quando o poder assírio entrou em colapso, os moabitas ficaram livres de novo. Grupos de moabitas armados continuaram atacando Israel, nos dias do Jeoaquim (609-597 A.C.) (II Reis 24:2). Quando caiu a cidade de Jerusalém, alguns judaítas fugiram para Moabe, e então, retornaram para ali, quando Gedalias tornou-se governador temporário da região (ver Jer. 40:11).

Após o cativeiro babilônico, os moabitas continuaram como uma raça distinta (Esd. 9:1; Nee. 13:1,23). Porém, houve várias predições proféticas sobre como os moabitas seriam julgados por Deus. Ver Isa. 25:10-12; Jer. 9:26; 25:31; 27:3; Eze. 25:8-11; Amós 2:1-3; Sof. 2:8-11.

2. *Fontes Informativas Não-Bíblicas.* A maior descoberta arqueológica atinente a Moabe, foi a estela do rei Mesa, encontrada em Dhiban (Dibom), em 1868. Essa estela tornou-se conhecida como Pedra Moabita. Ela comemora a revolta de Mesa contra Israel e a reconstrução de várias importantes cidades moabitas. Mas essa pedra tornou-se particularmente importante por ser a única fonte que nos permite compreender algo da linguagem moabita, além de fornecer-nos algumas informações interessantes. Geralmente ela é datada como pertencente a meados do século IX A.C. Temos preparado um artigo separado sobre esse monumento, intitulado *Moabita, Pedra.*

Outra inscrição antiga foi achada em Dhiban, que foi publicada em 1952. Mas essa consiste em um pequeno fragmento (de uma pedra maior), contendo poucas informações, excetuando que mostra que a Pedra Moabita não foi um registro histórico isolado entre os moabitas.

A chamada **Estela Balu'ah**, encontrada em 1930, a vinte e quatro quilômetros ao norte de Kir-Haresete, exibia uma inscrição em mau estado de conservação, devido à antiguidade e à ação das intempéries. Albright atribuiu-a ao período mais antigo da era do Bronze. Entretanto, um outro estudioso, Drioton, calculou ser ela muito mais antiga, pertencente ao século XII A.C. É possível que os elamitas, que migraram para o território de Moabe, tivessem sido os preparadores dessa estela, e não os próprios moabitas, que chegaram mais tarde e absorveram povos que ali já habitavam. A natureza indecifrável dessa inscrição significa que ela nada tem adicionado ao nosso conhecimento acerca do território de Moabe e os povos que ali habitaram ao longo dos séculos.

3. *Textos em Escrita Cuneiforme*. Temos algumas informações acerca de Moabe através de textos assírios, visto que os dois povos tiveram algum contacto hostil. Eles chamavam Moabe de *amurru*. Apesar dessas informações totais serem menos do que nos dá o Antigo Testamento, é significativo que esse material fala sobre um maior número de reis moabitas do que se lê na Bíblia. Escavações em Ninrode encontraram cartas que abordam questões na Síria e na Palestina. Um ataque contra Moabe por parte de certa tribo (provavelmente beduínos) é mencionado, e que teve lugar perto dos fins do século VIII A.C. Alguma informação das relações entre Moabe e a Assíria deriva-se dos anais de reis assírios, como Assurbanipal, Senaqueribe e Esar-Hadom.

Os escritos egípcios fazem um silêncio quase total quanto a Moabe. Dibom (no egípcio, *tpn)* é mencionada em uma lista de cidades, preparada por Tutmés III. Essa relação foi encontrada no templo de Amom, em Carnaque. Visto que essa lista mostra que esse lugar ficava localizado no Alto Retenu, sem dúvida está em foco o atual Tell Dibbin. Vários tabletes, grafites, ostraca e fragmentos de papiro, descobertos em Sazzara, em 1926, contêm alguma referência aos moabitas.

4. *Literatura Judaica Não-Canônica*. O trecho de Eclesiástico 36:10 preserva a atitude hostil de Israel contra Moabe, desejando que fossem esmagadas as cabeças de seus príncipes. O livro de Judite menciona Moabe por cinco vezes, embora sem dizer nada de valor histórico. Josefo também preservou algumas poucas informações (*Anti.* 10:9,7), como a destruição da cidade de Amom pelas tropas babilônicas de Nabucodonosor.

IV. Informes Históricos

A contribuição bíblica essencial ao nosso conhecimento sobre a história de Moabe foi dada na terceira seção, acima. Damos aqui um esboço dos eventos essenciais:

1. *6000-4500 A. C.* Algumas informações esparsas, pré-bíblicas, são-nos dadas a respeito de Moabe, derivadas desse arcaico período, sob a forma de *menhirs* (grandes pedras eretas, em fileiras ou círculos) e *dólmens* (câmaras de pedra feitas com maciças lajes de pedra). Podemos apenas conjecturar quanto ao significado desses monumentos. Eles remontam ao período neolítico.

2. 2200-1900 *A.C.* Começo da era do Bronze e era do Bronze Média. As evidências mostram uma densa ocupação de Moabe, durante esse período. Havia cidades fortificadas e rotas de caravanas que atravessavam a Transjôrdania, do norte para o sul. A agricultura desenvolveu-se. Estava em uso uma cerâmica primitiva. Foi durante esse período que Quedorlaomer marchou até El-Parã, em Edom (Gên. 14:5-7), deixando destruição e ruínas em sua passagem. Talvez tenha sido aí que houve a destruição dos *emins*, um grupo do gigantes *refains* que ocupavam territórios moabitas antes mesmo dos moabitas (ver Deu. 2:10,11). No entanto, o período de 1900 a 1300 A.C. foi um tempo de esparsa população em Moabe, pelo menos na porção ao sul do ribeiro do Jaboque. Foi durante esse tempo que ocorreu a invasão dos amorreus, quando prevaleceu, ao que tudo indica, a vida nômade.

No período anterior ao êxodo, o território de Moabe era ocupado, contando com aldeias até cerca de 1850 A.C. Seus descendentes encontraram ali uma população indígena, misturando-se com aquela gente por casamento. Quatro reis vindos do Oriente invadiram as terras moabitas, e destruíram o povo de Savé-Quiriataim (ver Gên. 14:5). Essas perturbações contribuíram para o abandono das aldeias, e daí por diante a vida nômade ou seminômade tornou-se a regra entre os moabitas.

3. *1300 A.C.* Diversos reinos apareceram durante a idade do Ferro, pouco antes dessa data. Entre esses estava o reino de Moabe. Esses povos eram agrícolas e pastoris, mas conseguiram deixar notáveis exemplos de arquitetura, peças de cerâmica e artefatos de metal. Os moabitas acabaram adquirindo total domínio sobre aquela região, e ocuparam o planalto principal e áreas ao nortes do rio Arnom, destruindo as fortificações de outros povos. Ver Deu. 2:10,11,19-21. Esses territórios foram compartilhados pelos amonitas, um povo intimamente relacionado aos moabitas, pois também eram descendentes de Ló e sua filha mais jovem.

Pouco antes da saída de Israel do Egito, os amorreus conseguiram dominar aos moabitas. Seom, rei dos amorreus, ocupou as terras ao norte do rio Arnom. Em seguida, veio o incidente da recusa de Moabe à passagem do povo de Israel por seu território (após o êxodo; ver Juí. 11:17). Os moabitas não deveriam ser atacados por Moisés, apesar da hostilidade deles (Deu. 2:9) contra os israelitas; mas, daquele tempo em diante, foram excluídos de Israel e seus benefícios (ver Deu. 23:3-6; Nee. 13:1). Isso leva-nos ao ponto da história bíblica que demos na terceira seção, primeiro ponto, acima.

V. Profecias e Respeito

Um exame da história de Moabe, no tocante a seus vizinhos, incluindo Israel, mostra-nos que praticamente a única coisa registrada eram suas guerras. Podemos supor, entretanto, que havia outros tipos de acontecimentos entre aquele povo. Seja como for, a alienação entre Moabe e Israel ocorreu desde quase o começo (o incidente com Moisés, após o êxodo), e desde então quase nada mais se encontra senão uma crônica de hostilidades. Era apenas natural, pois, que os profetas de Israel tivessem feito de Moabe um alvo especial. Damos uma lista de predições de condenação no ponto III.1, último parágrafo.

Nos capítulos quinze e dezesseis do livro de Isaías encontramos a *sentença* de Isaías contra Moabe. Essa predição fala sobre a queda de Moabe, e a redução de um povo arrogante a um débil remanescente. Jeremias (cap. 28 de seu livro), cerca de cento e quarenta anos mais tarde (cerca de 600 A.C.), reiterou, essencialmente, os sentimentos expressos por Isaías, embora dando um laivo de esperança para os moabitas, em Jer. 48:47. Moabe era um povo arrogante e opulento, mas forças hostis, como a dos assírios e a dos babilônios, poriam fim a tudo. Sofonias dirigiu uma diatribe contra os moabitas e amonitas, em face da hostilidade deles contra Israel. Jeremias (27:3) falou contra Edom, Moabe, Amom, Tiro e Sidom, e advertiu Judá a não resistir a Nabucodonosor, porquanto Deus estava por detrás de sua autoridade, usando os babilônios como medida disciplinadora.

VI. Língua e Religião dos Moabitas

Língua. O único material de qualquer valor especial sobre o idioma falado pelos moabitas acha-se na chamada Pedra Moabita. Ver sobre *Moabita, Pedra*. As letras ali constantes ilustram o desenvolvimento da escrita cananéia durante a porção final do século IX A.C. A gramática dessa língua encerra elementos que também figuram no ugarítico, no fenício, no aramaico e no árabe. Muitos elementos do hebraico aparecem em suas formas gramaticais. As palavras eram divididas por pontos, o que também era feito por outros povos. As letras vogais eram a exceção, e não a regra. Via de regra, podemos dizer que, apesar dos empréstimos feitos de outros idiomas, a língua moabita era, essencialmente, um dialeto do hebraico.

Religião. A divindade nacional dos moabitas era *Camos* (vide). Ele é mencionado em Núm. 21:29; Juí. 11:24; I Reis 11:7,33; II Reis 23:13; Jer. 48:7,13,46. A Pedra Moabita mostra que os moabitas referiam-se a essa sua divindade mais ou menos da mesma maneira como os israelitas falavam sobre Yahweh. Ele era um deus de ira, que julgava e abandonava o seu povo quando eles não viviam corretamente, apesar de seu verdadeiro desejo ser abençoá-los e

salvá-los. Ritos foram criados para sua adoração, e ele tinha muitos lugares altos (santuários) onde o seu culto era promovido. Não deveríamos pensar, porém, que a sua importância era tão grande ao ponto de eliminar o politeísmo e a idolatria. O trecho de Núm. 25:2 menciona especificamente os *deuses* que as mulheres moabitas fizeram o povo de Israel adorar. Baal era a principal divindade venerada pelos moabitas.

As evidências arqueológicas mostram que havia um elo entre as formas religiosas dos moabitas e as dos cananeus. Ritos são mencionados na história de Balaão (ver Núm. 22:40; 23:1-4; 24:1-5), onde é clara a semelhança com os cultos cananeus. Figurinhas de cerâmica, representando divindades masculinas, mostram a extensão da idolatria dos moabitas. A deusa Astarte era uma divindade feminina favorita dos moabitas. Uma outra divindade feminina era Istar-Camos, mencionada na Pedra Moabita. Figurinhas de animais, em cerâmica, poderiam ter servido de pedestais para as imagens de deuses e deusas. A deusa-mãe era adorada em conexão com o culto a Camos. Alguns pensam que a Esteia de Balu'ah mostra que essas duas divindades eram adoradas quando as tribos moabitas entraram pela primeira vez no território que veio a tornar-se conhecido como Moabe.

Evidências em prol de uma casta sacerdotal bem desenvolvida (contrastando com o culto de Israel), não têm sido encontradas. Talvez o rei moabita também atuasse como uma espécie de sumo sacerdote, não se sentindo assim a necessidade de qualquer hierarquia de líderes religiosos. É verdade que os reis cananeus de modo geral possuíam poderes religiosos e serviam como sacerdotes, e isso também pode ter sido o caso dos reis moabitas. O trecho de Núm. 23:1,14,29 ilustra a existência de sacrifícios de animais entre os moabitas: touros e carneiros estavam entre esses animais. Representações desses animais, em cerâmica, também têm sido encontradas em Khirbet el-Medeiyineh e Salijeh. Todavia, até agora não se encontrou qualquer altar para incenso. Os despojos de guerra (chamados *herem)* eram dedicados aos deuses. Pessoas capturadas eram executadas, até mesmo cidades inteiras, para nada dizer sobre guerreiros aprisionados—barbaridades essas que os moabitas julgavam ser necessárias para aplacar a ira dos deuses da guerra. Como é óbvio, os hebreus compartilhavam de algumas dessas idéias, sendo evidente, pelos relatos do Antigo Testamento que mostram o que sucedia a povos que se saíam perdedores. (ALBR AM BAL ND UN Z ZY)

MOABITA, PEDRA

1.Descrição

Essa pedra, uma esteia do rei Mesa, de Moabe, é um bloco de basalto negro, cujas medidas aproximadas são de 112 cm de altura por 69 cm de largura. De espessura, ela tem cerca de 35 cm. Sua base é quadrada, e o alto é arredondado. Sua inscrição consiste em trinta e quatro linhas em caracteres hebreu-fenícios, com um original calculado em mil e cem letras.

2. Descoberta

Essa pedra foi encontrada a 19 de agosto de 1868, pelo Rev. F. Klein, um missionário alemão que trabalhava com a Sociedade Missionária Igreja. Um xeque árabe, de nome Zattam, foi quem chamou a atenção dele para o antigo monumento. Imediatamente Klein reconheceu a importância potencial da pedra e deu notícia a respeito ao Dr. Ptermann, o cônsul alemão, que passou a entabular negociações para obtê-la para o Museu de Berlim. C.S. Clermont-Ganneu, do consulado francês, também tentou obtê-la para o Museu de Paris. Enviou mensageiros que, ao trabalharem com a pedra, acabaram quebrando-a. O interesse fez os árabes pressentirem a grande importância do achado, o que acabou provocando o desastre.

3. Destruição

Os árabes resolveram quebrar a pedra, supondo que em pedaços ela valeria bem mais do que em uma única peça. As peças pequenas poderiam ser usadas como amuletos de boa sorte, e que apareceriam muitos compradores para as mesmas. Subseqüentemente, Clermont-Ganneau conseguiu recuperar diversos fragmentos da pedra, que foi então reconstituída em parte. Calcula-se que dentre uma inscrição original de cerca de mil e cem letras, seiscentas e sessenta e nove delas foram assim recuperadas. Isso representa cerca de dois terços do original, bem como a maior parte da mensagem inscrita na pedra. Além disso, uma impressão da pedra original fora obtida antes dela ser partida em pedaços, o que ajudou extraordinariamente a reconstituição da inscrição.

4. A Mensagem

A pedra Moabita fala sobre a revolta de Mesa, rei de Moabe, contra os israelitas, sendo assim um documento paralelo ao trecho de II Reis 3:4 *ss.* Essa inscrição é datada pelos estudiosos em 850 A.C. É o mais extenso exemplo de escrita hebreu-fenícia. Além de ser um paralelo daquele trecho do Antigo Testamento, narra também as guerras de Mesa contra os idumeus, e, incidentalmente, fornece-nos alguma informação sobre a religião dos moabitas, conforme foi mencionado no artigo *Moabe, Moabitas,* ponto sexto, *Língua e Religião dos Moabitas.* O idioma dessa inscrição é, essencialmente, um dialeto do hebraico. Isso serve de prova do fato de que os moabitas eram aparentados dos israelitas, quanto à raça e quanto ao idioma que falavam, e que seus antepassados haviam adotado a antiga língua de Canaã. E as semelhanças vão além da mera língua, pois também há similaridades de expressão e de formas de pensamento.

Elementos:

a. Essa inscrição é um paralelo próximo na história do rei Mesa, conforme está registrado em II Reis 3:4-27, embora contenha suplementos e outro material informativo.

b. Mesa é chamado ali tanto rei de Moabe quanto filho de Camos. Seu pai governou Moabe durante trinta anos. Mesa desvencilhou-se do jugo israelita, e honrou ao deus Camos pela suposta ajuda desse deus, edificando-lhe um lugar alto. Esse lugar ficava em *Caró* (QRHH). Ele diz ali que Moabe fora dominada pelo rei Onri, devido ao julgamento de Camos contra os moabitas, devido à conduta deles. Onri e Acabe haviam dominado Moabe por um total de quarenta anos. Mas foi Mesa quem conseguiu libertar os moabitas. O relato subentende que isso sucedeu antes da morte de Acabe, entrando em choque com o trecho bíblico de II Reis 1:1, que afirma que essa revolta moabita deu-se após a morte de Acabe. Porém, por que nos perturbaríamos diante de minúsculos detalhes como esse? Essas pequenas discrepâncias, reais ou não, nada têm a ver com a fé religiosa. Talvez o controle de Acabe sobre os moabitas tenha diminuído bastante, embora não completamente, antes de sua morte, e que os moabitas foram obtendo sua liberdade apenas gradualmente, completando-se após o falecimento daquele rei de Israel. Portanto, torna-se uma questão meramente subjetiva dizer quando, *exatamente,* ocorreu a libertação dos moabitas.

c. Várias cidades teriam sido edificadas pelos moabitas, entre as quais Baal-Meom, Bezer, Medeba, Bete-Diblaten e Bete-Baal-Meom. A captura de Atarote (edificada pelos israelitas) também é mencionada. Homens gaditas foram aprisionados e muitos dentre eles foram mortos. Nebo foi conquistada. Atrocidades foram cometidas, e atribuiu-se tudo isso às exigências das divindades, como sempre. Foi o trabalho escravo, prestado por israelitas, que construiu muralhas, cisternas, portões, torres e o palácio do rei. Foi construído um caminho elevado no vale do rio Arnom.

d. Transparecem elementos da crença religiosa dos moabitas, como a idéia de que é o poder divino que envia homens à guerra, que abençoa aos homens em face das destruições que causam, que julga enviando inimigos que destroem àqueles que não o agradam, que se agrada diante do culto prestado pelos homens nos lugares altos. Destarte, é apresentada, na Pedra Moabita, uma visão verdadeiramente teísta da divindade, embora corrompida pelo fato de que os homens concebem divindades de acordo com a mentalidade deles. Yahweh é mencionado, como o paralelo hebreu de Camos. A total destruição de cidades, com atrocidades acompanhantes, agradaria aos deuses, se pudermos acreditar nas palavras dos homens.

e. *Estilo e Escrita.* O estilo dessa inscrição assemelha-se às narrativas do Antigo Testamento, o que demonstra que havia coincidência de maneiras de pensar e de expressar, bem como quanto a certas crenças básicas, entre os israelitas e os moabitas. (AM DRI(2) UL(2) UN Z)

MOBILIÁRIO

Ver o artigo geral sobre **Casa**.

A palavra hebraica *Keli,* usada em conexão com o mobiliário, significa «qualquer coisa feita», pelo que tem muitas aplicações, incluindo aquilo que chamamos de *móveis.* Refere-se a instrumentos, objetos, utensílios, vasos e todos os tipos de móveis usados em uma casa. Os implementos do templo de Jerusalém, seus utensílios, também são aludidos por meio dessa palavra. Assim, temos o altar dos holocaustos, o lavatório, a mesa dos pães da proposição, o candeeiro de ouro, o altar do incenso, a arca, o propiciatório (ver Êxo. 26:9; 31:9, 39:33; 40:9), onde, nas traduções, também encontramos vocábulos que indicam instrumentos e vasos que se referem a esses itens. Em Gên. 31:34, a alusão é a uma «sela», embora algumas traduções digam ali «móveis», o que constitui um equívoco.

A palavra em questão pode indicar todo tipo de móveis domésticos, embora também sejam usadas outras palavras hebraicas. Na Palestina dos tempos bíblicos, tal como nos tempos modernos, esses móveis ou utensílios ou eram riquíssimos ou eram os mais simples, ou então um meio termo, dependendo das posses materiais das pessoas. Eram usadas cortinas, tecidas à mão, separando os aposentos dos homens e das mulheres. Os pobres dormiam no chão, ou sobre colchões bem finos; os ricos contavam com leitos, alguns deles elaboradamente trabalhados e decorados. Os pobres tinham poucos móveis em suas casas, empregando tapetes postos sobre o chão de terra batida, para ali se sentarem. Alguns até comiam sobre tais tapetes, por não contarem com mesas ou divãs. Bancos toscos de madeira serviam de cadeiras. No caso de pessoas abastadas, as coisas eram diferentes. Essas tinham móveis luxuosos, algumas vezes decorados com marfim ou metais preciosos. O profeta Amós denunciou os ricos de Samaria, que se deitavam preguiçosamente sobre seus leitos e divãs de marfim (Amós 3:12; 6:4), cujas refeições eram excelentes e tomadas com vagar. —A preocupação com residências luxuosas sempre foi considerada um vício. Até mesmo hoje em dia cristãos supostamente espirituais, ocupados no trabalho ministerial, preocupam-se em demasia com as riquezas materiais que são capazes de amealhar. As residências tornam-se depósitos de ostentação, contendo coisas luxuosas que as pessoas reúnem. E o dinheiro que deveria ser usado para finalidades espirituais é desperdiçado em tais coisas.

Os Móveis nos Símbolos dos Sonhos e das Visões:

1. Cama, colchão. Casamento, sexo ou condições específicas que surgem, usualmente com algum sentido negativo, como na expressão: «Ele fez a sua cama». Sair da cama significa escolher o próprio caminho em algum empreendimento ou esforço.

2. Tapetes. Esses representam as mulheres, por causa das várias formas e decorações existentes nos tapetes, que relembram as mulheres.

3. Qualquer objeto dos móveis e utensílios de uma casa, que provêem um local fechado, como uma copa, pode representar uma mulher ou o sexo. Um armário pode indicar, especificamente, a vagina, embora também possa referir-se a uma *mente fechada,* cheia de sigilos.

4. Uma mesa pode indicar um altar, ou algum sacrifício. O altar dos sacrifícios, em alguns contextos, pode referir-se a uma mulher que é sacrificada caprichosamente, ou para beneficiar ao homem.

5. Os móveis em geral, pertencentes a uma casa, podem indicar o conteúdo do corpo, ou podem referir-se ao *conhecimento em geral,* visto que a pessoa decora a sua mente com bons conhecimentos.

MOEDAS

Ver o artigo geral sobre **Dinheiro.**

MOER

Grãos foram reduzidos a farinha por diversos processos de moer. Um deles era o uso de animais para girar pesadas rodas entre as quais os grãos eram moídos. Existiam também pequenos moinhos operados à mão. A pedra colocada em cima tinha um buraco perfurado e através dela os grãos eram derramados. Grandes moinhos foram, freqüentemente, propriedade comunal (ver Mat. 12:41 e Mar. 9:42. Ver também sobre *Moinho).*

Usos metafóricos

1. Quando os moinhos param de girar e um silêncio toma conta do lugar, desolação está presente, representando o julgamento de Deus, Jer. 25:10, Apo 18:22.

2. O julgamento de Deus, através de Cristo, é representado pelo moinho que reduz os grãos a farinha, Mat. 21:44.

3. Moer os rostos dos pobres significa oprimi-los, Isa. 3:15.

4. Se uma esposa moer por outro (não o marido), isto significa que ela ficou uma escrava do outro e sua propriedade, Jó 31:10.

MOINHO; PEDRA DE MOINHO

1. Referências Bíblicas

Quanto a moinhos: Êxo. 11:5; Mat. 24:41. Quanto a pedras de moinho: Deu. 24:5; Juí. 9:53; II Sam. 11:21; Jó 41:24; Isa. 47:2; Jer. 25:10; Mat. 18:6; Mar. 9:42; Luc. 17:2; Apo. 18:21,22.

2. Tipos de Moinho

Um dos tipos de moinho portátil consistia simplesmente em duas pedras, uma que servia de base fixa, e outra que ficava por cima da primeira. A pedra base media cerca de 80 cm de comprimento e a metade disso na largura. Era levemente côncava, com uma das extremidades mais espessa do que a outra. A pedra móvel tinha de 15 cm a 40 cm de comprimento, com alguma saliência nas extremidades, para que a pessoa pudesse manejá-la. Era esfregada para a frente e para trás sobre os grãos postos sobre a pedra base. O processo não era muito eficiente, pois apenas uma pequena porção de cereal era moída de cada vez. Algumas pedras superiores tinham um cabo, o que permitia melhor manejo. Uma perfuração no meio dessa pedra superior permitia que a pessoa fosse derramando grãos de cereal, o que apressava o processo da moagem. Outro tipo, realmente primitivo, consistia em uma pequena pedra que a pessoa podia segurar com uma das mãos, esfregando-a sobre o cereal, posto sobre uma pedra maior. Essa pedra superior, cujo peso podia ser dominado por uma mulher, era do tipo que matou Abimeleque, quando caiu sobre o seu crânio (ver Juí. 9:53; ver também II Sam. 11:21). As pedras menores podiam ser manuseadas por uma só pessoa, mas as maiores já requeriam duas.

Moinhos desse tipo cru têm sido encontrados pelos arqueólogos, pertencentes a tempos tão remotos quanto os tempos neolíticos. Mas, na era do Ferro surgiu um moinho mais sofisticado, que envolvia um cabo na pedra superior, conforme foi descrito acima. Mesmo assim, a farinha de cereal derramava-se no chão, e a mulher que fazia a moagem precisava recolhê-la dali (ver Êxo. 11:5; Mat. 24:41). Geralmente, o trabalho de moagem era deixado ao encargo das mulheres, mas os prisioneiros também eram forçados a cumprir tal tarefa, talvez como uma medida de humilhação (Isa. 47:2; Lam. 5:13; Mat. 24:41).

Todavia, havia moinhos rotativos, com pedras por demais grandes e pesadas para que seres humanos pudessem fazê-las girar. Animais eram usados para fazer girar essas pedras, para o que eles caminhavam em círculos. Algumas vezes, porém, pessoas eram obrigadas a fazer girar essas pedras maiores, conforme se deu no caso do cativo Sansão (Juí. 16:21). Prisioneiros, algumas vezes, eram mantidos presos nos moinhos, que lhes serviam de cárcere, e onde também trabalhavam. Pedras de moinho revolvidas por animais podiam ter nada menos de um metro e meio de diâmetro. Esse tipo de moinho era usado para moer o grão para clãs ou comunidades inteiras.

3. Lições Morais e Metafóricas dos Moinhos

a. Ofender a um novo convertido a Cristo é uma ofensa séria. Cristo ensinou que seria melhor se o ofensor morresse afogado (ver Mat. 18:6). Uma «grande pedra de moinho» (literalmente, «moinho de jumento», porque usualmente esse era o animal empregado para fazer tal pedra girar) deveria ser atada ao pescoço do ofensor, e lançada ao mar. De conformidade com Jerônimo, os judeus da Galiléia, às vezes, usavam essa modalidade de afogamento como pena capital, mas diversos intérpretes negam a veracidade dessa observação. É perfeitamente claro, contudo, pelo que se pode observar da história antiga, que os romanos e outros povos, incluindo os gregos usavam esse método de execução (ver *Diod. Sic.* 15:1,35).

b. A absoluta necessidade de uma família ter um moinho pequeno para a produção do pão diário, fez com que a legislação mosaica (ver Deu. 24:6) proibisse que tal pedra fosse dada como garantia por uma dívida assumida. Essa era uma provisão moral que visava proteger aos pobres que tinham poucas possessões materiais e não podiam sofrer a perda daquelas coisas que eram realmente vitais à continuação da vida.

c. A cessação do constante ruído do moinho era sinal de desolação e de morte (ver Jer. 25:10; Apo. 18:22).

d. Os dentes da pessoa são comparados a um moinho (ver Ecl. 12:4).

e. O trabalho no moinho é, ao mesmo tempo, um labor cansativo, tedioso, mas necessário e fundamental.

f. A retribuição divina pode ser comparada a um moinho, quando visto nos sonhos e nas visões. Dessa circunstância é que surgiu aquele dito popular: «Os moinhos de Deus moem lentamente, mas moem fino». Em outras palavras, a retribuição divina pode parecer lenta, mas cobra ate o último centavo. Graças a Deus, o mesmo se dá com as bênçãos divinas.

MOISÉS

Esboço:

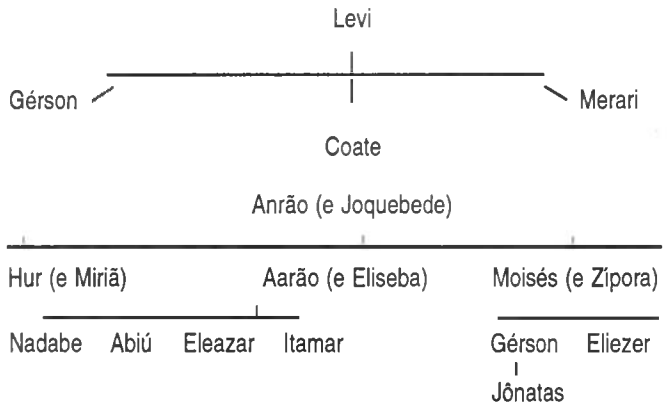
I. Nome, Linhagem e Família Imediata
II. Visões Criticas sobre Moisés
III. Significação Ética e Teológica de Moisés
IV. Fontes Informativas sobre Moisés
V. Moisés e os Acontecimentos Históricos
VI. Referências a Moisés Fora do Pentateuco
VII. Os Ofícios de Moisés e o Seu Caráter
VIII. Moisés e a Arqueologia

I. Nome, Linhagem e Família Imediata

A palavra portuguesa Moisés é transliteração da forma grega *(Mouses),* que, por sua vez, é transliteração do hebraico, *Mosheh.* A derivação e o significado desse nome não são conhecidos com certeza, embora várias conjecturas possíveis tenham sido apresentadas. Talvez sua raiz seja a palavra hebraica *mashah* (ver II Sam. 22:17), que indica a idéia de «extração de água». Naturalmente, isso referir-se-ia ao fato de que, na tenra infância, Moisés foi salvo de morrer afogado no rio Nilo, pela mulher egípcia que o recolheu dali. Talvez também esteja em foco a combinação dos termos egípcios *ms,* «criança» e *mw-s,* «filho da água», — evidentemente, um antigo jogo de palavras que não é inteiramente claro para nós. O nome ocorre por cerca de setecentas e cinqüenta vezes no Antigo Testamento, embora nenhuma outra explicação nos seja dada.

Se essas conjecturas estão com a razão, então a história de Moisés começa com o seu próprio nome, referindo-se à providência divina, que garantiu a sua sobrevivência, em um tempo em que, por ordem do Faraó, rei do Egito, estavam sendo mortas por afogamento todas as crianças do sexo masculino que nasciam aos israelitas, a fim de que o povo de Israel não viesse a tornar-se uma ameaça para o Egito, em virtude da multiplicação de seu número. Mas, o que sucedeu a Moisés, em certo sentido ocorre também à vida humana e a cada indivíduo em particular, porquanto há um desígnio divino em cada caso, embora nem sempre fiquem claros os princípios em atuação, e embora algumas manifestações da providência divina sejam realmente estranhas.

Linhagem de Moisés



Família Imediata de Moisés

Moisés pertencia à tribo de Levi, e era filho de Anrão e sua esposa, Joquebede. Os outros membros de sua família imediata eram Aarão e Miriã, seu irmão e sua irmã, mais velhos do que ele. Por meio de sua esposa, Zípora (filha de um sacerdote midianita), Moisés teve dois filhos, Gérson e Eliezer. Moisés nasceu em cerca de 1520 A.C. De acordo com Meneto (conforme Josefo informa-nos, em *Ap.* 1,26; 2,2), ele nasceu em Heliópolis, no Egito. Além disso, ainda de acordo com Josefo (*Anti.* 2.9,2-4), o nascimento de Moisés fora predito por mágicos egípcios, porquanto as coisas haveriam de modificar-se radicalmente por causa dele. Josefo, em acréscimo, diz que o pai de Moisés teve um sonho muito significativo, referindo-se ao seu nascimento e à sua grandeza. Poucas coisas são mais comuns, na existência humana, do que sonhos de conhecimento prévio, no tocante a pessoas que tenham alguma grande tarefa a cumprir, mormente líderes religiosos importantes.

II. Visões Críticas sobre Moisés

A grosso modo, podemos dizer que os críticos literários e historiadores do século XIX tendiam por duvidar da validade das tradições bíblicas acerca de Moisés. Alguns não admitiam mais do que ele foi uma figura histórica. Todavia, no século XX, a maioria dos eruditos e críticos concorda com a exatidão essencial do registro bíblico, ou, pelo menos, com o «âmago de historicidade», embora com alguns adornos lendários, segundo pensam.

O que dizemos em seguida, fornece-nos um leque dessas idéias: Antes de tudo, é difícil precisar datas. Há quem situe Moisés tão tarde quanto 1350-1250 A.C., mas também há quem fale em 1520 A.C. A maior parte dos críticos nega que Moisés possa ter sido o autor do Pentateuco, ou pelo menos, da maior parte do volume desses cinco livros, embora ele possa ter sido uma das fontes do Pentateuco. Assim, há afirmativas como aquela que diz que Moisés foi o «reputado autor» do Pentateuco e da *lei oral* (vide) do judaísmo, e que, «tradicionalmente», ele foi o famoso legislador do monte Sinai. Embora, sem dúvida alguma, ele tenha sido uma figura histórica, não ha registros contemporâneos de sua vida (segundo dizem os críticos), que tenham sobrevivido ate os nossos dias. Naturalmente, se ele não foi o autor do Pentateuco, não há sobre ele outros registros; mas, por outra parte, não há dúvidas quanto à autenticidade do material incorporado no Pentateuco, preservado desde tempos mais remotos.

Os críticos supõem que os registros do Pentateuco preservaram pelo menos tradições *orais;* mas o mais provável é que o Pentateuco também esteja alicerçado sobre registros escritos.

Surge outro problema, de acordo com os críticos. É que o livro de *Êxodo* é mais uma interpretação teológica dos acontecimentos (acompanhados por alguns espetaculares milagres «populares») do que mesmo um registro histórico fidedigno. Para eles, é difícil dizer quanto do material primitivo é exato. Teria sido Moisés, realmente, criado tão próximo da família real egípcia quanto se lê no livro de Êxodo, ou esse detalhe é um mero adorno literário? Nesse caso, haveria uma base teológica com material lendário embelezador, como sempre acontece com as histórias de heróis antigos, sem importar que povo lhes tenha dado origem. Apesar desses reparos, a maioria dos críticos pensa que o relato bíblico consegue contar a essência da história real, posto que com alguns detalhes irreais. «Há boas razões para crermos na historicidade substancial do relato; a força de suas tradições; a sua congruidade com datas e circunstâncias da história egípcia; o nome e as conexões egípcias de Moisés; e, acima de tudo, a distintiva religião profética de Israel, que reflete a notável personalidade e obra de uma figura fundadora de religião. Moisés não é lembrado nem como guerreiro e nem como legislador, por seus próprios méritos, mas, como *profeta,* ele foi comissionado a falar em favor de seu povo e ao seu povo, a fim de anunciar e interpretar os atos de Yahweh no plano da história, a fim de reivindicar para Yahweh a lealdade exclusiva do povo de Israel, e para ser o porta-voz da vontade de Yahweh. O movimento profético clássico dos séculos VIII e VII A.C., foi, conscientemente, uma renovação do profetismo mosaico, tornando-se inexplicável sem ele, como seu antecedente. À estatura moral e à experiência espiritual de Moisés podemos atribuir o pensamento de Deus como Quem não está localizado, não tem sexo e nem consorte, e, de fato, é antropopsíquico e não antropomórfico, não podendo, dessa maneira, haver alguma imagem de Deus. Além disso, Moisés exigia lealdade exclusiva da parte de seu povo. A presença dele é sentida, principalmente, nas exigências da *vontade ética* de Deus, quanto à gratidão, à lealdade e a reação favorável dos homens diante de seu justo propósito e de sua misericórdia. O poder de Deus manifestar-se-ia através de fenômenos físicos e psíquicos morais dos homens. A adoração a Deus era o *vínculo* que unia a sociedade de Israel, porquanto isso envolvia não somente atos cúlticos, mas também uma *conduta moral,* que produzia coesão e bem-estar sociais» (E).

III. Significação Ética e Teológica de Moisés

1. Moralidade; a Alma; a Antiga Fé e a Nova Fé

A antiga teologia dos hebreus mostrava-se deficiente quanto à existência e sobrevivência da alma ante a morte física. Isso é reconhecido pelos estudiosos, embora, quanto ao nível popular, o relato da criação, em Gênesis, seja concebido como uma narrativa que inclui a existência da alma. Todavia, nenhuma doutrina da alma pode ser extraída do Pentateuco. Essa doutrina só fez seu aparecimento, no Antigo Testamento, já nos Salmos e nos Profetas. Embora uma característica central da vida de Moisés, exemplificada em sua lei, fosse os requisitos éticos impostos por Yahweh, ainda assim a lei nunca apela para uma vida após-túmulo, ou boa (para os justos) ou má (para os pecadores impenitentes). E, apesar de ser dito que o homem «viverá», mediante o cumprimejto das exigências da lei (ver Lev. 18:5), essa *vida* consiste em uma existência próspera e abençoada neste mundo, e não algo a ser desfrutado após a morte biológica. A despeito dessa deficiência, que foi anulada obviamente por Jesus, o segundo Moisés, não se pode subestimar a importância ética dos escritos de Moisés. Não deveríamos olvidar a natureza altamente desenvolvida das leis da Mesopotâmia. Os hebreus não foram o único povo semita que contava com sistemas legais bem elaborados. Contudo, foi Moisés quem conseguiu assentar isso sobre uma firme base monoteísta (ou henoteísta?), ao remover o entulho de idolatria e de um interminável cortejo de deuses imaginários. Mas o decálogo e a lei do sábado não eram únicos. As leis babilônicas já tinham incluído esses preceitos, excetuando-se apenas a demanda em favor do monoteísmo. Mas foi a combinação, feita por Moisés, desses elementos com a *nova teologia,* que formou a base de uma nação dedicada a princípios éticos e religiosos.

O Antigo Testamento faz de Moisés uma figura ímpar (ver Deu. 34:10); e o Novo Testamento equipara-o com a figura central da fé cristã, Jesus Cristo. Lemos em João 1:17: «Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo». Assim, a *antiga fé* estava alicerçada sobre Moisés; a nova fé está alicerçada sobre Cristo. Nisso, pois, divisamos a importância teológica de Moisés. O judaísmo apoia-se sobre Moisés, isto é, sobre a legislação mosaica, com o acréscimo de questões tradicionais. Em contraste com isso, sobre Cristo (principalmente conforme ele é interpretado por Paulo) é que se respalda a *nova fé.* Nos conflitos em meio aos quais foi formado o cânon veterotestamentário, Moisés sempre se destacou em primeiro lugar, ou mesmo, exclusivamente. E até mesmo já dentro da era cristã, entre os judeus havia os saduceus, que aceitavam *exclusivamente o* Pentateuco, como sua regra de fé e prática, embora outros judeus adicionassem os Salmos e os Profetas. E os judeus da diáspora (da dispersão) adicionaram a isso os livros apócrifos e mesmo alguns dos livros pseudepígrafos. Não obstante, em todos os casos Moisés foi sempre a figura central desse processo canonizador, e sua pedra angular.

2. A Revelação Divina

É verdade que quase todos os povos antigos já tinham tido a idéia de que os seus deuses revelavam-lhes a sua vontade, mediante profetas cujas mensagens eram então preservadas em documentos escritos. Portanto, não foi Moisés quem inventou a idéia. Mas o processo histórico tem honrado essa lealdade a Yahweh e à sua mensagem aos esforços de Moisés, que assim se destacou acima de qualquer outro líder religioso. Os Dez Mandamentos aparecem escritos pelo próprio dedo de Deus (ver Deu. 5:22); e podemos estar certos de que, pelo menos desde tempos bem antigos, assim se acreditava quanto à totalidade do Pentateuco. Revelações divinas sempre formaram o alicerce dos sistemas religiosos. Isso não significa, contudo, que os homens não se possam equivocar, ou que um profeta ou místico esteja sempre com a razão quanto àquilo que ele supõe que o poder divino lhe revelou. Mas significa que a revelação tem tido um papel importante na história das idéias religiosas.

3. Atos Divinos; o Teísmo

Também não podemos esquecer que, por detrás da lei e da revelação divina, temos os *atos divinos,* como no relato do êxodo de Israel do Egito e da conquista da Terra Prometida. Isso ensina-nos o *teísmo,* em contraste com o *deísmo.* No teísmo, Deus aparece como um Deus ativo, que intervém; na história humana, que recompensa e pune a cada indivíduo, segundo o caso, e que está sempre interessado pelo homem e seu bem-estar. O deísmo, por sua vez, supõe que Deus, desde há muito, abandonou a sua criação, permitindo que as leis naturais se encarregassem de galardoar ou punir aos homens. Ver os artigos distintos sobre esses assuntos. Quanto ao propósito de Deus a ser cumprido, se seu desejo revelador devesse ser levado à fruição, então Israel, o veículo da revelação divina, precisou ser tirado do Egito e estabelecido em sua própria terra prometida. O êxodo e a conquista da Terra Prometida tinham de ser bem-sucedidos.

4. Moisés: Tipo e Antítipo de Cristo

Moisés trouxe uma fé preliminar e foi o primeiro legislador. Cristo não veio ao mundo para anular essa revelação mosaica, mas para levá-la à perfeição (ver Mat. 5:17). O trecho de João 1:17 contrasta a lei e a graça, conforme já vimos, atribuindo a primeira a Moisés e a segunda a Cristo. E a mensagem geral do apóstolo Paulo exibiu a futilidade da lei como medida salvaticia, ainda que exaltasse a lei como um meio necessário para mostrar aos homens o quanto eles carecem de Cristo. As Epístolas aos Romanos e aos Gálatas servem de declarações clássicas dessas idéias fundamentais. Cristo foi o Segundo e Maior Legislador. Os capítulos cinco a sete do evangelho de Mateus mostram isso claramente, visto que Cristo reinterpretou a lei mosaica, do ponto de vista dos motivos íntimos, conferindo-lhe uma significação ética muito mais profunda.

IV. Fontes Informativas sobre Moisés

O Enigma do Silêncio

Muito material histórico antigo, pertencente ao segundo milênio A.C., tem sido preservado em documentos egípcios. No entanto, não há uma única menção a Moisés, nesses escritos. E ele também não é mencionado nas inscrições palestinas, siro-fenícias e mesopotâmicas do mesmo período. Essa circunstância, que forma aquilo que alguns têm chamado de «enigma do silêncio», talvez tenha sido o principal fator no ceticismo dos estudiosos do século XIX quanto à historicidade das narrativas bíblicas. Porém, várias coisas podem ser ditas, suavizando a situação. Por exemplo, os historiadores têm observado que os egípcios (como outros povos antigos) não tinham o cuidado de preservar registros de suas derrotas. Por isso mesmo, há muitas e graves lacunas nas informações históricas sobre o antigo Oriente Próximo e Médio, envolvendo todas as nações da área, e não apenas o Egito. Acresça-se a isso que se na Bíblia o Êxodo de Israel do Egito foi um acontecimento de capital importância, para os egípcios deve ter sido um incidente pequeno, indigno de qualquer maior atenção.

«Os historiadores modernos não mais se surpreendem diante da ausência de evidências extrabíblicas acerca de Moisés, de Abraão e de outros patriarcas. O caso não é diferente daquilo que aconteceu a Buda, a Jesus, a Maomé e a outras personagens religiosas, cujas atividades tiveram lugar à beira dos centros políticos da civilização» (AM). Em outras palavras, tais figuras só se tornaram vultos importantes mais tarde, quando seus respectivos movimentos religiosos já haviam conquistado muito terreno.

Quanto aos registros bíblicos, que constituem as únicas fontes informativas realmente dignas de confiança (as tradições, como aquelas preservadas por Josefo e pelo Talmude, talvez tenham algum valor, mas isso é difícil de ser avaliado), nos últimos duzentos anos têm sido sujeitados à mais exaustiva crítica e análise. Os críticos distinguem três tipos principais de documentos, de várias épocas e proveniências, que estão envolvidos nesses relatos:

1. Duas tradições orais: uma delas foi a repousar em Jerusalém, na época de Davi (cerca de 1000 A.C.). E a outra chegou à plena fruição em cerca de 850 A.C., nos dias de Acabe e Elias. De acordo com certos estudiosos, essas tradições vieram a ser conhecidas, respectivamente, como o material Jeovista (*J*) e o material Eloísta (*E*).

2. Outras tradições, especialmente concernentes a questões legais, reunidas no norte de Israel e publicadas em Jerusalém, nos tempos de Josias (621 A.C.). Essas tradições são chamadas *D*, por estarem ligadas à segunda lei, o *Deuteronômio*, em contraste com a primeira lei, contida nos livros de Êxodo, Números e Levítico.

3. Tradições sobre ritos religiosos, preservadas pelos descendentes dos sacerdotes de Jerusalém, durante e após o exílio babilônico (cerca de 587-538 A.C.). Essas tradições são chamadas *S*, por serem de origem sacerdotal. Dentre essas quatro fortes, os críticos pensam que as mais dignas de confiança são as fontes *J* e *E*. Além desse material, poderíamos adicionar algumas poucas referências bíblicas, como I Sam. 12:6; 6:4 e Jer. 15:1. Por sua parte, os escritos judaicos não-bíblicos, embora contenham muitas tradições e lendas, não se revestem de grande valor histórico. Quanto a maiores detalhes sobre essas alegadas fontes informativas ver o artigo intitulado *J.E.D.P.(S).* Ver também a seção VIII. *Moisés e a Arqueologia,* abaixo.

V. Moisés e os Acontecimentos Históricos

A vida de Moisés pode ser facilmente dividida em três períodos de quarenta anos cada, o que é comentado no trecho de Atos 7:23,30,36. Sigamos esse esboço geral nos pontos 1,2 e 3 abaixo, que apresentamos sob forma de esboço.

1. Os Primeiros Quarenta Anos

a. *Nascimento. A Filha de* Faraó *Salva Moisés. Os* estudiosos variam muito no tocante à data do nascimento de Moisés. Alguns chegam a pensar em 1520 A.C., mas outros falam em 1350 A.C. Já demos informações sobre sua linhagem e família imediata, na primeira seção. Moisés era o irmão mais novo: Miriã era a irmã mais velha, e depois vinha Aarão. Moisés, muito criança ainda, foi posto em uma cestinha calafetada e deixada a boiar sobre as águas do rio Nilo, a fim de que escapasse da ordem de Faraó, que era a de que fossem atirados no rio todos os meninos nascidos aos israelitas. Uma filha do Faraó veio até à beira do rio a fim de banhar-se e encontrou a cestinha com a criança. A simpatia humana, bem como o instinto maternal levou a jovem egípcia a ter misericórdia do menino. Sem dúvida despertou o seu desejo de criar a criança para ela mesma. A beleza de Moisés como criança ajudou a situação. Ver o primeiro capítulo do livro de Êxodo.

b. *Infância e Criação de Moisés.* Não dispomos de informações diretas sobre a criação de Moisés; mas, visto que ele estava tão próximo do próprio Faraó, podemos supor que ele recebeu a melhor educação possível entre os egípcios. O trecho de Atos 7:22 faz um comentário a respeito, embora o próprio Antigo Testamento se mostre silente sobre a questão. A descoberta dos tabletes de Tell el-Amarna mostrou que havia uma cultura literária adiantada por todo o Oriente Próximo e Médio, nos dias de Moisés. Assim, é provável que Moisés tenha aprendido a escrever nos hieróglifos egípcios, na escrita cuneiforme acádica, e, talvez, em alguma escrita cuneiforme alfabética, como a de Ugarite, quase idêntica à escrita dos hebreus da época. Não se sabe dizer como ele aprendeu o hebraico, mas, de algum modo, ele mesmo deve ter-se interessado pela questão.

2. Os Segundos Quarenta Anos

a. *Moisés Torna-se Assassino e Foge.* Quando Moisés tinha cerca de quarenta anos de idade, viu um compatriota seu ser vítima dos abusos de um egípcio. Em uma explosão de ira, matou o egípcio. Moisés pensava que ninguém o teria visto. Mas, no dia seguinte, quando tentou intervir entre dois israelitas que disputavam, tanto eles rejeitaram a intervenção dele quanto mencionaram o ocorrido no dia anterior. A notícia deve ter-se espalhado rapidamente. Faraó ouviu a notícia e começou a procurar Moisés, a fim de executá-lo. Temeroso, Moisés fugiu para Midiã. Ver Êxo. 2:11 *ss.* A decisão de Moisés, de aliar-se a seu povo de Israel merece atenção toda especial, em Heb. 11:24,25.

b. *Casamento.* Na península do Sinai, ou nas proximidades, em sua fuga, Moisés pôs-se a descansar por um pouco, perto de um poço. Ele ajudou algumas donzelas a tirarem água para suas ovelhas, e, por causa disso, elas puderam voltar mais cedo para casa. E contaram ao pai delas, Jetro (que tinha sete filhas), o que havia acontecido à beira do poço. Ora, Jetro era um sacerdote midianita. Ele convidou Moisés para sua casa e, não muito tempo depois disso, deu Zípora, uma de suas filhas, como esposa, a Moisés. E Moisés tornou-se pastor de ovelhas, cuidando dos rebanhos de seu sogro. Ver Êxo. 2:15 *ss.*

c. Dois Filhos. Primeiramente nasceu Gérson nome que significa «estrangeiro», refletindo a situação civil de Moisés. Depois nasceu Eliezer, que significa «Deus foi minha ajuda», dando a entender que essa ajuda lhe era conferida, quando necessário (ver Êxo. 2; Atos 7:20-29; Heb. 11:24-26).

Entrementes, o Faraó que pretendera justiçar Moisés, acabou morrendo. Mas os judeus continuavam escravizados.

d. *A Sarça Ardente.* Moisés continuou a trabalhar como pastor, no espaço de quatro décadas. Um dia, quando ele conduzia seus rebanhos para a porção norte ou ocidental do Sinai, viu um arbusto que pegava fogo, mas não era consumido pelas chamas. Ele ficou admirado diante da cena, e aproximou-se para ver melhor o que estava sucedendo. Então, ele ouviu a voz do Senhor, que saía dentre os ramos do arbusto. E foi-lhe ordenado tirar as sandálias, porque aquele terrreno era santo. Ali estava o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó. Deus tinha consciência dos sofrimentos de seu povo, e estava prestes a intervir na história humana. E o seu agente humano, naquela intervenção, seria Moisés.

Na ocasião, Deus revelou-se como o grande «EU SOU», o Deus eterno, de Quem depende todo ser e o próprio tempo. Como sempre acontece, o candidato a profeta (Moisés) precisava de um sinal. Deus,

pois, concedeu-lhe um sinal quádruplo. Sua vara de pastor transformou-se em uma serpente, predizendo como certas pragas sacudiriam o Egito. Então, a vara voltou à forma normal. Isso serviria de símbolo do poder que Moisés teria, a fim de humilhar aos egípcios. Além disso, por ordem do Senhor, Moisés meteu a mão no peito, e ela ficou leprosa, e, então, tornou a metê-la ali, e ela lhe foi restaurada. Isso lhe serviria de sinal do fato de que Deus controla toda espécie de condição física. Esses milagres deveriam ser repetidos diante dos hebreus, como sinal de autenticação de sua missão.

Apesar disso, Moisés ainda não estava convencido. E queixou-se de não ser bom orador, pelo que dificilmente conseguiria convencer ao Faraó. O Senhor, em face disso, referiu-se a Aarão, irmão de Moisés, que sabia falar bem; e o Senhor nomeou a Aarão para ser o companheiro e porta-voz de Moisés. Então, a aliança do Senhor com Moisés foi confirmada. Através de Moisés, o Senhor estava prestes a desencadear acontecimentos imortais. Ver Êxo. 3:10 *ss.*

e. *O Tetragrama.* A palavra hebraica de quatro letras consoantes, que indica o nome especial de Deus, que ele revelou a Israel—YHWH (Yahweh). Esse nome passou a ser o nome de Deus, do ângulo do pacto que ele firmou com o povo de Israel. Os eruditos, mui provavelmente, estão com a razão, quando dizem que esse nome já era conhecido antes, em outras culturas semíticas, para indicar a deidade. Mas, foi por ocasião dessa teofania a Moisés que o nome Yahweh passou a revestir-se de significação toda especial para com o povo de Israel.

f. *Jetro Permite que Moisés Vá ao Egito.* Na qualidade de sacerdote que era, Jetro deve ter entendido a experiência mística de Moisés (ver sobre o *Misticismo).* Mas Moisés apresentou certas razões para sua visita ao Egito, sem revelar a seu sogro o seu verdadeiro motivo. E Jetro lhe permitiu, ver I Sam. 16:2 *ss.* A missão era perigosa, mas Moisés contava com a garantia divina de que seria protegido. E partiu para o Egito, levando consigo a vara de Deus: um homem munido com uma vara, desafiando o império egípcio!

g. *A Viagem ao Egito.* Moisés fez montarem sobre um único jumento a sua esposa e seus dois filhos. Isso mostra-nos duas coisas: quão pequenos eram ainda os seus filhos; e, em segundo lugar, quão grande conquistador era Moisés: um único jumento!

h. *O Marido Sangüinário.* Esse episódio é contado em Êxo. 4:24-31. Foi um incidente estranho, para dizer o mínimo. O Senhor (ou, conforme alguns insistem, o Anjo do Senhor) veio ao encontro de Moisés na hospedaria onde a família fizera uma pausa na viagem, e ameaçou matá-lo, provavelmente por ter-se esquecido do sinal da circuncisão, deixando seus filhos como se fossem pagãos. Zípora, sem dúvida assustada diante da visão, e/ou sob ordens de Moisés, tomou uma pedra afiada e circuncidou seus dois meninos. No entanto, ela não estava acostumada com uma operação como essa. O sangue ficou escorrendo dos meninos, e ela exclamou, horrorizada, acusando Moisés: «Esposo sangüinário»! Ver Gên. 17:13,14 quanto à exigência da circuncisão, por parte do pacto abraâmico.

i. *O Encontro com Aarão.* Ver Êxo. 4:14,27. O Senhor enviou Aarão para ir encontrar-se com Moisés. Parece que Zípora e seus filhos tiveram de voltar à companhia de Jetro, enquanto Moisés encarregava-se da perigosíssima missão. Lemos, em Êxo. 18:1-6, que ela foi trazida de volta a Moisés, por seu pai, com os dois meninos. E isso significa que, em algum ponto dos acontecimentos, ela deve ter voltado à sua terra. Então os dois irmãos, Moisés e Aarão, foram comissionados para a tarefa. Moisés contou-lhe tudo quanto havia acontecido, bem como as divinas palavras que lhe tinham sido dirigidas, bem como todos os sinais miraculosos que lhe haviam sido concedidos.

3. Os Últimos Quarenta Anos

Esse último período da vida de Moisés começou quando ele retornou ao Egito. Agora, Moisés já era homem com cerca de oitenta anos de idade, mas foi então que começou o período mais importante de sua vida! A sua tarefa era libertar os israelitas da servidão no Egito. Moisés defrontava-se com duas gigantescas tarefas: 1. o conflito com Faraó e os egípcios; 2. a necessidade de instar com os próprios israelitas, que só seriam libertados da escravidão em meio a muita relutância, queixumes e rebeldia. Em Deu. 9:24 somos informados de que Moisés queixou-se de que Israel se mostrara rebelde contra Deus desde o primeiro dia!

a. *Moisés Defronta-se com o Faraó. Primeira Solicitação.* Moisés e Aarão tinham-se feito crer pelos hebreus—e assim começara o movimento de libertação de Israel. Em seguida, eles apresentaram sua exigência ao Faraó (Aarão foi o porta-voz), para que os israelitas recebessem liberdade. Ver Êxo. 3:18; 4:29-31; 5:1,2,22 *ss. O Senhor Deus* é quem estava exigindo a soltura, mas o Faraó não se sentia impressionado diante da menção do nome do Senhor. Não reconhecia ao Senhor e nem concederia o pedido feito por Moisés. E o Faraó reagiu contra a iniciativa de Moisés, aumentando os labores dos hebreus, que já eram escravos oprimidos. As coisas estavam ficando cada vez mais negras. E Moisés e Aarão foram acusados pelos israelitas de terem piorado as coisas, em vez de melhorá-las. E Moisés, por sua vez, lançou a responsabilidade disso sobre Deus (ver Êxo. 5:22 ss).

b. O *Conflito com o Faraó.* Foi renovada por Deus a promessa de sucesso (ver Êxo. 6:1); mas antes teria de haver um amargo *conflito.* As vitórias só são obtidas depois da luta, e não antes; e essas vitórias são prêmios que recebemos após duras experiências. A vida é uma escola, e temos de aprender reiteradamente essa lição. Nenhum boxeador vale muita coisa enquanto não passa da teoria para a prática, e a prática é que confere habilidade, em meio a muitas lutas. Moisés recebeu a garantia de que o pacto firmado com sua gente não seria anulado, e nem mesmo sofreria emendas. Antes, a promessa seria cumprida aos descendentes de Abraão, e uma parte dessa promessa é que eles sairiam livres do Egito (ver Êxo. 6:2-9). Quem falava assim era o próprio YHWH. Ver os artigos separados com os títulos de *Yahweh* e *Jeová,* quanto a amplos detalhes sobre o pano de fundo histórico e sobre o que estava implícito nesse nome de Deus. Muitas e tremendas pragas far-se-iam necessárias para que o propósito de Deus tivesse cumprimento. O Faraó precisava ser convencido. Usualmente é assim que acontece com os pecadores empedernidos.

c. *As Pragas do Egito.* Oferecemos um artigo separado sobre a questão, com esse título. Dez pragas foram necessárias para convencer o Faraó sobre a soberania de Deus, forçando-o a libertar Israel. O alvo primário era o êxodo; um alvo secundário era que o Faraó e os egípcios viessem a reconhecer a identidade e o poder de Yahweh (ver Êxo. 7:5,17; 8:10,22; 9:14,29;11:7;14:18). E os próprios israelitas precisavam aprender essas lições (ver Êxo. 6:7; 10:2; 11:7; 14:31; 31:12). O nono capítulo da Epístola aos Romanos é o mais longo comentário neotestamentário sobre essas questões, cujo intuito era o de demonstrar a soberania de Deus. A passagem não conta com a vantagem da *polaridade* (vide), pelo que sofre diante das interpretações extremistas, que deixam totalmente de fora o fator do *livre-arbítrio* humano (vide). Todavia, o quadro é claro, embora sejamos deixados a debater-nos com o misterioso paradoxo entre o *determinismo* divino (vide) e o *livre-arbítrio* humano. Esse paradoxo não pode ser devidamente sondado pela mente humana. Os artigos mencionados entram em detalhes sobre o assunto. Ver também o artigo intitulado *Predestinação,* que oferece informações adicionais. As pragas do Egito foram enviadas para fornecer iluminação e quebrar as vontades rebeldes e obstinadas. Ambos esses propósitos são necessários, ambos são dignos. A última das dez pragas foi a mais severa de todas, porquanto requereu a morte do todos os primogênitos do Egito, ao mesmo tempo em que os hebreus foram isentados de tal perda. A cada nova praga, a autoridade de Moisés ia crescendo (ver Êxo. 11:3), e podemos apenas supor que ele ia desdobrando aqueles propósitos divinos através da proteção divina direta, pois, sem a mesma, desde o começo teria sido assassinado. O homem que viera com um jumento, muito já havia progredido em sua conquista.

d. O *Êxodo.* Ver o artigo separado sobre esse assunto. A morte de todos os primogênitos do Egito foi demais para que o Faraó continuasse controlando a situação. Ele foi forçado a permitir que Israel partisse do Egito. Sob a liderança de Moisés, Israel celebrou a *páscoa* (vide), e então saiu do Egito, levando todos os seus filhos, seu gado, seus bens domésticos *e os ossos* de José, que são especificamente mencionados em Êxo. 13:19. Isso cumpriu um desejo expresso por José, servindo de apropriado símbolo. Mas o Faraó insistiu em sua dureza de coração, e saiu em perseguição dos israelitas. Isso lhe custou a vida, pois morreu afogado nas águas do mar Vermelho, com todas as tropas egípcias que o seguiam (ver Êxo. 14:13).

e. A *Coluna de Nuvem e de Fogo.* Damos um artigo separado sobre esse fenômeno, com o título de *Colunas de Fogo e de Nuvem.* Ali são passadas em revista as explicações naturais e sobrenaturais do fenômeno. Tais elementos falam acerca dos cuidados de Deus por seu povo. O homem nada pode fazer por si mesmo. Algumas vezes, precisa ser socorrido pela ajuda divina. Há batalhas nas quais podemos entrar sozinhos; mas outras existem que requerem a intervenção de nosso divino Aliado.

f. *Começam as Murmurações. As Águas de Mara.* Ver Êxo. 14:31 *ss;* 15:24 *ss.* Uma obra grandiosa fora realizada, mas a própria vida vai trazendo sempre novas lições. Assim sendo, talvez não devêssemos ser muito críticos acerca de como o povo de Israel murmurou no deserto contra Moisés e o Senhor. Em nossos próprios desertos, vivemos a queixar-nos. Poucos dias depois que partira do Egito, o povo de Israel desviou sua rota para o suleste. Acabou-se a água, e não havia água no deserto. Finalmente, encontraram água em Mara, mas tal água era amargosa demais para ser bebida. Moisés chegou a perguntar a si mesmo se Deus trouxera o seu povo ao deserto, somente para matá-lo de sede. E rogou pela ajuda divina. E então foi orientado para lançar uma árvore nas águas, e ao fazer assim, as águas de Mara tornaram-se potáveis. Em seguida, os israelitas marcharam na direção de Elim, onde havia água abundante, porquanto ali havia um oásis com setenta palmeiras.

g. *As Codornizes e o Maná.* Trinta e um dias após os israelitas terem partido do Egito, os alimentos terminaram. As murmurações intensificaram-se, porque nada havia para comer. Moisés clamou ao Senhor. Naquela mesma noite, um número prodigioso de codornizes ajuntou-se em redor das tendas dos israelitas. E na manhã seguinte começou o milagre do maná, o que continuou sendo a provisão alimentar, providenciada miraculosamente pelo Senhor, durante todos os quarenta anos em que Israel ficou vagueando pelo deserto. Naturalmente, em tudo isso ocultam-se grandes lições para nosso aprendizado: «...Deus... há de suprir em Cristo Jesus cada uma de vossas necessidades» (Fil. 4:19). Essa é uma lição que eu mesmo tenho tido de aprender por muitas vezes, embora também tenha presenciado notáveis intervenções divinas nessa área. Que Deus conceda mais dessas vitórias, a *mim* e ao prezado *leitor!* Não obstante, nunca nos deveríamos esquecer que nossas mais profundas necessidades são espirituais. Acima de tudo, precisamos da iluminação do Espírito Santo, a fim de que possamos ser espiritualizados segundo a imagem de Cristo, o Filho de Deus (ver Rom. 8:29; II Cor. 3:18). Esse episódio com Israel é narrado no décimo sexto capítulo do livro de Êxodo.

h. *Em Horebe. Batalha Contra os Amalequitas.* Em Horebe houve outra provisão miraculosa de água potável, após muitas murmurações dos hebreus. Então seguiram-se batalhas e vitórias sobre os filhos de Amaleque. Ambos os incidentes supriram um incentivo psicológico muito necessário para Moisés e para o povo de Israel. Ver o capítulo dezessete de Êxodo.

i. *A Visita de Jetro.* É bom quando estamos em boas relações com nossos respectivos sogros. O décimo oitavo capítulo de Êxodo registra a visita que Jetro fez a Moisés, tendo ouvido todas as grandes coisas que vinham sucedendo. Ele reconheceu a mão de Deus em todas as ocorrências, e deu a Deus o devido crédito, exaltando-o acima de todos os outros deuses. Assim, sua fé estava crescendo. Jetro percebeu as imensas responsabilidades de Moisés, e sugeriu que ele delegasse parte de sua autoridade. O conselho foi seguido por Moisés, e assim tiveram início as primeiras agências governamentais do povo de Israel. Moisés continuou a jornada, e Jetro voltou para casa.

j. *A Outorga da Lei, no Sinai.* Ver o vigésimo capítulo de Êxodo quanto a essa questão. O relato começa em Êxo. 19:18, contando sobre uma teofania. Foi um espetáculo amedrontador. Moisés foi convocado a subir ao alto do monte Sinai. Os *Dez Mandamentos* (vide) foram dados. O trecho de Heb. 12:21 enfatiza o terror da visão dada a Moisés. Novamente, uma experiência mística (ver sobre o *Misticismo)* fez o homem avançar em sua espiritualidade. Os israelitas postaram-se à distância. Somente ao instrumento especial de Deus foi concedida aquela visão, embora o povo também tivesse presenciado coisas notáveis.

l. *Aarão e os Setenta Anciãos de Israel.* Ver o capítulo vinte e quatro de Êxodo. Moisés desfrutava de comunhão direta com Deus. Líderes secundários, como Aarão e os anciãos, mantinham-se à distância. A lei foi lida, ratificada, e tornou-se a base legal do povo de Israel. Esses líderes secundários eram representantes do povo, e tinham experiências religiosas mais modestas (vs. 11). Moisés passou quarenta dias na presença de Deus e não comeu nem bebeu durante esse período. As modernas experiências místicas demonstram o quanto as pessoas podem passar sem comida e sem água, quando em meio a experiências místicas significativas. Moisés foi sustentado de maneira misteriosa para nós, tal como foi dito acerca de Jesus, em João 4:32, em sentido metafórico. O trecho de Êxo. 32:17 fala de dias próximos aos primeiros quarenta dias; mas, nos segundos quarenta dias, não havia ninguém com Moisés (ver Êxo. 34:3). Pois, então, Josué ficou encarregado da tenda (ver Êxo. 33:11).

m. *Moisés e o Tabernáculo.* Um segundo período de quarenta dias no monte esteve associado à revelação de Deus a Moisés acerca da ereção do tabernáculo, e todos os seus ritos. Ver Êxo. 24:14 *ss* e 25:9,40, comparando isso com o comentário de Heb 8:5. Então foram preparadas as tábuas de pedra, onde a lei fora inscrita «pelo dedo de Deus» (Êxo. 31:18).

n. A Grande Apostasia. O Bezerro de Ouro. Em ocasião posterior, quando Moisés recebia mais instruções sobre como Yahweh se relacionaria ao povo, os israelitas, valendo-se da ausência dele, reverteram à idolatria, sem dúvida imitando o que tinham visto e talvez praticado no Egito. O fato de que eles puderam reverter assim a uma crassa idolatria mostra o baixo estado espiritual de entendimento e avanço em que eles se achavam. Ver Êxo. 32:1. Outro fator espantoso, nesse episódio, foi a facilidade com que Aarão cedeu diante das exigências deles (ver Êxo. 32:2). Foi feito o bezerro de ouro, com grande sacrifício financeiro do povo; e a essa falsa divindade foi dado o crédito de ter livrado Israel do Egito! Mas, na verdade, Israel estava voltando, espiritualmente, ao Egito, visto que o culto ao boi era tão importante naquele país. Ver o artigo sobre *Ápis.*

o. *O Desprazer e a Intercessão de Moisés.* Moisés ficou muito irado ao ver o que estava sucedendo, e quebrou as tábuas da lei. Pulverizou a imagem de ouro e misturou o pó em água, e fez o povo beber a mistura. Em seguida, os levitas mataram cerca de três mil homens, buscando aplacar a ira de Deus e evitar o seu juízo. O próprio Aarão, porém, foi poupado (ver Êxo. 9:20). Então Moisés passou a interceder pelo povo de Israel (ver Êxo. 32:31), a fim de que aquele grande pecado lhes fosse perdoado. Chegou mesmo a dizer que preferia ter o seu nome apagado do Livro da Vida de Deus do que ver Israel ser destruído por aquele motivo. O tom da passagem (Êxo. 32:12 e seu contexto) assemelha-se ao de Paulo, em Rom. 9:2 *ss.* Moisés teve várias experiências místicas profundas da presença de Deus. O povo de Israel foi perdoado, e foram preparadas novas tábuas da lei. Ver o capítulo trinta e três do livro de Êxodo.

p. *O Véu Sobre o Rosto de Moisés.* Após a sua segunda permanência no monte, Moisés desceu com seu rosto *resplandecente,* como se dele saíssem raios (ver Êxo. 34:29-35). Os intérpretes têm duas

idéias diversas sobre a questão, ambas refletidas nas traduções. A primeira é que o véu protegia as pessoas, a fim de que não contemplassem visão tão gloriosa, por não serem capazes de suportá-la. A outra idéia é que o véu impedia as pessoas de verem a glória celeste que elas não mereciam contemplar, nem mesmo estando preparadas para tal experiência. Gradualmente, porém, esse brilho foi-se dissipando. Paulo, em II Cor. 3:13, faz alusão a essa experiência. A interpretação do apóstolo é que as pessoas não podiam divisar a verdadeira natureza da dispensação e provisão mosaicas. Pois, embora essa glória fosse grande, desde o começo estava destinada a desaparecer, e não a prosseguir. Tratou-se, pois, de uma glória oculta e não bem entendida. Mas, simbolicamente, o véu é abolido em Cristo, visto que ele trouxe uma glória maior e destituída de véu—a dispensação da graça e da salvação. Em seguida, Paulo aplica incidente ao embotamento do entendimento de Israel a despeito do aparecimento de Cristo. E até hoje o véu permanece sobre os corações e entendimentos do povo de Israel, porquanto não têm contemplado a glória do Filho de Deus (II Cor. 3:15). Mas o Senhor, o Espírito Santo, é capaz de remover esse véu de ignorância livrando os homens e conferindo-lhes sua total liberdade. E então, nesse contexto, como conclusão Já questão, aparece um dos maiores versículos de todo o Novo Testamento:

«E todos nós com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espirito» (II Cor. 3:18).

Quando contemplamos o *espelho espiritual,* não vemos a nós mesmos. Antes, miramos ali o Homem Ideal, em cuja imagem estamos sendo paulatinamente transformados. Enquanto contemplamos essa visão, vamos sendo transformados na imagem que divisamos. E isso vai passando de um grau de glória para o outro, até que, finalmente, chegaremos a compartilhar da perfeita imagem de Cristo (ver Rom. 8:29). Os remidos chegam a compartilhar da plenitude de Deus (sua natureza e atributos; Efé. 3:19), e de sua divina natureza (II Ped. 1:4). Essa é a mensagem do evangelho em seu ponto culminante, embora esse particular não seja bem compreendido e nem muito pregado hoje em dia nos púlpitos evangélicos. Esse processo de transformação prosseguirá por toda a eternidade. A glorificação será algo eterno, e não um acontecimento de uma vez por todas. Visto que há uma infinitude com que seremos cheios, também deverá haver um enchimento infinito.

q. *Consolidação da Nova Adoração.* O tabernáculo e seu ritual foram delineados e estabelecidos (ver Êxo. 25:9,40; 26:30; 27:8; 39:32,43; comparar com Heb. 8:5). Um planejamento divino cercou toda a ereção do tabernáculo, até os mínimos detalhes. O tabernáculo seria o lugar de contacto entre Deus e os homens, o lugar de seu culto formal. Aarão e seus filhos tornaram-se os sacerdotes-guardiães desse culto. Isso já havia sido descrito nos capítulos oitavo e nono do livro de Êxodo. Seguem-se detalhes nos capítulos vinte e oito e vinte e nove, como também em 39:1-31,41.

A solene inauguração do sistema é descrito nos capítulos oito e nove do livro de Levítico, livro esse que fala sobre os detalhes das obrigações, dos serviços e do culto que deveriam ser prestados pelos sacerdotes. A posição de Aarão, que era a de sumo sacerdote, era vitalícia e hereditaria (ver Lev. 6:22; 16:32). Antes de morrer, Eleazar, seu filho, tornou-se o seu substituto (ver Núm. 20:22-28). Porém, o próprio Moisés não teve sucessor. Seu trabalho estava terminado. Só podia mesmo haver um legislador no Antigo Testamento, tal como só pôde haver um segundo Moisés no Novo Testamento, o qual nos trouxe a graça e a verdade, em lugar da antiga fé da lei mosaica (ver João 1:17). Nessa segunda provisão, foi-nos revelado o Filho, que é Revelador de Deus Pai, algo que a antiga fé não conseguiu fazer em qualquer sentido eficaz.

r. *A Tragédia de Nadabe e Abiú.* Esse relato aparece no décimo capítulo de Levítico. Esses dois eram filhos de Aarão, e eram sacerdotes autorizados; mas ofereceram fogo estranho diante do Senhor. Eles acenderam esse fogo sobre o altar do incenso, que ficava no Lugar Santo, perto do véu que dividia o Santo dos Santos do Lugar Santo. Fizeram isso por iniciativa própria, sem terem recebido qualquer ordem para isso. A Aarão é que cabia oferecer o incenso. Como punição, Nadabe e Abiú foram consumidos pelo fogo de Deus. E não parece ter havido qualquer remorso, por parte de Moisés, diante da morte de seus sobrinhos, um sinal da gravidade da falta deles. Esse relato tem-se tornado em um texto comum para destacar o erro da adoração ilegítima, sem importar quão sinceros sejam os adoradores.

s. *O Povo Parte do Sinai.* O livro de Números conta a história da numeração das doze tribos de Israel, a separação da tribo de Levi dentre as demais, e as posições ocupadas pelas tribos, dentro do acampamento, em redor do tabernáculo, que ocupava posição central a tudo. O nono capítulo desse livro fala sobre a celebração da páscoa, um ano depois do êxodo. Foi então que o povo de Israel partiu dali, com a ajuda de Hobabe como guia, que conhecia bem as regiões que eles teriam de atravessar. Ver Núm. 10:31.

t. *O Maná e as Queixas de Israel.* Nem bem o povo tinha deixado o Sinai quando deixou claro que estava enfadado de maná. Tinham muito o que comer, mas era terrível! Eles tinham o chamado «pão do céu», mas preferiam carne. Ver o décimo primeiro capitulo de Números quanto à história. Yahweh ficou muito irado diante de tais atitudes da parte de seu povo. Grande número de codornizes foi enviado para satisfazer o pedido deles; mas, então, sobreveio uma praga para castigá-los. Muitos morreram e foram sepultados no local. O lugar passou a ser chamado de QuibroteTaavá, «sepulcros do desejo» (ver Núm. 11:34), devido ao desejo que manifestaram de comer carne. Dali partiram na direção de Hazerote. Um ponto positivo, entre esses acontecimentos, foi que Moisés precisou aprender a delegar autoridade, porquanto não havia como ele pudesse manusear sozinho tanta gente, com suas necessidades e queixas.

u. *Miriã e Aarão Rebelam-se.* Parece que a iniciativa, nessa rebeldia, partiu de Miriã, pois somente ela foi punida, posteriormente. Moisés havia tomado como esposa uma mulher cuxita (etíope), e Miriã ressentiu-se disso, talvez por pensar que aquilo era uma afronta a Zípora, ou, então, porque a presença de uma outra mulher perturbava a sua própria posição de autoridade. Porém, o que esteve, realmente, em jogo, foi a autoridade de Moisés. Como castigo, Miriã foi ferida com lepra, embora depois tivesse sido purificada. Mas ela aprendeu sua lição.

v. *Os Espias Enviados a Canaã. Os* anos em que Israel errou pelo deserto estavam prestes a chegar ao fim. A terra visitada pelos patriarcas seria, finalmente, conquistada. Porém, muitos poderosos inimigos haveriam de dificultar a tarefa da conquista. A história é narrada nos capítulos treze e catorze do livro de Números. Um líder dentre cada tribo foi nomeado para a missão de espiar a Terra Prometida. Ao retornarem, todos os doze espias concordaram que a terra era em extremo desejável; mas somente Josué e Calebe encorajaram o povo a ter fé no Senhor e se lançarem à tentativa. Sempre são uns poucos que ousam tentar grandes coisas. O resto sempre descobre razões para acomodar-se ao *status quo.* Diante do relatório negativo de dez dos espias, o povo acusou Moisés e Aarão de liderança inepta, e ameaçaram apedrejar Josué e Calebe. E o Senhor, por sua vez, ameaçou destruir a todo o povo de Israel (ver Êxo. 32:10). Porém, uma vez mais Moisés intercedeu em favor deles. E Yahweh fez seu *juramento* de intenção de que a Terra Prometida seria conquistada e que a sua própria glória seria exaltada. Esse juramento do Senhor aparece em Deu. 32:40.

4. O Quadragésimo Ano

a. O *Erro de Moisés, em Cades.* Esse episódio é relatado no vigésimo capítulo do livro de Números. Uma vez mais, os israelitas reclamaram de Moisés, devido à falta de água. A Moisés e Aarão foi dada ordem para que falassem a uma rocha, da qual brotaria água, por sua mera palavra. Mas, irado com o povo, Moisés bateu na rocha com sua vara por duas vezes. É verdade que a água jorrou da rocha, mas Moisés acabara de cometer um erro sério. Esse erro, de acordo com a explicação dada por Yahweh, foi um

erro causado pela incredulidade (vs. 12). Em ocasião anterior, Moisés havia ferido uma rocha e obtivera água (ver Êxo. 17:2 *ss*), e agora, no episódio das «águas de Meriba», ele imitou aquele primeiro gesto. Podemos supor somente que a ordem divina fora clara, e que Yahweh queria mostrar o seu poder de uma nova maneira. Como castigo, Moisés não teve permissão de entrar na Terra Prometida. Quarenta anos de luta não tinham conseguido levar Moisés ao grande alvo—introduzir o povo de Israel na Terra Prometida. E isso serve de emblema do fato de que a lei não pode levar o homem à salvação da alma. É preciso a intervenção de Jesus (representado ali por Josué) para que os homens sejam levados até a Terra da Promissão. Pois, assim como Josué veio a ser o sucessor de Moisés (ver o capítulo vinte e sete de Números), de modo a introduzir os israelitas na Terra Prometida, assim também Jesus é o sucessor espiritual de Moisés, conduzindo os homens à salvação. E ainda há uma outra lição nesses acontecimentos. As vagueações de Israel pelo deserto envolveram quarenta anos difíceis e de muitos testes. Porém, disso não resultou a conquista do alvo colimado. Por semelhante modo, a salvação da alma, por meio da guarda da lei é um esforço dificílimo, mas sem levar o indivíduo ao resultado desejado—a salvação da alma.

b. *Eventos Subseqüentes.* O rei de Arade e os amorreus foram derrotados, após terem desfechado um ataque contra Israel, sem terem sido provocados (ver Núm. 21:1-3). O povo de Israel chegou às margens do Jordão, de onde contemplava a Terra Prometida, e dispunha-se a entrar. Temos então uma série de episódios: a história de Balaão (caps. 22-24); a sedução dos israelitas à idolatria e à imoralidade com resultantes grandes destruições de vidas, mediante uma praga (cap. 26); a vingança de Israel contra os midianitas (caps. 26; 31:2). Então, Josué foi comissionado para ser o sucessor de Moisés (cap. 27). Aos rubenitas e gaditas foi feita a partilha das terras que lhes cabiam, na Terra Prometida, de acordo com seus desejos expressos (cap. 32). Foram nomeados encarregados para dividir a Terra Prometida entre as tribos de Israel (cap. 34).

c. *Mensagens de Despedida de Moisés.* Essas mensagens aparecem nos capítulos primeiro a trinta e três do livro de Deuteronômio. Elas são uma essencial reiteração da lei mosaica, além de alguns detalhes adicionais.

d. *A Morte de Moisés.* Narrada no capítulo trinta e quatro do livro de Deuteronômio. Moisés subiu desde as planícies de Moabe até o monte Nebo, ao cume de Pisga, que ficava defronte de Jericó, e de onde ele foi capaz de contemplar, em um lance de olhos, a Terra Prometida, onde não teve permissão de entrar. Ele viu o território desde Gileade até Dã, todo o território de Naftali, as terras de Efraim e Manassés, e toda a terra de Judá, além de também ter divisado o mar Ocidental (o Mediterrâneo), o Neguebe e a planície, ou seja, o vale de Jericó, e a cidade das palmeiras, e daí até Zoar. Yahweh assegurou-lhe que aquele era o território que havia dado a Abraão e seus descendentes, como herança; e que essa promessa seria cabalmente cumprida. O fim de Moisés é anunciado com simplicidade. Ele era o *servo* de Yahweh. Morreu, e Yahweh o sepultou em um vale, na terra de Moabe, defronte de Baal-Peor, embora ninguém saiba dizer onde. Tinha cento e vinte anos de idade quando morreu. No entanto, sua visão era como a de um jovem, e ele não perdera suas forças naturais.

O povo de Israel lamentou pela morte de Moisés por nada menos de trinta anos,— nas planícies de Moabe. Josué, cheio da força do Espírito de Deus, deu prosseguimento à obra. Mas nunca mais se levantou em Israel um profeta comparável a Moisés, que conhecesse a Yahweh face a face. Ademais, ele realizou inúmeros sinais e prodígios. Derrotou um grande Faraó e todo o seu império. O homem que voltara ao Egito com um jumento, sua esposa e dois filhos pequenos, realmente chegou longe, muito longe!

O fato de que Moisés contemplou a Terra Prometida do alto do cume de *Pisga* (vide), deu origem a alguns versos de um dos mais belos hinos que são entoados pela Igreja cristã.

Doce hora de oração, participe eu de teu consolo,
Até que do alto cume do monte Pisga,
Eu veja o meu lar e alce vôo.
Deixarei estas vestes de carne e me levantarei
Para tomar posse do prêmio eterno.
(W.W. Walford)

VI. Referências a Moisés Fora do Pentateuco

Há quase sessenta referências a Moisés no livro de Josué. Exemplos: Jos. 1:1, 2,3,5,7,13-15,17; 3:7; 4:10,12; 8:31-33; 9:25; 11:12-15; 12:6; 13:8,12,15,21; 14:2,3; 17:4; 18:7; 20:2; 21:2,8; 23:6; 24:5. Muitos eruditos têm pensado mais em termos de um Hexateuco (os cinco livros de Moisés e o de Josué) do que em termos de um Pentateuco (os cinco livros de Moisés), pensando que o livro de Josué usou as mesmas fontes informativas que os livros de Moisés. Nesse caso, o grande número de referências a Moisés, no livro de Josué, deixa de ser tão surpreendente. Historicamente falando, porém, seja como for, as freqüentes referências a Moisés, no livro de Josué, são apenas naturais.

Há três referências a Moisés no livro de Juízes: Juí. 1:20; 3:4 e 4:11. E também há referências a Moisés noutros livros históricos do Antigo Testamento: I Sam. 12:6,8; I Reis 2:3; 8:9,53,56; II Reis 14:6; 18:4,6,12; 21:8; 23:25.

Narrativas paralelas fazem com que I e II Crônicas contenham um grande número de referências a Moisés. Damos exemplos: I Crô. 6:3,49; 15:15; 22:13; 23:13-15; 26:24; II Crô. 1:3; 5:10; 8:13; 23:18; 24:6,9; 33:8; 34:14; 35:6,12.

O livro de Ezequiel tem três referências a Moisés: Eze. 3:2; 6:18; e 7:6. O livro de Neemias tem sete referências: Nee, 1:1,8; 8:1,14; 9:14; 10:29; 13:1. O livro de Salmos tem oito referências: Sal. 77:20; 90 (título); 99:6; 103:7; 105:26; 106:23,32. O livro de Isaías tem duas referências: Isa. 63:11,12. O livro de Jeremias tem uma: Jer. 15:1. O livro de Daniel tem duas: Dan. 9:11,13. O livro de Miquéias tem uma Miq. 6:4. O livro de Malaquias, uma: Mal. 4:4.

No Novo Testamento há um total de oitenta referências a Moisés, que é mencionado em doze de seus vinte e sete livros. Damos exemplos: Mat. 8:4; 17:3; Mar. 1:44; 7:10; 9:4,5; Luc. 2:22; 5:14; 16:29; 24:27; João 1:17,45; 3:14; 5:45; 7:19,22; 8:5; 9:29; Atos 3:22; 6:11,14; 7:20,22,29, etc. (o sermão de Estêvão); 13:39; 21:21; 26:22; Rom. 5:14; 9:15; 10:5,19; II Tim. 3:8; Heb. 3:2,3,5,16; 7:14; 8:5; 11:23; 12:12; Jud. 9; Apo. 15:3.

Em certas passagens, o Novo Testamento apresenta Moisés como o Primeiro Legislador, a principal figura da economia veterotestamentária. Ele é posto em contraste com o Segundo Legislador, Cristo, que trouxe ao mundo a graça e a verdade, tendo ultrapassado em muito ao primeiro legislador (I João 1:17). A natureza transitória da dispensação mosaica é aludida em II Cor. 3:13-18, um conceito que os judeus consideravam a pior de todas as heresias. O ofício de mediador de Moisés é contrastado com a permanente e clara comunicação de Deus na pessoa de Jesus Cristo (Gál. 3:19). Moisés foi apenas um servo de Deus, contrastando com Cristo, que é o Filho e chefe da casa espiritual de Deus (Heb. 3:5,6). Moisés escreveu acerca de Cristo (em seu ofício profético) (João 5:46). Cristo é o Moisés da Nova Dispensação (Heb. 3:1-19; 12:24-29; Atos 7:37). O trecho de Jud. 9 cita o livro *Assunção de Moisés* (vide), ao mencionar a história da disputa entre o arcanjo Miguel e Satanás, em torno do corpo morto de Moisés. O décimo sétimo capítulo de Mateus encerra a história da Transfiguração do Senhor Jesus, quando então apareceram, juntamente com ele, Moisés e Elias, representantes da economia do Antigo Testamento (a Lei e os Profetas), após o que Cristo ficou sozinho, como autor único da economia do Novo Testamento.

VII. Os Ofícios de Moisés e o Seu Caráter

1. Como Líder. A história de como Deus escolheu esse homem e o preparou durante nada menos de oitenta anos, antes de chamá-lo de volta ao Egito, em sua incumbência de livrar o povo de Israel, é,

realmente, uma das maravilhas da literatura mundial. Trata-se de um daqueles casos em que a vida real é mais estranha que a ficção. Contamos a história com detalhes, na seção quinta deste artigo, *Moisés e os Acontecimentos Históricos*. Devemos observar que ele foi equipado para sua tarefa através de sua criação e educação no Egito. Foi equipado melhor ainda quando de seu exílio em Midiã; mas foi equipado, acima de tudo, por suas muitas e grandes experiências místicas, que lhe conferiram uma invencível força de vontade e inabalável convicção, para prosseguir na tarefa. «A única coisa capaz de explicar as suas realizações é que ele foi um homem de fé inarredável no Deus invisível (Heb. 11:27), tornando-o zeloso pelo nome de Deus (Núm. 14:13 *ss*). Ver Filipenses 4:13». (ND)

2. Como Profeta. Uma leitura aligeirada da história de Moisés pode evitar que notemos o fato de que Moisés, devido às suas muitas experiências místicas, foi um profeta, e não meramente um legislador. O maior resultado de seu ofício profético foi a própria lei. Sem aquele ofício profético, ele jamais teria sido o legislador que foi. Moisés foi o grande modelo de todos os verdadeiros profetas posteriores, até a vinda de Cristo, o Profeta, de quem Moisés foi tipo e precursor (Deu. 18:18; Atos 3:22 *ss*). Todos os profetas, de um modo ou de outro, prestaram testemunho acerca de Cristo (ver Atos 10:43). Moisés previu o êxodo de Israel (Êxo. 4:30 *ss*; 6:8 *ss*); transmitiu a vontade de Deus às vésperas do livramento e por ocasião da celebração da páscoa (Êxo. 11:1-3; 12:21,28,35 *ss;* 13:3 *ss,* 14:1). Deus falava com o povo de Israel por meio de Moisés (Êxo. 14:13,21-38; 19:3,7). Moisés usufruía de uma comunhão toda especial com Deus (Êxo. 24:18). Sendo profeta, Moisés levava uma significativa vida de oração (I Sam. 7:5; 8:6; 13:23; 15:11).

3. Como Legislador e Mediador da Aliança. A lei mosaica tanto foi uma legislação quanto foi uma aliança. E Moisés foi o instrumento humano para tanto. O capítulo vinte do livro de Êxodo fornece-nos a porção cêntrica dessa legislação, mas quase todo o livro de Êxodo está envolvido em seu delineamento; e o livro de Deuteronômio repete a questão, com algumas adições, ao passo que o livro de Levítico fornece-nos as intrincadas leis acerca do sacerdócio e do culto religioso. A lei mosaica não era apenas um documento religioso de *proibições*. Paralelamente a isso, era um complexo conjunto de leis civis, muitas delas com preceitos paralelos em outras legislações semíticas. Ver o artigo intitulado *Hamurabi, Código de,* quanto a uma ilustração a esse respeito. O código de Hamurabi foi escrito cinco séculos antes de Moisés; e os pontos de semelhança mostram que uma das fontes da legislação mosaica foi o fundo de leis desenvolvidas pelas culturas semíticas durante um longo período de tempo.

Pode-se dizer que as leis civis de Moisés ocupam cerca de quarenta parágrafos em Êxodo 21-23; em Levítico 18-20, um pouco mais do que vinte parágrafos; em Deuteronômio 12-16, cerca de noventa parágrafos. O material, desse modo, mostra ser bastante completo, embora não exageradamente longo. Esses cento e cinqüenta parágrafos são menos do que os 282 parágrafos do código de Hamurabi. As leis dos assírios ocupavam cerca de 115 parágrafos, embora muito mais material se tenha perdido. As leis dos heteus, até onde o demonstram as descobertas arqueológicas, ocupam cerca de 200 parágrafos. Ver o artigo geral intitulado *Pactos*, quanto a uma discussão sobre a legislação mosaica. Esse pacto mosaico é contrastado com o Novo Testamento, trazido por Cristo. Caracterizava-se por uma lei, e, presumivelmente, era capaz de transmitir vida (ver Lev. 18:5). Entretanto, os eruditos hebreus têm demonstrado que, nos escritos de Moisés, essa *vida* era apenas terrena, e não pós-morte. Os intérpretes posteriores do judaísmo que a interpretaram como pós-morte. Seja como for, como um contraste com a lei mosaica, a graça, a verdade e a vida eterna vieram por meio de Cristo (João 1:17). O evangelho anuncia ao mundo a graça divina (ver Rom. 3 e 4).

O pacto mosaico estava contido em três divisões: a. os mandamentos (Êxo. 20); b. os juízos (Êxo. 21:1-24:11), que regulamentavam a vida social de Israel; e c. as ordenanças (Êxo. 24:13-31:18) que governavam a vida religiosa da nação. Esses três aspectos constituíam a *lei*. O trecho de II Cor. 3:7-9 caracteriza essa legislação como «ministério da morte» e «ministério da condenação», porquanto não era através da lei que a vida espiritual é conferida ao homem. O crente do Novo Testamento não está debaixo da lei mosaica, e, sim, sob o incondicional Pacto Novo da graça divina (ver Rom. 3:21-27; 6:14,15; Gál. 2:16; 3:10-14; 4:21-31; Heb. 10:11-17). Ver os seguintes artigos: *Lei, Características da; Lei, Jesus e a; Lei no Antigo Testamento; Lei, Função da; Lei, Rudimentos Fracos e Pobres; Lei, Usos da.*

4. Autor de Escrituras Sagradas. Os ultraconservadores dizem que Moisés escreveu o Pentateuco inteiro. A única coisa que admitem é que ele pode ter usado várias fontes informativas, que alinhavou. Mas, segundo os estudiosos liberais extremistas, Moisés (embora admitam ter sido ele uma figura histórica) não escreveu o Pentateuco. O Pentateuco teria permanecido como meras tradições orais durante muitos séculos, até ser finalmente compilado, com base em muitas fontes informativas. E então, foi dito que Moisés, o herói do povo hebreu, teria sido o autor do Pentateuco, embora isso não corresponda à verdade. Nos artigos sobre os cinco livros do Pentateuco, oferecemos detalhes sobre a questão da autoria e sobre as controvérsias que circundam a questão. Demonstramos, na segunda seção do presente artigo, *Visões Críticas Sobre Moisés,* que os eruditos do século XIX tomavam um ponto de vista cético sobre todas essas questões, mas que, no século XX, a maioria dos eruditos tem admitido a exatidão histórica essencial do Pentateuco, embora muitos deles continuem a pôr em dúvida a validade de muitas experiências místicas e milagres ali atribuídos a Moisés. Seja como for, não há motivo algum para duvidar-se que o cerne do Pentateuco, pelo menos, repousa firmemente sobre a autoria de Moisés, e também que ele mesmo, ou escribas que atuaram sob sua orientação, reduziram todo o relato à forma escrita. Não é necessária a suposição de que a maior parte da obra tivesse sido preservada como tradições orais durante muitos séculos. E, apesar de ser verdade que segundo os costumes antigos muitos mitos eram atribuídos a heróis e figuras religiosas, e isso sem qualquer hesitação (formando esses escritos o que chamaríamos de pseudepígrafos), o fato é que a natureza intrincada dos escritos mosaicos, com suas muitas e variegadas leis, quase certamente indica que todo o material foi escrito na hora, quando as leis vieram a ser unificadas no código mosaico. Em favor dessa assertiva temos o fato de que outras antigas leis semíticas certamente já estavam em uso, muito antes das leis mosaicas, conforme já vimos no caso do código de Hamurabi, cujos preceitos antecederam aos de Moisés por nada menos de cinco séculos. E que Moisés escreveu pessoalmente pelo menos certas porções do Pentateuco, fica bem caracterizado em referências como as seguintes: Êxo. 17:4; 24:4-8 (com seus paralelos, onde não é dito especificamente que ele escrevesse, ou seja, Êxo. 20-23); Núm. 33:1 *ss*; a maior parte do livro de Deuteronômio, até o cap. 31; ver, especificamente, 31:9-13,24 *ss;* 32. Além disso, o próprio Senhor Jesus atribuia o Pentateuco a Moisés, como seu autor (ver João 5:46). Quanto à idéia de uma múltipla autoria, com atividades editoriais, no tocante ao Pentateuco, ver o artigo sobre *J.E.D.P.(S).*

5. Caráter de Moisés. Certas qualidades específicas do caráter de Moisés eram as seguintes:

a. *Liderança, o* que é discutido sob o primeiro ponto, acima.

b. *Fé,* o que é frisado no comentário de Heb. 11:26.

c. *Intensa vida de oração.* Isso faz parte indispensável da vida espiritual de qualquer pessoa séria em sua inquirição espiritual. «Em qualquer momento de emergência, Moisés apelava imediatamente a Yahweh. Ele não falava então como um estranho, mas antes como um filho que pede algo a seu pai; e foi assim que ele nunca pleiteou em vão» (S). Mui conspicuamente, vemos Moisés a intervir em favor de Israel em momentos críticos, quando seu povo tornava-se culpado de algum grave pecado ou apostasia. Ver Êxo. 32:31; 33:11. Nessas

oportunidades, podemos ver Moisés em seu intenso e sincero amor por seu povo, amando a Deus, zeloso pelo cumprimento da tarefa que recebera, procurando honrar a Deus, dotado assim de autênticas qualidades de liderança.

d. *Humildade.* Moisés era suficientemente grande para não ter de fingir que era. A grandeza vinha ao encontro dele, sem que ele tivesse de persegui-la. A humildade de Moisés é mencionada como uma característica especial de sua personalidade, em Nú. 12:3. «Ele não cobiçava distinções e nem procurava proeminência» (S).

e. *Resistência; persistência.* Alguns intérpretes pensam que o vocábulo hebraico *'anayw,* em Núm. 12:3 (traduzido por «manso», em nossa versão portuguesa), deveria ser entendido como «persistente». Sem importar se assim devemos interpretar ou não aquela palavra hebraica, torna-se óbvio, pelo próprio relato bíblico, que a sua persistência, na causa que defendia, nunca sofreu qualquer lapso ou hesitação.

f. *Serviço amoroso.* Em tempos de crise, quando Moisés rogava em favor de seu povo de Israel, há ilustrações especiais do amor que lhes devotava. «Ele se aliou aos seus compatriotas, em sua servidão degradante (Êxo. 2:11; 5:4); ele se esqueceu de vingar-se das afrontas sofridas (2:14); ele desejou que seu irmão fosse o líder, em vez dele mesmo (4:13); e quando Yahweh ofereceu-se para destruir o povo, fazendo de Moisés uma grande nação (32:10), ele orou para que o Senhor os perdoasse, «...ou se não, risca-me, peço-te, do livro que escreveste». *(Smith Bible Dictionary).*

VIII. Moisés e a Arqueologia

1. *O Nome Moisés.* A arqueologia tem mostrado que o nome *Moisés* está relacionado ao termo egípcio *mase* (pronunciado *mose,* depois do século XII A.C.), e que significa «criança». Moisés, quando «criança», foi tirado das águas do rio Nilo, pela filha do Faraó. Foi ela quem lhe deu o nome (Êxo. 2:10), como quem dava a entender: «a criança tirada das águas». Ver a seção primeira, quanto a explanação completa.

2. *Nomes Compostos com Moisés.* Vários apelativos têm sido ilustrados pela arqueologia e por antigas referências literárias. Assim, por exemplo, *Ah-mose,* que significa «filho de Ah», o deus da luz. Tutmés (mais literalmente, *Tuth-mose)* quer dizer «filho de Thot».

3. O casamento de Moisés com uma mulher cuxita ou núbia, fica esclarecido em parte quando se leva em conta que o nome de um de seus netos, Finéias, em egípcio significa «núbio», «cuxita». Ver Núm. 12:1; Êxo. 6:25.

4. O infante Moisés, deixado a flutuar em uma cestinha calafetada, sobre as águas do Nilo, tem seus paralelos nas antigas lendas populares do Oriente. A mesma história era contada acerca de Sargão I, de Acade (que viveu em cerca de 2400 A.C.), um relato descrito na obra de Hugo Grossmann, *Altorientalische Texte und Bilder zum Alten Testament,* 1909, vol. I, pág. 79. Um texto em escrita cuneiforme, do século IX A.C., preserva o relato. Exemplos clássicos encontram-se nas estórias que cercam Rômulo e Remo, e Baco e Perseu. Não devemos supor, contudo, que haja qualquer conexão entre essas histórias e o relato bíblico sobre Moisés, embora alguns estudiosos pensem que a experiência de Moisés foi repetida em outras culturas, ou, pelo menos, foi comentada e historiada entre outros povos proeminentes. O mais provável é que acontecimentos dessa ordem simplesmente ocorressem por acaso, o que explicaria as várias narrativas independentes, parecidas umas com as outras.

Bibliografia. AM AO ARC E FIN FRE KY MAN ND ROW(1963) UN UNA S Z

MOISÉS (Não o Legislador)

Em Juí. 18:30 há menção de kutro Moisés que teria sido avô de certo Jônatas, que se tornou um sacerdote idólatra entre os danitas. No texto massorético, seu nome foi alterado para *Manassés,* o que é seguido em nossa versão portuguesa, porquanto os massoretas não podiam aceitar que um neto de Moisés se tivesse tornado um sacerdote idólatra.

MOLADÃ

No hebraico, «geração». Esse é o nome de uma cidade do Neguebe, não longe de Berseba (Jos. 15:26). A cidade foi entregue à tribo de Simeão, após a conquista da Terra Prometida (Jos. 19:2; I Crô. 4:28). Após o cativeiro babilônico, foi reocupada por um remanescente que retornou (Nee. 11:26). Josefo *(Anti.* 18:6,2) informa-nos que essa região foi posteriormente ocupada pelos idumeus, quando passou a chamar-se *Malada.* Então, tornou-se uma fortaleza. Eusébio e Jerônimo localizaram-na cerca de vinte milhas romanas ao sul de Hebrom. Várias identificações incertas têm sido sugeridas, incluindo Tell-el-Milh, que fica cerca de dezenove quilômetros a leste de Berseba. Mas outros pensam em Quseife, a seis e meio quilômetros, na direção de Arade.

MOLDURA

No hebraico, *misgereth,* «cerco», «tapume». A palavra aparece por dezessete vezes, quase todas em Êxodo 25 e 37 e em I Reis 7. Era uma estrutura que circundava as margens da mesa dos pães da proposição (Êxo. 25:25).

MOLEQUE, MOLOQUE

1. Sentidos Possíveis da Palavra e seus Usos

Os eruditos não concordam quanto à natureza exata do que se deve entender com essa palavra. O termo parece indicar «dirigente». A Septuaginta diz *árchon,* «governante», ao traduzir a palavra hebraica para o grego, em Lev. 18:21; 20:2,5; mas também *basiléus,* «rei», em I Reis 23:10. Porém, em Jer. 32:35, a Septuaginta diz *Moloch basiléus, ou* seja, «rei Moloque». É possível que tenha sido cunhada uma nova palavra hebraica, combinando as letras consoantes de *melek,* «rei», com as letras vogais de *boset,* «vergonha». E daí surgiu *molek.* E do hebraico *molek,* a palavra passou para a Septuaginta com a forma de *moloch.* É possível que a palavra hebraica esteja relacionada ao cartaginês-fenício, *molok,* que tem sido encontrada em inscrições do período 400—150 A.C. Em inscrições latinas, achadas em Cartago, a palavra aparece como *Molc.* A dividade assim referida está associada a *muluk,* que era adorada em Mari, em cerca de 1800 A.C., e também à divindade *malik,* dos textos acádicos.

A palavra aparece em nomes compostos, como Adrameleque e Anameleque, conforme se vê em II Reis 17:31. Visto que, no Antigo Testamento, a palavra traz o artigo, exceto em I Reis 11:7, o seu significado parece ser «aquele que governa». Alguma conexão com Baal tem sido suposta, conforme também é sugerido em Jer. 32:35. Sacrifícios humanos eram oferecidos a Baal-Melcarte, em Tiro, o que parece ter sido um paralelo cultural.

Usos possíveis incluem: a. *Um sacrifício,* feito a alguma divindade pagã, ou mais especificamente, a Moleque, como um deus pagão. Alguns estudiosos têm sugerido nessa conexão, que as palavras *mlk'mr* e *mlk'dm,* que significam, respectivamente «oferenda de um animal» e «oferenda de um homem» (às vezes, uma criança ou infante), estão relacionadas uma à outra. Uma criança podia ser oferecida, ou um cordeiro poderia substituí-la. Os antigos cultos da área da Mesopotâmia incluíam sacrifícios humanos, conforme nos é sugerido pela história de Abraão e Isaque. Sabemos que outro tanto ocorria entre os fenícios. b. *O deus a quem o sacrifício era feito.* A partir dessa idéia, a palavra veio a designar o deus a quem os sacrifícios (incluindo sacrifícios humanos) eram feitos. Isso posto, os deuses *mlkm* tornaram-se sacrifícios *molk* divinizados. Em Lev. 20:5, Moleque é definido como uma divindade, e não como um sacrifício, e todos os textos bíblicos parecem indicar que essa palavra aponta para alguma divindade. c. «O termo tem sido tradicionalmente explicado, e recentemente foi defendido como uma vocalização distorcida e deliberada do título *rei ou o rei* (no hebraico, *hammelek),* para indicar o deus dos amonitas, mediante a inserção das vogais da palavra *boset,* «vergonha» (cf. Astorete). Esse título é um epíteto divino que entra na composição de muitos nomes pessoais e de divindades dos fenícios ou entre os hebreus. Esse epíteto também se acha sob as formas *muluk* e *malik,* nas listas de Mari, no começo do

segundo milênio A.C. De acordo com isso, a palavra pode ser entendida como uma forma alternativa de *Milcom.* J.Gray argumentava que o nome próprio dessa divindade era Athtar, uma divindade astral». (Z)

2. O Culto a Moleque

A adoração a esse deus estava associada ao sacrifício de crianças ou infantes, na fogueira (Lev. 18:21; 20:2-5; II Reis 23:10; Jer. 32:35; II Reis 20:3-5; 17:31). Essa prática é confirmada nos antigos cultos mesopotâmicos e filisteus. A arqueologia tem demonstrado abundantemente essa prática. As referências bíblicas são perfeitamente claras. As leis de Moisés proibiam essa prática, sob pena de morte (Lev. 18:21; 20:2-5). No entanto, em cerca de 1000 A.C., Salomão edificou um lugar alto em honra a essa divindade (naquele lugar que, mais tarde, velo a ser chamado de monte das Oliveiras) (I Reis 11:7). O rei Acaz, em cerca de 730 A.C., queimou seus filhos na fogueira (II Crô. 28:3), tal como velo a fazê-lo Manassés (II Reis 21:6). Em Samaria também chegou-se a praticar esse incrível pecado, e a cidade foi julgada por esse motivo (II Reis 17:17). Josias destruiu os lugares altos de Moloque (II Reis 23:10,13). E foi necessário que Ezequiel condenasse essa prática, já tão tarde quanto o começo do século VI A.C. Somente o cativeiro babilônico parece ter posto fim, definitivamente, a esse horrendo culto, embora, fora da Palestina, ainda tivesse permanecido no norte da África, entre os fenícios cartagineses, até dentro da própria era cristã.

É possível que a psicologia perversa que inspirava esse culto fosse a idéia de que o sacrifício de um filho ou de uma filha era um ato final de dedicação, e que esse ato arrancava das divindades alguma grande bênção. Certamente essa psicologia está implícita na narrativa sobre Abraão e Isaque. Até mesmo hoje, esse relato é explicado metaforicamente, em termos de «o maior sacrifício possível», e somos exortados a agir segundo o espírito desse tipo de dedicação. Mas essa interpretação é lamentável, pois não podemos levar a sério que o Deus do céu poderia mesmo ter ordenado um sacrifício humano. Orígenes alegorizava a narrativa, e essa parece ser a melhor abordagem.

N.H. Snaith deu uma explicação alternative ao episódio. Ele tentou demonstrar que não houve o envolvimento de qualquer sacrifício infantil. Ele acredita que o que estava envolvido era a entrega de crianças para serem criadas nos templos e serem treinadas como prostitutas e prostitutos. E ele oferece o décimo oitavo capítulo de Levítico como a principal evidência. É verdade que ali estão em foco atividades sexuais ilícitas. Além disso, há uma referência no Talmude que dá essa interpretação do texto. A solução para o problema parece ser que havia o envolvimento tanto de sacrifícios de infantes quanto da chamada «santa» prostituição ou prostituição sagrada. O Talmude fornece detalhes horripilantes acerca dos sacrifícios infantis oferecidos a Moloque. A abundância de referências bíblicas a respeito desse culto favorece, de forma irresistível, a interpretação de sacrifícios de infantes; mas isso não elimina a realidade daquela outra prática, que também pode ter estado envolvida na adoração a Moloque.

3. Um Propósito Central no Culto a Moloque

Apesar de podermos imaginar que muitos motivos estavam por detrás desses sacrifícios, parece que Moloque era uma antiga divindade semítica, que era patrona especial de votos. Crianças eram sacrificadas com o mais forte compromisso da santidade de um voto. A palavra púnica, *molok,* significava «voto», «compromisso».

MOLHO

No hebraico, **omer**, «montão». Essa palavra também era usada para indicar certa medida de capacidade. No caso de um molho, uma pequena quantidade de cereal era cortada e reunida. Os principais cereais mencionados nas Escrituras são o trigo e a cevada. O trigo era cultivado nas terras baixas da Palestina e na região do Haurã, a leste do rio Jordão, ao passo que a cevada era plantada nas terras altas. Ambos os cereais eram cultivados segundo o método que se tornou padrão, naquelas regiões, durante muitos séculos seguidos, — que podemos observar no Oriente Médio de nossos próprios dias: o ceifeiro vai à frente, com sua foice, cortando o cereal. Em seguida, o cereal é colhido e juntado em molhos por vários trabalhadores (geralmente mulheres, mas nem sempre), que seguem atrás do ceifeiro. Os molhos são feitos por essas pessoas. Ainda mais atrás vêm outras pessoas, os rabiscadores, que juntam quaisquer hastes de cereal que tenham ficado no chão. A melhor descrição bíblica sobre esse processo ocorre no livro de Rute.

Molhos assim eram usados como uma forma de oferenda, dentro do sistema de sacrifícios dos levitas (cf. Lev. 23:10-12). Mui provavelmente, eram então usados molhos de cevada, a primeira variedade de cereal a ser colhida a cada ano, na Palestina. Esses molhos representavam a oferta de agradecimento ou ação de graças, pelas primícias do cereal.

Com o sentido de feixe ou punhado, temos três palavras hebraicas, a saber: 1. *Aguddah, «molho»,* palavra usada com esse sentido, apenas em Êxo. 12:22. 2. *Tsimmuqim,* «bolos de uvas passas», em I Sam. 25:18 e 30:12. 3. *Eshkol,* «cachos», palavra que aparece por dez vezes (por exemplo: Gên. 40:10; Núm. 13:23; Isa. 65:8). Esta última tem paralelo no termo grego *bótrus,* «cacho», que aparece somente em Apo. 14:18.

MOLIDE

No hebraico, «gerador». Esse era o nome de um homem da tribo de Judá. Ele era filho de Abisur e Abiail (I Crô. 2:29). Viveu em torno de 1600 A.C.

MOLOQUE Ver sobre **Moleque, Moloque.**

MONOGAMIA

Por detrás dessa palavra portuguesa há dois termos gregos: *mónos,* «único», e *gamos, «casamento».* Portanto, a *monogamia* é o princípio ou a prática de um único casamento de cada vez: um homem-uma mulher. Usualmente, esse princípio não é considerado como violado se uma pessoa tornar a casar-se, no caso do primeiro casamento tiver sido considerado nulo, por qualquer razão legítima, embora o primeiro cônjuge continue vivo.

A monogamia faz oposição à bigamia (uma pessoa tem dois cônjuges ao mesmo tempo) ou à digamia (um segundo mas legítimo casamento). E, naturalmente, faz oposição à poligamia (um homem com várias esposas; ou uma mulher com vários maridos — este último caso chama-se também *poliandria*).

A sociedade judaica antiga, como a maioria, foi poligama, mas no Novo Testamento o *ideal* é a monogamia. Ver Mat. 19:4 ss. Ver o artigo geral sobre *Matrimônio.*

Monogamia na Natureza

Patrícia Wright, antropóloga de Duke University, tem estudado, com muita diligência, a questão da monogamia na natureza. Um artigo publicado por ela na revista *National Wildlife* nos dá as seguintes informações:

As espécies de animais que praticam a monogamia são coiotes, lobos (surpresa!), morcegos, antílopes, castores, ratos almiscarados, e algumas espécies de toupeiras. Até estes animais aproveitam de oportunidades de ter relações sexuais com «estranhos», se as condições são favoráveis, embora não as procurem. Aparentemente, sua conduta monógama é devida a tentativa de preservar a comida e facilitar a sobrevivência.

Nas sociedades humanas no Ocidente, monogamia é popular na palavra, mas pouco popular de fato. 87% das sociedades humanas (em todo o mundo) não a praticam. Um *grande benefício* da monogamia (reconhecido universalmente) é que os homens têm a tendência de cuidar de filhos gerados que sabem que são *seus,* enquanto poucos homens ajudam a criar filhos cuja paternidade está em dúvida ou desconhecida.

MONOTEÍSMO

Esboço:

I. Definição
II. Distinções
III. Idéias Usualmente Associadas ao Monoteísmo
IV. O Monoteísmo na Bíblia
V. As Religiões Monoteístas

I. Definição

Essa palavra vem do grego **mónos**, «único», e **théos**, «Deus». Portanto, ela indica aquele ensino de que só existe um Deus. Isso pode ser contrastado com o *henoteísmo* (vide), que admite uma pluralidade de deuses, embora afirme ter relações somente com um deles, que merece a nossa adoração e obediência.

II. Distinções

1. Conforme acabamos de notar, deve-se fazer a distinção entre o *monoteísmo* e o *henoteísmo*.

2. Deve-se distinguir o *monoteísmo* das várias formas do *teísmo*. O ensino do teísmo é que Deus (ou deuses) está interessado nos homens, intervindo em sua história, recompensando ou punindo, dependendo dos méritos de cada um. O monoteísmo ensina que só existe *um* Deus que tem interesse pelo homem.

3. Deve-se distinguir o *monoteísmo* do *deísmo*. Apesar do deísmo poder ser monoteísmo, difere deste ao asseverar que Deus não se interessa pelos homens, pois deixou o mundo ser governado por leis naturais, ao abandonar a sua criação. Deus também não intervém, não recompensa e nem castiga. E apesar do deísmo poder ser monoteísta, usualmente o monoteísmo envolve a idéia teísta de que Deus continua interessado pela sua criação, intervindo, etc.

4. Deve-se distinguir entre o *monoteísmo* e o *politeísmo*. Ambas as posições ensinam que Deus (ou deuses) tem interesse pelo homem, mas o politeísmo postula a existência de muitos deuses. O *triteísmo* é uma forma de politeísmo que tem sido defendida por alguns cristãos que não aceitam a doutrina da Trindade. Os mórmons de nossos dias são triteístas práticos, embora sejam politeístas teóricos.

5. Alguns distinguem o *monoteísmo* do *trinitarismo*, pois pensam que, apesar de todas as tentativas e «contorções», o caso do trinitarismo está longe de estar provado. Para eles, o trinitarismo é apenas uma forma velada e sofisticada de triteísmo. Ver o artigo geral sobre a *Trindade*.

6. Deve-se distinguir o *monoteísmo* do *panteísmo*. De acordo com os padrões cristãos, o panteísmo é uma forma de ateísmo, porque apesar de falar acerca de Deus, faz tudo ser parte de Deus, e assim destrói a distinção entro Deus e a sua criação, quanto à questão de essência. O panteísmo propõe a existência de uma única essência, a divina, e todas as coisas seriam, finalmente, parte da essência divina.

III. Idéias Usualmente Associadas ao Monoteísmo

1. Deus como um Ser *absoluto* e *infinito* usualmente é um conceito associado ao monoteísmo. Pelo menos os teólogos cristãos referem-se ao Deus único dessa maneira. Nenhuma das coisas alistadas nesta seção, entretanto, é absolutamente necessária como corolário do monoteísmo. Os mórmons acreditam em um Deus finito, que tem os seus próprios problemas. A idéia de um único Deus finito ocasionalmente aparece entre os teólogos cristãos.

2. Deus é dotado de *vida necessária e independente*. Deus não pode deixar de existir e a sua vida não depende de qualquer causa externa ou fator sustentador. Ele é a sua própria causa e sustentador.

3. Deus como *criador*. O Deus único criou tudo. A idéia de Deus como arquiteto ou organizador, entretanto, é uma forma possível de monoteísmo. Nesse caso, a matéria é considerada eterna. Sua forma seria modificada por Deus, manipulando materiais já existentes. O mesmo poderia ter-se dado com o espírito, por ocasião da formação do mundo espiritual.

4. *Personalidade:* o Deus *pessoal*.

Usualmente, o monoteísmo assevera que Deus é uma pessoa, e não alguma força cósmica impessoal.

5. *Moralidade*. Deus põe em vigor aquilo que é correto, sendo ele a origem do que é certo. Ele castiga o mal. Tem Deus muitas virtudes morais que os homens precisam emular, especialmente a virtude do amor, que é a base onde florescem todas as demais virtudes.

6. Deus é tanto *imanente* quanto *transcendente*. Deus faz-se presente, mas em um outro sentido. Deus está completamente acima de nossa experiência e conhecimento. Usualmente, o monoteísmo assevera que Deus *pode ser conhecido*, mas limita isso em consonância com os homens finitos. Se Deus pode ser conhecido, então, o *agnosticismo* labora em erro. Podemos ter um conhecimento válido de Deus, e não precisamos dizer: «Não sabemos se Deus existe ou não». Deus, como alguém que pode ser conhecido também nega a avaliação negativa do *ateísmo* bem como as limitações do *positivismo lógico*, posições que querem fazer-nos acreditar que qualquer proposição sobre um ser divino é *destituída de sentido*.

7. O Deus único é *Pai*. Essa é a proposição mais consoladora da religião. Porquanto garante para o homem um teísmo baseado no amor. Deus cuida de nós como o faria um pai. Quanto a um maior desenvolvimento das idéias que aparecem nesta seção, ver o artigo separado sobre os *Atributos de Deus*.

IV. O Monoteísmo na Bíblia

1. Os capítulos primeiro e segundo do livro do Gênesis, a história da criação, indicam uma única operação divina. Pode ser verdade, conforme dizem muitos teólogos, que a fé religiosa original dos hebreus fosse *henoteísta*, e não monoteísta. Mas o relato da criação foi escrito em uma época da história de Israel em que o monoteísmo já estava bem firmado. Seções posteriores do Antigo Testamento talvez reflitam uma fé religiosa mais primitiva. O trecho de Deu. 4:7 poderia ser um reflexo do henoteísmo. Outras nações tinham deuses, mas não defendiam os seus adoradores, como o Deus dos hebreus fazia em favor deles. Posteriormente, todos os outros deuses foram tidos por falsos. Como é óbvio, esse ponto é intensamente disputado, sendo inconclusivas as evidências em prol de um período mais remoto. É inegável que os antepassados de Abraão eram politeístas (ver Gên. 35:2; Jos. 24:2). Permanece em dúvida quanto desse politeísmo entrou nas vidas dos patriarcas. A história dos ídolos do lar que Raquel ocultou e que, posteriormente, Jacó sepultou, antes de retornar à Terra Prometida, indica definidamente um tempo em que o monoteísmo ainda não havia prevalecido totalmente. Ver Gênesis 31 e 32. O trecho de Gên. 35:2 *ss* registra o fato de que Jacó desfez-se dos «deuses estranhos». Sem dúvida isso indicou uma definida preferência pelo monoteísmo, e não que o monoteísmo só se estabeleceu relativamente tarde na história do povo de Israel, embora ainda dentro do período dos patriarcas.

2. *Os Dez Mandamentos*. Essas leis encerravam provisões em favor de um monoteísmo prático, mesmo que não de um monoteísmo absolutamente teórico. «Não terás outros deuses diante de mim», declarou Yahweh (Êxo. 20:3). E é interessante que essas palavras são ligadas ao fato (mencionado no vs. 2) de que foi esse o Deus que tirou Israel da terra do Egito.

3. O conflito *de Elias* com os profetas de Baal não afirma claramente o monoteísmo, mas o fato de que pôs a ridículo os deuses de seus adversários, com toda a idolatria envolvida, mostra um provável monoteísmo teórico, e, certamente, um monoteísmo prático. Ver I Reis 2:8-24 e seu contexto.

4. *Os Profetas*. Durante esse período da história de Israel, do século VIII A.C. em diante, encontramos um claro monoteísmo teórico e prático. O trecho de Isa. 46:9 é enfático a esse respeito: «Lembrai-vos das cousas passadas da antiguidade; que eu sou Deus e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim». O trecho de Salmos 115:4-8, que ridiculariza a idolatria, é uma forte afirmação em favor do monoteísmo.

5. *O judaísmo do período intertestamental* contava com um intransigente monoteísmo.

6. *No Novo Testamento*. Paulo, no primeiro capítulo de Romanos, escreve alicerçado sobre o monoteísmo. Ele assevera que a

própria natureza comprova isso desde o princípio: «Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das cousas que foram criadas. Tais homens são por isso indesculpáveis» (Rom. 1:20).

Paulo ensinou que os homens não têm desculpa por se terem tornado idólatras politeístas, porquanto as evidências da razão e da natureza mostram-se tão firmemente contrárias a tal desenvolvimento. Rom. 1:23 ss é trecho que mostra o que sucedeu, em face dos homens haverem corrompido a imagem de Deus e distorcido a razão, ao promoverem a idolatria, com seu inerente politeísmo. Aí começam os problemas morais dos homens (ver o vs. 24), e o juízo divino aguarda por eles.

A passagem de I Cor. 8:6 é enfaticamente monoteísta, ao declarar o Pai como o único Deus e Jesus Cristo como o único Senhor. Entretanto, esse mesmo versículo, com seu único Deus e seu único Senhor, já cria o problema trinitariano, e como o mesmo se relaciona ao monoteísmo. Damos um artigo detalhado sobre a *Trindade*. Ninguém encontrou ainda uma maneira de fazer o trinitarismo corresponder ao monoteísmo absoluto, embora uma teologia muito complexa tenha sido criada nessa tentativa. Podemos afirmar que essa impossibilidade resulta de uma entre duas causas: 1. O trinitarianismo, na verdade, é contrário ao monoteísmo, sendo apenas uma forma velada de *triteísmo*. 2. Ou, então, há certa verdade no trinitarianismo, que não é contrário ao monoteísmo, embora não haja qualquer maneira clara e lógica de expressar a idéia. A maioria dos teólogos ortodoxos toma a segunda explicação, embora sempre tenha havido cristãos que têm negado a possibilidade de tal acomodação. Os estudiosos liberais, por exemplo, usualmente sacrificam a divindade de Cristo a fim de preservarem o monoteísmo. Os mórmons manifestam-se abertamente em favor do triteísmo. Na teologia popular (peça-se a qualquer pastor que explique a doutrina da Trindade), o triteísmo é comum. O crente médio apresentará uma explicação triteísta sobre Pai, Filho e Espírito Santo, não sendo capaz de manipular as sutilezas do triteísmo. Os próprios grandes teólogos da Igreja, bem como nos concílios, têm-se debatido diante desse problema. E assim sendo, dificilmente poderíamos esperar que o crente médio fizesse muita coisa a esse respeito. A melhor resposta ao problema é que não há resposta. Essa doutrina é misteriosa e não se presta para qualquer explicação clara lógica e lingüística. Mas isso não nos deveria surpreender. Pois Deus é o *Mysterium Tremendum*. É uma presunção supor que nossas *humanologias* podem explicar a teologia.

V. As Religiões Monoteístas

Apesar do monoteísmo ter existido por toda parte, tendo sido defendido por muitas culturas, suas três grandes expressões, entre as importantes religiões do mundo, são o judaísmo, o cristianismo e o islamismo, acerca das quais oferecemos artigos separados. No Egito, o Faraó Ikhnaton, que promoveu a adoração exclusiva a *Aton*, o deus-sol, teria sido um monoteísta; mas há eruditos que acreditam que em seu culto havia elementos do henoteísmo. O movimento cessou com o falecimento daquele monarca egípcio. Nos escritos de Platão, temos uma antecipação do monoteísmo, em seu diálogo sobre as *Leis*, onde suas formas, idéias ou universais são aludidas coletivamente sob o título de *Deus. O Impulsionador Primário* (ou Impulsionador Inabalável) era uma espécie de forma cósmica impessoal, monoteísta. Essa força seria a força controladora e unificadora de todas coisas. Na *filosofia hindu* encontramos um violento contraste entre a realidade do mundo (que seria ilusória) e a realidade de Deus (na qual, finalmente, todas as coisas seriam reabsorvidas). Em última análise, só Deus seria real.

Chegamos ao conhecimento de Deus e à comunhão com ele através das experiências místicas, e quando essas experiências são suficientemente profundas, somos reabsorvidos no princípio divino. Somos tentados a chamar esse princípio todo-poderoso de *Logos*, à moda da filosofia grega (como no estoicismo), uma forma de monoteísmo. Entretanto, quase sempre esse ponto de vista assume uma explicação panteísta.

Tipos de Monoteísmo a serem Distinguidos:

a. *Monoteísmo Pessoal e Ético.* Deus é o único e santo governante do Universo. Esse é o tipo de monoteísmo que veio a fazer parte do judaísmo, do cristianismo e do islamismo. Deus aparece ali como uma pessoa, e não como uma forca cósmica.

b. *Uma força cósmica e impessoal,* como nos escritos de Platão e Aristóteles.

c. *Deus como a única realidade autêntica*, enquanto que tudo o mais é apenas uma ilusão, conforme se vê no hinduísmo.

Bibliografia. AM B C E EP MM Z. Ver o artigo geral sobre *Deus.*

MONTANHAS DE HERES

No hebraico, «montanhas do sol», referindo-se a um dos lugares onde os amorreus conseguiram instalar-se, tendo expulsado dali os filhos de Dã. Ver Juí 1:34,35. Ver também o artigo *Heres.*

MONTÃO

No hebraico temos uma palavra que aparece só por nove vezes, que é traduzida por vários termos portugueses, como «montão», «muro», «baluarte», etc. Significa «aquilo que circunda». Geralmente aplicada a alguma rampa protetora de uma cidade, como em Naum 3:8, onde a versão portuguesa diz «baluarte». Em II Sam. 20:15 temos a tradução «montão», no caso do ataque à cidade de Abel-Bete-Maacá, mas em I Reis 21:23, a mesma palavra hebraica é traduzida por «muros». Em Sal. 48:13, em uma alusão a Sião, encontramos a idéia de algum tipo de proteção da cidade, com o nome dado na Bíblia portuguesa, de «baluarte». O lado norte da antiga Jerusalém, acima do vale de Hinom, era protegido por tal muro (Lam. 2:8, que nossa versão portuguesa chama de «ante-muro»). A maioria desses montões, como se verificava em Jericó, era feita de terra batida, e, posteriormente, faziam-nos protegidos por uma camada de blocos de pedra.

MONTÃO DE PEDRAS

Talvez fosse esse o sinal ou memorial terrestre mais simples que os antigos costumavam usar. No Antigo Testamento, há menção a isso em vários contextos:

1. Um montão de pedras podia assinalar um *ato mau significativo,* para relembrar aos homens a conseqüência de ações degradantes e prejudiciais. Depois que Acã e seus familiares foram apedrejados e queimados, um montão de pedras foi colocado sobre os seus cadáveres.

2. *Um marco tumular.* O corpo do rei de Ai foi, a principio, enforcado em uma árvore, e então foi sepultado, e um montão de pedras assinalou o local do sepultamento (Jos. 8:29). O sepulcro de Absalão foi igualmente marcado (II Sam. 18:17). A simplicidade de tal sepultamento provavelmente reflete o desprazer do povo de Israel, por causa da traição de Absalão contra seu pai, Davi.

3. *Símbolo de um pacto.* Um pacto estabelecido entre Jacó e Labão, em Mizpa, foi assim assinalado. O monte de pedras serviu de testemunho do acordo, de que nenhum deles passaria para além daquele marco, a fim de prejudicar ao outro (ver Gên. 31:46-52).

4. *Um símbolo do juízo divino.* Incidentes dessa natureza encontram em Jó 15:28; Isa. 37:26; Jer. 9:11 e Osé. 12:11.

5. Montões de pedras e de entulho assinalavam as ruínas das cidades e suas muralhas (Jó 8:17; Isa. 4:2; Jer. 9:11).

MONTE (MONTANHA)

Esboço:

1. Palavras Empregadas
2. Montes Especificamente Mencionados na Bíblia
3. Usos Metafóricos

1. Palavras Empregadas

a. Cabeça (no hebraico, *rosh)* — Gên. 8:5; Êxo. 19:20; Deu. 24:1; I Reis 18:42. Essa palavra é usada no original hebraico para indicar uma colina, em Êxo. 17:9,10.

b. Orelhas (no hebraico, *aznoth),* como no caso do nome Aznote-Tabor, em Jos. 19:34, sem dúvida aludindo a alguma *projeção* existente em um monte.

c. Ombro (no hebraico, *chateph)* — Deu. 33:12; Jos. 15:8; 18:16. Essa palavra hebraica também é traduzida por *lado,* referindo-se às colinas sobre as quais Jerusalém fora edificada.

d. Lado (no hebraico, *tzad),* a palavra hebraica comum para indicar o lado de qualquer coisa — II Sam. 2:16. Pode indicar as faldas de uma montanha ou algum terreno inclinado (ver I Sam. 23:26; II Sam. 13:34).

e. Lombos ou flancos (no hebraico, *chisloth),* como se dá no caso do nome combinado Quislote-Tabor, em Jos. 19:12. Essa palavra também era usada para indicar alguma aldeia, provavelmente por estar situada nos lados de alguma montanha, como é o caso de Quesulote, em Jos. 19:18.

f. Costela (no hebraico, *tzelah),* palavra usada para indicar o Monte das Oliveiras —II Sam. 16:13. Essa palavra também é traduzida por «lado».

g. Costas (no hebraico, *shechem).* Provavelmente temos aí a base do nome Siquém, que ficava na parte de trás do monte Gerizim.

h. Cotovelo (no hebraico, *ammah).* Nome de uma colina próxima de Gibeom— II Sam. 2:24. Em nossa versão portuguesa, «outeiro de Amá».

i. Coxa (no hebraico, *yarchah).* Essa palavra tanto indicava uma coxa humana (ver Juí. 3:16,21) quanto certa formação montanhosa no monte Efraim (ver Juí. 19:1,18). Tal palavra também foi aplicada ao Líbano (ver II Reis 19:23). As paredes laterais internas das cavernas também eram assim referidas (ver I Sam: 24:3).

j. Cobertura, dando a idéia de esconderijo (proveniente do termo hebraico *sether),* talvez referindo-se aos arbustos e outras formações vegetais que recobriam as colinas (ver I Sam. 25:20).

2. Montes Especificamente Mencionados na Bíblia

Monto Seir, na Iduméia. Monte Horebe, perto do Sinai, na Arábia Petrea. Monte Sinai, na Arábia Petrea. Monte Hor, na Iduméia. Monte Gilboa, perto do mar Morto. Montes Líbano e Antilíbano. Monte Gerizim, em Samaria. Monte Ebal próximo do monte Gerizim, na Samaria. Monte Gileade, do outro lado do rio Jordão. Monte Amaleque, em Parã, na Arábia Petrea. Monte Gaás, em Efraim. Monte das Oliveiras, defronte de Jerusalém. Monte Pisga, do outro lado do rio Jordão. Monte Hermom, do outro lado do rio Jordão, perto do Líbano. Monte Carmelo, perto do mar Mediterrâneo. Todos esses montes são tratados em artigos separados.

3. Usos Metafóricos

a. Os montes são fortalezas naturais, pelo que falam sobre força e inexpugnabilidade. Por isso foi que Davi disse: «Tu, Senhor, por teu favor fizeste permanecer forte a minha montanha» (Sal. 30:7). Ele queria indicar assim a estabilidade do seu trono.

b. A segurança do povo, que habitaria nos montes (Eze. 6:2,3).

c. O templo de Jerusalém foi edificado sobre um monte, a fim de exibir exaltação (ver Isa. 30:29; Jer. 17:3,26).

d. O povo de Deus e seu culto religioso são simbolizados pelo monte Sião, o qual é forte e conspícuo (ver Sal. 2:6; Isa. 2:2). O monte Sião terminará por encher a terra toda, e todas as nações se juntarão a ele (ver Dan. 2:34,45).

e. Homens de elevada posição e autoridade também são representados por montes (ver Sal. 47:3; Isa 44:23).

f. Os poderosos inimigos da verdade também são montes (ver Isa. 40:4; 41:15).

g. *Perenidade.* O programa de rádio de alcance nacional, da Igreja Mórmon, do Templo Square, em Salt Lake City, nos Estados Unidos da América, sempre é encerrado com as seguintes palavras: «Do Temple Square, à sombra das colinas perenes, na encruzilhada do Ocidente» (porque Salt Lake City fica assim localizada). Essa declaração nunca deixou de me emocionar, porquanto, embora eu nunca tenha sido mórmon, foi nessa cidade que me criei. As colinas referidas naquela declaração são as Montanhas Rochosas (ver Hab. 3:6).

h. *Idolatria,* visto que, com freqüência, os cultos idólatras ocorriam em lugares elevados, onde tinham sido plantados bosques (ver Eze. 18:6,11).

i. *O próprio Deus* foi comparado a uma montanha que cercasse a cidade de Jerusalém, o que representa a *proteção* divina.

j. A monarquia caldaica, da Babilônia, foi comparada a um monte, devido à sua elevada posição. Mas também era um monte que pegava fogo, porque, finalmente, haveria de ser incendiado, e os seus escombros se assemelhariam a um monte coberto de cinzas (ver Jer. 51:25; Isa. 13:2).

l. *Nos Sonhos e nas Visões.* Nessas manifestações, os montes podem simbolizar obstáculos, dificuldades, desafios, tarefas difíceis. O *pico* de um monte pode representar as mais caras ambições de uma pessoa, ou seus poderes, ou então, se esse pico já tiver sido atingido, estará em foco o bom êxito daquela pessoa. O ato de *subir um monte* fala sobre a tentativa de vencer dificuldades, de esforçar-se na direção de um alvo. A dificuldade para escalar um monte, mas sem que haja sucesso, simboliza a futilidade ou extremas dificuldades envolvidas em algum ato, ambição ou trabalho. Subir por um dos lados de uma montanha simboliza a primeira metade da vida do indivíduo. Descer pelo lado oposto pode simbolizar a outra metade da vida. A saliência de um rochedo pode simbolizar o peito de uma pessoa, ou mesmo os seios de uma mulher. Encontrar-se em um vale, entre dois montes, pode indicar um dilema sério que a pessoa está enfrentando, embora também possa significar segurança, conforto, isolamento ou mesmo aprisionamento.

MONTE DA ASSEMBLÉIA

Ver sobre *Monte da Congregação.*

MONTE DA CONGREGAÇÃO

Ver Isa. 14:13. Esse lugar «visionário» é mencionado em conexão com o rei da Babilônia. Provavelmente, para Isaías, o nome eqüivalia ao Olimpo, na Grécia, o «monte dos deuses». Ele fantasiou a Babilônia assentada sobre esse Olimpo babilônico. Mas então, ao sofrer destruição, devido ao juízo divino, o rei foi lançado às profundezas do hades (no hebraico, *sheol).* Alguns eruditos pensam que a referência primária é à queda de Lúcifer, quando ele se tornou Satanás. Nesse caso, a Babilônia (ou o rei da Babilônia) recebe uma referência secundária, como um dos lugares (ou pessoas) governados por Satanás.

MONTE DAS OLIVEIRAS

Esboço:

1. O Nome
2. Geografia e Topografia
3. Informes Dados pelo Novo Testamento
4. Santuários do Monte das Oliveiras

1. O Nome

No hebraico, **har hazzethim**, que se acha somente em Zac. 14:4. No Novo Testamento grego achamos *tò óros tón elaiōn,* «o Monte das Oliveiras» (ver Mat. 21:1; 24:3; 26:30; Mar. 11:1; Luc. 19:37; João 8:1). Em II Sam. 15:30, lê-se sobre a «encosta das Oliveiras»; I Reis 11:7 diz «o monte fronteiro a Jerusalém»; II Reis 23:13 reza: «os altos que estavam defronte de Jerusalém», e que certo rei havia profanado com suas práticas idólatras pagãs, em locais que, infelizmente, tinham sido edificados pelo rei Salomão. O trecho de Nee. 8:15 fala apenas sobre o «monte». Em nossos dias, esse monte é conhecido por dois nomes diferentes: *Jebel et-tur,* «o monte», e *Jebel et-Zeitum,* «Monte das Oliveiras».

2. Geografia e Topografia

A colina em questão é uma pequena serra de quatro cumes, o mais alto dos quais tem 830 m acima do nível do mar, dando frente para Jerusalém e para o monte do templo, para quem olha do leste, do outro lado do vale do Cedrom e do poço de Siloé. O Monte das Oliveiras é uma serra de pedra calcária que se estende por cerca de

1600 m, na direção geral norte-sul, cobrindo todo o lado oriental da cidade de Jerusalém. Em sua extremidade norte, a serra dobra para a oeste, e assim também circunda a cidade por aquele lado. Ao norte, cerca de um quilômetro e meio de distância, chega a interceptar as muralhas da cidade, ao passo que a leste, o monte fica distante da cidade, embora separado dela somente pelo vale do Cedrom. É justamente a essa última porção que as referências neotestamentárias nos chamam a atenção. Outras colinas têm sido identificadas com eventos na vida de Jesus, localizadas naquela área geral, como o suposto lugar onde o anjo instruiu aos discípulos, chamado *Viri Galilaei* (ver Atos 1:11); o monte da Ascensão, atualmente assinalado pelas cúpulas da igreja da Ascensão; o monte dos Profetas, subordinado *ao* anterior; e o Monte das Oliveiras. Três caminhos separados podem ser tomados, desde o vale até o cume do *Monte das Oliveiras*. O primeiro passa pelo tradicional jardim do Getsêmani. O segundo separa-se do primeiro cerca de 50 m além do Getsêmani e dobra para a direita, terminando na serra associada à lamentação de Jesus sobre Jerusalém. E o terceiro separa-se dos dois primeiros no canto nordeste do jardim do Getsêmani, estendendo-se pare o sul e chegando até o chamado túmulo dos profetas. Talvez Davi tenha tomado o primeiro desses caminhos quando fugia de Absalão, e o mesmo caminho pode ter sido tomado por Jesus e seus discípulos, quando eles se retiraram para as colinas, em sua jornada de Jerusalém para Betânia. Após a ascensão de Cristo, esse também pode ter sido o caminho tomado pelos discípulos, ao voltarem a Jerusalém. A tradição tem marcado vários lugares sagrados em toda aquela área, mas ninguém sabe, realmente, a localização exata de qualquer dos eventos historiados no Novo Testamento. O máximo que os estudiosos podem dizer é que esses acontecimentos tiveram lugar naquela área geral.

Nos dias de Jesus, o Monte das Oliveiras era densamente coberto por vegetação, incluindo extensas plantações de oliveiras, o que explica o seu nome. Porém, nos dias de Tito, essa colina foi desnudada de árvores. Perto da igreja de Todas as Nações, à base do Monte das Oliveiras, há algumas oliveiras extremamente antigas, embora não pareça que elas remontem aos dias de Jesus. Uma sucessão de igrejas da Ascensão coroa o reputado cume onde esse acontecimento teria tido lugar. Porém, o evangelho de Lucas favorece a área de Betânia para esse evento. Os eruditos sérios, porém, desprezam essas tolas tentativas de localização, contentando-se em dizer: «Aqueles acontecimentos aconteceram por toda essa área em geral».

3. Informes Dados pelo Novo Testamento

Não há que duvidar que Jesus atravessou o Monte das Oliveiras por muitas vezes, quando chegava para festejos em Jerusalém, ou ia-se embora da cidade. O costume dos judeus era de evitar atravessar a Samaria em suas peregrinações, atravessando o Jordão um tanto ao norte de Jerusalém, e, então, tornando a atravessar para a sua margem ocidental, perto de Jericó. Talvez por essa razão é que Jesus esteve em Jericó em várias ocasiões. O trecho de João 8:1 *ss* menciona o Monte das Oliveiras em conexão com a história da mulher apanhada em flagrante adultério. À parte aquelas referências, todas as demais referências neotestamentárias aparecem em relação à triunfal entrada de Jesus em Jerusalém, já na semana da paixão. Os evangelhos de Marcos e de Lucas mencionam Betânia, Betfagé e o Monte das Oliveiras juntamente, quando registram a narrativa da entrada triunfal (ver Mar. 11:1; Luc. 19:29). Ao chegar ao alto da colina, sem dúvida ele viu a cidade santa e chorou, por causa de seus desvios (ver Luc. 19:41). Talvez Jesus tivesse tido esse monte em mente quando falou sobre a fé que é capaz de remover montanhas até o mar (ver Mat. 21:21). E também foi no Monte das Oliveiras que Jesus apresentou o seu discurso profético sobre a destruição de Jerusalém (ver Mat. 24:3; Mar. 13:3). E a passagem de Lucas 21:37 mostra-nos que Jesus costumava retirar-se com freqüência para aquele lugar, após ter passado o dia inteiro a ensinar. É perfeitamente provável que, durante os dias festivos, não houvesse acomodação nas hospedarias, pelo que aquele lugar fosse usado por muitos como um lugar onde eles dormiam ao ar livre. No jardim do Getsêmani, que ficava nas faldas ocidentais do Monte das Oliveiras, Jesus passou suas horas de agonia, quando o fim de sua vida já se aproximava, e ele foi traído e feito prisioneiro (ver Mat. 26:30 *ss;* Mar. 14:26; Luc. 33:39 *ss;* João 19:1 *ss*). E quando os discípulos voltavam da cena da ascensão de Jesus, passaram novamente por aquela área (ver Atos 1:9-12; comparar com Luc. 24:50).

4. Santuários do Monte das Oliveiras

Embora não possam ser demarcadas áreas autênticas pelos muitos santuários existentes no Monte das Oliveiras, apesar disso têm servido de marcos importantes na história do cristianismo. Nada menos de três caminhos do Domingo de Ramos estão assinalados naquela colina; há três jardins do Getsêmani; duas estradas para Jericó são mostradas aos turistas. A igreja de Dominus Flevit alegadamente marca o local onde Jesus chorou diante de Jerusalém. Até a suposta pedra sobre a qual ele pisou a fim de montar melhor no jumento, tem sido preservada por uma imaginação infantil. Uma suposta pegada, deixada na pedra, foi preservada em uma igreja cristã, edificada no Monte das Oliveiras, em 375 D.C. Esse santuário fora destruído, mas depois os cruzados restauraram-no. Um santuário islâmico, chamado *Inbomon,* também foi construído naquela área. Para diversão dos turistas, um árabe aluga um jumentinho para ser montado, afirmando ser o mesmo descendente direto daquele sobre o qual Jesus montou. Talvez deixemos escapar um sorriso diante de coisas assim, mas elas não são mais ridículas do que quaisquer outras identificações e relíquias que a imaginação fértil dos espertalhões força sobre pessoas crédulas.

O primeiro santuário do *Monte das Oliveiras* foi construído por Helena, em 325 D.C. Esse santuário é chamado de *Eleona,* «Olivas». Tratava-se de uma estrutura que abrigava uma gruta onde, alegadamente, Jesus costumava ensinar aos seus discípulos. Os persas destruíram o lugar, no século XVII, mas, em 1869, foi construída ali a igreja do Pater Noster, na hipótese de que ali fora o lugar onde Jesus ensinara a oração que começa com as palavras «Pai nosso...» (ver Luc. 11:1-4). Nesse templo, existem painéis com essa oração, escrita em quarenta idiomas diferentes.

A fim de assinalar o lugar da ascensão de Cristo, foi construído o mosteiro da Ascensão, pela Igreja Ortodoxa Russa. E também há o mosteiro da Igreja Ortodoxa Grega, chamado *Viri Galilaei,* cujo nome vem do texto latino, de Atos 1:11. Na vertente ocidental da colina, perto da parte mais baixa, há vários jardins do Getsêmani. Também há três diferentes templos cristãos naquela área. A meio caminho da subida fica a igreja russa de Maria Madalena, e, um pouco mais abaixo fica a famosa igreja católica romana de Todas as Nações, que presumivelmente assinala a rocha da agonia, onde Jesus prostrou-se quando orou insistentemente a Deus Pai. Nesse jardim existem as célebres oliveiras que têm cerca de mil anos de idade. Mais ao norte fica uma igreja onde ficaria o suposto túmulo de Maria. Essa igreja é dirigida pelos gregos e pelos coptas. Na extremidade norte da serra há o magnífico hospital de Augusta Vitória, construído pelo kaiser Guilherme II. Os construtores do mesmo descobriram ali construções antigas, quando estavam lançando os alicerces do hospital. Um moderno hotel de luxo, que é extremamente rendoso, domina a extremidade sul da serra central, que dá frente para muitos túmulos, que se têm multiplicado ali através de séculos. (AM DAL ND UN Z)

MONTE EFRAIM

Ver sobre *Efraim, Região Montanhosa.*

MONTE ESCABROSO

Essa é a tradução portuguesa do termo hebraico *bether,* «profundeza» ou, talvez, «casa da montanha» que aparece em Cant. 2:17. Algumas versões o traduzem como se fosse o nome de um monte, «Beter». O nome também aparece no Talmude Georg.d. Tal. 103 e em Eusébio (*Hist.* IV.6), com a forma de *Bathera.* É possível que estejam em foco as ravinas desse monte.

Uma cidade de Beter, todavia, ocupa posição proeminente na história posterior dos judeus, como lugar onde os judeus resistiram as tropas de Adriano, na época de Bar Cochba, em 135 D.C. Sua identidade com Bittir, a onze quilômetros a sudoeste de Jerusalém, é confirmada por uma inscrição. Alguns estudiosos opinam que o nome talvez seja subentendido em III Esdras 5:17, no termo grego *Baiterous*. Mas isso poderia ter sido um erro escribal para Gaberous.

Uma expressão semelhante aparece em Cant. 8:14, «montes aromáticos», correspondente ao hebraico *har besem,* «monte de especiarias». Aliás, em Cantares há mais algumas menções metafóricas a montes, como «monte da mirra» (4:6) e «montes dos leopardos» (4:8).

MONTE HOR,

Ver Hor, Monte.

MONTE NEBO

Esse é um monte defronte do qual ficava a cidade de Jericó, no outro lado do rio Jordão. Foi dali que Moisés contemplou, em um lance d'olhos, a Terra Prometida. Ver também sobre *Pisga.* Alguns têm identificado o monte Nebo com o monte que os árabes chamam de *Jebel-en-Neba;* mas, nesse caso, a referência ao mar Ocidental não pode ser entendida literalmente. O monte Nebo é mencionado apenas por duas vezes na Bíblia, em Deu. 32:49 e 34:1.

Yahweh ordenou que Moisés subisse àquele monte, que estaria dentro do território de Moabe, diante de Jericó. Moisés subiu no monte e chegou ao cume de Pisga, um dos picos das montanhas de Abirã, a nordeste do mar Morto. Os lugares que Moisés teria visto daquele lugar eram por demais distantes e numerosos para que, realmente, tivessem sido vistos por ele, daquela elevação. Por isso mesmo, os estudiosos interpretam essa passagem como poética ou simbólica, ou dando a entender que Deus deu a Moisés uma visão, para que ele divisasse o que seus olhos físicos não poderiam ver.

Se o monte Nebo é mesmo *o Jebel en-Neba,* então, o cume de Pisga é o *Ras Es-Siyaghah.* Esses dois picos estão ligados por uma sela. Do monte Pisga tem-se uma vista magnificente do vale do rio Jordão até o monte Hermom, em dias claros, mesmo que não seja uma paisagem tão completa quanto dá a entender o trecho de Deu. 34:1 e seu contexto. A serra montanhosa obstrui a visão do mar Mediterrâneo, pelo que aquele mar (ali chamado mar Ocidental) não pode ter sido visto por Moisés, a menos que tudo faça parte do caráter poético, simbólico e visionário da passagem. Por isso, alguns dizem que está ali em foco o mar Morto, mas isso é menos provável. Ainda outros estudiosos dizem que o cume de Pisga é apenas um outro nome para o monte Nebo. Seja como for, na região existem ruínas pelas quais os arqueólogos nutrem grande interesse, incluindo as ruínas de uma igreja bizantina.

Deve-se esclarecer ao leitor que os eruditos continuam disputando quanto à localização exata da visão de Moisés, o que significa que não se pode dizer que o monte Nebo e o cume de Pisga já foram identificados com absoluta certeza.

MONTE TABOR

Esse é o nome de uma colina de certa proeminência, localizada cerca de dezesseis quilômetros a sudoeste do mar da Galiléia, no vale de Jezreel. Chega a 562 m de altitude, acima do nível do mar. Suas vertentes são muito inclinadas, e em vários lugares da ascensão divisam-se paisagens espetaculares. O monte Hermom é muito maior e mais alto, mas os magníficos cumes do Tabor têm-lhe dado fama, juntamente com aquele outro célebre monte.

Nos dias de Oséias foi erigido ali um santuário Idólatra, pois os homens sempre se deixaram atrair por lugares elevados como locais próprios para culto. Uma aldeia foi construída no cume mais alto do Tabor, por Antíoco III, em 218 A.C. Em 53 A.C., houve ali uma batalha entre os romanos e as tropas de Alexandre, filho de Aristóbulo. Josefo, o famoso historiador judeu, em seus dias de atividade militar, por ser o general judeu, deu a essa cidade do cume uma rampa defensiva, em 66 D.C., porções de cuja rampa podem ser vistas até hoje.

Embora o monte Tabor não seja mencionado no Novo Testamento, sua fama, em relação ao mesmo, deve-se ao fato de que se tornou o tradicional lugar da transfiguração de Jesus, diante de três de seus discípulos. Essa tradição foi iniciada por Helena, mãe do imperador Constantino. Ela mandou construir um santuário no cume. As guerras destruíram esse santuário; mas, com a passagem do tempo, foram levantados outros santuários. Os cruzados dominaram a área por algum tempo, mas, em 1187, o Tabor caiu novamente em poder dos árabes. Os islamitas construíram ali um forte, que também foi destruído mais tarde. No século XIX, a Igreja Ortodoxa Grega construiu ali um mosteiro; e os frades franciscanos construíram a chamada Basílica da Transfiguração.

Essa basílica está dividida em três compartimentos: um para Jesus, outro para Moisés e outro para Elias. Os árabes chamam esse monte de Jebel al-Tur; mas os israelenses preservam seu antigo nome hebraico, *Har Tabor.*

Informes Dados pelo Antigo Testamento:

a. O Tabor assinalava a fronteira do território herdado por Issacar (Jos. 19:22). O outro lado da fronteira era o território pertencente à tribo de Zebulom.

b. Talvez esse monte também seja mencionado em Deu 33:18 *ss,* em cujo caso, desde tempos antigos aquele foi um lugar alto de culto.

c. Baraque estacionou ali tropas, que usou contra Sísera, o general cananeu (Juí. 4:6,14 *ss).*

d. Zebá e Zalmuna mataram ali os irmãos de Gideão (Juí. 8:18).

e. O trecho de Salmos 89 menciona o Tabor, juntamente com o Hermom, como montes que prestam louvor a Deus.

f. O rei da Babilônia foi comparado ao monte Tabor, devido à sua exaltação (Jer. 46:18).

g. A severidade de Deus contra a desviada nação de Israel foi ilustrada como uma rede lançada sobre o Monte Tabor (Osé, 5:1).

MONUMENTO

1. *Definição*

Qualquer coisa que traz o passado à memória. Os monumentos podem ter a forma de túmulos, relíquias de templos, parte dos objetos da idolatria, marcos, inscrições, obras literárias, um edifício, um cômoro, uma pilha de pedras, uma localidade, um monte, uma cidade etc.

2. *Na Bíblia*

Saul levantou um memorial após a sua vitória sobre os amalequitas (ver I Sam. 15:12). Hadadezer planejou levantar um monumento às margens do rio Eufrates (ver I Crô. 18:3). Absalão levantou uma coluna como monumento, a fim de exaltar-se (ver II Sam. 18:18), embora não se trate do mesmo monumento atual de Absalão, existente no vale do Cedrom. Esse monumento só foi edificado já no século I A.C. Mesa, de Moabe, os reis egípcios, assírios e sírios levantaram todos monumentos, como esteias, inscrições de vários tipos, todos caracterizados por muita jactância e auto-exaltação.

O trecho de Isa. 56:5 promete um memorial aos eunucos piedosos, provavelmente sob a forma de algum tipo de pedra comemorativa no templo de Jerusalém. Os santuários cananeus tinham esteias que serviam de monumentos. Embora essas estelas e inscrições possam ter distorcido alguns fatos históricos, contudo têm servido de algumas das melhores fontes históricas sobre a antiguidade, além de revestirem-se de grande importância lingüística. Em II Reis 23:17, encontramos a menção ao *túmulo* de um profeta, que servia de monumento ou memorial. Jesus chamou os túmulos dos profetas de «*monumentos*», em Mat. 23:29 (no grego, *mnemeíon,* «memorial»).

MORASTITA

Miquéias, tendo nascido em Moresete-Gate, foi chamado de «morastita», em Jer. 26:18 e Miq 1.1. Essa cidade tem sido identificada com a moderna Tell ej-Judeideh. Ver o artigo sobre **Moresete-Gate.**

MORCEGO

Pelo menos vinte espécies diferentes de morcegos têm sido descobertas na Palestina. A palavra hebraica *atallef* indica qualquer ser vivo que voe no escuro. Répteis voadores eram considerados imundos, pelo que não podiam ser consumidos como alimento pelos israelitas. Isso significa que a ingestão de insetos também era proibida, com a única exceção do gafanhoto. Sabemos que as populações das nações ao redor de Israel comiam morcegos, insetos e tantas outras coisas vedadas aos israelitas. Alguns morcegos são tão volumosos quanto os ratos, pelo que têm muita carne. Moisés, porém, não pensava ser boa a idéia de seu povo aiimentar-se de morcegos (Lev. 11:19,20). É difícil alguém apreciar os morcegos como parte da alimentação, porquanto eles têm mau cheiro e têm o hábito de deixar grandes depósitos fecais perto e sob seus ninhos. Algumas pessoas, porém, juntam esses depósitos para servirem de estrume. Somente indivíduos mais primitivos chegam a apanhar morcegos para comerem-nos. Seu aspecto geral também é muito asqueroso, alguns comparam-nos com cães, e outros, com ratos. A associação dos morcegos com os vampiros também não tem servido para melhorar a reputação deles. Naturalmente, a maioria das pessoas não acredita em vampiros, e com razão, mas quando caminhamos ao ar livre à noite e algum morcego passa voando baixo, quase tocando na gente, desconfiamos que as histórias de vampiros são verdadeiras.

A maioria dos morcegos é de natureza inofensiva. Na verdade, eles são úteis, porque consomem insetos. Apenas algumas espécies gostam de sangue. Esses morcegos são prejudiciais, porque atacam o gado e as pessoas, podendo até mesmo inocular a raiva. Mas o problema é que a pessoa comum não sabe como distingui-los, pelo que todos os morcegos são tidos como perigosos.

Hábitos. Os morcegos habitam na folhagem densa das árvores, em lugares reclusos, como torres de igrejas ou cavernas. Voam somente à noite, exceto em ocasiões raras. Alimentam-se de insetos, frutos, etc. Ao se alimentarem de insetos, mostram-se benéficos; ao se alimentarem de frutos, daninhos, fazem muitos estragos nos pomares. Quanto a isso, são como os homens: bons ou maus. Dormem pendurados pelos pés, de cabeça para baixo. Isso também se dá com a moral de muitas pessoas. O trecho de Isaías 2:20 associa os morcegos à idolatria, dizendo que os objetos do culto idólatra eventualmente são esquecidos e entregues aos morcegos, quando visitados pelo juízo divino.

O morcego é como uma ave falsa. Na verdade, é um mamífero voador. Suas asas têm membranas, e não penas. O morcegos têm um apetite voraz. Todas as descrições sobre os morcegos falam em um animal feio e estranho. Uma enciclopédia que trago aberta agora, à minha frente, diz que os morcegos não merecem a má reputação que os cerca. Mas não tenho muita certeza quanto a isso. (ID S UN Z)

MORDECAI

O significado desse nome é incerto, embora pareça vinculado ao nome do deus pagão *Marduque* (vide), que era uma das principais divindades da Babilônia. Há dois personagens da Bíblia com esse nome.

1. Primo da Rainha Ester, descrito no livro **Ester**.

Esse Mordecai era filho de Jair, descendente de Quis, o benjamita. Residia em Susã, a metrópole da Pérsia, depois que fora deportado para a Babilônia, por Nabucodonosor. Participou do drama em que Xerxes, o rei do império persa, desejou encontrar uma sucessora para a rainha Vasti. Mordecai criava sua prima mais jovem como filha; e ela tornou-se fortíssima candidata a tornar-se a nova rainha de Xerxes, devido à sua grande beleza física. Após muitos percalços, foi Ester confirmada como a rainha de Xerxes.

Elementos da História. Assuero (Xerxes) escolheu Ester para ser a sua próxima rainha, depois de Vasti. Assuero foi o rei da Pérsia entre 486 e 465 A.C. Mordecai já ocupava então importantes posições no governo. Dois dos eunucos do rei, Bigtã e Teres (Est. 2:21), tinham traçado um conluio para matá-lo. Mordecai descobriu seus planos e avisou Ester, e assim o conluio fracassou (Est. 2:22).

Posteriormente, Hamã tornou-se inimigo mortal de Mordecai, e pretendeu destruir aos judeus (Est. 3:3 *ss).* Ester, porém, intercedeu em favor dos judeus, com grande risco para sua própria vida (Est. 4:14). Hamã havia preparado uma forca (ou um poste de empalação?) para Mordecai (Est. 5:15). O instrumento divino de intervenção foi a leitura do livro das crônicas dos reis da Pérsia, onde ficara registrado aquele serviço à casa real, prestado por Mordecai. E Mordecai foi publicamente honrado (Est. 6:11).

O rei acabou tomando conhecimento dos planos de Hamã contra os judeus, e ordenou que o mesmo fosse enforcado na mesma forca que havia preparado para Mordecai (Est. 7:10). Mordecai terminou ocupando o posto vago por Hamã, e assim cresceu em muito a sua autoridade (Est. 8:2). E isso contribuiu para o bem dos judeus, os quais foram liberados de ameaças, mediante decretos enviados a todas as províncias da Pérsia (Est. 8:13). E os judeus puderam vingar-se de seus adversários.

Então Mordecai institui a *festa de Purim* (vide), a fim de celebrar a vitória. O termo hebraico *purim*, forma plural de *pur*, «sorte», foi aplicado a essa festividade devido às sortes que haviam sido lançadas contra os judeus, mas acabaram sendo revertidas (ver Est. 9:26). O trecho de II Macabeus 15:36 chama essa festa de «dia de Mordecai».

Visto que a história secular não traz qualquer menção a essa narrativa, e nem à rainha Ester, muitos eruditos têm pensado que o livro de Ester não passa de uma novela religiosa, e não de um documento histórico. Abordamos a questão da historicidade do *livro de Ester* no artigo sobre esse livro.

2. Um outro homem desse nome retornou do cativeiro babilônico em companhia de Zorobabel e Josué, tendo fixado residência em Jerusalém. Ver Esd. 2:2; Nee. 7:7 e I Esdras 5:8.

MORDOMO

Três expressões hebraicas e duas palavras gregas estão envolvidas neste verbete, a saber:

1. *Ha-ish asher al*, «homem que está sobre». Expressão hebraica que aparece somente em Gên. 43:19.
2. *Asher al bayith,* «quem está sobre a casa». Outra expressão hebraica, que só pode ser encontrada em Gên. 44:4.
3. *Ben mesheq*, «filho de aquisição». Essa expressão hebraica ocorre somente uma vez, em Gên. 15:2.
4. *Epítropos*, «encarregado». Palavra grega que é usada por três vezes: Mat. 20:8; Luc. 8:3; Gál. 4:2. O verbo aparece em Luc. 3:1; e o substantivo, «encargo», em Atos 26:12.
5. *Oikonómos*, «mordomo». Termo grego usado por dez vezes: Luc. 12:42; 16:1,3,8; Rom. 16:23; I Cor. 4:1,2; Gál. 4:2; Tito 1:7; I Ped. 4:10. O verbo só aparece em Luc. 16:2. O substantivo, «mordomia», ocorre por nove vezes: Luc. 16:2-4; I Cor. 9:17; Efé. 1:10; 3:2,9; Col. 1:25; I Tim. 1:4.

Aqueles três expressões hebraicas têm equivalentes semânticos no acádico e no ugarítico, embora sejam especialmente comuns, esses equivalentes, nos idiomas semíticos ocidentais. A terceira dessas expressões não tem explicação, embora os Targuns a interpretem por «mordomo». Nossa versão portuguesa põe a palavra «herdeiro» nos lábios de Abraão, bem como na resposta que lhe deu o Senhor (ver Gên. 15:2 e 4); mas o original hebraico só tem aquela expressão no vs. 2, enquanto no vs. 4 o Senhor usou outra palavra hebraica, *yarash*, «herdeiro». Isso significa que nossa versão portuguesa não reflete a expressão hebraica *ben mesheq.*

Em I Crônicas 28:1, algumas versões dizem «mordomos», onde a nossa versão portuguesa, mais acertadamente diz «administradores». Todavia, no original hebraico temos a palavra *sar*, «príncipe», que aceita a idéia secundária de «supervisor».

No Novo Testamento grego, o eqüivalente semântico de *sar* é *epítropos*, ao passo que *oikonómos* é, realmente, a palavra que deveria ser traduzida em português por «mordomo».

MORÉ, CARVALHO DE

No hebraico, *moreh* significa «mestre». Algumas traduções dizem, erroneamente, «planície de Moré». Ver Gên. 12:6. Esse carvalho é mencionado em conexão com Abraão, que armou seu acampamento perto do mesmo, ao chegar à terra de Canaã, ao vir de Harã. Foi ali que Deus revelou-se a Abraão, prometendo-lhe dar a terra de Canaã como herança, a fim de que os seus descendentes pudessem tornar-se uma grande nação, escolhida pelo Senhor, naquele lugar. Talvez esse seja também o carvalho mencionado em Gên. 35:4, onde Jacó enterrou seus deuses estrangeiros, assim purificando o seu acampamento, antes de prosseguir até Betel. Também há uma alusão ao mesmo local na história sobre Abimeleque (Juí. 9:37).

Os eruditos crêem que se trate de uma árvore especialmente sagrada, vinculada a adivinhações, parte de um antigo santuário cananeu. De fato, em Juí. 9:37 lemos sobre o «carvalho dos adivinhadores». Esse local era considerado sagrado, sendo perfeitamente possível que Abraão tenha ido até ali exatamente por essa razão. Ali chegando, erigiu um altar dedicado a Yahweh, e, então, recebeu a visitação do Senhor e as suas promessas. Torna-se óbvio, pela Bíblia, que o local continuou sendo muito importante para Israel, pois continuou a ser uma espécie de santuário e lugar santo, ocasionalmente visitado pelos israelitas.

MORÉ, OUTEIRO DE

No hebraico, **moreh** significa «mestre». Uma colina com esse nome é mencionada em Juí. 7:1. Os midianitas acamparam ali (ver Juí. 6:33), quando foram atacados por Gideão e seus trezentos homens. Desconhece-se a atual localização exata, mas não há que duvidar que ficava nas vizinhanças de Siquém, podendo ser o que se conhece hoje em dia como Jebel Nabi Dahi, que alguns, equivocadamente, chamam de Pequeno Hermom. Esse fica a quase treze quilômetros a noroeste do monte Gilboa, e a um quilômetro e meio ao sul de Naim.

MORESETE-GATE

No hebraico, «possessão de Gate», uma cidade mencionada em Miq. 1:14. Ao que tudo leva a crer, esse foi o lugar onde nasceu o profeta Miquéias, razão pela qual ele é chamado de «morastita» (ver Jer. 26:18 e Miq. 1:1), um adjetivo que lhe é aplicado a fim de distingui-lo de outro profeta, mais antigo, de nome (no hebraico), Micaias, filho de Inlá (ver I Reis 22:8 *ss),* além de outros.

Jerônimo situava essa cidade a curta distância a leste de Eleuterópolis, o que a identifica com Khirbet ei-Basel, ligeiramente mais que um quilômetro e meio distante de Eleuterópolis. Mas outros estudiosos preferem pensar no Tell ej-Judeideh, a oito quilômetros a oeste de Gate, e cerca de trinta e dois quilômetros a sudoeste de Jerusalém, como se fosse o antigo local de Moresete-Gate.

MORIÁ

No hebraico «alta (região)». Esse nome consiste em três elementos: *men,* «lugar», *ra 'ah,* «ver», e *Yah,* forma abreviada de *Yahweh.* Por isso é que alguns estudiosos dizem que esse nome significa «visto por Yahweh» ou «escolhido por Yahweh». A palavra ocorre somente por duas vezes em todo o Antigo Testamento: em Gên. 22:2, onde se refere ao lugar até onde Abraão levou Isaque, a fim de oferecê-lo em sacrifício. Esse lugar ficava a três dias de viagem para quem partia da terra dos filisteus (ver Gên. 21:34), a região de Gerar, mas podia ser visto à distância, devido à sua elevação (ver Gên. 22:4). E também em II Crô. 3:1; o local onde foi construído o templo de Salomão, a saber, o «monte Moriá», na eira de Ornã, o jebuseu, e onde Deus aparecera a Davi (II Crô. 3:2).

Vários problemas têm surgido no tocante a essa questão. Em primeiro lugar, o sul da Filístia não ficava a três dias de viagem desse lugar. Além disso, quando alguém caminhava para a área do templo, não podia vê-la à distância. A tradição samaritana ligava o monte Moriá ao monte Gerizim. A isso, outros retrucam dizendo que em vista do sul da Filístia ficar cerca de oitenta quilômetros de Jerusalém, poderiam ser necessários três dias de caminhada até à área onde, futuramente, foi construído o templo. Além disso, em Gênesis não está em foco algum monte isolado, e, sim, toda uma região montanhosa, pelo que essa região é que seria visível à distância. Assim, se o monte Moriá, propriamente dito, não podia ser divisado à distância, as colinas circundantes podiam. Josefo concordou com a identificação do monte Moriá com a área do templo (ver *Anti.* I.12,1; VII. 13,4), tal como o faz o livro dos Jubileus (18:13) e a literatura rabínica em geral. Atualmente, há no local uma mesquita islâmica, a mesquita de Omar.

MORTE

Esboço:

I. Caracterização Geral
II. A Palavra «Morte» e Suas Muitas Conotações
III. O Estado dos Mortos
IV. A Morte como Punição pelo Pecado
V. A Consternação da Morte
VI. A Morte Não é Vitoriosa
VII. A Segunda Morte e a Morte Espiritual
VIII. Usos Figurados e Personificação da Morte
IX. Como a Morte Nos Serve

Ver o artigo paralelo, *Mortos, Estado dos.*

I. Caracterização Geral

Um dos grandes mistérios da nossa existência é como um espírito eterno veio a envolver-se com um corpo físico, e como esse elemento físico é incapaz de resistir à ruína produzida pela passagem do tempo, e finalmente morre, livrando outra vez o espírito, de sua habitação de carne.

Alguns estudiosos supõem que o corpo e a alma têm uma origem comum, mediante a procriação (posição chamada *traducionismo;* que vide). Outros supõem que uma vez que o corpo físico começa na procriação, que Deus cria, em cada caso individual, uma nova alma (posição chamada *criacionismo;* que vide). Ainda um terceiro grupo insiste que a alma é *preexistente,* e que a sua união com o corpo físico é um acontecimento relativamente recente. Muitos daqueles que mantêm essa terceira posição também pensam que essa união da alma com o corpo faz parte das *conseqüências* da queda da alma, que deslizou para um estado espiritual inferior. Platão aludia ao corpo como o sepulcro da alma, ou como sua prisão. Os pais alexandrinos da Igreja diziam coisas semelhantes. Todavia, o nosso corpo precisa ser respeitado, tanto por ser obra de Deus como por prover-nos o instrumento necessário para a nossa manifestação nesta esfera terrena. A teologia ensina-nos que essa manifestação é importante, visto que a salvação está sendo realizada com base na mesma. Alguns pensadores, talvez corretamente, supõem que há um destino terreno, tanto de cada indivíduo como da humanidade em geral, coletivamente falando. Isso é importante *por si mesmo,* mas também por estar relacionado ao destino físico. O corpo está pesadamente envolvido nesse destino menor. Ficamos consternados porque o corpo físico está sujeito à morte; mas uma reflexão sábia revela-nos que isso tanto é necessário quanto é desejável, porquanto uma imortalidade física, nas nossas condições atuais, em muito perturbaria o verdadeiro destino do homem.

Aqueles que acreditam na reencarnação (que vide) supõem que muitas vidas terrenas permitem que uma pessoa realize, afinal, o seu propósito terreno, porquanto, em uma nova vida, ela poderia terminar aquilo que apenas havia começado. Era comum na teologia judaica, dos tempos helenistas, que todos os profetas do Antigo Testamento teriam mais de uma missão à face da terra, para darem continuação ao seu trabalho. O trecho de Mateus 16:14 é um reflexo dessa crença. A doutrina neotestamentária do anticristo dá a entender que ele teve uma história anterior e destrutiva na terra, e que emergirá do hades para

continuar a sua missão maligna (Apo. 11:7; 17:8-11). Alguns intérpretes supõem que todos os homens são repetições de existências anteriores, pelo que estariam continuamente envolvidos em alguma missão, ou em missões secundárias. Por sua vez, isso indicaria que a morte biológica não é experimentada apenas por uma vez, mas por muitas vezes, e também que o julgamento final nos aguarda na «parousia», não se seguindo imediatamente à morte biológica do indivíduo. Seja como for, a morte do corpo físico sempre se faz presente, reivindicando direitos sobre as suas vítimas (ou vitoriosos?).

II. A Palavra Morte e Suas Muitas Conotações

Quanto a esse aspecto da questão, que o leitor examine o artigo separado intitulado «Mortos». Quanto aos muitos costumes associados ao sepultamento dos mortos, ver o artigo sobre *Sepultamento, Costumes de.*

III. O Estado dos Mortos

Neste ponto investigaremos o destino das almas que passaram pela experiência da morte biológica. Esse é um assunto complexo, que foi manuseado em um artigo separado, intitulado, *Mortos, Estado dos.* É nesse artigo que apresento a teologia bíblica envolvida no assunto, juntamente com alguma teologia especulativa.

IV. A Morte como Punição pelo Pecado

O trecho de Gênesis 2:17 é o primeiro que alude à morte, onde também ensina que a morte é a punição contra o pecado. Paulo confirmou esse ponto teológico (Rom. 5:12; 6:23), ligando-o à narrativa sobre Adão, e estabelecendo o principio geral que o pecado tem seu salário, que é a morte física e espiritual. Essa morte, em seu duplo aspecto, físico e espiritual, é contrastada com o dom da vida, que é o pólo oposto dessa doutrina. Tomás de Aquino ensinava que o homem foi criado com o poder sobrenatural de preservar-se na imortalidade física, mas que a queda no pecado arrebatou dele essa capacidade. Por outra parte, Platão supunha que a alma é preexistente, e que, por causa de sua queda, veio a este mundo a fim de unir-se a uma existência mortal. Em seus escritos, isso é visto como um castigo, forçando a alma a entrar em uma prisão, ou em um sepulcro. O ensino de Platão é um tanto similar ao de Gênesis e do resto da Bíblia, exceto que, em Platão, a alma vem para aquilo que *já* é mortal, devido à sua natureza material. Qualquer coisa material estaria sujeita à desintegração, somente por ser material. Poderíamos perguntar, com razão, se qualquer ser vivo, material, poderia também ser imortal, sem importar qualquer poder que pudesse possuir. Alguns filósofos opinam que a idéia de Platão sobre a mortalidade necessária de qualquer tipo de vida biológica (material) está mais próxima da verdade do que a idéia bíblica que diz que antes havia uma materialidade imortal, que perdeu essa qualidade por causa do pecado. Seja como for, o resultado final não difere em grande coisa: em ambos os casos temos uma alma imaterial que habita em um corpo material e mortal; e essa mortalidade é sinal do envilecido estado da alma e de sua natureza pecaminosa, sem importar se foi o pecado ou não que causou essa mortalidade. A teologia também é a mesma, quando se trata da salvação dessa alma. Uma parte da redenção consiste em sermos libertos da materialidade mortal, recebendo em troca uma forma de vida superior, que não requer associação com a matéria pura. Naturalmente, a redenção faz a alma humana participar da natureza divina, com seus atributos (II Ped. 1:4), mas, para tanto será mister uma caminhada muito longa em que os remidos passarão por muitos estágios de glória (II Cor. 3:18) até que aquele alvo final seja finalmente atingido.

V. A Consternação da Morte

Estive presente a uma reunião, em uma igreja batista, quando o pastor perguntou aos presentes quantos ali temiam a morte. Ergui a mão, para surpresa dele, e alguns poucos outros também o fizeram. Mas, os denodados irmãos não levantaram suas mãos, que era o que o pastor esperava, naturalmente. Como é claro, estavam todos sendo mentirosos, pois a epístola aos Hebreus diz-nos que todos os homens temem a morte (Heb. 2:15). Como filhos adotivos de Deus, aprendemos a controlar essa emoção, e, quando já se avizinha a morte, aprendemos a livrar-nos de tal temor, conforme se pode entender o trecho de Romanos 8:15. Alguns dias antes do falecimento de minha mãe (e ela sabia que estava à beira da morte), ela me segredou que estava com medo. Porém, chegado o momento da morte, ela não aparentava medo. Um professor de problemas mentais, em uma escola bíblica, disse a seus alunos que eles não precisavam de coragem para morrer, até chegarem ao ponto de passar pela experiência. A morte envolve certo temor, a despeito dos nossos dogmas, porque há certo mistério que a circunda. Os estudos no campo das experiências perto da morte (que vide) informam-nos que essa experiência, mais do que qualquer outra, tem aspectos gloriosos; porém, associamos de tal maneira as nossas vidas com os nossos corpos físicos que uma ameaça contra o corpo é considerada uma ameaça contra a própria vida. Isso não corresponde aos fatos, embora os nossos instintos naturais nos façam encolher, diante da morte, quando ela se aproxima.—Conforme disse certo pregador: «Não é fácil chegar perto da morte».

Em nossos dias, alguns psicólogos e psiquiatras se têm especializado na *tanatologia* (que vide), ou seja, o estudo sobre a morte, com o propósito de ajudar as pessoas a se prepararem melhor para essa experiência, para que façam uma transição mais suave. Muitos desses estudiosos, por causa de sua longa associação com a morte, sabem que há uma porção imaterial no homem que sobrevive. Também conhecem muitos relatos de retornos após a morte clínica, contados por aqueles que a experimentaram. Esses têm podido mapear as fases da experiência da morte. No artigo intitulado *Experiências Perto da Morte,* o leitor poderá encontrar evidências que destacam esse ponto. A clínica em Campinas, no estado de São Paulo, Brasil, que cuidou do caso de câncer de minha mãe, do qual ela, finalmente faleceu, usou os métodos dos tanatologistas, porquanto as pesquisas deles nos têm possibilitado entender melhor a jornada envolvida na experiência da morte física. Na verdade, a misericórdia e o amor de Deus fazem-se presentes. Ele mantém a situação sob o seu controle, e a maioria das pessoas regozija-se na morte, quando ela já se aproxima. Deus provê orientação, por ocasião da morte, por melo do *Ser Luminoso,* um ente que irradia tremendo poder e amor. Todas as almas reagem favoravelmente diante desse ser, e ele as ajuda na passagem. Ademais, a comissão de recepção faz-se presente, a fim de cortar o fio de prata (Ecl. 12:6), guiando a pessoa para o outro lado do Jordão. Naturalmente, as pessoas ímpias temem a morte, porquanto pressentem as temíveis conseqüências de seu pecado. Na verdade, todas as pessoas, que já se aproximam da hora da morte, percebem com clareza o que o pecado causou em suas vidas. Porém, naquele momento recebem uma orientação e uma direção, e não o julgamento final, que só ocorrerá após a «parousia» ou segunda vinda de Cristo. Ver o artigo sobre o *Julgamento.* Todavia, nenhuma declaração minha acima deve ser tomada como uma tentativa para diminuir a importância da morte. Morrer é algo que nos enche de solenidade. Morrer é uma questão séria. Mas o amor de Deus está presente, visando o nosso bem.

VI. A Morte não é Vitoriosa

Jó demonstrou ter confiança na sua **imortalidade** pessoal, sabendo que sair-se-ia bem diante da morte (Jó. 19:25-37). Davi compartilhou desse otimismo (Sal. 16:8-11; 17:15; 73:23-26). O trecho de II Timóteo 1:10 ensina que Deus aboliu a morte e trouxe à luz a vida e a imortalidade, por meio do evangelho. Paulo tinha a certeza de que, algum dia, o ferrão da morte seria eliminado, e que, sendo esse o caso, a morte perderia a sua vitória temporária sobre nós (I Cor. 15:55). Essa vitória nos será dada por Deus, através do evangelho, no seu Filho, Jesus Cristo, mediante a ressurreição (I Cor. 15:57). Alguns teólogos ligam essa vitória somente aos relativamente poucos que fazem parte do grupo dos escolhidos. E, realmente, é uma verdade que somente os poucos escolhidos é que virão a participar da natureza divina (que é o que a Bíblia entende por *salvação,* em seu aspecto total). Por outro lado também é verdade que todos os ho-

mens, mediante a restauração, virão a compartilhar em outros aspectos da vitória obtida pela missão de Cristo. Sem dúvida, os trechos de I Ped. 3:18-4:6 e Efé. 1:10,23 ensinam isso. Ver o artigo sobre a *Restauração,* onde essas questões são esclarecidas.

VII. A Segunda Morte e a Morte Espiritual

A primeira morte é biológica; a segunda morte é espiritual. Já pudemos ver que o pecado está ligado à morte espiritual. O conceito básico da morte espiritual é a alienação entre a pessoa e Deus, ficando ela destituída da vida de Deus, o que é até um privilégio humano, porque o homem é um espírito. Se o homem perder esse direito, mediante privação, fica separado da vida de Deus, e, por definição bíblica, está espiritualmente morto. A segunda morte, porém, é também vinculada ao juízo final, que ameaça a eterna separação entre o homem e a vida de Deus, acompanhada pelo devido castigo em face do pecado. A morte espiritual é aludida em trechos como Mat. 8:22; Luc. 15:32; Efé. 2:1-3; 4:17-19; Col. 2:13; I Tim. 5:6 e Jud. 12. Especificamente, a segunda morte é mencionada em Apocalipse 2:11; 20:14 e 21:8. O termo «segunda» contrasta com a «primeira» morte, que atinge o corpo físico. Tal expressão pode ser encontrada nos escritos extrabíblicos achados com os manuscritos bíblicos do mar Morto (vide), como também nos escritos do judaísmo helenista, de natureza apocalíptica. Cumpre observar que, no vigésimo capítulo do Apocalipse, a *segunda morte* é associada ao *lago do fogo* (vide). Ser alguém lançado naquele lugar de juízo divino é morrer a segunda morte. Nesse versículo, lemos que a morte e o hades serão lançados dentro do lago do fogo. Não há que duvidar que o autor do Apocalipse via isso como uma condição permanente, eterna.

Mas, o trecho de II Pedro 3:18—4:6 mostra que até o julgamento poderá ser revertido. A mesma mensagem é destacada no ensino sobre a restauração geral, em Efésios 1:10,23. O *mistério* da vontade de Deus (vide) reserva uma surpresa para os homens; o amor de Deus atinge até o mais profundo inferno, revertendo a maldição, até mesmo ali. Contudo, isso será resultante das operações das eras da eternidade vindoura (na dispensação da plenitude dos tempos, isto é, dos ciclos). Antes disso, entretanto, o julgamento divino haverá de realizar a sua obra *remedial,* e não apenas retributiva. Conforme dizia Orígenes, ver o julgamento divino apenas em seu aspecto retributivo é condescender diante de uma teologia inferior, incompleta. Ver o artigo sobre *Morte, a Segunda.*

Observação. A verdadeira vida é a vida *superior,* isto é, a vida de Deus. Só em Deus encontramos a vida em sua expressão mais ampla. O destino dos remidos é participar da forma de vida de Deus, ou seja, da divindade (II Ped. 1:4), mediante muitos estágios de transformação espiritual (II Cor. 3:18), segundo a imagem do Filho de Deus, Jesus Cristo (Rom. 8:29). Nesse sentido, somente os eleitos participarão da vida. Nesse sentido estrito e comparativo, as outras almas humanas estão *mortas, e, nesse sentido,* pode-se dizer que sofrerão a morte eterna, ainda que as outras formas de vida das quais participarão sejam gloriosas, harmoniosas e proveitosas. Não obstante, a fim de não degradar a obra do Restaurador (o Logos, o Cristo), não estou chamando aqui de «morte» àquelas formas de vida que ele conferirá aos restaurados. Portanto, temos nisso uma revelação que olha para além do conceito da segunda morte, devendo ser considerada uma revelação superior, que deve ser recebida por nós com alegria, e não rejeitada a fim de ser preservada uma teologia não tão completa. A própria palavra «mistério», empregada em Efésios 1:10, mostra-nos que ali nos é revelado algo que não era conhecido antes. Isso posto, não há necessidade de tentarmos reconciliá-la com a teologia inferior e mais antiga, no tocante ao julgamento, da mesma forma que não temos necessidade de tentar fazer o Novo Testamento tornar-se compatível com o Antigo Testamento, nos pontos onde avanços e diferenças vêm à tona. Meus amigos, precisamos dar crédito a Cristo, pela missão por ele realizada. Isso é muito mais importante do que preservar uma teologia ultrapassada na própria Bíblia, sobre a questão do Julgamento.

VIII. Usos Figurados e Personificação da Morte

No sexto ponto, acima, vimos que há uma morte espiritual e também a segunda morte, usos figurados da palavra «morte», associados à morte biológica, mas que, na realidade, apontam para condições espirituais. Além desses usos, há outros empregos da idéia, nas Escrituras. Assim, a morte é personificada como um governante tirano, que domina sobre um vasto e melancólico reino. A morte é representada como uma figura assustadora, que brande uma foice, ou como um caçador que persegue suas vítimas de perto (Sal. 18:5,6; 91:3). Uma antiga figura simbólica judaica era a de um demônio ou espírito maligno, ou, em alguns casos, a de um anjo cuja tarefa era sair colecionando almas humanas. Além disso, a morte é retratada como uma bebida poderosa e venenosa, que as pessoas precisam sorver (Mat. 16:28; Heb. 2:9). De várias maneiras, os quatro cavaleiros do Apocalipse representam a morte e o julgamento (Apo. 6:1 *ss*).

Nos sonhos e visões, a morte pode ser literal. Em outras palavras, podem antecipar a morte de outras pessoas, ou a nossa própria morte, de forma simbólica ou literal. Mas, nesses casos, a morte também pode apontar para o fim de alguma coisa e o começo de outra coisa, o que pode ser positivo ou negativo. Além disso, a morte e os cemitérios podem representar os estados pecaminosos, em consonância com o simbolismo bíblico. Outrossim, sonhar que alguma pessoa morreu pode representar a profunda hostilidade que o sonhador tem para com aquela pessoa. Todavia, também pode estar em pauta o temor que o sonhador tem de que a morte sobrevenha a outra pessoa. O sonho em que tiramos a vida de alguma pessoa ou animal pode indicar o desejo que temos de livrar-nos da qualidade indesejável de caráter representada por aquela pessoa ou animal. Sonhar com a própria morte pode indicar o desejo de livrar-se do antigo estado pecaminoso e inferior do próprio «eu», ou da antiga natureza, a fim de que as coisas se renovem e sejam melhoradas. Sonhar sobre a *rigor mortis* pode simbolizar uma visão rígida, inflexível e bitolada da vida, ou uma atitude irracional e inflexível que alguém tenha diante da vida. Sonhar com a morte de outrem pode representar uma *vida arruinada,* no caso daquela pessoa. O mesmo pode aplicar-se ao sonho com o próprio falecimento.

IX. Como a Morte nos Serve — I Cor. 3:22

1. Esse será um acontecimento solene, em razão do qual dizemos: «Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio» (Sal. 90:12).

2. A morte física não nos separará de Cristo; pelo contrário, nos levará à sua presença, pois estar ausente do corpo é estar presente com o Senhor (ver II Cor. 5:8).

3. Para o crente, a morte envolve vantagem (ver Fil. 1:21). A morte física livra-nos daquilo que é mortal e terreno, conferindo-nos grande avanço espiritual.

4. Quiçá Paulo também estivesse pensando aqui acerca da morte de Cristo e de como ela nos propiciou expiação dos pecados e a admissão à vida eterna (ver Rom. 3:25).

«Morte, aquela hora solene, tão temida pelos ímpios; tão odiosa para aqueles que vivem sem Deus; ela é vossa. A morte é vossa serva; ela vem como mensageira especial da parte de Deus; ela vem para desfazer um nó que agora liga corpo e alma, e que não nos seria legítimo desmanchar. Ela vem para conduzir as nossas almas à glória; e ela não poderia vir 'antes' do seu devido tempo, para aqueles que estão esperando a salvação de Deus. Os santos desejam viver somente para a glória de Deus; e aqueles que querem viver mais tempo do que podem 'obter' e 'fazer' o bem, não é digno da vida». (Adam Clarke, *in loc.*, que nos dá assim um comentário deveras excelente sobre o papel da morte física para nós).

«A morte de Cristo visava ao benefício deles, por ter sido sofrida em lugar deles, por causa dos seus pecados, apresentando uma satisfação ante a justiça divina, em prol deles; e os benefícios dessa morte passam a ser desfrutados por eles. A morte dos homens bons, dos ministros do evangelho, dos mártires, dos confessores, pertence a eles, servindo para fortalecer a sua fé, para animar o seu zelo,

encorajando-os a se aferrarem na profissão de sua fé sem qualquer hesitação. A morte desses é uma bênção para eles, porquanto o *ferrão* da morte foi retirado, em relação a eles, por Cristo; a maldição da morte foi removida para eles. Para eles a morte não é uma condenação má; mas antes, é livramento de todas as tristezas e tribulações desta existência terrena, bem como a passagem dos crentes para a glória e a felicidade intermináveis». (John Gill, *in loc.).*

Tememos instintivamente a morte, parcialmente por causa de suas características raciais inerentes, que ajudam a preservar a humanidade mortal. Mas também porque, por baixo disso tudo, a despeito de toda a nossa instrução e erudição, algumas vezes tememos que talvez seja o fim da existência, conforme alguns erroneamente supõem, ou porque pensamos que a morte nos traga alguma desvantagem.

Por Que Temer a Morte?

O homem teme instintivamente a morte. A despeito da fé, a morte abre diante de nós um caminho novo e ainda não experimentado, e os novos começos sempre envolvem algum desconforto e temor. Também tememos o processo da morte física, com as suas dores, com a separação dos entes queridos. Na realidade, porém, a morte não existe, pois tal termo é apenas o nome que empregamos para aludir a uma nova e melhor existência. A vida além-túmulo é um fato bem atestado, que hoje em dia vai sendo demonstrado por estudos feitos em laboratório. (Ver os diversos artigos sobre a *Imortalidade).*

Naturalmente a doutrina ensinada pelo apóstolo Paulo vai mais longe do que a mera sobrevivência. Ele garante que nada, durante o processo da própria morte, ou qualquer conseqüência daí decorrente, poderá nos prejudicar, pois a morte nos pertence e serve de portal para a vida eterna.

A Metáfora — Elementos da Morte

1. Misticamente (dentro da identificação espiritual), morremos juntamente com Cristo. O Espírito aplica em nós esse princípio, e cuida para que tenhamos forças contra o pecado (Rom. capítulo 6).

2. Mediante a energia concedida pelo Espírito, cortamos relações com o pecado. Encorajamos isso por meio do crescimento espiritual. Isso ocorre através da aplicação dos meios de desenvolvimento espiritual: o estudo da Bíblia, a oração, a santificação, a prática da lei do amor, o uso dos dons espirituais, etc.

3. O exercício da fé nos põe acima do poder do pecado (ver I João 5:4).

4. Nossa transformação gradual segundo a imagem de Cristo (ver Rom. 8:29) dá-nos a vitória sobre o pecado, pois, à medida que vamos nos transformando moralmente segundo *ele* (ver Mat. 5:48), nossas vidas vão sendo radicalmente transfiguradas para melhor.

5. A morte é um ponto final: pomos um ponto final na vida antiga, começando uma nova vida, em Cristo (ver notas em Col. 3:1 no NTI).

6. A morte é uma separação: por termos sido separados para Cristo, ficamos separados do pecado. O pecado morre para nós, e nós morremos para o pecado. Essas são palavras cabíveis, mas somente se o Espírito realizar sua obra. Como ele realiza isso, é algo que sugerimos acima. A morte presume que a pessoa vai para outro lugar, separando-se de seu antigo meio ambiente e modo de vida.

7. Ver o artigo sobre *Batismo Espiritual* que esclarece estes conceitos. Este *batismo* é a nossa identificação com Cristo em sua morte e ressurreição.

a. Há um grupo de pessoas, representado pela palavra *nós* (oculto), que aparece em Rom. 6:2, em quem essa separação do pecado deve tornar-se uma realidade, pois, do contrário, o sistema inteiro da graça não passará de uma mera ilusão.

b. Tais pessoas não são conclamadas a *morrerem* para o pecado, embora isso seja um apelo legítimo, mas antes, supõe-se que já passaram por tal experiência quando de sua conversão. E se porventura não experimentaram essa realidade, então é que há algo de errado em torno dessa «conversão», ou, por outro lado, essa realidade ainda não foi aplicada às pessoas subentendidas em Rom. 6:2.

c. É logicamente impossível, falando moral e experimentalmente, que essas pessoas referidas *continuem a viver no pecado,* porquanto um dos principais efeitos da fé, na conversão e na regeneração, é exatamente o de dar a vitória.

d. Embora o pecado ainda se manifeste nos crentes, e chegue mesmo a dominá-los ocasionalmente, Paulo fazia muito mais do que meramente exibir aqui um «ideal», em direção ao qual nos devemos esforçar. Pelo contrário, ele apontava para a «realidade» que já deveríamos estar experimentando. Essa realidade necessariamente resulta na «vitória», agora mesmo e, finalmente, na «perfeição total». O Espírito Santo precisa de tempo para completar a sua obra na alma humana, porquanto essa é uma tarefa longa e difícil.

e. Por isso é que, no dizer de Philip Schaff, em Rom. 6:2, «Viver no pecado, e conservar qualquer conexão com o mesmo, daí por diante, e para sempre, é algo incompatível com a justificação». Calvin em Rom. 6:2 comentou como segue: «Realmente Cristo não nos limpa com o seu sangue, e nem Deus se torna propício a nós, mediante a sua expiação, por qualquer outro meio que não seja o de tornar-nos participantes do seu Espírito, que renova em nós uma vida santa. Portanto, seria uma inversão estranhíssima da obra de Deus se porventura o pecado adquirisse mais forças por causa da graça que nos é oferecida em Cristo; pois o medicamento não alimenta a enfermidade que destrói». (Essa observação de Calvin é excelente).

f. Finalmente, a morte para o pecado, em Cristo, o que nos é *conferido misticamente,* altera toda a perspectiva do crente no que diz respeito ao pecado, de tal maneira que, juntamente com Deus, tal crente começa a «odiar todo o caminho mau». O crente passa a reconhecer que envolvido no pecado está o princípio da morte. E por isso abomina o pecado, sendo essa uma das maneiras pelas quais o crente é libertado do mesmo, obtendo assim a *vitória.* Porquanto sabe que o princípio duplo do pecado-morte é contrário a tudo quanto o Senhor tenciona como destino para o homem, especialmente para os remidos pelo seu sangue. O crente é transformado não só intelectualmente, mas também o é moral e espiritual. E, como é natural, a *vitória* é o resultado.

O poeta, nas suas eloqüentes palavras, pôde perceber algo da natureza venenosa do pecado, bem como algo de seu remédio, que é a misericórdia de Deus, ainda que fiquem suas idéias bem aquém da vitória de que Paulo fala aqui.

Se os Minerais Venenosos

Se minerais venenosos, e se aquela árvore
Cujo fruto lançou a morte, quando éramos imortais,
Se cabras traiçoeiras, se serpentes invejosas
Não podem ser domadas, ai! como posso sê-lo eu?
Por que intuito ou razão, nascido em mim,
Faz os pecados, embora iguais, mais hediondos?
E a misericórdia, sendo fácil, e gloriosa
A Deus, em sua ira severa ele me ameaça?
Mas, quem sou eu, que ouso disputar contigo,
O Deus? Oh! de teu único sangue valioso,
E de minhas lágrimas, faz um dilúvio celestial,
E apaga em mim a memória negra do pecado;
Para que te lembres deles, alguma reivindicação com dívida,
Penso ser misericórdia, que tu os esqueças.

(John Donne, 1573-1631)

É verdade que precisamos de misericórdia, mas Paulo contempla aqui muito mais do que a misericórdia divina, derramada sobre os pecadores, o que ele contemplava era uma vitória verdadeira

(B BOE C CHE E NTI SAL STRA W)

MORTE E SALVAÇÃO DE INFANTES

Ver **Infantes, Morte e Salvação dos.**

MORTE E SEPULTAMENTO

Ver o artigo sobre **Sepultamento, Costumes de.**

MORTOS, ESTADO DOS

Esse é um assunto muito importante, sujeito a muitos dogmas e tradições. Sendo esse o caso, muitos pensam que sabem mais a respeito do que realmente sabem. Outrossim, não se trata de uma questão que possa ser resolvida mediante a mera apresentação de textos de prova tirados da Bíblia. Assim é, em primeiro lugar, porquanto as Escrituras nunca pretenderam resolver todos os mistérios envolvidos na questão, e nem se mostram totalmente homogêneas, apesar do que, alguns estudiosos insistem em dizer que elas são homogêneas, a fim de chegarem a uma teologia sistemática sem falhas e hiatos, e, em muitos casos, a fim de obterem conforto mental. Ao estudarmos a teologia deveríamos cuidar para não reduzi-la a uma *humanologia*. Todas as teologias sistemáticas são culpadas desse erro, embora nem todos os estudiosos de teologia sistemática tenham percebido isso. O melhor que podemos fazer quanto a isso é fornecer algumas indicações gerais a respeito de uma questão que ainda envolve muitos mistérios, esperando elucidação. Henry Ward Beecher (que vide) foi um famoso e eloqüente pregador do passado. Era homem de verdade, de poder e eloqüência. Era também homem de fé. Porém, quando estava morrendo, foi ouvido a dizer: «Agora parto para o Grande Desconhecido». Nessa declaração de Beecher há uma grande verdade, embora ela não precise assustar-nos, sem que isso diminua a sua veracidade. Dispomos apenas de um esboço muito amplo do que nos espera do outro lado da vida. Contamos com algumas grandes verdades a respeito, mas também há muitos e grandes mistérios envolvidos, relacionados à questão.

Esboço:

I. O Pentateuco

II. O Antigo Testamento em Geral

III. No Novo Testamento

IV. O Efeito do Tapete de Muitas Cores

I. O Pentateuco

É doutrina comum, entre os estudiosos do hebraico, que não sentem a necessidade de injetar naquela coleção de livros várias interpretações cristãs, que os antigos hebreus não tinham um conceito de uma alma não-material, como uma entidade distinta do corpo físico. Portanto, eles também não tinham conceito de uma vida após-túmulo, para a alma. Antes, o homem era pó, destinado a voltar ao pó (Gên. 3:19). Por outra parte, houve o caso de Enoque, que foi arrebatado para Deus, presumivelmente para o lugar de sua habitação, mas sem haver experimentado a morte física. Permanece obscuro se ele recebeu ou não o dom da imortalidade, e nesse caso, até que ponto poderíamos esperar que outros (e em qual quantidade) participassem da *imortalidade* (Gên. 3:21-24). A expressão «reunido ao seu povo» (Gên. 25:8) poderia sugerir a esperança de uma vida no além. O trecho de Gênesis 35:18, que se refere à morte de Raquel, declara que ela morreu «ao sair-lhe a alma». Todavia, isso poderia indicar apenas que ela estava dando o seu último *suspiro,* como também o texto hebraico poderia ser traduzido. Ademais, embora os judeus tivessem alguma espécie de conceito da alma, não nos é dito qual a sorte dessa alma. O trecho de Hebreus 11:11-16 revela-nos que Abraão tinha um conceito do após-vida, mas isso já é uma interpretação cristã, uma adaptação que não figura no próprio Pentateuco. Essa adaptação neotestamentária reflete a verdade, mas não sabemos até que ponto os patriarcas tinham consciência dessa verdade.

Seol (sheol). Ver o artigo separado sobre *Sheol.* As primeiras ocorrências desse vocábulo hebraico são em Gênesis 37:25; 42:38; 44:29,31. O verbete sobre essa palavra mostra que havia muitas crenças diferentes vinculadas ao conceito. Essa palavra hebraica ocorre por sessenta e cinco vezes no Antigo Testamento, embora sem um desenvolvimento da doutrina. Os antigos hebreus acreditavam que o *seol* seria um abismo literal na terra. Ver o artigo sobre a *Astronomia,* onde ilustramos a cosmogonia hebraica sob a forma de um gráfico. No idioma hebraico, *seol* era, igualmente, um sinônimo de *sepultura,* não envolvendo, necessariamente, mais do que a idéia de sepultamento. Isso deve-se a um comum fenômeno gramatical, que reaparece em todos os idiomas—as palavras homógrafas, que são usadas com mais de um sentido (um exemplo comum em português é *manga*). Porém, essa idéia básica se foi aprimorando, de tal modo que nenhum profeta do Antigo Testamento pensaria que *seol* fosse apenas a «sepultura», ou vice-versa. Isso torna-se ainda mais evidente quando chegamos no Novo Testamento, onde há uma palavra para «sepultura» (*mnomion*), e outra para o lugar dos mortos (hades).

Por igual modo, a idéia hebraica original de uma alma distinta do corpo, quando muito, chegava somente à idéia de uma *sombra,* uma espécie de força psíquica, uma fraca réplica do homem conforme ele vivia na terra, mas agora cortado da companhia dos *vivos*; não envolvia qualquer idéia de partir para uma vida superior. Por essa razão, o *seol* era temido, e não antecipado com satisfação. Isso era reforçado pelo fato de que não há uma doutrina do céu no Pentateuco, como a futura e feliz habitação dos homens, ainda que Deus fosse concebido como residente ali, juntamente com os anjos. Portanto, a tal *sombra* ainda não era a alma, conforme a definição de *alma,* na doutrina mais desenvolvida de tempos posteriores. Podemos estar certos de que em um documento de elevadíssima moral como é o Pentateuco, *se* já existisse um conceito completo de vida futura, com recompensas e castigos, em esferas ou dimensões superiores e inferiores às da terra, que algo dessa natureza teria sido dito ali, porquanto tais idéias são extremamente importantes em qualquer sistema de moral.

II. O Antigo Testamento em Geral

Mesmo fora do Pentateuco, não encontramos nenhum quadro claro sobre uma vida celestial. O fato de que Davi disse que sua alma não seria deixada no *seol* (Sal. 16:10) mostra que ele deve ter crido na existência da alma, e que ele esperava por alguma forma de salvação que não permitisse às almas ficarem naquele horrível lugar. O *seol* como lugar de punição aparece em Deu. 32:22 e Sal. 8:17; mas a doutrina envolvida não é ali precisamente definida. Jó 19:25,26 expõe a esperança de uma vida futura e de ver a Deus, e deve ter havido, por detrás disso, alguma forma de conceito do céu, mas esse também não é definido. A indagação de Jó 14:14: «Morrendo o homem, porventura tornará a viver»?, pode ter em foco ou a reencarnação ou, mais provavelmente, a ressurreição. A esperança de despertar do sono da morte também está contida em Sal. 16:11; 17:15; 49:14,15; 73:24. Esta última referência inclui a idéia de ser recebido em alguma espécie de glória; e o trecho de Salmos 73:25 exibe uma excelente esperança na providência divina, que consola o homem que morre, mas que não serviria de consolo a ninguém se o homem não continuasse a existir após a morte física, embora ali a doutrina também não seja mais claramente definida.

Ressurreição. Porventura a alma dorme (ou seja, deixa, realmente, de existir, conforme os Adventistas do Sétimo Dia acreditam), e então haverá a ressurreição do corpo? É claro que muitos hebreus antigos assim pensavam, ao mesmo tempo em que desde o tempo dos salmos e dos profetas, também houve a crença na existência de uma *alma imaterial,* e portanto, que não pode morrer (pois a morte é a separação entre a alma e o corpo). A ressurreição é claramente prometida em trechos como Isaías 26:19 e Daniel 12:2, e também, provavelmente, em Ezequiel 37:1-14.

Nos Escritos Apócrifos e Apocalípticos. Entre os judeus, a doutrina sobre o estado dos mortos foi adquirindo novas facetas. Nos livros apócrifos e apocalípticos encontramos a menção a um paraíso (como parte boa do *seol),* em contraste com a porção do *seol* que importa em julgamento. A ressurreição é ali mais firmemente estabelecida como uma doutrina. II Macabeus 12:39-46 menciona a utilidade das orações em favor dos mortos, o que significa que se supunha no judaísmo anterior ao cristianismo que o estado dos mortos pode ser melhorado, o que indica o início de um *purgatório.* Além disso, nas obras pseudepígrafas, como o Testamento de Levi, o Testamento de Abraão, a Assunção de Moisés e o livro de Enoque, há relatos de descidas ao hades, que teriam redundado na melhoria

do estado das almas ali residentes, ou mesmo de almas totalmente remidas e tiradas daquele lugar, o que se reflete em I Pedro 3:18-4:6, em nosso Novo Testamento canônico. Ver o artigo sobre a *Descida de Cristo ao Hades,* quanto a um completo exame dessa doutrina e seu pano de fundo literário.

III. No Novo Testamento

Alguns gostam de pensar no Novo Testamento como um documento homogêneo, apresentando todas as doutrinas de maneira sistemática. No entanto, o estágio da revelação da verdade, nos evangelhos, é um; passa-se para um novo estágio no livro de Atos e ainda em outro, em Paulo. Pedro, certamente, reconhece que Paulo tinha revelações todas suas (II Ped. 3:15), e assim por diante. O Senhor Jesus mesmo deu a entender que, quando da vinda do Espírito Santo, os seus apóstolos subiriam a um novo degrau da revelação divina: «... quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda verdade... e vos anunciará as cousas que hão de vir» (João 16:13). Na verdade, o Novo Testamento é um receptáculo de idéias antigas, e não apenas a apresentação sistemática de uma nova fé religiosa. Portanto, embutidas no Novo Testamento temos várias idéias judaicas helenistas sobre a vida após-túmulo; mas também obtemos informações que ultrapassam em muito a esses pontos de vista. Em meio a toda essa combinação, não há como estabelecer uma exposição sempre com o mesmo nível de profundidade, nas páginas do Novo Testamento. Há desenvolvimento doutrinário dentro do próprio Novo Testamento, com um ângulo de visão bem mais amplo do que aquele que existia no judaísmo, em qualquer de suas fases históricas. Consideremos os pontos abaixo, que esclarecem melhor ainda essa questão:

1. Há uma ressurreição que conduz ao julgamento (Mat. 25:26; João 5:29; II Tes. 1:7-10; Heb. 9:27,28). O último desses textos bíblicos dá a entender que a morte biológica do indivíduo leva ao juízo, pelo menos em seu estágio preliminar. Não haveria espaço e nem tempo para qualquer reencarnação ou mudança de estado no mundo intermediário, antes do julgamento final; mas isso representa apenas uma das maneiras de se encarar a questão, sem entrar em pormenores, e não o *único* ponto de vista bíblico sobre a questão.

2. Também há um estado desencorporado das almas, que pode ser comparado ao repouso do sono (Atos 7:60; I Tes. 4:13,15), ou então à nudez (II Cor. 5:1-5). Mas, até mesmo esse estágio, anterior à ressurreição, é declarado como uma condição feliz para quem morreu lavado no sangue de Cristo (II Cor. 5:8; Fil. 1:21,23).

3. O *hades,* como lugar de juízo, continua a existir no Novo Testamento (Luc. 16:19-31).

4. Ao menos algumas almas, como as dos mártires, são vistas já *no céu* (Apo. 6:9-11). O trecho de Efésios 4:9,10 tem sido usado por muitos estudiosos como texto de prova de que a porção boa do hades foi eliminada, e que agora, por ocasião da morte física, os remidos passam diretamente para o céu. Ver os comentários sobre essas passagens, no NTI, onde são comentadas com mais amplitude.

5. Trechos bíblicos como Mat. 5:12; 6:20; João 14:1-6; Efé. 3:15; Fil. 1:23; 3:20; Col. 1:15; I Ped. 1:4; e Apo. 21 prometem, sem nenhum rebuço, o *céu,* aos crentes, como sua futura residência, quando sairem deste mundo. A passagem de João 14:2 mostra que há *muitas dimensões celestiais. Os* judeus do período helenista acreditavam em sete níveis no céu, conforme os livros apócrifos e pseudepígrafos demonstram amplamente. Esse conceito foi transferido para o Novo Testamento.

6. O trecho de II Coríntios 3:18 demonstra que a *redenção,* uma vez chegado o crente no outro lado da existência, importa em um contínuo progresso, mediante o qual a alma remida avança de um estágio de glória para outro, ininterruptamente.

7. A passagem de Romanos 8:29 mostra que, nesse avanço, a imagem e a natureza de Cristo, o nosso Irmão mais velho, serão compartilhadas, finalmente, por todos os outros irmãos.

8. O trecho de II Pedro 1:4 ensina que essa transformação, segundo a imagem de Cristo, envolve a participação na natureza divina, em sentido real, posto que secundário. Portanto, a salvação (vide), tem o seu ponto culminante na nossa participação finita na própria divindade. Ver o artigo sobre a *Divindade, Participação do Homem na.*

9. O trecho de Colossenses 2:10 mostra que as almas remidas chegarão a participar da inteira *plenitude ou pleroma* de Deus. Isso significa que elas terão a natureza e os atributos divinos de maneira sempre crescente. Será um processo eterno, e não uma realização feita de uma vez por todas. Deus é a infinitude na direção para qual os remidos e *todas as coisas* estão se aproximando. Ver Efé. 1:9,10. Visto que há uma infinitude na qual participaremos, também haverá um preenchimento infinito com a natureza divina.

10. A passagem de João 5:25,26 ensina que os remidos chegarão a participar da forma de *vida necessária e independente* de Deus. Isso quer dizer que, finalmente, eles não poderão não existir. Nossa presente imortalidade ainda é dependente. Em outras palavras, depende do contínuo favor divino para que continue, porquanto está baseada em Sua vida, é dependente dela. Porém, quando chegarmos a participar plenamente da natureza divina, haveremos de ter nossa própria vida necessária e independente. Esse é o mais elevado conceito em todo o nosso sistema teológico revelado.

11. A passagem de I Pedro 3:18-4:6 mostra que a missão de Cristo incluiu o próprio hades, de tal forma que a oportunidade de salvação não termina quando da morte biológica de uma pessoa. A maioria dos primeiros pais da Igreja deu importância a essa doutrina, mas não tem sido levada em conta na Igreja ocidental, exceto entre os anglicanos. A Igreja oriental sempre teve esse conceito como parte de seu ensino.

12. O trecho de Efésios 4:8 *ss* mostra-nos que a descida de Cristo ao hades teve o mesmo propósito que a sua ascensão, ou seja, para que pudesse preencher todas as coisas, tornando-se assim tudo para todos. Isso prova que a descida ao hades, tanto quanto a ascensão, por parte de Cristo, teve propósitos remidores e restauradores.

13. O trecho de Efésios 1:10 ensina que a vontade de Deus, a longo prazo, após as eras da eternidade futura, consiste em *restaurar* todas as coisas. Isso significa que, lado a lado, temos o propósito remidor e o propósito restaurador de Deus. A redenção visa os eleitos; a restauração, a toda a humanidade. Em tudo isso, o Logos, Jesus Cristo, em sua encarnação, é altamente exaltado, visto que a sua missão é um *magnífico sucesso,* e não um lamentável fracasso, conforme é tão freqüentemente pregado em algumas denominações da Igreja. Essas dimensões maiores da missão e da realização de Cristo são encaradas mais a sério pelos pais gregos da Igreja, pela Igreja oriental e pela comunhão anglicana. Mas a Igreja ocidental tem mantido um ponto de vista mais rígido e limitado sobre a oportunidade da salvação, negligenciando o ensino bíblico da *restauração (que* vide).

14. *Quanto à questão da extensão da oportunidade da salvação,* assumo a posição que os atos redentor e restaurador de Deus são eternos. Os homens serão divididos em várias espécies espirituais, aquém da elevada participação na natureza divina, se não fazem parte dos escolhidos do Senhor, os quais, fatalmente, serão conduzidos à completa salvação. Não obstante, visto que **Cristo será o restaurador** até mesmo desses, só poderemos usar os termos mais exaltados para descrever o estado final dos homens, mesmo que não façam parte dos remidos. Porém, será mister a imensa expansão da eternidade futura para que a restauração ocorra. O julgamento será *um meio* para se chegar a essa realização. O juízo divino será definidamente retributivo, visto que a lei da colheita segundo a semeadura requer que assim seja (ver Gál. 6:7,8). Mas esse julgamento também é *restaurador,* segundo afirma I Pedro *4:6.* Por conseguinte, grandiosas são as obras do Senhor, grande é sua misericórdia amorosa, de tal modo que o juízo divino também é uma expressão de amor, ainda que severo. Esse juízo será severo o bastante para que a *restauração* ocorra. Naturalmente, isso será apenas um dos fatores envolvidos. O trecho de Efé. 1:22,23 indica que a Igreja ocupar-se-á

em um ativo ministério nos mundos eternos, cujo propósito será fazer de Cristo tudo para todos, e esse ministério será poderosísismo, muito extenso.

IV. O Efeito do Tapete de Muitas Cores

Aplicando indicações bíblicas, outras extraídas dos sistemas religiosos e da razão, o melhor que podemos dizer acerca do estado final das almas humanas, às quais erroneamente chamamos de *mortas,* porquanto passaram pela experiência da morte biológica do corpo, é que o estado da redenção-restauração pode ser assemelhado a um *tapete de muitas cores.* Essa obra de arte adquire a sua beleza mediante a combinação de cores, de luzes e sombras, do que rebrilha e é opaco. Poderíamos comparar a redenção a uma cor dourada e brilhante. Os estados menores de glória poderiam ser comparados com variegadas cores, desde as cores mais brilhantes às mais desbotadas, desde as mais claras até às mais escuras. Porém, todas essas cores são *necessárias* para a beleza total da obra final de arte. Todavia, há um ponto crítico: até mesmo as cores mais escuras fazem parte da harmonia e da beleza final da obra. Não podemos falar sobre essas cores usando termos como condenação eterna, perdição, destruição, etc. Esses termos terão tido sua devida aplicação por ocasião do julgamento. Porém, o julgamento fará sua obra, ajudando a preparar o caminho para a restauração. Esses termos não mais poderão ser aplicados à obra realizada por Cristo, *em última análise.* Isso constitui o mistério da vontade de Deus: «...desvendando-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito que propusera em Cristo, de fazer convergir nele, na dispensação da plenitude dos tempos, todas as coisas, (**ta panta**), tanto as do céu como as da terra» (Efé. 1:9,10). Ver o artigo sobre **Restauração.**

Notemos que isso constitui um «mistério», um **segredo divino** anteriormente oculto, mas **agora** revelado. Esse aspecto da revelação olha para além da visão dos conceitos prévios do estado final dos mortos, abrindo uma grande porta de esperança, firmemente baseada na vontade predestinadora de Deus. O trecho de Efésios 1:23 mostra-nos que a Igreja estará envolvida na tarefa de fazer Cristo tornar-se tudo para todos, de tal modo que ele venha a encher todas as coisas. Assim funcionará a restauração final. Em nossa teologia, não temos dificuldades em dizer que o Novo Testamento trouxe novas revelações, que cancelaram grande parte do Antigo Testamento. Os judeus, sem dúvida, considerariam uma blasfêmia a declaração de que a revelação dada a eles, em *qualquer* sentido fora suplantada. Jesus e Paulo foram classificados por eles como hereges que mereciam morrer. Aqueles que percebem, dentro do Novo Testamento, mais de um nível de revelação, com a possibilidade de que um estágio de revelação venha a suplantar futuramente a outro, são agora considerados hereges. Porém, somente os dogmas humanos argumentam que isso não poderá acontecer, nada no Novo Testamento proíbe tal possibilidade. Portanto, afirmamos que I Pedro 4:6 nos traz uma verdade que ultrapassa à de Hebreus 9:27. E, do ponto de vista teológico, não vejo nenhum problema em aceitar esse conceito. Uma revelação, por si mesma, indica que antigas idéias são substituídas por novas idéias, como um desenvolvimento das idéias mais antigas. Sempre que Paulo referiu-se a algum *mistério* ele estava como que dizendo: «Até agora você nunca tinha ouvido esta doutrina. *Agora* eu a estou revelando a você». Isso significa que aquilo que ele dizia ultrapassava aquilo que Pedro ou João sabiam.

Os mistérios do Novo Testamento são todos marcos de progresso. Observamos que esses mistérios estão dispersos por todo o volume do Novo Testamento, aparecendo em diferentes ocasiões, dentro da cronologia da era apostólica. A razão indica-nos que os propósitos de Deus nunca poderão estagnar-se. Os homens, com os seus dogmas, querem estagnar um sistema, a fim de encontrarem conforto mental. Dizem eles: «Agora a revelação divina terminou. Esta é a verdade, e repousaremos nela». A verdade, porém, é uma aventura eterna, e não uma estagnação histórica. No vocabulário da verdade divina, a palavra *terminado* jamais será usada. O *avanço* constante é a idéia que melhor descreve a verdade. E no próprio volume do Novo Testamento encontramos esse avanço. Acresça-se a isso que Deus tem o direito de dar prosseguimento às suas obras e revelações, em qualquer ponto da história que ele queira fazê-lo. Os homens tentam cercar Deus com limites, mediante as manipulações de seus dogmas. Mas isso é como um brinquedo de crianças, e não uma tentativa séria de saber como a revelação realmente opera. Além disso, sinto-me na obrigação de afirmar que todas as fontes da verdade são necessariamente parciais, e as informações que elas nos dão são sempre parciais, incompletas. Portanto, sem importar se essa fonte são os sentidos físicos, a razão, a intuição ou as experiências místicas—e a revelação é uma subcategoria das experiências místicas—as coisas reveladas sempre são um desvendamento parcial da verdade, sujeitas a ampliação, aperfeiçoamento, desenvolvimento. Falar em outros termos é exibir arrogância, como a de Satanás, que queria ser semelhante ao Deus Altíssimo. Somente Deus conhece a verdade em sua forma final e perfeita. Sempre que está envolvida a mente humana, temos aí uma transigência, uma verdade incompleta.

Apesar do que acabamos de dizer, muitas das verdades parciais e fragmentárias que possuímos são extremamente importantes para nós. Tão importantes que, sobre elas, podemos edificar nossas vidas e dirigir nossos destinos. Estou procurando dirigir a minha vida de acordo com várias grandes verdades. Uma delas é a verdade do amor de Deus, que proveu em favor do homem a obra de arte da redenção-restauração, a maior de todas as revelações bíblicas quando está em pauta o destino humano. Essa revelação pode ser devidamente ilustrada por meio de um *tapete de muitas cores,* cuja beleza deriva-se da complexidade e variedade de suas cores e padrões. *Então levanta-se a pergunta:* Uma das cores do tapete de muitas cores pode tornar-se outra cor? Minha resposta é **sim.** Parto do raciocínio que **nenhum ato** de Deus, incluindo os atos redentor e restaurador, pode **estagnar-se.** No entanto, antecipo que o tapete manterá suas formas essenciais e que os homens serão divididos em várias espécies espirituais; mas somente a cor dourada, que representa os eleitos, participará da natureza divina (II Ped. 1:4). Somente essa cor está envolvida na salvação ou redenção.

Apesar disso, seria um erro degradar qualquer aspecto da obra do Grande Artista, somente porque essa obra inclui realizações menores que a obra da salvação, que envolve multidões de classes de seres espirituais. A obra inteira é grandiosa, gloriosa, poderosa. Não se pode descobrir nela qualquer defeito, qualquer debilidade, porquanto é a obra do Grande Artista. Meus amigos, o Grande Artista simplesmente não erra. Seus pincéis nunca tremem, quando ele está pintando o maior de todos os quadros: o ato da redenção-restauração. Seus dedos nunca erram, enquanto ele entretece as várias cores. Essa é a minha esperança, e não entendo como as coisas podem ser de outro modo, considerando que é a obra-prima do Mestre dos mestres. Quando vou a algum concerto, para ouvir algum famoso violinista tocar, quando ali chego sei que a arte do grande músico me deixará fascinado. Coisa alguma nos fascina a mente como a obra do Mestre do cosmos inteiro. (B BOE E NTI SAL STRA)

MOSCA

No hebraico, **zebub,** palavra que figura por duas vezes no Antigo Testamento: Ecl. 10:1 e Isa. 7:18.

Esse é o nome de qualquer inseto da ordem Plecópteros, de larguíssima distribuição. Muitas das espécies são pestes, ameaçadoras à saúde. Há cerca de cem mil espécies de moscas, e a mosca doméstica é a mais comum e perturbadora de todas. Os mosquitos também são classificados juntamente com as moscas. Alguns afirmam que o mosquito é o mais perigoso de todos os insetos e animais da terra, devido às muitas doenças graves que transmite; mas, para outros estudiosos, essa distinção pertence à mosca. Estritamente falando, a mosca é um inseto que possui apenas um par de asas, ao passo que outros insetos possuem dois pares de asas.

Algumas poucas espécies de moscas não têm asas; e somente os entomologistas podem dizer quais insetos são moscas ou não, apesar de lhes faltarem asas. Todas as moscas que picam são prejudiciais, porquanto transmitem doenças que produzem organismos ou parasitas. Além disso, muitas moscas são insetos extremamente imundos, que transmitem toda a espécie de bactérias para aquilo em que tocam. No entanto, existem espécies úteis de moscas, que caçam e devoram outros insetos daninhos. Por igual modo, há moscas que são polinizadoras das flores, e, ainda outras, alimentam-se de matéria em decomposição de plantas e animais, e assim desempenham um necessário papel de lixeiros da natureza. Há um certo tipo, cientificamente denominado *Drosophila melanogaster,* que está sendo largamente utilizado em experiências genéticas, que têm provido muitas informações valiosas para a ciência.

As moscas são os insetos de mais larga distribuição à face do planeta, infestando cada lugar deste mundo. Algumas adaptaram-se ao frio extremo. Outras podem viver em fontes termais com elevada concentração de sais e enxofre. Uma certa espécie vive no petróleo, pois as suas larvas multiplicam-se no óleo cru. Nos lugares de clima quente, o número e as espécies de moscas são tão grandes que a estimativa de cem mil espécies diferentes talvez fique aquém da realidade.

As moscas passam por quatro estágios em seu desenvolvimento: o ovo, a larva, a pupa e o inseto adulto. Passam por várias gerações a cada ano e proliferam de maneira simplesmente fantástica. O ciclo de vida de uma mosca pode ser extremamente curto. Algumas espécies vivem apenas algumas horas como inseto adulto. A esse grupo pertencem os chamados insetos pólvora. A maioria das espécies de moscas vive por diversas semanas. Os hábitos de acasalamento incluem a dança no ar. Os machos dançam no ar e as fêmeas reconhecem que isso é um convite ao acasalamento. Visto que a dança nunca falha, a reprodução nunca chega ao fim. O acasalamento ocorre em pleno vôo, em muitas espécies.

As Moscas na Bíblia. Nos trechos de Êxo. 8:21,22,24,29,31; Sal. 78:45 e 105:31 temos menção à praga das moscas, que atacou ao Faraó e aos egípcios, pouco antes do êxodo de Israel. Filo, em seu livro *Vida de Moisés* (1:23, par. 401), descreveu as moscas como criaturas insidiosas, que mordiam as pessoas, que atacavam como dardos, com grande ruído em seu vôo. Muitos autores antigos pensaram que estivessem envolvidas, nessa praga, diversas espécies de inseto. Sabemos que no Egito há muitas espécies de moscas, sendo impossível identificar aquelas que participaram dessa praga. Visto que lemos que essas moscas foram retiradas do Faraó e dos egípcios, podemos imaginar que elas pousavam nas pessoas, picavam-nas e transmitiam enfermidades. Alguns vêem certa ligação entre a praga das moscas (que foi a quarta praga) com a sexta praga, que consistiu em uma enfermidade cutânea, talvez similar à praga que atingiu o gado, a quinta praga. Nesse caso, três pragas teriam sido causadas por moscas, de uma maneira ou de outra.

O deus Baal-Zebube (ou Baalzebul) era o *deus das moscas,* ao qual Acazias, rei de Israel, quis consultar, mas acerca do que foi impedido pelo recado enviado por Elias (II Reis 1:1-16). Esse nome talvez seja uma alteração zombeteira da palavra cananéia Baal-Zebul, que significa «senhor dos lugares altos». Ver as referências no Novo Testamento, em Mat. 12:24-29; 10:25; Mar. 3:33; Luc. 11:15-19. Ver os artigos sobre *Baal-Zebube* e *Belzebu.*

MOSEROTE (MOSERA)

No hebraico, «correção», «castigo», embora haja quem diga «cego». Esse era o nome de uma das paradas, perto do monte Hor, onde os israelitas estiveram estacionados por algum tempo, depois que saíram do Egito. Ficava entre Hasmona e Bene-Jaacã. Ver Núm. 33:30,31; Deu. 10:6. A forma singular dessa palavra é *mosera;* o plural é *moserote.* Desconhece-se, contudo, a sua atual localização exata.

O trecho de Deu. 10:6 informa-nos que foi ali que Arão faleceu. Todavia, a passagem de Núm. 33:38 identifica o monte Hor como o lugar da morte dele. Mas a proximidade de ambos os lugares torna aceitável uma outra referência. Alguns eruditos, entretanto, pensam que a tradição a respeito tem formas variantes, a de Moserote e a do monte Hor. Talvez os dois relatos digam respeito a duas jornadas diferentes. O relato do livro de Deuteronômio aludiria à morte no décimo quarto ano, quando Israel partiu de Cades e passou pelo wadi Murrah, na Arabá, e chegou ao monte Hor, —tendo acampado primeiro na Arabá. E, então, em Mosera, tendo Aarão morrido no monte Hor (que ficaria perto do outro lugar), já na segunda visita de Israel ao local. O *castigo* poderia ser a morte de Aarão. Mas há quem diga que a base verdadeira dessa palavra hebraica é '*asar,* «atar». E, nesse caso, a transgressão de Aarão, em Meribá, não estaria em foco como a razão de sua morte (ver Núm. 20:24; Deu.32:51).

MOSQUITO (PIOLHO, CARRAPATO)

O termo hebraico *kinna,* que aparece em Êxodo 8:16-18, provavelmente, refere-se *ao piolho,* embora outros estudiosos digam que significa «carrapato». O vocábulo grego *konoch* significa «piolho», sendo a palavra escolhida pela Septuaginta para traduzir aquela referência do livro de Êxodo. Em Mateus 23:24 (onde há uma das famosas declarações de Jesus), temos a palavra grega *konops,* que só aparece ali em todo o Novo Testamento.

Os mosquitos do vinho eram pestes irritantes, porquanto reuniam-se em grandes números em torno do vinho que fermentava ou evaporava. Os fariseus, juntamente com muitos outros, sem dúvida, coavam o vinho por meio de algum tecido, para evitar engolir algum desses insetos, os quais, naturalmente, eram imundos segundo a lei levítica. De fato, essa palavra grega pode referir-se a certa variedade de pequenos insetos com asas. A passagem de Levítico 11:22,23 proibia a ingestão de quase todos os insetos. Jesus lançou no ridículo aqueles que coavam os mosquitos de ordem moral, mas eram capazes de engolir grandes males, tão volumosos como os camelos. O camelo era o maior animal conhecido na Palestina, tal como o mosquito era o menor. É verdade que há pessoas que embora tão cuidadosas em não cometer pequenos pecados, cometem pecados graves sem sentirem coisa alguma na consciência.

O Mosquito no Simbolismo dos Sonhos. Um enxame de mosquitos, em um sonho, indica que o sonhador tem um sistema nervoso perturbado.

MOSTARDA

No grego, **sinapi**, palavra que ocorre por cinco vezes no Novo Testamento: Mat. 13:31; 17:20; Mar. 4:31; Luc. 13:10; 17:6. Está em foco a mostarda negra, cujo nome científico é *Brassica nigra.* Atualmente é plantada para fabricação de um tempero muito comum em pratos ligeiros. No tempo de Jesus, parece que também era cultivada para extração de seu óleo. A planta pode crescer até atingir uma altura de cerca de 5 m. Tem um grosso tronco principal, com galhos fortes o suficiente para neles pendurar-se uma criança. Há uma espécie variante, conhecida por *Sinapis alba,* «mostarda branca», que é muito menor. Também há uma espécie de dimensões intermediárias, *chamada Salvadora persica,* que algumas vezes é chamada de planta de mostarda, e que medra nas margens do mar Morto. Alguns estudiosos têm pensado que essa é a planta das referências bíblicas; mas o fato é que a mesma não produz sementes pequenas, não se ajustando assim à descrição bíblica. A referência de Marcos (4:32) a essa espécie vegetal, como «maior do que todas as hortaliças», sem dúvida alude à mostarda negra.

Jesus chamou suas sementes de menor de todas as sementes, mas das quais crescem grandes arbustos. Sua linguagem era ilustrativa do fato de que o reino de Deus também vai crescendo a partir de algo muito pequeno. Em Mat. 17:20, a referência é como a fé de uma pessoa pode ser tão poderosa que lance um monte no mar, se ao menos tiver fé como um grão de mostarda. E isso, por sua vez, mostra quão minúscula é a nossa fé, pois até onde nos é possível investigar, não se sabe de um servo de Deus que tenha feito esse prodígio. Logo, quão pequena é a nossa fé! As sementes

de mostarda são pequenas, mas produzem grande efeito se tiverem permissão de brotar e crescer. E isso mostra que, embora nossa fé seja tão pequena, conseguirá efetuar aquilo para o que eia nos foi dada!

Comparar reinos com árvores era muito comum entre os judeus, conforme se vê na própria Bíblia: Dan. 4:10-12,20-22; Eze. 31:3-9; Sal. 80:8-10. É possível que Jesus tivesse em mente a referência de Daniel, quando proferiu suas palavras sobre a mostarda. Assim sendo, Jesus indicou o tipo de reino que ele tinha em mente, isto é, o reino dos céus, e como este operaria através de sua Igreja. A figura das aves (ver Mat. 13:32), aninhadas nos galhos desse arbusto, talvez tenha sido tomada por empréstimo de Dan. 4:20-22, ainda que, na declaração de Jesus, assumiu um significado diferente. Não há razão para pensarmos nessas aves como um símbolo negativo—dos demônios ou de mestres falsos—dentro das palavras de Jesus. Mas elas ilustram tão-somente como aquela hortaliça cresceu tanto que se tornou uma árvore, capaz de conter os ninhos de muitas aves. A fé é uma força muito poderosa. Pode começar pequena (tal como as sementes de mostarda são pequenas), mas pode obter incríveis resultados. Esse é o ponto salientado nessa ilustração de Jesus acerca da mostarda, suas sementes e seu extraordinário desenvolvimento até tornar-se uma árvore.

MOZA

No hebraico, «prole», «descendência». Esse é o nome de duas pessoas e de uma cidade, que aparecem no Antigo Testamento:

1. Um filho de Calebe e Efá, sua concubina (I Crô. 2:46).

2. Um descendente de Saul, mencionado em I Crô. 8:36,37; 9:42,43.

3. Uma cidade dada à tribo de Benjamim (Jos. 18:26). O local exato dessa cidade é desconhecido atualmente. A arqueologia tem encontrado duas asas de vasos com o nome dessa cidade, em lugares como Jericó e Tell en-Nasbeh. E isso indica que a cidade em pauta deve ter produzido e exportado esses vasos. Alguns estudiosos supõem que o local fique perto da vila árabe de Qaluniya, cerca de seis quilômetros e meio a noroeste de Jerusalém, na estrada para Tel Aviv. — Evidentemente, o antigo nome aparece no nome da Khirbet beit-Mizzah. A colônia judaica de Mosah, a oeste de Qaluniya, adotou o nome dessa antiga cidade.

Embora nossa versão portuguesa grafe o nome dessa cidade da mesma maneira que grafa os nomes daqueles dois homens (pontos um e dois), no hebraico há diferença na escrita. O nome dessa cidade significa «fonte de água».

MT (TM)

Essa é a abreviação do *Texto Massorético*, do original hebraico do Antigo Testamento. Ver os artigos seguintes, para maiores detalhes: *Manuscritos do Antigo Testamento* e *Massora (Massorah); Texto Massorético.*

MUDAS DE FORA

Essa expressão encontra-se em nossa versão portuguesa, em Isaías 17:10. Essa tradução está mais próxima do original hebraico do que o que dizem outras versões, «enxertos estranhos». A idéia era a de que todos os esquemas humanos haveriam de falhar. Mesmo que tentassem revivificar a planta ou árvore que representava a sua vida e cultura, os enxertos não produziriam os resultados almejados. Quando os homens virem que se aproxima o dia da ira do Senhor, no dizer de Isaías haverão de bramir os povos como o rugido das águas do mar. Mas Deus anulará todos os esforços dos povos para evitarem o juízo. Esse ensino aparece dentro da profecia contra Damasco e Efraim (Isaías 17).

MUDO

No hebraico, **illem**, palavra usada por seis vezes: Êxo. 4:11; Sal. 38:13; Pro. 31:8; Isa. 35:6; 56:10 e Hab. 2:18. O sentido básico dessa palavra é «que não fala». No grego, *kophós*, «embotado», como se a mudez fosse um impedimento da língua. Nas Escrituras temos vários usos da palavra, a saber: 1. Destituído da capacidade natural para falar (Êxo. 4:11; I Cor. 12:2). 2. Incapacitado de ensinar a outros por falta de graça, conhecimento ou coragem (Isa. 57:10). 3. Aquele que fica em silêncio, sob as dispensações da providência divina (Sal. 39:9). 4. Aqueles que permanecem em silêncio por qualquer razão (Sal. 39:2; Eze. 3:26). 5. Aqueles que não falam por motivo de temor ou ignorância (Pro. 31:8). 6. O estado de quem fica incapaz de falar por êxtase divino (Dan. 10:15). 7. Uma condição imposta por decreto divino, como foi o caso de Zacarias (Luc. 1:20). 8. Uma aflição causada por possessão demoníaca (Mar. 9:17,25). Ver os artigos sobre *Cura* e *Cura pela Fé*.

MULHER

No hebraico, *ishshah*, o feminino de *ish*. Talvez a melhor tradução portuguesa para esses termos hebraicos seja, respectivamente, «fêmea», e «macho», porque *adam* é a palavra genérica para «homem», sem distinção de sexo. *Ishshah* é extremamente comum. Se contarmos também sua forma plural, *nashim*, encontramos cerca de setecentas menções, desde Gên. 2:22 até Mal. 2:15.

No Novo Testamento grego, *guné*. Esse vocábulo aparece por duzentas e onze vezes, exemplos: Mat. 1:20,24; 5:28,31,32; 19:3,5 (citando Gên.2:24); 19:8,10,29; 22:24 (citando Deu. 25:5); 28:5; Mar. 5:25,33; 6:17,18; 12:9 (citando Deu. 25:5); Luc. 1:5,13,18,24,28,42; 3:19; 4:26; 8:2,3,43,47; 10:38; 14:20,26; 15:8; 16:18; 17:32; 24:22,24; João 2:4; 4:7,9,11,15,17,19,21,25,27,28,39,42; Atos 1:14; 5:1,2,7,14; 16:1,13,14; Rom. 7:2; I Cor. 5:1; 7:1-4, 10-14,16,27,29,33,34,39; 9:5; 11:3,5-13,15, 34,35; Gál. 4:4; Efé. 5:22-25,28,31 (citando Gên. 2:24); 5:33; Col. 3:18,19; I Tim. 2:9-12,14; 3:2,11,12; 5:9; Tito 1:6; Heb. 11:35; I Ped. 3:1.5; Apo. 2:20; 9:8; 12:1,4,6,13-17; 14:4; 17:3,4,7,9,18; 19:7 e 21:9.

Esboço:

I. Posição no Judaísmo

II. As Mulheres e as Igrejas

III. A Exceção na Antioquia da Pisídia (Ásia Menor)

IV. As Exceções (Biblicamente) Não Criam uma Regra

V. Uma Previsão Esperançosa

VI. Mudança de Costumes Sociais Exige Modificação de Certas Regras

VII. Pontos Fortes e Fracos da Mulher

VIII. A Mulher no Antigo Testamento: Sumário

IX. A Mulher no Novo Testamento: Sumário

I. Posição no Judaísmo

Paulo proibiu que as mulheres falassem na igreja (ver I Cor. 14:34). Em uma sinagoga judaica seria considerado como uma suprema desgraça uma mulher tomar parte ativa no culto de adoração, falando ou mesmo orando em voz alta. No judaísmo, não era permitido que as mulheres estudassem a lei de Moisés, e alguns sábios judeus asseveravam que mais valia a pena queimar a lei do que ensiná-la a uma mulher.

A posição da mulher, no judaísmo, era muito inferior à do homem, pois alguns rabinos chegavam ao extremo de pensar que as mulheres não tinham alma. Em face de tais idéias, não nos é difícil compreender por que razão as mulheres não tinham permissão de tomar parte ativa nos cultos religiosos dos judeus. (Quanto a outros comentários sobre a posição de inferioridade da mulher, na sociedade judaica, ver João 4:27,29 no NTI.)

É entristecedora a verificação do fato de que as mulheres, nas sociedades pagãs, eram mais estimadas do que no judaísmo. (Ver Atos 17:4 quanto a posição das mulheres na sociedade macedônia). Uma das grandes contribuições do cristianismo, para melhoria das condições sociais do gênero humano, foi a elevação da mulher, pois as mulheres cristãs podiam gozar de melhores privilégios que no judaísmo. Espiritualmente falando, apesar das limitações da atividade feminina na igreja cristã, segundo as ordens expressas do novo

pacto, a mulher não fica em desvantagem, em relação ao homem, pois elas também esperam a complete transformação, ética e metafísica, na imagem de Cristo. (Ver o trecho de Gál. 3:28, que declara que, em Cristo, não há nem homem e nem mulher, mas são todos iguais.) Não obstante, é óbvio, com base no décimo quarto capítulo da primeira epístola de Paulo aos Coríntios, que antigos métodos de adoração do judaísmo foram *transferidos* para a igreja cristã, ou, pelo menos, para aquelas igrejas que sofriam da influência do apóstolo Paulo.

II. As Mulheres e as Igrejas

1. Não havia como Paulo pudesse ter antecipado prazeirosamente o papel que as mulheres desempenham na moderna igreja evangélica. Contemplá-las sem véu, com cabelos cortados à la homme, falando livremente, orando em público e até mesmo ensinando aos homens, liderando a música, etc., teria sido para ele um autêntico horror. Paulo acreditava na atitude dos rabinos e na prática das sinagogas. Paulo ordenou que as mulheres crentes se conservassem em silêncio, e não permitia que ensinassem. Os trechos de I Cor. 14:34 e *ss,* e I Tim. 2:8-15 não podem significar outra coisa.

2. Ver a mulher através dos olhos de Paulo é vê-la segundo a maneira determinada pelo judaísmo. Apesar de que um escravo podia ler as Escrituras em voz alta na sinagoga, uma mulher judia, posto que livre, não podia fazê-lo. Alguns rabinos disputavam mesmo se a mulher tinha alma ou não, e às mulheres não instruíam na lei, exceto dentro dos limites dos serviços regulares na sinagoga. Costumavam dizer: «É preferível queimar a lei a ensiná-la a uma mulher». Paulo não se mostrava tão embotado, mas compartilhava da atitude rabínica em geral no tocante à participação feminina nas atividades das sinagogas.

3. Qualquer igreja que permita às mulheres um papel ativo nos cultos é antipaulina.

4. Só podemos supor que as profetisas exerciam seu ministério (se quisessem agradar a Paulo) em casa, particularmente, mas nunca como parte dos cultos religiosos. Mas que muitas delas participavam ativamente dos cultos, nas áreas de maioria gentílica, é fato óbvio, conforme se vê pelo décimo quarto capítulo de I Coríntios. E foi justamente ali que ficaram sob o fogo do ataque de Paulo.

5. Mas, estaria a razão ao lado de Paulo, em tudo isso? A igreja evangélica tem respondido que «Não!» Portanto, a igreja tem ignorado esse mandato de Paulo, talvez sentindo intuitivamente que essa atitude da sinagoga para com o elemento feminino foi ultrapassada pela espiritualidade cristã.

6. As próprias declarações de Paulo, em Gál. 3:28, nos fornecem uma base para tratarmos as mulheres de maneira diferente do que ele fazia, no tocante a essas questões.

7. Finalmente, seja dito bem claro que a desonestidade não pode fazer parte de nossa interpretação. Examinemos por que Paulo disse o que disse. Interpretemos suas afirmações por esse prisma. Se não gostarmos do que ele disse e não estivermos inclinados a seguir suas injunções, então declaremos nossas razões para tanto. A espiritualidade talvez tenha ultrapassado a Paulo quanto à questão: mas, em caso contrário, a Igreja evangélica inteira está laborando em erro.

8. Creio, porém, que ordenar mulheres para o ministério já atingiu o nível da perversão.

III. A Exceção na Antioquia da Pisídia (Ásia Menor)

Atos 13:50: *Mas os judeus incitaram as mulheres devotas de alta posição e os principais da cidade, suscitaram uma perseguição contra Paulo e Barnabé, e os lançaram fora dos seus termos.*

Essas *mulheres piedosas,* obviamente eram gentias, embora se tivessem convertido ao judaísmo. Eram prosélitas do judaísmo que se tinham tomado de grande zelo pela instituição da sinagoga, que foram persuadidas a encarar a atuação dos apóstolos, bem como o crescimento da igreja cristã, naquela região, como uma ameaça à religião que abraçavam. Eram mulheres de *alta posição, o* que, no original grego, é a mesma palavra usada para indicar a alta posição ocupada por José de Arimatéia, segundo lemos no trecho de Marc. 15:43. O mais provável é que isso signifique que elas ocupavam importantes ofícios públicos, ou que, de outro modo qualquer, exerciam considerável influência naquela região. As evidências históricas e arqueológicas mostram que isso é um toque veraz sobre o colorido local da região, pois ali, evidentemente, mulheres ocupavam uma posição mais proeminente, na sociedade, do que em muitas outras partes do mundo greco-romano. Algumas mulheres eram nomeadas como magistrados, presidentes de competições esportivas, etc. E em certo caso, que ficou na história, encontramos uma mulher que foi eleita *archesynagogos* (chefe da sinagoga). Isso teve lugar em Esmirna, e sem dúvida, historicamente falando, foi um caso sem igual, que só poderia ter sucedido realmente naquela área geral, onde as mulheres podiam ocupar elevados cargos, comumente reservados aos homens. Totalmente diversa dessa posição quanto às mulheres era a idéia dos rabinos de Jerusalém, os quais chegaram a debater se as mulheres realmente têm almas. Pensavam eles ser um desperdício de tempo e energia ensinar a lei às mulheres, refletindo assim um ponto de vista radicalmente contrário ao que prevalecia na região de que ora nos ocupamos, atingindo não somente a posição das mulheres na sociedade, mas até mesmo a sua posição espiritual. (Quanto a notas expositivas sobre os ridículos pontos de vista que alguns lideres eclesiásticos dos judeus tinham no tocante às mulheres, ver João 4:27,29 no NTI. Fazendo contraste com isso, ver o tema, explorado por Lucas, acerca da elevada posição das mulheres, na tradição do evangelho, no artigo sobre o livro de Atos, sob o titulo *Autoria,* item V.)

IV. As Exceções (Biblicamente) Não Criam uma Regra

As exceções não derrubavam por terra a regra. Extraordinárias figuras femininas no A.T. não podem servir para suavizar o ponto de vista normal dos judeus sobre a mulher.

Nem mesmo as profecias bíblicas, como a de Joel (ver Atos 2:18), eram capazes de alterar a situação geral, embora antecipassem um dia melhor e mais iluminado.

A melhor declaração de Paulo nesse sentido fica em Gál. 3:28, onde ele mostra que a mulher, na realidade, é espiritualmente igual ao homem. Isso não ensina a igualdade dentro da «ordem eclesiástica», para Paulo; mas o princípio, por si mesmo, ensina mais do que Paulo admitia.

V. Uma Previsão Esperançosa

A profecia citada em Atos 2:18, com base na profecia de Joel, a qual assevera que mulheres também profetizariam, como uma das manifestações do estabelecimento da *nova ordem,* da nova fé, em Cristo, talvez dê a entender um lugar dado às mulheres, na igreja cristã, que simplesmente não tinha precedentes na sociedade judaica, e que tal lugar lhe dá o direito de participar ativamente da adoração pública das congregações cristãs. Essa é uma conclusão lógica sobre a questão subentendida no sistema cristão, que prevê o mesmo destino tanto para os homens como para as mulheres, visto que tanto uns como outros receberão as mesmas bênçãos espirituais. Esse é um cristianismo *mais avançado* do que era possível nas primeiras décadas de sua existência, quando o fantasma do judaísmo ainda perseguia a igreja cristã. Todavia, compete-nos rejeitar completamente as noções degradantes criadas pelo judaísmo, algumas de cujas noções invadiram a mentalidade cristã sobretudo no que concerne à posição das mulheres. Quão lamentável é vermos, em muitos matrimônios cristãos, um homem dominar sua mulher, simplesmente porque, biologicamente falando, ele é o macho, ao passo que ela é a fêmea. Mas, em muitos desses casos, a mulher é realmente uma pessoa superior ao seu marido, intelectual, moral e espiritualmente. Por essa razão, é possível que o ideal democrático esteja mais próximo da verdade que o cristianismo projetou no mundo, expresso através das seguintes palavras: «Destarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus» (Gál. 3:28).

Tal verdade básica, entretanto, tem sido obscurecida por antiqüíssimos preconceitos, muitos dos quais se originam da estima

absurdamente baixa em que a mulher é tida, conforme o desenvolvimento havido na cultura judaica. O que fica implícito nessa idéia realmente é vasto, com a capacidade de revolucionar a posição da mulher, na sociedade em geral e nas relações matrimoniais, conferindo-lhe aquilo que ela raramente tem possuído, a saber, uma individualidade verdadeira e digna. Se isso fosse devidamente observado, certamente muitos casais crentes seriam melhorados em suas relações matrimoniais. Pois quando os cônjuges remidos reconhecem o valor do outro, sem importar as identificações sexuais, não pode resultar qualquer coisa má. Porquanto o reconhecimento verdadeiro resulta em maior respeito e em mais profundo amor. Por outro lado, deixar de considerar o valor real de uma pessoa é manifestação de uma espécie de ódio.

Em I Cor. 7:4, pelo menos, Paulo reconhece que os direitos sexuais da mulher, dentro do casamento, *não são inferiores* aos direitos do homem, embora isso fosse alguma coisa que um judeu «ortodoxo» jamais reconheceria. Porque, na cultura judaica, as mulheres haviam sido reduzidas a virtuais propriedades de seus respectivos maridos. Pelo menos nesse ponto Paulo avança na direção da verdade, embora tal avanço, aqui expresso, ainda seja parcial.

«A igualdade entre os sexos é indicada mediante o uso da mesma expressão em referência a ambos, ficando assim corrigidas as idéias judaicas e gentílicas sobre a mulher... nas relações matrimoniais cessa a propriedade separada da pessoa. Nenhum dos cônjuges pode mais dizer ao outro: 'Não me é lícito... fazer aquilo que eu quiser com o que é meu?' (Mat. 20:15). Ao salientar que o grande alvo deve ser, não a auto-satisfação, mas o cumprimento de um dever que cada qual deve ao outro, o apóstolo Paulo antecipa habilidosamente a crítica mencionada acima. Eleva ele a questão, do nível físico para o nível moral» (Robertson e Plummer).

VI. Mudança de Costumes Sociais Exige Modificação de Certas Regras

Qual é o dilema daqueles que não assumem essa atitude? No caso daqueles que não se dispõem a tomar essa atitude, talvez por ser ela por demais «liberal» ou «contrária às Escrituras», surge um dilema. Pois se os ensinos sobre as mulheres continuam obrigatórios para nós,—devemos obedecê-los totalmente, e a mera leitura dos mesmos mostra que o silêncio absoluto é imposto às mulheres; elas não podem ensinar na igreja, porquanto assim fazendo estão usurpando um direito masculino. Elas não podem falar em línguas e nem profetizar na igreja. Essa é a única coisa que o texto pode significar, considerando-se o fundo histórico judaico que lhe serviu de base. Aqueles que crêem que todas as injunções das Escrituras são sempre obrigatórias para nós devem aceitar também este mandato, pondo-o em prática na igreja, em qualquer comunidade local. Mas seria mister uma das *façanhas de Hércules* para conseguir isso.

VII. Pontos Fortes e Fracos da Mulher

I Cor. 11:3: *Quero, porém que saibais que Cristo é a cabeça de todo homem, o homem a cabeça da mulher, e Deus a cabeça de Cristo.*

Reconhecendo as Autoridades

1. Se por um lado os crentes coríntios exageravam a autoridade de seus heróis, de acordo com os quais criavam divisões denominacionais, por outro lado não percebiam a desordem reinante na congregação de Corinto no tocante às mulheres, o que se devia à sua ignorância quanto à hierarquia de autoridades.

2. Existe certa ordem decrescente de autoridade: cada ser tem o seu «cabeça». O cabeça, como diretor do corpo, representa a autoridade. Assim, de todas as famílias do céu e da terra, Deus é o cabeça. O Pai é o cabeça até mesmo de Cristo, e não somente na missão terrena deste, mas também dentro da própria Trindade o Pai é o cabeça e o Filho lhe é subordinado. (Ver as notas no NTI sobre esse conceito em I Cor. 15:28).

3. O Filho estabeleceu o exemplo. Seu Cabeça é o Pai, e é em obediência ao Pai que ele cumpriu e está cumprindo a sua missão (ver João 8:29).

4. Os filhos de Deus estão todos sujeitos a Cristo como o Cabeça, pois ele é o alvo de toda a sua existência, além de ser o poder que pode fazer deles seres participantes de sua própria natureza divina (ver Rom. 8:29). Portanto, o cabeça do homem é Cristo. O homem não é independente, mas dependente, porquanto nem ao menos é o senhor de seu próprio destino. A própria salvação consiste de crescermos em Cristo como o cabeça, em que contamos com ele como o cabeça de tudo (ver Efé. 1:10,23).

5. A mulher não é espiritualmente inferior ao homem, mas está subordinada a ele nesta esfera terrena, especificamente a seu próprio marido. Não pode cumprir seu papel no seio da igreja, imitando as frenéticas sacerdotisas descabeladas e sem véu dos pagãos. Portanto, que ela faça certas coisas: que traga os cabelos longos, como lhe é natural (símbolo da autoridade de seu marido sobre ela), e que use um véu sobre a cabeça, em determinadas ocasiões, o que também lhe serve de símbolo de sua sujeição.

Os pontos fortes e os pontos fracos da natureza feminina. Por igual modo a mulher, embora da mesma natureza que o homem, e tendo o mesmo destino, está em posição de sujeição a ele. Até mesmo quando duas pessoas vão montadas em um cavalo, uma delas vai na frente e a outra atrás. Assim também o homem ocupa um primeiro lugar, tanto em sua casa como na casa de Deus. Naturalmente, isso tem dado margem a muitos abusos. Atualmente sabemos que a mulher não é inferior ao homem, exceto na força muscular. Além disso, talvez devido a fatores ambientais, que se prolongam desde eras remotas, a mulher é emocionalmente inferior ao homem. Mui provavelmente isso não é parte inerente da natureza feminina, mas antes, algo implantado nela por circunstâncias diversas.

É provável, entretanto, que à medida que ela vai sendo libertada, conforme deve ser, as suas debilidades emocionais irão desaparecendo. Nota-se que essa fraqueza é parcialmente um *mecanismo de defesa,* porquanto da mulher muito se tem abusado, devido a sua pouca força física. A mulher procura compensar isso através de um truque defensivo. Em outras palavras, ela toma perante o homem, de alguma maneira, a posição de uma criança, a fim de excitar a sua compaixão. Mas, com isso ela tem somente encorajado os abusos, porque o homem é tradicionalmente brutal e sem compaixão. Em outros sentidos, entretanto, a mulher é superior ao homem. A ciência moderna tem demonstrado que o seu corpo físico é mais resistente que o do homem. Em média, as mulheres têm melhores defesas orgânicas contra as enfermidades, como também vivem por mais tempo. As mulheres são iguais aos homens quanto à inteligência, e superior a eles quanto às faculdades intuitivas e psíquicas, porquanto elas têm sido forçadas a compensar a sua posição precária na sociedade. As mulheres, talvez devido à própria natureza de seu ser, em geral são *moralmente* superiores aos homens. Se porventura isso se deriva apenas de uma dotação biológica, então tal superioridade não envolve qualquer glória particular que lhe seja devida. Não obstante, isso é uma verdade bem reconhecida.

O judaísmo ignorava completamente esses fatos, reduzindo ridiculamente a posição das mulheres. E o apóstolo Paulo não fica inteiramente liberto dessa influência, embora reconhecesse o fato da liberação das mulheres, de sua igualdade com os homens, em Cristo Jesus, conforme declara em Gál. 3:28. Esse «ideal», essa «verdade» jamais se cumpriu plenamente na igreja cristã, e nem nos lares cristãos, até o dia de hoje. É uma questão particularmente lamentável ver um homem dominar uma mulher meramente porque ele é biologicamente um homem, e ela é biologicamente uma mulher, quando com freqüência ela é realmente a pessoa superior, moral, intelectual e espiritualmente.

Com base nessa discussão, deve ficar bem claro que os homens que procuram fazer justiça devem ter o cuidado de não abusar de sua posição superior masculina; e enquanto essa justiça for mantida na igreja e no lar, não há qualquer razão para supormos que uma atmosfera verdadeiramente *democrática* não possa ser estabelecida no lar e na igreja cristãos. Essa atmosfera estaria de acordo com o

que nos ensina o trecho de Gál. 3:28, que certamente é a verdade mais pura a respeito do tema que comentamos de que deveria ser inquirida e praticada. Se os crentes agissem desse modo, pode-se concluir, sem receio de errar, que o potencial das mulheres seria liberado, e que tanto o lar como a igreja cristãos se beneficiariam. A igreja cristã primitiva, devido aos seus preconceitos judaicos, não conseguiu liberar esse potencial feminino. O «homem como cabeça da mulher» é biblicamente correto, mas de acordo com a interpretação tipicamente judaica, foi uma fonte de erro e de muitos abusos.

Evitando os Abusos

1. O princípio da igualdade feminina com o homem não quer dizer que ela possa agir como bem entenda, tal como também não significa que o homem possa agir a seu talante. Há uma ordem divina a ser seguida.

2. Mas o princípio de igualdade entre os sexos significa que o homem também tem suas próprias responsabilidades. Não pode fazer da mulher uma escrava. O marido precisa reconhecer a elevada dignidade de sua esposa como uma pessoa, tratando-a com respeito e consideração. No lar, o marido deveria estabelecer uma democracia, ao máximo em que isso possa ser praticado, sem perder a sua liderança.

VIII. A Mulher no Antigo Testamento; Sumário

A. Direitos e Situação na Sociedade

Embora a situação da mulher, no seio da sociedade humana antiga, tenha degenerado rapidamente, devido às conseqüências do pecado, que fazem o homem mostrar-se cruel com seus semelhantes mais fracos, precisamos examinar o relato de Gênesis sobre a criação, quanto à criação da mulher e sua real condição em relação ao homem. A descrição da criação do gênero humano, em Gênesis 1:26,27: «...Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou...», parece deixar bem claro que a mulher, como contraparte feminina do homem, é algo essencial à imagem de Deus, segundo essa imagem é refletida no gênero humano. De fato, nas expressões poéticas dos hebreus, tanto o homem quanto a mulher são necessários para que se tenha o quadro tencionado por Deus como sua *imagem* no ser humano. E, embora a questão não seja teologicamente desdobrada no próprio livro de Gênesis, é evidente que o papel ímpar e distintivo da mulher deriva-se da participação dela na *imago Dei.*

No tocante aos vocábulos hebraicos *ish,* «macho», e *ishshah,* «fêmea», muito se tem escrito e especulado. Mas, se alguma coisa se deriva daí é a humanidade essencial da mulher, bem como sua igualdade e unidade com o homem. E isso também é refletido em outras línguas antigas e modernas. Para exemplificar, o latim, *vir,* «homem», e *vira,* «mulher»; ou, o português, «varão» e «varoa».

Um outro ponto, essencial à nossa compreensão sobre o papel da mulher, é que o Senhor Deus a deu ao homem como sua «ajudadora» (no hebraico, *ezer),* segundo se vê em Gên. 2:18,20. Isso indica que o homem ficaria incompleto sem a sua outra metade, a mulher. Ainda outra questão que não podemos esquecer é o próprio nome dado à primeira mulher, Eva, que se deriva de uma palavra hebraica que significa «vida». E a razão desse nome nos é explicada em Gên. 3:20: «E deu o homem o nome de Eva à sua mulher, por ser a mãe de todos os seres viventes». Por conseguinte, o papel subordinado da mulher parece ser resultante da queda no pecado, e não como uma disposição inicial, por força da criação. Com essa apreciação concorda o trecho de Gênesis 3:16, onde Deus diz à mulher, após a queda no pecado, por parte do primeiro casal: «E à mulher disse: Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos; o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará». Essa disciplina, como é óbvio, abarca quatro facetas importantes na vida de toda mulher: gravidez difícil (enjôos, debilitamento, perigo de aborto, etc.); parto trabalhoso (que muitas vezes leva a mulher a rasgar-se internamente, e até à morte); desejo sexual pelo homem, a despeito de todas aquelas dificuldades e perigos, se a mulher chegar a engravidar; e, finalmente, o marido é quem dirige sua mulher, ficando-lho esta sujeita. Todavia, apesar dessa subordinação da mulher ao homem, Deus não se furtou em reconhecer os direitos da mulher, diante da família e da sociedade, quando estipulou já na lei mosaica: «Honra a teu pai e a tua mãe...»(Exo. 20:12; cf. Lev. 20:9; Deu. 5:16 e 27:16).

Todas as legislações dos povos, desde as mais antigas, até hoje, nunca se descuidaram de regulamentar sobre o papel da mulher na sociedade humana, como esposa, como amante, como mãe, como filha solteira etc. Todos esses muitos preceitos legais têm procurado aliviar a situação de inferioridade a que a mulher é reduzida. E, se os movimentos feministas organizados são um fenômeno social mais ou menos recente, isso não significa que só ultimamente elas tenham acordado para os seus direitos e privilégios. Mas, somente agora está começando a haver clima para o reconhecimento desses direitos. Contudo, por uma questão até mesmo de psicologia feminina, a mulher prefere ser dirigida pelo homem, o que ela não quer é ser brutalmente dirigida! E o homem, até por uma questão de psicologia masculina, gosta de proteger as mulheres que estejam sob seu pálio. O ruim é que alguns homens, em vez de se mostrarem ternos e protetores, tornam-se déspotas, Mas todos esses desvios já podem ser explicados como resultantes da queda no pecado, o que fez os seres humanos tornarem-se uns selvagens para com os seus semelhantes. Além disso, nem todas as mulheres são dóceis, mas rebelam-se!

B. Papel da Mulher na Família

No Antigo Testamento, o papel da mulher na sociedade é sempre enfocado dentro das relações domésticas. Na verdade, nos tempos bíblicos, vemos que a mulher passava da família de seu pai para formar uma nova unidade familiar, com seu marido. Não somente na era patriarcal, mas também durante todo o período abarcado pelo Antigo Testamento, o pai exercia responsabilidade primária pelos membros do sexo feminino de sua família, sem importar se a esposa, se as filhas, se as suas irmãs solteiras, se as servas, enquanto essa responsabilidade não fosse transferida, como no caso do casamento de uma filha solteira, por exemplo. Isso pode ser visto nos casos de Abraão e Hagar (Gên. 16:2); de Labão e suas filhas, Lia e Raquel (Gên. 28-31); de Davi e Mical (I Sam. 18:20,27; 19:11-17); de Salomão e suas muitas esposas (I Reis 11:1). Até mesmo as mulheres que enviuvassem podiam esperar certa proteção por parte da família de seus maridos falecidos, conforme se vê na história de Judá e Tamar, ou de Boaz e Rute.

Talvez o papel mais preponderante da mulher, destacado na Bíblia, seja o de *mãe,* embora todos os demais papéis sejam igualmente reconhecidos. Esse papel de mãe era tão importante nos tempos bíblicos que a esterilidade feminina chegava a ser considerada uma maldição divina, porquanto furtava a mulher de uma de suas funções mais importantes na vida. Há casos que a Bíblia destaca com especialidade, como os de Sara (Gên. 17: 15), Raquel (Gên. 30) e Ana (I Sam. 1 2).

Os textos bíblicos também chamam a atenção pare os deveres domésticos femininos, como os de fabricar o pão, costurar, carregar água e prover outras coisas necessárias para si mesma, para seu marido e para seus filhos. Cf. Gên. 18:6; 24:11,13-16,19,20; 27:9; 29:6; Pro. 31:10-31; Êxo. 2:16; 35:26; I Sam. 2:19; 9:11; 24:18 *ss;* II Sam. 13:8; Juí. 4:18; II Reis 4:8-10. E a posição secundária da mulher, em relação ao homem, transparece até mesmo no décimo mandamento, onde a mulher é mencionada especificamente: «Não cobiçarás a mulher do teu próximo...» Note-se que não há nenhum mandamento equivalente, dirigido às mulheres, que diga algo como «Não cobiçarás o marido de tua próxima...» Isso dá a impressão de que a mulher era tratada mais ou menos como uma possessão do homem e não como uma pessoa com direitos iguais. Outro fato que mostra a posição secundária da mulher é que uma filha poderia tornar-se herdeira de seu pai, mas somente se não tivesse algum irmão, mesmo que ela fosse a primogênita. Além disso, se uma filha única se casasse com alguém de outra tribo, a herança não podia ser perdida pela

tribo à qual ela pertencia, a menos que o seu marido passasse a assumir o nome de família daquela mulher (ver Núm. 27:1-8; 36:6-9; Nee. 7:63). No caso de mulheres solteiras e jovens, era algum irmão mais velho que cuidava delas (ver Gên. 31:14,15). As viúvas jovens e sem filhos, podiam casar-se com um cunhado solteiro, segundo a disposição da lei do levirato (vide), o que foi precisamente o caso de Rute.

Um caso espinhoso para a mulher era o *divórcio* (vide), pois, até mesmo dentro das justas estipulações da lei mosaica (que, entretanto, foram estabelecidas cedendo um pouco diante da dureza dos corações humanos; ver Mat. 19:3-12, especialmente o vs. 8, que diz: «Por causa da dureza do vosso coração é que Moisés vos permitiu repudiar vossas mulheres; entretanto, não foi assim desde o princípio»), o homem é quem saía ganhando na transação. Todavia, apressamo-nos a ajuntar que o Antigo Testamento procurava minimizar as possibilidades de divórcio, mostrando-se cuidadoso em ensinar que Deus desfavorecia a prática. Cf. Deu. 22:13 *ss;* 24:1 *ss;* Isa. 50:1; Jer. 3:8. Malaquias foi muito explícito quanto a isso, onde se lê: «...ninguém seja infiel para com a mulher da sua mocidade. Porque o Senhor Deus de Israel diz que odeia o repúdio...» (Mal. 2:15,16). Trataremos mais detidamente sobre a questão da moralidade, por parte da mulher, um pouco mais abaixo. Contudo, compete-nos aqui frisar que um dos *primeiros papéis* da mulher, dentro das relações matrimoniais, era o de satisfação sexual que ela podia dar ao homem. Isso fica implícito nas narrativas iniciais da Bíblia, como em Gên. 1:26-28 e 2:18-25; e o livro de Deuteronômio chama repetidas vezes a atenção para a dimensão sexual do relacionamento marido-mulher. Assim é que, nesse livro, até uma mulher cativa podia casar-se com um israelita, se este se sentisse atraído por sua beleza física. E, uma vez que uma mulher cativa se tivesse casado com um homem israelita, então deixava de ser apenas uma prisioneira, e passava a assumir um novo papel na sociedade israelita (cf. Deu. 21:10-14). E também lemos em Deuteronômio 24:5: «Homem recém-casado não sairá à guerra, nem se lhe imporá qualquer encargo, por um ano ficará livre em sua casa e promoverá felicidade à mulher que tomou». Essa passagem mostra que a Bíblia não reconhece somente os direitos sexuais do homem sobre a mulher, mas também os direitos sexuais da mulher sobre o homem. E, à medida que vamos folheando o Antigo Testamento, essa idéia vai-se tornando mais e mais clara, mediante preceito ou exemplo. E chega-se a um ponto culminante, quanto a essa questão, em Cantares de Salomão, onde o amor conjugal e seus prazeres físicos são abordados sem embaraço algum, por mais que corem aqueles dotados de espírito vitoriano! É que as Escrituras Sagradas não encaram a sexualidade humana como algo sujo e pecaminoso, e, sim, como uma benção divina a ser desfrutada, entre outras bençãos, embora sempre dentro dos limites do certo e correto! O que a Bíblia condena é o sexo distorcido, viciado, fora das relações normais do matrimônio. Haja vista o que Paulo escreveu a Timóteo: «.. o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios, pela hipocrisia dos que falam mentiras... que proíbem o casamento...» (I Tim. 4:1-3).

Finalmente, nesta seção queremos destacar o papel da mulher como um dos dois esteios da moralidade da família, o outro esteio sendo o marido. Logo no começo de Provérbios aprendemos isso. «Filho meu, ouve o ensino de teu pai, e não deixes a instrução de tua mãe. Porque serão diadema de graça para a tua cabeça e colares para o teu pescoço» (Pro. 1:8,9). Cf. ainda Pro. 6:20; 10:1; 15:20; 20:20 e 23:22.

C. Mulheres como Líderes na Sociedade

Em Israel, houve mulheres que participaram ativamente na vida política da nação, mormente no período da monarquia. Assim, Bate-Seba, mãe de Salomão, chegou a manobrar os eventos, já nos fins do reinado de Davi, garantindo para seu filho o trono (I Reis 1-3). E as reformas políticas e religiosas, instituídas pelo rei Asa, de Judá, incluíram a remoção de sua rainha-mãe. Maaca (I Reis 15:9 *ss),* que estava exercendo uma influência negativa sobre o reino. No décimo primeiro capítulo de II Reis ficou registrado o caso de uma rainha e da irmã de um ex-monarca, ambas lutando pelo controle do trono. Porém, os nomes de Débora e Jezabel estarão para sempre ligados com grandes feitos femininos, em Israel, nos campos militar e político E assim, embora o escritor do livro apócrifo de Eclesiástico mencione somente grandes líderes masculinos da história de Israel, o texto bíblico tem o cuidado de reconhecer os efeitos tanto positivos quanto negativos, que as mulheres exerceram na história do povo antigo de Deus. E o cântico de Débora também reconhece o papel desempenhado por Jael, esposa de Heber, que matou Jabim, rei de Canaã (ver Jul. 4:2,17,23,24). E a perversa e idólatra Jezabel aparece simbolicamente, como os efeitos da idolatria na igreja de Tiatira (ver Apo. 2:20). Todavia, a Bíblia também reconhece que quando os homens de uma nação desistem do mando, e entregam as rédeas às mulheres, isso representa uma queda vertiginosa nas forças vivas da nação. «Os opressores do meu povo são crianças, e mulheres estão à testa do seu governo. Oh! povo meu! os que te guiam te enganam, e destroem o caminho por onde deves seguir» (Isa. 3:12).

D. Moralidade e Idealismo Espiritual

O papel desempenhado por Eva, no episódio da queda do gênero humano no pecado, introduz um importantíssimo capítulo nos ensinos do Antigo Testamento sobre a moralidade. Entretanto, somente no Novo Testamento a mulher, é um tanto redimida das acusações nesse sentido, quando o apóstolo Paulo escreve: «E Adão não foi iludido, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão» (I Tim. 2:14). Isso redime a mulher porque, como um ser mais fraco que Adão, ela foi enganada por Satanás. Adão, em contraste, sabia perfeitamente o que estava fazendo, pelo que a culpa caiu totalmente sobre ele. Porém, não teria ele também agido por amor de Eva? Mas, voltando à mulher, a chave da moralidade feminina reside em sua sexualidade e, em conseqüência, o resultado da queda no pecado refletiu-se com maior proeminência sobre as questões sexuais femininas, conforme também já vimos (cf. Gên. 3:16). Nem por isso, a mulher deixou de ser «ajudadora» do homem, alguém que lhe fosse «idônea», o que aponta não somente para o fato de que a mulher complementa espiritualmente ao homem, mas até mesmo anatomicamente. É por isso que a atração do homem pela mulher e vice-versa é um dos mais fortes impulsos naturais no ser humano. E também é por isso que o homossexualismo, tanto o masculino quanto o feminino, representa distorções da sexualidade que a Bíblia considera uma das mais imundas abominações. Ver os dois artigos separados: *Vícios e Homossexualismo.* O código mosaico, pois, determinava os castigos mais severos para aqueles que violassem essas questões sexuais, viciando-as. Ver, por exemplo, Lev. 20:13.

Essa questão da sexualidade feminina assume proporções espirituais no livro de Oséias, onde o adultério literal ilustra o *adultério espiritual.* Assim como a idolatria furta um homem de sua relação salvadora com *Yahweh,* assim também a imoralidade sexual, sem importar se for a fornicação, o adultério, a bestialidade, o homossexualismo, ou o que for rouba o ser humano de sua mais elevada potencialidade para as realizações espirituais. O fato do povo de Israel ter-se «prostituído» é freqüentemente mencionado. Cf. Isa. 1:21; 23:15-17; Jer. 3:1-8; Eze. 16:15-41, só para exemplificar, onde se vê que Deus estava falando da prostituição religiosa e espiritual.

Como não há pecado que o Senhor não perdoe, até as prostitutas podem ser perdoadas, contanto que, realmente, se convertam e abandonem sua vida prostituída. É o caso de Raabe, que não somente foi perdoada, mas também veio a tornar-se um dos grandes modelos femininos de fé. Ver Jos. 6:17-25; Heb. 11:31 e Tia. 2:25. Já a mulher Jezabel mostrou ser a antítese de Raabe, porquanto morreu na impenitência, querendo mostrar-se coquete até o fim (I Reis 16:21; II Reis 9:7-37; Apo 2:20).

Muitos servos de Deus acabaram caindo em transgressão por causa de alguma mulher. Um dos casos mais notáveis é o de Sansão

e Dalila. Mas também poderíamos chamar a atenção para Judá e Tamar, sua própria nora (Gên. 38:1-26), para Davi e Bate-Seba, esposa de um de seus heróicos guerreiros (II Sam. 11:3), ou para Amom e Tamar, que eram meio-irmãos um do outro (II Sam. 13:10).

No mundo gentílico, a prostituição quase sempre fazia parte dos cultos pagãos. Esses cultos, em muitos casos, eram dirigidos por sacerdotisas que se prostituíam, e que, com o dinheiro assim arrecadado, financiavam sua religião. Tais práticas foram rigidamente vedadas aos israelitas (ver Lev. 19:29; 20:6-9; Deu. 23:17). A influência maléfica do baalismo, uma dessas religiões pagãs, sempre representou uma tremenda ameaça para os elevados padrões morais em que o povo de Deus deveria conservar-se, e parece que o povo de Israel nunca conseguiu obter grande sucesso para libertar-se dessas formas degradantes de culto (ver I Reis 14:24; 15:12; 22:46; II Reis 23:7; Osé. 4:14). Talvez seja mais fácil acabar com o carnaval, no Rio de Janeiro!

Assim, embora algumas mulheres tivessem sido símbolos dos mais elevados *ideais espirituais,* como Ana (I Sam. 1 e 2), ou como Maria, mãe de Jesus, só para mencionar algumas poucas mulheres virtuosas, muitas outras mulheres destacaram-se como causas ou como envolvidas em pecados e vícios como ciúmes, ambição, orgulho, idolatria e prostituição. Uma mulher podia e continua podendo ser causa de queda de um homem piedoso, como foi o caso de Dalila, com Sansão; ou, então, como Ester, podendo ser mulher que serve de coluna a uma família, a um reino, a um povo. O livro de Provérbios concentra muito a sua atenção sobre esse ponto. Bastanos considerar uma dessas passagens de Provérbios, como representante de muitas outras, de natureza similar. «O bom siso te guardara... para te livrar da mulher adúltera... a qual deixa o amigo da sua mocidade e se esquece da aliança do seu Deus; porque a sua casa se inclina para a morte, e as suas veredas para o reino da sombras da morte...» (Pro. 2:11 ss). Ver também Pro. 5:3,20; 6:24; 7:5-10; 9:13; 21:19; 22:14. Essa mulher *estrangeira,* como ela é chamada várias vezes, palavra cujo sentido moderno seria «prostituta», é contrastada com a *mulher graciosa,* de Pro. 11:16. Mas o texto clássico acerca da mulher virtuosa encontra-se em Provérbios 31:10-31. A leitura atenta desse trecho mostrará o papel glorificado que as mulheres virtuosas ocupavam na vida e no pensamento dos homens de Deus no Antigo Testamento.

E. A Mulher como Membro da Comunidade em Aliança com Deus

Coisa alguma ilustra tão bem a elevada posição da mulher, no ensino do Antigo Testamento, do que o seu desempenho na vida religiosa do povo de Israel. Certas mulheres tiveram uma espiritualidade superior a dos homens de suas épocas, como se vê no caso de Débora, de Ana, de Joquebede, de Rute, de Maria, de Priscila, etc. Mulheres tomaram parte, na adoração de Israel, nos mais diversos campos, como bordadeiras (ver Pro. 31:19), como cantoras (ver II Crô. 35:25), como profetisas (ver Hulda— II Reis 22:14 e II Crô. 34:22; Miriã—Êxo. 15:20; Débora—Juí. 4:4; e a esposa de Isaías—Isa.8:3). E também houve «falsas profetisas», como Noadia (Nee. 6:14). Todo o leitor do Antigo Testamento adquire a impressão de que, em Israel, a posição da mulher era muito superior à das mulheres dos povos gentílicos. Sua liberdade pessoal era maior, ela podia se ocupar em atividades que, entre outros povos eram privilégios exclusivos de homens, e ela mesma era mais respeitada como ser humano.

IX. A Mulher no Novo Testamento: Sumário

O Novo Testamento está totalmente alicerçado sobre as tradições veterotestamentárias, no tocante à mulher e suas condições na comunidade redimida e no mundo. Quanto a certos pontos, o ensino neotestamentário sobre a mulher é mais claro; quanto a outros, mais problemático e difícil de deslindar.

A. Na Vida e no Ministério de Jesus

Os evangelhos estão repletos de referências a mulheres, diretamente envolvidas na vida e no ministério de Jesus. A primeira delas é logo a sua própria mãe, Maria. Em Maria cumpriu-se a promessa feita por Deus ao primeiro casal, Adão e Eva: «Porei inimizade entre ti (Satanás) e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar» (Gên. 3:15). O descendente da mulher é Jesus Cristo. É evidente que a importância de Maria, na vida de Jesus, não se deveu a alguma participação que ela tivesse tido no ministério dele e, sim, devido à sua relação maternal com ele. Durante o ministério terreno de Cristo, Maria se conservou em segundo plano. Todavia, quem mais do que ela para moldá-lo em seus anos formativos, da infância e da meninice? E, se Maria tanto contribuiu para a formação moral e religiosa de Jesus, sem dúvida, o mesmo sucedeu no caso de Isabel e seu filho, João Batista (ver Luc. 1:5-25,39-66). Um dos lances mais interessantes da vida adulta de Jesus, com sua mãe, encontra-se historiado em João 2:1-12. No casamento de Caná da Galiléia, foi Maria quem disse a Jesus que os noivos não tinham mais vinho para servir aos convidados. A isso Jesus respondeu de uma maneira que soa estranha para os nossos ouvidos ocidentais: «Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora». Jesus estava mostrando que, na qualidade de Messias, ele não podia mais agir em dependência à sua mãe. Não obstante, Maria não ficou ressentida com a resposta, mas recomendou aos serventes: «Fazei tudo o que ele vos disser». E foi assim que Jesus transformou a água em vinho, o primeiro dos seus milagres. E o resultado foi que «...os seus discípulos creram nele». Outro notável lance da vida de Jesus e Maria foi por ocasião de sue crucificação. Voltando-se para Maria, perto da cruz com João, o discípulo amado, Jesus disse a Maria: «Mulher, eis aí o teu Filho». Em seguida, disse para João: «Eis aí a tua mãe». Jesus não deixou de ser o filho de Maria até o seu último instante, e cuidou para que alguém tomasse conta dela. E os irmãos de Jesus? Até ali não se tinham convertido, e não saberiam cuidar de Maria como era devido! João, provável primo distante de Jesus, aceitou a incumbência, pois lemos: «Dessa hora em diante, o discípulo a tomou para casa». Ver João 19:25-27.

E os evangelhos também aludem a diversas mulheres, que acompanharam a Jesus bem de perto, durante o seu ministério, como Maria Madalena, Maria, a mãe de Tiago e José, a outra Maria, a mãe dos filhos de Zebedeu, Tiago e João, e Maria e Marta, irmãs de Lázaro.

O Senhor Jesus atendia a pedidos de homens e de mulheres, igualmente, se estivessem alicerçados no direito e na fé. Mas, dentre todas as petições feitas a Jesus por alguma mulher, a mais impressionante é a ,da mulher siro-fenícia: «Senhor, socorre-me!» pedira ela. A isso Jesus replicou: «Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos». Mas ela insistiu: «Sim, Senhor, porém, os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos». Para ela, bastava uma migalha da misericórdia de Jesus. E Jesus disse: «O mulher, grande é a tua fé! Faça-se contigo como queres» (ver Mat. 15:21-28).

Entre outros milagres de Jesus, atendendo ao pedido de alguma mulher, poderíamos mencionar a cura da mulher hemorrágica (Luc. 8:43 *ss),* a ressurreição do filho único da viúva de Naim (Luc. 7:11-17), e a ressurreição de Lázaro, a pedido de Marta e Maria (João 11:17-43).

Ao mesmo tempo, com freqüência, Jesus dirigiu suas instruções a mulheres, ou, então, utilizou-se da mulher como ilustração de verdades espirituais: em uma de suas parábolas, uma mulher perdeu uma moeda (Luc. 15:8); em uma outra parábola, duas mulheres estariam moendo juntas, imediatamente antes da *parousia,* ou segunda vinda do Senhor (ver Luc. 17:35); em Sicar, uma mulher de reputação duvidosa entra em diálogo com o Senhor, e acaba sendo salvo (João 4:1-42). E, na questionável passagem de João 7:53-8:11, Jesus impede que uma mulher seja apedrejada, após haver sido apanhada em flagrante adultério.

Também podemos notar que, em sua última jornada a Jerusalém, onde seria crucificado, lemos que mulheres acompanhavam-no

pelo caminho (Mat. 27:56,57); estiveram presentes à cena da crucificação, postando-se de longe (Luc. 23:49); prepararam o seu corpo para o sepultamento, com especiarias e ungüentos (Mat. 27:61; Luc. 23:55,56); na manhã da ressurreição foram as primeiras pessoas a chegarem ao túmulo dele (Mat. 28:1; Mar. 16:1; Luc. 24:1; João 20:1); e, finalmente, foram as mulheres as primeiras a ver o Senhor ressurrecto, triunfante sobre a morte (Mat. 28:9; Mar. 16:9 e João 20:14).

Alguns poucos estudiosos e escritores, ao longo dos séculos, têm conjecturado que Jesus talvez se tivesse casado. Há tradições antigas, que a Igreja Católica Romana preserva, que dizem que a esposa de Jesus era Maria Madalena. Não obstante, nem a Bíblia diz isso e nem tem sido possível comprovar tal coisa por meio de qualquer fonte informativa. Uma questão como essa não teria ficado em silêncio na Bíblia. Sabemos que as tradições se preocupam, entre outras coisas, na tentativa de preencher aquilo que os homens sentem ser um vácuo de informação. Já que o Novo Testamento não fala sobre a suposta esposa de Jesus, alguns criaram para ele uma mulher! Pelo contrário, tudo leva a indicar que o Senhor Jesus não era casado. De corta feita, ele disse: «As raposas têm seus covis e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça» (Mat. 8:20). Logo, se Jesus era casado, então sua imaginária esposa também teria de ficar andando com ele, morando por debaixo das pontes, como se diz hodiernamente. Não que fosse errado ou pecaminoso Jesus ter-se casado, mas isso de uma mulher secreta que Jesus teria em algum lugar, não passa de uma das piores blasfêmias que mentes perdidas e enlouquecidas pelo pecado já inventaram!

B. Na Igreja Primitiva

Na narrativa do que sucedeu aos discípulos, após a ascensão do Senhor Jesus, é descrito um grupo de cento e vinte pessoas, reunidas em Jerusalém, e entre elas são destacadas tanto Maria, a mãe de Jesus, quanto «as mulheres» (Atos 1:14). A igreja cristã em Filipos devia sua existência à conversão de Lídia, negociante de panos tingidos de púrpura (Atos 16:14,40). Essa narrativa também relata como a igreja de Jerusalém, que costumava reunir-se na casa de Maria, mãe de João Marcos, conseguiu a soltura de Pedro, da prisão, à força de suas orações (Atos 12:6-17). A importância de Priscila e de seu marido, Áquila, é sublinhada no relato sagrado, porquanto esse casal se esforçava por propalar a fé por muitos lugares. (Atos 18:2,18,26; Rom. 16:3; I Cor. 16:19; II Tim. 4:19).

Mui equivocadamente, a recomendação apostólica de que as mulheres deveriam manter-se caladas nas reuniões das igrejas tem sido interpretada por alguns como se fosse uma indicação de que os apóstolos tinham *preconceitos* contra as pessoas do sexo feminino! Estariam em foco, principalmente, Paulo e Pedro. Ver I Cor. 14:33-36; I Tim. 2:11,12; I Ped. 3:1.

Eles deram esse conselho mormente para evitar que a reputação das mulheres crentes pudesse ser injustamente atacada, porquanto que elas estivessem em submissão até a «lei» assim o determinasse. Paulo era solteiro não porque estivesse prevenido contra as mulheres, mas porque recebera de Deus uma graça para tanto, segundo ele mesmo dá a entender em I Coríntios 9:5 e 7:7. Pedro era casado, tanto é que Jesus curou-lhe a «sogra» (ver Mar. 1:29-31). Nas saudações finais da epístola aos Romanos, Paulo menciona nada menos de oito mulheres, por seus nomes: Febe, Prisca (Priscila), Maria, Trifena, Trifosa, Pérside, Júlia e a irmã de Nereu. Lóide e Eunice, mãe e avó de Timóteo, foram altamente elogiadas pelo apóstolo dos gentios (II Tim. 1:5; 3:14,15). Assim, embora as instruções de Paulo, acerca das mulheres, possam parecer um tanto ou quanto severas, não nos devemos esquecer que ele falava para uma geração que tratava as mulheres com muito maiores limitações e imposições, e ele não queria que as mulheres crentes fossem consideradas levianas. Outrossim, Paulo não se furtou em ensinar que, simbolicamente, a Igreja é a esposa de Cristo; e a Igreja ocupa uma posição cêntrica no doutrinamento paulino (ver Efé. 4:21-32; cf. Apo. 19:1-10). Ninguém procurou ensinar, com maiores pormenores, as questões domésticas e os relacionamentos entre os sexos, do que Paulo. Na primeira epístola aos Coríntios Paulo reserva nada menos de sessenta e sete versículos que, de uma forma ou de outra, estão vinculados ao assunto, sob vários ângulos. E ele também refere-se mais ou menos longamente ao problema, nas suas epístolas pastorais (I e II Timóteo e Tito), sem falar em instruções mais breves, aqui e acolá. É que ele muito precisava ensinar aos gentios que se estavam convertendo ao cristianismo, a fim de que sua vida fosse moral e correta, sobretudo nessa questão da sexualidade humana!

C. As Profetisas e Diaconisas da igreja Primitiva

O vocábulo «ofício», no tocante a profetisas e diaconisas, talvez seja por demais eclesiástico. Mas não há nada de errado nisso. As filhas de Filipe, em Atos 21:8,9, são descritas como segue: «Tinha este (Filipe) quatro filhas donzelas, que profetizavam»; e, em Romanos 16:1, Paulo descreveu Febe como «.... a nossa irmã... que está servindo à igreja de Cencréia» (no grego, *o˜usan kai diákonon tès ekklesías).* O termo grego *diákonos* tanto pode indicar um «diácono» quanto uma «diaconisa». E, nos trechos de I Coríntios 14:33-35; I Timóteo 2:11,12 e I Pedro 3:1 *ss.* é impossível determinar se as pessoas envolvidas seriam homens ou mulheres. O mais provável é que ambos os sexos estejam ali envolvidos, em face da intensa participação da mulher, nas atividades das Igrejas locais. O *diaconato* é o único *ministério* da ação, no Novo Testamento, ao passo que os *ministérios da palavra* são quatro: apóstolos, profetas, evangelistas e pastores e mestres. Em que pese o importante papel da mulher crente, na Igreja cristã primitiva, não se encontra no Novo Testamento qualquer menção a mulheres que ocupassem o apostolado, que ocupassem o ofício ministerial de evangelistas ou que fossem pastoras ou mestras. O que se ouve é que, às mulheres crentes, era vedado ensinar a seus irmãos. «A mulher aprenda em silêncio, com toda a submissão. E não permito que a mulher ensine, nem que exerça autoridade sobre o marido; esteja, porém, em silêncio» (I Tim. 2:11,12). Por conseguinte, erram as igrejas e denominações que permitem um ministério oficial de mulheres. Não creio que o Espírito de Deus se ajuste aos costumes modernos de alguns, que falam em pastoras e mestras em suas igrejas. E ser ministro da Palavra não é uma questão de autonomeação, e não se lê no Novo Testamento que o Senhor chama a mulheres para o ministério de pregação da Palavra, embora elas possam ensinar particularmente a quem quer que seja! A administração das Igrejas é sempre entregue a crentes do sexo masculino, pelo Espírito Santo! Apesar desse reparo, reconhecemos e até encorajamos a participação feminina em tantas outras atividades nas Igrejas locais, sem que isso contradiga, em coisa alguma, as instruções baixadas por Paulo e por Pedro quanto a essa particularidade.

D. Padrão de Conduta das Mulheres Crentes

Os ensinamentos de Jesus Cristo a respeito do divórcio, tinham o intuito de proteger os direitos das mulheres; e o restante do Novo Testamento somente reforça a ênfase veterotestamentária quanto ao papel primário que deveria ser desempenhado pelas mulheres, a saber, um papel eminentemente doméstico. É claro que não pretendemos legislar para o mundo, e nem o Novo Testamento foi escrito para mudar a face da sociedade, e, sim, tão-somente para regulamentar a vida dos crentes, dos verdadeiros seguidores de Jesus Cristo. Como cidadão ou cidadã, que cada pessoa obedeça à legislação vigente em seu país. Mas, que cada crente, seja homem ou mulher, nessa qualidade obedeça à Palavra de Deus. Qualquer desobediência ou desatenção aos preceitos da Palavra de Deus sujeita o crente a responder diante do tribunal de Cristo (II Cor. 5:10; Rom. 14:10).

As instruções de Jesus dão a entender que o divórcio predispunha a mulher a uma vida de prostituição, meramente se ela quisesse sobreviver, porquanto o mercado de trabalho estava fechado para as mulheres, e somente de algumas poucas décadas para cá começou a abrir-se francamente. Diz Jesus, em Mateus 5:32: «Eu, porém, vos digo: Qualquer que repudiar sua mulher, exceto em caso de relações

sexuais ilícitas, a expõe a tornar-se adúltera...» Paralelamente a isso, deveríamos levar em conta as instruções paulinas, em I Coríntios 7:3,4. «O marido conceda à esposa o que lhe é devido, e também semelhantemente a esposa ao seu marido. A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo e, sii, o marido; e também, semelhantemente, o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo e, sim, a mulher». Destarte, Paulo preconizava direitos conjugais e de leito iguais para o homem e para a mulher, de tal maneira que nem o homem podia dispor seu corpo físico para sua satisfação pessoal e egoísta, e nem a mulher podia fazer tal coisa. Antes, cada um viveria para satisfazer sexualmente ao outro.

Não obstante, Paulo se mostra insistente quanto à modéstia feminina, no tocante a questões como vestuário e cabelos (ver I Cor. 11:2-16, para exemplificar). Em um meio ambiente social onde o uso de cabelos curtos, por parte da mulher, era sinônimo de devassidão, a mulher crente não podia dar essa falsa impressão, cortando seus cabelos aparados. Naturalmente, hoje em dia, tal preceito perde muito de sua força literal, embora o princípio espiritual permaneça o mesmo: a mulher deve conduzir-se de tal maneira que não pareça uma oferecida aos homens! Ninguém vive solitário, mas todos vivemos no meio da sociedade humana, e todos devemos ter o cuidado de não ferir sensibilidades e de não dar falsas impressões aos nossos semelhantes. Mas, especificamente no tocante às relações do casamento, marido e mulher deveriam ter como seu modelo Cristo e a sua esposa mística, a Igreja — o Senhor a ama e protege; e a Igreja lhe é submissa e obediente (ver Efé. 5:21-23, um tema reiterado em Tito 2:1-10 e I Pedro 3:1-7).

E. Perversões Sexuais

O ministério de Jesus Cristo parece ter atraído muitos párias sociais, incluindo as meretrizes (cf. Luc. 7:36-50; João 7:53—8:11; 4:1-42); mas a disciplina da Igreja visava, especialmente, aqueles que violassem o sétimo mandamento, conforme se vê nos capítulos cinco e seis de I Coríntios. Na verdade, na comunidade cristã de Corinto esse particular requereu uma atenção toda especial do apóstolo dos gentios, pois a situação chegara a um extremo insuportável: «Geralmente se ouve que há entre vós imoralidade, e imoralidade tal como nem mesmo entre os gentios, isto é, haver quem se atreva a possuir a mulher de seu próprio pai» (I Cor. 5:1). Pode-se imaginar coisa pior do que isso? e entre pessoas que se diziam seguidoras de Cristo?

O ato sexual não é um mero ato físico, porquanto estão envolvidas até mesmo as energias da alma. A crer na teoria do traducionismo, segundo a qual os pais transmitem aos filhos não somente a parte física, mas também a alma (ver sobre o *Traducionismo),* então esse ato reveste-se da maior seriedade e solenidade. Por isso mesmo, qualquer tipo de perversão sexual assume as mais graves proporções. Consideremos este trecho das instruções paulinas: «Fugi da impureza! Qualquer outro pecado que uma pessoa cometer, é fora do corpo; mas aquele que pratica a imoralidade peca contra o próprio corpo. Acaso não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos?» (I Cor. 6:18,19). Que os incrédulos estranhem que não concorramos «com eles ao mesmo excesso de devassidão» (I Ped. 4:4). Nada poderemos fazer acerca deles, pois são hedonistas por natureza; mas, quanto a nós, servos de Deus, devemos levar em conta o grande valor da santidade de nossos corpos físicos. «Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo» (I Cor. 6:20).

Em vista do exposto, como o crente, homem ou mulher, poderia viver na imoralidade? Como poderia trocar-se com as prostitutas e os prostitutos deste mundo? Ver também Efé. 5:21-23. A questão assume ainda uma maior seriedade quando aprendemos que a promiscuidade sexual é um dos grandes sinais dos «últimos dias», de acordo com os ensinamentos específicos tanto de Jesus quanto de Pedro. Meditemos sobre estas palavras de nosso Senhor: «Pois assim como foi nos dias de Noé, também será a vinda do Filho do Homem. Porquanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio, comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, senão quando veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do homem» (Mat. 24:37-39). Imediatamente antes de Noé, os homens viviam preocupados em satisfazer aos seus apetites básicos: comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, no dizer de Jesus. O embotamento deles era tanto, a preocupação deles com essas coisas era tão dominante que eles nada «perceberam» senão quando o dilúvio já estava matando a todos! E o apóstolo Pedro ajunta a isso: «...porque o Senhor sabe livrar da provação os piedosos, e reservar, sob castigo, os injustos para o dia do juízo, especialmente aqueles que, seguindo a carne, andam em imundas paixões...» (II Ped. 2:9,10).

Vivemos na época da glorificação do sexo. Os homens andam dizendo que cada um tem o direito de usar sua sexualidade à sua maneira, sem importar que outros a considerem distorcida, contanto que eles assumam o seu vício. Diante dessa pressão, até mesmo a legislação de alguns países está reconhecendo os supostos direitos dos pederastas e das lésbicas. Trocas de casais, sexo grupal e muitos outros desvios são anunciados até mesmo nos jornais. Toda essa promiscuidade, entretanto, não haverá de esperar até o juízo para que comece a produzir seus efeitos daninhos. Basta que nos lembremos dos aidéticos, que se multiplicam em números assustadores nos países de moralidade mais baixa, como são o caso dos Estados Unidos da América, do Brasil e da França. Mas não se pense que as outras nações estejam livres da AIDS. Esta, porém, que é apenas um enfraquecimento do sistema imunológico do organismo humano, ceifa apenas a vida física. O pecado, que atinge a própria alma com sua mortífera virulência, está ceifando almas humanas eternas, condenando-as ao julgamento. Entrementes, quanto a este último e pior efeito, nem as autoridades sanitárias e nem o público em geral estão despertos. Pelo contrário, continuam sem nada «perceber», tal como sucedia nos dias de Noé.

Não nos regozijamos, sob hipótese alguma, diante da miséria humana, mas não desconhecemos que essa imoralidade generalizada, na civilização moderna, prenuncia, entre vários outros sinais, o segundo advento de Jesus Cristo. Por isso mesmo, sabendo da condenação que paira sobre homens e mulheres cuja mente, sentimentos e atos giram em torno do sexo, em suas piores manifestações, lançamos aqui um apelo aos crentes para que rejeitem essa lassidão moral que se tem tornado tão evidente em todas as facetas da nossa cultura!

MULHER, CONSAGRAÇÃO DA MULHER

1. A Proposta Justificação Bíblica

As funções da mulher sempre apareceram subordinadas às funções do homem (ver Gên. 3:16; 18:11 *ss;* Juí. 13:3; Luc. 1:26 *ss;* I Tim.2:15). Outro tanto, porém, não pode ser dito no tocante à condição, capacidade e destino espirituais da mulher (ver Gên. 1:26-28; Êxo. 25:20 ss; Luc. 10:39-42; João 11:21-27; Atos 17:4; Gál. 3:28). E alguns argumentam que, em vista dessa igualdade espiritual, a mulher também é candidata à ordenação para várias funções ministeriais. Mas, contra esse argumento, é alegado que as Escrituras fazem total silêncio sobre a questão, porquanto nem no Antigo e nem no Novo Testamento há menção à ordenação de mulheres. Devemos seguir não somente preceitos expressos, mas também a força do exemplo. Acresça-se que igualdade espiritual não é a mesma coisa que similaridade de funções, dentro do culto divino. A abordagem paulina é especialmente severa. Se as mulheres nem ao menos podem falar nas igrejas (ver I Cor. 14:34 *ss),* como poderiam elas ser ordenadas ao ministério cristão?

A isso retrucam os outros dizendo que a posição de mulheres como profetisas (ver Atos 2:17 e 21:9) merece ser oficializada por meio da consagração, da mesma forma que se dá com homens. Mas voltam os primeiros e insistem que isso nada tem a ver com *ofícios* eclesiásticos, porque está ligado somente a dons espirituais individu-

ais e funções extra-eclesiásticas. Outrossim, na Igreja primitiva não havia consagração de «profetas»; como pois, poderia haver agora consagração de «profetisas»?

Alguns estudiosos modernos vêem uma contradição irreconciliável nas instruções paulinas, quanto à existência de profetisas na Igreja neotestamentária. Mas parece que o último argumento do parágrafo acima resolve a questão. É verdade que no Antigo Testamento havia profetisas (ver Êxo. 15:20; Juí. 4:4); porém, dificilmente isso tem algo a ver com a moderna questão eclesiástica.

2. As Diaconisas

Um bom caso pode ser constituído em favor da propriedade da ordenação de mulheres para ofícios secundários, como, por exemplo, para o diaconato, pois havia diaconisas na Igreja primitiva. Ver o artigo sobre *Diaconisa,* onde há uma completa discussão sobre esse ofício e sua possível ordenação. Porém, mesmo que pudesse ser provado historicamente que as diaconisas eram ordenadas na Igreja primitiva, só podemos ir até aí, e não que mulheres eram ordenadas para o pastorado ou para outros ofícios eclesiásticos na Igreja cristã, tradicionalmente ocupados por homens.

3. O Problema Moderno

Os estudiosos conservadores, que para tudo buscam prova nas Escrituras, sentem-se incapazes de demonstrar a propriedade de ordenação de mulheres para ofícios tradicionalmente ocupados por homens, como os de pastor, ou, então, de bispos e outros prelados. É por isso mesmo que a Igreja Católica Romana sempre se opôs à ordenação de mulheres para seus ofícios eclesiásticos. E outro tanto acontece na esmagadora maioria dos grupos protestantes e evangélicos conservadores.

Por outro lado, os estudiosos liberais, que pensam não haver necessidade de textos bíblicos de prova para tudo quanto se faz no cristianismo, não se sentem presos nem às Escrituras Sagradas e nem às tradições. De fato, esses eruditos pensam que essas tradições têm limitado injustamente o potencial de serviço das mulheres, na Igreja cristã. E assim, a fim de fomentarem tanto a posição da mulher como o potencial delas quanto ao serviço cristão, eles têm promovido a idéia da ordenação de mulheres para aqueles ofícios que sempre foram ocupados exclusivamente por homens. É um feminismo eclesiástico, promovido por homens!

A comunidade anglicana está dividida quanto a essa questão. Certos segmentos do movimento carismático têm incluído a ordenação de mulheres como *pastoras,* tal como o fazem algumas denominações protestantes de tendências liberais. Os argumentos em favor da ordenação de mulheres têm apelos bíblicos (conforme vimos acima, embora longe de serem convincentes), humanitários, lógicos (ou racionais) e práticos. No âmago da questão oculta-se o pensamento e o sentimento que as sociedades antigas oprimiam a mulher, e que isso foi herdado pela teologia do Novo Testamento. E assim, segundo os tais, uma era mais iluminada como é a nossa, não precisa fechar-se dentro de atitudes antigas e ultrapassadas. Outrossim, ainda de acordo com a sensação deles, não são as mulheres que exibem uma espiritualidade e uma moralidade mais espontânea que os homens? Portanto, deveríamos encorajá-las, conferindo-lhes posições oficiais no ministério da Igreja!

MULHER ETÍOPE

Zípora, esposa de Moisés, é chamada de «mulher etíope», em Núm. 12:1. Todavia, em Êxo. 2:21 ela é mencionada como filha de um midianita. Nesta última passagem, a referência mais provável é à Etiópia da Arábia. Entretanto, alguns estudiosos preferem pensar que há ali alusão a uma segunda esposa de Moisés, com quem ele se teria casado, após a morte de Zípora (que vede). Nesse caso, a mulher seria, realmente, da raça negra. Pode-se observar, ao longo da história bíblica dos descendentes de Abraão, que eles misturavam-se em casamento com muito maior freqüência com os camitas do que com os jafetitas, mesmo porque estavam cercados por povos camitas por vários lados.

MULHER FEITA DE COSTELA

Somente duas referências bíblicas contêm a palavra *costela.* A primeira se relaciona com a história da criação, (Gên. 2:21) e a outra com o *urso* da visão de Daniel (7:5) que representa o império medo-persa, um dos cinco impérios universais daquela visão. As três costelas que o urso tem entre os dentes significam o poder que ele tem para destruir.

Na história da criação. Deus é representado como tirando uma costela de Adão para fazer Eva. Os intérpretes não concordam sobre este item e dizem. 1. A história é *mitológica,* utilizando elementos do ambiente cultural do tempo. 2. A história é *literal.* Deus realmente fez isto. 3. A história é *simbólica,* a costela simboliza a posição secundária e dependente da mulher em relação ao homem, e a íntima comunhão dos dois, sendo *uma só carne.* Eva também simboliza a Igreja, que se deriva de Cristo, e compartilha a natureza dele (II Ped. 1:4, Rom. 8:29).

MUNDO

Quanto a este verbete, estudaremos acerca de quatro termos hebraicos principais e três vocábulos gregos, envolvidos, a saber:

1. *Erets,* «terra». Como é claro, esse vocábulo hebraico é extremamente comum, mas, com o sentido claro de mundo, podemos encontrá-lo por quatro vezes, em Sal. 22:27; Isa. 23:17; 62:11; Jer. 25:26. Citemos a primeira dessas passagens: «Lembrar-se-ão do Senhor e a ele se converterão os confins da terra; perante ele se prostrarão todas as famílias das nações».

2. *Tebel,* «terra habitável», «terra produtiva». Esse termo hebraico aparece por trinta e seis vezes nas páginas da Bíblia, conforme se vê, para exemplificar, em I Sam. 2:8; II Sam. 22:16; I Crô. 16:30; Jó 18:18; Sal. 9:8; 18:15; 98:7,9; Pro. 8:26,31; Isa. 13:11; 14:17,21; 34:1; Jer. 10.12; Lam. 4:12; Naum 1:5. Esse vocábulo hebraico corresponde ao termo grego *oikouméne,* do Novo Testamento (ver abaixo).

3. *Cheled,* «era», «período de vida». Palavra hebraica usada por cinco vezes: Sal. 17:14; 39:5; 49:1; 89:47; Jó 11:17.

4. *Olam,* «período indefinido». Com o sentido de «mundo», porém, só ocorre por duas vezes, embora seja mais comum do que isso no Antigo Testamento: Sal. 73:12 e Ecl. 3:11, Diz esta última passagem, em nossa versão portuguesa: «Tudo fez Deus formoso no seu devido tempo; também pôs a eternidade no coração do homem...», onde a palavra «eternidade» corresponde ao termo hebraico *olam.*

5. *Kósmos,* «mundo organizado». É palavra grega muito comum no Novo Testamento, onde ocorre por nada menos de cento e oitenta e duas vezes: Mat. 4:8; 5:14; 13:35 (citando Sal. 78:2); 13:38 etc.; Mar. 8:36; 14:9; 16:15; Luc. 9:25; 11:50; 12:30; João 1:9,10,29; 3:16,17,19; 4:42; 6:14,33,51; etc.; Atos 17:24; Rom. 1:8,20; 3:6,19; 4:13; 5:12,13; 11:12,15; I Cor. 1:20,21,27,28; 2:12; 3:19,22; 4:9,13; 5:10 etc.; II Cor. 1:12; 5:19,7,10; Gál. 4:3; 6:14; Efé. 1:4; 2:2,12; Fil. 2:15; Col. 1:6; 2:8,20; I Tim. 1:15; 3:16; 6:7; Heb. 4:3; 9:26; 10:5; 11:6,38; Tia. 1:27; 2:5; 3:6; 4:4; I Ped. 1:20; 3:3; 5:9; II Ped. 1:4; 2:5,20; 3:6; I João 2:2,15-17; 3:1; 3:17; 4:1,3-5,9,14,17; 5:4,5,19; II João 7; Apo. 11:15; 13:8 e 17:8.

6. *Aión,* «mundo derivado». Vocábulo grego que figura por cento e quatro vezes no Novo Testamento: Mat. 6:13; 12:32; 13:22,39,40,49 etc., Mar. 3:29; 4:19; 10:30; 11:14; Luc. 1:33,55,70; 16:8; 18:30; 20:34,35; João 4:14; 6:51,58; 8:35,51,52, etc.; Atos 3:21; 15:18; Rom. 1:25; 9:5; 11:36; 12:2; 6:27; I Cor. 1:20; 2:6-8; 3:18; 8:13; 10:11; II Cor. 4:4; 9:9 (citando Sal. 112:9); 11:31; Gál. 1:4,5; Éfé. 1:21; 2:2,7; 3:9,11,21; Fil. 4:20; Col. 1:26; I Tim. 1:17; 6:17; II Tim. 4:10,18; Tito 2:12; Heb. 1:2,8 (citando Sal. 45:7), 5:6 (citando Sal. 110:4); 6:5,20; 7:17,21,24,28 etc.; I Ped. 1:25 (citando Isa. 40:8); 4:11; 5:11; II Ped. 3:18; I João 2:17; II João 2; Apo. 1:6,18; 4:9,10; 5:13 etc.

7. *Oikouméne,* «mundo habitado». Vocábulo grego que foi usado por quinze vezes pelos escritores do Novo Testamento, a saber: Mat. 24:14; Luc. 2:1; 4:5; 21:26; Atos 11:28; 17:6,31; 19:27; 24:5; Rom. 10:18 (citando Sal. 19:5); Heb. 1:6; 2:5; Apo. 3:10; 12:9; 16:14. Indicava os lugares que têm sido ocupados efetivamente pelos homens, à face da terra, e, por conseqüência, em sentido secundário, o mundo civilizado.

8. *Mundo - Sumário de Usos*

As Palavras Gregas e seus Significados Diversos

kosmos:

1. O mundo ou mundos físicos, o universo ou universos, coletivamente. Ver João 17:5; 21:25; Rom. 1:20 e Efé. 1:4.

2. A *ordem* de coisas na qual o homem aparece como centro. Ver Mat.13:38; Marc. 16:15; Luc. 9:25; João 16:21; Efé. 2:12 e I Tim. 6:7.

3. A *humanidade,* como parte integrante dessa ordem. Ver Mat. 18:7; II Ped. 2:5; 3:6 e Rom. 3:19.

4. O mundo ou *ordem de coisas* em *alienação* de Deus, manifestada pela raça humana. Ver João 1:10; 12:31; 15:18,19; I Cor. 1:21 e I João 2:15.

aion:

1. Um *tempo* extremamente longo, a eternidade tanto a passada como a futura. Ver Jos. *Guerras,* 1.12; Gên. 6:4 (LXX) e Atos 15:8.

2. A era *presente,* simplesmente como uma idéia *temporal,* embora, por extensão, também indique o *estado de coisas* que caracteriza a época presente *ou* qualquer outra época da história. O «estado de coisas» que assinala o período de tempo ou as condições que prevalecem durante determinada época, dando a entender o *caráter geral* dessa época. Ver Mat. 13:22 e Rom. 12:2.

3. O *mundo material,* conforme se vê em Heb. 1:2.

4. As condições naturais do homem o *mundo e seu caráter.* Assim é que esse vocábulo é utilizado em I Cor. 1:20, onde encontramos a menção da «sabedoria do mundo».

5. Algumas vezes, essa palavra é utilizada pare referir-se à *era vindoura,* no sentido do «período messiânico», quando se instaurará o governo messiânico à face da terra. Ver Jos. *Antiq.* 18.287; Marc. 10:30; Luc. 18:30 e II Clemente 19:4.

6. O mundo, como um *conceito espacial.* Ver Sabedoria de Salomão 13:9; 14:6 e 18:4.

7. Há, finalmente, um uso *pessoal,* em que a palavra *aion* aparece como um *ser* espiritual, ou mesmo como uma era vista em sentido *pessoal.* Ver Efé. 3:9 e talvez também Col. 1:26 e Efé. 2:2, além de *Mesomedes* 1,17.

A *era presente* é uma expressão que indica um tempo que se caracteriza por uma série de condições, qualidades, costumes, padrões morais e espirituais, degradações, estados maléficos etc., que não estão de acordo com a *idéia divina* de bondade e moralidade, e quando muito, são valores espirituais bem inferiores. Ora, a *era presente* pode ser uma poderosa influência negativa sobre os crentes, de tal modo que eles sejam meramente produtos de seu ambiente, totalmente parecidos e conformados aos que não se dizem convertidos ou *regenerados,* que nem pensam em serem transformados segundo a imagem de Cristo. Essa conformação com a era presente se tornou tão comum entre os crentes que quase não se pode mais estabelecer a distinção entre a igreja cristã e o mundo. A igreja exibe suas modas mundanas no vestuário, na música, nos maneirismos, nos padrões morais, nas ambições, nos alvos e nos costumes diários. Paulo, quando escreveu Romanos 12:1,2, queria que os membros da igreja se tornassem cidadãos autênticos daquela *outra era,* daquele outro mundo, que existe acima do nosso.

Esboço:

I. O Mundo no Antigo Testamento
- A. Uso
- B. Criação
- C. O Mundo

II. Idéias Gregas sobre o Cosmos
- A. Conceito Fundamental
- B. Em Platão e Aristóteles
- C. Entre os Estóicos
- D. O Mundo Habitado
- E. Nos Escritos de Filo

III. O Mundo no Novo Testamento
- A. Oikouméne
- B. Aion
- C. Kosmos

I. O Mundo no Antigo Testamento

A. *Uso.* Antes de tudo, devemos notar que o hebraico bíblico não dispunha de qualquer vocábulo para denotar a idéia de «universo», no pleno sentido moderno do termo. Antes, para indicar essa idéia, aparecem no Antigo Testamento expressões familiares como «os céus e a terra» (Gên. 1:1), «os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há» (Êxo. 20:11), etc. Nos escritos dos profetas também encontramos palavras como «todas as cousas» (Isa. 44:24 e Jer. 10;16). Também encontramos uma expressão como «tudo quanto sucede debaixo do céu» (Ecl. 1:13), para indicar o mundo. As palavras hebraicas traduzidas em nossa versão portuguesa por «mundo» têm um sentido restritivo, ou espacialmente faiando (a terra e os seus habitantes), ou temporalmente falando (a duração das coisas, alguma era ou período de tempo).

B. *Criação.* Mas, embora o hebraico não conte, na Bíblia, com um vocábulo para indicar «universo», ainda assim o Antigo Testamento exprime plenamente a idéia da unidade de todas as coisas. Essa idéia gira em torno da doutrina bíblica da criação (cf. Gên. 1:1). Foi Deus quem criou todas as coisas. Todas as coisas são, igualmente, obra de suas mãos. Um único planejamento jaz por detrás de tudo. O grande e único propósito divino dirige o curso que deve ser seguido por todas as coisas criadas e por todas as criaturas, estas últimas, até o seu destino. Deus governa igualmente a todas as coisas, na natureza e na história (ver Isa. 40 *ss).* Portanto, do ponto de vista da Bíblia, o mundo não constitui uma unidade autônoma, capaz de dirigir-se por si mesma. Apesar de sua tremenda diversidade, o mundo constitui uma unidade, devido à sua origem divina e por estar sujeito a esse planejamento global de Deus.

C. *O Mundo.* Dentro da criação, segundo a concepção da Bíblia, o globo terrestre ocupa um lugar proeminente, mormente na terra em distinção ao mar (ver Gên. 1:10). No entanto, a terra reveste-se, assim, de grande importância, primariamente em função de seus habitantes, as nações ou povos. «Chegai-vos, nações, para ouvir, e vós, povos, escutai; ouça a terra e a sua plenitude, o mundo e tudo quanto produz. Porque a indignação do Senhor está contra todas as nações, e o seu furor contra todo o exército delas...» (Isa. 34:1,2). «Porque assim diz o Senhor que criou os céus, o único Deus, que formou a terra, que a fez e a estabeleceu; que não a fez para ser um caos, mas para ser habitada...» (Isa. 45:18).

Visto que Deus é o Criador e o Dirigente do universo inteiro, por isso mesmo ele desempenha um papel todo especial no tocante ao homem e em conseqüência, ao mundo habitado. A natureza histórica da vida humana, bem como dos relacionamentos de Deus com os homens, parecem ser fatores que provêem um elo entre o conceito do mundo e o conceito de duração ou período de tempo. Assim, é durante a sua permanência neste mundo, caracterizado pelo espaço e pelo tempo, que o homem se vê capaz de experimentar os atos divinos da providência, do julgamento e da graça.

II. Idéias Gregas sobre o Cosmos

A. *Conceito Fundamental.* Em contraste com as idéias expostas no Antigo Testamento, os gregos tinham um senso altamente desenvolvido do universo como uma única entidade, inteiramente à parte de qualquer consideração relativa ao Criador. Isso fica implícito no vocábulo grego *kósmos,* que tem as significações básicas de estrutura bem organizada, de ordem entre os homens, de boa ordem em geral, e, finalmente, de adorno. Esses sentidos fazem parte do conceito do mundo como uma estrutura bem ordenada, bela e harmônica. E, nos primeiros dias da filosofia grega predominava o pensamento de organização ou sistema, como algo que mantivesse o mundo unificado. Mas, em algum ponto da história, não mais tarde do que o século VI A.C., essa palavra grega veio a ser usada para indicar a totalidade das coisas unificadas por essa boa ordem, a saber, o *kósmos* no sentido de «universo». De acordo com Heráclito, nesse sentido o universo seria eterno, sem começo e sem-fim. E, quanto a essa particularidade, é interessante observar que até mesmo os pensadores gregos que sugeriram que o universo teve come-

ço, sempre aceitaram a eternidade da matéria. Para eles, o único começo foi o da boa forma, da boa ordem, da organização da matéria. Como é evidente, isso não concorda com os ensinamentos bíblicos, para os quais a matéria teve começo, mesmo porque somente Deus é eterno. «Em tempos remotos lançaste os fundamentos da terra; e os céus são obras das tuas mãos...» (Sal. 102:25).

B. *Em Platão e Aristóteles.* Platão aceitava sem discussão a idéia de um cosmos integrado, com base em uma ordem ou organização universal. Nesse sentido, o cosmos poderia ser descrito como um corpo dotado de alma, como se fosse até uma criatura racional. Seria uma manifestação especial da idéia divina, um reflexo perceptível do eterno. Na famosa passagem do diálogo de Timeu (28 *ss),* Platão chegou mesmo a conceber a criação do mundo por parte de um *theós ou demiourgos,* um ser intermediário entre a Idéia e o mundo da matéria. E isso teria ocorrido de conformidade com a Idéia perfeita. Contudo, cumpre-nos ressaltar que Platão, embora concebesse uma demonstração cosmológica de Deus, na verdade não acreditava em um Deus criador. A função do demiurgo teria sido, simplesmente, a de dar forma a um cosmos sem forma. E ele também manuseou a idéia, já presente, no chamado cosmos noético. No máximo, Deus consistiria somente na idéia mais elevada a respeito do cosmos. O próprio cosmos criado também poderia ser denominado de «Deus». Teríamos aí a noção do *theós aisthétos,* ou seja, um Deus que pode ser apreendido pelos sentidos humanos.

Essa modesta abordagem à idéia de Deus, da parte de Platão, foi abandonada por Aristóteles, que aceitava a eternidade do mundo e considerava Deus, não como o arquiteto do mundo, mas apenas como mente ou forma pura. Por outro lado, o gnosticismo (vide) desenvolveu a distinção entre o mundo noético e o mundo estético, formando um franco dualismo, dentro do qual o mundo material, criado por um demiurgo inferior, aparece como a prisão da alma. E a redenção, por sua vez, consistiria em ser libertado dessa prisão, com o conseqüente retorno à mente pura, ou seja, ao verdadeiro Deus.

C. *Entre os Estóicos.* O estoicismo, à semelhança do platonismo, também tinha a sua própria doutrina da gênese do universo. Não obstante, concebia essa doutrina como uma eterna repetição, um processo de constante tornar-se e dissolver-se. Por conseguinte, para os estóicos não houve verdadeiro começo da criação e nem haverá destruição final do cosmos presente. Outrossim, seus mentores pensavam que não há qualquer necessidade de concebermos um arquiteto do mundo. Deus, para eles, era, tão-somente, a alma do mundo, que permearia o cosmos inteiro, a razão (ou *lógos)* que governa o mesmo. Efetivamente, tão panteísta é a compreensão dos estóicos que se poderia estabelecer uma equação direta entre Deus e o mundo. E o homem, por ser parte integrante da alma do mundo, também faria parte de Deus. Destarte, os filósofos estóicos confundiam a criatura com o Criador e por isso mesmo, estavam entre aqueles acerca de quem escreveu o apóstolo Paulo: «...mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura, em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente. Amém» (Rom. 1:25).

D. *O Mundo Habitado.* Visto que a terra faz parte do cosmos, por isso mesmo o vocábulo grego *kósmos* podia ser utilizado para indicar a terra, como algo distinto do céu, por uma narte, e dos mundos infernais, por outra parte. Daí bastou mais um passo a fim de que essa palavra passasse a ser usada pelos gregos para indicar as criaturas humanas que habitam este globo terrestre; e mais um degrau nessa evolução semântica produziu a noção especial da raça humana, da «humanidade». De fato, no vocabulário do Novo Testamento grego *koiné* (vide), a palavra *kósmos* também é empregada com o sentido de «pessoas» de «todo o mundo». Ver, por exemplo, I João 4:4: «...maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo (no grego, *kósmos)».*

E. *Nos Escritos de Filo.* Uma ponte de ligação entre a posição grega sobre o *kósmos* e aquilo que o Antigo Testamento ensina a respeito do mundo, pode ser encontrada nos escritos de Filo, escritor filosófico judeu, do século I D.C., que atuou em Alexandria, no Egito. Filo, que usou consideravelmente o vocábulo *kósmos,* distinguia, à moda dos filósofos platônicos, entre o cosmos noético e o cosmos estético. Com base no primeiro capítulo de Gênesis, ele argumentava que Deus criou, primeiramente, o mundo das idéias, mundo esse que serviu de protótipo do mundo material. Para ele, o universo é caracterizado pela boa ordem e pela beleza. Não obstante, ele se redimiu um tanto, ao dizer que o mundo está debaixo da transcendência de Deus. Deus, como pai e arquiteto, é quem foi o criador do mundo. E Deus teria feito isso por intermédio do *lógos,* que Filo concebia, acertadamente, como o mediador entre Deus e o mundo. Dessa maneira, em Filo vemos a combinação das idéias platônicas o estóicas com os ensinamentos fundamentais do Antigo Testamento, no sentido de que o universo é criação de Deus. A despeito disso, nota-se uma certa falta de precisão no pensamento e na linguagem usados por Filo, que deixa os estudiosos em dúvidas quanto a se ele estava falando de uma real criação do mundo, por parte de Deus, ou apenas da organização da matéria destituída de forma, conforme pensavam tantos filósofos gregos. Todavia, ele procurou sempre evitar qualquer identificação entre Deus e o mundo, ou seja, ele repelia o panteísmo (vide). Quanto a esse particular, pelo menos, Filo conservou-se fiel à sua herança judaica, sem dúvida alguma. De fato, sempre será problemático para os homens, ao traçarem a doutrina das relações entre Deus e a sua criação, manterem-se no ponto de equilíbrio entre a imanência e a transcêndencia de Deus. Ver os artigos sobre a *Imanência* e sobre a *Transcendência de Deus.* Uma imanência exagerada leva ao *panteísmo,* e uma transcendência exagerada leva ao *Deísmo.* Ver sobre o *Panteísmo* e sobre o *Deísmo.* Examinar o meio-termo razoável, na filosofia e na teologia, o *Teísmo.*

III. O Mundo no Novo Testamento

Faremos esse exame acompanhando três vocábulos-chaves do Novo Testamento grego, a saber, *oikouméne, aion* e *kosmos.*

A. Oikouméne

Esse vocábulo grego, que assumiu ares de suprema importância dentro do movimento ecumênico moderno, reveste-se de pouca importância teológica nas páginas do Novo Testamento. Derivado do termo grego *oĩkos,* «casa», trata-se de um particípio usado como substantivo (fenômeno gramatical comum no grego *koiné).* Desde o principio indicava o mundo habitado. Ver a lista, acima, de palavras gregas, nº 7. Embora seu sentido original fosse de natureza geográfica, não tardou muito para evoluir para sentidos religiosos, culturais e políticos, de tal modo que o *oikouméne* tornou-se sinônimo do mundo civilizado (helênico), ou, então, após as conquistas militares de Roma, do império romano como uma unidade política e cultural.

Usada na Septuaginta, nos escritos de Filo e nos escritos rabínicos, como palavra tomada por empréstimo do grego, o termo *oikouméne* aparece por quinze vezes nas páginas do Novo Testamento, nos evangelhos, no livro de Atos, nas epístolas e no Apocalipse. Na predição de Jesus, em Mateus 24:14, a alusão é às partes habitadas do globo terrestre, onde essa palavra empresta uma certa solenidade à frase dita pelo Senhor Jesus. Entretanto, em Lucas 2:1 parece estar em pauta o império romano, embora Lucas também use essa palavra como alusiva ao mundo habitado (ver Luc. 4:5; 21:26; Atos 11:28 e 17:31). Que *oikouméne* e *kosmos* podiam ser usados como puros sinônimos vê-se no fato de que no paralelo de Lucas 4:5; que é Mateus 4:8, é usado o termo grego *kosmos.*

É digno de atenção que o apóstolo dos gentios emprega o termo *oikouméne* somente na citação que se vê em Rom. 10:18 (onde ele cita Salmos 19:5, segundo a Septuaginta). Por sua vez, na epístola aos Hebreus, o sentido dessa palavra é, novamente, como é comum no Novo Testamento, «o mundo habitado», segundo se vê em Hebreus 1:6. Mas, o emprego dessa mesma palavra grega, em Hebreus 2:5, traz mais o sentido que cabe a *aion ou kosmos.* Lê-se ali: «Pois não foi a anjos que sujeitou o mundo que há de vir...» A antiga tradição da literatura apocalíptica talvez esteja por detrás tanto desse último uso na epístola aos Hebreus quanto das três instâncias da palavra,

em Apocalipse: 3:10; 12:9 e 16:14. Diz a primeira dessas passagens: «Porque guardaste a palavra da minha perseverança, também eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro...» Entretanto, de modo geral, o Novo Testamento não empresta qualquer significação particular ao termo. Porquanto tanto o emprega para indicar a terra habitada em geral, como para indicar a unidade político-cultural constituída pelo império romano, dentro do qual surgiu o cristianismo.

B. Aion

1. *Significado Básico.* Essa palavra, teologicamente falando, reveste-se de muito maior importância do que *oikouméne.* Basicamente, refere-se a uma noção temporal, e não tanto espacial. Nos tempos de Homero, esse termo significava *forma vital.* Daí evoluiu semanticamente, de modo muito rápido, para indicar «período de vida», «geração», «espaço de tempo», e isso com uma referência passada, presente ou futura, até que, finalmente, velo a indicar «eternidade». Desempenhou um considerável papel dentro das discussões dos filósofos gregos acerca do elemento «tempo»; e, no período helenista, chegou a ser personificado como o deus *Aeon.* Sua forma adjetivada, *aiónios,* aparece ligado tanto à salvação quanto à condenação. Assim, no tocante à salvação, poderíamos examinar João 3:16, onde se lê: «Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna (no grego, *aiónios)».* E, quanto à perdição: «...melhor é entrares na vida manco ou aleijado do que, tendo duas mãos ou dois pés, seres lançado no fogo eterno (no grego, *aiónios)».* Aliás, esse é, provavelmente, o argumento mais definitivo daqueles que acreditam na eternidade do inferno e do castigo dos que ali serão lançados, como é o caso deste tradutor e co-autor. Só poderíamos aceitar uma condenação provisória na Geena de fogo se a permanência no céu, por parte das almas salvas, também fosse provisória! Todavia, reconhecemos que outros estudiosos têm visto as coisas de modo diferente, como se o adjetivo *aiónios* significasse, ao mesmo tempo, «eterno» e «provisório».

Nota do outro autor desta enciclopédia

É verdade que a palavra envolvida tem o significado explicado, mas devemos nos lembrar que a *Descida de Cristo ao Hades* (vide) abriu uma nova perspectiva em relação aos perdidos, ver I Ped. 3:18-4:6. Cristo levou seu evangelho para o próprio lugar do julgamento e garantiu, com esta missão infernal, uma aplicação *universal* do evangelho. Além disto, o *Mistério da Vontade de Deus* (vide), Efé. 1:9,10, garante uma restauração final, de todas as coisas, que operará na redenção dos eleitos e na restauração dos não-eleitos. Ver o artigo sobre *Restauração.* Devemos nos lembrar também que parte do Novo Testamento (nesta mensagem otimista) ultrapassa a velha doutrina do julgamento que o cristianismo emprestou dos livros pseudepígrafos. Finalmente, devemos nos lembrar que o *próprio julgamento* é *remedial,* e não somente punitivo, I Ped. 4:6. Isto quer dizer que o julgamento é *um dos meios* de Deus, através dos quais, seu amor redentor opera. Portanto, o resultado *final,* que opera através das *eras* da eternidade, deve ser altamente *positivo.* Nisto existe o famoso amor de Deus.

O sentido temporal do vocábulo *aion* também é preservado nas páginas do Novo Testamento, em várias frases usadas para indicar a eternidade. Por exemplo: «...segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo, conforme a revelação do mistério guardado em silêncio nos tempos eternos» (Rom. 16:25). Por semelhante modo, esse adjetivo é usado no Novo Testamento para denotar a idéia da eternidade de Deus. «...a revelação do mistério, guardado em silêncio nos tempos eternos, e que agora se tornou manifesto, e foi dado a conhecer por melo das Escrituras proféticas, segundo o mandamento do Deus eterno...» (Rom. 16:25,26). Em I Timóteo 1:17, Deus aparece como o «...Rei eterno, imortal, invisível, Deus único ...» Com base nos ensinos veterotestamentários, uma declaração como essa não parece indicar que Deus existe tanto quanto os *aiones, e,* sim, que ele existe tanto antes quanto depois de todos os tempos ou de todo o tempo, ou seja, Deus vive na eternidade. E uma característica importantíssima do Novo Testamento é que assertivas similares são feitas no tocante a Jesus Cristo, dando a entender tanto a sua preexistência quanto a sua deidade essencial.

2. *Aion com o sentido de Mundo.* Como é que uma palavra que dava uma indicação de tempo, veio a ser usada para indicar este mundo? A resposta parece jazer no uso do vocábulo *aion* para designar o tempo que se passa neste mundo, isto é, aquele tempo limitado pela criação e pelo fim do mundo. Assim, conforme comentou um certo intérprete, nas Escrituras, a mesma palavra é utilizada para indicar duas coisas que são, na realidade, profundamente antitéticas, a saber, a eternidade de Deus e a duração do mundo. E é possível, ajuntamos nós, que essa seja a razão pela qual alguns pensam que *aiónios* pode significar algo menos do que «eterno». Em Mateus 13:39, o fim do presente *aion,* sem dúvida aponta para o fim do tempo, neste nosso mundo. E mesmo se considerarmos o plural, conforme se vê em Hebreus 9:12 e I Coríntios 10:11, essa palavra continua revestida do mesmo sentido, embora haja então a sugestão de que o tempo deste mundo compõe-se de dois ou mais períodos sucessivos.

Entretanto, se o vocábulo **aion** aponta para o tempo que se escoa **neste mundo**, e, então, equiparar a ordem do mundo com o mundo. No hebraico dos fins do Antigo Testamento já se fizera isso, sendo apenas natural encontrar o mesmo uso gramatical no Novo Testamento. As instâncias mais claras dessa equiparação aparecem no longo trecho de I Coríntios 1-3, onde podemos encontrar, como equivalentes «sabedoria do *Kosmos»,* «sabedoria deste *aion»,* «sabedoria deste *kosmos», e,* em Marcos 4:19 e Mateus 13:22, onde os cuidados deste *aion,* sem a menor sombra de dúvida, significam os negócios deste mundo (cf. *kosmos* em I Cor. 7:33). O amor que Demas demonstrou pelo *aion* presente (II Tim. 4:10), parece apontar para um entendimento semelhante dessa palavra, e os *aiõnes* que aparecem em Hebreus 1:2, sem dúvida, são mundos ou esferas, e não épocas diferentes.

3. *Os Dois Aiõnes.* Conforme já pudemos salientar, o plural, *aiõnes,* embora, com freqüência, equivalente à sua forma singular, também pode sugerir mais de um período de tempo, em sucessão. Pode-se chegar a essa compreensão de várias maneiras. A recorrência eterna, por exemplo, postula uma série infinita de *aiones.* Todavia, o ponto de vista da Bíblia é incompatível com uma sucessiva escala de *aiõnes,* assim concebida. Antes, de acordo com as Escrituras, o mundo teve começo e terá fim. No entanto, de acordo com a Bíblia, houve uma interrupção no mundo, através do pecado. E isso significa que o quadro apresentado pela Bíblia assume outros aspectos, que não meramente um começo e um fim. Assim, examinando as Escrituras poderíamos sumariar os grandes *aiones* como a criação, a queda no pecado, a destruição da terra, a nova criação e a consumação de todas as coisas. Portanto, os dois *aiones* do Novo Testamento, que sumariam toda essa seqüência, isto é, o começo e o fim do mundo, envolvem todos esses segmentos principais.

O pano de fundo dessa doutrina, todavia, não é grego e sim, incontestavelmente judaico. Pois nos escritos apocalípticos dos judeus, de tempos posteriores, há constantes referências aos dois *aiõnes,* tanto de natureza espacial quanto de natureza temporal. Cf. o Enoque etíope. Esses *aiones* são o tempo deste mundo, por um lado, e a eternidade, por outro lado, com uma antítese acompanhante entre o presente mundo visível, por um lado, e o futuro mundo invisível, por outro. E entre esses *aiõnes* encontram-se a ressurreição dos salvos, a ressurreição dos perdidos e o juízo final. Ao que tudo leva a crer, os rabinos seguiam esse mesmo esquema, porquanto há exemplos (em sua maioria da época pós-cristã) da *distinção que eles faziam entre o presente aîon* e o aîon vindouro.

Nas páginas do Novo Testamento, o contraste ocorre nos evangelhos **sinópticos**. Assim, o trecho de Marcos 10:30 distingue o tempo presente do *aîon* futuro. Lucas 16:8 é passagem que contrasta os filhos deste *aîon* com os filhos da luz (cf. Luc. 30:34,35, onde

também há uma alusão à ressurreição). E o trecho de Mateus 12:32 ensina que o pecado contra o Espírito Santo não pode ser perdoado nem neste *aîon* e nem no futuro. E ainda quando o presente *aîon* não é expressamente descrito como pecaminoso, ainda assim a sua pecaminosidade parece ser uma implicação bem clara, em algumas dessas passagens do Novo Testamento.

O apóstolo Paulo só se referiu expressamente ao *aîon* vindouro na sua epístola aos Efésios. Não obstante, suas muitas alusões ao presente *aîon*, não deixam dúvida alguma de que ele fazia contraste com um *aîon* futuro. Exemplificamos com uma citação, a de Rom. 12:2: «E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente...» (ver também I Cor. 1:20; 2:6,8; 3:18 e II Cor. 4:4). E esse apóstolo também deixou cristalinamente claro que o *aîon* presente é mau. «...e do nosso Senhor Jesus Cristo, o qual se entregou a si mesmo pelos nossos pecados, para nos desarraigar deste mundo perverso...» (Gál. 1:3b,4a). Isso deixa esclarecido por que a doutrina bíblica da criação admite uma doutrina de dois *aiônes.* O presente *aîon*, que está em estado de revolta contra Deus, haverá de ser substituído pelo futuro *aîon* da salvação e do pleno cumprimento de todas as potencialidades dos filhos de Deus.

A epístola aos Hebreus contém apenas uma referência direta ao *aîon* futuro. «...aqueles que... provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro» (Heb. 6:5). No entanto, essa única referência é importantíssima, porquanto ensina-nos que agora mesmo, neste mundo, os crentes já tiveram uma prova dos poderes do futuro *aîon.* Assim sendo, isso permite-nos concluir que enquanto os escritos apocalípticos dos judeus ainda estavam esperando a manifestação do *aîon* futuro, a mensagem cristã anuncia que esse futuro *aion* já se manifestou, na pessoa de Jesus Cristo, de tal modo que aqueles que estão «em Cristo», também estão, em espírito, embora ainda não na carne, vivendo novo *aîon.* Conforme estamos dizendo, isso ainda não é uma escatologia cumprida. Pois, somente por ocasião do segundo advento de Cristo, com a conseqüente ressurreição dos crentes falecidos e da transformação dos crentes vivos, é que este presente *aîon* chegará ao fim, e o novo *aîon*, realmente, manifestar-se-á.

A co-existência do antigo *aîon* com o novo *aîon*, na vida dos crentes, serve de salutar advertência de que essa palavra grega não significa, meramente, «mundo». Ao mesmo tempo, é mister saber não fazer uma distinção por demais drástica, pois, por enquanto esses dois *aiônes* convivem lado a lado, havendo muitos inter-relacionamentos. Além disso, as Escrituras falam sobre um novo céu e uma nova terra. Por conseguinte, no novo *aîon* será conservada a relação entre o tempo e o espaço, embora, por enquanto, estando nós ainda na carne, a natureza da nova criação esteja fora do alcance do nosso entendimento. Pois mesmo quando surgir em cena o novo *aîon,* restará algo do antigo. Porquanto o novo *aion* envolverá a renovação dos céus e da terra. «Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe» (Apo. 21:1).

C. Kosmos

1. *Uso.* Se o termo grego *aion* envolve tantas idéias importantes, conforme acabamos de ver, talvez o vocábulo *kosmos* seja o mais significativo de todos os três termos que o Novo Testamento usa para referir-se ao «mundo». Na Septuaginta, essa palavra foi usada para indicar os «exércitos» do céu (ver Gên. 2:1), e também para aludir a «adorno» (Êxo. 33:5), porquanto devemos lembrar-nos que temos aí as ideias de organização e de enfeite, que faziam parte do significado dessa palavra. E somente nos livros gregos profanos é que esse vocábulo veio a tornar-se proeminente para indicar o universo criado e governado por Deus. Além disso, era empregado para indicar o mundo dos homens, a humanidade. O judaísmo helenista, com grande probabilidade, adotou esse termo, em vez dos termos mais antigos, embora não como um conceito filosófico, e, sim, como uma palavra de uso corrente. E foi assim que tal palavra chegou até a penetrar no vocabulário usado pela liturgia judaica.

Conforme já vimos, esse vocábulo grego ocorre por cento e oitenta e duas vezes (ver acima, na lista de palavras hebraicas e gregas, no começo deste artigo, sob o número 5). Na Bíblia, entretanto, jamais tem o sentido de «ordem», e somente em I Pedro 3:3, podemos ver nessa palavra grega um sentido de «beleza» ou «adorno». Em todas as demais passagens bíblicas, o seu sentido é sempre «mundo». Cerca de metade daquelas cento e oitenta e duas referências acham-se nos escritos joaninos, especialmente no quarto evangelho. Esse vocábulo também é bastante comum nos escritos paulinos, apesar de ser um tanto raro nos evangelhos sinópticos e no livro de Atos. O uso que Jesus fez da expressão «céu e terra» explica a raridade dessa palavra grega nos evangelhos sinópticos. Por outra parte, nas epístolas e no Apocalipse, esse termo parece projetar-se em clara relação de importância teológica.

2. *Universo.* Tanto no Novo Testamento quanto nos escritos seculares da antiguidade, o *kosmos* aparece, primariamente, como o sumário de todas as coisas, o universo, enfim. Lemos em Atos 17:24: «O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo ele Senhor ao céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas». Nesse sentido, a palavra em foco é equivalente às expressões «céus e terra» ou «todas as coisas» (cf. João 1:3,10). Mas, outras vezes, o *kosmos* aponta apenas para o espaço, com uma possível distinção daquilo que enche esse espaço, mas, na maioria dos seus usos, representa a totalidade das coisas que foram criadas.

3. *O Kosmos Transitório.* A conexão fundamental entre o espaço e o tempo se reflete no pressuposto neotestamentário de que o *kosmos* foi criado para ter uma duração limitada. Assim, o *kosmos* ocupa um *aion.* Note o leitor essa combinação das palavras que já temos estudado, em Efésios 2:2: «...nos quais andastes outrora, segundo o curso (no grego, *aîon*) deste mundo (no grego, *kosmos*)...» Esse curso ou *aîon*, pois, ocupa o tempo que haverá de escoar-se entre a criação do mundo e o seu final. Que o mundo teve começo, Jesus confirmou em Mateus 24:21, onde se lê: «...nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido...» Ver também Heb. 4:3. E, com essa passagem de Mateus, poderíamos vincular uma outra, também encontrada nesse primeiro evangelho, que alude ao fim do presente *aion*: «Pois, assim como o joio é colhido e lançado ao fogo, assim será na consumação do século (no grego, *aîon*)» (Mat. 13:40). Isso mostra-nos que se o *Kosmos* é assinalado por sua grande duração, tudo quanto nele existe é caracterizado por sua transitoriedade. «Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente» (I João 2:17; cf. I Cor. 7:31).

Esses ensinamentos bíblicos, que acabamos de considerar, mostram-nos que o *kosmos* é posto em uma antítese escatológica com o futuro *aion.* E essa mesma antítese é expressa pelo apóstolo João, quando ele fala sobre a vinda de Cristo a este mundo. «... a verdadeira luz que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem» (João 1:9), e que o contexto deixa claro que a referência é ao Verbo de Deus.

Um ponto importante a ser observado, nessa conexão, é que o **Novo Testamento** nunca fala sobre um novo *kosmos*, ainda futuro. Antes, um *aion* haverá de manifestar-se, o que será uma nova criação. Mas não haverá nenhum novo *kosmos.* Falaremos acerca da razão para isso, um pouco mais adiante.

O próprio Deus é o Criador do *kosmos.* «O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe...» (Atos 17:24). E o Novo Testamento cansa-se de mostrar que Deus é quem governa o mundo, o que é reiterado, ainda mais insistentemente, no Antigo Testamento. Não obstante isso, Deus nunca é descrito no Novo Testamento como o Senhor do *kosmos.* Tão-somente , encontramos ali a expressão da esperança escatológica de que os reinos deste *kosmos* haverão de tornar-se o reino de nosso Senhor e do seu Cristo. «O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos (no grego, *Kalk basileúsei eis toús aiônas toũ aiónom*, «e reinará de um aîon para outro aîon)» (Apo. 11:15).

4. A *Cosmologia do Novo Testamento.* Uma questão que tem assumido uma certa importância na teologia moderna é a da cosmologia do Novo Testamento. Ao que parece, Bultmann apoiava o seu apelo em favor da «demitização» sobre a necessidade de corrigir o conceito supostamente obsoleto do Novo Testamento sobre o universo, como se este fosse uma estrutura em três andares. Essa descrição seria correta? É mister admitir que a Bíblia fala sobre céus e terra. O mar ou submundo também poderiam ser considerados uma *terceira* divisão. Entretanto, deveríamos notar que o céu também é um sistema de esferas (ou *aiones),* conforme se vê em Hebreus 1:2; e também que há alusões aos elementos do mundo, em Gálatas 4:3 e Colossenses 2:8. Certo comentador evangélico moderno observou três pontos sobre isso: 1. o Novo Testamento não expõe ensinos cosmológicos expressos como parte de sua mensagem; 2. o Novo Testamento meramente alude a idéias correntes, que só têm sentido contra o pano de fundo da época em que foi escrito; e 3. dificilmente alguém poderia costurar os pedaços de informação, para que formasse um sistema coerente e, então, dizer: Isto é o que o Novo Testamento ensina sobre a cosmologia. (Ver TDNT, III, 87, de Sasse). Se esse reparo está com a razão, então é trabalho inútil tentar «demitizar» o Novo Testamento quanto a essa questão de cosmologia, tal como seria exigir a demitização de um relatório de meteorologia que mencionasse o nascimento do sol e o pôr-do-sol.

5. *O Teatro da História.* A preocupação fundamental do Novo Testamento, tal como se dá com o Antigo Testamento, não é o universo em si e, sim, o homem; que vive dentro desse universo e dele faz parte. Foi Deus quem criou o universo inteiro, mas somente o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus. E o principal relacionamento de Deus é com o homem que criou. Portanto, de acordo com uma frase que já se popularizou, o universo é o teatro da história humana, e, mais especificamente, o teatro da história de Deus e do homem. Em muitas instâncias, portanto, a palavra grega *kosmos* reveste-se do sentido especial de «mundo habitado». Esse é o lugar onde o homem habita. Cf. Mat. 4:8; Rom. 1:8. Talvez esse seja o sentido mais exato daquela declaração de Jesus sobre alguém vir a ganhar o mundo inteiro, em Marcos 8:36. Encontramos novamente a palavra, com a tendência de ter um sentido secundário de «nações», em Romanos 4:13.

É exatamente porque o mundo é o teatro onde se desenrola a vida humana que o Novo Testamento pode falar em entradas e saídas. Vir ao mundo é expressão comum nos escritos de João, sem importar se ele aludia às pessoas em geral, a Cristo ou «àquele profeta». O pecado e a morte entraram no mundo (ver Rom. 5:12,13). Outro tanto acontece aos falsos profetas (ver I João 4:1). Mas, assim como alguém pode entrar no mundo, também pode sair dele. Cristo saiu do mundo, por ocasião de sua morte (João 13:1). Os crentes teriam de sair do mundo se tivessem de evitar o contato com os imorais (I Cor. 5:10). E, entre a entrada e a saída neste mundo, há toda uma permanência neste mundo. O *Lógos* esteve no mundo (João 1:10), como também os discípulos (João 17:11), como também todos os crentes, em geral (I João 4:17; II Cor. 1:12 etc.). Um importante princípio está envolvido nisso, ou seja, os crentes não devem sentir-se parte da maneira de viver do *kosmos.* Não obstante, durante o período de sua atual peregrinação, eles não têm outra opção senão continuar a sua existência *dentro* do *kosmos.*

6. A Humanidade. No trecho de Romanos 4:13, o sentido da palavra «mundo», como o lugar onde habita a raça humana, mescla-se com o sentido da raça que no mundo habita. «Não foi por intermédio da lei que a Abraão, ou à sua descendência coube a promessa de ser herdeiro do mundo...» Esse uso pode ser encontrado tanto no original hebraico do Antigo Testamento quanto no aramaico, como também na Septuaginta e no grego *koiné.* No Novo Testamento, pode ser achado em Marcos 16:15 e 14:9, onde os discípulos são comissionados para irem ao mundo inteiro, ou seja, não a cada localização geográfica, e sim, a cada criatura humana. Como é patente, nem sempre é possível determinar esse sentido com precisão; mas, parece ser esse o sentido mais exato de frases como aquela em que o Senhor Jesus afirma que os crentes são a luz do mundo (Mat. 5:14), ou quando ele diz que o campo é o mundo (Mat. 13:38). Ao que parece, Pedro pinha os homens em mira, quando se referiu ao *kosmos* dos ímpios: «...e não poupou o mundo antigo, mas preservou a Noé, pregador da justiça, e mais sete pessoas, quando fez vir o dilúvio sobre o mundo dos ímpios...» (II Ped. 2:5). E esse é, igualmente, o sentido das palavras de Paulo, quando ele designa os apóstolos como o «lixo do mundo», em I Coríntios 4:13. E os anjos também podem ser incluídos nesse pensamento (I Cor. 4:9), embora, na grande maioria das vezes, a alusão soja à humanidade.

7. O *Kosmos Maligno.* A raça humana é uma espécie decaída. Isso significa, por sua vez, que o *kosmos,* igualmente, é apresentado como algo alienado de Deus, mormente nos escritos de Paulo e João. O primeiro desses apóstolos, na primeira epístola aos Coríntios, usa uma série inteira de contrastes a fim de deixar esclarecido, acima de qualquer possibilidade de dúvida, que essa alienação é uma *realidade.* A sabedoria deste *kosmos (ou aion)* faz contraste com a sabedoria do Senhor; o espírito do *kósmos* contrasta com o Espírito de Deus; o arrependimento do *kosmos* contrasta com o arrependimento outorgado por Deus. Na epístola aos Romanos é pintado um quadro ainda mais negro. Visto que o pecado entrou no *kosmos, o kosmos* inteiro tornou-se culpado, e será julgado e condenado por Deus. Ver Rom. 3:6,19; cf. I Cor. 6:2. A natureza final e definitiva desse pecado manifesta-se no fato de que foram os governantes deste *kosmos* que crucificaram ao Senhor da glória. Como é óbvio, em uma passagem como essa (I Cor. 2:8), o *kosmos,* obviamente, indica a raça humana. Não obstante, *kosmos* é palavra que envolve mais do que isso, porquanto os poderes angelicais controlam o *kosmos* pecaminoso (cf. I Cor. 2:6; Efé. 2:2). E isso explica o motivo pelo qual Deus nunca é chamado, nas Escrituras, de Senhor do *kósmos.* E também por que, nas Escrituras, não haverá nenhum novo *kosmos,* embora tenha de haver um novo *a˜îon,* conforme já vimos acima. Tão completamente o KÓSMOS é identificado com o pecado e com a queda no pecado, nas páginas do Novo Testamento, que o único destino do *kosmos* só pode ser a condenação e a destruição, uma vez julgado por Deus. O *kosmos,* pois, representa o mundo pecamijoso e mau, que está em irreconciliável conflito com o mundo de Deus, o novo *aîon,* que será manifestado por ocasião do segundo advento de Cristo.

João usou uma linguagem ligeiramente diferente, embora, materialmente, o pensamento seja idêntico. Cristo não pertence ao *kosmos,* porquanto ele veio da parte de Deus. Esteve no *kosmos,* mas o *kosmos* não O reconheceu (João 1:10). E nem o *kosmos* confiou Nele (João 7:7). Embora Jesus tivesse vindo a este mundo a fim de salvar, e não de condenar, a incredulidade do *kosmos* só resulta em sua própria condenação.

O príncipe deste *kosmos* foi logo o primeiro a ser julgado. «Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe será expulso» (João 12:31). A primeira epístola de João encerra contrastes que fazem lembrar os contrastes feitos por Paulo, a saber: aquele que está nos crentes e aquele que está no mundo (I João 4:4); aqueles que são do mundo e aqueles que são de Deus (4:5,6); nós, que pertencemos a Cristo e o mundo que está na iniquidade e pertence ao maligno (5:19). Novamente, vê-se aí um conflito sem solução por enquanto, que resultará na condenação final daqueles que teimam em continuar pertencendo ao *kosmos.* Este mundo não escapou ao controle de Deus, embora esteja em estado de revolta contra ele. Mediante o novo nascimento, conferido pelo Espírito de Deus (ver João 3:6), o indivíduo pode ser salvo. Mas o *kosmos,* propriamente dito, por ser um *kosmos* pecaminoso, não pode ser salvo.

8. O *Kosmos como Teatro da Salvação.* Este mundo, maligno como é, está condenado e perdido. A despeito disso, continua sendo o teatro do ato salvatício de Deus, bem como o objeto de seu amor disposto a salvar. «Porque Deus amou ao mundo (no grego, *kosmos)*

de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna» (João 3:16). Paulo e João estão plenamente de acordo, uma vez mais, na declaração dessa realidade. Disse o apóstolo dos gentios: «...Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo (no grego, *kosmos),* não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação» (II Cor. 5:19).

Por mais uma vez, o apostolo Paulo deixou claro que Cristo Jesus velo ao mundo para salvar aos pecadores (ver I Tim. 1:15). Não é apenas que os pecadores sejam salvos do *kosmos;* mas este é o lugar onde os pecadores são salvos. E o apóstolo amado deixou esse ponto esclarecido ainda com maior definição. Assim, Cristo não meramente velo ao *kosmos,* mas veio como o Salvador do *kosmos,* segundo se aprende em João 4:42: «Já agora não é pelo que disseste que nós cremos, mas porque nós mesmos temos ouvido e sabemos que este é, verdadeiramente, o Salvador do mundo» (João 4:42). E Jesus também veio como a **luz do mundo** (no grego, ***kosmos)*** (João 8:12). Jesus Cristo veio a este mundo a fim de que neste lugar da habitação dos homens, ele fosse o Salvador do mundo, isto é, dos homens.

O impulso por detrás dessa missão é que o mundo, a humanidade, é o objeto do amor de Deus, que se dispõe à reconciliação com os homens. Mas, apesar deste mundo ser a esfera e o objeto da obra graciosa de Deus, em Jesus Cristo, ainda assim continua de pé a verdade que não haverá nenhum *kosmos* vindouro. Os homens que se reconciliarem com Deus formam o reino de Deus, que se manifestará sob a forma do futuro *aion,* a nova criação (ver Apo. 21:1). Conforme alguém já observou, até parece que a palavra *kosmos,* nas páginas do Novo Testamento, foi reservada para indicar aquela porção da humanidade que jaz sob o pecado e a morte. E um ponto que não devemos permitir que escape à nossa atenção é que, se o mundo é convidado a reconciliar-se com Deus, os crentes são salvos deste mundo. Portanto, uma profunda ambivalência circunda a palavra «mundo» (no grego, *kosmos).* No dizer de Sasse, «quando o *kosmos* é redimido, deixa de ser o *kosmos*» (TDNT, III, 893).

9. Os Crentes e o Mundo. A compreensão teológica sobre o mundo é que determina a relação entre os crentes e o mundo. Essa relação poderia ser sumariada por meio de três teses: os crentes continuam a viver no *kosmos;* eles não pertencem ao *kosmos*; eles são enviados a pregar a salvação no *kosmos.*

Os crentes continuam a viver no *kosmos.* Este mundo continua sendo o palco onde se agitam tanto a vida humana pecaminosa quanto a vida e o ministério cristãos. Conforme explicou Paulo, os crentes não podem abandonar fisicamente ao mundo (I Cor.5:10). Eles precisam cuidar de sua própria sobrevivência (I Cor. 7:32 *ss).* Não podem deixar de manter certas relações com este mundo (I Cor. 7:31). E o apóstolo João nos expõe o mesmo ensinamento. Os crentes estão no *kosmos,* tal como Cristo já o esteve (João 17:11). Não são capazes de remover-se fisicamente do mundo. É neste mundo que lhes compete lutar e conquistar (cf. João 16:33).

Os. crentes não pertencem ao *kosmos,* embora estejam vivendo nele. Paulo descreve a situação de muitas maneiras. Assim, os crentes estão mortos, juntamente com Cristo, quanto aos rudimentos do mundo (Col. 2:20). O mundo está crucificado para os crentes, tal como os crentes estão crucificados para o mundo (Gál. 6:14). Os crentes não podem moldar suas vidas conforme o mundo (Rom. 12:2). E, quanto a isso, Tiago adiciona um testemunho similar, dizendo: «Infiéis, não compreendeis que a amizade do mundo é inimiga de Deus? Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo, constitui-se inimigo de Deus» (Tia. 4:4). Os crentes precisam resguardar-se do mundo. E o apóstolo João não se mostra menos explícito. Os crentes foram selecionados dentre o mundo (João 15:19). Mediante o novo nascimento, eles passam a pertencer ao Senhor Deus (João 1:12;13). O mundo odeia aos crentes; e os próprios crentes não devem amar ao mundo o às coisas que nele existem (João 15:18,19; I João 2:15). Essa é uma das razões mais fortes pelas quais este mundo é um lugar caracterizado pela aflição (João 16:33). Todavia, os crentes podem encorajar-se quanto a isso, porquanto Cristo venceu ao mundo. Nele, os crentes encontram a sua própria vitória, tal como nele depositaram a sua fé. Essa fé permite que os crentes enxerguem as coisas para além das atrações e dos sofrimentos que há neste mundo, e percebam a realidade do novo *aion.* «Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente» (I João 2:17; cf. I Cor. 7:33).

Finalmente, **os crentes são enviados** a pregar a salvação no **kosmos**. Da mesma maneira que Deus amou ao mundo e Cristo veio a este mundo, assim também os crentes estão na obrigação moral de saírem pelo mundo, como embaixadores de Cristo, anunciando a reconciliação. A Grande Comissão nos impõe esse dever: «Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as cousas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século» (Mat. 28:18-20). No quinto capítulo de sua segunda epístola aos Coríntios, Paulo refere-se à Grande Comissão à sua maneira. Em uma outra oportunidade, Cristo deixou claro, diante dos seus discípulos, que ele os estava enviando ao mundo. «Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo» (João 17:18). E a humanidade precisa ver nos crentes o mesmo afeto e amor do Pai que os homens podiam ver em Jesus Cristo (ver João 17:21, 23). Assim, embora a Igreja não possa ser confundida com *o kosmos,* sob hipótese alguma, ela encontra-se no palco do *kosmos* (a humanidade). Por isso mesmo, também é uma verdade que embora a Igreja não pertença a este mundo, ela aqui vive por amor ao mundo. Já que os crentes têm plena consciência de que é uma insensatez alguém ganhar o mundo inteiro, mas perder eternamente a própria alma, então também precisam relembrar que a salvação da alma é um acompanhamento inevitável da conquista do mundo para Cristo, ou seja, levar indivíduos ao conhecimento da salvação que há em Jesus Cristo, pela graça divina.

MUPIM

Um dos filhos de Benjamim, filho de Jacó (ver Gên. 46:21). Ele é chamado *Supim* em I Crô. 7:12,15. E é chamado Sufã, em Núm. 26:39 e I Crô. 8:5. Foi um dos catorze descendentes de Raquel, que pertencia à colônia original dos filhos de Jacó, no Egito.

MURTA

No hebraico, **hadas.** Essa planta é mencionada por seis vezes no Antigo Testamento, estando em foco os seus ramos. Ver Nee. 8:15; Isa. 41:19; 55:13; Zac. 1:8,10,11.

A murteira é uma planta perenemente verde, que pode chegar até os dez metros de altura. Suas folhas são pequenas e brilhantes, quase como se fossem de couro, dotadas de um odor agradável. A planta produz pequenas flores brancas ou róseas, e também pequenas bagas escuras, azuladas, que podem ser usadas na produção de um perfume. Os ramos dessa planta eram usados por ocasião da festa dos Tabernáculos (ver Nee. 8:15), para deles fazerem-se cabanas. Isso era apropriado, pois sendo a planta perenemente verde, resistia melhor à ação do tempo. Até os nossos próprios dias, esses ramos de murta são usados na Palestina, com propósitos similares.

Os couros finos da Rússia e da Turquia têm um odor agradável de murta, e isso porque a planta é usada durante o processo de curtição. As rainhas da Inglaterra levam consigo brotos de murta, em suas festas de casamento, como um símbolo da paz. O nome hebraico de *Ester* (vide) era *Hadassah,* que significa «murta». Em português, um nome feminino é Mírtis, que se deriva do nome grego dessa planta, *múrtos* (embora a palavra grega não apareça no Novo Testamento); mas esse nome feminino vai rareando cada vez mais em nosso país.

MUSI (MUSITAS)

No hebraico, «sensível». Esse foi o nome de um dos filhos de Merari, que, por sua vez, era filho de Coate (ver Êxo. 6:19; Num. 3:20; I Crô. 619,47; 23:21,23; 24:26,30). O clã que descendeu de Musi tornou-se conhecido como os «musitas» (ver Núm. 3:33; 26:58).

MÚSICA

Ver o artigo sobre **Arte** que inclui as teorias filosóficas das belas artes.

Ver os artigos separados sobre *Hino (Hinologia); Hinos, Hebraicos e Judaicos;* e *Música e Instrumentos Musicais.*

Esboço:

I. O Poder da Música
II. Formas de Música na Igreja
III. O Espírito da Música
IV. Formas Nocivas

I. O Poder da Música

Col. 3:16: *A Palavra de Cristo habite em vós ricamente, em toda a sabedoria; ensinai-vos e admoestai-vos uns aos outros, com salmos, hinos e cânticos espirituais, louvando a Deus com gratidão em vossos corações.*

Em certas formas de arte são expressas as realizações e a plenitude espirituais; e, como é óbvio, a música é uma dessas formas recomendadas. Todos têm consciência do poder da música, para moldar o pensamento e as emoções. A música, ordinariamente, é a expressão do «pulso» de um povo. A música pode inspirar pensamentos elevados e ações nobres, ou então atitudes próprias da natureza vil. Há música de natureza espiritual e outra de natureza intelectual, ao passo que há música sensual. Alguém já disse: «Permite-me escrever a música de uma nação, e não me importarei com quem escrever as suas leis». Certamente o poder da música é reconhecido nos países comunistas, onde as artes são usadas como um poderoso meio de propaganda.

Este nosso versículo (Col. 3:16) dá grande valor ao ministério da música na vida cristã. Mostra um profundo discernimento. A música, de conformidade com Aristóteles, é a mais 'moral' de todas as artes. Afeta mais diretamente ao caráter. Uma atitude marcial pode ser produzida por uma marcha; uma atitude de respeito, por um coral nobre; mas o relaxamento pagão das restrições morais por um tom saxofônico. A igreja local vigilante por-se-á em guarda quanto à sua música».

«O cântico coletivo se assemelha ao álcool na transmissão do 'ânimo'. Cria o entusiasmo. Quando o cântico coletivo se torna um costume negligenciado, isso sempre é sinal de uma vida coletiva decadente. Isso já ocorreu em grande parte de nossa moderna cena social. Muitas 'religiões' pagãs têm conquistado terreno, nos corações dos homens, nas asas do cântico. Basta-nos relembrar a 'Marseillaise', da revolução francesa, a 'Internationale' dos países comunistas, ou a 'Horst Wessel' da Alemanha hitlerista e o 'Hino de Batalha da República da Guerra Civil Norte-americana» (Wedell, em Col. 3:16).

Um homem com um sonho, a seu bel-prazer.
Poderá sair e conquistar uma coroa;
E três, com uma nova canção
Podem derrubar toda uma nação.
(Arthur William Edgar O'Shaughnessy)

II. Formas de Música na Igreja

«Os cânticos de Maria e Zacarias foram os genitores e os modelos de uma multidão de cânticos santos. Nos salmos das Escrituras, a igreja neotestamentária encontrou um instrumento de grande amplitude, afinado e tangido para seu uso. Podemos imaginar o deleite com que os crentes gentílicos utilizavam-se do saltério, extraindo dali uma ou outra pérola, recitando-a em suas reuniões e adaptando-a para suas formas nativas de cântico. Depois de algum tempo, começaram a misturá-la com os cânticos de louvor de Israel, formando novas modalidades de 'hinos', para a glória de Cristo e do Pai, como aquele com que tem início em Col. 3:16 faltando-lhe pequeno retoque para que se torne em autêntico poema, ou como aqueles que dão começo às tremendas visões do livro de Apocalipse; e a isso se podem acrescentar os 'cânticos espirituais', de caráter mais pessoal e incidental, como o 'Nune dimitis', de Simeão, ou o cântico do cisne de Paulo, em sua última epístola a Timóteo». (Findlay, em Col. 3:16).

Salmos. Essa palavra pode ser comparada ao que se lê em I Cor. 14:15. O termo grego «psalmos» é correlato a «psallein», que significa «tanger», uma alusão ao tanger das harpas ou outros instrumentos de corda, porque tais composições eram assim acompanhadas, nos dias antigos. Sem dúvida há alusão aqui aos salmos do A.T., que foram adaptados ao acompanhamento musical, e que naqueles tempos do velho pacto eram usados para propósitos musicais, o que se prolongou até os tempos das sinagogas e da igreja cristã primitiva. As Constituições Apostólicas mencionam seu uso nas igrejas locais. (Ver Constituições Apostólicas II.57.5, que aludem, especificamente, aos «Salmos de Davi»). O «hino» que foi entoado por Jesus e seus discípulos, na ocasião da última ceia (ver Mat. 26:30), mui provavelmente foi um dos salmos de Davi.

Hinos. Originalmente, essa palavra referia-se aos cânticos de louvor em honra a algum deus ou herói. Na igreja cristã, foram criados «hinos», normalmente compostos por seus membros, em louvor a Deus Pai ou a Cristo. A sua forma verbal significa «cantar», «louvar», «narrar repetidamente».

Há possíveis traços de hinos cristãos, nas páginas do N.T. Isso pode ser visto no prefácio ao evangelho de João (João 1:1-5), na opinião de muitos eruditos. (Ver ali as notas expositivas a respeito no NTI). O trecho de Efé. 5:14, evidentemente, contém um fragmento de «cântico espiritual». Outros casos semelhantes podem ser as passagens de I Tim. 3:16; II Tim. 2:11-13; Tia. 1:17 e o décimo terceiro capítulo da primeira epístola aos Coríntios.

III. O Espírito da Música

Cânticos espirituais. No grego temos o termo «ode», palavra geral que significa «cântico». Originalmente também era empregada para indicar o louvor prestado aos deuses ou aos heróis, embora, mais tarde, tenha recebido aplicação mais ampla. Neste ponto são os cânticos *espirituais* que estão em mira. Não há como fazer-se distinção precisa entre os «hinos» e os «cânticos». Na realidade, ambas as palavras apontavam para cânticos, de composição cristã, em contraste com os mais formais «salmos» do A.T. Alguns estudiosos pensam que os «cânticos» eram «poemas» sagrados, adaptados à música, mas, no presente, não há como verificar o acerto ou não dessa opinião. O vocábulo pode indicar todas as formas de cântico, acompanhadas ou não por instrumentos musicais. O trecho de I Cor. 14:14 mostra-nos que alguns «cânticos» eram entoados em línguas, por inspiração do Espírito de Deus. Talvez alguns desses tenham sido preservados, depois de terem sido interpretados.

Plínio, ao relatar os resultados de suas investigações quanto aos costumes dos primitivos cristãos (em 112 D.C.), diz-nos que eles estavam «acostumados a se reunirem, em um dia determinado, antes do irromper do dia, a fim de cantarem um hino, como uma antífona, a Cristo, como se este fosse uma divindade». *(Cartas* X.96).

Com gratidão, em vossos corações. O cântico dos crentes, portanto, é uma autêntica «forma de adoração», e essa adoração é atribuída, segundo diz a nossa versão portuguesa, a *Deus,* no que ela é apoiada pelo texto grego, ainda que outras traduções digam aqui «Senhor». O *coração* é uma alusão ao «homem interior», à «alma», aquela porção do ser humano que é capaz de receber o toque divino, o «homem essencial». Ficam envolvidos o «intelecto» e as «emoções» dos homens; mas mais do que isso, ainda, o «espírito» humano é que expressa louvor e ação de graças ao Salvador de todos os homens.

A música nas igrejas dos crentes, por ser uma expressão espiritual, não deve ter um caráter mundano, seguindo o ritmo do «jazz»,

do «samba», etc., porquanto isso não contribui para a formação da atitude espiritual, mas antes, excita a natureza mais vil, com suas emoções carnais.

Em vossos corações. Essas palavras não querem dizer que estão em foco apenas os «cânticos particulares», individuais. Antes, o cântico individual, tanto quanto o coletivo, é recomendado como algo útil para a edificação mútua entre os crentes. Um homem pode cantar em voz alta, ao mesmo tempo em que canta no coração. O modo de cantar, quanto à sua atitude, é que está em pauta, e não a questão de cantar-se em voz audível ou em silêncio. Algumas traduções dizem aqui «com o coração», como se estivesse em foco a idéia «instrumental"; e isso é possível. A mensagem dos hinos e demais cânticos cristãos deve ser própria para a edificação dos crentes. No entanto, a música pode tornar-se um abuso e não uma bênção, no seio das igrejas locais. É cena particularmente entristecedora aquela em que a música mundana é trazida para a igreja, em que um sentimento quase religioso é vinculado à música, mediante as palavras, ao mesmo tempo em que a música é sensual, carnal, terrena, de maneira alguma contribuindo para elevar a alma até Deus. Foi necessário, no concílio de Laodicéia (364 D.C.), que se proibissem os hinos «não autorizados». E apesar disso poder ocorrer novamente, é responsabilidade dos ministros da Palavra preservarem a dignidade e a espiritualidade corretas da adoração na igreja, uma parte importante da qual é o cântico.

IV. Formas Nocivas

1. da revista **Ultimato** — set/out., 1983.

Desmascarando o «Rock», por Rolando de Nassáu

Rolando de Nassáu é o pseudônimo de Roberto Tôrres Hollanda, Assessor Legislativo da Câmara dos Deputados, critico musical desde dezembro de 1951, autor de *Introdução à Música Sacra* e Diretor do Departamento de Adultos da Escola Dominical da Igreja Batista Memorial, em Brasília, DF. A Câmara dos Deputados acaba de publicar uma pesquisa de sua autoria sobre descentralização industrial.

De amigos que trabalham na Faculdade Teológica de Brasília recebemos recorte de um artigo de *Dennis Roberts* («Rock Music: Stairway to Heaven or Highway to Hell?») publicado no mensário americano «Moody Monthly» (vol. 83, n° 1) de setembro de 1982.

Não apreciamos, nem perdemos tempo com a música de *rock,* porque sempre temos em mente a recomendação do *Apóstolo Paulo:* «Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama... nisso pensai» (Fil. 4:8).

Comentaremos esse artigo sobre *rock* porque, há mais de 30 anos, escrevemos sobre música para a imprensa evangélica.

Montaigne dizia que devemos ler unicamente o que nos agrada. Procuramos ler o que nos instrui. Perdoem-nos os leitores, lerão informações desagradáveis, mas necessárias. Nossa intenção é despertar os pais para a influência maléfica do *rock* sobre os seus filhos, e advertir os jovens a respeito dos perigos traiçoeiros contidos nas letras e nas melodias desse tipo espúrio de música popular.

Por coincidência, enquanto elaborávamos este artigo foi publicada uma reportagem sobre a Conferência de Amsterdam; nesse encontro internacional de evangelistas itinerantes estava à venda uma fita gravada em cassete contendo o «Aleluia» de *Haendel* em ritmo de *rock*...

A influência deletéria do *rock* em algumas igrejas evangélicas é evidente: basta ver o uso do *playback,* dos instrumentos musicais elétricos (guitarra, sintetizador) e da batida rítmica simétrica. Já haáquem empregue a «new beat».

O artigo de *Dennis Roberts* para o «Moody Monthly» contém revelações realmente estarrecedoras.

Ray Huges, no artigo «Hell's Bells» publicado numa outra revista evangélica que não conseguimos identificar, informa que, em 1955, numa igreja canadense, ao serem exorcizados, demônios anunciaram o próximo lançamento do *Rock'n Roll* na América, «para possuir os jovens», que «ficavam histéricos, arrancando os cabelos, rasgando as suas roupas, gritando, gemendo, contorcendo-se e praticando atos de violência durante os concertos». Lembra que Satanás foi anjo de luz e líder de anjos (Is. 14:4-17; 2 Cor. 11:14; Mat. 25:41; Luc. 1.1:18; Apo. 20:7-8).

Conta que um missionário ao voltar à tribo africana com discos evangélicos em ritmo de *rock,* teve de ouvir do ex-feiticeiro estas palavras: «Você nos ensinou a abandonar a feitiçaria e a invocação de espíritos. Por que os está invocando com esta música? Com este mesmo ritmo invocávamos os espiritos maus da África!».

No artigo de *Dennis Roberts* lemos que os músicos de *rock,* em sua maioria, estão envolvidos em ocultismo, religiões orientais e feitiçaria.

O rock tem contaminado até jovens crentes, com linguagem ímpia, sons alucinantes e ritmo sensual.

Para os nossos leitores faremos um retrospecto deste novo ritmo, da «nova batida», do «novo embalo», que os jovens chamam de *barato* (êxtase provocado por droga ou música psicodélica).

Vários elementos usados pelo *rock* têm origem em estilos de *jazz: negro spiritual* (1860), *gospel song* (1880), *blues* (1900) e *rhythm and blues* (1940). O *rock* branco saiu do *rhythm and blues* negro. Ambos prestigiam o ritmo, pois neles a melodia é mero suporte do texto (ver: Joaqhim E. Berendt, *Le Jazz, des origines à nos jours.* Paris: Payot, 1963; Philip Daufouy, *Pop Music/Rock.* Paris: Champ Libre, 1972).

Nos Estados Unidos, o *rock,* profeticamente, teve início no filme *Sementes da Violência,* em 1955, com a música ***Rock around the clock,*** executada por *Hill Haley and his Comets;* foi explorado comercialmente, a partir de 1957, por *Elvis Presley.*

Na Inglaterra, *a pop-music* teve nos Beatles, desde 1962, o conjunto mais prestigiado.

O elemento folclórico e político do *folk-rock* foi pesquisado e divulgado por *Bob Dylan,* depois de 1964, através da *protest-song* americana, que ensejou o surgimento do movimento *hippie* na costa ocidental dos Estados Unidos. *O folk-rock* caracterizou-se por um texto poético com uma diretriz política, enquanto *o country-rock* era uma música de origem folclórica, mas sem qualquer conotação política O movimento *hippie,* por sua vez, procurava satisfação em recursos químicos (drogas) ou estéticos (música psicodélica) como meios de contestar a civilização ocidental. O *acid-rock,* personificado em *Janis Joplin,* tenta reproduzir através do som os efeitos dos alucinógenos (LSD). A música psicodélica é criada ou executada sob a influência de drogas e religiões orientais, utilizando técnicas eletroacústicas.

Depois de 1966, na Inglaterra coexistiam dois estilos: 1) *rock song (os Beatles,* até 1970, usariam a canção popular, sob a inspiração da música européia e da indiana, para uma disseminação de idéias); 2) *pop-rock (os Rolling Stones* desviaram a *pop-music* inglesa para uma demonstração de violência sonora); enquanto os *Beatles* eram os menestréis modernos, os roqueiros românticos, os *Rolling Stones* mostravam-se agressivos com suas guitarras.

O rock promoveu a eletronização da música popular, já realizada por engenheiros eletroacústicos na música erudita, atingindo inclusive a música religiosa; muitas igrejas têm seu «Gianini» com muitos *watts* para acompanhar o canto de «corinhos».

Para a expansão do *rock* americano e da *pop-music* inglesa contribuíram os meios de comunicação de massa. Na década de 50, a voz lancinante dos cantores de *rock,* difundida pelo rádio, encontrava eco nos corações vazios dos jovens transviados pela delinqüência e aturdidos pela «guerra fria». Antes de 1955, o filme musicado, para cinema ou televisão, não visava a comunicação com o espectador; deste era esperada apenas uma atitude de admiração, não de participação. A eclosão do *rock* e da *pop-music* significou um impacto sobre a sociedade, nos Estados Unidos e na Inglaterra, depois em toda a América Latina e na Europa, pois rapidamente multiplicaram-se os grupos musicais, e a juventude, oriunda de uma classe média, passou a compartilhar as idéias desses cantores populares, que contestavam a ordem moral, social, política e econômica da época. Por isso, os *Beatles* foram o mais importante fenômeno na música popular

internacionalizada da década de 60, e, mesmo fora de cena, continuam a inspirar as letras e as melodias do *rock* e da *pop-music.*

Depressa o mercantilismo multinacional procurou controlar este fenômeno, estimulando, com a comédia musical «Hair», o consumismo de todas as coisas relacionadas com os roqueiros: discos, filmes; livros, revistas, roupas, penteados, linguagem, instrumentos musicais, etc. Para tanto, fez do *rock* uma mercadoria cultural, de modo que, ao mesmo tempo, fosse «um apelo à revolta e um freio à revolução» (ver: Henry Skoff Torgue *La Pop-Music.* Paris: Presses Universiraires de France, 1975).

A pop-music retrospectiva reagrupa todos os estilos tradicionais vinculados ao *jazz (Rolling Stones, Led Zeppelin, Black Sabbath)* enquanto a prospectiva se aproxima da música erudita contemporânea (Frank Zappa; Pink Floyd).

A deturpação maior do *rock* decorre da adoção, por alguns grupos, de um comportamento imoral (intra e extramusical), que se manifesta no desregramento sexual *(Elvis Presley, Beatles, Rolling Stones, Village People, AC/DC, Queen, Rod Stewart, Elton John, David Bowie) ou* no caráter exibicionista (Elvis Presley, Mick Jagger, Kiss).

2. Rock in Rio

O assunto mais ventilado ultimamente tem sido inequivocamente o Rock in Rio, não obstante, opiniões discordes a respeito. Como homem cristão, não poderia alhear-me a esse evento que inexorávelmente induzirá milhares de jovens inabilitados às raias da perdição.

O rock aparece no cenário musical nos idos de 1955, tendo grande aceitação em todo mundo, alcançando níveis sem precedentes da história humana. Há quem diga que o Rock não conhece fronteiras de idiomas, cultura, países ou raças.

Mas... o que dizer do rock como música e seus efeitos macabros?

Todos nós sabemos, por mera intuição, que música expressa sentimento. Se voltarmos no tempo, onde nossos pais e avós cultivavam o inefável dom de cantar harmoniosas e poéticas músicas, melodias que nos adornavam e aformoseavam o espírito com seu sublime som, fazendo-nos perscrutar os meandros celestiais, certamente eles teriam seus espíritos arrebatados pelo som descompassado, estridente e angustiante do rock diabólico, tendo por características essenciais a subversão, violência, agressividade e irreverência indescritível.

O Rock como música agride o sentimento dos homens, acabrunhando, mortificando com sua arte sensual e frenética, ensejando o consumo indiscriminado de drogas, bebidas e outros estimulantes, desfigurando por completo a imagem e semelhança que outrora fora esculpida carinhosamente pelo Trino Deus.

O psicólogo George M. Bruno, da Califórnia, *EUA,* com suas pesquisas musicais, nos afiança que os discos gravados em inglês, ao serem ouvidos ao contrário, ou seja, sentido anti-horario, revelam mensagens ocultas e subliminares como veremos:

1° Os Beatles—Revolution Number 9 —Ouve-se uma voz angustiante, quase inaudível que agoniza: «Tira-me daqui» (get me out); ou «Excita-me, homem morto» (Turn me on, dead man) repetindo oito vezes.

2° O conjunto Eletric Light Orchestra —gravação com um milhão e meio de exemplares diz: «Cristo, Ele é maldito» (Christ, He is the nasty one); e «Tu és infernal» (You are infernal).

3° O conjunto Styx gravou o álbum Paradise Theater, a canção Snow Blind, na qual se ouve frases: «Apresenta-te, Satanás, manifesta-te em nossa voz» (e outras infinidades).

Como observamos, entre sons estridentes, e dissonantes, mesclados com gritos sinistros e agônicos, faces desfiguradas, escuta-se nada menos do que a própria voz do Satanás.

Numa canção gravada pelo conjunto Black Oak Arkansas, intitulada When Electric Came to Arkansas, escuta-se com nitidez estas blasfêmias: «Satanás, Satanás, ele é deus, ele é deus... Satan... Satan... he is god...»

Outro fator relevante que não se poderia deixar de falar é a mensagem subliminar, algo que ocorre com freqüência no mundo hodierno, corroendo com engenhosidade a mente humana dada a sua eficácia, pois leva pessoas a praticarem algo de maneira inconsciente.

Uma pesquisa realizada nos EUA, em 1977, asseverou que, de mil moças, 900 delas conceberam seus filhos escutando música rock. Constatou-se também que cada música rock contém numa média de oito mensagens subliminares (dado fornecido pela revista mocidade) de origem satânica, como veremos mais algumas nítidas...

1° 'Canto porque vivo com Satanás' (I sing because I live with Satan).

2° 'Deus me abandonou' (The Lord turned me off); «Não há saída» (There is nothing in it).

3° 'Aqui está o meu doce Satanás' (Here is to my Sweet Satan); há poder em Satanás (There is power in Satan)...

Creio não haver mais necessidade de mostrar a malignidade do rock e suas nefastas conseqüências. A palavra de Deus tem sido dura para aqueles que se submetem à soberania de Satanás. Vemos que:

«Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos. E mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves e répteis e quadrúpedes. Pelo que também Deus os entregou às concupiscências de seus corações à imundície, para desonrarem seus corpos entre si. Pelo que Deus os abandonou às paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza. E semelhantemente também os homens, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, homens com homens, cometendo torpeza, recebendo em si mesmos a recompense que convinha ao seu erro. E como eles são se importaram de ter conhecimento de Deus, assim Deus os entregou a um sentimento perverso para fazer coisas que não convém. Estando cheios de inveja, homicídio, contenda, engano e malignidade. Sendo murmuradores, detratores, aborrecedores de Deus, injuriadores, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais, néscios, infiéis, sem afeição natural, irreconciliáveis e sem misericórdia. Os quais conhecendo a justiça de Deus (que são dignos de morte eterna) os que tais coisas praticam, não somente as fazem, mas também consentem aos que as fazem» (Romanos cap. 1).

Oxalá, leitor, que seja tempo de se reconciliar com o soberano Deus, alienando-se do mundo e apegando-se a Jesus Cristo, pois só a Ele devemos prestar culto de louvor, pois quem com Cristo não ajuntar inexoravelmente espalhará. A escolha é sua. *Hugo Guerrato Netto,* Bragança Paulista. (18 de janeiro, 1985, do jornal, *Estado de São Paulo)*

Bibliografia: E EP ES H NTI P

MÚSICA, INTRUMENTOS MUSICAIS

Ao leitor recomendamos que examine os seguintes artigos: *Música; Hino (Hinologia); Arte.* O último desses três artigos contém as principais teorias estéticas no tocante às artes (segundo ponto), além de comentar sobre a música sacra (terceiro ponto). Mas esse item ainda é mais amplamente desenvolvido no artigo chamado *Música.* A existência desses outros artigos possibilita-nos concentrar aqui a atenção, principalmente, sobre os instrumentos musicais mencionados na Bíblia.

Esboço:

I. A Teoria da Música

II. A Música no Antigo Testamento

III. A Música no Novo Testamento

IV. Instrumentos Musicais Mencionados na Bíblia

I. A Teoria da Música

A música é a mais abstrata das artes, como também a mais difícil de definir. Mas é inegável que também é a mais poderosa de todas as artes. A música é capaz de fascinar-nos, de inspirar-nos, ou, contrariamente, de degradar-nos. Assim, quando a música é de boa qualidade, podemos dizer juntamente com os poetas:

Música, o maior bem que os mortais conhecem,
E de tudo quanto temos abaixo dos céus.
(John Addison)
A música exalta cada alegria, suaviza cada tristeza,
Expele enfermidades, abranda cada dor,
Subjuga o poder do veneno e da praga.
(John Armstrong)
Com razão diz-se que a música é a língua dos anjos.
(Thomas Carlyle)
A música tem encantos que aplacam o peito selvagem,
Que amolece as rochas e dobram o carvalho nodoso.
(William Congreve)
Um homem com um sonho, a seu bel-prazer
Poderá sair e conquistar uma coroa;
E três, com uma nova canção,
Podem derrubar toda uma nação.
(Arthur William E. O'Shaughnesse)

«O cântico coletivo assemelha-se ao álcool na transmissão do *ânimo.* Cria o entusiasmo. Quando o cântico coletivo passa a ser um costume negligenciado, isso é sempre sinal de uma vida coletiva decadente. Isso já ocorreu em grande parte da nossa moderna cena social. Muitas religiões pagãs têm conquistado terreno, nos corações dos homens, nas asas do cântico. Basta-nos relembrar a *Arseiilaise* da revolução francesa; a *Internationale* dos países comunistas; ou a *Horst Wessel* da Alemanha de Hitler; ou o *Hino da Batalha da República da Guerra Civil Norte-Americana*» (Wedell, comentando sobre Col. 3:16).

Alguns filósofos têm pensado que a música não passa de brincadeira de adultos, que substituem os brinquedos das crianças por seus instrumentos musicais. Outros concebem a música apenas como uma expressão emocional, sem importar de qual tipo. Alguns pensadores já desistiram de tentar definir a música, supondo que se trata de uma daquelas coisas que estão acima da capacidade de conhecimento do homem. Também existem aqueles que opinam que a música provoca certos estados místicos; e, tendo a música tal poder, ela pode fazer coisas admiráveis em favor do bem, ou pode fazer coisas destrutivas, em favor do mal. Pessoalmente, sou dos que têm essa opinião, embora não seja capaz de oferecer uma definição *completa* sobre a natureza da música. Para exemplificar, há música que serve apenas para divertir; outra excita os pés, para que se ponham a dançar; outra deixa escapar o excesso de pressão nervosa; e ainda outra exprime verdades matemáticas ou da razão. Mas, é inegável que há música que parece provocar, ineqüivocadamente, estados místicos, podendo tanto elevar-nos quanto degradar-nos. O bem é exaltado; e o mal também pode ser elogiado pela música. Lewis Armstrong, o incrível virtuoso do trompete, disse: «Se alguém tiver de perguntar-me o que é o jazz, eu não sei». Para ele, o jazz era uma música tão poderosa que ele não professava ter conhecimento do que estava envolvido no mesmo, posto que soubesse que ele *sentia o poder* que brotava de dentro dele, quando ele tocava o seu instrumento. Há músicos, que tocam música de natureza positiva ou de natureza negativa, que, segundo eles mesmos confessam, entram em estados alterados de consciência quando tocam, tendo feito coisas, com seus instrumentos, que parecem estar acima de seu próprio conhecimento e habilidade. Em alguns concertos de rock *and roll*, o próprio diabo é invocado, e alguns dos astros desse tipo de música têm professado *temor* quanto ao que lhes tem sucedido no palco, mas, ainda assim, não interrompem a sua música.

A Apostasia na Igreja:

A música popular na Igreja sempre se valeu de formas de música correntes na sociedade. Apesar da música assim produzida ficar muito aquém da grandiosidade das formas clássicas, para exprimir os movimentos do espírito, pelo menos ela tem produzido uma música cuja mensagem é aceitável. No entanto, quando os cristãos começaram a utilizar-se de ritmos como o jazz e o rock, a decadência moral e espiritual lhes sobreveio. É conforme me disse um certo diácono: «Quando a música rock começou a ser usada na Igreja, então foi *quando os* jovens da igreja começaram a perder o interesse pelo estudo da Bíblia, pelas escolas bíblicas e pelo trabalho missionário». Eu mesmo cheguei ao ponto de chamar o movimento dos *roqueiros* da Igreja como parte da apostasia dos últimos dias. É simplesmente incrível que a música dos cabarés e dos lugares de prostituição e de uso de drogas tenha-se tornado uma forma de música aceitável para ser usada nas igrejas protestantes e evangélicas. Entretanto, a própria apostasia é uma manifestação incrível, derivada de muitas raízes e com muitos ramos. No artigo sobre a *Música* comentamos longamente essa questão, pelo que, aqui, limitamo-nos a esta simples declaração.

II. A Música no Antigo Testamento

Jubal aparece, em Gên. 4:21, como uma espécie de protomúsico. Ele é ali chamado de pai de todos quantos tocam a harpa e a flauta. Porém, podemos ter a certeza de que a origem da música não tem data, antecedendo o uso desses dois instrumentos musicais. Não sabemos dizer que uso Jubal dava à sua música, embora saibamos dizer que a música sempre permeou todos os setores da sociedade. Mediante a música, celebram-se ocasiões como a colheita, alguma vitória militar, o nascimento de uma criança, o avanço de um exército, algum dia festivo. Quanto a antigas alusões à música, no Antigo Testamento, ver Êxo. 32:17,18; Núm. 27:17; Juí. 11:34,35; Isa. 16:10; Jer. 48:33. Há coisas específicas mencionadas, que eram acompanhadas por música, como a vitória dos israelitas em Jericó (Jos. 5:4-20); o entronizamento de reis (I Reis 1:39,40; II Reis 11:14; II Crô. 13:14; 20:38); o entretenimento nos palácios reais (II Sam. 19:35; Ecl. 2:8); as festas (Isa. 5:12; 24:8,9); a restauração de dons proféticos (II Reis 3:15). A moderna psicologia tem consciência de que a música tem o poder de até mesmo modificar radicalmente o comportamento das pessoas, sendo natural que a música acompanhe todas as variedades de acontecimentos entre os seres humanos, sejam bons sejam maus.

No tocante ao culto efetuado no tabernáculo não é dito muita coisa sobre a música, exceto que algumas poucas alusões, como em Êxo. 28:34,35, indicam que havia música. Sinetas de ouro eram presas à fímbria inferior das vestes de Aarão, de tal modo que faziam um sonido quando ele caminhava. Davi foi quem deu grande importância à música, em Israel, sendo ele mesmo um músico de habilidade, que tanto tocava instrumentos quanto compunha. Foi com ele que começou a profissionalização da música sacra em Israel, o que veio a tornar-se parte permanente do culto no templo. Quatro mil dentre os trinta e oito mil levitas escolhidos por Davi, para servirem no templo, eram músicos (ver I Crô. 15:16; 23:5). Havia quem somente tocasse instrumentos musicais, como também quem os tocasse e também cantasse. Em I Crô. 25:5,7, lemos sobre duzentos e oitenta e oito músicos, divididos em vinte e quatro turnos de doze membros cada. Quanto aos muitos tipos de instrumentos musicais usados, ver a quarta seção deste artigo, abaixo.

A arqueologia e as referências literárias mostram que povos vizinhos dos israelitas, como os egípcios e os assírios, também contavam com guildas de músicos profissionais bem desenvolvidas, e que a música também era uma parte importante no culto religioso desses antigos povos. Por semelhante modo, havia um ativo comércio de importação e exportação de instrumentos musicais. Uma *midrash* (comentário) da vida de Salomão, na literatura judaica, informa-nos que uma de suas esposas egípcias recebeu mil instrumentos musicais como parte de seu dote. O intercâmbio de instrumentos musicais produziu a circunstância de que havia grande similaridade de instrumentos musicais, entre as culturas diversas existentes no antigo mundo bíblico.

Na cultura de Israel, os coros de vozes humanas eram compostos exclusivamente por homens, o que concordava com a idéia dos hebreus de que as mulheres deveriam ser excluídas do culto religioso. Apesar da cultura hebréia caracterizar-se por um povo que apreciava o cântico e a dança, o próprio culto religioso não incluía dança-

rinos. E isso, mui provavelmente, a fim de serem evitados os maus exemplos dados pelos pagãos em seus ritos frenéticos e sensuais.

Em conexão com a religião dos hebreus, havia algum cântico público. Quanto a isso, a mais antiga referência de que dispomos pertence ao século I D.C. Assim sendo, é perfeitamente possível que isso tenha sido um costume que se instaurou só posteriormente. Havia três formas desse cântico: 1. um líder cantava uma parte, e então, essa parte era repetida pela congregação; o líder cantava outra parte, mas a congregação repetia o que cantara antes. 2. Um líder cantava meia linha, e a congregação imediatamente repetia o que ele acabara de cantar. 3. Um líder cantava uma primeira linha inteira, e a congregação cantava a segunda linha.

Abandono da Música. Foi não muito tempo depois da destruição do templo de Jerusalém que a música instrumental caiu em desuso em Israel, para não mais ser reativada, embora o cântico jamais tenha sido abandonado. A sinagoga, que já era uma instituição bem forte, antes mesmos da destruição do templo, adquiriu importância suprema, depois que o templo desapareceu. O Talmude revela-nos que havia trezentas e noventa e quatro sinagogas em Jerusalém, na época em que o seu templo foi destruído. Ali, a adoração tomava as formas de estudo e interpretação da Tora; de leitura das Sagradas Escrituras; de orações devocionais. No entanto, não havia holocaustos e sacrifícios e nem havia música instrumental.

III. A Música no Novo Testamento

No Novo Testamento não é dito muita coisa sobre a música, exceto no livro de Apocalipse. Há cerca de uma dúzia de passagens neotestamentárias que têm algo a dizer sobre a música. Cinco dessas passagens são de natureza metafórica: Mat. 6:2; 11:17; Luc. 7:23; I Cor. 13:1; 14:7,8. Os cristãos primitivos aderiram às formas musicais dos hebreus, naqueles lugares onde a Igreja contava com um forte núcleo judaico. Nas terras gentílicas, houve adaptações locais. O concílio de Laodicéia (364 D.C.) precisou condenar hinos não-autorizados, o que nos permite saber que uma música indevida penetrou na Igreja, em áreas de maioria pagã. O trecho de Mat. 26:30 e seu paralelo mencionam o uso de um hino, por parte de Cristo e seus discípulos, terminada a celebração da última ceia. Provavelmente, foi entoada a segunda metade dos Salmos 115-118. O trecho de Luc. 4:16-20, ao mencionar que Jesus leu as Escrituras, talvez também dê a entender que houve cânticos. As outras duas passagens que, nos evangelhos, mencionam a música são Mat. 9:23 (música que acompanhava as lamentações pelos mortos) e Luc. 15:25 (houve música festiva, em conexão com a volta do filho pródigo). E a passagem de Atos 16:25 registra que Paulo e Silas cantavam hinos em louvor a Deus, quando estiveram encarcerados.

Uma Expressão dos Dons Espirituais. Cantar no Espírito pode ser uma forma de falar em língua musical, ou então, alguma espécie de hino espontâneo, dado por inspiração, como uma maneira de louvar ao Senhor. Ver I Cor. 14:15. Presume-se que algum estado de êxtase é que provoca esse tipo de cântico, sendo uma insensatez tentar imitar isso quando não há qualquer impulso do Espírito.

Os passos bíblicos de Efé. 5:19 e Col. 3:16 referem-se a salmos, hinos e cânticos espirituais, que eram utilizados na Igreja primitiva. Sem dúvida, os «salmos» eram o entoar dos antigos salmos do Antigo Testamento, embora ninguém tenha conseguido determinar uma clara distinção entre as duas outras palavras. Mas parece que incluíam hinos que cada igreja local (ou área) compunha, e que talvez refletissem os tipos de músicas freqüentes na localidade. Todos os aspectos do culto religioso, segundo se esperava, deveriam ser controlados pelo Espírito, embora isso não signifique que os cristãos primitivos acreditassem que sua música fosse inspirada. Todavia, existem hinos dotados de tanta graça, de tanta beleza, que temos de dizer que são produtos de uma criatividade especial, contando, pelo menos, com ajuda divina como inspiração (embora esta última palavra não deva ser entendida no seu sentido técnico, como se dá no caso das Santas Escrituras). Os cânticos expressam profundos sentimentos e convicções religiosas, e, com freqüência, são úteis para exprimir a satisfação religiosa, conforme se vê em Tiago 5:13: «Está alguém alegre? Cante louvores».

Música Escatológica. A trombeta será o instrumento musical que anunciará determinados atos grandiosos de Deus, como: a ressurreição dentre os mortos (I Cor. 15:52; I Tes. 4:16); o recolhimento dos eleitos (Mat. 24:31); o anúncio dos julgamentos divinos, como aqueles do Apocalipse (Apo. 8:2,6). Sem dúvida, temos aí um uso metafórico da música.

O Ruído da Ausência do Amor. Música compõe-se de harmonia e beleza, quando é de boa qualidade. O amor assemelha-se à música, se tiver de ser genuíno. Porém, a falta de amor nada mais é senão ruídos discordantes e dissonantes, como o bronze que soa ou o címbalo que retine, no dizer de Paulo, em I Cor. 13:1. No entanto, não há nessas palavras paulinas qualquer condenação à música instrumental nas igrejas, conforme alguns interpretam, equivocadamente.

IV. Instrumentos Musicais Mencionados na Bíblia

Apesar dos textos bíblicos algumas vezes mostrarem-se obscuros quanto à natureza dos instrumentos musicais empregados nas terras bíblicas do mundo antigo, a arqueologia muito tem feito para dar-nos informações mais exatas sobre a questão. Podemos dividir os antigos instrumentos musicais em três categorias: os de corda; os de sopro; e os de percurssão.

1. Instrumentos de Corda

a. *A harpa* (no hebraico, *kinnor*). Esse é o primeiro de todos os instrumentos musicais mencionados na Bíblia (ver Gên. 4:21). Algumas traduções dizem ali *lira*, conforme a opinião da maioria dos eruditos. Ver também Gên. 31:27. Esse era um instrumento portátil, o que se demonstra pelo fato de que os jovens profetas o levavam juntamente com três outros tipos (ver I Sam. 10:5). Não sabemos dizer se esse instrumento era tocado com a ponta dos dedos ou com algum objeto de tanger. As antigas pinturas murais dos túmulos egípcios mostram algum objeto de tanger, mas isso não tem de corresponder ao uso dominante em Israel. O trecho de I Sam. 16:23 indica que o instrumento era tocado com as pontas dos dedos. Também não sabemos dizer quantas cordas tinha a harpa. Provavelmente, esse número variava. Josefo fala sobre uma *kinnor* com dez cordas. O hebraico que está por detrás de I Crô. 15:21 parece indicar oito cordas, mas isso já representa uma interpretação duvidosa. A harpa era feita de madeira, embora pudesse haver peças de metal, onde eram presas as cordas. O termo aramaico *qitros* que figura em Dan. 3, vem da mesma raiz de onde se deriva a palavra portuguesa guitarra. De fato, as harpas antigas eram muito mais semelhantes às guitarras, violões, etc., do que às harpas modernas. Muitos eruditos pensam que os hebreus não tinham verdadeiras harpas, um instrumento de formato triangular, semicircular ou parecendo um crescente. As harpas egípcias tinham todos esses três formatos. Porém, visto que os arqueólogos encontraram tal instrumento no Egito, é possível que Israel tenha derivado dali o instrumento, fabricando-o tal e qual o faziam os egípcios. É possível que a palavra hebraica *nebel* refira-se à verdadeira harpa. Esse termo é traduzido, em nossa versão portuguesa por saltério (ver, por exemplo, I Sam. 10:5; II Sam. 6:5; I Reis 10:12; I Crô. 13:8; II Crô. 5:12; Nee. 12:27; Sal. 33:2; 57:8; 150:3). Ou, então, por lira (ver Isa. 5:12; Amós 5:23; 6:5), ou mesmo por harpa (ver Isa. 14:11). Portanto, não há uniformidade de tradução em nossa versão portuguesa, quanto a essa palavra hebraica.

b. *Saltério* (no grego, *psalterion*). Um instrumento de cordas tocado com as pontas dos dedos. O termo grego *psallo* significa «tocar» ou «tanger», o que explica o nome desse instrumento. Essa palavra grega traduzia k termo hebraico *nebel* (ver acima). A maioria dos eruditos pensa que vários tipos de harpa eram assim chamados, de forma geral, ou mesmo exclusivamente. O trecho de I Sam. 10:5 alude ao instrumento, o que parece mostrar uma origem fenícia do mesmo, visto que naquela porção do Antigo Testamento, o pano de fundo era a cultura fenícia. Uma das formas do instrumento tinha uma caixa de ressonância bojuda, parecida com a guitarra portugue-

sa, na extremidade inferior. Esse instrumento era feito de madeira. O termo hebraico *'asor,* que indica um instrumento de dez cordas, e, na *Septuaginta* (vide), algumas vezes é traduzido pelo vocábulo grego *psalterion.* Porém, também é possível que a *'asor* fosse apenas um tipo de *nebel.*

c. *Cítara.* O trecho de Dan. 3:5 menciona esse instrumento musical como um daqueles que faziam parte da orquestra de Nabucodonosor. Alguns estudiosos pensam que a cítara (no hebraico, *sabbeka)* era uma espécie de harpa, pequena, de formato triangular, dotada de quatro ou mais cordas, e que tocava em tom alto. Estrabão (x.471) diz que se originara entre os bárbaros. Há traduções que dão a esse instrumento o nome de trígono, devido ao seu formato triangular.

d. *Gaita de foles.* Esse instrumento também aparece em Dan. 3:5, como palavra derivada do aramaico, *sumponya,* mui provavelmente um vocábulo tomado por empréstimo do grego. Apesar de estar classificada aqui como um instrumento de cordas, a maioria dos eruditos pensa tratar-se de uma gaita de foles, e não de um instrumento de cordas, o que justifica plenamente a nossa versão portuguesa.

e. *Saltério de dez cordas.* No hebraico, *'asor.* Provavelmente, uma lira com dez cordas (ver Sal. 33:2; 92:3; 144:9). Há quem pense que esse instrumento era chamado *kithara* pelos gregos. Mas esse tinha de trinta a quarenta cordas e era tocado com um plectro, o que mostra que não era o mesmo instrumento referido no Antigo Testamento.

f. *Lira.* Já abordamos esse instrumento sob o título *harpa,* acima. Provavelmente, os hebreus usavam tanto a harpa quanto a lira. Ao que parece, a lira era um instrumento de criação asiática, visto que só mais tarde entrou no Egito. Suas cordas eram feitas de tiras de intestino delgado de ovelhas, esticadas sobre uma caixa ressonante, então sobre um espaço vago, e então presas, na outra extremidade, a uma barra. Usualmente, o instrumento era tocado com um plectro em uma das mãos, enquanto a outra mão era usada para amortecer os sons. Um monumento encontrado em Beni-Hasã, com data de cerca de 1900 A.C., mostra semitas entrando no Egito, tocando liras. O chamado Obelisco Negro de Salmaneser III também exibe músicos tocando esse instrumento, diante de Senaqueribe, em Laquis.

2. Instrumentos de Sopro

a. *Gaitas* (no hebraico, *chalil).* Algumas traduções também traduzem essa palavra por «flauta». A palavra hebraica *chalil* deriva-se da idéia de «furar» ou «cortar». O termo grego correspondente, *aulós,* envolve a idéia de «soprar». Os eruditos hesitam entre um tipo de oboé e uma flauta. Essa palavra também pode ter um sentido geral, incluindo vários tipos de instrumentos de sopro. Ver I Reis 1:40; Isa. 30:29; Jer. 48:36. No Novo Testamento, o substantivo *aulós* aparece exclusivamente em I Cor. 14:7. Mas o verbo correspondente ocorre por três vezes: Mat. 11:17; Luc. 7:32 e I Cor. 14:7.

b. *Pífaro* (no aramaico, *mashroqitha).* Esse termo acha-se somente em Dan. 3:5,7,10, um dos instrumentos babilônicos ali mencionados. A raiz dessa palavra, *saraq,* significa «soprar» ou «silvar». Vários instrumentos poderiam estar em foco, e talvez o flautim esteja em evidência entre as possibilidades.

c. *Flauta.* No hebraico, *'ugab.* É difícil saber exatamente que instrumento musical seria esse, podendo ser um nome genérico para vários tipos de instrumentos de sopro. Ver Gên. 4:21; Jó. 21:12; 30:31; Sal. 110:4. A *Septuaginta* (vide) dá nada menos de três traduções diferentes para a palavra hebraica envolvida, mas nenhuma delas parece corresponder a um instrumento de sopro, a saber: a guitarra, o saltério e o órgão.

d. *Corneta* (no hebraico, *shophar).* No grego, *kéras,* no latim, *cornu.* Essa palavra hebraica pode indicar frascos para levar líquidos em pequenas porções, pois esses frascos eram feitos de chifres de boi. E também podia apontar para um pequeno instrumento como aquele que aparece no sexto capítulo do livro de Josué, quando trombetas foram sopradas e as muralhas de Jericó ruíram.

e. *Trombeta* (no hebraico, *chatsotserah).* Deve ser feita a distinção entre a corneta, feita de chifre-de-boi e a trombeta, que já era um instrumento de metal (ver, por exemplo, Núm. 10:2,8-10; 21:6; II Reis 11:14; 12:13; I Crô. 13:8; II Crô. 5:12; Esd. 3:10; Nee. 12:35; Sal. 98:6; Osé. 5:8). Na *Septuaginta* (vide), temos a tradução para o grego, *sálpinx.* No Novo Testamento, essa palavra grega ocorre por onze vezes: Mat. 24:31; I Cor. 14:8; 15:52; I Tes. 4:16; Heb. 12:19; Apo. 1:10; 4:1; 8:2,6,14 e 9:14. Além disso, a corneta era um instrumento militar, embora também pudesse ser usado em funções religiosas. Assim, esse instrumento até hoje é usado nas sinagogas judaicas. Já a trombeta era um instrumento sagrado, e nunca usado para fins militares.

3. Instrumentos de Percussão

a. *Címbalo* (no hebraico, *mena' an'im),* uma palavra hebraica de dúbio sentido, que a *Vulgata* traduziu como *sistra,* «guizos». A *Septuaginta* (vide) traduziu essa palavra por *kúmbala, o* que explica a tradução portuguesa. No entanto, dificilmente tratar-se-ia, realmente, do címbalo (ver II Sam. 6:5; Sal. 150:5). Aquela palavra hebraica significa «vibrar». A arqueologia tem ilustrado vários tipos de guizos. Talvez se bate de algo assim.

b. *Címbalo* (no hebraico, *metsiltayim,* «par de címbalos»; ver I Crô. 13:8; 15:16,19,28; 16:5,42; 25:1,6; II Crô. 5:12,13; 29:25; Esd. 3:10; Nee. 12:27 *ou tseltselim,* «címbalos»; ver II Sam. 6:5; Sal. 150:5). Dois tipos de címbalos têm sido achados pelos arqueólogos. Um desses tipos consiste em dois pratos achatados, feitos de metal, que eram batidos um no outro de forma ritmada; o outro tipo consiste em duas espécies de conchas, batida uma na outra. Aqueles termos hebraicos têm o sentido de «zunir». No grego, *kúmbalon,* «címbalo», palavra que ocorre somente uma vez em todo o Novo Testamento: I Cor. 13:1.

c. *Tamborim.* No hebraico, *toph* (ver Êxo. 15:20; Isa. 5:12; I Sam. 18:6). A palavra grega correspondente é *túmanon.* Esse instrumento era parecido com o pandeiro brasileiro, tangido com a mão. Era usado pare acompanhar, ritmadamente, a música e a dança, nas festividades e nos cortejos.

Bibliografia. AM GRAD ND SAC STAI UN Z

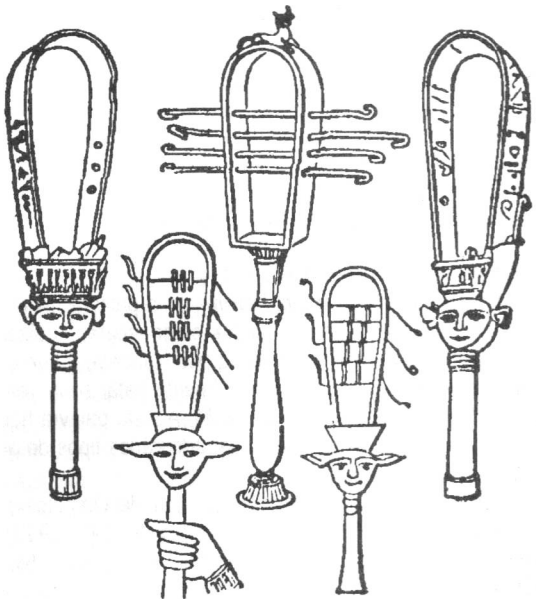
MUTILAÇÃO

Dentro do contexto religioso, essa palavra, «mutilação», era importante no antigo mundo religioso, por fazer parte do culto de certos deuses. A psicologia por de trás dessa prática era um auto-sacrifício nos termos mais enfáticos. Alguns religiosos ascetas, por alguma misteriosa razão, têm apelado para a mutilação do próprio corpo. Isso assumia muitas formas. Assim, o corpo era desfigurado, marcado com talhos na pele, deformado ou aleijado. Os motivos por detrás desses cruéis auto-sacrifícios podiam ser os costumes tribais, as marcas de identificação de pertencer a alguma divindade, castigos em face de crimes e erros graves, disciplina ascética, símbolo de submissão a algum poder superior, ou propiciação pelos pecados.

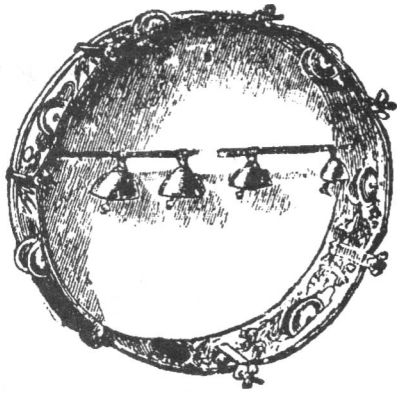
A mutilação, como prática ou como castigo, era expressamente vedada pelas leis judaicas, tendo em vista tanto razões humanitárias quanto o fato de que as mutilações eram óbvias práticas pagãs. No entanto, se alguém mutilasse a outrem, teria de receber idêntico castigo, porquanto na lei mosaica impunha-se o princípio que diz olho por olho, dente por dente, ferimento por ferimento, queimadura por queimadura, etc. (ver Êxo. 21:24,25). Em casos assim, a mutilação era aplicada como retribuição contra algum crime. A pena era executada pelo próprio ofendido, diante dos juízes. Se uma mulher, enraivecida contra um adversário de seu marido, o agarrasse pelos órgãos sexuais, de tal modo a prejudicá-lo, em retaliação teria decepada a sua mão (ver Deu. 25:12). Isso posto, de acordo com a lei dos hebreus, a mutilação era proibida como um ato privado, embora ordenada como forma de retribuição judicial.

Aceitando certas palavras metafóricas de Jesus em um sentido literal, alguns cristãos antigos chegaram a mutilar-se. Estamo-nos referindo ao que ele disse em Mat. 5:29,30: «Se o teu olho direito te

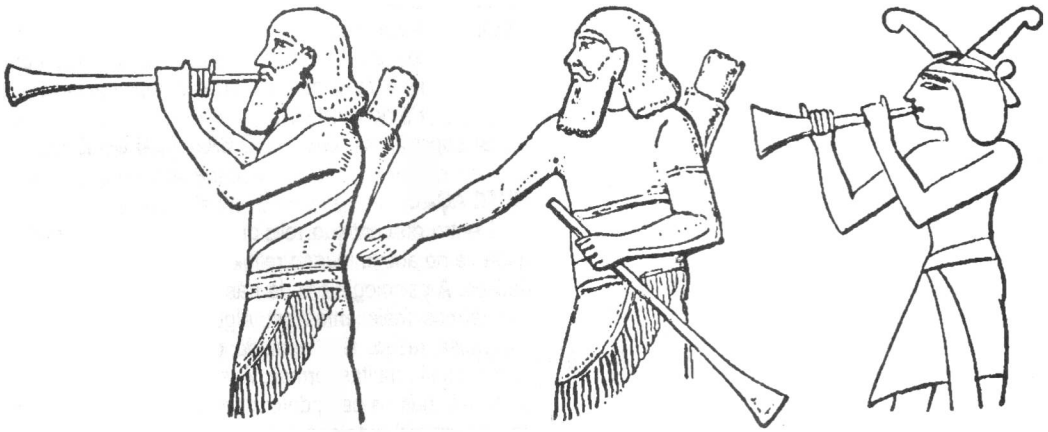
MÚSICA, INSTRUMENTOS MUSICAIS



Tipos de pratos



Tamborim



Trombetas assírias e egípcias

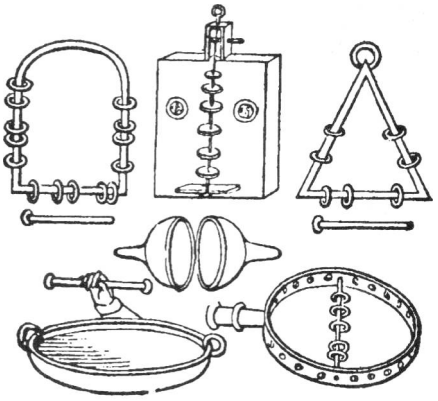


Instrumentos de corda e percussão



Harpa egípcia

MÚSICA, INSTRUMENTOS MUSICAIS



Instrumentos de percussão



Harpas assírias

MÚSICA — *Usos Metafóricos e Citações*

A mais bela música é a filosofia. (Sócrates)

... harmonia existe nas almas imortais,
Ainda que, estando vestidos grosseiramente
em vestes de barro...
(Shakespeare, *Mercador de Veneza*)
... as estrelas da alva juntas
alegremente cantavam.
(Jó. 38:7)
são semelhantes aos meninos que assentados
nas praças clamam uns aos outros e dizem:
Tocamo-vos flauta e não dançastes; cantámo-nos
lamentações e não chorastes.
(Lucas 7:32)
A música, foi bem dito, é o falar dos anjos.
(Thomas Carlyle, *Essays*: *The Opera*)
A música exalta todas as alegrias;
Alivia todas as dores;
Vence a raiva do veneno
e da praga.
(John Armstrong, *Preserving Health*)

faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno. E se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros e não vá todo o teu corpo para o inferno».

Porém, Aquele que veio para cumprir a lei, não iria ensinar algo contra a lei, exigindo mutilações do corpo físico. E isso fica ainda tanto mais caracterizado quando se vê que não está em foco qualquer ato de retribuição judicial, e, sim, de controle próprio. Essas palavras de Cristo, pois, devem ser interpretadas em sentido metafórico: o crente deve estar disposto a impor rígida disciplina pessoal, sobre os seus impulsos. Essas palavras são paralelas àquelas de Paulo: «...esmurro o meu corpo, e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado» (I Cor. 9:27).

MUTUCA

Está em pauta **um inseto** que pica. Deve estar em vista a *Oestridae* ou a *Tabanidae* (moscardo). O moscardo espanta suas vítimas com um forte zumbido, ao aproximar-se das mesmas, e então inflinge uma dolorosa ferroada. Metaforicamente, parece que Nabucodonosor aparece como uma mutuca que, vinda do norte, desceu sobre o Egito (Jer. 46:20). Isso ocorreu em 568 ou 567 A.C. Também é possível que a praga das moscas, no Egito, tenha consistido em moscardos, embora não haja como determinarmos exatamente a espécie. De fato, é bem possível que várias espécies tivessem estado envolvidas.

Sócrates considerava-se uma mutuca, uma pessoa que agrilhoava as mentes de seus ouvintes, para que dessem atenção aos seus ensinamentos. Sempre haverá lugar para esse tipo de mutuca entre os homens, fazendo-os sentirem-se em desconforto mental, quando forçados a reconhecer suas maneiras descuidadas e negligentes, sendo então induzidos a aprimorar suas maneiras ou seus conhecimentos. Todavia, as pessoas que assim procuram induzi-los nunca serão muito apreciadas. O conforto mental é por demais importante para muita gente.

MUXOXO

No hebraico, **naphach**. Esse vocábulo hebraico aparece somente por doze vezes, com o sentido de «resfolego», «sopro», etc. Mas, em Mal. 1:13 a idéia é que o povo israelita zombava de Deus e de seus mandamentos, ao oferecerem-lhe animais dilacerados como sacrifícios. Isso justifica a tradução «muxoxos», que aparece em nossa versão portuguesa.